SAUL BELLOW

HERZOG



PRÊMIO NOBEL

COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

SAUL BELLOW

Herzog

Tradução
José Geraldo Couto

Introdução
Philip Roth

Companhia Das Letras

Para Pat Covici, grande editor e, melhor ainda, amigo generoso,
este livro é dedicado com afeto.

Introdução
Relendo Saul Bellow*

Philip Roth

As aventuras de Augie March (1953)

A transformação do romancista que publicou *Dangling man* em 1944 e *A vítima* em 1947 no romancista que publicou *As aventuras de Augie March* em 1953 é uma verdadeira revolução. Bellow derruba tudo: as escolhas de composição fundadas em princípios narrativos de harmonia e ordem, um éthos ficcional baseado em *O processo* de Kafka e *O duplo* e *O eterno marido* de Dostoiévski, bem como uma perspectiva moral que não é em absoluto caracterizada pelo deleite com o brilho, a cor e a abundância da existência. Em *Augie March*, uma concepção muito grandiosa, afirmativa e independente tanto do romance quanto do mundo nele representado rompe com todas as amarras voluntárias, subverte os princípios de composição seguidos pelo escritor principiante e, tal como o personagem Cinco Propriedades de *Augie March*, o escritor é "fascinado pela superabundância". Desaparece a ameaça constante que organizava a visão do protagonista e a ação do romance em *A vítima* e *Dangling man*, enquanto a agressividade contida de Asa Leventhal em *A vítima* e a vontade obstruída de Joseph em *Dangling man* emergem sob a forma de apetite voraz. Um entusiasmo narcisista pela vida em todas as suas formas híbridas motiva Augie March, e uma paixão inesgotável por uma abundância deslumbrante de detalhes impele o próprio Saul Bellow.

A escala aumenta de forma descomunal: o mundo se infla e os seres que o povoam, monumentais, dominadores, ambiciosos, enérgicos, são pessoas que dificilmente — para usar as palavras do próprio Augie — seriam pisoteadas "na batalha da vida". A complexa paisagem de existência física e de personalidades

influentes buscando o poder faz com que a questão do personagem, em todas as suas manifestações — em particular, sua capacidade de marcar presença de forma indelével —, seja menos um aspecto do romance do que seu tema central.

Pensemos em Einhorn no bordel, em Thea e a águia, Dingbat e seu lutador, Simon grosseiro e esplêndido com os Magnus e violento no depósito de madeira. De Chicago ao México à costa do Atlântico, para Augie tudo é uma espécie de Brobdingnag,** só que observado não por um Swift cáustico e colérico, e sim por um Hieronymus Bosch a pintar com palavras, um Bosch americano, um Bosch otimista, que não faz sermões, que encontra até mesmo nas suas criaturas mais ariscas e escorregadias, nas suas trapaças, conspirações e vigarices mais colossais, o que há de humanamente fascinante. As intrigas da humanidade já não despertam paranoia no protagonista de Bellow, porém o iluminam. O fato de que a superfície ricamente representada está cheia de contradições e ambiguidade não é mais uma fonte de consternação; pelo contrário, o "caráter misto" de tudo é revigorante. A multiplicidade é divertida.

Frases quilométricas já existiam na ficção norte-americana — em particular, em Melville e Faulkner —, mas não havia nada semelhante às sentenças de *Augie March*, que a meu ver não representam apenas uma liberdade tomada pelo autor; quando um escritor é impelido apenas pelo desejo de tomar liberdades, ele pode facilmente cair na ostentação vazia de alguns dos imitadores de *Augie March*. A meu ver, as liberdades tomadas por Bellow em sua prosa são uma demonstração sintática do ego enorme e robusto de Augie, aquele ego sempre a vagar e evoluir, sempre em movimento, ora dominado pela força dos outros, ora fugindo dessa dominação. Há frases no livro cuja efervescência, cuja subcorrente de leveza nos dá a sensação de que há mil coisas acontecendo, um emaranhado de prosa teatral, exibicionista, ardente, que deixa entrar o dinamismo da vida sem excluir o cerebralismo. Essa voz que não encontra mais resistência é permeada pela mente, enquanto se mantém conectada aos mistérios do sentimento. É uma voz ao mesmo tempo desenfreada e inteligente, correndo a todo vapor e no entanto sempre arguta o

bastante para avaliar as coisas de modo sensato.

O capítulo 16 de *Augie March* fala sobre a tentativa de Thea Fenchel, a amada impetuosa de Augie, de ensinar sua águia, Calígula, a atacar e capturar os lagartos grandes que vivem nas montanhas perto de Acatla, no México central, para que essa "ameaça" que "caía velozmente do céu" se encaixe em seu esquema geral do mundo. É um capítulo de uma força prodigiosa, dezesseis páginas ousadas a respeito de um evento claramente humano cuja aura mítica (para não falar no humor) é comparável às grandes cenas de Faulkner — em *O urso*, *Cavalos malhados* e *Enquanto agonizo*, em todo o livro *As palmeiras selvagens* — nas quais a determinação humana enfrenta o mundo natural. O combate entre Calígula e Thea, em que estão em jogo o corpo e a alma da águia, as passagens maravilhosamente precisas em que a águia alça voo para satisfazer sua bela e diabólica treinadora e fracassa desgraçadamente, cristalizam uma visão da vontade de poder e domínio que ocupa uma posição central em quase todas as aventuras de Augie. "Para falar a verdade", diz Augie, perto do fim do livro, "já estou cheio de todas essas grandes personalidades, esses moldadores de destinos, esses cérebros de água pesada, maquiavéis e magos malfeitores, mandachuvas e tiranos, absolutistas."

Na memorável página de abertura do romance, logo na segunda frase, Augie cita Heráclito: o caráter de um homem é seu destino. Mas *As aventuras de Augie March* não parece apontar para justamente o contrário? Que o destino de um homem (ou ao menos deste homem, Augie, este filho de Chicago) é o que o caráter dos outros faz dele?

Bellow me disse uma vez que "em algum lugar do meu sangue de judeu e imigrante havia vestígios palpáveis de dúvida quanto ao meu direito de exercer o trabalho de escritor". Ao menos em parte, ele deu a entender, essa dúvida estava em seu sangue porque "o nosso establishment protestante, representado principalmente por professores formados em Harvard", achava que um filho de imigrantes judeus não tinha condição de escrever livros em inglês. Esses sujeitos

o deixavam furioso.

É bem possível que tenha sido o dom precioso de uma fúria justificada que o tenha levado a começar seu primeiro livro não com as palavras "Sou judeu, filho de imigrantes", e sim fazendo com que esse filho de imigrantes judeus que é Augie March quebre o gelo com os professores formados em Harvard (e com todo mundo) afirmando sem mais nem menos, sem desculpas ou atenuantes: "Sou americano, nascido em Chicago".

Ao iniciar *Augie March* com essas palavras, Bellow demonstra o mesmo entusiasmo afirmativo que os filhos de imigrantes judeus dotados de talento musical — Irving Berlin, Aaron Copland, George Gershwin, Ira Gershwin, Richard Rodgers, Lorenz Hart, Jerome Kern, Leonard Bernstein — levaram para rádios, teatros e salas de concertos dos Estados Unidos, afirmando seu direito de tomar o país como tema, inspiração e plateia, em canções como "God bless America", "This is the Army, Mr. Jones", "Oh, how I hate to get up in the morning", "Manhattan" e "Ol' man river"; em musicais como *Oklahoma!*, *West Side story*, *Porgy and Bess*, *On the town*, *Show boat*, *Annie get your gun* e *Of thee I sing*; em balés como *Appalachian spring*, *Rodeo* e *Billy the Kid*. Na década de 1910, quando os imigrantes ainda estavam chegando, na década de 1920, de 1930, de 1940, até mesmo na de 1950, nenhum desses meninos criados na América, cujos pais ou avós falavam iídiche, tinha o menor interesse em produzir kitsch judaico do tipo que surgiu nos anos 1960 com *Fiddler on the roof*. Como a imigração de suas famílias os havia libertado da ortodoxia religiosa e do autoritarismo social que constituíam uma das grandes fontes da claustrofobia do gueto, por que motivo eles haveriam de se interessar por essas coisas? Nos Estados Unidos, um país secular, democrático e nada claustrofóbico, como o próprio Augie diz: "faço as coisas do jeito que aprendi sozinho a fazer, estilo livre".

Essa afirmação de cidadania inequívoca e incontrolável numa América onde vale tudo (e o livro de mais de quinhentas páginas que se segue a ela) era precisamente o golpe ousado necessário para dissipar quaisquer dúvidas sobre o direito que teria um filho de imigrantes como Saul Bellow de escrever nos Estados Unidos. Bem no final do livro, Augie exclama, exuberante: "Olha só para mim, indo para tudo quanto é lugar! Ora, eu sou uma espécie de Colombo

dos que estão por perto". Pisando em terreno onde, segundo os que se julgavam seus superiores, ele não tinha direito de avançar com o idioma americano, Bellow foi de fato um Colombo para pessoas como eu, netos de imigrantes, que tal como ele decidiram tornar-se escritores americanos.

Agarre a vida (1956)

Três anos após *As aventuras de Augie March*, Bellow publicou *Agarre a vida*, uma novela que é a antítese ficcional de *Augie March*. Trata-se de um livro enxuto, compacto, densamente organizado e doloroso; a história se passa num hotel para idosos no Upper West Side de Manhattan, e os personagens são em sua maioria velhos, doentes e moribundos, enquanto *Augie March* é uma obra vasta, esparramada, loquaz, transbordando de tudo, inclusive entusiasmo autoral, tendo como cenário todos os lugares em que é possível captar em êxtase a plenitude da vida. *Agarre a vida* conta a história do momento culminante, ocorrido num único dia, da desestruturação de um homem que é o oposto de Augie March sob todos os aspectos relevantes. Se Augie é o garoto criado sem pai no cortiço, sempre a se aproveitar das oportunidades, Tommy Wilhelm não perde a ocasião de cometer um equívoco, com um pai velho e rico que está presente mas que não quer ter nenhum envolvimento com o filho nem com seus problemas. O pai de Tommy só é caracterizado no livro em termos de sua antipatia implacável pelo filho. Tommy, deserdado do modo mais brutal, é uma pessoa impossível de ser adotada, principalmente por não ter as quantidades generosas de autoconfiança, verve e espírito de aventura que tornam Augie encantador. Enquanto o ego de Augie é sustentado em triunfo e carregado pelas correntezas fortes da vida, o de Tommy é esmagado sob o fardo que carrega — sua sina é "arcar com um ônus que era seu próprio eu, seu eu característico". O brado do ego, amplificado pela exuberância da prosa de *Augie March*, é emitido por um Augie exultante na última página do romance: "Olhem só para mim, indo para tudo que é lugar!". *Olhem só pra mim* — o vigoroso pedido de atenção feito por uma criança, o brado da confiança exibicionista.

Já em *Agarre a vida*, o grito que ressoa ao longo do livro é *socorro!* É em vão

que Tommy exclama: socorro, socorro, não estou chegando a lugar nenhum! E não é só a seu pai, o dr. Adler, que ele dirige seu apelo, mas a todos os outros pais postiços e trapaceiros que sucedem ao dr. Adler, aos quais Tommy insensatamente confia sua esperança, seu dinheiro ou as duas coisas. Augie é adotado de todos os lados, as pessoas correm para dar-lhe apoio e vesti-lo, educá-lo e transformá-lo. Enquanto Augie tem necessidade de acumular padrinhos-admiradores animados e extravagantes, o páthos de Tommy é acumular equívocos: "Talvez cometer erros fosse o próprio objetivo de sua vida, a essência de sua presença no mundo". Aos quarenta e quatro anos de idade, Tommy procura desesperadamente por um pai, qualquer um, que o salve da destruição iminente, enquanto aos vinte e dois anos Augie já é um homem independente, capaz de escapar de qualquer armadilha.

Falando de seu próprio passado, Bellow disse uma vez: "Há em toda a minha vida um padrão recorrente: recuperar as forças a partir de uma posição de extrema fraqueza". Sua história de oscilação entre o abismo e o cume se refletirá literariamente na relação dialética entre esses dois livros publicados consecutivamente nos anos 1950? A claustrofóbica crônica do fracasso que é *Agarre a vida* teria sido empreendida como um corretivo severo ao fervor da obra irreprimível que a antecedera, como um antídoto à extroversão maníaca de *Augie March*? Ao escrever *Agarre a vida*, Bellow parece ter retrocedido (se não deliberadamente, talvez apenas de modo reflexivo) ao éthos de *A vítima*, a um melancólico mundo pré-Augie em que o protagonista é ameaçado por inimigos, torturado por incertezas, paralisado por confusões, imobilizado pelo sofrimento.

Henderson, o rei da chuva (1959)

Apenas seis anos após *Augie*, Bellow ataca mais uma vez. Mas, se em *Augie* ele subverte as convenções de seus primeiros livros "certinhos", com *Henderson, o rei da chuva* Bellow se redime de *Augie*, um livro que de certinho não tem nada. O cenário exótico, o protagonista vulcânico, a calamidade cômica que é sua vida, a busca frenética e mágica, a regeneração mítica (reichiana?) através da grande explosão líquida do que fora contido — tudo isso é novo.

Para fazer uma associação entre dois empreendimentos muitíssimo diferentes, a África de Bellow atua para Henderson como a aldeia do castelo de Kafka para K., constituindo o perfeito campo de provas desconhecido para que o protagonista forasteiro realize a mais profunda e inerradicável de suas necessidades — explodir "o sono do meu espírito", se tal for possível, através da intensidade de trabalho útil. "Eu quero" — esse *cri de coeur* intransitivo e elementar — é tão apropriado para K. quanto para Eugene Henderson. Mas a semelhança só chega até aí. Ao contrário do homem kafkiano, impedido de realizar seu desejo por uma infinidade de obstáculos, Henderson é a força humana não direcionada cuja insistência feroz milagrosamente consegue irromper. K. é uma inicial, com toda a ausência de biografia — e o páthos — que isso implica, enquanto a biografia de Henderson pesa uma tonelada. Beberrão, gigantesco, gentio, um multimilionário de meia-idade num estado de constante turbulência emocional, Henderson sente-se cerceado pelo caos de "meus pais, minhas esposas, minhas garotas, meus filhos, minha fazenda, meus bichos, meus hábitos, meu dinheiro, minhas aulas de música, meus porres, meus preconceitos, minha brutalidade, meus dentes, meu rosto, minha alma!". Com todos esses erros e deformidades, Henderson se vê como homem e como doença ao mesmo tempo. Ele abandona o lar (de modo semelhante ao que faz o autor que o imagina) e parte para um continente povoado por negros tribais que acabam se revelando a cura que ele busca. A África como remédio. Henderson, o fazedor de remédios.

O livro é de um humor brilhante, inteiramente novo, é uma segunda e enorme emancipação, um livro que quer ser sério e não sério ao mesmo tempo (e consegue), que pede uma leitura acadêmica e também ridiculariza e parodia tal leitura, um livro que é uma proeza, mas uma proeza feita com sinceridade — um livro amalucado, mas não desprovido de uma profunda autoridade de amalucado.

Herzog (1964)

O personagem de Moses Herzog, um homem dividido, um labirinto de

contradições — o selvagem e a pessoa séria com "sentido bíblico de experiência e destino pessoais" e uma inocência tão fenomenal quanto sua sofisticação, intenso porém passivo, reflexivo porém impulsivo, equilibrado porém louco, emotivo, complicado, um perito em matéria de dor, palpitando de sentimentos e no entanto de uma simplicidade desconcertante, um palhaço quando se torna um vingador indignado, um bobo em quem o ódio gera comédia, um sábio estudioso num mundo traiçoeiro, e no entanto ainda perdido no mar de amor, confiança e entusiasmo pelas coisas que é característico da infância (e ainda apegado de modo incurável a essa situação), um amante envelhecido com uma vaidade e um narcisismo imensos, mas que vê a si próprio com um amor exigente, rodopiando sem sair do lugar numa autoconsciência um tanto generosa, sentindo-se ao mesmo tempo esteticamente atraído por qualquer um que seja cheio de vida, seduzido de modo irresistível por valentões e mandões, sabichões teatrais, fascinado pela suposta certeza dessas pessoas e a autoridade crua de sua ausência de ambiguidade, alimentando-se da intensidade delas até quase o ponto de ser esmagado — este Herzog é a mais grandiosa das criações de Bellow, o Leopold Bloom da literatura americana, com uma única diferença: em *Ulisses*, a mente enciclopédica do autor se transforma na carne linguística do romance, e Joyce jamais confere a Bloom sua própria erudição imensa, seu intelecto, a amplitude de sua retórica, enquanto em *Herzog* Bellow investe seu protagonista de tudo isso, não apenas um estado mental e uma disposição mental mas também uma mente verdadeira.

Trata-se de uma mente rica e abrangente, porém torturada por problemas, prestes a explodir de ressentimentos e indignações, uma mente perplexa que, logo na primeira frase do livro, abertamente, e com razão, questiona seu próprio equilíbrio, não em linguagem hermética, mas na clássica formulação terra a terra: "Se estou louco". Essa mente, tão vigorosa, tão tenaz, muito bem equipada com o que de melhor já foi pensado e dito, uma mente que emite com elegância as generalizações mais bem informadas a respeito de boa parte do mundo e de sua história, também questiona sua faculdade mais fundamental, a própria capacidade de compreender.

O eixo em torno do qual gira o drama de adultério do livro, a cena que faz com que Herzog vá correndo até Chicago para pegar uma pistola carregada e

matar Madeleine e Gersbach, mas em vez disso dá início ao processo que culmina com seu fracasso final, ocorre num tribunal em Nova York, onde Herzog, perambulando enquanto aguarda a chegada de seu advogado, encontra uma paródia medonha de seu próprio sofrimento. Trata-se do julgamento de uma mãe infeliz e degradada que, com seu amante degenerado, assassinou seu próprio filho pequeno. Herzog fica de tal modo horrorizado com o que vê e ouve que é levado a gritar interiormente: "Não consigo entender!" — palavras bem comuns, mas para Herzog uma admissão humilhante, dolorosa, cheia de implicações, que estabelece uma ligação dramática entre a complexa tessitura de sua existência mental e a torturante grade de erros e decepções que é sua vida pessoal. Como para Herzog a compreensão é um obstáculo à força do instinto, é quando sua compreensão fracassa que ele apela para a arma (a exata arma com que seu pai uma vez desajeitadamente ameaçou matá-lo) — embora, no final das contas, Herzog, sendo quem é, não consiga atirar. Por ser Herzog (e por ser o filho colérico de um pai colérico), para ele disparar a arma "não passou de um pensamento".

Mas se Herzog não consegue entender, quem é que entende, e para que serve toda essa cerebração? Afinal, para que tantas reflexões incontidas nos livros de Bellow? Não me refiro às reflexões desinibidas de personagens como Tamkin em *Agarre a vida*, nem mesmo o rei Dahfu em *Henderson*, que aparentemente pronunciam suas pílulas de falsa sabedoria tanto para dar ao autor uma oportunidade de se divertir quanto para criar um segundo reino de confusão na cabeça dos protagonistas, que já estão bem confusos. Refiro-me ao empreendimento quase impossível que caracteriza a obra de Bellow de modo tão marcante quanto os romances de Robert Musil e Thomas Mann: a tentativa de não apenas conferir uma mente a um personagem fictício como também de fazer com que o processo mental em si ocupe uma posição central no dilema do protagonista — de pensar, em livros como *Herzog*, sobre o *problema* de pensar.

Ora, o fascínio especial de Bellow, e não apenas para mim, é o fato de que, à sua maneira tipicamente americana, ele conseguiu de modo brilhante preencher o hiato entre Thomas Mann e Damon Runyon, mas isso não minimiza a grandeza da tarefa ambiciosa que ele assumiu a partir de *Augie*

March: colocar em ação (atuando *livremente*) as faculdades intelectuais que, em escritores como Mann, Musil e ele próprio, se interessam tanto pelo espetáculo da vida quanto pelo componente imaginativo da mente; fazer com que a cerebração seja congruente com o que é representado, alçar o pensamento do autor das profundezas até a superfície da narrativa sem afundar o poder mimético do narrador, sem que o livro fique meditando sobre si próprio de modo superficial, sem fazer afirmações claramente ideológicas dirigidas ao leitor, e sem distribuir pílulas de sabedoria, como fazem Tamkin e o rei Dahfu, desprovidas de toda e qualquer problematização.

Herzog é a primeira incursão aprofundada de Bellow como escritor no imenso território do sexo. As mulheres de Herzog são da maior importância para ele, despertando-lhe a vaidade, atiçando-lhe a carnalidade, canalizando-lhe o amor, espicaçando-lhe a curiosidade e, ao registrar sua inteligência, seu charme e sua beleza, fazendo o homem deliciar-se como um menino — é na adoração delas que reside sua validação. Cada vez que elas lhe dirigem um insulto ou inventam um xingamento para ele, cada vez que viram a cabeça de modo cativante, cada vez que o tocam com a mão para confortá-lo, que contorcem a boca de raiva, as mulheres de Herzog o fascinam com aquela alteridade humana que tanto o seduz em *ambos* os sexos. Mas são as mulheres em particular — isto é, até as páginas finais, quando Herzog expulsa de seu refúgio nos montes Berkshires mesmo a bem-intencionada Ramona e os prazeres de harém que são sua especialidade, quando por fim ele se emancipa dos cuidados de uma mulher, até mesmo dessa que é a mais carinhosa de todas, e, com o fim de consertar a si próprio, assume o que é para ele o projeto heroico de viver sozinho, livrando-se das mulheres e, junto com elas, de todas as coisas, as explicações, as justificações, os pensamentos, despindo-se, ainda que apenas temporariamente, das fontes abrangentes e habituais de seu prazer e de seu sofrimento — são as mulheres em particular que fazem de Herzog um retratista, um pintor multitalentoso capaz de descrever de modo tão exuberante a amante generosa quanto Renoir; de apresentar com tanta ternura a filha adorável quanto Degas; de representar de modo tão piedoso, tão respeitoso da velhice e

com tanto conhecimento da dor, sua velha madrasta — ou sua querida mãe, a imigrante miserável que trabalhava como uma escrava — quanto Rembrandt; por fim, tão demoníaco quanto Daumier ao esboçar o retrato da esposa adúltera que encontra em Valentine Gersbach, o melhor amigo de Herzog, amoroso e traiçoeiro, seu par em matéria de crueza teatral.

Em toda a literatura, não conheço um homem com maior suscetibilidade emocional, um homem que dê mais ênfase e intensidade a seu envolvimento com mulheres, do que esse Herzog, que coleciona mulheres tanto como conquistador apaixonado quanto como marido — um marido fragorosamente traído que, na grandeza de sua fúria ciumenta e na ingenuidade de sua cega paixão matrimonial, é uma espécie de combinação de general Otelo com Charles Bovary em ritmo de história em quadrinhos. Para quem estiver interessado em reescrever *Madame Bovary* do ponto de vista de Charles, ou *Ana Kariênina* do ponto de vista de Kariênin, *Herzog* é o manual perfeito. (Se bem que não é fácil imaginar Kariênin, tal como faz Herzog com Gersbach, entregando a Vronski o diafragma de Ana.)

Herzog merece ser considerado um romance mais rico até do que *Augie March* porque pela primeira vez Bellow enfrenta a temática sexual em sua plenitude, o que permite a entrada em seu mundo ficcional de um tipo de sofrimento que estava praticamente excluído de *Augie* e *Henderson*. Constatamos então que o sofrimento arranca do protagonista de Bellow ainda mais coisas do que a euforia. Ele se torna muito mais verossímil e importante quando a ferida da masculinidade, a supurar de modo insuportável, destrói o apetite eufórico pelo "delicioso bolo da vida", e a vulnerabilidade à humilhação, à traição, à melancolia, à exaustão, à perda, à paranoia, à obsessão e ao desespero revela-se tão devastadora que nem o otimismo implacável de um Augie nem o gigantismo mítico de um Henderson podem continuar a disfarçar a verdade a respeito do sofrimento. Quando o autor insere na intensidade de Henderson — e no gosto de Augie March por tipos grandiosos e encontros dramáticos — a impotência de Tommy Wilhelm, toda a sinfonia de Bellow entra em funcionamento, com sua orquestração cômica e abundante do sofrimento.

Em *Herzog*, não há nenhuma ação cronológica prolongada — aliás, praticamente não há ação alguma — que ocorra fora do cérebro de Herzog. Não que, como contador de histórias, Bellow imite Faulkner em *O som e a fúria*, ou Virginia Woolf em *As ondas*. O monólogo interior longo, mutante e fragmentado de *Herzog* parece ter mais em comum com o "Diário de um louco" de Gógol, em que a percepção desarticulada é ditada pelo estado mental do protagonista central e não pela impaciência do autor com os métodos tradicionais de narração. Porém o que faz com que o louco de Gógol seja louco e Herzog não o seja é o fato de que o louco de Gógol, por não ouvir sua própria voz, é incapaz de fortificar-se com o fluxo espontâneo de ironia e paródia que reverbera em cada pensamento de Herzog — mesmo quando Herzog está de todo perplexo — e que é impossível de distinguir da visão que ele tem de si próprio e de sua catástrofe, por mais dolorosa que seja.

No conto de Gógol, o louco obtém um maço de cartas escritas pelo cão de estimação da jovem pela qual ele está perdidamente (e loucamente) apaixonado. Febril, ele começa a ler todas as palavras escritas por aquele cão brilhante, tentando encontrar alguma referência a ele. Em *Herzog*, Bellow radicaliza a ideia de Gógol: o cão brilhante que escreve as cartas é o próprio Herzog. Cartas à sua mãe morta, à sua amante, à sua primeira mulher, ao presidente Eisenhower, ao chefe da polícia de Chicago, a Adlai Stevenson, a Nietzsche ("Meu caro senhor, posso lhe fazer uma pergunta pedestre?"), a Teilhard de Chardin ("Caro padre [...] a molécula de carbono está relacionada ao pensamento?"), a Heidegger ("Caro doktor professor [...] gostaria de saber o que senhor quer dizer com a expressão 'a queda no cotidiano'. Quando ocorreu essa queda? Onde estávamos quando ela aconteceu?"), ao departamento de crédito da Marshall Field & Co. ("Não sou mais responsável pelos débitos de Madeleine P. Herzog"), até mesmo, no fim, uma carta a Deus ("Como minha mente tem batalhado em busca de um sentido coerente. Não tenho sido muito bom nisso. Mas tenho desejado cumprir sua vontade insondável, tomando-a, e a você, sem símbolos. Tudo da mais intensa significação. Especialmente se despojado de mim").

Neste livro tão delicioso, não há delícia maior do que essas cartas nem há

uma chave melhor para abrir a inteligência notável de Herzog e penetrar nas profundezas de seu tormento causado pela destruição de sua vida. As cartas são uma demonstração de sua intensidade; elas fornecem o palco para seu teatro intelectual, o espetáculo com um único artista em que ele corre menos risco de fazer o papel do bobo.

O planeta do sr. Sammler (1970)

"Nossa espécie enlouqueceu?" Uma pergunta swiftiana. E há também um toque swiftiano na resposta lacônica dada por Sammler: "Provas não faltam".

Ao ler *O planeta do sr. Sammler*, penso nas *Viagens de Gulliver*: por efeito do distanciamento total entre o protagonista e a Nova York dos anos 1960; da advertência que Sammler, com sua história pessoal, representa para o status humano daqueles cuja "loucura sexual" ele é obrigado a testemunhar; de sua obsessão gulliveriana pelo aspecto físico do ser humano, pela biologia humana, a repulsa quase mítica nele despertada pelo corpo, sua aparência, suas funções, suas necessidades, seus prazeres, suas secreções e seus cheiros. Por fim, a consciência da fragilidade radical do ser físico. Um refugiado frágil do horror do Holocausto, tendo escapado por milagre da chacina nazista — conseguiu levantar-se, com apenas um olho, de uma pilha de cadáveres de judeus abandonados por um esquadrão de extermínio alemão —, o sr. Sammler sofre o golpe mais desorientador à confiança cívica: o desaparecimento, numa cidade grande, da segurança, e ao mesmo tempo o surgimento, entre os temerosos e vulneráveis, de uma paranoia alienadora.

Pois é o medo, bem como a repulsa, que corrompe a fé de Sammler na espécie humana e ameaça sua tolerância até mesmo pelos que lhe são mais próximos: medo da "alma [...] nesta veemência [...] o extremismo e fanatismo da natureza humana". Tendo deixado para trás os agitados e aventureiros Augie e Henderson, encarnações de Robinson Crusoé, para delinear, como farsa trágica, a traição matrimonial de Herzog, o gênio que não consegue entender o que acontece, Bellow volta sua imaginação contemplativa para uma das maiores traições de todas, pelo menos do ponto de vista do refugiado-vítima Sammler,

que rejeita os anos 1960 com uma repulsa swiftiana: a traição do ideal civilizado cometida pela espécie humana enlouquecida.

No auge do sofrimento, Herzog reconhece: "Não consigo entender!". Mas, apesar da reserva britânica do velho Sammler e de seu distanciamento refinado, no clímax de sua aventura — em que a licenciosidade, a desordem e a anarquia penetram a rede de sua família excêntrica e também as ruas, metrôs, ônibus, lojas e universidades de Nova York —, o que ele é obrigado a reconhecer (e a frase é, para mim, o lema desse livro) é algo muito mais devastador: "Estou horrorizado!".

O triunfo de *O planeta do sr. Sammler* é a invenção do personagem Sammler, munido das credenciais que lhe advêm de sua formação europeia — ele que sofreu na carne a história do século e perdeu um olho com a barbárie nazista — e lhe conferem o título de "arquivista da loucura". A justaposição do calvário pessoal do protagonista com as especificidades das forças sociais que ele enfrenta, o tom exato, ressonante e irônico dessa justaposição, é responsável pelo impacto do livro, como se dá em toda obra de ficção memorável. Sammler, nitidamente diferenciado de seu meio por sua condição de dignidade indefesa, é a meu ver um instrumento perfeito para receber tudo que há de grotesco ou ameaçador na sociedade, a vítima histórica fartamente capacitada pela experiência para apresentar uma visão ácida e endurecida, no século XX, da "humanidade numa situação revolucionária".

Eu me pergunto o que terá vindo em primeiro lugar no desenvolvimento do livro, a loucura ou o arquivista, Sammler ou os anos 1960.

O legado de Humboldt (1975)

O legado de Humboldt é de longe o mais enlouquecido dos romances cômicos, eufóricos, que atiram para todos os lados, os livros que brotam quando a oscilação bipolar de Bellow está no extremo maníaco, a música alegre da egosfera formada por *Augie March*, *Henderson* e *Humboldt*, e que Bellow produz mais ou menos periodicamente, intercalada com mergulhos na escuridão como *A vítima*, *Agarre a vida*, *O planeta do sr. Sammler* e *Dezembro*

fatal, em que a dor desconcertante causada pelos ferimentos dos protagonistas é levada a sério por eles e pelo autor. (*Herzog* me parece a realização suprema entre os romances de Bellow por conseguir integrar, de modo mágico, essa divergência característica. Se um cozinheiro literário quisesse transformar *O legado de Humboldt* em *Herzog*, uma receita simples poderia ser formulada como se segue: primeiro, recortar e pôr de lado Humboldt; em seguida, extrair de Humboldt seu sofrimento atroz e prendê-lo ao brilho reflexivo de Citrine; por fim, acrescentar Gersbach — e o livro está pronto. É a traição de Gersbach que desperta em Herzog a paranoia assassina que é provocada em Humboldt por, entre outros, Citrine!)

Humboldt é a mais enlouquecida, a mais escancarada das comédias, mais alucinada e carnavalesca do que as outras, o único livro de Bellow que é abertamente libidinoso e, como deveria ser, a mais ousada fusão de tons contraditórios, e por uma razão paradoxalmente convincente: o terror de Citrine. Terror de quê? Da mortalidade, de ter de enfrentar (por maior que seja seu sucesso e sua grande iminência) a sina de Humboldt. Por trás do envolvimento exuberante da narrativa com as atividades competitivas do mundo de Charlie Citrine, um mundo de disputas, empanturramentos, roubos, ódio e destruição, por trás de tudo isso, inclusive do caráter centrífugo da narrativa — e isso fica particularmente visível na veemência com que Citrine metaboliza o desafio da antroposofia de Rudolf Steiner, que desafia a morte —, está seu pavor de morrer. O que desorienta Citrine é também o que explode em mil pedaços o decoro narrativo: o pânico diante do nada, nada mais que o velho e tradicional horror da morte vivenciado pelo homem comum.

"Que tristeza", observa Citrine, "toda essa bobagem humana que nos afasta da grande verdade." Mas a bobagem humana é o que ele ama, e adora relatar, e o que mais prazer lhe dá na vida. E mais: "Quando [...] eu me elevaria [...] acima de todo [...] o desperdício e o aleatório que há no humano [...] para penetrar em mundos mais elevados?". Mundos mais elevados? Onde estaria Citrine — onde estaria *Bellow* — sem o aleatório humano a desencadear o superdrama do mundo *inferior*, o superdrama primordial que é o desejo

mundano de fama (tal como se manifesta em Von Humboldt Fleisher, o indivíduo azarado e desequilibrado que é a contraparte de Citrine, sortudo e equilibrado — Humboldt, que quer ao mesmo tempo ser espiritual e se dar bem, e cujo fracasso catastrófico é o avesso do sucesso de Citrine), de dinheiro (Humboldt, Thaxter, Denise, e também a mãe de Renata, a Señora, e mais o irmão de Citrine, Julius, e mais praticamente todo mundo), de vingança (Denise, Cantabile), de reconhecimento (Humboldt, Cantabile, Thaxter, Citrine), pelo sexo mais apimentado (Citrine, Renata etc.), para não falar no mais mundano dos desejos mundanos, o desejo infernal de Citrine de gozar de vida eterna?

Por que motivo Citrine anseia de modo tão febril por jamais partir deste mundo, se não for para continuar imerso nessa violência hilariante, na turbulência de cobiça ridícula que ele chama, com desprezo, de "inferno dos imbecis"? Diz ele: "Há pessoas tão reais que elas derrotam meus poderes críticos". E também derrotam qualquer desejo de trocar até mesmo sua malevolência pela serenidade do eterno. Em que outro lugar senão no inferno dos imbecis sua "subjetividade complicada" teria tanta coisa para assimilar? Em que lugar-nenhum não catalogado, onde ele ficaria, nostálgico, trocando casos dos tempos do inferno dos imbecis com a sombra de Rudolf Steiner?

E não é precisamente algo semelhante a esse inferno dos imbecis que Charlie Citrine documenta, entusiasmado, no momento exato em que ele ferve pelas ruas, tribunais, quartos, restaurantes, saunas e escritórios de Chicago que tanta repulsa causam a Artur Sammler na sua diabólica reencarnação nova-iorquina nos anos 1960? *O legado de Humboldt* dá a impressão de ser o tônico revigorante que Bellow preparou para recuperar-se do lamento doloroso e do sofrimento moral de *O planeta do sr. Sammler*. É uma versão solar do Eclesiastes formulada por Bellow: tudo é vaidade, que bom!

Por que é que ele está em Chicago?

Humboldt diz sobre Citrine (na p. 2 da edição que possuo): "Depois de ganhar essa grana toda, por que é que ele se enfia no subúrbio? Por que é que

ele está em Chicago?".

Citrine diz sobre si próprio (p. 63): "Minha cabeça estava num dos seus estados chicagoanos. Como descrever esse fenômeno?".

Citrine diz a respeito de viver em Chicago (p. 95): "Senti que a necessidade de rir crescia, se avultava, sinal infalível de que minha fraqueza pelo sensacional, meu desejo americano, chicagoano (bem como pessoal), de estímulos acentuados, de incongruências e extremos, fora despertado".

E ainda (p. 95, mais adiante): "Uma informação como essa a respeito de corrupção, para quem foi criado em Chicago, era fácil de aceitar. Até mesmo preenchia certa necessidade. Ela estava em harmonia com a visão chicagoana da sociedade".

Por outro lado, eis como Citrine se sente fora do lugar em Chicago (p. 225): "Em Chicago, meus objetivos pessoais eram uma bobagem, minha visão era uma ideologia estrangeira". E mais (p. 251): "Agora estava claro para mim que eu nem fazia parte de Chicago nem estava suficientemente distanciado da cidade, e que os interesses e fenômenos materiais e cotidianos de Chicago não eram para mim nem suficientemente reais e nítidos nem simbolicamente claros".

Levando-se em conta esses comentários — e há muitos outros semelhantes espalhados por *O legado de Humboldt* —, voltemos aos anos quarenta e observemos que Bellow começou sua carreira de escritor *sem* que Chicago moldasse sua visão de si próprio tal como se dá com Charlie Citrine. É bem verdade que algumas ruas de Chicago de vez em quando aparecem como pano de fundo em *Dangling man*, mas, além de ter o efeito de tornar ainda mais escura a atmosfera dominante de depressão, Chicago parece ser um lugar quase estrangeiro para o protagonista; certamente ele não se identifica com ela. *Dangling man* não é um livro sobre um homem numa cidade; é um livro sobre um cérebro num quarto. É só no terceiro romance, *Augie March*, que Bellow pôde apreender Chicago por completo como sua propriedade literária valiosa, um lugar americano tangível e envolvente de que ele podia apropriar-se com a mesma confiança com que Verga monopolizou a Sicília, Dickens se apoderou de Londres e Mark Twain apropriou-se do rio Mississippi. Foi com uma insegurança ou desconfiança semelhante que Faulkner (o outro grande

romancista regionalista americano do século XX) se tornou proprietário imaginário do condado de Lafayette, Mississippi. Faulkner situou seu primeiro livro, *Soldier's pay* (1926), na Geórgia, e o segundo, *Mosquitoes* (1927), em Nova Orleans, e foi só com a explosão magistral de *Sartoris*, *O som e a fúria* e *Enquanto agonizo*, no período 1929-30, que ele encontrou — tal como fez Bellow após dar seus primeiros passos improvisados na geografia americana — o local em que gerar aqueles conflitos humanos que, por sua vez, despertariam sua intensidade e provocariam aquela reação passional a um lugar e a sua história que por vezes impele as frases de Faulkner até os limites da inteligibilidade, por vezes chegando a ultrapassá-la.

Eu me pergunto se no início Bellow não terá hesitado em apropriar-se de Chicago por não querer se tornar conhecido como um escritor de Chicago, tal como talvez não quisesse ser conhecido como um escritor judeu. Está bem, você é de Chicago e é claro que é judeu — mas de que modo essas coisas vão aparecer na sua obra, ou até mesmo se devem ou não aparecer, não é fácil decidir logo no início. Além disso, você tem outras ambições, inspiradas pelos seus mestres europeus, por Dostoiévski, Gógol, Proust, Kafka, e entre essas ambições não está incluída a ideia de escrever sobre os vizinhos a jogar conversa fora na varanda dos fundos... Será que essa linha de raciocínio é de algum modo semelhante ao que passou pela cabeça de Bellow antes de ele decidir se apossar do local em que vivia?

É bem verdade que, tendo publicado *Augie*, foi só após um intervalo de dez anos, em *Herzog*, que Bellow mergulhou em Chicago outra vez. De lá para cá, uma característica "visão chicagoana" vem sendo recorrente em sua obra, principalmente quando a cidade lhe proporciona, tal como ocorre em *Humboldt*, uma oportunidade de criar um contraste de proporções comicamente esclarecedoras entre "a vida aberta que é elementar, fácil para qualquer um entender, e característica deste lugar, Chicago, Illinois", e a tendência reflexiva do herói ensimesmado. Essa luta, vigorosamente explorada, está no âmago de *Humboldt* e também no do romance seguinte, *Dezembro fatal* (1982). Aqui, porém, a exploração não é cômica, e sim rancorosa. A atmosfera é

mais pesada, a depravação é mais profunda e, sob a pressão de antagonismos raciais violentos, Chicago, Illinois, se torna um lugar demoníaco: "Em seu próprio território [...] ele encontrava uma selva mais selvagem do que a floresta da Guiana [...] desolação [...] quilômetros e quilômetros quadrados de ruínas [...] ferimentos, lesões, cânceres, fúria destruidora, morte [...] a selvageria e o medo terríveis desse lugar imenso".

O sentido do livro é justamente que esse lugar imenso não pertence mais a Bellow. Nem a Augie, nem a Herzog, nem a Citrine. Quando Bellow se põe a escrever *Dezembro fatal*, cerca de trinta anos após *Augie March*, seu protagonista, o vice-reitor Corde, tornou-se o Sammler de sua cidade.

Por que é que ele está em Chicago? Esse chicagoano sofrido não sabe mais por quê. Bellow está no exílio.

* Tradução de Paulo Henriques Britto publicada originalmente em *Entre nós: Um escritor e seus colegas falam de trabalho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pp. 150-72.

** O país dos gigantes, nas Viagens de Gulliver de Jonathan Swift. (N. T.)

HERZOG

Se estou louco, tudo bem para mim, pensou Moses Herzog.

Algumas pessoas achavam que ele não estava regulando bem e por um tempo ele mesmo tinha questionado sua sanidade. Mas agora, embora continuasse se comportando estranhamente, sentia-se confiante, animado, clarividente, forte. Em estado de graça, estava escrevendo cartas para todo mundo sob o sol. Estava tão agitado por essas cartas que, desde o final de junho, ia de um lugar para o outro com uma valise cheia de papéis. Tinha carregado essa valise de Nova York a Martha's Vineyard, mas voltara de Vineyard imediatamente; dois dias depois voou para Chicago, e de Chicago foi para um vilarejo no oeste de Massachusetts. Escondido no campo, escreveu incessantemente, fanaticamente, aos jornais, a pessoas na vida pública, a amigos e parentes e, por último, para os mortos, para seus próprios mortos obscuros e finalmente para os mortos famosos.

Era o auge do verão nos Berkshires. Herzog estava sozinho no velho casarão. Normalmente cheio de caprichos em matéria de comida, agora ele comia pão de fôrma Silvercup, feijão enlatado e queijo americano. De quando em quando colhia framboesas no jardim coberto de mato, erguendo os ramos espinhentos sem muito cuidado. Quanto ao sono, dormia num colchão sem lençóis — era sua cama de casal abandonada — ou na rede, coberto por seu casaco. Capim barba-de-bode bem alto e mudas de alfarrobeira e de bordo se espalhavam pelo terreno em volta. Quando abria os olhos à noite, as estrelas estavam próximas como corpos espirituais. Fogos, evidentemente; gases — minerais, calor, átomos, mas eloquentes às cinco da manhã para um homem numa rede, enrolado em seu casaco.

Quando algum novo pensamento se apossava do seu coração, ele ia para a cozinha, seu quartel-general, para passá-lo para o papel. A tinta branca das

paredes de tijolo estava descascando e Herzog às vezes limpava cocô de camundongo de cima da mesa com a manga da camisa, perguntando-se calmamente por que motivo os camundongos tinham tamanha paixão por cera e parafina. Eles faziam buracos nas compotas lacradas com parafina; roíam até o pavio as velas de aniversário. Um rato cavou um túnel num pacote de pão de fôrma, deixando um molde do seu corpo nas fatias. Herzog comeu a metade que sobrou, lambuzada de geleia. Era capaz de compartilhar com os ratos também.

Enquanto isso, um canto da sua mente permanecia aberto ao mundo exterior. Ouvia os corvos pela manhã. Seus gritos estridentes eram deliciosos. Ouvia os tordos ao anoitecer. À noite havia uma coruja. Ao caminhar pelo jardim, excitado por uma carta mental, via rosas se enroscando na calha de chuva; ou amoras — os pássaros se fartando na amoreira. Os dias eram quentes, as noites afogueadas e poeirentas. Ele olhava para tudo com vista apurada, mas se sentia meio cego.

Seu amigo, seu ex-amigo, Valentine, e sua mulher, a ex-mulher de Herzog, Madeleine, tinham espalhado o boato de que sua sanidade tinha ruído. Seria verdade?

Ele estava dando uma volta em torno da casa deserta e viu o vulto de seu rosto numa janela cinza, cheia de teias de aranha. Ele parecia estranhamente tranquilo. Uma linha radiante partia do meio da sua testa, passava sobre o nariz reto até os lábios cheios e mudos.

No final da primavera Herzog tinha sido subjugado pela necessidade de explicar, de pôr para fora, de justificar, de colocar em perspectiva, de esclarecer, de retificar.

Naquela época ele vinha dando aulas para adultos numa escola noturna de Nova York. Estava razoavelmente lúcido em abril, mas no final de maio começou a variar. Ficou evidente para seus alunos que eles nunca aprenderiam muito sobre as raízes do romantismo, mas veriam e ouviriam coisas esquisitas. Uma depois da outra, as formalidades acadêmicas foram desaparecendo. O professor Herzog tinha a franqueza inconsciente de um homem profundamente

absorto. E perto do final do período letivo havia longas pausas em suas aulas. Ele parava, murmurando "Me desculpem", vasculhando os bolsos do casaco à procura de uma caneta. Sobre a mesa rangente, ele escrevia em pedaços de papel com uma grande tensão da mão ansiosa; estava tomado, os olhos circundados por olheiras escuras. Seu rosto pálido mostrava tudo — tudo. Estava argumentando, debatendo, estava sofrendo, tinha pensado numa alternativa brilhante — ora estava tolerante, ora mesquinho; seus olhos, sua boca deixavam tudo claro sem palavras — o desejo, o fanatismo, a amarga fúria. Dava para ver tudo isso. A classe esperava três minutos, cinco minutos, em completo silêncio.

A princípio não havia padrão algum nas anotações que ele fazia. Eram fragmentos — sílabas sem sentido, exclamações, provérbios e citações distorcidos ou, no iídiche de sua mãe morta há muito tempo, *Trepverter* — réplicas que vinham tarde demais, quando você já estava descendo a escada.

Escreveu, por exemplo, *Morte — morrer — viver de novo — morrer de novo — viver*.

Pessoa nenhuma, nenhuma morte.

E: *Com a alma de joelhos? Talvez também seja útil. Para esfregar o chão*.

Em seguida: *Responde a um doido de acordo com a doidice dele, para que ele não se julgue um sábio*.

Não respondas a um doido de acordo com a doidice dele, para que não te iguales a ele.

Escolhe uma.

Anotou também: *Vejo por Walter Winchell que J. S. Bach calçou luvas negras para compor um réquiem.*

Herzog mal sabia o que pensar desses rabiscos. Capitulava à excitação que os inspirava e de vez em quando suspeitava que talvez fossem um sintoma de desintegração mental. Isso não o assustava. Deitado no sofá da quitinete que ele alugara na rua 17, ele às vezes imaginava que era uma indústria que produzia história pessoal e via a si próprio do nascimento à morte. Admitiu, num pedaço de papel,

Não posso justificar.

Considerando sua vida como um todo, ele se dava conta de que tinha lidado

mal com tudo, tudo. Sua vida estava, como se diz, arruinada. Mas já que, para começo de conversa, ela nunca tinha sido grande coisa, não havia muito a prantear. No sofá malcheiroso, pensando nos séculos, no XIX, no XVI, no XVIII, ele sacou, do último, um ditado do qual gostou:

O pranto, Senhor, é uma espécie de preguiça.

Continuou fazendo seu balanço, deitado de bruços no sofá. Era um homem inteligente ou um idiota? Bem, naquele momento não podia se dizer inteligente. Ele talvez tivesse tido no passado o potencial de um indivíduo engenhoso, mas em vez disso optara por ser sonhador, e os espertinhos o depenaram. O que mais? Estava perdendo o cabelo. Lia os anúncios dos Thomas Scalp Specialists, com o exagerado ceticismo de um homem cuja ânsia de acreditar era profunda, desesperada. Especialistas em couro cabeludo! No entanto... era um homem que tinha sido bonito. Seu rosto revelava o quanto tinha apanhado na vida. Mas ele tinha pedido para apanhar também, e dera força a seus agressores. Isso o levava a avaliar seu próprio temperamento. Que tipo de temperamento era esse? Bem, no vocabulário moderno, era narcísico; era masoquista; era anacronístico. Seu quadro clínico era depressivo — não do tipo mais grave; não um maníaco-depressivo. Havia estropiados piores à sua volta. Se você acreditasse, como todo mundo aparentemente acredita hoje em dia, que o homem era o animal doente, então estaria ele espetacularmente doente, excepcionalmente cego, extraordinariamente degradado? Não. Era inteligente? Seu intelecto teria sido mais efetivo se ele tivesse contado com um temperamento paranoico agressivo, ávido pelo poder. Era ciumento, mas não excepcionalmente competitivo, não um verdadeiro paranoico. E o que dizer de sua instrução? — Era obrigado a admitir, agora, que não chegava a ser um professor competente, tampouco. Oh, ele se aplicava, tinha uma sinceridade ampla e imatura, mas talvez nunca viesse a conseguir ser sistemático. Tinha tido um começo brilhante com sua tese de ph.D. — *O estado de natureza na filosofia política inglesa e francesa dos séculos XVII e XVIII*. Tinha em seu currículo também vários artigos e um livro, *Romantismo e cristianismo*. Mas os demais projetos ambiciosos tinham definhado, um depois do outro. No embalo de seus primeiros sucessos, ele nunca tivera dificuldade de encontrar trabalho e obter financiamentos para pesquisa. A Narragansett Corporation tinha lhe

pagado quinze mil dólares ao longo de vários anos para que continuasse seus estudos sobre o romantismo. Os resultados jaziam no armário, numa velha pasta — oitocentas páginas de argumentação caótica que nunca tinham encontrado seu foco. Era doloroso pensar nisso.

No chão, bem do seu lado, havia pedaços de papel, e ele ocasionalmente se curvava para escrever.

Agora ele registrava: *Não aquela longa doença, minha vida, mas aquela longa convalescença, minha vida. A revisão liberal-burguesa, a ilusão do progresso, o veneno da esperança.*

Pensou por um momento em Mitrídates, cujo organismo aprendera a se fortalecer com o veneno. Ele tapeou seus assassinos, que cometeram o erro de usar doses pequenas, e ficou como que em conserva, em vez de ser destruído.

Tutto fa brodo.[a]

Retomando seu autoexame, admitiu que tinha sido um mau marido — duas vezes. Daisy, sua primeira esposa, ele tinha tratado sordidamente. Madeleine, a segunda, tinha tentado arruiná-lo. Para seu filho e sua filha ele era um pai amoroso, mas ruim. Para seus próprios pais, tinha sido um filho ingrato. Para seu país, um cidadão indiferente. Para seus irmãos e sua irmã, afetuoso, mas remoto. Com seus amigos, um egotista. Com o amor, indolente. Com tudo o que era brilhante, embotado. Com o poder, passivo. Com sua própria alma, evasivo.

Satisfeito com sua própria severidade, regozijando-se de verdade com a dureza e o rigor de seu julgamento, ficou deitado em seu sofá, os braços erguidos atrás da cabeça, as pernas estendidas ao léu.

Mas como ainda somos encantadores, apesar de tudo.

Papai, pobre homem, era capaz de enfeitiçar os pássaros nas árvores, os crocodilos no lodo. Madeleine também tinha grande encanto, e beleza pessoal também, e uma mente brilhante. Valentine Gersbach, seu amante, era um homem encantador também, embora num estilo mais pesado, brutal. Tinha um queixo grosso, flamejantes cabelos cor de cobre que literalmente jorravam da cabeça (nada de Thomas Scalp Specialists para ele), e tinha uma perna de pau, caminhava se curvando e se endireitando graciosamente, como um gondoleiro. Não era pequeno o encanto do próprio Herzog. Mas seus poderes sexuais

tinham sido avariados por Madeleine. E, sem a faculdade de atrair mulheres, como ele haveria de se recuperar? Era nesse aspecto que mais se sentia como um convalescente.

A sordidez dessas batalhas sexuais.

Com Madeleine, vários anos atrás, Herzog tinha começado uma vida nova. Ele a tinha tirado da Igreja — quando se conheceram, ela acabara de se converter. Com vinte mil dólares herdados de seu pai encantador, para agradar a sua nova esposa, ele deixou uma posição acadêmica perfeitamente respeitável e comprou um velho casarão em Ludeyville, Massachusetts. Nos pacíficos Berkshires onde ele tinha amigos (os Valentine Gersbach) deveria ser fácil escrever seu segundo volume sobre as ideias sociais dos românticos.

Herzog não abandonou a vida acadêmica por estar se saindo mal. Pelo contrário: sua reputação era boa. Sua tese era influente e tinha sido traduzida para o francês e o alemão. Seu livro de juventude, não muito notado quando foi publicado, estava agora em muitas listas de leitura, e a geração mais jovem de historiadores o aceitava como um modelo de uma nova espécie de história, "história que interessa a *nós*" — pessoal, *engagée* — e observa o passado com uma intensa necessidade de relevância contemporânea. Enquanto foi casado com Daisy, Moses levou a vida perfeitamente prosaica de um professor assistente, respeitada e estável. Sua primeira obra mostrava, mediante pesquisa objetiva, o que o cristianismo representou para o romantismo. Na segunda ele se tornava mais duro, mais assertivo, mais ambicioso. Havia uma grande dose de aspereza, a bem da verdade, em sua personalidade. Tinha uma vontade forte e talento para a polêmica, um gosto pela filosofia da história. Ao casar com Madeleine e renunciar à universidade (porque ela achava que ele devia), instalando-se em Ludeyville, ele mostrou gosto e talento também pelo perigo e pelo extremismo, pela heterodoxia, por provações, uma atração fatal pela "Cidade da Destruição". O que ele planejava era uma história que realmente levasse em conta as revoluções e convulsões de massa do século XX, aceitando, com Tocqueville, o desenvolvimento universal e durável da igualdade de condições, o progresso da democracia.

Mas não podia iludir a si próprio quanto a esse trabalho. Estava começando a desconfiar seriamente dele. Suas ambições receberam um freio brusco. Hegel

estava lhe criando um bocado de problemas. Dez anos antes, ele tivera a certeza de que compreendia as ideias do filósofo sobre consenso e civilidade, mas alguma coisa tinha saído errado. Estava angustiado, impaciente, irritado. Ao mesmo tempo, ele e sua mulher estavam se comportando de modo muito peculiar. Ela estava insatisfeita. No início, ela não queria que ele fosse um mero professor, mas mudou de ideia depois de um ano no campo. Madeleine se considerava jovem demais, inteligente demais, vital demais, sociável demais para se enterrar nos remotos Berkshires. Decidiu concluir seus estudos de graduação em línguas eslavas. Herzog escreveu a Chicago atrás de empregos. Tinha que encontrar uma colocação para Valentine Gersbach também. Valentine era um locutor de rádio, um disk-jockey em Pittsfield. Não dava para deixar pessoas como Valentine e Phoebe sozinhas naquela roça deprimente, dizia Madeleine. Chicago foi escolhida porque Herzog tinha crescido lá e tinha boas relações. Então ele deu cursos no Downtown College e Gersbach se tornou diretor educacional de uma emissora FM no Loop. A casa perto de Ludeyville foi fechada, uma casa no valor de vinte mil dólares, com livros e porcelana fina inglesa e utensílios novos abandonados às aranhas, às toupeiras e aos camundongos do campo — dinheiro que papai suou para ganhar!

Os Herzog se mudaram para o Meio-Oeste. Mas, depois de mais ou menos um ano daquela nova vida em Chicago, Madeleine decidiu que ela e Moses não podiam dar certo afinal de contas — queria o divórcio. Ele teve que concedê-lo, que mais poderia fazer? E o divórcio foi doloroso. Ele estava apaixonado por Madeleine; não suportava deixar sua filhinha. Mas Madeleine se recusava a continuar casada com ele, e os desejos das pessoas têm que ser respeitados. A escravidão está morta.

A tensão do segundo divórcio foi demais para Herzog. Ele sentia que estava desmoronando — caindo aos pedaços — e o dr. Edvig, o psiquiatra de Chicago que tratava ambos os Herzog, concordou que talvez o melhor para Moses fosse deixar a cidade. Ele chegou a um acordo com o reitor do Downtown College de que poderia voltar quando estivesse se sentindo melhor, e com dinheiro emprestado por seu irmão Shura partiu para a Europa. Não é todo mundo que, ameaçado de ter um colapso, consegue ir buscar alívio na Europa. A maioria das pessoas tem que continuar trabalhando; batem ponto todo dia, seguem

tomando o metrô. Ou então bebem, vão ao cinema e ficam lá sentadas, sofrendo. Herzog deveria ter ficado grato. A menos que você tenha explodido por completo, sempre há alguma coisa pela qual ser grato. Na verdade, ele era grato.

Não ficou exatamente ocioso na Europa, tampouco. Fez uma turnê cultural para a Narragansett Corporation, dando palestras em Copenhague, Varsóvia, Cracóvia, Berlim, Belgrado, Istambul e Jerusalém. Mas em março, quando voltou a Chicago, estava em piores condições do que estivera em novembro. Disse a seu reitor que talvez fosse melhor permanecer em Nova York. Não viu Madeleine durante sua visita. Seu comportamento era tão estranho e, na cabeça dela, tão ameaçador, que ela o alertou por intermédio de Gersbach a não chegar perto da casa da Harper Avenue. A polícia tinha uma foto dele e o prenderia caso o visse nos arredores.

Estava ficando claro agora para Herzog, ele próprio incapaz de fazer planos, como Madeleine planejara muito bem livrar-se dele. Seis semanas antes de despachá-lo, ela o convencera a alugar uma casa perto do Midway a duzentos dólares por mês. Quando eles se instalaram, ele construiu estantes, capinou o jardim e consertou a porta da garagem; montou as janelas contra tempestades. Uma semana apenas antes de pedir o divórcio, ela mandou lavar e passar as roupas dele, mas, no dia em que ele deixou a casa, ela enfiou todas numa caixa de papelão que depois foi jogada escada do porão abaixo. Precisava de mais espaço no guarda-roupa. E aconteceram outras coisas, tristes, cômicas ou cruéis, dependendo do ponto de vista. Até o último dia, o tom das relações de Herzog com Madeleine era bem sério — isto é, ideias, personalidades e assuntos eram respeitados e discutidos. Quando ela lhe anunciou a novidade, por exemplo, expressou-se com dignidade, naquele adorável estilo imperioso dela. Tinha pensado no assunto por todos os ângulos, disse ela, e tinha que aceitar a derrota. Eles não poderiam ter êxito juntos. Ela estava preparada para assumir uma parte da culpa. Evidentemente, Herzog não estava totalmente despreparado para aquilo. Mas ele tinha achado de verdade que as coisas estavam melhorando.

Tudo isso aconteceu num dia radiante e pungente de outono. Ele tinha estado no quintal dos fundos instalando as janelas contra tempestades. A primeira geada já tinha atingido os tomates. A grama estava densa e macia, com

a beleza peculiar que ela adquire quando chegam os dias frios e os fios de teias de aranha pousam sobre ela pela manhã; o orvalho é espesso e duradouro. As folhas dos tomateiros tinham escurecido e as esferas vermelhas tinham irrompido.

Ele tinha visto Madeleine pela janela dos fundos do andar de cima, colocando June para dormir sua soneca, e mais tarde ouviu o som do chuveiro. Agora ela estava chamando da porta da cozinha. Uma rajada de vento vinda do lago fez o vidro emoldurado tremer nos braços de Herzog. Ele o amparou cuidadosamente contra a parede da varanda e tirou as luvas de lona, mas não a boina, como se pressentisse que teria que sair de viagem imediatamente.

Madeleine odiava violentamente o pai, mas não era irrelevante o fato de o velho ser um famoso empresário teatral — chamado às vezes de Stanislávski americano. Ela havia preparado o evento com certo talento cênico muito dela. Vestiu meias pretas, saltos altos, um vestido cor de alfazema com brocados indígenas da América Central. Colocou seus brincos de opala, suas pulseiras e seu perfume; seu cabelo tinha um novo penteado, repartido de outro jeito, e suas pálpebras brilhavam com um cosmético azulado. Seus olhos eram azuis, mas a profundidade da cor era curiosamente afetada pelo matiz variável da parte branca. Seu nariz, que descia das sobrancelhas numa elegante linha reta, contorcia-se levemente quando ela estava especialmente agitada. Para Herzog até mesmo esse tique era precioso. Havia um sabor de submissão no seu amor por Madeleine. Uma vez que ela era dominadora, e uma vez que ele a amava, tinha que aceitar o sabor que lhe era dado. Naquela confrontação na sala desarrumada, dois tipos de egotismo estavam presentes, e Herzog, de seu sofá em Nova York, agora os contemplava — o dela em triunfo (ela preparara um grande momento, estava prestes a fazer o que mais desejava, desferir um golpe) e o egotismo dele em suspensão, todo convertido em passividade. O que quer que ele viesse a sofrer, seria merecido; ele pecara gravemente e por muito tempo; ele fizera jus. Era isso.

Na estante de prateleiras de vidro, erguia-se uma coleção ornamental de garrafinhas de vidro, venezianas e suecas. Vieram com a casa. O sol agora batia nelas. Eram atravessadas pela luz. Herzog viu as ondas, os filamentos de cor, as barras transversais espectrais, e em especial um grande borrão de branco

flamejante no centro da parede acima de Madeleine. Ela estava dizendo: "Não podemos mais viver juntos".

O discurso dela prosseguiu por vários minutos. Suas frases eram bem construídas. Aquele discurso tinha sido ensaiado e parecia também que ele tinha estado à espera daquela performance.

O deles não era um casamento que pudesse durar muito. Madeleine nunca o amara. Estava lhe dizendo isso. "É doloroso ter que dizer que nunca amei você. E nunca vou amar, tampouco", disse ela. "Portanto, não faz sentido continuar."

Herzog disse: "Eu, sim, amo você, Madeleine".

Passo a passo, Madeleine foi ficando mais distinta, mais brilhante, mais perspicaz. Sua cor se tornou radiante, e as sobrancelhas, e aquele seu nariz bizantino, se erguiam, se agitavam; seus olhos azuis ganharam um esplendor que se intensificava sem parar, subindo do seu peito e da sua garganta. Estava num êxtase de consciência. Ocorreu a Herzog que ela o tinha batido de forma tão cabal, satisfazendo tão plenamente o seu orgulho, que sua inteligência transbordava de força. Ele se deu conta de que estava testemunhando um dos momentos supremos da vida dela.

"Você deve se agarrar a esse sentimento", disse ela. "Acredito que seja verdade. Você de fato me ama. Mas acho que compreende também a humilhação que é, para mim, admitir o fracasso deste casamento. Coloquei nele tudo o que eu tinha. Estou arrasada por isso."

Arrasada? Ela nunca pareceu mais gloriosa. Havia naquela postura um elemento de teatro, mas muito mais de paixão.

E Herzog, uma sólida figura de homem, ainda que pálido e sofredor, deitado em seu sofá no alongado anoitecer de uma primavera em Nova York, tendo como pano de fundo a energia vibrante da metrópole, uma sensação e um cheiro de água de rio, uma faixa de imundície dramática e ornamental fornecida por New Jersey ao crepúsculo, Herzog na gaiola de sua privacidade e ainda forte de corpo (sua saúde era mesmo uma espécie de milagre; ele se esforçara ao máximo para ficar doente) imaginava o que poderia ter acontecido se, em vez de escutar de modo tão intenso e compenetrado, ele tivesse golpeado Madeleine na cara. E se ele a tivesse nocauteado, puxado seus cabelos, se a tivesse arrastado sob berros e esperneios pela sala, se a tivesse açoitado até tirar

sangue das suas nádegas. E se tivesse feito isso! Devia ter rasgado as roupas dela, arrancado seu colar, dado uns socos na sua cabeça. Rejeitou essa violência mental com um suspiro. Temia ser realmente inclinado, em segredo, a esse tipo de brutalidade. Mas vamos supor ao menos que ele tivesse dito a *ela* para deixar a casa. Afinal de contas, a casa era *dele*. Se ela não podia viver com ele, por que não ia embora? Por causa do escândalo? Não havia necessidade de evitar um pequeno escândalo. Teria sido doloroso, grotesco, mas um escândalo afinal de contas é uma espécie de serviço à comunidade. Só que não tinha passado pela cabeça de Herzog, naquela sala das garrafas cintilantes, defender seu território. Ele ainda pensava talvez que podia vencer mediante o apelo da passividade, da personalidade, vencer por força de ser, no fim das contas, Moses — Moses Elkanah Herzog —, um homem bom, e o benfeitor particular de Madeleine. Tinha feito tudo por ela — tudo!

"Você discutiu essa decisão com o doutor Edvig?", perguntou. "O que ele acha?"

"Que diferença a opinião dele poderia fazer para mim? Ele não pode me dizer o que fazer. Só o que ele pode é me ajudar a compreender... Eu procurei um advogado", disse ela.

"Que advogado?"

"Bem, Sandor Himmelstein. Porque é um camarada seu. Ele diz que você pode ficar com ele até fazer seu novo arranjo."

A conversa terminou, e Herzog voltou para as janelas contra tempestades na umidade verde e sombreada do quintal dos fundos — para seu obscuro sistema de idiossincrasias. Pessoa de tendências irregulares, ele praticava a arte de circular em meio a fatos aleatórios para preparar sua investida sobre o que era essencial. Muitas vezes esperava pegar de surpresa o essencial, mediante um estratagema divertido. Mas nada parecido aconteceu enquanto ele manuseava o vidro rangente, em pé em meio aos ramos pendentes do tomateiro queimados pela geada e amarrados a suas estacas com tiras de pano. O aroma da planta era forte. Ele continuou às voltas com as janelas porque não admitia se sentir estropiado. Temia as profundezas de sentimento que acabaria tendo que enfrentar, quando não pudesse mais recorrer a suas excentricidades em busca de alívio.

Em sua postura de colapso no sofá, braços abandonados sobre a cabeça e pernas estendidas, estirado com menos estilo que um chimpanzé, seus olhos, com um brilho maior que o habitual, observavam seu próprio trabalho no jardim com distanciamento, como se ele contemplasse por um telescópio ao contrário uma minúscula imagem clara.

Aquele bufão sofredor.

* * *

Dois pontos, portanto: ele sabia que aquele escrevinhar, aquela coisa de rascunhar cartas, era ridículo. Era involuntário. Suas excentricidades tinham tomado conta dele.

Há alguém dentro de mim. Estou em seu poder. Quando falo dele eu o sinto dentro da minha cabeça, esbravejando por ordem. Ele vai me arruinar.

Foi relatado, escreveu ele, *que várias equipes de cosmonautas russos se perderam; desintegraram-se, devemos supor. Ouviu-se uma delas chamar "SOS — mundo SOS". Os soviéticos não confirmaram.*

Querida mamãe, quanto ao porquê de eu não visitar seu túmulo há tanto tempo...

Querida Wanda, Querida Zinka, Querida Libbie, Querida Ramona, Querida Sono, preciso terrivelmente de ajuda. Tenho medo de desmoronar. Caro Edvig, o fato é que também a loucura me foi negada. Nem sei por que eu deveria escrever para você. Caro sr. Presidente, as regras da Receita Interna vão nos tornar uma nação de contadores. A vida de cada cidadão está se tornando um negócio. Isso, ao que me parece, é uma das piores interpretações do sentido da vida humana que a história já viu. A vida de um homem não é um negócio.

E como devo assinar isso?, pensou Moses. Cidadão indignado? A indignação é tão fatigante que a gente deveria reservá-la para a injustiça principal.

Querida Daisy, escreveu para sua primeira esposa, *sei que é minha vez de visitar Marco no acampamento no Dia da Família, mas este ano temo que a minha presença possa perturbá-lo. Tenho escrito a ele, e me mantenho a par de suas atividades. Infelizmente é verdade, porém, que ele me culpa pela ruptura com Madeleine e acha que eu também desertei sua meia-irmãzinha. Ele é jovem*

demais para entender a diferença entre os dois divórcios. Aqui Herzog se perguntou se seria apropriado discutir mais a fundo o assunto com Daisy e, evocando para si mesmo a imagem do rosto bonito e irado dela ao ler sua carta ainda não escrita, decidiu não fazê-lo. Continuou: *Acho que seria melhor para o Marco não me ver. Tenho estado doente — sob cuidados médicos.* Notou com desgosto seu próprio truque de apelar para a compaixão. Uma personalidade tem seus próprios caminhos. Uma mente talvez possa observá-los criticamente. Herzog não se importava com sua própria personalidade, e no momento não havia aparentemente coisa alguma que pudesse fazer quanto a seus impulsos. *Reconstruindo minha saúde e minha força gradualmente* — como uma pessoa de sólidos princípios afirmativos, moderna e liberal, notícias do progresso dele (se verdadeiras) deviam agradar a ela. Sendo ele a vítima daqueles impulsos, ela devia estar procurando nos jornais pelo obituário dele.

A força do organismo de Herzog trabalhava obstinadamente contra sua hipocondria. No começo de junho, quando o reflorescimento geral da vida perturba muitas pessoas, quando as novas rosas, mesmo nas vitrines das lojas, fazem-nas pensar em seus próprios fracassos, em esterilidade e morte, Herzog se submeteu a um minucioso exame médico. Fez uma visita a um idoso refugiado, dr. Emmerich, no West Side, com vista para o Central Park. Um porteiro desalinhado, com um cheiro de idade avançada ao seu redor, usando uma boina da campanha dos Bálcãs de meio século atrás, deixou-o entrar na antessala caindo aos pedaços. Herzog se despiu na sala de exames — de um verde inquieto, horrendo; as paredes escuras pareciam intumescidas com a doença dos velhos prédios de Nova York. Não era um homem alto, mas tinha uma constituição robusta, os músculos desenvolvidos pelo trabalho duro que ele havia feito no campo. Era vaidoso de seus músculos, da largura e da força de suas mãos, da maciez da sua pele, mas enxergava por trás disso também, e temia ser flagrado no papel do homem maduro e convencido. Velho tonto, chamava a si mesmo, desviando os olhos do pequeno espelho, do cabelo que ficava grisalho, das rugas de riso e de amargura. Através das lâminas da persiana, olhava em vez disso para as pedras marrons do parque, salpicadas de mica, e para o verde vibrante e otimista de junho. Logo aquilo iria se estragar, à medida que as folhas se alargassem e Nova York depositasse sua fuligem sobre o verão.

Estava, porém, especialmente lindo agora, vívido em todos os detalhes — os ramos, os pequenos dardos, as formas sutis do verde em expansão. A beleza não é uma invenção humana. O dr. Emmerich, arqueado mas enérgico, examinou-o, auscultou seu peito e suas costas, acendeu a lanterna em seus olhos, tirou seu sangue, examinou sua próstata, conectou-lhe os fios para o eletrocardiograma.

"Bem, você é um homem saudável — não tem mais vinte e um anos, mas é forte."

Herzog ouviu isso com satisfação, claro, mas ainda assim estava levemente infeliz a respeito. Tinha esperado alguma doença específica que o mandasse para o hospital por um tempo. Não teria que cuidar de si mesmo. Seus irmãos, que tinham mais ou menos desistido dele, acorreriam de volta e sua irmã Helen talvez viesse tomar conta dele. A família arcaria com suas despesas e pagaria a pensão de Marco e June. Isso agora estava descartado. À parte a pequena infecção que ele contraíra na Polônia, sua saúde era sólida, e mesmo aquela infecção, agora curada, tinha sido inespecífica. Talvez a causa tivesse sido seu estado mental, a depressão e a fadiga, e não Wanda. Por um dia, um horrível dia, pensou que fosse gonorreia. Tinha que escrever para Wanda, pensou, enquanto punha a camisa para dentro da calça e abotoava os punhos. *Chère Wanda*, começou, *Bonnes novelles. T'en seras contente*. Era outro de seus obscuros casos amorosos em francês. Por que outro motivo ele tinha mergulhado no seu Fraser e Squairb no colégio, e lido Rousseau e de Maistre na faculdade? Suas façanhas não eram apenas escolares, mas também sexuais. E eram mesmo façanhas? Era seu orgulho que devia ser satisfeito. Sua carne ficava com as sobras.

"Então qual é o problema com você?", perguntou o dr. Emmerich. Um velho, cabelo grisalho como o seu, rosto fino e espirituoso, olhava-o nos olhos. Herzog julgou ter entendido sua mensagem. O médico estava lhe dizendo que naquele consultório decadente ele examinava os realmente doentes, os desesperadamente enfermos, mulheres atacadas, homens moribundos. Então o que Herzog queria dele? "Você parece muito agitado", disse Emmerich.

"Sim, é isso. Estou agitado."

"Quer tomar Miltown? Snakeroot? Você tem insônia?"

"Não muito séria", disse Herzog. "Meus pensamentos disparam para todos os

lados."

"Quer que eu lhe indique um psiquiatra?"

"Não, já tive toda a psiquiatria que posso usar."

"Então que tal umas férias? Leve uma moça para o campo, ou para a praia. Você ainda tem aquele lugar em Massachusetts?"

"Se eu quiser reabri-lo."

"Seu amigo ainda mora lá? O locutor de rádio. Como é mesmo o nome do grandalhão de cabelo ruivo e perna de pau?"

"Valentine Gersbach é o nome dele. Não, ele mudou para Chicago quando eu... quando nós mudamos."

"É um homem muito divertido."

"É sim. Muito."

"Fiquei sabendo do seu divórcio — quem foi que me contou? Sinto muito."

Procurando a felicidade — é preciso estar preparado para os maus resultados.

Emmerich pôs seus óculos de Ben Franklin e escreveu algumas palavras na ficha. "A criança está com Madeleine em Chicago, suponho", disse o médico.

"Sim..."

Herzog tentou fazer Emmerich revelar sua opinião de Madeleine. Ela também tinha sido sua paciente. Mas Emmerich não iria dizer nada. Claro que não; um médico não deve discutir seus pacientes. No entanto, uma opinião podia ser deduzida dos olhares que ele lançava a Moses.

"Ela é uma mulher histérica, violenta", ele disse a Emmerich. Viu pelo movimento dos lábios do velho médico que ele estava a ponto de responder; mas então Emmerich decidiu nada dizer, e Moses, que tinha o estranho hábito de completar as frases das pessoas para elas, fez uma anotação mental sobre sua própria personalidade desconcertante.

Um coração estranho. Eu mesmo não respondo por ele.

Agora ele percebia que tinha ido até Emmerich para acusar Madeleine, ou simplesmente para falar sobre ela com alguém que a conhecia e podia ter uma visão realista dela.

"Mas você deve ter outras mulheres", disse Emmerich. "Não existe alguém? Você vai ter que jantar sozinho hoje à noite?"

Herzog e Ramona. Era uma mulher adorável, mas também com ela havia problemas, claro — tinha que haver. Ramona era uma mulher de negócios, dona de uma floricultura na Lexington Avenue. Não era jovem — estava provavelmente na faixa dos trinta; não dizia a Moses sua idade exata —, mas era extremamente atraente, ligeiramente estrangeira, de boa formação. Quando herdou a loja, estava obtendo seu mestrado em Columbia em história da arte. Na verdade, estava matriculada no curso noturno de Herzog. Em princípio, ele era contra romances com alunas, mesmo com alunas como Ramona Donsell, que eram obviamente feitas para eles.

Fazendo todas as coisas que um homem selvagem faz, ele anotou, *mas permanecendo o tempo todo uma pessoa séria. De uma seriedade assustadora.*

Claro que era exatamente essa seriedade que atraía Ramona. As ideias a excitavam. Adorava conversar. Era uma excelente cozinheira também, e sabia preparar camarões Arnaud, que ela servia com Pouilly Fuissé. Herzog jantava com ela várias noites por semana. No táxi indo do insípido salão de conferências para o espaçoso apartamento de Ramona no West Side, ela tinha dito que queria que ele sentisse o quanto seu coração estava batendo. Ele estendeu a mão até o antebraço dela, para tomar seu pulso, mas ela disse: "Não somos crianças, professor", e pousou a mão dele em outro lugar.

Em poucos dias Ramona estava dizendo que aquele não era um caso corriqueiro. Ela reconhecia, disse, que Moses estava numa situação peculiar, mas havia nele algo tão querido, tão amável, tão saudável, e basicamente tão firme — como se, tendo sobrevivido a muitos horrores, ele tivesse sido purgado das bobagens neuróticas —, que talvez tivesse sido simplesmente uma questão de mulher certa ou errada, o tempo todo. Seu interesse nele rapidamente se tornou mais sério, e ele em consequência começou a se preocupar com ela, a remoer. Disse a ela alguns dias depois da sua visita a Emmerich que o médico o aconselhara a tirar umas férias. Ramona disse então: "Claro que você precisa de férias. Por que não vai a Montauk? Tenho uma casa lá, e eu poderia aparecer nos fins de semana. Quem sabe a gente não fica junto todo o mês de julho".

"Não sabia que você tinha uma casa", disse Herzog.

"Estava à venda alguns anos atrás, e era mesmo grande demais para mim,

sozinha, mas eu tinha acabado de me divorciar de Harold e precisava de uma distração."

Ela lhe mostrou slides coloridos do chalé. Com o olho no visor, ele disse: "É muito bonito. Todas aquelas flores". Mas se sentia agastado, com o coração oprimido.

"A gente pode passar dias maravilhosos lá. E você devia mesmo arranjar umas roupas mais alegres de verão. Por que veste essas roupas insípidas? Você ainda parece bem jovem."

"Perdi peso no último inverno, na Polônia e na Itália."

"Bobagem — por que falar desse jeito! Você sabe que é um homem bonito. E até se orgulha disso. Na Argentina seria chamado de *macho* — viril. Você gosta de se apresentar como meigo e manso, de esconder o demônio que existe em você. Por que reprimir esse diabinho? Por que não ficar de bem com ele — bem, por que não?"

Em vez de responder, ele escreveu mentalmente: *Querida Ramona — Queridíssima Ramona. Gosto muito de você — é muito querida, uma amiga de verdade. Poderia ir até mais longe. Mas por que é que eu, um professor, não suporto receber lições? Acho que a sua sabedoria me atinge. Porque você tem a sabedoria completa. Talvez em excesso. Não gosto de rejeitar correções. Tenho uma porção de coisas a ser corrigidas. Quase tudo. E eu reconheço a boa sorte quando a vejo...* Essa era a verdade literal, palavra por palavra. Ele gostava mesmo de Ramona.

Ela vinha de Buenos Aires. Sua ascendência era internacional — espanhola, francesa, russa, polonesa e judaica. Tinha estudado na Suíça e ainda falava com um leve sotaque, cheio de charme. Era baixa, mas tinha um talhe robusto e substancial, um bom traseiro redondo, seios firmes (todas essas coisas importavam para Herzog; ele podia ser um moralista, mas as formas de um busto de mulher tinham grande importância). Ramona era insegura quanto ao seu queixo, mas tinha grande confiança em seu adorável pescoço, então mantinha a cabeça bem erguida. Andava com uma eficiência vivaz, batendo os saltos energicamente à maneira castelhana. Herzog ficava inebriado com o estrépito desse caminhar. Ela entrava nos lugares de modo provocante, gingando levemente, uma das mãos tocando a coxa, como se ela trouxesse uma

faca na cinta-liga. Parece que era moda em Madri, e Ramona se deleitava ao encarnar alegremente o papel de uma espanhola durona — *una navaja en la liga*; ela lhe ensinou essa expressão. Ele pensava com frequência nessa faca imaginária quando a observava em suas roupas de baixo, que eram pretas e extravagantes, um dispositivo sem alças chamado de Viúva Alegre, que contraía a cintura e tinha rendas vermelhas embaixo. Suas coxas eram curtas, mas profundas e brancas. A pele escurecia no ponto em que era comprimida pelo elástico da roupa. E pendiam fitas de seda, e fivelas de liga. Seus olhos eram castanhos, sensíveis e astutos, eróticos e calculistas. Ela sabia do que era capaz. O odor cálido, os braços veludosos, os belos seios, os excelentes dentes brancos e as pernas ligeiramente arqueadas — tudo isso funcionava. Moses, sofrendo, sofria em grande estilo. Sua sorte nunca o abandonava inteiramente. Talvez tivesse mais sorte do que imaginava. Ramona tentou lhe dizer isso. "Aquela vaca lhe fez um favor", disse ela. "Você vai ficar muito melhor sem ela."

Moses!, ele escreveu, *vencendo ao chorar, chorando ao vencer. Evidentemente não consegue acreditar nas vitórias.*

Engate sua agonia a uma estrela.

Mas no momento silencioso em que encarou Ramona ele escreveu, incapaz de responder senão por uma carta mental: *Você é um grande consolo para mim. Estamos lidando com elementos mais ou menos estáveis, mais ou menos controláveis, mais ou menos loucos. É verdade. Tenho um espírito selvagem em mim embora pareça meigo e suave. Você acha que o prazer sexual é tudo o que este espírito quer, e, uma vez que estamos dando a ele esse prazer, então por que não estaria tudo bem?*

Então ele subitamente se deu conta de que Ramona tinha se convertido numa espécie de profissional (ou sacerdotisa) do sexo. Ele estava habituado a lidar com amadoras desprezíveis nos últimos tempos. *Eu não sabia que podia transar com uma verdadeira artista da cama.*

Mas é essa a meta secreta da minha vaga peregrinação? Será que eu me vejo, depois de uma longa errância, como um filho não reconhecido de Sodoma e Dionísio — um tipo órfico? (Ramona adorava falar de tipos órficos.) Um pequeno-burguês dionisíaco?

Anotou: *Que se danem todas essas categorias!*

"Talvez eu compre algumas roupas de verão", respondeu a Ramona.

Eu gosto mesmo de um vestuário apurado, prosseguiu. *Na infância, costumava lustrar com manteiga meus sapatos de couro envernizado. Ouvi minha mãe russa me chamando de "Krasavitz". E, quando me tornei um jovem estudante sombrio, com um rosto suave e bonito, perdendo meu tempo em poses arrogantes, eu pensava um bocado a respeito de calças e camisas. Foi só mais tarde, como universitário, que me tornei desalinhado. Comprei um colete espalhafatoso na Burlington Arcade no último inverno, e um par de botas suíças do tipo que vejo agora que as bichas do Village adotaram. Melancólico? Sim*, seguiu escrevendo, *e bem-vestido também. Mas minha vaidade não vai mais me dar muita milhagem, e para falar a verdade não estou nem mesmo muito impressionado com meu próprio coração torturado. Começa a me parecer outra perda de tempo.*

Deliberando com sensatez, Herzog decidiu que seria melhor não aceitar a oferta de Ramona. Ela estava com seus trinta e sete ou trinta e oito anos, segundo os astuciosos cálculos dele, isso significava que estava procurando um marido. Isso, em si, não era ruim, nem chegava a ser divertido. As condições humanas simples e gerais prevalecem mesmo entre os aparentemente mais sofisticados. Ramona não aprendera aqueles malabarismos sexuais num manual, mas na aventura, na confusão, e às vezes provavelmente com o coração oprimido, em abraços brutais e frequentemente hostis. Ela queria dar seu coração de uma vez por todas, e se ajeitar com um homem bom, tornar-se esposa de Herzog e deixar de ser uma trepada fácil. Com frequência ela assumia um ar sério. Seus olhos o comoviam profundamente.

Nunca ocioso, o olho mental dele via Montauk — praias brancas, luz ofuscante, ondas cintilantes rebentando nas pedras, caranguejos definhando em suas couraças, baiacus e peixes-voadores. Herzog ansiava estender-se de calção de banho e aquecer sua barriga inquieta na areia. Mas como poderia? Aceitar favores demais de Ramona era perigoso. Talvez tivesse que pagar por eles com sua liberdade. Claro que ele não precisava dessa liberdade agora; precisava era de descanso. Ainda assim, depois de descansar, talvez quisesse sua liberdade de novo. Não estava seguro disso, tampouco. Mas era uma possibilidade.

Umas férias me darão mais força para enfrentar minha vida neurótica.

Além do mais, ponderou Herzog, ele tinha uma aparência horrível,

arruinada; estava perdendo mais cabelo, e essa rápida deterioração ele considerava uma rendição a Madeleine e Gersbach, seu amante, e a todos os inimigos. Tinha mais inimigos e desafetos do que se poderia imaginar com base na sua expressão compenetrada.

O período letivo da escola noturna estava chegando ao fim, e Herzog se convenceu de que seu movimento mais sensato seria se afastar de Ramona também. Decidiu ir a Vineyard, mas, achando que seria má ideia ficar inteiramente sozinho, mandou um telegrama noturno a uma mulher em Vineyard Haven, uma velha amiga (no passado eles tinham considerado a possibilidade de ter um caso, mas isso nunca se materializara e eles desenvolveram uma terna afeição um pelo outro). No telegrama ele explicou a situação e sua amiga Libbie Vane (Libbie Vane-Erikson-Sissler; tinha acabado de se casar pela terceira vez e a casa em Haven pertencia a seu marido, um químico industrial) telefonou de volta imediatamente, e com muita emoção e sinceridade convidou-o a ficar lá o tempo que quisesse.

"Alugue-me um quarto perto da praia", pediu Herzog.

"Venha ficar na nossa casa."

"Não, não. Não posso fazer isso. Ora, vocês acabaram de se casar."

"Oh, Moses — por favor, não seja tão romântico. Sissler e eu moramos juntos há três anos."

"Mesmo assim, é uma lua de mel, não é?"

"Ah, pare com essa bobagem. Vou ficar sentida se você não ficar aqui. Temos seis quartos. Venha direto, fiquei sabendo dos maus bocados que você tem enfrentado."

No fim — era inevitável — ele aceitou. Sentia, no entanto, que estava agindo mal. Ao telegrafar, ele praticamente a obrigara a convidá-lo. Tinha ajudado bastante Libbie uns dez anos antes, e ficaria mais satisfeito consigo mesmo se não a tivesse feito pagar por aquilo. Não era bom em pedir ajuda. Estava se tornando um chato — caindo na fraqueza, na corrupção.

Mas pelo menos, pensou, não tenho que piorar as coisas. Não vou aborrecer Libbie com meus problemas, ou passar a semana chorando no seu ombro. Vou levá-los para jantar fora, ela e seu novo marido. Você tem que lutar pela própria vida. Essa é a condição principal em que ela se baseia. Então por que ser

hesitante? Ramona está certa. Arranje umas roupas leves. Você pode pegar mais grana emprestada com o irmão Shura — ele gosta disso, e sabe que você vai pagar. Isso é viver de acordo com o princípio aprobativo — você paga suas dívidas.

Sendo assim, ele foi comprar roupas. Examinou os anúncios na *New Yorker* e na *Esquire*. Eles agora mostravam velhos de rostos enrugados bem como atletas e jovens executivos. Então, depois de se barbear com mais apuro que o habitual e pentear o cabelo (suportaria ver a si mesmo nos reluzentes espelhos triplos de uma loja de roupas?), tomou o ônibus para a área comercial. Começando na rua 59, desceu a Madison Avenue até por volta da rua 40, depois voltou em direção ao Plaza, na Quinta Avenida. Então as nuvens cinzentas se abriram para o sol ardente. As vitrines resplandeciam e Herzog olhava para dentro delas, tímido e excitado. Os novos estilos lhe pareciam inconsequentes e extravagantes — paletós de madras, shorts com borbotões de cores de Kandinsky, dentro dos quais homens barrigudos ou de meia-idade ficariam ridículos. Melhor a contenção puritana do que a exibição de joelhos enrugados e varizes, panças de pelicanos e a indecência de rostos cansados sob bonés esportivos. Sem dúvida Valentine Gersbach, que lhe arrebatara Madeleine, superando a desvantagem de uma perna de pau, podia vestir aquelas listras bonitinhas e brilhantes de açúcar-cândi. Valentine era um dândi. Tinha um rosto compacto e grossas mandíbulas; Moses achava que de algum modo ele parecia Putzi Hanfstaengl, o pianista particular de Hitler. Mas Gersbach tinha um extraordinário par de olhos para um ruivo; olhos castanhos, profundos, calorosos, cheios de vida. Também os cílios eram vívidos, de um vermelho escuro, longos, infantis. E aqueles cabelos espessos de urso. Valentine, além do mais, tinha uma enorme confiança em sua aparência. Isso era visível. Ele sabia que era um homem terrivelmente bonito. Esperava que as mulheres — todas elas — ficassem loucas por ele. E muitas ficaram, não ficaram? Incluindo a segunda sra. Herzog.

"Vestir isto? Eu?", disse Herzog ao vendedor numa loja da Quinta Avenida. Mas comprou um casaco escarlate com listras brancas. Então disse por sobre o ombro ao vendedor que na terra dos seus avós a família usava capas de

gabardine pretas arrastando no chão.

Como resultado da acne da juventude, o vendedor tinha uma pele ruim. Seu rosto era vermelho como um cravo, e seu hálito tinha cheiro de carne, era um bafo de cachorro. Ele foi um pouco rude com Moses, pois, quando lhe perguntou o número de sua cintura e Moses respondeu "Trinta e quatro", o vendedor disse: "Não se vanglorie". Tinha saído sem querer, e Moses era cavalheiresco demais para usar isso contra ele. Seu coração trabalhava um pouco com a dolorosa satisfação do comedimento. Com os olhos baixos, ele marchou pelo carpete cinza até o provador e ali, despindo-se e enfiando as novas calças sem tirar os sapatos, escreveu ao sujeito uma anotação. *Caro Mack. Lidar com pobres idiotas todo dia. Orgulho macho. Desaforo. Presunção. Você mesmo obrigado a ser agradável e simpático. Um trabalho duro, se acontece de você ser um sujeito ranzinza, raivoso. A franqueza das pessoas em Nova York! Bendito seja, você não é gentil. Mas numa situação falsa, como todos nós. Precisa arranjar alguma civilidade. Uma situação de verdade talvez se mostrasse insuportável para todos nós. Por conta da civilidade tenho agora uma dor no estômago. Quanto às gabardines, tenho consciência de que há um bocado de barbas e gabardines logo ali virando a esquina, no distrito dos diamantes. Oh, Senhor!*, concluiu, *perdoai todas essas transgressões. Não me deixeis cair na Penn Station.*

Vestido de calça italiana, com a barra dobrada, e um blazer de lapelas estreitas, vermelho e branco, ele evitou a plena exposição no espelho triplo iluminado. Seu corpo parecia não ter sido afetado por seus incômodos, tinha sobrevivido a todos os golpes. Era seu rosto que estava devastado, especialmente em torno dos olhos, de tal modo que ver sua própria imagem o abateu.

Absorto, o vendedor, em meio a cabides silenciosos de roupas, não ouviu os passos de Herzog. Estava pensativo. Negócios quase parados. Outra pequena recessão. Só Moses estava gastando hoje. O dinheiro que ele pretendia pedir emprestado ao irmão argentário. Shura não era pão-duro. Nem seu irmão Willie, aliás. Mas Moses achava mais fácil emprestar de Shura, que também era de certo modo um pecador, do que de Willie, que era mais respeitável.

"Está bem ajustado nas costas?", Herzog se virou.

"Parece feito sob medida", respondeu o vendedor.

Não dava a mínima para aquilo. Estava perfeitamente claro. Não tenho como atrair a atenção dele, reconheceu Herzog. Então eu a dispenso, e dane-se ele também. Vou decidir por mim mesmo. Cabe a mim. Assim fortalecido, postou-se entre os espelhos, olhando apenas para o paletó. Estava satisfatório.

"Pode embrulhar", disse ele. "Vou levar a calça, também, mas tem que ser hoje. Agora."

"Não é possível. O alfaiate está ocupado."

"Hoje, ou nada feito", disse Herzog. "Vou sair da cidade."

Só um poderia vencer essa queda de braço.

"Vou ver se consigo apressar o serviço", disse o vendedor.

Ele se afastou, e Herzog desabotoou o blazer. Nos botões eles tinham gravado a cabeça de algum imperador romano para adornar o paletó de um libertino, observou. Sozinho, mostrou a língua para si mesmo e em seguida se escondeu do espelho triplo. Lembrou-se do prazer com que Madeleine experimentava roupas nas lojas e do orgulho ativo com que ela se mirava, tocando, ajustando, o rosto radiante mas severo, também, com os grandes olhos azuis, a mecha brilhante de cabelo caindo sobre a testa, o perfil de efígie. A satisfação que ela encontrava em si mesma era positivamente plural — imperial. E ela dissera a Moses, durante uma das crises do casal, que tinha se observado de novo nua no espelho do banheiro. "Ainda jovem", disse ela, como quem faz um inventário, "jovem, bonita, cheia de vida. Por que deveria desperdiçar tudo isso com você?"

Ora, Deus me livre! Herzog olhou em volta procurando algo com que escrever uma anotação, pois tinha deixado papel e lápis no provador. Rabiscou nas costas do bloco do vendedor: *Uma vaca com o tempo engendra desprezo*.

Olhando através de pilhas de roupas de praia, agora rindo em silêncio de si mesmo como se seu coração subisse nadando rumo à superfície, Herzog comprou um calção de banho para usar em Vineyard, e em seguida uma prateleira de chapéus de palha fora de moda atraiu sua atenção e ele decidiu levar um deles também.

E será que estava levando todas essas coisas, perguntou a si mesmo, porque o velho Emmerich tinha receitado um descanso? Ou estaria se preparando para novas estripulias? Estaria antevendo outro enrosco em Vineyard? Com quem? Como poderia saber com quem? Há mulheres às pencas em toda parte.

Em casa, experimentou suas compras. O calção de banho estava um pouco apertado. Mas o chapéu de palha lhe agradou, flutuando sobre o cabelo que ainda crescia espesso nos lados. Com ele na cabeça Herzog parecia o primo de seu pai, Elias Herzog, o vendedor de farinha que tinha coberto o território do norte de Indiana para o general Mills, nos anos vinte. Elias, com sua compenetrada cara americanizada, sem barba, comia ovos cozidos e bebia cerveja clandestina — *piva* polonesa feita em casa. Batia de leve os ovos no parapeito da varanda e os descascava escrupulosamente. Usava prendedores elásticos coloridos nas mangas e uma palheta como esta, pousada sobre esta mesma cabeleira, compartilhada igualmente por *seu* pai, o rabino Sandor-Alexander Herzog, que ostentava também uma linda barba, uma barba radiante, frondosa, que escondia os contornos de seu queixo, bem como a gola de veludo de sua sobrecasaca. A mãe de Herzog sempre tivera uma queda por judeus com barbas bonitas. Na própria família dela, os mais velhos tinham barbas espessas e exuberantes, cheias de religião. Ela queria que Moses se tornasse rabino e ele parecia a si mesmo horrivelmente distante de um rabino agora, de calção de banho e chapéu de palha, o rosto carregado de uma tristeza pesada, tolamente lamentando as coisas de que uma vida religiosa poderia tê-lo purgado. Aquela boca! — carregada de desejo e raiva inflexível, o nariz reto às vezes austero, os olhos escuros! E seu corpo! — as longas veias serpenteando pelos braços e desaguando nas mãos pendentes, um sistema arcaico, mais antigo que os próprios judeus. O chapéu de copa achatada, uma crosta de palha, tinha uma fita vermelha e branca, combinando com o blazer. Ele tirou o papel de seda que o envolvia e o vestiu, fazendo as listras inflarem. De pernas nuas, parecia um hindu.

Olhai os lírios do campo, recordou, *não trabalham nem fiam; digo-vos todavia que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles...*

Tinha oito anos, na ala infantil do Royal Victoria Hospital, em Montreal, quando aprendeu essas palavras. Uma senhora cristã vinha uma vez por semana e o fazia ler em voz alta passagens da Bíblia. Ele leu: *Dai e recebereis de volta: uma medida boa, cheia, recalcada e abarrotada, vos será lançada no seio.*

Do telhado do hospital pendiam pingentes de gelo como dentes de peixes, gotas claras que queimavam nas pontas. Ao lado da cama dele, a senhora gói

sentava-se com suas saias compridas e seus sapatos de abotoar. O alfinete de chapéu se projetava da parte de trás de sua cabeça como a haste de um bonde. Um cheiro de cola vinha de sua roupa. E então ela o fez ler: *Deixai vir a mim as criancinhas*. Ela lhe parecia uma boa mulher. Seu rosto, porém, era severo e inamistoso.

"Onde você mora, garotinho?"

"Na Napoleon Street."

Onde moram os judeus.

"O que o seu pai faz?"

Meu pai é um fabricante de bebida clandestina. Tem um alambique em Point-St. Charles. Os guardas estão atrás dele. Ele não tem dinheiro.

Só que Moses, evidentemente, nunca teria contado a ela nada disso. Mesmo aos cinco anos ele sabia que não devia. Sua mãe o havia instruído: "Não pode contar para ninguém".

Havia certa sabedoria naquilo, pensou, como se cambaleando pudesse recuperar seu equilíbrio, ou se, admitindo um grão de loucura, pudesse voltar à razão. E ele saboreava uma piada sobre si mesmo. Agora, por exemplo, tinha posto na mala as roupas de verão que não eram para o seu bico e estava empreendendo sua fuga de Ramona. Sabia como as coisas poderiam evoluir se ele fosse a Montauk com ela. Ela o conduziria como a um urso amestrado em Easthampton, de um coquetel a outro. Podia imaginar a cena — Ramona rindo, tagarelando, seus ombros nus numa das suas blusas de camponesa (eram ombros maravilhosos, femininos, ele tinha que admitir), o cabelo em cachos negros, a boca e o rosto pintados; era capaz até de sentir o perfume dela. Nas profundezas do ser de um homem havia alguma coisa que respondia com um grasnido àquele perfume. Quack! Uma reação sexual que nada tinha a ver com idade ou sutileza, sabedoria, experiência, história, *Wissenschaft*, *Bildung*, *Wahrheit*. Na doença ou na saúde, lá vinha aquele quack-quack à menor fragrância da pele feminina. Sim, seria conduzido por Ramona para lá e para cá de calça nova e paletó listrado, bebericando um martíni. ...Martínis eram veneno para Herzog e ele não suportava conversinhas triviais. Então ele

encolheria a barriga e aguentaria firme sobre os pés doloridos — ele, o professor cativo, ela, a mulher madura, bem-sucedida, risonha e sexual. Quack, quack!

Sua mala estava pronta, e ele trancou as janelas e baixou as persianas. Sabia que o apartamento cheiraria mais do que nunca a mofo quando voltasse de suas férias de solteiro. Dois casamentos, dois filhos, e ele estava de partida para uma semana de descanso *despreocupado*. Era doloroso para seus instintos, para seus sentimentos familiares judaicos, que seus filhos crescessem longe dele. Mas o que ele podia fazer quanto a isso? Ao mar! Ao mar! — Que mar? Era a baía — entre East Chop e West Chop não era mar; a água era parada.

Saiu, lutando com a tristeza de sua vida solitária. Seu peito se expandiu e ele respirou fundo. "Pelo amor de Deus, não chore, seu idiota! Viva ou morra, mas não envenene tudo."

Por que aquela porta precisava de uma trava de segurança, ele não sabia. O crime estava em alta, mas ele não possuía nada que valesse a pena roubar. Só algum garoto alucinado poderia pensar que ele possuía alguma coisa e ficar à espreita, drogado, esperando para acertá-lo na cabeça. Herzog enfiou a barra da tranca em sua fenda no chão e girou a chave. Então averiguou se não tinha esquecido os óculos. Não, estavam no bolso da camisa. Trazia suas canetas, bloco de anotações, talão de cheques, um pedaço de toalha de papel que ele rasgara para servir de lenço, e o frasco plástico de comprimidos de furadantina. Os comprimidos eram para a infecção que ele contraíra na Polônia. Estava curado agora, mas tomava um comprimido de vez em quando para garantir. Tinha sido um momento apavorante em Cracóvia, no quarto de hotel, quando apareceram os sintomas. Ele pensou: A gonorreia — estava demorando! Depois de todos esses anos. A esta altura da vida! Seu coração se apertou.

Foi a um médico britânico, que o repreendeu rispidamente. "O que você andou fazendo? É casado?"

"Não."

"Bem, não é uma gonorreia. Pode vestir a calça. Você vai querer uma injeção de penicilina, suponho. Todos os americanos querem. Bem, eu não vou lhe dar. Leve esta sulfa. Nada de bebida, veja bem. Beba chá."

Eles são implacáveis com relação a transgressões sexuais. O sujeito era raivoso, sarcástico, um médico inglês arrogante. E eu tão vulnerável, carregado

de culpa.

Eu devia saber que uma mulher como Wanda não me contagiaria com gonorreia. Ela é *sincera*, leal, devota com relação ao corpo, à carne. Tem a religião das pessoas civilizadas, que é o prazer, o prazer criativo e polimorfo. Sua pele é sutil, branca, sedosa, viva.

Querida Wanda, escreveu Herzog. Mas ela não sabia nada de inglês e então ele mudou para o francês. *Chère princesse, je me souviens assez souvent... Je pense à la Marszalkowska, au brouillard*. Todo homem de terceira, quarta ou décima classe do mundo sabe como cortejar uma mulher em francês, e Herzog também sabia. Embora não fizesse seu gênero. Os sentimentos que desejava expressar eram genuínos. Ela havia sido extremamente boa com ele quando estava doente, perturbado, e o que tornava sua bondade ainda mais significativa era a beleza polonesa radiante, saudável, da mulher. Tinha uma volumosa cabeleira áureo-avermelhada e um nariz ligeiramente torto, mas de linhas muito refinadas, a ponta espantosamente delicada e bem feita para uma pessoa tão corpulenta. A tez era branca, mas de um branco saudável, forte. Vestia, como a maioria das mulheres em Varsóvia, meias pretas e estreitos sapatos pretos italianos, mas seu casaco de pele estava gasto até o couro.

Em minha dor eu sabia o que estava fazendo?, anotou Herzog numa página separada, enquanto esperava o elevador. *A providência*, acrescentou, *cuida dos que têm fé. Senti que iria encontrar uma pessoa como aquela. Tive uma sorte danada*. A palavra "sorte" foi sublinhada muitas vezes.

Herzog tinha visto o marido dela. Era um pobre homem, de aspecto deplorável, com uma doença cardíaca. O único defeito que Herzog encontrara em Wanda era sua insistência em que ele conhecesse Zygmunt. Moses ainda não tinha captado o que aquilo significava. Wanda rejeitou a sugestão de um divórcio. Estava perfeitamente satisfeita com seu casamento. Disse que era tudo o que qualquer casamento poderia ser.

Ici tout est gâché.

Une dizaine de jours à Varsovie — pas longtemps. Se é que se pode chamar de dias aqueles intervalos brumosos de inverno. O sol estava trancado numa garrafa fria. A alma trancada dentro de mim. Enormes cortinas de feltro mantinham as correntes de ar fora do lobby do hotel. As mesas de madeira

estavam manchadas, empenadas, escaldadas de chá.

A pele dela era branca e permanecia branca durante todas as mudanças emocionais. Seus olhos esverdeados pareciam franquear o acesso a seu rosto polonês (natureza, a costureira). Mulher rechonchuda, de seios macios, era pesada demais para os elegantes sapatos italianos afilados que calçava. Em pé sem os sapatos, em suas meias-calças pretas, seu vulto era de fato bastante sólido. Sentia saudades dela. Quando lhe tomou a mão, ela disse: "Ah, ne toushay pas. C'est dangeray". Mas não estava falando sério de modo algum. (Como ele viajava nessas lembranças! Que risível pássaro sensual ele era! Viciado em recordações, quem sabe? Mas por que usar palavras rudes. Ele era o que era.)

No entanto, estivera sempre consciente da triste Polônia, gelada em todas as direções, triste, de um cinza avermelhado; as pedras ainda exalando o cheiro das mortes na guerra. Ele achava que sentia cheiro de sangue. Foi muitas vezes visitar as ruínas do gueto. Wanda era sua guia.

Sacudiu a cabeça. Mas o que *ele* podia fazer? Apertou de novo o botão do elevador, desta vez com a ponta de sua maleta Gladstone. Ouviu o som de leve movimento no cabo — trilhos lubrificados, potência, eficiente engrenagem negra.

Guéri de cette petite maladie. Não devia ter mencionado aquilo a Wanda, pois ela ficou simplesmente chocada e ferida. *Pas grave du tout*, escreveu. Tinha feito a mulher chorar.

O elevador parou e ele concluiu: *J'embrasse ces petites mains, amie*.

Como se diz em francês, louros nozinhos acolchoados dos dedos?

a "De tudo se faz sopa", com o sentido figurado de "tudo serve" ou "o que não mata engorda". [As notas de rodapé são do tradutor. Ver Glossário no final do volume para termos em iídiche e hebraico.]

b William Henry Fraser (1853-1916) e John Squair (1850-1928), autores de uma célebre gramática da língua francesa, conhecida popularmente como "Fraser and Squair", como no Brasil nos referimos ao *Aurélio* ou ao *Houaiss*.

No táxi pelas ruas fervilhantes onde prédios de tijolos e arenito avermelhado estavam abarrotados de gente, Herzog segurava a correia de segurança e seus grandes olhos estavam fixos nos panoramas de Nova York. As formas retas eram vívidas, não inertes, davam-lhe a sensação de um movimento fatal, quase de intimidade. De alguma maneira ele se sentia parte daquilo tudo — nas salas, nas lojas, nos porões — e ao mesmo tempo intuía o perigo desses estímulos múltiplos. Mas ficaria tudo bem com ele. Estava superestimulado. Tinha que acalmar a excitação daqueles nervos galopantes, apagar aquele obscuro fogo interior. Ansiava pelo Atlântico — a areia, a maresia, a terapia da água fria. Sabia que teria ideias melhores e mais claras depois de se banhar no mar. Sua mãe sempre acreditara nos bons efeitos do banho. Mas ela havia morrido tão jovem. *Ele* não podia se permitir morrer ainda. Os filhos precisavam dele. Seu dever era viver. Estar são, e viver, para cuidar das crianças. Era por isso que estava fugindo da cidade agora, superaquecido, os olhos ardendo. Estava escapando de todos os fardos, das questões práticas, escapando também de Ramona. Tinha vezes em que a pessoa só queria se esgueirar para o esconderijo, como um animal. Embora ele não soubesse o que tinha pela frente, a não ser o confinamento no trem, que lhe imporia o repouso (não dá para correr num trem) através de Connecticut, Rhode Island e Massachusetts, até Woods Hole, seu raciocínio estava perfeito. O litoral é ótimo para os loucos — desde que eles não estejam loucos demais. Ele estava totalmente disposto. Os trapos alegres estavam na mala sob seus pés, e o chapéu de palha com a fita vermelha e branca? Estava na sua cabeça.

Mas de repente, no assento do táxi que torrava ao sol, deu-se conta de que seu espírito raivoso tinha tomado a frente de novo, e que ele estava a ponto de escrever cartas. *Caro Smithers*, começou. *No almoço do outro dia* — aqueles

almoços burocráticos que são um horror para mim; meus quadris ficam paralisados, meu sangue se enche de adrenalina; meu coração! Tento parecer correto e decente, mas meu rosto fica mortificado de tédio, minha fantasia espirra sopa e molho de carne em todo mundo, e quero gritar ou desmaiar — *fomos solicitados a sugerir tópicos para novos ciclos de palestras e eu disse que tal um sobre casamento. Eu poderia ter dito "Amoras" ou "Groselhas"*. Smithers está extremamente contente com a sua sina. O nascimento é muito incerto. Quem sabe o que pode acontecer? Mas sua sina era ser Smithers e isso era uma tremenda sorte. Ele parece Thomas E. Dewey. A mesma falha entre os dentes da frente, o bigode bem aparado. *Olhe, Smithers, eu tenho, sim, uma boa ideia para um novo curso. Seu pessoal da organização precisa de gente como eu. As pessoas que vêm às aulas noturnas estão apenas aparentemente em busca de cultura. Sua grande necessidade, sua grande fome, é de bom senso, clareza, verdade — nem que seja um átomo dela. As pessoas estão morrendo — não é uma metáfora — por carência de algo verdadeiro para levar para casa quando o dia acaba. Veja como elas estão dispostas a aceitar a mais descabelada bobagem.* Oh, Smithers, meu amigo de costeletas! Que responsabilidade nós carregamos, neste nosso opulento país! Pense no que a América poderia representar para o mundo. E veja o que ela é. Que estirpe ela poderia ter produzido. Mas olhe para nós — para você, para mim. Leia o jornal, se você puder suportar.

Mas o táxi tinha passado pela rua 30 e havia na esquina uma tabacaria na qual Herzog entrara um ano antes para comprar uma caixa de Virginia Rounds para sua sogra, Tennie, que morava a uma quadra dali. Ele se lembrava de ter entrado na cabine telefônica para dizer a ela que estava subindo. Estava escuro ali, e o revestimento metálico padronizado estava gasto e preto em certos pontos. *Cara Tennie, talvez tenhamos uma conversa quando eu voltar do litoral. A mensagem que você mandou pelo advogado Simkin de que você não entendia por que eu não venho mais visitá-la é, para dizer o mínimo, difícil de conceber. Sei que sua vida tem sido dura. Você não tem marido.* Tennie e Pontritter eram divorciados. O velho empresário teatral morava na rua 57, onde dirigia uma escola para atores, e Tennie tinha seu próprio apartamento de dois quartos na 31, que parecia um cenário teatral e estava cheio dos mementos dos triunfos de seu ex-marido. Todos os cartazes eram dominados pelo nome dele,

PONTRITTER
DIRIGE EUGENE O'NEILL, TCHÉKHOV

Embora não fossem mais marido e mulher, eles mantinham ainda um relacionamento. Pontritter levava Tennie para passear em seu Thunderbird. Compareciam a estreias, jantavam juntos. Ela era uma mulher esbelta de cinquenta e cinco anos, um pouquinho mais alta que Pon. Mas ele era robusto, imperioso, havia certa força obstinada e inteligência em seu rosto escuro. Gostava de indumentária espanhola, e quando Herzog o vira pela última vez ele estava vestindo calça branca de algodão grosso com um corte de toureiro e alpargatas. Fios poderosos e isolados de áspero cabelo branco brotavam de sua calva bronzeada. Madeleine tinha herdado seus olhos.

Sem marido. Sem filha, escreveu Herzog. Mas começou de novo: *Cara Tennie, fui ver Simkin a propósito de certo assunto, e ele me disse: "Sua sogra está magoada".*

Simkin, sentado em seu escritório, ocupava uma grande cadeira Sykes, diante de enormes fileiras de livros de Direito. Um homem nasce para ficar órfão, e para deixar órfãos atrás de si, mas uma cadeira como aquela, para quem consegue comprá-la, é um grande consolo. Simkin estava mais deitado do que sentado em sua cadeira. Com suas costas largas e compactas e suas coxas curtas, o rosto peludo e agressivo, as mãozinhas entrelaçadas timidamente na barriga, ele falava com Herzog num tom desconfiado, quase meigo. Chamava-o de "professor", mas sem gozação. Embora Simkin fosse um advogado hábil, muito rico, respeitava Herzog. Tinha um fraco por pessoas de espírito elevado e confusas, por pessoas com impulsos morais, como Moses. Era inevitável! Muito provavelmente ele olhava para Moses e via um angustiado homem pueril, tentando manter a dignidade. Notou o livro sobre o joelho de Herzog, pois Herzog invariavelmente carregava um livro para ler no metrô ou no ônibus. O que era naquele dia, Simmel tratando de religião? Teilhard de Chardin? Whitehead? Fazia anos que eu não conseguia me concentrar devidamente. Seja como for, lá estava Simkin, baixo mas também robusto, olhos adornados por pelos eriçados, olhando para ele. Na conversa, sua voz era muito frágil, meiga,

quase sumida, mas, quando ele respondia ao chamado da secretária e falava ao interfone, ela subitamente se expandia. Disse em voz alta e áspera: "Sim?".

"Sr. Dienstag no telefone."

"Quem? Aquele *schmuck*? Estou esperando aquela declaração. Diga a ele que o querelante vai lhe chutar o saco se ele não entregar logo. É bom que ele faça isso hoje à tarde, aquele *shmegeggy* ridículo!" Amplificados, seus brados eram oceânicos. Então ele desligou e disse a Moses, retomando a brandura: "Ai, ai! Fico tão cansado com esses divórcios. Que situação! Fica cada vez mais enrolada. Dez anos atrás eu achava que conseguia lidar com tudo isso. Achava que eu conhecia o mundo o suficiente — era um realista, um cínico. Mas eu estava errado. É demais para mim. Esse pedicuro *shnook* — que megera ele arrumou para casar. Primeiro ela disse que não queria filhos, depois que sim, que não, que sim. Finalmente, jogou o diafragma na cara dele. Foi ao banco. Tirou trinta mil dólares do dinheiro conjunto que estava no cofre. Disse que ele tentou jogá-la na frente de um carro. Brigou com a mãe dele por um anel, casacos de pele, uma galinha, sabe Deus. E então o marido encontrou cartas de outro sujeito para ela". Simkin coçou com as mãozinhas a cabeça astuta e imponente. Então exibiu seus dentinhos regulares, duros como ferro, como se estivesse prestes a sorrir, mas aquilo era só uma preliminar reflexiva. Deu um suspiro compassivo. "Sabe, professor, Tennie está magoada com o seu silêncio."

"Suponho que sim. Mas não tenho condições de ir lá ainda."

"Um doce de mulher. E que família do barulho! Só estou passando a mensagem adiante, porque ela me pediu."

"Certo."

"Muito decente, a Tennie..."

"Eu sei. Ela tricotou um cachecol para mim. Levou um ano. Recebi pelo correio faz mais ou menos um mês. Devia ter agradecido."

"Sim, por que não? Ela não é inimiga."

Simkin gostava dele; Herzog não duvidava disso. Mas, sendo um realista pragmático, um homem como Simkin tinha que praticar alguns exercícios, e certa dose de malícia o mantinha em forma. Um sujeito como Moses Herzog, levemente tolo ou pouco prático, mas mentalmente ambicioso, um tanto arrogante também, um sujeito mimado, fútil, cuja mulher tinha acabado de ser

roubada dele sob circunstâncias muito engraçadas (muito mais engraçadas que o caso do pedicuro, que fez Simkin juntar as mãozinhas e dar um gritinho de horror simulado) — esse Moses era irresistível para um homem como Simkin, que adorava se compadecer e se divertir ao mesmo tempo. Era um Instrutor de Realidade. Muitos são assim. Eu os faço vir à luz. Himmelstein é outro, mas cruel. É a crueldade que me pega, não o realismo. Claro que Simkin sabia tudo sobre o caso de Madeleine com Valentine Gersbach, e o que ele não sabia seus amigos Pontritter e Tennie lhe contariam.

Tennie tinha levado uma vida boêmia por trinta e cinco anos, seguindo seu marido como se tivesse se casado com um quitandeiro e não com um gênio do teatro, e continuava sendo uma mulher do tipo irmã mais velha e bondosa, com pernas compridas. Mas as pernas se estragaram, e seu cabelo tingido ficou duro e eriçado. Ela usava óculos em forma de borboleta e joias "abstratas".

E se eu fosse visitar você?, perguntou Herzog. *Então eu me sentaria na sua sala e seria simpático enquanto transbordava dos males que sua filha me fez. Os mesmos males que você recebeu de Pontritter e perdoou.* Ela faz a declaração do imposto de renda do velho para que ele tenha restituição. Cuida dos seus registros, lava suas meias. Na última vez, vi as meias dele secando no aquecedor do banheiro dela. E ela tinha me contado o quanto era feliz agora que estava divorciada — livre para seguir seu próprio caminho e desenvolver sua própria personalidade. *Lamento por você, Tennie.*

Mas aquela filha linda e despótica que você tem foi ao seu apartamento com Valentine, não foi?, e mandou você e sua netinha para o zoológico enquanto eles faziam amor na sua cama. Ele com seu efusivo cabelo ruivo, ela com os olhos azuis, embaixo. O que se espera que eu faça agora — que eu vá sentar aí e conversar sobre peças de teatro e restaurantes? Tennie falaria a ele daquele grego na Décima Avenida. Ela já lhe falara dele meia dúzia de vezes. "Um amigo" (Pontritter em pessoa, evidentemente) "me levou para jantar no Marathon. É mesmo tão diferente. Você sabe, os gregos cozinham carne moída e arroz em folhas de uva, com temperos muito interessantes. Qualquer um que quiser pode dançar sozinho. Os gregos são muito desinibidos. Você devia ver aqueles gordos tirar os sapatos e dançar na frente de todo mundo." Tennie falava com um afeto e uma doçura de garotinha, obscuramente amorosa com

ele. Seus dentes eram como os desajeitados dentes permanentes de uma criança de sete anos.

Oh, sim, pensou Herzog. A situação dela é pior que a minha. Divorciada aos cinquenta e cinco, ainda exibindo as pernas, sem se dar conta de que elas agora são esqueléticas. E diabética. E na menopausa. E maltratada pela filha. Se, como autodefesa, Tennie tem também um pouquinho de ruindade, hipocrisia e esperteza, quem pode condená-la por isso? Claro que ela nos deu, ou emprestou — às vezes era um empréstimo, às vezes um presente de casamento — aqueles talheres mexicanos lavrados à mão, e ela os quer de volta. Eis por que ela mandou recado por intermédio de Simkin sobre seus sentimentos magoados. Ela não quer perder sua prata. Não é exatamente uma atitude cínica, tampouco. Ela quer ser amiga, e quer a prata também. É seu tesouro. *Está no cofre, em Pittsfield. Pesado demais para arrastar até Chicago. Vou devolver, claro. Logo, logo.* Nunca consegui manter coisas preciosas — prata, ouro. Comigo, o dinheiro não é um meio. Eu sou o meio do dinheiro. Ele passa através de mim — impostos, seguro, hipoteca, pensão de filho, aluguel, honorários advocatícios. Todo esse trambolho dignificante custa uma nota. Se eu me casasse com Ramona, seria mais fácil, talvez.

O táxi ficou retido no tráfego por caminhões na região das confecções. As máquinas elétricas estrondeavam nos galpões e a rua toda estremecia. Soava como se as roupas estivessem sendo rasgadas, em vez de costuradas. A rua estava imersa, afogada nessas ondas de estrondo. Um negro a atravessou empurrando um carrinho com casacos femininos. Tinha uma linda barba e soprava um trompete de brinquedo dourado. Não dava para ouvi-lo.

Então o trânsito andou e o táxi roncou na marcha baixa e saltou para segunda. "Pelo amor de Deus, vamos sair desta perda de tempo", disse o motorista. Viraram bruscamente na Park Avenue e Herzog agarrou a manivela quebrada da janela. Não abria. Mas, se abrisse, a poeira invadiria o carro. Estavam demolindo e erguendo prédios. A avenida estava repleta de caminhões de concreto, cheirava a areia molhada e cimento cinza. O estrepitoso bate-estaca embaixo e, mais acima, o aço das estruturas, subindo interminavelmente, ávido, em direção ao azul mais fresco e delicado. Vigas cor de laranja pendiam dos guindastes como fiapos de palha. Mas embaixo, na rua, onde os ônibus

expeliam a fumaça venenosa de combustível barato, e os carros se apertavam uns contra os outros, era tudo sufocante e opressivo, o alarido das máquinas e as multidões desesperadamente resolutas — um horror! Ele precisava escapar para o litoral, onde poderia respirar. Devia ter comprado uma passagem de avião. Mas tinha suportado aviões demais no inverno anterior, especialmente na empresa aérea polonesa. Os aparelhos eram antigos. Decolou do aeroporto de Varsóvia no assento da frente de um bimotor LOT, escorando os pés no painel e segurando o chapéu. Não havia cintos de segurança. As asas estavam amassadas, a fuselagem chamuscada. Havia malas postais e engradados deslizando de um lado para o outro na parte de trás. Atravessaram furiosas e retorcidas nuvens de neve sobre brancas florestas da Polônia, campos, abismos, fábricas, rios seguindo seu curso, adentro, afora, adentro, e um terreno de diagramas em branco e marrom.

De todo modo, umas férias deviam começar com uma viagem de trem, como acontecia quando ele era um garoto em Montreal. Toda a família tomava o bonde até a Grand Trunk Station com uma cesta (de madeira frágil, lascada) de peras, maduras demais, uma pechincha arranjada por Jonah Herzog no mercado da Rachel Street, a fruta cheia de manchas, pronta para as vespas, à beira da podridão, mas com um aroma maravilhoso. E dentro do trem, nas gastas cerdas verdes dos assentos, Herzog pai descascava a fruta com sua faca russa de cabo perolado. Descascava, girava e cortava com eficiência europeia. Enquanto isso a locomotiva apitava e os vagões adornados com rebites de ferro começavam a se mover. O sol e as vigas dividiam geometricamente a fuligem. Nos muros das fábricas cresciam ervas escurecidas. Um cheiro de malte vinha das cervejarias.

O trem cruzava o rio St. Lawrence. Moses pisava no pedal e, através do escoadouro manchado da privada, via o rio espumando lá embaixo. Então ficava em pé junto à janelinha. A água brilhava e subia sobre grandes lajes de pedra, girando e fazendo espuma nas corredeiras Lachine, onde se agitava e ribombava. Na outra margem era Caughnawaga, onde os índios viviam em tendas erguidas sobre estacas. Então vinham os campos queimados do verão. As janelas ficavam abertas. O eco do trem vinha de volta da palha como uma voz através de uma barba. A locomotiva semeava cinzas e fuligem sobre as flores cor

de fogo e os talos cabeludos de mato.

Mas isso estava quarenta anos atrás dele. Agora o trem era desenhado para a velocidade, um tubo segmentado de aço brilhante. Não havia peras, nem Willie, nem Shura, nem Helen, nem a mãe. Descendo do táxi, lembrou-se de como a mãe umedecia o lenço na boca e o esfregava no rosto sujo dele. Ele sabia que não tinha nada que ficar recordando isso, e se dirigiu para a Grand Central com seu chapéu de palha. Era da geração madura agora, e a vida era sua para que fizesse alguma coisa dela, se pudesse. Mas ele não tinha esquecido o cheiro da saliva de sua mãe no lenço naquela manhã de verão na baixa e côncava estação canadense, com seu ferro preto e o sublime bronze. Todas as crianças têm bochechas e todas as mães têm cuspe para limpá-las com ternura. Essas coisas têm importância ou não. Depende do universo, o que elas são. Essas lembranças pungentes são provavelmente sintomas de desordem. Para ele, pensar perpetuamente na morte era um pecado. Passe com sua carroça e seu arado por cima dos ossos dos mortos.[a]

Nas multidões da Grand Central Station, Herzog, a despeito de todos os seus esforços para fazer o que era melhor, não conseguia se manter racional. Sentia que tudo escapulia dele no rugido subterrâneo das máquinas, vozes e pés, e nas galerias com luzes que pareciam gotas de óleo na sopa amarela e o aroma forte e sufocante do subsolo de Nova York. Seu colarinho ficou molhado e o suor descia das suas axilas costelas abaixo enquanto ele comprava a passagem, e então ele apanhou um exemplar do *Times* e quase comprou uma barra de chocolate Cadbury's, mas não se permitiu, pensando no dinheiro que tinha gastado nas roupas novas nas quais ele não caberia se comesse carboidratos. Seria uma vitória para o outro time se ele ficasse gordo, papudo, taciturno, de quadris largos e barrigudo, com a respiração pesada. Ramona não iria gostar disso também, e a opinião de Ramona contava consideravelmente. Considerou seriamente a ideia de casar com ela, embora ele agora parecesse estar comprando uma passagem justamente para escapar dela. Mas era por causa dela também que ele estava tão confuso — ao mesmo tempo visionário e aturdido como se sentia agora, febril, deteriorado, furioso, irascível e vacilante. Ia

telefonar para a loja dela, mas seus trocados agora se reduziam a uma moeda de cinco centavos. Teria que trocar uma cédula, e não queria balas nem chicletes. Então pensou em mandar um telegrama para ela e percebeu que pareceria fraco se o fizesse.

Na abafada plataforma da Grand Central ele abriu o massudo *Times* com suas bordas serrilhadas, depois de pousar a valise junto aos pés. As vagonetes elétricas corriam de um lado para o outro com malas postais, e ele contemplava as notícias com um esforço singular. Era uma sopa hostil de letras pretas *CorridespacialberlinKrushevguerracomitêgaláticoRaioXPhouma*. Viu a vinte passos de distância o branco rosto macio e o ar independente de uma mulher com um reluzente chapéu de palha preto bem enfiado na cabeça e olhos que mesmo na penumbra salpicada de luzes intermitentes o atingiram com uma força da qual ela nunca teria consciência. Aqueles olhos talvez fossem azuis, quem sabe verdes, ou mesmo cinza — ele jamais saberia. Mas eram olhos de loba, isso era certo. Expressavam uma espécie de arrogância feminina que exercia um poder sexual imediato sobre ele; Herzog experimentou de novo esse poder naquele exato momento — um rosto redondo, o olhar claro de olhos opacos de loba, um par de pernas imponentes.

Tenho que escrever a tia Zelda, decidiu subitamente. Eles não podem achar que vão escapar assim — me fazer de idiota desse jeito, me tapear. Dobrou o grosso jornal e correu para tomar o trem. A moça dos olhos de loba estava na outra plataforma, que bons ventos a levassem. Ele entrou num trem para New Haven, e a porta avermelhada se fechou com seu mecanismo emperrado de ar comprimido, assobiando. O ar refrigerado ali dentro estava gélido. Ele era o primeiro passageiro e tinha uma porção de assentos à sua escolha.

Sentou numa posição apertada, pressionando a valise contra o peito, sua escrivaninha de viagem, e escrevendo depressa no bloco de anotações de espiral. *Cara Zelda, é claro que você tem que ser leal a sua sobrinha. Sou apenas um forasteiro. Você e Herman diziam que eu era da família. Se fui trouxa o bastante para ser afetado (na minha idade) por esse tipo de lixo familial "sincero", ora, então tive o que mereci. Fiquei lisonjeado com o afeto de Herman, por causa das relações anteriores dele com o submundo. Fui subjugado pelo orgulho feliz de ser considerado "um igual". Isso significava que minha*

desorganizada vida intelectual, na qualidade de pobre soldado da cultura, não tinha arruinado minhas simpatias humanas. Que importava que eu tivesse escrito um livro sobre os românticos? Um político da organização democrática de Cook County, que conhecia as gangues, os homens da roubalheira, os reis da malandragem, a Cosa Nostra, e todos os capangas, ainda me considerava boa companhia, heimisch,[b] *e me levava às corridas de cavalos, aos jogos de hóquei.* Mas Herman está ainda mais à margem do sindicato do que o pobre Herzog do mundo prático, e ambos estavam em casa em um agradável ambiente *heimisch* e apreciavam banho russo e chá e peixe defumado e arenque mais tarde. Com mulheres inquietas conspirando em casa.

Enquanto eu fui um bom marido para a Mady, eu fui uma pessoa maravilhosa. De repente, porque a Madeleine decidiu que queria cair fora — de repente, eu era um cachorro louco. A polícia foi advertida a meu respeito e se falou em me internar numa instituição. Eu sei que o meu amigo e advogado da Mady, Sandor Himmelstein, chamou o dr. Edvig para perguntar a ele se eu estava doido o suficiente para ser mandado para Manteno ou Elgin. Você, como todos os outros, aceitou o que Madeleine disse a respeito do meu estado mental.

Mas você sabia o que ela pretendia — sabia por que ela trocou Ludeyville por Chicago, por que eu tive que encontrar um emprego lá para Valentine Gersbach, sabia que eu fui atrás de uma casa para os Gersbach e arrumei a escola particular do pequeno Ephraim Gersbach. Deve ser muito profundo e primitivo o sentimento que as pessoas — as mulheres — nutrem contra um marido enganado, e agora eu sei que você ajudou a sua sobrinha fazendo com que Herman me levasse para o jogo de hóquei.

Herzog não estava zangado com Herman — não acreditava que ele fizesse parte da conspiração. Os *Blackhawk* versus os *Maple-Leaf*. Tio Herman, brando, decente, esperto, asseado, de mocassins pretos e calça folgada sem cinto, seu chapéu diplomata levantado na frente como um capacete de bombeiro, sua camisa com uma minúscula gárgula no bolso do peito. No rinque os jogadores misturados como zangões — velozes, acolchoados, de amarelo, preto, vermelho, investindo, golpeando, rodopiando sobre o gelo. Por sobre o rinque a fumaça de tabaco pairava como uma nuvem de luz em pó, explosiva. Pelo sistema de som a organização pedia encarecidamente aos espectadores que não

jogassem moedas para prender as lâminas dos patins. Herzog, com olhos inquietos, tentava relaxar na companhia de Herman. Chegou a ganhar uma aposta e levá-lo para comer um *cheesecake* no Fritzel's. Todos os figurões de Chicago estavam lá. E o que tio Herman devia estar pensando? Será que ele também sabia que Madeleine e Gersbach estavam juntos? A despeito do ar-condicionado gelado do vagão de New Haven, Herzog sentia o suor brotar em seu rosto.

Em março passado, quando voltei da Europa, numa crise de nervos, e cheguei a Chicago para ver o que podia ser feito, se é que havia algo que pudesse ser feito, para restaurar um pouco de ordem, eu estava mesmo num estado apalermado. Em parte pode ter sido por conta do clima, e das mudanças de fuso. Era primavera na Itália. Palmeiras na Turquia. Na Galileia, as anêmonas vermelhas em meio às rochas. Mas em Chicago topei com uma nevasca em março. Fui recebido por Gersbach, ainda meu melhor amigo na ocasião, olhando para mim com compaixão. Vestia um casaco de neve, galochas pretas, um cachecol verde vivo, e carregava Junie nos braços. Ele me abraçou. June me beijou no rosto. Fomos para a sala de espera e eu tirei da mala os brinquedos e vestidinhos que tinha comprado, e uma carteira florentina para Valentine e contas de âmbar polonesas para Phoebe Gersbach. Como tinha passado da hora de June ir para a cama e a neve estava caindo mais pesada, Gersbach me levou ao Surf Motel. Disse que não conseguira reservar um quarto para mim no Windermere, mais perto da casa, a dez minutos de caminhada. Pela manhã, haviam caído mais de vinte centímetros de neve. O lago se expandia, iluminado pela neve branca, até um horizonte próximo de cinza tempestuoso. Telefonei a Madeleine, mas ela desligou na minha cara; a Gersbach, mas ele não estava em seu escritório; ao dr. Edvig, mas ele só pôde me marcar uma consulta para o dia seguinte. Sua própria família, a irmã, a madrasta, Herzog evitou. Foi visitar tia Zelda.

Não havia táxis naquele dia. Andou de ônibus, congelando ao fazer baldeação com seu casaco de lã e seus mocassins de sola fina. Os Umschand moravam num novo subúrbio, para lá do fim do mundo, depois de Palos Park, na beira da reserva florestal. A nevasca tinha cessado quando ele chegou lá, mas o vento era cortante e bolotas de neve caíam dos galhos. Uma camada de gelo

cobria as vitrines das lojas. Na loja de conveniências Herzog, que não era muito de beber, comprou uma garrafa de Guckenheimer de 43º de teor alcoólico. Era de manhã ainda, mas seu sangue estava gelado. Assim, ele falou com tia Zelda exalando um bafo de uísque.

"Vou esquentar o café. Você deve estar congelado", disse ela.

Na cozinha suburbana de esmalte e cobre, as modeladas e brancas formas femininas surgiam de todos os lados. A geladeira, como se tivesse um coração, e o fogão com chamas violeta sob a panela. Zelda tinha se maquiado e vestia uma folgada calça dourada e chinelos de sola de plástico — transparentes. Sentaram. Olhando através do tampo de vidro da mesa, Herzog podia ver que as mãos dela estavam apertadas entre os joelhos. Quando ele começou a falar, ela baixou os olhos. Tinha uma tez de loura, mas as pálpebras eram mais escuras, mais quentes, mais marrons, descoloridas mas com uma grossa linha azul traçada em cada uma delas por um lápis cosmético. Seu olhar baixo, Moses de início tomou como concordância ou compreensão; mas se deu conta de seu erro quando observou o nariz dela. Este estava cheio de desconfiança. Pelo modo como o nariz se movia, Moses percebeu que ela rejeitava tudo o que ele estava dizendo. Mas ele sabia que era exagerado — pior, que estava temporariamente perturbado. Tentou retomar o controle de si mesmo. Meio desabotoado, de olhos vermelhos, barba por fazer, seu aspecto era deplorável. Indecente. Estava contando a Zelda seu lado da história. "Eu sei que ela virou você contra mim — envenenou sua mente, Zelda."

"Não, ela respeita você. Acabou o amor dela por você, só isso. As mulheres deixam de amar."

"Amar? Madeleine me amava? Você sabe que isso não passa de bobagem de classe média."

"Ela era louca por você. Eu sei que ela já adorou você, Moses."

"Não, não! Não tente me convencer assim. Você sabe que não é verdade. Ela é doente. É uma mulher enferma — eu cuidei dela."

"Admito que cuidou", disse Zelda. "O que é verdade deve ser dito. Mas que doença..."

"Ah!", disse Herzog asperamente. "Então você ama a verdade!"

Ele detectava a influência de Madeleine naquilo; ela estava o tempo todo

falando sobre a verdade. Não suportava a mentira. Nada era capaz de despertar a fúria de Madeleine tão depressa quanto uma mentira. E agora ela tinha colocado Zelda no mesmo padrão — Zelda, com seu cabelo tingido, mais seco que palha, e as linhas púrpura das pálpebras, aquelas lagartas — Oh!, pensou Herzog no trem, as coisas que as mulheres infligem a sua própria carne. E nós temos que acompanhar, temos que olhar, ouvir, prestar atenção, assimilar. E agora Zelda, com seu rosto um pouco enrugado, suas macias e poderosas narinas dilatadas de suspeita, e fascinada com o estado dele (havia agora realidade em Herzog, algo que não era visto quando ele era afável), estava lhe dando uma lição a respeito da verdade.

"Sempre estive no mesmo nível que você, não é mesmo?", disse ela. "Não sou só mais uma *hausfrau*[c] suburbana."

"Você diz isso porque Herman diz que conhece Luigi Boscolla, o gângster?"

"Não faça de conta que não está me entendendo..."

Herzog não tinha a intenção de ofendê-la. Subitamente estava claro o que a fazia falar daquele jeito. Madeleine convencera Zelda de que também ela era excepcional. Qualquer um que se aproximasse de Madeleine, qualquer um que fosse puxado para dentro do drama da sua vida se tornava excepcional, profundamente dotado, brilhante. Isso tinha acontecido também com ele. Ao ser descartado da vida de Madeleine, mandado de volta às trevas, ele se tornara de novo um espectador. Mas via que tia Zelda estava inspirada por uma nova percepção de si mesma. Herzog invejava nela até mesmo essa proximidade com Madeleine.

"Bem, eu sei que você não é como as outras esposas que andam por aí..."

Sua cozinha é diferente, suas lâmpadas italianas, seus tapetes, sua mobília rústica francesa, sua Westinghouse, sua pele de marta, seu clube de campo, seu *kit* de paralisia cerebral, tudo isso é diferente.

Tenho certeza de que você foi sincera. Não insincera. A verdadeira insinceridade é difícil de achar.

"Madeleine e eu sempre fomos assim como irmãs", disse Zelda. "Eu a amaria não importa o que ela fizesse. Mas fico feliz em dizer que ela tem sido maravilhosa, uma pessoa séria."

"Besteira!"

"Tão séria quanto você."

"Devolvendo um marido como uma travessa de bolo ou uma toalha de banho na Field's."

"Não deu certo. Você tem seus defeitos também. Estou certa de que não vai negar."

"Como poderia?"

"Arrogante, melancólico. Você rumina um bocado."

"Não deixa de ser verdade."

"Muito exigente. Tem que ser tudo do seu jeito. Ela diz que você a exauria, demandando ajuda, apoio."

"Tudo isso está certo. E mais. Sou impaciente, irascível, mimado. E o que mais?"

"Tem sido inconsequente com relação às mulheres."

"Desde que Madeleine me dispensou, talvez. Tentando recuperar meu respeito próprio."

"Não, estou dizendo enquanto vocês ainda eram casados." A boca de Zelda se contraiu.

Herzog se sentiu enrubescer. Uma pressão espessa, quente, doentia encheu seu peito. Seu coração baqueou e sua testa ficou instantaneamente molhada.

Ele murmurou: "Ela me tratou bem mal também. Sexualmente".

"Bem, sendo mais velho... Mas isso são águas passadas", disse Zelda. "Seu grande erro foi se enterrar no campo para poder terminar aquele seu projeto — aquele seu estudo de... como chama mesmo? Você nunca deu cabo daquilo, deu?"

"Não", disse Herzog.

"Então, do que se tratava mesmo?"

Herzog tentou explicar do que se tratava — que seu estudo deveria supostamente desembocar num novo ângulo de abordagem da condição moderna, mostrando como a vida podia ser vivida mediante a renovação de conexões universais; subvertendo o último dos erros românticos a respeito do caráter único do Eu; revisando a velha ideologia ocidental, faustiana; investigando o significado social do Nada. E mais. Mas ele se conteve, porque ela não estava entendendo, e isso a ofendia, especialmente porque ela achava

que não era uma *hausfrau* qualquer. Ela disse: "Parece muito grandioso. Claro que deve ser importante. Mas não é esse o ponto. Você foi tolo de se enterrar junto com ela, uma mulher jovem, nos Berkshires, sem ninguém com quem conversar".

"Com exceção de Valentine Gersbach, e Phoebe."

"Isso mesmo. Isso foi ruim. Especialmente nos invernos. Você devia ter tido mais perspicácia. Aquela casa a transformou numa prisioneira. Devia ser deprimente para ela lavar louça e cozinhar, e manter o bebê quieto, caso contrário você fazia a casa cair, segundo ela me contou. Você não era capaz de pensar quando June estava chorando, e então saía abruptamente da sua sala, aos berros."

"É, eu fui estúpido — um cabeça-dura. Mas esse era um dos problemas em que eu estava trabalhando, veja, as pessoas podem ser livres agora, mas a liberdade não tem conteúdo algum. É como um vazio uivante. Madeleine compartilhava meus interesses, eu achava — é uma pessoa estudiosa."

"Ela diz que você era um ditador, um tirano de marca maior. Que você a intimidava."

Eu dou mesmo a impressão de ser uma espécie de monarca decaído, ele estava pensando, como meu velho, o imigrante principesco e fabricante inepto de bebidas clandestinas. E a vida era muito ruim em Ludeyville — terrível, a bem da verdade. Mas não tínhamos comprado a casa porque ela quis, não tínhamos saído de lá quando ela quis? E eu não tinha tomado as providências, até mesmo para os Gersbach, de modo que pudéssemos todos deixar os Berkshires juntos?

"De que mais ela se queixou?", perguntou Herzog.

Zelda o avaliou por um momento, como se quisesse ver se ele era forte o suficiente para assimilar aquilo, e disse: "De que você era egoísta".

Ah, isso! Ele entendeu. A ejaculação precoce! Sua expressão ficou atormentada, seu coração começou a martelar, e ele disse: "Houve problemas por um tempo. Mas não nos últimos dois anos. E quase nunca aconteceu com outras mulheres". Eram explicações humilhantes. Zelda não tinha que acreditar nelas, e isso fazia dele o queixoso, colocando-o numa horrível desvantagem. Não podia convidá-la a subir com ele ao quarto para uma demonstração, ou

apresentar declarações escritas de Wanda ou de Zinka. (Rememorando, no trem ainda parado, a afoiteza contrafeita e irritada daquelas tentativas de explicação, foi obrigado a rir. Um sorriso amarelo passou por seu rosto.) Que trapaceiras elas eram — Madeleine, Zelda... outras. Certas mulheres não se importavam com o quanto elas nos causavam mal. Uma garota, na visão de Zelda, tinha o direito de esperar do marido satisfação erótica todas as noites, proteção, dinheiro, seguro de vida, peles, joias, faxineiras, cortinas, vestidos, chapéus, clubes noturnos, clubes de campo, automóveis, teatro!

"Nenhum homem é capaz de satisfazer uma mulher que não o quer", disse Herzog.

"Bem, não é essa a sua resposta?"

Moses começou a falar, mas sentiu que iria fazer outro protesto tolo. Seu rosto voltou a empalidecer e ele ficou de boca fechada. Sentia uma dor horrível. Doía tanto que ele já tinha passado muito do ponto de se vangloriar de seu poder de suportar o sofrimento, como fizera em outros tempos. Ficou sentado em silêncio e ouviu a secadora de roupas centrifugando no andar de baixo.

"Moses", disse Zelda, "quero que você tenha certeza de uma coisa."

"De quê?"

"Da *nossa* relação." Ele já não estava mais olhando para as pálpebras pintadas dela, mas para dentro de seus olhos, brilhantes e castanhos. As narinas dela estavam ligeiramente tensionadas. Ela lhe mostrava um rosto solidário. "Continuamos amigos", disse.

"Bem...", disse Moses. "Gosto de Herman. De você."

"Eu *sou* sua amiga. E sou uma pessoa sincera."

Ele viu seu reflexo na janela do trem e ouviu suas próprias palavras com clareza. "Acho que você é honesta."

"Você acredita em mim, não acredita?"

"Quero acreditar, naturalmente."

"Deveria mesmo. Dou muito valor aos seus interesses também. Ajudo a cuidar da pequena June."

"Sou grato por isso."

"Mas Madeleine é uma boa mãe. E você não precisa se preocupar. Ela não sai por aí com homens. Eles telefonam para ela o tempo todo, correndo atrás.

Bem... ela é uma beleza, e um tipo muito raro também, por ser tão brilhante. Aqui em Hyde Park, tão logo todo mundo ficou a par do divórcio, você ficaria surpreso em saber quem foram os sujeitos que ligaram para ela."

"Bons amigos meus, você quer dizer."

"Se ela fosse uma inconsequente, teria uma porção de homens à sua escolha. Mas você sabe como ela é séria. Seja como for, pessoas como Moses Herzog não nascem em qualquer canto, tampouco. Com a sua inteligência e o seu charme, você não será facilmente substituído. Seja como for, ela está sempre em casa. Está repensando tudo — sua vida inteira. E não existe outra pessoa. Você sabe que pode acreditar em mim."

Claro que, se você me considerava perigoso, era seu dever mentir. E eu sei que minha aparência era ruim, meu rosto inchado, os olhos vermelhos e selvagens. *A falsidade feminina, porém, é um tema profundo. A excitação do engodo. Cumplicidade sexual, conspiração. Fazer parte da coisa. Eu vi você importunar Herman para conseguir um segundo carro, e sei como você é capaz de fazer manha! Você achou que eu poderia matar Mady e Valentine. Mas, quando descobri, por que não fui à casa de penhores comprar uma arma? Mais simples ainda: meu pai deixou um revólver em sua escrivaninha. Ainda está lá. Mas não sou um criminoso, não tenho isso em mim; só sou assustador para mim mesmo, isso sim. De todo modo, Zelda, vejo que você sente um tremendo prazer, uma excitação dupla, ao mentir com seu coração transbordante*.

De repente o trem deixou a plataforma e entrou no túnel. Temporariamente no escuro, Herzog segurou sua caneta no ar. As paredes gotejantes passaram suavemente. Em nichos empoeirados luziam lâmpadas. Sem religião. Então veio uma longa rampa e o trem emergiu do subsolo e deslizou sob a luz súbita no aterro acima dos cortiços, na parte mais elevada da Park Avenue. Na altura da rua Noventa leste, um hidrante aberto esguichava água e crianças de roupas grudadas no corpo gritavam e saltitavam. Vinha agora o Harlem hispânico, pesado, escuro e quente, com Queens à distância, mais à direita, um documento espesso de tijolos, velado na poeira da atmosfera.

Herzog escreveu: *Nunca vou entender o que querem as mulheres. O que elas querem? Elas comem salada verde e bebem sangue humano*.

Sobre o Canal de Long Island o ar ficou mais claro. Aos poucos foi ficando

muito puro. A água estava lisa e tranquila, de um azul-claro, a relva brilhante, salpicada de flores selvagens — uma porção de arbustos de murta em meio às pedras, e morangos silvestres florescendo.

Agora eu sei toda a verdade engraçada, sórdida e pervertida a respeito de Madeleine. Muito para pensar. Agora ele tinha terminado.

Mas, na mesma alta velocidade, Herzog se lançou em outra rota, escrevendo a um velho amigo de Chicago, Lucas Asphalter, um zoólogo da universidade. *O que deu em você? Leio com frequência artigos de "interesse humano", mas nunca esperei que fossem sobre meus amigos. Pode imaginar como me abalou ver seu nome no* Post. *Você ficou louco? Eu sei que você adorava aquele seu macaco, e sinto muito pela morte dele. Mas você devia saber que não era uma boa ideia tentar reanimá-lo com respiração boca a boca. Especialmente porque Rocco morreu de tuberculose e devia estar fervilhando de bactérias.* Asphalter era estranhamente apegado a seus animais. Herzog suspeitava que ele tendia a humanizá-los. Aquele seu macaco, Rocco, não era uma criatura divertida, e sim teimosa e mal-humorada, com uma cor triste, como um carrancudo velho tio judeu. Mas claro que, se estava morrendo lentamente de tuberculose, não podia mesmo ter uma aparência muito otimista. Asphalter, ele próprio tão animado e indiferente às questões práticas, uma espécie de acadêmico marginal sem seu título de doutor, ensinava anatomia comparativa. Com sapatos de sola grossa de borracha, vestia um guarda-pó manchado; tinha perdido os cabelos, e a juventude também, pobre Luke. A súbita queda dos cabelos o tinha deixado apenas com um tufo na frente, e tornava proeminentes seus belos olhos e suas sobrancelhas arqueadas, e mais peludas e escuras suas narinas. Espero que ele não tenha engolido os bacilos de Rocco. Há uma nova linhagem, mais mortífera, à solta, dizem, e a tuberculose está voltando. Asphalter era um solteirão de quarenta e cinco anos. Seu pai tinha sido dono de um albergue na Madison Street. Em sua juventude, Moses tinha ido lá com frequência, em visita. E, embora não tenham sido amigos próximos durante um intervalo de uns dez ou quinze anos, ele e Asphalter tinham descoberto, subitamente, que possuíam muita coisa em comum. Na verdade, tinha sido por Asphalter que ele

ficara sabendo o que Madeleine estava tramando, e o papel que Gersbach vinha desempenhando na vida dele.

"Odeio lhe dizer isso, Moses", disse Asphalter, em sua sala, "mas você está envolvido com uma gente muito maluca."

Isso foi dois dias depois da nevasca de março. Mas ninguém diria que naquela mesma semana tinha feito um inverno feroz. A janela estava aberta de par em par para o campus da universidade. Todos os choupos encardidos tinham desabrochado para a vida, fazendo amentilhos vermelhos saírem das cascas. Estes se agitavam ao vento por toda parte, perfumando o pátio cinza com sua luz confinada. Rocco, com seus olhos doentes, estava sentado em sua própria cadeira de palha, com sua expressão embotada, seu casaco da cor de cebolas cozidas.

"Não suporto ver você se derrubar assim", disse Asphalter. "Acho melhor lhe contar. Temos uma assistente de laboratório aqui que cuida da sua garotinha, como baby-sitter, e ela andou me contando sobre sua mulher."

"Contando o quê?"

"Ela e Valentine Gersbach. Ele está sempre lá, na Harper Avenue."

"Claro. Estou sabendo. É a única pessoa confiável no cenário. Confio nele. Tem sido um tremendo amigão."

"Sim, eu sei — eu sei, eu sei", disse Asphalter. Seu rosto pálido e redondo era coberto de sardas e seus olhos eram grandes, fluidos, escuros e, por causa de Moses, estavam tristes ao seu modo sonhador. "Eu sei, com certeza. Valentine foi uma aquisição e tanto para a vida social de Hyde Park, ou o que restou dela. Como é que conseguíamos nos virar sem ele? Ele é tão expansivo — tão ruidoso, com aquelas imitações de escocês e de japonês, e aquela voz áspera. Abafa qualquer conversa. Cheio de vida! Oh, sim, ele é cheio de vida! E, pelo fato de você tê-lo trazido para cá, todo mundo acha que ele é seu camarada especial. Ele mesmo diz isso. Só que..."

"Só que o quê?"

Tenso e imóvel, Asphalter perguntou: "Você não sabe?". Ficou muito pálido.

"O que eu deveria saber?"

"Dei como certo, já que sua inteligência é tão elevada — muito acima da média —, que você sabia ou suspeitava de alguma coisa."

Algo medonho estava prestes a descer sobre ele. Herzog se encheu de coragem.

"Madeleine, você quer dizer? Compreendo, claro, que logo, logo, por ser ainda uma mulher jovem, ela deve... ela vai."

"Não, não", disse Asphalter. "Não logo, logo." Despejou de uma vez: "Já está acontecendo".

"Quem!", disse Herzog. Todo o seu sangue subiu à cabeça, para refluir logo em seguida, com a mesma velocidade e o mesmo ímpeto. "Você está querendo dizer Gersbach?"

"Isso mesmo." Asphalter agora não tinha controle algum sobre os nervos do rosto; este tinha ficado mole de dor. Sua boca parecia rachada, com rugas pretas.

Herzog começou a gritar: "Você não pode falar assim! Não pode dizer isso!". Encarou Lucas, ultrajado. Um sentimento obscuro, sufocante e doentio baixou sobre ele. Seu corpo parecia encolher, subitamente desidratado, vazio, entorpecido. Quase perdeu os sentidos.

"Desabotoe o colarinho", disse Asphalter. "Meu Deus, você não está desmaiando, está?" Começou a empurrar a cabeça de Herzog para baixo. "Entre os joelhos", disse.

"Pare com isso", disse Moses, mas sua cabeça estava quente e úmida e ele se sentou curvado enquanto Asphalter lhe prestava os primeiros socorros.

O tempo todo o grande macaco marrom, de braços cruzados diante do peito e olhos vermelhos e secos, assistia a tudo, disseminando silenciosamente sua severidade. A morte, pensou Herzog. A morte de verdade. O animal estava morrendo.

"Está melhor?", perguntou Asphalter.

"Só abra uma janela. Estes prédios da zoologia fedem."

"A janela está aberta. Aqui, beba um pouco de água." Estendeu a Moses um copo de papel. "Tome um destes. Tome este primeiro, e depois o branco e verde. Prozine. Não consigo tirar o algodão de dentro do vidro. *Minhas* mãos estão tremendo."

Herzog recusou os comprimidos. "Luke... É verdade mesmo, isso de Madeleine e Gersbach?", disse.

Muito nervoso, pálido, afetuoso, olhando para ele com seus olhos escuros, seu rosto sardento, Asphalter disse: "Meu Deus! Você acha que eu iria inventar uma coisa dessas? Provavelmente não tive muito tato. Pensei que você já devia ter pelo menos ideia... Mas é a pura verdade". Asphalter com seu guarda-pó manchado expressava tudo a ele com um complicado gesto de desamparo — entrego tudo nas suas mãos, era o que o gesto dizia. Sua respiração era difícil. "Você não sabia de *nada*?"

"Não."

"Mas não faz sentido? As coisas não se encaixam agora?"

Herzog apoiou seu peso na escrivaninha, entrelaçando os dedos com força. Fitou os amentilhos balançantes, avermelhados e roxos. Não arrebentar, não morrer — manter-se vivo, era tudo o que ele podia esperar. "Quem lhe contou?", perguntou.

"Geraldine."

"Quem?"

"Gerry — Geraldine Portnoy. Pensei que você a conhecesse. A moça que toma conta da Mady. Está ali embaixo, no laboratório de anatomia."

"O que..."

"Anatomia humana, na Escola de Medicina, virando a esquina. Eu saio com ela. Na verdade, você a conhece, ela estava numa das suas aulas. Quer falar com ela?"

"Não", disse Herzog, com violência.

"Bom, ela escreveu uma carta para você. Entregou-a a mim e deixou nas minhas mãos a decisão de passá-la a você ou não."

"Não estou em condições de ler agora."

"Leve-a", disse Asphalter. "Você pode querer ler mais tarde."

Herzog enfiou o envelope no bolso.

Agora se perguntava, sentado no assento de pelúcia do trem, segurando sua escrivaninha-valise e deixando o estado de Nova York a cento e dez quilômetros por hora, por que não tinha chorado na sala de Asphalter. Era capaz de cair no choro com bastante facilidade, e não se sentia inibido com Asphalter, eram amigos tão antigos, com uma vida tão semelhante — sua formação, seus hábitos, seu temperamento. Mas, quando Asphalter levantou a tampa,

revelando a verdade, algo de ruim foi liberado naquela sala com vista para o campus; como um cheiro, ardente e rude; ou um estranho fato humano, quase palpável. Lágrimas não eram relevantes. A causa era perversa demais, bizarra demais para todos os envolvidos. E, além disso, o próprio Gersbach era um chorão frequente, de eminente força emocional. A lágrima cálida estava com frequência em seu magnânimo olho rubro-castanho. Não muitos dias antes, quando Herzog pousou no aeroporto O'Hare e abraçou sua filhinha, Gersbach estava lá, uma figura robusta, vigorosa, com lágrimas de compaixão nos olhos. Evidentemente, pensou Moses, ele está escrotamente chorando por mim, também. Às vezes me repugna ter um rosto, um nariz, lábios, porque ele também tem.

Sim, a sombra da morte tinha baixado sobre Rocco naquela ocasião.

"Superdesagradável", disse Asphalter. Fumou um pouco e jogou fora o cigarro. O cinzeiro estava cheio de tocos compridos — ele desperdiçava dois ou três maços por dia. "Vamos tomar alguma coisa. Vamos todos jantar esta noite. Vou levar Geraldine ao Beachcomber, na zona norte. Você vai poder avaliá-la por conta própria."

Agora Herzog era obrigado a levar em consideração certos fatos estranhos acerca de Asphalter. É possível que eu o tenha influenciado, que a minha emotividade tenha sido transmitida para ele. Ele se afeiçoara àquele Rocco peludo e meditativo. De que outro modo se poderia explicar aquela agitação — erguer Rocco nos braços e abrir à força seus lábios, respirando boca a boca? Suspeito que Luke tenha tomado um caminho muito ruim. Tenho que tentar pensar nele como ele é — com a estranheza e tudo mais.

Seria bom você fazer o teste da tuberculina. Eu não tinha ideia de que você... Herzog se interrompeu. Um garçom do vagão-restaurante tocou o sino chamando para o almoço, mas Herzog não tinha tempo para comer. Estava prestes a começar outra carta.

Caro professor Byzhkovski, sou grato por sua cortesia em Varsóvia. Devido ao meu estado de saúde, nosso encontro deve ter sido insatisfatório para o senhor. Fiquei sentado em seu apartamento fazendo chapéus e barcos com as páginas do *Trybuna Ludu* enquanto ele tentava manter uma conversa. O professor — aquele homem alto e vigoroso de traje de caça cor de areia, composto de calça

folgada presa no joelho e paletó Norfolk — deve ter ficado pasmo. Estou convencido de que ele tem uma boa índole. Seus olhos são do tipo bom. Um rosto gordo, mas bem formado, pensativo e viril. Eu seguia dobrando os chapeuzinhos de papel — devia estar pensando nas crianças. Madame Byzhkovski perguntou se eu queria geleia no meu chá, curvando-se hospitaleiramente. A mobília era polida e refinada, de uma época centro-europeia desaparecida — mas esta época atual está desaparecendo também, e talvez mais depressa do que todas as outras. *Espero que me perdoe. Tenho agora a oportunidade de ler seu estudo da ocupação americana da Alemanha Ocidental. Muitos dos fatos são desagradáveis.* Mas nunca fui consultado pelo presidente Truman, nem pelo sr. McCloy. *Devo confessar que não examinei a questão alemã tão de perto quanto deveria. Nenhum dos governos é confiável, na minha opinião. Há também uma questão alemã-oriental que nem sequer foi tocada na sua monografia.*

Perambulei em Hamburgo pela zona de prostituição. Isto é, disseram-me que eu devia conhecê-la. Algumas das putas, em lingerie de rendas pretas, calçavam botas militares alemãs e batiam na vidraça com chicotes de equitação para chamar a atenção da gente. Piranhas de tez avermelhada, chamando e sorrindo com malícia. Um dia triste, sem alegria.

Caro senhor, escreveu Herzog. *O senhor tem sido muito paciente com os vagabundos do Bowery que entram na sua igreja, bêbados de cair, defecam nos bancos, quebram garrafas nas lápides e cometem todo tipo de transtornos. Eu sugeriria que, já que se pode ver a Wall Street da porta da sua igreja, o senhor preparasse um panfleto para explicar que o Bowery dá um significado adicional a ela. O beco dos vagabundos é a instituição contrastante, portanto necessária. Faça-os lembrar de Lázaro e do rico avarento. Por causa de Lázaro, o rico avarento sofre uma dose a mais, um bônus, nas penas que paga no inferno por sua vida de luxos.* Não, não acredito que o rico avarento esteja tendo um castigo tão grande. E, se ele quer se libertar, a condenação do beco dos vagabundos o aguarda. Se houvesse uma pobreza bonita, uma pobreza digna na América, isso seria subversivo. Portanto, ela tem que ser feia. Portanto, os vagabundos de rua estão trabalhando para Wall Street — confessores do nome de Cristo. Mas o reverendo Beasley, de onde ele tira sua grana?

Pensamos muito pouco nisso.

Escreveu então: *Departamento de Crédito, Marshall Field & Co. Não sou mais responsável pelos débitos de Madeleine P. Herzog. Pois em 10 de março deixamos de ser marido e mulher. Portanto, não me enviem mais contas — a última me deixou atordoado: mais de quatrocentos dólares. Referentes a compras feitas depois da separação. Evidentemente eu deveria ter escrito antes — para o que se chama de centro nervoso do crédito —* Existe uma coisa assim? Onde a gente a encontra? *— mas perdi temporariamente o eixo.*

Caro professor Hoyle, acho que não entendi como funciona a Teoria do Poro de Ouro. Como os metais mais pesados — ferro, níquel — chegam ao centro da Terra, acho que consigo ver. Mas e quanto à concentração de metais mais leves? Além disso, em sua explicação da formação de planetas menores, incluindo a nossa trágica Terra, *o senhor fala de materiais adesivos que fundem os aglomerados de matéria precipitada...*

As rodas dos vagões estrepitavam embaixo. Bosques e pastagens que subiam e desciam, os trilhos de vias secundárias cobertas de ferrugem, os fios elétricos apostando corrida, e à direita o azul do canal, mais profundo, mais forte do que antes. Depois as carapaças laqueadas dos vagões de baldeação, e os corpos empilhados de carros destruídos, as formas de velhos moinhos da Nova Inglaterra com janelinhas estreitas e austeras; aldeias, conventos; barcos rebocadores deslizando no tecido túrgido das águas; e em seguida as plantações de pinheiros, as agulhas no chão de uma cor avermelhada revigorante. Então, pensou Herzog, reconhecendo que sua imaginação do universo era elementar, as estrelas novas pulsando e os mundos ganhando existência, os invisíveis eixos magnéticos por meio dos quais os corpos mantinham uns aos outros em órbita. Os astrônomos faziam tudo soar como se os gases fossem agitados dentro de um frasco. E então, depois de muitos bilhões de anos, de anos-luz, aquela criatura pueril mas nada inocente, um chapéu de palha na cabeça e um coração no peito, em parte pura, em parte viciosa, que tentaria formar sua própria imagem trêmula dessa grandiosa teia.

Caro dr. Bhave, começou de novo, *li sobre seu trabalho no* Observer *e na época pensei que gostaria de aderir ao seu movimento. Sempre desejei levar uma vida digna, útil e ativa. Nunca soube por onde começar. O sujeito não pode se*

tornar utópico. Isso só torna mais difícil descobrir onde reside de fato o seu dever. Convencer os proprietários de grandes terras a ceder uma parte delas a camponeses empobrecidos, no entanto... Aqueles homens escuros andando descalços pela Índia. Em sua visão, Herzog deparava os olhos brilhantes deles, e a luz do espírito em seu interior. Você deve começar por injustiças que são óbvias a todo mundo, não por grandes perspectivas históricas. *Recentemente, vi* Pather Panchali.[d] *Suponho que você conheça, já que o tema é a Índia rural. Duas coisas me afetaram enormemente — a velha encarquilhada comendo a papa com os dedos e mais tarde indo ao mato para morrer; e a morte da menina na estação das chuvas.* Herzog, quase sozinho no cine Playhouse da Quinta Avenida, chorou junto com a mãe da criança quando a histérica música fúnebre começou. Algum músico com uma trombeta nativa, imitando soluços, fazendo um ruído de morte. Estava chovendo também em Nova York, assim como na Índia rural. Seu coração estava doendo. Também ele tinha uma filha, e a mãe dele também tinha sido uma mulher pobre. Ele dormira sobre lençóis feitos de sacos de farinha. O melhor tipo para esse fim era os da Ceresota.

O que ele vagamente planejava era oferecer sua casa e seu terreno em Ludeyville para o movimento Bhave. Mas o que Bhave poderia fazer com aquilo? Mandar hindus para os Berkshires? Não seria justo para eles. De todo modo, havia uma hipoteca. Uma doação poderia ser feita na base do que chamam de "domínio pleno de bens herdados", e para isso eu teria que levantar mais oito mil dólares, e a Receita não me daria dedução alguma sobre isso. Caridade com estrangeiros provavelmente não conta. Bhave é que estaria lhe fazendo um favor. Aquela casa era um de seus maiores erros. Tinha sido comprada num sonho de felicidade, uma velha ruína mas com enormes possibilidades — grandes árvores antigas, jardins simétricos que ele poderia restaurar em seu tempo livre. O lugar tinha ficado abandonado durante anos. Caçadores de patos e casais de amantes às vezes o invadiam e usavam; e quando Herzog colocou placas na propriedade os amantes e os caçadores fizeram piada dele. Alguém entrou à noite e deixou um absorvente feminino usado num prato coberto sobre sua escrivaninha, onde ele mantinha pilhas de anotações para seus estudos do romantismo. Aquela era a sua recepção pelos nativos. Um lampejo de auto-humor passou por seu rosto enquanto o trem faiscava através

de campinas e pinheiros ensolarados. Suponhamos que eu tivesse aceitado o desafio. Eu podia ser Moses, o velho judeu de Ludeyville, com uma barba branca, cortando a grama sob o varal de roupas com meu arcaico cortador de rodinhas. Comendo marmotas.

Escreveu a seu primo Asher, em Beersheba: *Mencionei uma velha fotografia de seu pai com seu uniforme czarista. Pedi a minha irmã Helen que a procurasse.* Asher servira no Exército Vermelho e fora ferido. Era agora um soldador elétrico, um homem taciturno de dentes fortes. Foi com Moses visitar o Mar Morto. Fazia um calor sufocante. Sentaram-se na entrada de uma mina de sal para se refrescar. Asher disse: "Você não tem uma foto do meu pai?".

Caro sr. presidente, escutei sua recente mensagem otimista no rádio e pensei que, no que diz respeito aos impostos, não há muita justificativa para tal otimismo. A nova legislação é altamente discriminatória e muitos acreditam que ela só vai agravar os problemas de desemprego ao acelerar a automação. Isso significa que mais gangues adolescentes vão dominar as ruas subpoliciadas das grandes cidades. Pressões populacionais, a questão racial...

Caro doktor professor Heidegger, eu gostaria de saber o que o senhor quer dizer com a expressão "a queda no cotidiano". Quando ocorreu essa queda? Onde estávamos quando ela aconteceu?

Sr. Emmett Strawforth, Serviço Público de Saúde dos Estados Unidos, escreveu. *Caro Emmett, vi você na televisão fazendo um tremendo papel de bobo. Já que estudamos juntos na faculdade (M. E. Herzog '38), eu me sinto livre para lhe dizer o que penso da sua filosofia.*

Herzog riscou isso e reendereçou sua carta para o *New York Times*. *Mais uma vez um cientista do governo, dr. Emmett Strawforth, veio a público com a Filosofia do Risco na controvérsia sobre partículas radioativas, à qual agora se acrescentou o problema dos pesticidas químicos, da contaminação dos lençóis freáticos etc. Estou tão profundamente preocupado com o raciocínio social e ético dos cientistas quanto com essas outras formas de envenenamento. O dr. Strawforth sobre Rachel Carson, o dr. Teller sobre os efeitos genéticos da radioatividade. Recentemente o dr. Teller argumentou que a nova moda das calças justas, ao elevar a temperatura dos corpos, poderia afetar mais as gônadas que as partículas radioativas. Pessoas muito respeitadas em sua geração muitas*

vezes se revelam perigosos lunáticos. Tomemos por exemplo o general de divisão Haig. Ele afogou centenas de milhares de homens nos poços de lama de Flandres. Lloyd George foi obrigado a autorizar isso porque Haig era um líder muito importante e respeitado. Tais pessoas simplesmente têm que ter permissão para fazer suas coisas. Como é paradoxal que um homem que usa heroína possa ser condenado a uma pena de vinte anos pelo que faz a si próprio... Eles vão entender o que quero dizer.

O dr. Strawforth diz que precisamos adotar sua Filosofia do Risco no que se refere à radioatividade. Desde Hiroshima (e o sr. Truman chama as pessoas de corações moles quando elas questionam sua decisão sobre Hiroshima), a vida nos países civilizados (já que eles sobrevivem mediante um equilíbrio de terror) se fundamenta num alicerce de risco. Assim argumenta o dr. Strawforth. Mas aí ele compara a vida humana ao capital de risco nos negócios. Que ideia! O grande capital não corre risco algum, como mostrou a recente investigação sobre os estoques. Eu gostaria de chamar sua atenção para uma das profecias de Tocqueville. Ele acreditava que as democracias modernas iriam produzir menos crime e mais vícios privados. Talvez ele devesse ter dito menos crime privado, mais crime coletivo. Muito desse crime coletivo ou organizado tem precisamente o objetivo de reduzir o risco. Agora sei que não é moleza administrar os problemas deste planeta com sua população de mais de dois bilhões. O número em si é quase um milagre e lança na obsolescência nossas ideias práticas. Poucos intelectuais captaram os princípios sociais por trás dessa transformação quantitativa.

A nossa é uma civilização burguesa. Não estou usando o termo no sentido marxista. Covardes! *Nos vocabulários da arte e da religião modernas é burguês considerar que o universo foi feito para o nosso uso seguro e para nos dar conforto, bem-estar e amparo. A luz viaja a trezentos mil quilômetros por segundo, de modo que possamos nos ver penteando o cabelo ou ler no jornal que o presunto está mais barato hoje do que ontem. De Tocqueville via o impulso em direção ao bem-estar como um dos mais fortes impulsos de uma sociedade democrática. Ele não pode ser condenado por subestimar as forças destrutivas geradas por esse mesmo impulso.* Você deve estar fora do seu juízo perfeito para escrever ao *Times* desse jeito! Há milhões de sujeitos voltairianos amargos cuja alma está repleta de sátira feroz e que ficam procurando a palavra mais mordaz, mais venenosa.

Você podia em vez disso mandar um poema, seu palerma. Por que você estaria mais certo, por pura distração, do que eles são por organização? Você viaja nos trens deles, não viaja? A distração não construiu a ferrovia. Vá em frente, escreva um poema, mate-os de amargura. Então imprima pequenos poemas como calhaus para completar a página editorial. Não obstante, continuou sua carta. *Nietzsche, Whitehead e John Dewey escreveram sobre a questão do risco... Dewey nos conta que a humanidade desconfia de sua própria natureza e tenta encontrar estabilidade mais além ou mais acima, na religião ou na filosofia. Para ele o passado muitas vezes significa o errôneo.* Mas Moses se interrompeu. Vá ao ponto. Mas qual era o ponto? O ponto era que havia pessoas que podiam destruir a humanidade e que elas eram tolas, arrogantes, loucas, e que deviam ser instadas a não o fazer. Que os inimigos da vida renunciem. Que cada homem examine agora o seu coração. Sem uma grande mudança de coração, eu não confiaria nem em mim mesmo numa posição de autoridade. Será que eu amo a humanidade? O bastante para poupá-la, se eu estivesse em condições de mandá-la para o inferno? Vamos agora nos cobrir com nossas mortalhas e caminhar por Washington e Moscou. Vamos nos prostrar, homens, mulheres e crianças, e gritar: "Deixe a vida prosseguir — talvez não a mereçamos, mas deixe que ela prossiga".

Em toda comunidade há uma classe de gente profundamente perigosa para os restantes. Não me refiro aos criminosos. Para eles dispomos de sanções punitivas. Refiro-me aos líderes. Invariavelmente as pessoas mais perigosas buscam o poder. Enquanto nas antessalas da indignação o cidadão bem pensante tem o coração em ebulição.

Sr. editor, estamos prestes a ser escravos daqueles que têm o poder de nos destruir. Não estou mais falando de Strawforth. Eu o conheci na escola. Jogávamos pingue-pongue no Reynolds Club. Ele tinha uma cara de bunda com algumas verrugas, e polegares gordos e curvos que proporcionavam um efeito traiçoeiro à bolinha. Claque-claque sobre a mesa verde. Não acredito que seu Q.I. fosse tão incrivelmente alto, embora talvez fosse, mas ele estudava para valer sua matemática e sua química. Enquanto isso eu só vadiava pelos campos. Como a cigarra na canção favorita de Junie.

Três cigarras saíram cantando.
Hei-ho, nunca ficavam quietas.
Estavam com o aluguel atrasado
Mas o dia todo, de peito aberto
Cantavam uma canção chamada Rillabyrillaby
Cantavam uma canção chamada Rillabyrill.

Encantado, Moses começou a sorrir. Pensando nos filhos, seu rosto se enrugou ternamente. Como as crianças compreendem bem o que é o amor! Marco estava entrando numa fase de silêncio e contenção em relação ao pai, mas Junie era exatamente como Marco tinha sido. Ficava em pé no colo do pai para pentear o cabelo dele. As coxas dele eram pisadas pelos pés dela. Ele abraçava seus ossinhos com ânsia paterna, enquanto o hálito dela em seu rosto despertava seus sentimentos mais profundos.

Ele havia empurrado o carrinho da filha no Midway, cumprimentando alunos e professores com um toque na aba de seu chapéu verde aveludado, de um verde mais musgoso que a relva das encostas e dos descampados. Sob as pregas do seu gorro de veludo, a menininha tinha muito da aparência do pai, ou assim ele achava. Sorria para ela com grandes rugas, olhos escuros, enquanto recitava versinhos infantis:

Era uma vez uma velha
Que num cesto voou
Dezessete vezes mais alto que a Lua

"Mais", disse a menina.

Para onde ela estava indo
Ninguém sabia dizer
Pois debaixo do braço ela levava uma vassoura.

"Mais, mais."

O cálido vento do lago levou Moses em direção ao oeste, para além dos cinzentos edifícios góticos. Finalmente ele tivera a filha para si, enquanto a mãe

e seu amante se despiam num quarto em algum lugar. E se, mesmo naquele abraço de luxúria e traição, eles tivessem a vida e a natureza ao seu lado, ele sairia discretamente do caminho. Sim, ele renunciaria.

O cobrador (um homem de uma velha estirpe em extinção, aquele cobrador de rosto cinza) tirou o bilhete da fita do chapéu de Herzog. Ao perfurá-lo, fez menção de dizer alguma coisa. Talvez o chapéu de palha o transportasse de volta a tempos antigos. Mas Herzog estava concluindo sua carta. *Mesmo que Strawforth fosse um rei-filósofo, será que deveríamos lhe dar o poder de se meter com os fundamentos genéticos da vida, de poluir a atmosfera e as águas do planeta? Eu sei que é desagradável ficar indignado. Mas...*

O cobrador fez um bilhete perfurado deslizar sob a plaqueta de metal com o número do assento e se afastou, deixando Moses ainda escrevendo em cima da valise. Poderia ter ido até o vagão-restaurante, claro, onde havia mesas, mas ali ele teria que comprar bebidas, conversar com gente. Além do mais, tinha uma de suas cartas mais essenciais a escrever, para o dr. Edvig, o psiquiatra de Chicago.

Então, Edvig, escreveu Herzog, *você está se revelando um vigarista também! Que patético!* Mas isso não era jeito de iniciar. Começou de novo. *Meu caro Edvig, tenho notícias para você.* Ah, sim, muito melhor assim. Uma coisa irritante em Edvig é que ele se comportava como se estivesse sempre a par das novidades — aquele calmo protestante nórdico anglo-celta Edvig com sua barbinha grisalha, seu cabelo ondulado, petulante, seus óculos redondos, limpos, resplandecentes. *Admito, cheguei a você de um jeito ruim. Madeleine fez do tratamento psiquiátrico uma condição para ficarmos juntos. Se você bem se lembra, ela disse que eu estava num estado mental perigoso. Tive permissão para escolher meu próprio psiquiatra. Naturalmente escolhi um que tinha escrito sobre Barth, Tillich, Brunner etc. Especialmente porque Madeleine, embora judia, tivera uma fase cristã na qualidade de católica convertida e eu tinha esperança de que você me ajudasse a compreendê-la. Em vez disso, você passou para o lado dela. Passou sim, é inegável, quanto mais ouvia de mim que ela era linda, tinha uma mente brilhante, ainda que nem um pouco sensata, e que era religiosa, além*

de tudo. E ela e Gersbach deram um jeito de planejar cada passo que eu tomei. Imaginaram que um psicanalista poderia me tirar discretamente do caminho — eu, um homem enfermo, excepcionalmente neurótico, talvez mesmo um caso perdido. Fosse como fosse o tratamento me manteria ocupado, absorvido em meu próprio caso. Quatro tardes por semana eles sabiam onde eu estava, no divã, e assim podiam ir para a cama com segurança. *Eu estava à beira de um colapso nervoso, no dia em que vim ver você — tempo úmido, neve gotejando, o ônibus superaquecido*. A neve certamente não deixava meu coração menos fervente. A rua estava cheia de folhas amarelas grudadas. Aquela mulher idosa com seu chapéu verde de pelúcia, de um verde impassível, e dobrado em pregas suaves como um saco mortífero em sua cabeça. Mas não era um dia assim tão ruim. Edvig disse que eu não era maluco. Simplesmente um reativo-depressivo.

"Mas Madeleine diz que estou doido. Que eu..." Ansioso e trêmulo, seu espírito ferido distorcia seu rosto, intumescia sua garganta, dolorosamente. Mas ele se sentia encorajado pela doçura do sorriso barbudo de Edvig. Ele então fez de tudo para extrair alguma coisa de Edvig, mas tudo o que este lhe disse naquele dia foi que os depressivos tendem a criar dependências desvairadas e a se tornar histéricos quando rechaçados, quando ameaçados de perda. "E evidentemente", acrescentou, "pelo que me conta, você não está isento de culpa. E ela soa como uma pessoa furiosa, para começar. Quando ela se afastou da Igreja?"

"Não sei bem. Pensei que ela tivesse parado com isso há muito tempo. Mas na última Quarta-feira de Cinzas ela estava com fuligem na testa. Eu disse: 'Madeleine, pensei que você tivesse deixado de ser católica. Mas o que estou vendo entre seus olhos? Cinzas?'. Mas ela disse: 'Não sei do que você está falando'. Tentou fazer aquilo passar por mais um dos meus enganos, ou coisa que o valha. Mas não era engano nenhum. Era uma mancha. Juro que era no mínimo meia mancha. Mas a atitude dela parece ser a seguinte: o que um judeu como eu pode saber dessas coisas?"

Herzog era capaz de perceber que Edvig estava fascinado por tudo o que ele dizia a respeito de Madeleine. Num gesto afirmativo, erguia a cabeça, alçando o queixo a cada frase, cofiava sua barba bem aparada, suas lentes cintilavam, ele sorria. "Você sente que ela é uma cristã?"

"Ela sente que eu sou um fariseu. Diz isso."

"Ah?", comentou agudamente Edvig.

"Ah, o quê?", disse Moses. "Você concorda com ela?"

"Como poderia? Mal conheço você. Mas o que você pensa dessa questão?"

"Você acha que algum cristão no século XX tem o direito de falar de fariseus judeus? Do ponto de vista judaico, você sabe, este não tem sido um de seus melhores períodos."

"Mas você acha que sua esposa tem uma perspectiva cristã?"

"Acho que ela tem um ponto de vista bem pessoal das coisas do além." Herzog se endireitou na poltrona, pronunciando as palavras com uma ligeira solenidade, talvez. "Não concordo com Nietzsche quando diz que Jesus tornou o mundo inteiro doente, infectado com sua moralidade do escravo. Mas o próprio Nietzsche tinha uma visão cristã da história, vendo o momento presente sempre como uma crise, uma queda da grandeza clássica, uma corrupção ou mal do qual devemos nos salvar. Considero cristão isso. E Madeleine tem isso, tudo bem. Até certo ponto muitos de nós temos. Pensar que precisamos nos curar de algum envenenamento, precisamos de salvação, de resgate. Madeleine quer um salvador, e para ela eu não sou salvador nenhum."

Esse era o tipo de coisa que Edvig aparentemente esperava de Moses. Encolhendo os ombros e sorrindo, ele tomava tudo aquilo como material analítico e parecia muito satisfeito. Era um homem sereno, brando: seus ombros tinham certa elegância angulosa. Fora de moda, com armadura rósea quase totalmente descolorida, seus óculos lhe davam uma humilde e desleixada aparência de médico atencioso.

Aos poucos, e não sei bem como isso aconteceu, Madeleine se tornou a figura principal na análise, e passou a dominá-la do mesmo modo que me dominava. E chegou a dominar você. Comecei a notar o quanto você estava impaciente para conhecê-la. Por causa dos fatos incomuns do caso você disse que precisava entrevistá-la. Pouco a pouco você se aprofundou em discussões sobre religião com ela. E finalmente passou a tratá-la também. Disse que podia entender por que ela tinha me fascinado. E eu disse: "Eu falei para você que ela era extraordinária. É brilhante, aquela vaca, um terror!". Portanto você pelo menos sabia que, se eu estava de cabeça virada (como se diz), não era por uma mulher qualquer. Quanto

a Mady, ela enriqueceu seu currículo ludibriando você. Tudo aumentava a profundidade dela. E, pelo fato de ela estar obtendo o seu doutorado em história religiosa russa (imagino eu), suas sessões com ela, a vinte e cinco paus a dose, foram durante vários meses uma série de palestras sobre o cristianismo ocidental. Depois disso, ela começou a manifestar estranhos sintomas.

Primeiro, ela acusou Moses de contratar um detetive particular para espioná-la. Começou essa acusação com a dicção ligeiramente britânica que ele aprendera a reconhecer como sinal seguro de encrenca. "Eu devo ter pensado", disse ela, "que você era inteligente demais para empregar um tipo tão óbvio."

"Empregar", disse Herzog. "Quem foi que eu empreguei?"

"Estou falando daquele homem horrível — aquele gordo fedorento de agasalho esportivo." Madeleine, absolutamente segura de si, lançou a ele um de seus olhares terríveis. "Desafio você a negar. Isso é simplesmente algo abaixo do desprezível."

Vendo o quanto ela tinha ficado pálida, ele decidiu ser cuidadoso e acima de tudo não mencionar a pose britânica. "Mas, Mady, isso é simplesmente um engano."

"Engano coisa nenhuma. Nunca sonhei que você pudesse ser capaz disso."

"Mas nem sei do que você está falando."

A voz dela começou a se elevar e a tremer. Disse ferozmente: "Seu filho da puta! Não me venha com esse tom condescendente. Conheço todos os seus truques de merda". Então soltou um grito agudo: "Isso tem que parar! Não vou admitir um detetive me seguindo!". Arregalados, aqueles olhos maravilhosos ficaram vermelhos.

"Mas por que eu iria mandar seguir você, Mady? Não entendo. O que eu poderia descobrir?"

"Agora aquele homem me seguiu pela F-Fi-Field's a tarde toda." Ela sempre gaguejava quando ficava enraivecida. "Esperei no banheiro fe-feminino me-meia hora, e quando saí ele ainda estava lá. Depois no túnel da Illinois Central... quando eu estava comprando fl-fl-flores."

"Talvez fosse só algum sujeito querendo paquerar você. Não tem nada a ver comigo."

"Era um detetive!" Ela cerrou os punhos. Seus lábios se comprimiram de

modo assustador, e o corpo todo começou a tremer. "Ele estava sentado sob a marquise do vizinho esta tarde quando cheguei em casa."

Moses, pálido, disse: "Me aponte o sujeito, Mady. Vou atrás dele no ato... Só me mostre quem é".

Edvig chamou isso de episódio paranoide, e Herzog disse: "Mesmo?". Pensou um pouco no assunto e em seguida exclamou, com um ímpeto de emoção, fitando o médico com olhos bem abertos: "Acha mesmo que foi uma ilusão? Está querendo me dizer que ela está perturbada? Louca?".

Edvig disse, conservadoramente, medindo as palavras: "Um incidente como esse não indica insanidade. Eu quis dizer precisamente o que disse, um episódio paranoide".

"Mas é ela que está doente, mais doente do que eu."

Ah, pobre garota! Era um caso clínico. Ela realmente não estava bem. Diante dos doentes, Moses era sempre especialmente compassivo. Garantiu a Edvig: "Se ela realmente está como você diz, tenho que ser mais cuidadoso. Preciso tentar cuidar dela".

A caridade, como se não tivesse problemas o bastante em nossos dias, será sempre suspeita de morbidez — sadomasoquismo, perversão de algum tipo. Todas as tendências morais mais elevadas estão sob suspeita de ser fachadas enganadoras. Coisas que simplesmente honramos com velhas palavras, mas traímos ou negamos no nosso íntimo. De qualquer maneira, Edvig não congratulou Moses por sua promessa de cuidar de Madeleine.

"O que eu devo fazer", disse Edvig, "é informá-la dessa tendência."

Mas Madeleine não pareceu se perturbar ao ser alertada profissionalmente contra ilusões paranoides. Ela disse que não era propriamente novidade para ela o fato de ser anormal. Na verdade, recebeu a coisa toda com tranquilidade. "Seja como for, nunca será tedioso", foi o que ela disse a Herzog.

O problema ainda não tinha terminado. Por uma semana ou duas, a caminhonete de entregas da Field's trouxe joias, pacotes de cigarros, casacos e vestidos, luminárias, tapetes, quase diariamente. Madeleine não se recordava de ter feito todas aquelas compras. Em dez dias ela acumulou uma conta de mil e duzentos dólares. Todos aqueles artigos eram de primeira, muito bonitos — havia alguma satisfação naquilo. Ela fazia as coisas com estilo, mesmo quando

desequilibrada. Ao mandar tudo de volta, Moses sentiu muita ternura por ela. Edvig previu que ela nunca cairia numa verdadeira psicose, mas teria aqueles surtos pelo resto da vida. Era melancólico para Moses, mas talvez seus suspiros expressassem alguma satisfação também. Era possível.

As entregas cessaram imediatamente. Madeleine retornou a seus estudos de pós-graduação. Mas uma noite, no quarto em desordem, quando estavam ambos nus, e Herzog, levantando o lençol, fez um comentário áspero sobre os livros que estavam debaixo dele (grandes tomos empoeirados de uma antiga enciclopédia russa), foi demais para ela. Começou a gritar com ele e se jogou na cama, arrancando cobertores e lençóis, atirando livros no chão, depois atacando os travesseiros com as unhas, dando um grito selvagem, estrangulado. Havia sobre o colchão uma capa plástica, que ela agarrou e retorceu, ainda amaldiçoando o marido de modo estridente, inarticulado, com uma estranha sujeira branca nos cantos da boca.

Herzog apanhou a luminária caída. "Madeleine — você não acha que deveria tomar alguma coisa... para isso?" Estupidamente, estendeu a mão para confortá-la, e na hora ela se enrijeceu e o acertou no rosto, de modo desajeitado demais para machucar. Avançou sobre ele com os punhos cerrados, não dando pequenos socos como costumam fazer as mulheres, mas golpeando como um lutador de rua. Herzog se virou e recebeu esses golpes nas costas. Era necessário. Ela estava doente.

Talvez tenha sido igualmente bom eu não ter revidado. Eu poderia ter reconquistado seu amor. Mas posso dizer que minha submissão durante aquelas crises a enfurecia, como se eu estivesse tentando vencê-la no jogo da religião. Sei que você discutia a eucaristia com ela, e outras ideias elevadas do mesmo tipo, mas o menor sinal dessas coisas em mim a deixava fora de si. Ela achava que eu era um farsante. Pois, na mente paranoica dela, eu tinha me despedaçado em meus elementos primitivos. É por isso que eu suponho que sua atitude talvez tivesse mudado se eu tivesse lhe dado uma surra de cinto. A paranoia talvez seja o estado de espírito normal dos selvagens. E se minha alma, fora de estação, fora de lugar, experimentava aquelas emoções mais elevadas, eu não podia ter o crédito por elas, de todo modo. Não de você, com sua postura em face das boas intenções. Li seu material sobre o realismo psicológico de Calvino. Espero que não se

importe se eu disser que ele revela uma concepção torpe, servil e resmungona da natureza humana. É assim que vejo o seu freudismo protestante.

Edvig permaneceu sentado calmamente durante a descrição de Herzog do ataque no quarto, sorrindo levemente. Depois disse: "Por que você acha que isso aconteceu?".

"Alguma coisa a ver com os livros, talvez. Interferência nos estudos dela. Se eu digo que a casa está suja, cheirando mal, ela acha que estou criticando seu intelecto e forçando-a a voltar ao trabalho doméstico. Desrespeitando seus direitos como pessoa..."

As respostas emocionais de Edvig eram insatisfatórias. Quando precisava de uma reação sensível, Herzog tinha que obtê-la de Valentine Gersbach. Sendo assim, levou seus problemas ao amigo. Mas primeiro, ao tocar a campainha de Gersbach, teve de encarar a frieza (que ele não conseguiu entender) de Phoebe Gersbach, que lhe abriu a porta. Ela parecia muito desolada, seca, pálida, exaurida. É claro — a paisagem de Connecticut passava voando, subia, se contraía, abria suas profundezas, e as águas do Atlântico cintilavam —, é claro, Phoebe sabia que seu marido estava dormindo com Madeleine. E Phoebe só tinha um ofício na vida, um único propósito: segurar seu marido e proteger sua cria. Ao atender à campainha, ela abriu a porta para um Herzog apalermado, machucado, sofredor. Ele vinha em busca do amigo.

Phoebe não era forte; sua energia era limitada; já devia ter perdido todo o senso de ironia. Quanto à piedade, por que ela teria piedade dele? Não pelo adultério — isso era algo comum demais para ser levado a sério por qualquer um deles dois. Fosse como fosse, para ela, ter o corpo de Madeleine poderia não parecer grande coisa. Ela talvez pudesse ter pena do intelectualismo estúpido dele, daquela mania risível de enquadrar seus problemas em categorias grandiosas; ou simplesmente pena do sofrimento dele. Mas ela provavelmente só tinha sentimento suficiente para a condução de sua própria vida, nada mais. Moses tinha certeza de que ela o culpava por exacerbar as ambições de Valentine — Gersbach a figura pública, Gersbach o poeta, o intelectual televisivo, falando na Hadassah sobre Martin Buber. O próprio Herzog o tinha introduzido no circuito cultural de Chicago.

"Val está na sala dele", disse ela. "Com licença, tenho que aprontar o garoto

para o Templo."

Gersbach estava instalando prateleiras para livros. Compenetrado, grave, vagaroso, ele media a madeira, a parede, rabiscava números no gesso. Manejava o nível com destreza, olhava por cima do pino de madeira. Com seu rosto compacto, vermelho escuro, circunspecto, seu peito largo e sua perna artificial que o deixava meio inclinado, ele se concentrava na escolha de uma broca para a furadeira elétrica enquanto ouvia o relato de Herzog do estranho ataque de Madeleine.

"Estávamos indo para a cama."

"E então?" Fazia um esforço para ser paciente.

"Ambos nus."

"Você tentou alguma coisa?", perguntou Gersbach. Uma nota áspera invadiu sua voz.

"Eu? Não. Ela ergueu um muro de livros russos ao seu redor. Vladimir de Kiev, Tikhon Zadonsky. Na minha cama! Não basta eles terem perseguido meus ancestrais! Ela saqueia a biblioteca. Coisas que estavam no fundo das pilhas de livros, nas quais ninguém mexe há cinquenta anos. Os lençóis estão cheios de pedacinhos de papel amarelado."

"Você andou se queixando de novo?"

"Talvez tenha me queixado um pouco. Cascas de ovo, ossos de costela, latinhas embaixo da mesa, embaixo do sofá... Não é bom para June."

"Aí é que está o seu erro! Bem aí — ela não suporta esse tom queixoso, de vítima. Se você espera que eu ajude a consertar a situação, tenho que lhe dizer. Você e ela — não é segredo para ninguém — são as duas pessoas que mais amo. Por isso preciso alertar você, *chaver*, deixe de lado os detalhes sórdidos. Corte essa lenga-lenga toda e seja absolutamente sério e sensato."

"Eu sei", disse Herzog, "ela está atravessando uma longa crise — buscando a si mesma. E eu sei que assumo um tom ruim, às vezes. Entrei nesse terreno com Edvig. Mas na noite de domingo..."

"Tem certeza de que não se insinuou sexualmente?"

"Não. Acontece que tínhamos feito sexo na noite anterior."

Gersbach pareceu ficar extremamente furioso. Encarou Moses com ardentes olhos vermelhos e disse: "Não perguntei isso. Minha pergunta era apenas sobre

a noite de domingo. Você tem que aprender a se ater à conversa, Deus do céu! Se você não é franco comigo, não posso fazer coisa nenhuma por você".

"Por que eu não seria franco com você?" Moses estava espantado com aquela veemência, com o olhar feroz e incandescente de Gersbach.

"Não, você não é. Você é evasivo, droga."

Moses avaliou a acusação sob o intenso olhar vermelho-castanho de Gersbach. Tinha os olhos de um profeta, um *Shofat*, sim, um juiz em Israel, um rei. Uma pessoa misteriosa, Valentine Gersbach. "Fizemos sexo na noite anterior. Mas tão logo terminamos, ela acendeu a luz, apanhou um daqueles empoeirados calhamaços russos, apoiou-o sobre o peito e começou a ler. Enquanto eu saía de dentro dela, ela já estava tateando em busca do livro. Nem sequer um beijo. Nem sequer um último carinho. Só o nariz dela, mexendo de um lado para o outro.

Valentine deu um leve sorriso. "Talvez vocês devam dormir separados." "Eu podia mudar para o quarto da menina, suponho. Mas June é inquieta como ela só. Fica perambulando à noite com seu pijaminha Denton. Eu acordo com ela na minha cama. Frequentemente molhada. Ela está sentindo a tensão."

"Pare com isso. Não meta a menina nessa história."

Herzog baixou a cabeça. Sentia-se à beira das lágrimas. Gersbach suspirou e caminhou ao longo da parede lentamente, curvando-se e endireitando-se como um gondoleiro. "Expliquei para você a semana passada...", disse ele.

"É melhor você me dizer mais uma vez. No estado em que estou", disse Herzog.

"Então agora me ouça. Vamos repassar o assunto."

O pesar danificava enormemente — positivamente feria — o rosto bonito de Herzog. Qualquer um que ele alguma vez tivesse ferido com sua presunção se sentiria agora vingado ao ver o quanto ele parecia devastado. A mudança era quase cômica. E os sermões que Gersbach lhe passou — esses eram tão animados, tão veementes, tão brutos, que eram cômicos também, uma paródia do anseio do intelectual por um sentido mais elevado, uma maior profundidade. Moses ficou sentado junto à janela, sob a crua luz do sol, escutando. As cortinas, com suas barras ornadas de entalhes dourados, jaziam sobre a mesa entre tábuas e livros. "De uma coisa você pode estar certo, *bruder*",

disse Valentine. "Não tenho uma posição predefinida. Nesse assunto, não tenho preconceito algum." Valentine adorava usar expressões em iídiche, usá-las errado, para ser exato. A formação iídiche de Herzog era refinada. Ele ouvia com instintiva complacência o acento plebeu, de açougueiro ou caminhoneiro, de Valentine, e se sentia rebaixado por isso — Meu Deus! Esses antigos preconceitos familiares, absurdos de um mundo perdido. "Vamos cortar toda essa *shtick*", disse Gersbach. "Digamos que você seja um pária. Digamos que seja até um criminoso. Não há nada — nada! — que você possa fazer que abale a minha amizade. Não é mentira, e você sabe disso! Posso assimilar o que você fez para mim."

Moses, novamente pasmo, disse: "O que é que eu fiz para você?".

"Ao diabo com isso. *Hob es in drerd*. Eu sei que Mady é uma vaca. E você acha que eu nunca quis dar um pé na bunda da Phoebe? Aquela *klippa*! Mas essa é a natureza feminina." Sacudiu a cabeça para ajeitar sua abundante cabeleira, que tinha escuras profundezas cor de fogo. Na parte de trás, tinha sido cortada de modo bárbaro. "Você cuidou dela por um tempo, é verdade, eu sei. Mas, se ela tem um pai repulsivo e uma *kvetch* de uma mãe, que outra coisa um homem poderia fazer? E sem esperar nada em troca."

"Bem, é claro. Mas eu gastei vinte paus em cerca de um ano. Tudo o que herdei. Agora temos aquele buraco fétido em Lake Park, com os trens intermunicipais passando a noite toda. Os encanamentos fedem. A casa é só tranqueira e lixo e livros russos e roupas sujas da menina. E lá vou eu juntar garrafas retornáveis de Coca-Cola, passar aspirador de pó, queimar papéis velhos e recolher ossos de vitela."

"A sirigaita está testando você. Você é um professor importante, convidado para conferências, com contatos internacionais. Ela quer que você admita a importância dela. Você é um *ferimmter mensch*."

Moses, para salvar sua alma, não podia deixar essa passar. Disse tranquilamente: "*Berimmter*".

"*Fe, be*, que diferença faz? Talvez não seja tanto a sua reputação como o seu egocentrismo. Você poderia ser um verdadeiro *mensch*. Tem isso dentro de si. Mas está mandando tudo às favas com toda essa merda egocêntrica. É uma grande coisa — uma pessoa tão valiosa morrendo por amor. Sofrimento. É uma

grande besteira!"

Lidar com Valentine era como lidar com um rei. Ele tinha uma pegada forte. Poderia segurar um cetro. *Era* um rei, um rei emotivo, e as profundezas do seu coração eram seu reino. Ele se apropriava de todas as emoções à sua volta, como que por direito divino ou espiritual. Podia fazer mais com elas, então simplesmente as tomava para si. Era um grande homem, grande demais para qualquer coisa que não fosse a verdade. (De novo, a verdade!) Herzog tinha um fraco pela majestade, até mesmo pela falsa majestade (seria ela sempre inteiramente falsa?).

Saíram para refrescar a cabeça no ar frio do inverno. Gersbach em seu grande casaco de neve, acinturado, de cabeça descoberta, exalando vapor, chutando a neve com sua perna demolidora. Moses virou para baixo a aba de seu chapéu verde-fosco aveludado. Seus olhos não suportavam o resplendor.

Valentine falava como um homem que tivesse se reerguido de uma terrível derrota, como o sobrevivente de provações que poucos seriam capazes de compreender. Seu pai morrera de esclerose. Ele também a teria, e achava que morreria dela. Falava da morte majestosamente — não havia outra palavra para aquilo —, os olhos espantosamente vivos, grandes, brilhantes, ardentes, ou, pensava Herzog, como o caldo de sua alma, quente e radiante.

"Ora, quando perdi minha perna", disse Gersbach. "Sete anos de idade, em Saratoga Springs, correndo atrás do homem dos balões; ele soprava seu pequeno *fifel*. Quando tomei aquele atalho pelo pátio dos trens de carga, me esgueirando por baixo dos vagões. A sorte foi que o guarda-freio me encontrou logo que a roda arrancou minha perna. Me embrulhou no seu casaco e me levou às pressas para o hospital. Quando dei por mim, meu nariz estava sangrando. Sozinho no quarto." Moses escutava, branco, a temperatura gélida não modificava sua cor. "Eu me debrucei na beira da cama", prosseguiu Gersbach, como se relatasse um milagre. "Uma gota de sangue caiu no chão, e no momento em que ela pingava vi um pequeno camundongo embaixo da cama, que parecia observar a queda da gota. Ele recuou, agitando o rabo e os bigodes. E o quarto estava simplesmente invadido pela esplendorosa luz do sol..." (Há tempestades no próprio sol, mas aqui tudo é pacífico e temperado, pensou Herzog.) "Era um pequeno mundo, embaixo da cama. Então me dei conta de que minha perna se

fora."

Valentine teria negado que as lágrimas em seus olhos eram por ele mesmo. Não: que ideia!, ele teria dito. Não por ele. Eram por aquele garotinho. Havia histórias sobre ele próprio, também, que Moses tinha contado centenas de vezes, portanto não podia se queixar de que Gersbach fosse repetitivo. Cada homem tem seu próprio punhado de poemas. Mas Gersbach quase sempre chorava, e era estranho, porque seus longos e curvos cílios cor de cobre ficavam grudados; ele ficava terno mas parecia rude, o rosto largo e áspero, de pelos eriçados, o queixo inegavelmente brutal. E Moses reconhecia que, de acordo com suas próprias regras, o homem que tinha sofrido mais era mais especial, e admitia de bom grado que Gersbach sofrera mais duramente, que sua agonia sob as rodas do vagão devia ter sido muito mais profunda do que qualquer coisa que Moses jamais sofrera. O rosto atormentado de Gersbach estava branco como pedra, perfurado pelas radiantes cerdas eriçadas de sua barba ruiva. Seu lábio inferior tinha quase desaparecido sob o superior. Seu grande, seu ardente sofrimento! Sofrimento liquefeito!

Dr. Edvig, escreveu Herzog, *sua opinião, repetida muitas vezes, é de que Madeleine tem uma natureza profundamente religiosa. Na época da sua conversão, antes de nos casarmos, fui à igreja com ela mais de uma vez. Lembro-me claramente... Em Nova York...*

Por insistência dela. Certa manhã, quando Herzog a levou até a porta da igreja num táxi, ela disse que ele tinha de entrar também. Precisava. Disse que nenhum relacionamento seria possível entre eles se ele não respeitasse sua fé. "Mas eu não sei nada a respeito de igrejas", disse Moses.

Ela desceu do táxi e subiu as escadas rapidamente, esperando que ele a seguisse. Ele pagou o motorista e a alcançou. Ela empurrou com o ombro a porta de vaivém. Mergulhou a mão na pia de água benta e fez o sinal da cruz, como se fosse um gesto que estivesse habituada a fazer desde sempre. Aprendera-o vendo filmes, provavelmente. Mas a expressão de terrível ânsia e tortuosa perplexidade em seu rosto vinha de onde? Madeleine em seu tailleur cinza com gola de pele de esquilo, seu grande chapéu, avançou depressa com

seu salto alto. Ele a seguiu devagar, segurando seu sobretudo cinzento pela gola enquanto tirava o chapéu. O corpo de Madeleine parecia se elevar todo até se concentrar no busto e nos ombros, e seu rosto estava vermelho de excitação. Seu cabelo estava preso para trás sob o chapéu, mas escapava em cachos pelos lados. A igreja era um prédio novo — pequeno, frio, escuro, com o verniz brilhando implacável nos bancos de carvalho, e línguas de fogo imóveis perto do altar. Madeleine fez uma genuflexão no corredor central. Só que foi mais que uma genuflexão. Ela afundou, jogou-se para baixo, queria se espojar no chão e pressionar o coração nas tábuas do assoalho — ele percebia isso. Protegendo o rosto de ambos os lados, como um cavalo com antolhos, ele se sentou no banco. O que ele estava fazendo ali? Era um marido, um pai. Era casado, era judeu. Por que estava na igreja?

Tiniram os sinos. O padre, rápido e insípido, começou a tagarelar em latim. Nas respostas, a voz alta e clara de Madeleine comandava os restantes. Ela fez o sinal da cruz. Fez uma genuflexão no corredor. E então estavam de novo na rua e o rosto dela tinha recuperado sua cor normal. Ela sorriu e disse: "Vamos a um lugar bacana tomar café da manhã".

Moses disse ao taxista para levá-los ao Plaza.

"Mas não estou vestida adequadamente", disse ela.

"Neste caso, vou levá-la à Leiteria Steinberg, que eu prefiro, de todo modo."

Mas Madeleine já estava passando batom, afofando a blusa, ajeitando o chapéu. Como ela sabia ser adorável! Seu rosto era alegre e redondo, rosado, o azul dos olhos era claro. Muito diferente do aterrorizante gelo menstrual de suas fúrias, do olhar de assassina. O porteiro desceu correndo de seu abrigo rococó diante do Plaza. O vento soprava forte. Ela entrou deslizando no lobby. Palmeiras e carpetes cor-de-rosa, ornamentos dourados, lacaios...

Não entendo muito bem o que você entende por "religiosa". Uma mulher religiosa pode achar que não ama seu amante ou seu marido. Mas e se ela o odiar? E se ela desejar continuamente a morte dele? E se ela desejar isso fervorosamente quando eles estão fazendo amor? E se, no ato do amor, ele perceber esse desejo brilhando em seus olhos azuis como a oração de uma donzela? Ora, não sou estúpido, dr. Edvig. Muitas vezes gostaria de ser. Não faz muito bem ter uma mente complexa sem ser de fato um filósofo. Não espero que

uma mulher religiosa seja adorável, que seja uma gatinha santa. Mas eu gostaria de saber como você decidiu que ela é profundamente religiosa.

De algum modo entrei numa competição religiosa. Você e Madeleine e Valentine Gersbach, todos falando de religião comigo — então resolvi fazer a prova. Para ver qual seria a sensação de agir com humildade. Como se tal passividade idiota, ou rastejo masoquista ou covardia fossem humildade, ou obediência, e não uma terrível decadência. É repugnante! Oh, paciente Griselda Herzog! Instalei as janelas contra tempestade como um ato de amor, e deixei minha cria bem servida, pagando o aluguel e o combustível e o telefone e o seguro, e fazendo minha mala. Tão logo eu caí fora, Madeleine, sua santa, mandou meu retrato para os tiras. Se eu pusesse os pés na entrada da casa de novo para ver minha filha, ela chamaria a radiopatrulha. Tinha um mandado pronto. A menina era trazida a mim, e levada de volta para casa, por Valentine Gersbach, que também me dava conselhos, consolo, religião. Ele me trouxe livros (de Martin Buber). Me mandou estudá-los. Sentei e li Eu e tu, Entre Deus e o homem, A fé profética, *numa febre nervosa. Em seguida nós os discutimos.*

Tenho certeza de que você conhece as opiniões de Buber. É errado transformar um homem (um sujeito) numa coisa (um objeto). Por meio do diálogo espiritual, a relação Eu-Isso se torna uma relação Eu-Tu. Deus vem e vai na alma do homem. Todos os homens vêm e vão nas almas uns dos outros. Às vezes eles vêm e vão nas camas uns dos outros também. Você tem diálogo com um homem. Você faz sexo com a mulher dele. Você segura a mão do pobre sujeito. Você olha nos olhos dele. Você lhe oferece consolo. Enquanto isso, você rearranja a vida dele. Você até trata do orçamento dele para os próximos anos. Você o priva da filha dele. E de alguma maneira isso tudo é traduzido misteriosamente por profundidade religiosa. E por fim seu sofrimento é maior do que o dele, também, porque você é o pecador maior. E assim você pega o sujeito, na ida e na volta. Você me disse que as minhas hostis suspeitas contra Gersbach eram infundadas, talvez até paranoicas, você insinuou. Você sabia que ele era amante de Madeleine? Ela lhe contou? Não, ou você não teria dito aquilo. Ela tinha bons motivos para temer estar sendo seguida por um detetive particular. Não havia absolutamente nada de neurótico nisso. Madeleine, sua paciente, lhe contou o que quis. Você não sabia de nada. Você não sabe de nada. Ela o tapeou

direitinho. E você mesmo se apaixonou por ela, não foi? Exatamente como ela planejou. Ela queria que você a ajudasse a se livrar de mim. Ela teria conseguido de todo modo. Encontrou em você, no entanto, um instrumento útil. Quanto a mim, eu era seu paciente...

a No original, "*Drive your cart and your plow over the bones of the dead*", um dos "Provérbios do Inferno", de William Blake (1757-1827), que fazem parte de seu longo poema *O casamento do Céu e do Inferno* (1793).

b Familiar, caseiro, patrício.

c Dona de casa.

d Filme de 1955 do diretor indiano Satyajit Ray, lançado no Brasil com o título *A canção da estrada*.

Caro governador Stevenson, escreveu Herzog, agarrando-se ao assento no trem sacolejante, *só uma palavra com o senhor, meu amigo. Eu o apoiei em 1952. Como muitos outros eu pensei que este país talvez estivesse pronto para sua grandiosa era no mundo e que a inteligência finalmente se imporia nos assuntos públicos — com um pouco mais do* American Scholar *de Emerson, os intelectuais conquistando seu lugar. Mas o instinto das pessoas foi o de rejeitar o intelecto e suas imagens, ideias, talvez desconfiando delas como estrangeiras. Preferiu depositar sua fé em bens visíveis. Assim, as coisas seguem como antes com aqueles que pensam um bocado e não efetuam nada, e aqueles que não pensam coisa alguma e fazem tudo. Talvez o senhor também esteja trabalhando para eles, suponho. Estou certo de que o papel de Coriolano foi doloroso, lamber o saco dos eleitores, especialmente em estados frios como New Hampshire. Talvez o senhor tenha dado alguma contribuição útil na última década, exibindo a antiquada autointensidade do "humanista", o aspecto do "homem inteligente" angustiado pela perda de sua vida privada, sacrificada ao serviço público. Bah! O general venceu porque expressava um amor universal feijão com arroz de baixo nível.*

Bem, Herzog, o que você quer? Um anjo descido dos céus? Este trem o atropelaria sem dó.

Querida Ramona, você não deve pensar que, só porque eu desapareci de repente, eu não gosto de você. Gosto sim! Sinto você perto de mim, a maior parte do tempo. E na semana passada, naquela festa, quando te vi do outro lado da sala com seu chapéu florido, seu cabelo caído até quase suas bochechas radiantes, tive um vislumbre do que poderia ser amar você.

Exclamou mentalmente: Case comigo! Seja minha mulher! Dê fim aos meus problemas! — e ficou aturdido com sua própria impulsividade, sua fraqueza, e com a natureza de um arroubo como aquele, pois via o quanto era

neurótico e típico. Devemos ser o que somos. É isso a necessidade. E o que somos? Bem, ali estava ele tentando se agarrar a Ramona ao mesmo tempo que fugia dela. E, ao pensar que a estava dobrando, era ele que se dobrava, e a culminância dessa engenhosa patetice talvez fosse enredar a si mesmo numa armadilha. Autodesenvolvimento, autorrealização, felicidade — esses eram os títulos sob os quais tais insânias ocorriam. Ah, pobre sujeito! — e Herzog momentaneamente se juntou ao mundo objetivo ao olhar a si próprio de cima para baixo. Também ele podia rir de Herzog e desprezá-lo. Mas ainda assim permanecia o fato. *Eu* sou Herzog. Tenho que *ser* esse homem. Ninguém mais pode fazer isso. Depois de sorrir, ele precisa voltar para o seu próprio Eu e aguentar o tranco. Mas havia um súbito distúrbio mental para você — a terceira sra. Herzog! Foi isso que fixações infantis fizeram com você, traumas precoces, que um homem não pode simplesmente esvaziar e deixar ocos no matagal como cigarras. Nenhum indivíduo real existiu ainda, capaz de viver, capaz de morrer. Apenas tolos adoecidos, trágicos, ou lúgubres e burlescos, que às vezes tiveram a esperança de alcançar algum ideal por decreto, só porque desejavam muito. Mas geralmente intimidando toda a humanidade para que acreditasse neles.

Sob muitos pontos de vista, Ramona era verdadeiramente uma esposa desejável. Era compreensiva. Instruída. Bem situada em Nova York. Dinheiro. E, sexualmente, uma obra-prima da natureza. Que seios! Adoráveis ombros largos. A barriguinha para dentro. Pernas curtas e um pouco arqueadas, mas por isso mesmo especialmente atraentes. Estava tudo ali. Só que ele ainda tinha amor e ódio não liquidados em outro lugar. Herzog tinha assuntos inacabados.

Querida Zinka, sonhei com você na semana passada. Em meu sonho estávamos caminhando por Liubliana, e eu tinha que pegar minha passagem para Trieste. Eu lamentava ter que partir. Mas era melhor para você que eu fosse embora. Estava nevando. Na verdade, nevava mesmo, não apenas no sonho. Mesmo quando cheguei a Veneza. Este ano eu cobri metade do mundo, e vi montes de gente — tenho a impressão de ter visto todo mundo, com exceção dos mortos. Que eram talvez quem eu estava procurando. *Caro sr. Nehru, acho que tenho uma coisa importantíssima para lhe dizer. Caro sr. King, os negros do Alabama me enchem de admiração. A América branca corre o risco de se*

despolitizar. Esperamos que o exemplo dos negros penetre o transe hipnótico da maioria. A questão política nas democracias modernas é aquela da realidade das questões públicas. Se todas estas se tornarem matéria de fantasia, a velha ordem política estará liquidada. Eu, por exemplo, gostaria de expressar publicamente o reconhecimento da dignidade moral do seu grupo. Não os Powell, que querem ser tão corruptos quanto os demagogos brancos, nem os muçulmanos que se nutrem de ódio.

Caro Comissário Wilson — sentei a seu lado na Conferência de Narcóticos no ano passado — Herzog, um sujeito robusto, de olhos escuros, cicatriz no pescoço, grisalho, num terno Ivy League (escolhido por sua esposa), de corte infeliz (jovem demais para minha figura). *Eu me pergunto se o senhor me permitiria fazer algumas observações sobre sua corporação policial. Não é culpa de uma única pessoa que a ordem civil não possa ser mantida numa comunidade. Mas estou preocupado. Tenho uma filhinha que mora perto de Jackson Park, e o senhor sabe tão bem quanto eu que os parques não são devidamente policiados. Gangues de delinquentes fazem com que entrar neles signifique arriscar a vida. Caro sr. Alderman, será que o Exército precisa ter sua base de lançamentos de mísseis Nike no Point?*[a] *Perfeitamente fútil, acredito, obsoleta, e ocupando espaço. Uma infinidade de outros lugares na cidade. Por que não remover essa tralha inútil para uma área já arruinada?*

Rápido, rápido, mais e mais! O trem avançava velozmente pela paisagem. Passou rapidamente por New Haven. Chovia com toda força perto de Rhode Island. Herzog, agora mal olhando pela janela pintada, inamovível, lacrada, sentia seu espírito ávido e veloz transbordar, falando, penetrando, fazendo julgamentos claros, emitindo explanações finais, só com as palavras necessárias. Estava num êxtase de redemoinho. Sentia ao mesmo tempo que seus raciocínios expunham a ilimitada, infundada, prepotência e obstinação, o eterno resmungar embutido em sua constituição mental.

Caro Moses E. Herzog, Desde quando você tem esse interesse em questões sociais no mundo exterior? Até recentemente, você levou uma vida de indolência inocente. Mas de repente um espírito fáustico de descontentamento e reforma universal baixou sobre você. Censura. Invectiva.

Caros senhores, O Serviço de Informações fez a gentileza de enviar um pacote

de Belgrado contendo artigos de vestuário de inverno. Eu não quis levar minhas ceroulas para a Itália, o paraíso dos exilados, *e me arrependi disso. Estava nevando quando cheguei a Veneza. Não consegui entrar no vaporetto com minha mala.*

Caro sr. Udall, Um engenheiro de petróleo que conheci recentemente num jato do Noroeste me contou que nossas reservas domésticas de petróleo estão quase esgotadas e que foram desenvolvidos planos para explodir as calotas polares com bombas de hidrogênio para tirar o petróleo do subsolo. O que me diz disso?

Shapiro!

Herzog tinha muito a explicar a Shapiro, e este certamente estava esperando suas explicações. Shapiro não era bem-humorado, embora seu rosto tivesse uma expressão de bom humor. Seu nariz era afilado e agressivo e seus lábios pareciam estar sorrindo de raiva. Suas bochechas eram brancas e rechonchudas, e seu cabelo fino era penteado para trás, rebrilhando no estilo Rodolfo Valentino ou Ricardo Cortez dos anos vinte. Tinha um físico atarracado, mas vestia roupas elegantes.

Entretanto, Shapiro estava com a razão desta vez. *Shapiro, eu devia ter escrito antes para lhe contar... para me desculpar... para fazer correções...* Mas eu tenho uma desculpa esplêndida — problemas, doença, desordem, atribulações. *Você escreveu uma bela monografia. Espero ter deixado isso claro na minha resenha. Minha memória me abandonou completamente a certa altura, e eu estava totalmente errado em relação a Joachim da Floris.* Ambos, você e Joachim, precisam me perdoar. Eu estava num estado terrível. Tendo concordado em resenhar o estudo de Shapiro antes da irrupção do problema, Herzog não teve como escapar. Arrastou o pesado volume por toda a Europa em sua valise. Causou-lhe muita dor no flanco; temia uma hérnia como resultado, e além disso teve que pagar somas consideráveis por excesso de peso na bagagem. Herzog se obrigava a ler regularmente a obra em nome da disciplina, e sob o crescente peso da culpa. Acamado em Belgrado, no Metropol, com garrafas de suco de cereja, os bondes zumbindo na noite gelada. *Finalmente, em Veneza, sentei e escrevi minha resenha.*

Segue-se minha desculpa pelo serviço porco que eu fiz:

Suponho, já que ele está em Madison, Wisconsin, *que você tenha ficado sabendo que eu tive um acesso de fúria em Chicago em outubro passado. Deixamos a casa em Ludeyville há algum tempo. Madeleine queria terminar sua pós-graduação em línguas eslavas. Tinha uns dez cursos de linguística a fazer, e ficou interessada também em sânscrito. Talvez você possa imaginar como ela se entrega às coisas — a seus interesses, suas paixões. Você lembra que quando foi nos visitar no campo, dois anos atrás, discutimos sobre Chicago?* Se seria seguro morar naquele cortiço.

Shapiro em seu estiloso terno de risca de giz, sapatos de bico fino, como se tivesse se vestido para um jantar, estava sentado no gramado de Herzog. Ele tem o perfil de um homem magro. O nariz é afilado, mas o pescoço é flácido e as bochechas um pouco caídas perto dos lábios. Shapiro é muito cavalheiresco. E estava impressionado com Madeleine. Achava-a tão linda, tão inteligente. Bem, ela é. A conversa estava animada. Shapiro expressamente tinha ido ver Moses em busca de "conselho" — na verdade para pedir um favor —, mas estava desfrutando a companhia de Madeleine. Ela o excitava e ele ria enquanto bebia sua água com quinino. O dia estava quente, mas ele não afrouxou sua gravata conservadora. Seus finos sapatos pretos brilhavam; e ele tinha pés gordos, com dorsos protuberantes. Na grama, cortada por ele próprio, Moses estava sentado com sua calça lavável rasgada. Instigado por Madeleine, Shapiro estava particularmente animado, quase guinchando quando ria, e sua risada se tornava cada vez mais frequente, mais selvagem, sem motivo. Ao mesmo tempo, sua postura se tornava mais formal, medida, judiciosa. Falava em frases longas, proustianas, ele deve ter pensado — na verdade germânicas, e repletas de pompa. "No cômputo geral, eu não me aventuraria a examinar o mérito da tendência sem uma consideração mais madura", ele estava dizendo. Pobre Shapiro! Que bruto ele era! Aquela sua risada rosnenta, selvagem, e aquela espuma branca que se formava em seus lábios enquanto ele atacava todo mundo. Madeleine estava muito instigada por ele também, e assumia seus modos refinados. Eles achavam um ao outro estimulantes ao extremo.

Ela veio da casa com as garrafas e os copos na bandeja — queijo, patê de fígado, biscoitos, gelo, arenque. Vestia calça azul e uma blusa chinesa amarela,

o chapéu de camponês oriental que comprei para ela na Quinta Avenida. Dizia que era sensível à insolação. Andando depressa, ela avançou da sombra da casa para o gramado cintilante, fazendo o gato saltar fora do seu caminho, as garrafas e os copos tinirem. Apressava-se porque não queria perder nada da conversa. Quando ela se curvou para pousar as coisas na mesa do jardim, Shapiro não conseguiu tirar os olhos do contorno de seu traseiro, apertado no tecido justo de algodão.

Madeleine, "enfiada no meio do mato", estava ávida por conversas eruditas. Shapiro conhecia a bibliografia de cada campo — lia *todas* as publicações; tinha contas em livrarias pelo mundo afora. Quando descobriu que Madeleine não era apenas uma beldade, mas estava se preparando para defender sua tese de doutorado em línguas eslavas, disse: "Que delícia!". E ele próprio sabia, traindo o conhecimento pela afetação, que para um judeu russo do West Side de Chicago aquele "Que delícia!" era inapropriado. Um judeu alemão de Kenwood poderia tirar aquilo de letra — dinheiro antigo, no comércio de armarinhos desde 1880. Mas o pai de Shapiro não tivera dinheiro algum, e mascateava maçãs podres na South Water Street numa carroça. Havia mais da verdade da vida naquelas maçãs manchadas e estragadas, e no velho Shapiro, que cheirava a cavalo e aos seus produtos, do que em todas aquelas citações eruditas.

Madeleine e o digníssimo visitante estavam falando sobre a Igreja russa, Tikhon Zadonsky, Dostoiévski e Herzen. Shapiro soltava referências doutas em profusão, pronunciando corretamente todas as palavras estrangeiras, fosse em francês, alemão, sérvio, italiano, húngaro, turco ou dinamarquês, disparando-as e rindo — aquela risada entusiástica, aspirada, rosnenta, sem direção, os dentes úmidos, cabeça jogada para trás sobre os ombros. Ha! Os espinhos estalavam. ("Como o estalar de espinhos sob uma panela é a risada dos loucos.[b]") As cigarras cantavam em grande número. Naquele ano, pareciam brotar do chão.

Sob tal estímulo, o rosto de Mady fazia coisas estranhas. A ponta de seu nariz se mexia, e suas sobrancelhas, que não precisavam de nenhuma ajuda de cosméticos, erguiam-se com ansiedade nervosa, repetidamente, como se ela estivesse tentando aclarar a visão. O dr. Edvig dizia que isso era um traço diagnóstico de paranoia. Embaixo das enormes árvores, rodeadas pelas encostas

dos Berkshires, com nenhuma outra casa à vista para estragar o panorama, a grama estava fresca e densa, a fina e vistosa grama de junho. As cigarras de olho vermelho, formas achatadas vividamente coloridas, estavam úmidas depois da muda, ensopadas, imóveis; mas depois de secar elas se arrastavam, saltavam, tropeçavam, voavam, e nas altas árvores mantinham uma cadeia contínua de canto estridente.

A cultura — as ideias — tinha tomado o lugar da Igreja no coração de Mady (que órgão estranho ele devia ser!). Herzog nutria seus próprios pensamentos sentado na grama em Ludeyville, com sua calça rasgada, seus pés descalços, mas o rosto de um cavalheiro judeu instruído, com lábios finos e olhos escuros. Observava sua esposa, pela qual estava doido de amor (com um coração perturbado e furioso, outra singularidade entre os corações), enquanto ela revelava a Shapiro a riqueza de seu intelecto.

"Meu russo poderia ser melhor", disse Shapiro.

"Mas você sabe tanto a respeito do meu tema", disse Madeleine. Ela estava muito feliz. O sangue afogueava seu rosto, e seus olhos azuis estavam cálidos e brilhantes.

Encetaram um novo assunto — a Revolução de 1848. O suor de Shapiro tinha empapado seu colarinho engomado. Só um metalúrgico croata enlouquecido pelo dólar teria comprado uma camisa listrada como aquela. E quais eram as opiniões dele sobre Bakunin, Kropotkin? Conhecia a obra de Comfort? Sim, conhecia. Conhecia Poggioli? Sim. Não achava que Poggioli tivesse feito plena justiça a certas figuras importantes — Rozanov, por exemplo. Embora Rozanov fosse falho quanto a certas questões, como o banho ritual judeu, ainda assim era uma grande figura, e seu misticismo erótico era altamente original — altamente. Ah, esses russos. O que é que eles não fizeram pela civilização ocidental, ao mesmo tempo que repudiavam e ridicularizavam o Ocidente! Madeleine, pensou Herzog, estava ficando quase perigosamente excitada. Quando a voz dela ficava mais aguda, quando sua garganta soava exatamente como um clarinete, ele sabia que ela estava transbordando de ideias e emoções. E se Moses não aderisse, se ficasse sentado ali, nas próprias palavras dela, como um palerma, entediado, ressentido, seria uma prova de que não respeitava a inteligência dela. Já Gersbach sempre se lançava com entusiasmo

na conversa. Era tão enfático no estilo, tão marcante em seus olhares, parecia tão inteligente que a gente se esquecia de questionar se o que ele dizia fazia sentido.

O gramado ficava numa elevação com uma vista dos campos e bosques. Com o formato de uma grande gota verde, tinha um olmo cinza na sua ponta menor, e o tronco da enorme árvore, apodrecendo de ferrugem, era de um cinza arroxeado. Escassas folhas para uma planta tão vasta. Um ninho de papa-figo, na forma de um coração cinzento, estava suspenso sobre galhos finos. O véu de Deus sobre as coisas faz delas todas enigmas. Se elas não fossem todas tão particulares, detalhadas, ricas, talvez me proporcionassem mais descanso. Mas sou um prisioneiro da percepção, uma testemunha compulsória. Elas são excitantes demais. Enquanto eu moro naquela casa de tábuas sem graça. Herzog estava preocupado com aquele olmo. Será que devia derrubá-lo? Odiava fazer isso. Enquanto isso, as cigarras todas vibravam uma mola na barriga, uma orquestra de sopro na câmara especial dos seus traseiros. Aqueles bilhões de olhos vermelhos das matas circundantes estavam alertas, olhando para baixo, e as altas ondas de som inundavam a tarde de verão. Herzog poucas vezes tinha ouvido algo tão lindo quanto àquela estridência contínua e concentrada.

Shapiro mencionou Soloviev — o mais jovem. Ele teve mesmo uma visão, logo no Museu Britânico, entre tantos lugares no mundo? Ocorre que Madeleine tinha feito um estudo sobre o Soloviev mais jovem, e aquela era sua oportunidade. Tinha agora confiança suficiente em Shapiro para falar livremente — isso seria bem recebido, de verdade. Ela deu então uma breve aula sobre a carreira e o pensamento desse falecido russo. Seu olhar ofendido atravessou Moses. Ela se queixava de que ele nunca a ouvia de fato. *Ele* queria brilhar o tempo todo. Mas não era bem assim. Ele ouvira a preleção dela sobre o assunto muitas vezes, algumas delas tarde da noite. Não ousava dizer que estava com sono. De todo modo, devia ser uma espécie de compensação, dadas aquelas condições — enterrados nos remotos Berkshires —, pois ele tinha que discutir pontos complicados de Rousseau e Hegel com ela. Ele confiava inteiramente nos juízos intelectuais dela. Antes de Soloviev, ela discorrera sobre ninguém menos que Joseph de Maistre. E antes de Maistre — Herzog fez a lista

— a Revolução Francesa, Eleanor da Aquitânia, as escavações de Schliemann em Troia, percepção extrassensorial, depois cartas de tarô, Ciência Cristã, e antes disso Mirabeau; ou teriam sido romances de mistério (Josephine Tey), ou ficção científica (Isaac Asimov)? A intensidade era sempre alta. Se ela possuía um interesse constante, era por mistérios de assassinato. Era capaz de ler três ou quatro num dia.

Negro e quente sob a grama, o solo desprendia sua umidade. Herzog a sentia nos pés descalços.

De Soloviev, Mady passou naturalmente para Berdiaev, e enquanto falava de *Escravidão e liberdade* — o conceito de *Sobornost* — abriu o pote de arenque em conserva. Brotou saliva nos lábios de Shapiro. Mais que depressa ele passou seu lenço dobrado nos cantos da boca. Herzog lembrava que ele era um ávido glutão. No cubículo que eles tinham dividido na escola, Shapiro costumava mastigar de boca aberta seus sanduíches de pão de centeio e cebola. Agora, sob o efeito do cheiro de condimentos e vinagre, os olhos de Shapiro se inundavam, embora ele se esforçasse para manter sua fachada imponente, bem-humorada, refinada, de nariz afilado, enquanto passava o lenço pelas mandíbulas bem barbeadas. Sua mão gorducha e sem pelos — seus dedos trêmulos. "Não, não", disse ele, "muito obrigado, sra. Herzog. É uma delícia! Mas tenho problemas estomacais." Problemas! Ele tinha úlcera. A vaidade o impedia de dizer isso; as implicações psicossomáticas eram pouco lisonjeiras. Depois, naquela mesma tarde, ele vomitou na pia. Devia ter comido lula, pensou Herzog, que teve de limpar o vômito. Por que ele não usava a privada — era troncudo demais para se dobrar?

Mas isso foi no fim da sua visita. Antes disso, Moses recordava, houve uma visita dos Gersbach, Valentine e Phoebe. Pararam seu carrinho sob a catalpa — então florida, embora as vagens do ano anterior ainda pendessem dos galhos. Saíram Valentine, em seu andar cambaleante, e Phoebe, pálida em todas as estações do ano, chamando atrás dele com sua voz queixosa: "Val — Va-al". Ela estava devolvendo uma caçarola que tinha pegado emprestada, uma das grandes panelas de ferro de Madeleine, vermelha como carapaça de lagosta — Descoware, feita na Bélgica. Essas visitas frequentemente davam a Herzog uma sensação deprimente que ele não era capaz de explicar. Madeleine o mandou

buscar mais cadeiras dobráveis. Talvez o afetasse o aroma de mel estragado das campânulas da catalpa. Levemente rosadas por dentro, pesadas de tanto pólen, elas caíam sobre o cascalho. Lindas demais. O pequeno Ephraim Gersbach estava fazendo um montinho de campânulas. Moses ficou contente de ir buscar as cadeiras, no meio da desordem mofada da casa, na segurança surda e pétrea do porão. Demorou o quanto pôde para pegar as cadeiras.

Quando voltou, estavam falando sobre Chicago. Gersbach, em pé, com as mãos nos bolsos traseiros, o rosto bem barbeado e o cabelo semelhante a um penacho revelando profundidades acobreadas, estava dizendo que seu conselho era cair fora daquele fim de mundo. Nada interessante tinha acontecido aqui desde a Batalha de Saratoga, nas montanhas, pelo amor de Deus. Phoebe, com aparência pálida e cansada, fumava seu cigarro, sorrindo de leve, e desejando, provavelmente, ser deixada em paz. Em meio a pessoas assertivas, instruídas ou eloquentes, ela parecia se ressentir do próprio desalinho e insuficiência. Na verdade, estava longe de ser estúpida. Tinha belos olhos, um busto, boas pernas. Se pelo menos ela não se forçasse a parecer uma enfermeira-chefe, deixando suas linhas de expressão se alongarem em rugas disciplinares.

"Chicago, sem sombra de dúvida!", disse Shapiro. "É a escola certa para estudos de pós-graduação. Uma mulher como a sra. Herzog é exatamente do que aquele velho lugar precisa também."

Encha sua bocarra de arenque, Shapiro!, pensou Herzog, e cuide da porra da sua vida. Madeleine lançou ao marido um rápido olhar de soslaio. Estava lisonjeada, feliz. Queria que ele se lembrasse, se acaso tivesse esquecido, do alto valor que outras pessoas atribuíam a ela.

Seja como for, Shapiro, eu não estava com disposição para Joachim da Floris e o destino oculto do Homem. Nada parecia especialmente oculto — estava tudo penosamente claro. Ouça, você disse há muito tempo, já todo pomposo mesmo quando ainda era um jovem estudante, que algum dia iríamos "entrar em choque", querendo dizer que já então havia diferenças importantes entre nós. Acho que isso deve ter começado naquele seminário sobre Proudhon e nas longas discussões que tivemos, volta e meia com o velho Larson, sobre a deterioração dos fundamentos religiosos da civilização. Estariam todas as tradições gastas, todas as crenças exauridas, a consciência das massas não madura ainda para o passo

seguinte? Seria esta a crise total da dissolução? Será que chegou o momento imundo em que o sentimento moral morre, a consciência se desintegra, e o respeito pela liberdade, pela lei, pela decência pública e tudo mais degenera em covardia, decadência e sangue? As visões de trevas e infortúnio do velho Proudhon não podem ser ignoradas. Mas não devemos esquecer a rapidez com que as visões dos gênios se tornam os produtos enlatados dos intelectuais. O chucrute enlatado do "Socialismo prussiano" de Spengler, os lugares-comuns do panorama da Terra Devastada, os estimulantes mentais baratos da Alienação, o jargão vazio e fútil sobre a Inautenticidade e o Desamparo. Não posso aceitar essa melancolia idiota e lúgubre. Estamos falando sobre a vida de toda a humanidade. O tema é grandioso demais, profundo demais para tamanha fraqueza, tamanha covardia — profundo demais, grandioso demais, Shapiro. Me atormenta a ponto de me deixar louco o fato de você ter tomado um caminho tão equivocado. Uma crítica meramente estética da história moderna! Depois das guerras e dos assassinatos em massa! Você é inteligente demais para isso. Herdou um sangue precioso. Seu pai mascateava maçãs.

Não estou querendo dizer que minha posição, por sua vez, seja fácil. Somos sobreviventes nesta era, de modo que teorias do progresso não nos caem bem, porque estamos intimamente familiarizados com os custos. Perceber que você é um sobrevivente é um choque. Ao se dar conta dessa condição, a gente sente vontade de cair no choro. Enquanto os mortos seguem seu caminho, a gente quer chamá-los, mas eles partem numa nuvem negra de rostos, almas. Eles flutuam na fumaça das chaminés dos fornos de extermínio, e deixam a gente na luz clara do sucesso histórico — o sucesso técnico do Ocidente. Então a gente sabe, com uma aceleração súbita do sangue, que a humanidade está chegando lá — está atingindo a glória, ainda que ensurdecida pelas explosões de sangue. Unificados pelas horríveis guerras, instruídos na nossa brutal estupidez pelas revoluções, pelas fomes projetadas por "ideólogos" (herdeiros de Marx e Hegel e treinados na astúcia da razão), talvez nós, a humanidade moderna (que assim seja!), estejamos fazendo o que é quase impossível, a saber, aprendendo alguma coisa. Você sabe que o declínio e queda da civilização se recusa a seguir o modelo da antiguidade. Os velhos impérios estão esfacelados, mas essas mesmas potências do passado estão mais ricas do que nunca. Não digo que a prosperidade da Alemanha seja

inteiramente agradável de ver. Mas lá está ela, menos de vinte anos depois de o niilismo demoníaco de Hitler tê-la destruído. E a França? A Inglaterra? Não, a analogia do declínio e queda do mundo clássico não vai colar no nosso caso. Alguma outra coisa está acontecendo, e essa alguma coisa está mais próxima da visão de Comte — os resultados do trabalho racionalmente organizado — do que da de Spengler. De todos os males da estandardização na velha Europa burguesa de Spengler, talvez o pior tenha sido o pedantismo estandardizado dos próprios Spenglers — aquela truculência grosseira nascida no Gymnasium, *no treinamento cultural administrado por uma burocracia obsoleta.*

Eu pretendia, no campo, escrever outro capítulo da história do romantismo como a forma assumida pela inveja e ambição plebeia na Europa moderna. As classes plebeias emergentes lutavam por comida, poder, privilégios sexuais, é claro. Mas lutavam também para herdar a dignidade aristocrática dos antigos regimes, que nos tempos modernos talvez reclamassem o direito de falar em declínio. Na esfera da cultura, as classes instruídas que então ascendiam causavam confusão entre julgamentos estéticos e morais. Elas começaram se enfurecendo contra a profanação industrial das paisagens (os "Vales de Tempe" britânicos de Ruskin) e acabaram perdendo de vista as características morais antiquadas dos Ruskin. Chegando por fim ao ponto de negar a humanidade das massas industrializadas, "banalizadas". Foi fácil, para os apocalípticos, ser assimilados ao totalitarismo. Aqui a responsabilidade dos artistas ainda está para ser avaliada. Ter assumido, por exemplo, que a deterioração e o aviltamento da linguagem eram equivalentes à desumanização levou diretamente ao fascismo cultural.

Eu planejava também abordar toda a questão dos modelos, da imitatio, *na história da civilização. Depois de um longo estudo do* ancien régime *eu estava pronto para arriscar uma teoria a respeito dos efeitos das altas tradições da corte, da política, do teatro de Luís XIV sobre a personalidade francesa (e consequentemente europeia). As circunstâncias da privacidade burguesa na época moderna despojaram os indivíduos do escopo para as Grandes Paixões, e é aqui que uma das mais fascinantes mas menos agradáveis tendências do romantismo se desenvolve. (Um dos resultados dessa espécie de drama pessoal é que, para o mundo colonial, a civilização ocidental dramatizava a si própria como aristocrática.) Eu tinha um capítulo em desenvolvimento, quando você nos*

visitou, chamado "O cavalheiro americano", uma breve história do alpinismo social. E lá estava eu, eu mesmo, em Ludeyville, como fidalgo Herzog. O conde Pototsky dos Berkshires. Foi uma reviravolta bem engraçada nos acontecimentos, Shapiro. Enquanto você e Madeleine balançavam a cabeça, flertando, se gabando, exibindo seus dentes claros e afiados — num elaborado e jocoso jogo de sedução —, eu estava tentando fazer um balanço da minha posição. Compreendi que a ambição de Madeleine era tomar meu lugar no mundo culto. Ela estava em busca de sua ascensão final, como rainha dos intelectuais, a literata de ferro. E seu amigo Herzog se debatendo embaixo daquele elegante salto agulha.

Ah, Shapiro, o vencedor de Waterloo se afastou para derramar lágrimas amargas pelos mortos (assassinados sob suas ordens). Não foi o caso de minha ex-patroa. Ela não vive entre dois Testamentos contraditórios. É mais forte que Wellington. Quer viver nas profissões delirantes*, como Valéry as chama — ofícios em que o principal instrumento é sua opinião sobre si mesmo e a matéria-prima é sua reputação ou status.*

Quanto ao livro que você escreveu, há um excesso de história imaginária nele. Muito dele é mera ficção utópica. Nunca vou mudar minha opinião a respeito disso. Não obstante, achei muito boa sua ideia sobre milenarismo e paranoia. Madeleine, diga-se de passagem, me atraiu para fora do mundo intelectual, no qual ela entrou, bateu a porta e segue lá dentro, fofocando a meu respeito.

Não era terrivelmente original, essa ideia de Shapiro, mas ele fez um bom e claro trabalho. *Em minha resenha eu tentei sugerir que os psicólogos clínicos poderiam escrever histórias fascinantes. Desalojar do ofício os profissionais. Megalomania para os faraós e césares. Melancolia na Idade Média. Esquizofrenia no século XVIII. E então aquele búlgaro, Banowitch, vendo todas as lutas de poder em termos de mentalidade paranoica* — uma mente estranha, arrepiante, essa, convencida de que a loucura sempre governa o mundo. O Ditador precisa ter multidões vivas e também uma multidão de cadáveres. A visão da humanidade como uma porção de canibais, correndo em bandos, emitindo sons inarticulados, pranteando seus próprios assassinatos, esmagando o mundo dos vivos como se fosse excremento morto. Não se iluda, caro Moses Elkanah, com cantigas infantis e Mamãe Gansa. Corações vibrando de caridade barata e molenga ou transbordando de amor feijão com arroz nunca escreveram

a história. Os dentes rangentes de Shapiro, sua voracidade salivante, o punhal da úlcera em sua barriga, tudo isso lhe dava verdadeiros lampejos de inspiração, também. Fontes de sangue humano que esguichavam de covas recentes! Massacre sem limites! Nunca compreendi isso!

Peguei uma lista dos traços de paranoia com um psiquiatra recentemente — pedi a ele que os escrevesse num papel para mim. Talvez me ajudasse a entender, eu pensava. Ele escreveu de bom grado. Guardei o papel na minha carteira e o estudei como as pragas do Egito. Exatinho como DOM, SFARDEYA, KINNIM[c] na *Hagadá*. Dizia: "Orgulho, Raiva, 'Racionalidade' Excessiva, Inclinações Homossexuais, Competitividade, Desconfiança da Emoção, Incapacidade de Suportar Críticas, Projeções Hostis, Ilusões". Está tudo ali — tudo! Pensei em Mady em cada uma das categorias, e embora o retrato ainda não esteja completo eu sei que não posso abandonar uma criança pequena nas mãos dela. Mady não é nenhuma Daisy. Daisy é uma mulher sistemática, mal-humorada, mas digna de confiança. Marco sobreviveu muito bem.

Abandonando a carta para Shapiro — ela suscitava muitos pensamentos dolorosos, e esse era precisamente o tipo de coisa que ele precisava evitar se não quisesse perder todo o benefício das férias —, voltou-se para seu irmão Alexander. *Querido Shura*, escreveu, *Acho que lhe devo mil e quinhentos dólares. Que tal arredondar para dois mil? Estou precisando. No processo de me reorganizar.* Shura era um irmão generoso. Os Herzog tinham seus problemas familiares característicos, mas a mesquinhez não era um de seus traços. Moses sabia que o homem rico iria apertar um botão e dizer a sua secretária: "Mande um cheque para o despirocado Moses Herzog". Seu bonito e corpulento irmão de cabelos brancos com seu terno caríssimo, seu casaco de vicunha, seu chapéu italiano, sua barba de um milhão de dólares e seus róseos dedos manicurados e com grandes anéis, olhando da janela de sua limusine com altivez principesca. Shura conhecia todo mundo, subornava todo mundo e desprezava todo mundo. Com relação a Moses seu desdém era amenizado pelo sentimento familiar. Shura era o verdadeiro discípulo de Thomas Hobbes. Preocupações universais eram idiotice. Não peça mais do que prosperar no ventre do Leviatã e estabelecer um exemplo hedonístico para a comunidade. Shura achava divertido o fato de seu irmão Moses gostar tanto dele. Moses amava seus

parentes perdida e irrestritamente. Seu irmão, Willie, sua irmã Helen, até mesmo os primos. Era infantil de sua parte; sabia disso. Podia apenas suspirar consigo mesmo diante do fato de ser tão subdesenvolvido nesse lado significativo da sua natureza. Às vezes tentava pensar, em seu próprio vocabulário, se isso poderia ser o seu aspecto arcaico, pré-histórico. Tribal, você sabe. Associado com adoração dos ancestrais e totemismo.

Além disso, como andei tendo problemas legais, eu me pergunto se você poderia me recomendar um advogado. Talvez um membro do próprio departamento jurídico de Shura, que não cobrasse pelos serviços.

Ele agora elaborava na sua cabeça uma carta a Sandor Himmelstein, o advogado de Chicago que cuidara do seu caso no último outono, depois que Madeleine o pusera para fora de casa. *Sandor! A última vez que entramos em contato foi quando lhe escrevi da Turquia. Com tanto lugar no mundo!* E no entanto aquilo combinava com Sandor, de certo modo; era o país das mil e uma noites e o próprio Sandor poderia ter saído de um mercado árabe, apesar de ter seu escritório no décimo quarto andar do Burnham Building, rua acima a partir do prédio da prefeitura. Herzog o conhecera na sauna no Postl's Health Club, na esquina das ruas Randolph e Wells. Era um homem baixo, deformado pela perda de parte do seu tórax. Na Normandia, ele dizia sempre. Ele provavelmente tinha sido uma espécie de anão grande quando se alistou. Deve ter sido possível conseguir um posto na auditoria de guerra mesmo sendo um baixinho. Herzog se sentia desconfortável, talvez, com o fato de ter sido dispensado da Marinha devido à asma e por isso não ter entrado em ação. Enquanto isso, aquele anão corcunda tinha sido mutilado pela explosão de uma mina perto da cabeça de ponte na Normandia. O ferimento o transformara num corcunda. Fosse como fosse, aquele era Sandor, com um rosto orgulhoso, perspicaz, bonito, de boca pálida e pele amarelada, nariz nobre, finos cabelos grisalhos. *Na Turquia eu estava num estado lamentável.* Em parte, de novo, por causa do tempo. A primavera lutava para vingar, mas os ventos mudaram. O céu se fechou sobre as brancas mesquitas. Nevou. As mulheres turcas, viris, de calças compridas, cobriram de véus seus rostos severos. Nunca imaginei vê-las

caminhar com tanta energia. O carvão tinha sido despejado na rua, mas os trabalhadores não apareceram para transportá-lo, de modo que a caldeira de calefação estava desativada. Herzog tomava conhaque de ameixa e chá na cafeteria, esfregava as mãos e movia os dedos dos pés dentro dos sapatos para manter o sangue circulando. Estava preocupado com sua circulação na época. Ver as primeiras flores cobertas de neve aumentava sua melancolia.

Enviei-lhe este atrasado bilhete de reconhecimento para agradecer a você e a Bea por me acolherem sob seu teto. Conhecidos, não velhos amigos. Tenho certeza de que fui um terrível hóspede. Doente e irritado — arrasado por aquela mágoa torpe. Tomando comprimidos para minha insônia, mas ainda assim incapaz de dormir, o tempo todo dopado, e o uísque me dando taquicardia. Eu devia ter ficado numa cela acolchoada. *Gratidão! Eu estava profundamente agradecido*. Mas a gratidão política do fraco, do sofredor, furioso sob a superfície. Sandor cuidou de mim. Eu estava incapaz. Ele me levou para sua casa, no extremo sul, a dez quadras da estação Illinois Central. Mady tinha ficado com o carro, alegando que precisava dele por causa de Junie, para levá-la ao zoológico e coisas do tipo.

Sandor disse: "Você não vai se importar de dormir perto das bebidas, imagino", pois o catre tinha sido armado ao lado do bar. A sala estava cheia de garotos da turma de colégio de Carmel Himmelstein. "Caiam fora!", Sandor gritou estridentemente para os adolescentes. "Não dá nem para enxergar no meio desta maldita fumaça de cigarro! Olha só essas garrafas de Coca-Cola cheias de guimbas." Ligou o ar-condicionado, e Moses, ainda corado pelo frio do dia, mas com círculos brancos sob os olhos, seguia segurando sua valise, a mesma valise que agora repousa sobre seu colo. Sandor recolheu copos de várias prateleiras, para desocupá-las. "Desfaça sua mala, rapaz", disse. "Ponha suas coisas aqui. Vamos comer em vinte minutos. Rango bom. Sauerbraten. Especialidade da Bea."

Obediente, Moses tirou da valise suas coisas — escova de dentes, aparelho de barba, pó antisséptico Desenex, comprimidos para dormir, meias, a monografia de Shapiro e uma velha edição de bolso dos poemas de Blake. A tira de papel em que o dr. Edvig tinha listado os traços de paranoia era o seu marcador de página.

Depois do jantar, naquela primeira noite na sala de estar dos Himmelstein, Herzog começou relutantemente a compreender que, ao aceitar a hospitalidade de Sandor, tinha cometido outro erro característico.

"Você vai superar isso. Está tudo bem. Você vai conseguir", disse Sandor. "Vou botar uma grana em você. Você é o meu garoto."

E Beatrice, com seu cabelo preto e sua bela boca cor-de-rosa que não precisava de batom, disse: "Moses, nós sabemos como você deve estar se sentindo".

"As vacas vêm, as vacas vão", disse Sandor. "Toda a minha prática, quase, é com essas vacas. Você devia saber o que elas aprontam, e o que acontece nesta cidade de Chicago." Balançou sua cabeça pesada e seus lábios se comprimiram numa expressão de desgosto. "Se ela quer te foder, foda-se ela! Deixa ela! Você vai ficar legal. Então você foi um otário! Grande coisa! Todo homem é um otário com algum tipo de dona. Eu pessoalmente sempre fui nocauteado pelas de olhos azuis. Mas tive o bom senso de me apaixonar por este lindo par de olhos castanhos. Ela não é o máximo?"

"Com certeza." Aquilo precisava ser dito. E na verdade não era tão difícil. Em seus quarenta e tantos anos de vida Moses tinha aprendido a atravessar momentos como aquele. Entre puritanos estreitos, aquilo era mentir; mas entre pessoas civilizadas era apenas civilidade.

"Nunca vou saber o que ela viu num escombro como eu. Seja como for, Moses, você fica com a gente um pouco. Num momento como este, você não deve ficar sem amigos. Eu sei, claro, que você tem seus próprios familiares nesta cidade. Vejo seus irmãos no Fritzl's. Conversei com seu irmão do meio outro dia mesmo."

"Willie."

"É um sujeito ótimo — muito ativo na vida judaica, também", disse Sandor. "Não como aquele *macher*, Alexander. Sempre metido em algum escândalo. Um dia está ligado com a máfia da gasolina, no dia seguinte com Jimmy Hoffa, e logo depois com o bando de Dirksen. Certo, seus irmãos são figurões. Mas são capazes de fazer você sofrer o diabo. Aqui ninguém vai te perguntar nada."

"Aqui com a gente você pode se sentir à vontade", disse Beatrice.

"Bem, eu não compreendo nem um pouco isso", disse Moses. "Mady e eu

tivemos nossos altos e baixos desde o começo. Mas as coisas estavam melhorando. Na última primavera discutimos o casamento e se estávamos nos dando bem o bastante para continuar. Surgiu uma questão prática: se eu deveria me amarrar a uma hipoteca. Ela disse que, tão logo concluísse sua tese, teríamos um segundo filho..."

"Vou lhe dizer uma coisa", disse Sandor. "A porra da culpa também é sua, se quer saber minha opinião."

"Minha? O que você quer dizer?"

"Porque você é um sabichão e se casou com uma dona sabichona. Em algum lugar, em todo intelectual, há um convencido estúpido. Vocês não conseguem responder suas próprias perguntas — ainda assim, vejo esperança para você, Mose."

"Que esperança?"

"Você não é como aqueles outros impostores universitários. Você é um *mensch*. Para que porra servem esses intelectuais? É preciso um filho da mãe ignorante como eu para lutar pelas causas liberais. Aqueles caretões grã-finos de Yale podem ter um retrato de Learned Hand em seu escritório, mas, quando se trata de se misturar ao povo em Trumbull Park, ou brigar com aqueles covardes em Deerfield ou defender um homem como Tompkins..." Sandor tinha orgulho de sua atuação no caso de Tompkins, um negro do serviço postal que ele defendera.

"Bem, suponho que resolveram pegar Tompkins porque ele era negro", disse Herzog. "Mas infelizmente era também bêbado. Você mesmo me contou isso. E havia uma dúvida quanto à competência dele."

"Não saia por aí repetindo isso", disse Sandor. "Será usado do jeito errado. Vai sair espalhando o que eu lhe contei confidencialmente? Era uma questão de justiça. Vai dizer que não existe nenhum bêbado branco no serviço público? Não poucos!"

"Sandor... Beatrice. Estou me sentindo péssimo. Outro divórcio — mais uma vez, a esta altura da vida. Não aguento. Não sei... parece a morte."

"Shhhh, que é que você está dizendo?", disse Sandor. "É lamentável por causa da criança, mas você vai superar."

Naquela época, quando você achava, e eu concordava, que eu não devia ficar

sozinho, talvez eu na verdade devesse ficar sozinho, escreveu Herzog.

"Olhe, vou cuidar de tudo para você", tranquilizou-o Sandor. "Você vai sair dessa *dreck* cheirando a carne assada. Deixa comigo, está bom? Não confia em mim? Acha que eu não estou sendo honesto com você?"

Eu devia ter ocupado um quarto no Quadrangle Club.

"Você não pode ser abandonado à própria sorte", disse Sandor. "Não é do tipo. Um ser humano! Um *mensch*! Cagaram no seu coração. E você, seu filho da mãe, tem mais ou menos tanto senso prático quanto meu filho de dez anos, Sheldon."

"Vou dar um basta nisso. Não serei uma vítima. Odeio o papel de vítima", disse Moses.

Himmelstein estava sentado em sua *bergère*, os pés dobrados sob a barriga. Os olhos estavam úmidos, da cor de pepino recém-fatiado, sob os finos cílios. Mascava um charuto. Suas unhas feias estavam lixadas. Ele tinha uma manicure na Palmer House. "Uma vaca de cabeça dura", disse ele. "Terrivelmente atraente. Gosta de tomar suas próprias decisões. Uma vez decidida, decidida para sempre. Que força de vontade. É uma figura."

"Ainda assim, ela deve ter te amado um dia, Moses", disse Bea. Falava muito, muito devagar — era o seu jeito. Seus olhos castanho-escuros estavam alojados dentro de sólidos ossos orbitais. Seus lábios eram róseos e ávidos. Moses não queria cruzar seu olhar com o dela; teria que sustentá-lo longamente e com seriedade, e nada sairia disso. Ele sabia que contava com a compaixão dela, mas que ela nunca poderia aprová-lo.

"Não acho que ela tenha me amado", disse Moses.

"Tenho certeza de que sim."

Era a solidariedade feminina de classe média, defendendo uma boa moça da acusação de ser calculista e mal-intencionada. Boas moças se casam por amor. Mas, se o amor acabar, elas precisam estar livres para amar outra pessoa. Nenhum marido decente se oporá aos ditames do coração. Esta é a ortodoxia. Não é completamente ruim. Mas é uma nova ortodoxia. De todo modo, pensava Moses, ele não estava em condições de discutir com Beatrice. Estava na casa dela, recebendo conforto dela.

"Você não conhece Madeleine", disse ele. "Quando a conheci, ela precisava

de um bocado de ajuda. Do tipo que só um marido pode dar...”

Eu sei como são longas — intermináveis — as histórias das pessoas quando elas têm mágoas. E como são tediosas para todo mundo.

“Acontece que eu acho que ela é uma pessoa bacana”, disse Bea. “De início ela parecia convencida e agia de modo suspeito, mas quando a conheci melhor ela se revelou afetuosa e muito bacana. Basicamente, ela deve ser uma boa pessoa.”

“Porra! As pessoas são bacanas, em sua maioria. A gente tem que dar uma chance para elas”, disse Sandor, pálido e bonito.

“Mady planejou tudo”, disse Herzog. “Por que ela não rompeu comigo antes de eu assinar a hipoteca?”

“Porque ela tem que garantir um teto sobre a cabeça da filha”, disse Sandor. “O que você espera?”

“O que eu *espero*?” Herzog se pôs de pé, lutando em busca de palavras. Seu rosto estava branco, os olhos dilatados, fixos. Encarou Sandor, que estava sentado como um sultão, os pequenos calcanhares unidos sob sua barriga protuberante. Então ele se deu conta de que Beatrice, com seu olhar bonito e sem brilho, o alertava para que não irritasse Sandor. Sua pressão sanguínea costumava disparar perigosamente quando ele era contrariado.

Herzog escreveu: *Eu era grato por sua amizade. Atravessava um estado crítico, porém. Um daqueles estados nos quais a gente faz demandas grandiosas, impossíveis. Enfurecidas, as pessoas se tornam ditatoriais. Difíceis de suportar.* Eu estava aprisionado ali. Dormindo perto do bar. Meu coração se solidarizou com o pobre Tompkins. Não admira que ele tenha enchido a cara quando Sandor o acolheu.

“Você não vai brigar pela guarda da menina, vai?”, Sandor perguntou a Herzog.

“E se eu brigar?”

“Bem”, disse Sandor, “falando como advogado, posso te ver diante de um júri. Eles vão olhar para Madeleine, viçosa e adorável, e em seguida para você, amarrotado e grisalho, e pronto: era uma vez seu processo pela custódia. É assim que funcionam os júris. São mais tapados que homens das cavernas aqueles filhos da mãe — eu sei que para você não é fácil ouvir isto, mas sou

obrigado a dizer. Um sujeito na sua altura da vida tem que encarar os fatos."

"Fatos!", disse Herzog, abatido, trôpego, indignado.

"Eu sei", disse Sandor. "Sou dez anos mais velho. Mas depois dos quarenta é tudo a mesma coisa. Se você consegue dar no couro uma vez por semana, já deve se dar por feliz."

Beatrice tentou conter Sandor, mas ele disse: "Cale a boca". Virou-se então de novo para Moses, abanando e baixando a cabeça até que ela foi afundando gradualmente em seu peito desfigurado, e os ossos dos ombros saltaram para trás, coracoide espetando a camisa branca. "Que porra *ele* sabe a respeito de encarar os fatos? Tudo o que ele quer é que todo mundo o ame. Senão, vai sair gritando e se esgoelando. Tudo bem! Depois do Dia D, eu estava estropiado naquele hospital fodido da Marinha inglesa — um aleijado. Deus do céu! Eu tive que sair andando com minhas próprias forças. E que tal esse camarada dele, Valentine Gersbach? *Aquele sim* é um homem para você! Aquele ruivo manco sabe o que é o verdadeiro sofrimento. Mas ele leva numa boa — três homens e suas seis pernas não se virariam melhor do que aquele perna de pau. Está tudo bem, Bea — Moses pode suportar isto. Caso contrário, seria apenas mais um professor bundão. Eu nem iria perder meu tempo com o filho da puta."

Herzog estava incoerente, de tanta raiva. "O que você quer dizer? Será que eu deveria morrer por causa do meu cabelo? E o que me diz da menina?"

"Ora, não fique aí em pé, esfregando as mãos feito um paspalho — meu Deus, detesto os paspalhos", berrou Sandor. Seus olhos verdes estavam violentamente claros, seus lábios se retesavam continuamente. Devia estar convencido de que estava arrancando da alma de Herzog o peso morto da ilusão, e seus longos indicadores e dedões brancos se agitavam nervosamente.

"O quê! Morrer? Cabelo? Que diabo você está balbuciando? Eu só disse que eles dariam a criança para uma jovem mãe."

"Madeleine fez sua cabeça a esse respeito. Ela tramou isso também. Para me impedir de entrar na justiça."

"Ela *coisa nenhuma*! Estou tentando lhe dizer para o seu próprio bem. Desta vez, é ela quem dá as cartas. Ela ganha e você perde. Talvez ela queira outra pessoa."

"Será? Ela lhe contou isso?"

"Não me contou nada. Eu disse *talvez*. Agora se acalme. Sirva um drinque para ele, Bea. Da garrafa dele mesmo. Ele não gosta de uísque escocês."

Beatrice foi buscar a garrafa de Guckenheimer's de Herzog.

"Agora", disse Sandor, "pare com essa conversa fiada. Não aja como um palhaço, homem." Sua expressão mudou, e ele deixou algum afeto fluir em direção a Herzog. "Bem, quando você sofre, você sofre de verdade. Você é um velho tipo judeu genuíno, que revolve as próprias emoções. Vou lhe conceder isso. Eu entendo. Cresci na Sangamon Street, lembre-se, quando um judeu ainda era um judeu. Sou versado em sofrimento — estamos na mesma rede."

Herzog, o passageiro, anotou: *Por mais que tentasse, eu não conseguia entender. Com frequência pensei que fosse ter uma apoplexia, um ataque. Quanto mais consolo você me dava, mais próximo eu ficava da porta da morte. Mas o que eu estava fazendo? Por que estava na sua casa?*

Devia ser engraçado o modo como eu sofria. Contemplando do meu quarto as ervas desfolhadas do terreno dos fundos. Esqueletos marrons, delicados, de tasneiras. Plantas leitosas com as vagens abertas, descarregadas. Ou então fitando o rosto escuro e cinzento da televisão.

Na manhã de domingo, bem cedo, Sandor chamou Herzog para a sala de estar. "Homem", disse, "achei uma bela apólice de seguro para você."

Moses, amarrando o cinto do robe enquanto saía da cama junto ao bar, não compreendeu.

"O quê?"

"Podemos conseguir para você uma tremenda apólice para cobrir a menina."

"Do que você está falando?"

"Eu te falei na semana passada, mas você devia estar pensando em outras coisas. Se você ficar doente, ou sofrer um acidente, perder um olho, ou mesmo se ficar louco, Junie vai ficar protegida."

"Mas eu vou para a Europa, e tenho seguro de viagem."

"Isso é para o caso de você morrer. Mas aqui, mesmo que você tenha um colapso mental e precise ser internado, a menina ainda consegue um sustento mensal."

"Quem disse que vou ter um colapso?"

"Ouça, você acha que estou fazendo isso por mim mesmo? Estou servindo de

intermediário aqui", disse Sandor, batendo com o pé descalço no tapete felpudo.

Domingo, com uma névoa cinzenta subindo do lago e os barcos de minério mugindo como gado levado pela água. Dava para ouvir o vazio dos cascos. Herzog teria dado qualquer coisa para ser um marujo a caminho de Duluth.

"Você pode ou não aceitar meu conselho legal", disse Sandor. "Quero fazer o melhor por todos vocês. Certo?"

"Bom, aqui estou eu como prova disso. Você me acolheu em sua casa."

"Certo, então vamos falar coisa com coisa. Com Madeleine você não terá problemas. Ela não vai querer pensão. Vai se casar logo, logo. Levei-a para almoçar no Fritzel's e sujeitos que não deram a menor bola para Sandor H. durante anos vieram correndo excitados para nós, tropeçando uns nos outros. Isso inclui o rabino do meu templo. Ela é uma iguaria e tanto."

"Você é um lunático. E eu sei o que ela é."

"O que você quer dizer? Ela é menos puta que a maioria. Somos todos putas neste mundo, não se esqueça disso. Sei muito bem que *eu sou* uma puta. E você é um notório bobalhão, eu sei. Pelo menos os intelectuais me dizem isso. Mas aposto um terno novo que você é uma puta também."

"Você sabe o que é um homem-massa, Himmelstein?"

Sandor fez uma carranca. "Como é isso?"

"Um homem-massa. Um homem da multidão. A alma da turba. Colocando todo mundo em seu próprio lugar."

"Que alma da turba! Não seja pomposo. Estou falando de fatos, não de lenga-lenga."

"E você acha que um fato é o que é sórdido."

"Os fatos *são* sórdidos."

"Você acha que eles são verdadeiros porque são sórdidos."

"E você — tudo isso é demais para você. Quem lhe disse que você era um príncipe? Sua mãe lavava roupa no tanque; vocês tinham pensionistas; seu velho era um reles fabricante de bebida ilegal. Conheço vocês Herzog e seu *yiches*. Não me venha com essa pose. Eu mesmo sou um judeuzinho e tirei meu diploma numa escola noturna fedorenta. Está certo? Então vamos cortar esse papo furado, moço sonhador.

Herzog, oprimido, muito abalado, não teve resposta. O que tinha vindo buscar aqui? Ajuda? Um fórum para sua raiva? Indignação por suas injustiças? Mas era o fórum de Sandor, não seu. Aquele anão feroz com dentes salientes e fundas linhas no rosto. Seu tórax assimétrico se destacava sob o paletó do pijama. Mas aquele era o estado raivoso, mau, de Sandor, pensou Herzog. Ele era capaz também de ser atraente, generoso, sociável, até mesmo espirituoso. A lava daquele coração podia ter deformado aquelas costelas, e a força daquela língua infernal fazia seus dentes sobressaírem. Muito bem, Moshe Herzog — se você tem necessidade de despertar lástima, em busca de ajuda e amparo, vai se colocar sempre, inevitavelmente, nas mãos desses espíritos furiosos. Fulminando você com a "verdade" deles. É isso que o seu masoquismo significa, *mein zisse n'shamele*.[d] Os bons são atraídos pelas percepções dos homens e não pensam por si mesmos. Você precisa limpar as portas da visão por meio do autoconhecimento, da experiência. Além do mais, oposição é verdadeira amizade. Assim me dizem.

"Você quer cuidar da sua filha, não quer?", perguntou Sandor.

"Claro que quero. Mas você me disse outro dia que eu podia também esquecê-la, que ela cresceria como uma estranha para mim."

"É verdade. Ela nem vai te reconhecer na próxima vez que você a encontrar."

Sandor estava pensando em seus próprios filhos, aqueles hamsters; não minha filha, feita de um barro melhor. *Ela* não vai me esquecer. "Não acredito nisso", disse Herzog.

"Na qualidade de advogado, tenho uma obrigação social com a criança. Tenho que protegê-la."

"*Você*? Eu sou o pai."

"Você pode sofrer um colapso. Ou mesmo morrer."

"Mady tem a mesma probabilidade de morrer. Por que não fazemos o seguro dela?"

"Ela nunca permitiria. Não faz parte do papel da mulher. Faz parte do papel do homem."

"Não deste homem aqui. Madeleine se impõe como um macho. Ela tomou todas essas decisões para ficar com a menina e me botar na rua. Pensa que pode

ser mãe e pai ao mesmo tempo. Eu pago o prêmio do seguro da vida *dela*."

Sandor de repente começou a berrar. "Não dou a mínima para ela. Não dou a mínima para você. Estou preocupado com aquela criança."

"O que faz você ter tanta certeza de que eu vou morrer primeiro?"

"E é essa a mulher que você ama?", disse Sandor num tom mais baixo. Aparentemente, tinha se lembrado de sua pressão sanguínea perigosamente alta. Um elaborado esforço envolvia seus olhos pálidos e seus lábios e lhe fazia uma cova no queixo. Disse, mais equilibrado: "Eu mesmo faria essa apólice se pudesse passar no teste físico. Iria me dar muito prazer bater as botas e fazer da minha Bea uma viúva rica. Eu iria gostar disso".

"Então ela poderia ir para Miami, poderia tingir o cabelo."

"Isso mesmo. Enquanto eu fico verde como uma moeda velha, em meu caixão, e ela sai aprontando por aí. Eu não fico ressentido com ela."

"Tudo bem, Sandor...", disse Herzog. Queria encerrar aquela conversa. "No momento não me sinto muito disposto a fazer preparativos para a minha morte."

"Que é que há de tão grandioso na porra da sua morte?", gritou Sandor. Seu corpo se empertigou. Ele se postou muito perto de Herzog, que ficou um tanto assustado com aquela estridência e baixou os olhos arregalados para o rosto de seu anfitrião. Era rudemente bonito e de traços fortes. O pequeno bigode estava eriçado, um veneno leitoso assomava no verde feroz de seus olhos; sua boca se retorcia. "Estou caindo fora deste caso!", Himmelstein começou a berrar.

"Que está acontecendo com você?!", disse Herzog. "Onde está Beatrice? Beatrice!"

Mas a sra. Himmelstein se limitou a fechar a porta do seu quarto.

"Ela vai contratar uma firma de rábulas!"

"Pelo amor de Deus, pare de gritar."

"Eles vão liquidar você."

"Sandor, pare com isso."

"Vão botar você num barril. Arrancar sua pele."

Herzog tapou os ouvidos. "Não aguento mais."

"Vão dar um nó nas suas tripas. Filho da puta. Vão enfiar um medidor no seu nariz e cobrar pelo ar que você respira. Você vai ser amarrado pela frente e por

trás. Então vai pensar em morrer. Vai rezar por isso. Um caixão vai lhe parecer melhor do que um carro esporte."

"Mas eu não deixei Madeleine."

"Eu mesmo fiz isso com uns caras."

"Que mal eu fiz a ela?"

"O tribunal não se importa. Você assinou papéis — por acaso leu o que estava escrito?"

"Não. Confiei no que você disse."

"Vão arremessar o código civil em você no tribunal. Ela é a mãe — a fêmea. Ela tem as tetas. Vão esmagar você."

"Mas não sou culpado de nada."

"Ela te odeia."

Sandor já não gritava. Tinha retomado seu tom de voz, normalmente alto. "Meu Deus! Você não sabe coisa alguma", disse. "Você, um homem instruído? Graças a Deus que meu pai não tinha grana para me mandar para a Universidade de Chicago. Trabalhei na Davis Store e frequentei a Faculdade de Direito John Marshall. Instrução? Que piada! Você não sabe o que se passa."

Moses estava abalado. Começou a reconsiderar. "Tudo bem...", disse.

"Tudo bem o quê?"

"Vou fazer um seguro de vida."

"Não como um favor para mim!"

"Não como um favor..."

"É uma facada e tanto: quatrocentos e dezoito paus."

"Eu arranjo o dinheiro."

Sandor disse: "Muito bem, meu garoto. Finalmente você diz coisa com coisa. Agora que tal um café da manhã? Vou fazer um mingau de cereais". Em seu pijama estampado verde se dirigiu à cozinha com seus pés compridos e descalços. Seguindo pelo corredor, Herzog ouviu um grito de Sandor junto à pia da cozinha. "Olhe esta pocilga! Nem uma panela, nem um prato, nem sequer uma colher limpa. Fedor de lixo. Isto aqui é um verdadeiro esgoto!" O velho cachorro, obeso e careca, fugiu de medo, as unhas raspando os ladrilhos — cliqueclique, cliqueclique. "Vacas esbanjadoras!", gritou para as mulheres da casa. "Sanguessugas malditas! Só servem para rebolar o rabo nas lojas de

roupas e trotar pelos matos. Aí voltam para casa e devoram bolos e deixam pratos melecados de chocolate na pia. É isso que provoca espinhas nelas."

"Calma, Sandor."

"Estou pedindo muito? O veterano aleijado sobe e desce o prédio da prefeitura, vai de tribunal a tribunal — até a 26 e a Califórnia. Por elas! E elas se importam se eu tenho que puxar o saco de todo tipo de babaca para conseguir um dinheirinho?" Sandor começou a remexer na pia. Jogava cascas de ovo e de laranja no canto ao lado do cesto de lixo — nos resíduos dos grãos de café. Foi sendo tomado pela fúria e começou a espatifar pratos, vasilhas e copos. Seus dedos compridos, como os de um corcunda, agarravam os pratos melados de açúcar. Sem perder a beleza dos gestos — espantoso! —, ele os despedaçava na parede. Derrubou o escorredor de pratos e o sabão em pó, e então chorou de raiva. Raiva também de si mesmo, que sucumbia a tais emoções. Sua boca aberta e seus dentes salientes! Os pelos compridos saltavam de seu peito desfigurado.

"Moses — elas estão me matando! Matando o pai delas!"

As filhas escutavam deitadas em seus quartos. O pequeno Sheldon estava em Jackson Park com seu grupo de escoteiros. Beatrice não apareceu.

"Não precisamos comer mingau", disse Herzog.

"Não, eu vou lavar uma panela." Ainda vertia lágrimas. Sob a água da torneira, seus dedos manicurados esfregavam o alumínio com palha de aço.

Quando ficou mais calmo, disse: "Sabe, Moses, tenho frequentado um psiquiatra por causa desta maldita louça. Ela está me custando vinte dólares por hora. Moses, o que vou fazer com meus filhos? Sheldon vai ficar bem. Tessie talvez não seja assim tão ruim. Mas Carmel! Não sei como lidar com ela. Temo que os garotos já estejam lhe enfiando a mão por dentro da roupa. Professor, enquanto você está aqui, não te peço nada" (em retribuição pela cama e mesa, ele queria dizer), "mas ficaria agradecido se você desse atenção ao desenvolvimento mental dela. É a chance dela de conhecer um intelectual — uma pessoa famosa —, uma autoridade. Você fala com ela?"

"Sobre o quê?"

"Livros... ideias. Leve-a para passear. Converse com ela. Por favor, Moses, estou te pedindo!"

"Bem, claro que eu vou falar com ela."

"Procurei o rabino — mas para que servem esses rabinos reformistas? Sei que sou um filho da mãe vulgar, o sr. Estouradinho de Pavio Curto. Trabalho por essas crianças..."

Ele extorque os pobres. Compra promissórias de comerciantes que vendem quinquilharias a prestações para prostitutas do South Side. E para ele tudo bem que eu entregue minha filha, mas os pequenos hamsters dele têm que ter discursos edificantes.

"Se Carmel fosse um pouco mais velha eu diria: case com ela."

Moses, pálido e aturdido, disse: "Ela é uma garota muito atraente. Jovem demais, claro".

Sandor enlaçou com seu braço comprido a cintura de Herzog e puxou-o para perto de si. "Não seja um sujeito tão sem rumo, professor. Comece a levar uma vida normal. Onde diabos você já esteve — Canadá, Chicago, Paris, Nova York, Massachusetts. Seus irmãos se deram bem aqui mesmo, nesta cidade. Evidentemente, o que é bom o bastante para Alexander e Willie não é bom o bastante para um *macher* como você. Moses E. Herzog — ele não tem dinheiro no banco, mas a gente encontra o nome dele nas bibliotecas."

"Eu tive esperança de que Madeleine e eu fôssemos nos acertar."

"Lá na roça? Não seja maluco. Com aquela moça? Está brincando? Volte para sua cidade. Você é um judeu do West Side. Eu costumava te ver quando criança no Instituto do Povo Judeu. Diminua o ritmo. Pare de se derrubar. Gosto mais de você do que da porra da minha família. Você nunca veio com aquela papagaiada de Harvard para cima de mim. Junte-se aos camaradas — às boas almas. Ao amor. Deus do céu! O que você me diz?" Afastou um pouco sua bela cabeçorra pálida para olhar Herzog nos olhos, e Herzog sentiu o circuito do afeto envolvê-los novamente. O rosto de Himmelstein, com seus longos sulcos amarelos, estava alegre. "Você pode vender aquele pardieiro nos Berkshires?"

"Talvez possa."

"Diabo, então está acertado. Tenha prejuízo se for necessário. Arruinaram o Hyde Park, mas você não ia querer viver com aqueles cabeludos idiotas, de todo modo. Alugue alguma coisa aqui por perto."

Embora estivesse esgotado, e com o coração aos pedaços como um tolo, Herzog parecia uma criança ouvindo um conto de fadas.

"Arranje uma empregada para cuidar da casa que tenha mais ou menos a sua idade. E que seja uma boa trepada também. O que há de errado nisso? Ou então vamos achar uma linda empregada de pele escura. Chega de japas para você."

"O que você quer dizer?"

"Você sabe o que eu quero dizer. Ou talvez você esteja precisando de uma garota que tenha sobrevivido aos campos de concentração e que ficaria agradecida por uma boa casa. E você e eu vamos levar a vida. Vamos à sauna russa na North Avenue. Eles me acertaram na praia de Omaha, mas fodam-se todos eles, eu continuo funcionando. Vamos dar um jeito. Vamos achar uma *shul* ortodoxa — chega dessa droga de Templo. Você e eu — vamos procurar um bom *chazan*..." Moldando os lábios de tal maneira que o bigode quase invisível aparecia levemente, Sandor começou a cantar: "*Mi pnei chatoenu golino m'artzenu*". E por nossos pecados fomos banidos da nossa terra. "Você e eu, um par de judeus dos velhos tempos." Envolveu Moses com seus olhos verdes de orvalho. "Você é meu garoto. Meu garoto inocente e de bom coração."

Deu um beijo em Moses. Moses sentiu o amor feijão com arroz. Amorfo, inchado, faminto, indiscriminado, covarde amor feijão com arroz.

"Oh, seu otário", Moses gritou consigo mesmo no trem. "Otário!"

Deixei dinheiro com você para uma emergência. Você passou tudo para Madeleine comprar roupas. Você era o advogado dela ou meu?

Eu devia ter compreendido, pelo jeito como ele falava de suas clientes mulheres e atacava todos os homens. Mas meu Deus! Como fui entrar naquilo tudo? Por que me envolvi com ele, para começo de conversa? Eu devo ter desejado que coisas absurdas acontecessem comigo. Eu estava tão mergulhado na estupidez que até mesmo eles, aqueles Himmelstein, sabiam mais do que eu. E me mostravam os fatos da vida, e me ensinavam a verdade.

Vingado com ódio de minhas próprias inanidades orgulhosas.

Mais tarde, no suave entardecer à beira-mar, em Woods Hole, esperando pela balsa, ele contemplava através da escuridão verde a rede de reflexos brilhantes

no fundo. Adorava pensar na força do sol, na luz, no oceano. A pureza do ar o comovia. Não havia mancha alguma na água, na qual nadavam cardumes de peixes dourados. Herzog suspirou e disse consigo mesmo: "Louvado seja Deus, louvado seja Deus". Sua respiração se tornara mais livre. Seu coração estava muito agitado pelo horizonte aberto; pelas cores vivas; pelo aroma levemente pungente de iodo do Atlântico subindo de algas e moluscos; pela areia branca, fina e pastosa; mas principalmente pela transparência verde que seu olhar atravessava até chegar ao fundo rochoso coberto por uma rede de linhas douradas. Nunca paradas. Se sua alma pudesse projetar um reflexo tão brilhante, tão intensamente gracioso, talvez ele pudesse rogar a Deus que fizesse tal uso dele. Mas isso seria simples demais. Seria infantil demais. A esfera real não é clara como aquela, mas turbulenta, feroz. Uma vasta ação humana está em curso. A morte espreita. Portanto, se você tem alguma felicidade, trate de escondê-la. E, quando seu coração estiver repleto, mantenha também sua boca fechada.

Ele tinha momentos de lucidez, mas não conseguia manter o equilíbrio por muito tempo. A balsa chegou, ele embarcou nela, enfiando bem o chapéu na cabeça por causa do vento marinho, levemente envergonhado por se deleitar com aquele típico momento de férias. Os carros eram embarcados sob uma nuvem de areia e marga enquanto Herzog olhava tudo do alto do convés superior. Durante a travessia ele descansou os pés sobre sua valise, tomando sol, observando de olhos semicerrados os barcos.

Em Vineyard Haven ele tomou um táxi no cais. O carro virou à direita na rua principal paralela ao porto, ladeada por grandes árvores — água e velas à direita, e a estrada passando embaixo das folhas banhadas pelo sol. Grandes letras douradas resplandeciam em fachadas vermelhas de lojas. O shopping center brilhava como um cenário de teatro. O táxi seguia lentamente, como se o velho motor tivesse problemas cardíacos. Passou pela biblioteca pública, rampas para entrada de carros, grandes olmos em forma de lira e plátanos com manchas brancas na casca do tronco — ele notou os plátanos. Aquelas árvores ocupavam um lugar importante em sua vida. O verde do entardecer estava se adensando, e

o azul da água, quando os olhos iam para ele vindos das sombras da relva, parecia cada vez mais pálido. O táxi virou à direita de novo, em direção à orla, e Herzog saiu, perdendo metade das orientações que o taxista lhe dava enquanto ele pagava a corrida. "Desce a escada, sobe de novo. Entendi. Tudo certo." Viu Libbie esperando na varanda, de vestido leve, e acenou para ela. Ela lhe soprou um beijo.

No mesmo instante ele percebeu que tinha cometido um erro. Vineyard Haven não era o lugar para ele. Era adorável, e Libbie era encantadora, uma das mulheres mais encantadoras do mundo. Mas eu nunca deveria ter vindo. Simplesmente não está certo, pensou. Parecia estar procurando pelas trilhas de madeira na ladeira, hesitando, um homem de olhar firme, segurando sua valise com as duas mãos como um jogador prestes a fazer um lançamento. Suas mãos eram amplas, com veias salientes; não as mãos de um homem cuja ocupação era mental, mas as de um pedreiro ou pintor de paredes nato. A brisa inflava suas roupas leves e em seguida deixava-as bem justas no seu corpo. E que expressão ele trazia — que cara! Naquele exato momento seu estado era tão curioso que ele próprio se sentia compelido a observá-lo — ansioso, aflito, fantástico, perigoso, enlouquecido e, num ponto supremo, "cômico". Era o suficiente para um homem rogar a Deus que removesse esse peso enorme e excruciante de individualidade e autodesenvolvimento, que devolvesse aquele fracassado, ele próprio, à espécie, para uma cura primitiva. Mas esse estava se tornando o jeito moderno e quase convencional de encarar qualquer vida individual. Nessa visão, o próprio corpo, com seus dois braços e um eixo vertical, era comparado à Cruz, na qual a gente conhecia a agonia da consciência e da existência de si como ser à parte. Quanto a isso, ele vinha recebendo esse tratamento primitivo, administrado por Madeleine, Sandor etc.; desse modo seus recentes infortúnios podiam ser vistos como um projeto coletivo, com a participação dele próprio, para destruir sua vaidade e suas pretensões a uma vida pessoal, de modo que ele pudesse se desintegrar e sofrer e odiar, como tantos outros, não em alguma coisa tão ilustre como uma cruz, mas no lodo da dissolução pós-Renascença, pós-humanista, pós-cartesiana, vizinha do Vazio. Todo mundo participava do ato. A "História" dava uma carona a cada um. Os próprios Himmelstein, que nunca tinham lido um livro de metafísica,

estavam anunciando o Vazio como se fosse uma propriedade muito vendável. Aquele pequeno demônio estava impregnado de ideias modernas, e uma em particular excitava seu terrível coraçãozinho: você precisa sacrificar sua pobre, estridente e mesquinha individualidade, que de todo modo pode não passar (de um ponto de vista analítico) de uma persistente e infantil megalomania, ou (de um ponto de vista marxista) de uma malcheirosa propriedade pequeno-burguesa, à necessidade histórica. E à verdade. E a verdade é verdadeira apenas na medida em que faz despencar mais desgraça e tristeza sobre os seres humanos, de modo que, se mostra alguma coisa que não seja o mal, ela é uma ilusão, não é a verdade. Mas é claro que ele, Herzog, previsivelmente resistindo a tais tendências, tinha tentado, de modo característico, obstinado, desafiante, cego, mas sem coragem ou inteligência suficientes, ser um Herzog *maravilhoso*, um Herzog que, talvez canhestramente, tentava dar vida a qualidades maravilhosas vagamente compreendidas. Admitamos que ele tinha ido longe demais, tinha ido além de seus talentos e suas forças, mas essa era a dificuldade cruel de um homem que dispunha de impulsos fortes, e mesmo de fé, mas carecia de ideias claras. E se ele fracassasse? Será que isso significaria mesmo que não havia confiabilidade alguma, nenhuma generosidade, nenhuma qualidade sagrada? Será que ele deveria ter sido um Herzog raso, sem ambição? Não. E Madeleine nunca teria se casado com um tipo assim. O que ela tinha procurado, por todo canto, era precisamente um Herzog ambicioso. Para poder lhe passar uma rasteira, rebaixá-lo, deixá-lo estatelado e chutar seus miolos com um pé assassino de puta. Oh, que confusão ele tinha feito — que desperdício de inteligência e sentimento! Quando pensava no interminável e angustiante tédio do namoro e do casamento, com tudo o que ele investira em preparativos — em medidas meramente práticas, em trens, aviões, hotéis, lojas de departamentos, em bancos onde ele se amparara, em hospitais, em médicos e remédios, em dívidas; e, em termos pessoais, as noites de rígida insônia, as amarelas tardes aborrecidas, o cansaço pelos combates sexuais e toda a horrível egomania daquilo, quando pensava em tudo isso ele se admirava por ter sobrevivido. Admirava-se até mesmo de ter desejado sobreviver. Outros de sua geração se destruíram, morreram de enfarte, de câncer, desejaram a própria morte, presumivelmente. Mas ele, apesar de todos os tropeços, já que era um trapalhão

consumado, precisou ser astuto e tenaz. Sobreviveu. E para quê? Para que seguia andando por aí? Para perseguir essa carreira de *relacionamentos pessoais* até que suas forças finalmente se esgotassem? Só para ser um sucesso esmagador no terreno privado, um rei dos corações? O amoroso Herzog, buscando o amor, abraçando suas Wandas, Zinkas e Ramonas, uma atrás da outra? Mas essa é uma busca feminina. Esses abraços e corações partidos são para as mulheres. A ocupação de um homem é no trabalho, na utilidade, na civilidade, na política no sentido aristotélico. Então o que estou vindo fazer aqui, em Vineyard Haven, de *férias* ainda por cima? De coração partido, e todo produzido, com minhas calças italianas, minhas canetas-tinteiro e meu sofrimento — para aborrecer e incomodar a pobre Libbie, tirar proveito de seu afeto, obrigando-a a me compensar por ter sido tão bacana e decente quando o último marido *dela*, Erikson, enlouqueceu e tentou esfaqueá-la e se matar aspirando gás? Naquele momento, sim, fui muito prestativo. Mas, se ela não fosse tão linda, sensual, e evidentemente atraída por mim, será que eu teria sido um amigo tão solidário e disposto a ajudar? E não é algo que me deixe satisfeito incomodá-la agora, que está casada há poucos meses, com meus problemas. Será que eu vim cobrar a minha compensação? Faça meia-volta, Moshe-Hanan, e tome a próxima balsa de volta. Tudo o que você precisava era de uma viagem de trem. Já deu resultado.

Libbie desceu a trilha de entrada para cumprimentá-lo, e deu-lhe um beijo. Estava vestida para a noite com um vestido leve cor de laranja ou de papoula. Moses precisou de um momento extra para definir se a fragrância que sentia vinha do canteiro de peônias próximo ou do pescoço e dos ombros dela. Ela estava sinceramente feliz em vê-lo. Por meios lícitos ou não, ele a tornara sua amiga.

"Como é que você está?"

"Não vou ficar", disse Herzog. "Não é justo."

"Do que você está falando? Viajou durante horas. Entre e conheça Arnold. Sente com a gente e tome um drinque. Você *é* engraçado."

Ela riu dele, e ele foi obrigado a rir com ela. Sissler saiu para a varanda, um homem na faixa dos cinquenta, desalinhado e sonolento, mas alegre, e começou a emitir sons de boas-vindas com sua voz profunda. Vestia uma calça

folgada com cintura de elástico.

"Ele disse que já está de partida de novo, Arnold. E eu respondi que ele era engraçado."

"Você viajou essa distância toda para nos dizer isso? Entre, entre. Eu ia acender a lareira agora mesmo. Em uma hora vai ficar frio, e vêm umas pessoas jantar. Que tal um drinque? *Scotch* ou *bourbon*? Ou talvez você prefira dar uma nadada?" Sissler lhe deu um sorriso amplo, amistoso, enrugado, de olhos pretos. Os olhos eram pequenos e havia frestas entre seus dentes; era careca, o cabelo na nunca era espesso e se projetava como aqueles cogumelos grandes que brotam na casca musgosa de um tronco de árvore. Libbie tinha se casado com um velho cachorrão confortável e sábio, do tipo que sempre dispõe de grandes reservas de compreensão e solidariedade humana. Na luz mais radiante do lado da casa voltado para o mar ela parecia ótima, feliz, o rosto bronzeado e macio. Na boca usava batom cor de papoula, no braço trazia pulseiras douradas trabalhadas e no pescoço uma pesada corrente de ouro. Tinha envelhecido um pouco — devia estar com trinta e oito ou trinta e nove, ele achava, mas seus olhos escuros, bem próximos um do outro, que davam a ela um olhar fluido e absorvente, estavam mais claros do que ele jamais tinha visto. Ela estava naquela etapa da vida em que a ação tardia da hereditariedade começa, as marcas dos ancestrais aparecem — uma pinta, ou o aprofundamento das rugas, de início acentuando a beleza de uma mulher. A morte, a artista, lentamente dando suas primeiras pinceladas. Para Sissler, porém, isso não tinha importância alguma. Ele já tinha aceitado esse fato, seguiria fazendo troar seu sotaque russo e seria o mesmo homem de negócios prático e objetivo até o dia da sua morte. Quando esse momento chegasse, por causa de sua moita de cabelo na nuca, ele teria que morrer deitado de lado.

Ideias que despovoam o mundo.

Mas, ao aceitar o drinque, e ouvir a si próprio dizer obrigado com voz clara, e ver-se sentado numa cadeira forrada de tecido de algodão, suas leituras em psicologia lhe sugeriram que talvez não fosse de Sissler o leito de morte que ele deparara em sua visão, mas de outra pessoa que tinha uma esposa. Talvez até fosse ele próprio que estivesse morrendo naquela fantasia. Ele tivera uma esposa — duas esposas — e fora objeto, ele próprio, de tais fantasias necrológicas.

Agora: o primeiro requisito para a estabilidade de um ser humano era que o referido ser humano desejasse realmente existir. É isso o que diz Espinosa. É necessário para a felicidade (*felicitas*). Ele não pode se comportar bem (*bene agere*), ou viver bem (*bene vivere*), se ele próprio não quiser viver. Mas, se é também natural, como diz a psicologia, matar mentalmente (um pensamento de morte por dia te poupa da psiquiatria), então o desejo de existir não é firme o bastante para sustentar uma boa vida. Eu quero existir ou quero morrer? Mas, neste atual momento social, ele não tinha como responder tais perguntas, e em vez disso engolia o *bourbon* gelado do copo tilintante. O uísque descia, queimando prazerosamente seu peito por dentro como um barbante de fogo emaranhado. Lá embaixo ele via a praia salpicada e o pôr do sol flamejante na água. A balsa estava retornando. Com o avanço do crepúsculo, o largo vulto dela se encheu subitamente de luzes elétricas. No céu calmo um helicóptero se dirigia para Hyannis Port, onde moravam os Kennedy. Grandes eventos ali, um dia. O poder das nações. O que sabemos a respeito? Moses sentiu uma aguda pontada ao pensar no falecido presidente. (Eu me pergunto o que diria a um presidente numa conversa de verdade.) Sorriu um pouco ao lembrar de sua mãe se gabando dele para a tia Zipporah. "Que língua tem esse garoto. Moshele poderia conversar com o presidente." Mas naquela época o presidente era Harding. Ou será que era Coolidge? Enquanto isso a conversa prosseguia. Sissler tentava fazer Moses se sentir à vontade — eu devo estar parecendo obviamente abalado — e Libbie tinha uma expressão preocupada.

"Ah, não se preocupem comigo", disse Moses. "Só estou um pouco agitado com as coisas." Riu. Libbie e Sissler trocaram um olhar, mas ficaram mais relaxados. "É uma casa excelente, esta de vocês. É alugada?"

"É minha", disse Sissler.

"É mesmo? Lindo lugar. Só para o verão, não é? Vocês poderiam adaptá-la facilmente para o inverno."

"Iria custar quinze mil dólares, ou mais", disse Sissler.

"Tudo isso? Imagino que a mão de obra e o material de construção sejam mais caros nesta ilha."

"Eu mesmo poderia fazer a obra, claro", disse Sissler. "Mas a gente vem aqui para descansar. Pelo que entendi, você também tem uma propriedade."

"Ludeyville, Massachusetts", disse Herzog.

"Onde fica isso?"

"Nos Berkshires, perto da fronteira do estado com Connecticut."

"Deve ser um lindo pedaço de terra."

"Ah, é lindo sim. Remoto demais, porém. Longe de tudo."

"Que tal outro drinque?"

Talvez Sissler achasse que a bebida o acalmaria.

"Moses provavelmente quer tomar um banho depois dessa viagem cansativa", disse Libbie.

"Vou lhe mostrar seu quarto."

Sissler carregou a valise de Herzog para cima.

"Bela escada antiga", disse Moses. "Não se encontram muitas como esta hoje em dia. Investiram um bocado de trabalho nela, para uma casa de verão."

"Sessenta anos atrás ainda era possível encontrar artesãos", disse Sissler. "Dê uma olhada nas portas — bordo maciço. É aqui que você vai ficar. Acho que está tudo aqui — toalhas, sabonete. Alguns vizinhos vêm jantar aqui esta noite. Uma mulher vem desacompanhada. Uma cantora. Senhorita Elisa Thurnwald. Divorciada."

O quarto era amplo e confortável, e tinha vista para a baía. As boias azuladas dos dois promontórios, o Cabo Leste e o Oeste, estavam iluminadas.

"Este lugar é ótimo", disse Herzog.

"Desfaça a mala. Sinta-se em casa. Não tenha pressa de ir embora. Sei que você foi um bom amigo para a Libbie quando ela estava numa situação difícil. Ela me contou que você a protegeu daquele celerado, Erikson. Ele chegou a tentar esfaquear a coitadinha. Ela não tinha ninguém a quem recorrer a não ser você."

"A bem da verdade, Erikson também não tinha ninguém a quem recorrer."

"Que diferença faz?", disse Sissler, com seu rosto rugoso um pouco inclinado, de maneira que seus olhinhos astutos pudessem ver Herzog de um ângulo propício a um exame detido. "Você a defendeu. Para mim isso é tudo. Não só porque eu amo a garota, mas também porque há muitos malucos à solta por aí. Você está com problemas, posso ver isso. Está exasperado. Você tem uma alma, não tem, Moses?" Balançou a cabeça, fumando seu cigarro com dois

dedos manchados pressionados contra a boca, a voz ribombando: "Não dá para se livrar da filha da puta, não é mesmo? Um terrível estorvo, uma alma".

Moses respondeu em voz baixa. "Nem estou muito seguro de ter a dita-cuja ainda."

"Eu diria que tem. Bem..." Girou o pulso para que o resto de luz batesse no seu relógio de ouro. "Você tem tempo para descansar um pouco."

Afastou-se, e Moses deitou na cama por um momento — um bom colchão, uma manta limpa. Ficou deitado por um quarto de hora sem pensar, de boca entreaberta, pernas e braços estendidos, respirando calmamente enquanto olhava os desenhos do papel de parede até eles ficarem ocultos na escuridão. Quando se levantou, não foi para se lavar e se vestir, mas para escrever um bilhete de despedida na mesa de bordo. Havia papel e caneta na gaveta.

Tenho que voltar. Sem condições de suportar amabilidade neste momento. Sentimentos, coração, tudo em estado estranho. Assuntos inacabados. Deus abençoe vocês dois. E muitas felicidades. Perto do final do verão, quem sabe, se vocês me concederem uma nova chance. Com gratidão, Moses.

Saiu da casa sem ser notado. Os Sissler estavam na cozinha. Sissler estava fazendo estrépito com as fôrmas de gelo. Moses desceu depressa e saiu pela porta de tela com desvairada ligeireza, suavemente. Atravessou os arbustos que separavam a casa do terreno vizinho. Subiu a trilha e voltou para a rampa da balsa. Tomou um táxi para o aeroporto. Tudo o que conseguiu àquela hora foi um voo para Boston. Embarcou nele e depois tomou um avião para Idlewild no aeroporto de Boston. Às onze da noite estava estendido em sua própria cama, bebendo leite morno e comendo um sanduíche de pasta de amendoim. Tinha lhe custado uma nota preta aquela viagenzinha.

Mantinha a carta de Geraldine Portnoy sempre sobre seu criado-mudo, e agora ele a apanhou e releu antes de cair no sono. Tentou lembrar como tinha se sentido quando a leu pela primeira vez, em Chicago, depois de protelar um pouco.

Caro sr. Herzog, sou Geraldine Portnoy, amiga de Lucas Asphalter. O senhor deve recordar... Deve recordar? Moses tinha lido mais depressa (a caligrafia era

feminina — letra de fôrma de escola progressista tornada cursiva e os *is* coroados com curiosos circulozinhos abertos), tentando devorar a carta toda de uma vez, virando as páginas para ver se a essência da coisa estava sublinhada em algum lugar. *Na verdade, fiz seu curso sobre "Os românticos como filósofos sociais". Tínhamos divergências acerca de Rousseau e Karl Marx. Acabei concordando com sua visão, de que Marx expressava esperanças metafísicas no futuro da humanidade. Eu tomava de modo excessivamente literal o que ele dizia sobre materialismo*. Minha visão! Ora, é a visão geral, e por que ela quer me fazer oscilar desse jeito, por que não vai direto ao assunto? Ele tentara de novo encontrar o propósito central daquilo, mas todos aqueles círculos abertos caíam na sua visão como flocos de neve e obscureciam a mensagem. *O senhor provavelmente nunca reparou em mim, mas eu gostava do senhor, e como amiga de Lucas Asphalter — ele simplesmente o adora, diz que o senhor é um banquete das qualidades mais humanas — ouvi, claro, muita coisa a seu respeito, sua infância no velho bairro de Lucas, e como o senhor jogava basquete na Irmandade dos Rapazes da República, nos velhos e bons tempos de Chicago, na Division Street. O marido de uma tia minha era um dos treinadores — Jules Hankin*. Acho que me lembro de Hankin. Vestia um casaco de moletom azul e repartia o cabelo no meio. *Não quero que me entenda mal. Não quero me meter nos seus assuntos. E não sou inimiga de Madeleine. Tenho simpatia por ela também. Ela é tão vivaz, inteligente e encantadora, e foi sempre tão afável e franca comigo. Por um bom tempo eu a admirei e, na qualidade de mulher mais jovem, me senti muito contente com as suas confidências.* Herzog enrubesceu. Suas confidências iriam incluir a vergonha sexual dele. *E, como ex-aluna, fiquei evidentemente curiosa para ouvir sobre a vida pessoal do senhor, mas também surpresa pela liberdade e desenvoltura dela em falar, e logo vi que ela desejava me conquistar para o lado dela, por alguma razão. Lucas me disse para abrir os olhos para alguma coisa mais suspeita da parte dela, mas é que todo sentimento intenso entre pessoas do mesmo sexo fica logo, e injustamente, sob suspeita. Minha formação científica me ensinou a ser mais cautelosa com as generalizações e a resistir a essa psicanálise rasteira da conduta normal. Mas ela queria mesmo me puxar para o lado dela, embora de maneira sutil demais para dar bandeira, como se diz. Ela me contou que o senhor tinha ótimas qualidades humanas e*

intelectuais, embora fosse neurótico e com um temperamento intolerável, o que muitas vezes a assustava. No entanto, ela acrescentou, o senhor podia vir a ser grande, e depois de dois casamentos ruins e sem amor talvez o senhor se devotasse ao trabalho que estava destinado a fazer. Nos relacionamentos sentimentais o senhor não era nada bom. Logo ficou óbvio que ela nunca teria se entregado a um homem que carecesse de refinamento de inteligência ou sentimento. Madeleine disse que, pela primeira vez na vida, ela sabia claramente o que estava fazendo. Até agora tinha sido tudo confusão e havia até lapsos de tempo sobre os quais ela não sabia dizer nada. Ao casar com o senhor, ela estava metida nessa desordem e talvez tenha permanecido assim, salvo por um breve intervalo. É excitante ao extremo falar com ela, ela dá uma sensação de um encontro significativo — com a vida —, uma pessoa maravilhosa, brilhante, com um destino todo pessoal. As experiências dela são ricas, ou prenhes... O que é isso?, pensara Herzog. Será que ela vai me dizer que Madeleine vai ter um filho? Filho de Gersbach! Não! Que lindo — que sorte a minha. Se ela tiver um filho fora do casamento, posso requerer a guarda de Junie. Com avidez, ele devorara o resto da página, passara para a seguinte. Não, Madeleine não estava grávida. Era esperta demais para deixar isso acontecer. Devia sua sobrevivência à inteligência. Fazia parte da sua doença ser astuta. Ela não estava grávida, então. *Eu não era só uma estudante de pós-graduação que ajudava com a filhinha dela, mas também uma confidente. Sua filhinha é muito apegada a mim, e eu a considero uma criança das mais extraordinárias. Realmente fora de série. Amo Junie com mais do que o afeto habitual, oh, muito mais, do que o afeto que a gente tem pelas crianças que conhece dessa maneira. Entendo que os italianos sejam supostamente a cultura que dá mais importância às crianças no Ocidente (basta ver a figura do menino Jesus na pintura italiana), mas obviamente os americanos têm sua própria loucura pela psicologia infantil. Tudo é feito para as crianças, pretensamente. Para ser justa, acho que Madeleine não é má com a pequena Junie, basicamente. Ela tende a ser autoritária. O sr. Gersbach, que ocupa um lugar ambíguo nessa casa, é muito divertido com a menina, de modo geral. Ela o chama de tio Val, e eu o vejo com frequência levando-a de cavalinho, ou jogando-a para o alto.* Aqui Herzog tinha rangido os dentes, irado, farejando perigo. *Mas tenho que relatar uma coisa desagradável, e conversei sobre isso com Lucas. O fato é que, vindo*

uma noite dessas pela Harper Avenue, ouvi a criança chorando. Ela estava dentro do carro de Gersbach, e não conseguia sair, e a coitadinha estava tremendo e chorando. Pensei que ela tivesse se trancado lá dentro enquanto brincava, mas já tinha anoitecido, e eu não entendia por que ela estava fora de casa, sozinha, numa hora em que devia estar na cama. O coração de Herzog saltara, batendo com uma força preocupante, diante dessas palavras. *Tive que acalmá-la, e então descobri que a mamãe dela e o tio Val estavam tendo uma discussão dentro de casa, e o tio Val a tinha tomado pela mão e levado até o carro, dizendo-lhe que brincasse um pouquinho. Trancou-a no carro e voltou para a casa.* Posso vê-lo subindo a escada enquanto Junie grita apavorada. Vou matá-lo por isso — ah se vou! Releu as linhas finais. *Luke diz que você tem o direito de saber dessas coisas. Ele ia telefonar, mas eu achei que seria perturbador e pernicioso ouvir isso ao telefone. Uma carta dá à pessoa uma chance de ponderar — pensar e repensar nas questões e alcançar uma visão mais equilibrada. Não acho que Madeleine seja uma mãe ruim, realmente.*

a Nome pelo qual é conhecido localmente o Promontory Point, uma península artificial que se projeta sobre o lago Michigan e localiza-se no Burnham Park, em Chicago.

b Eclesiastes 7,7.

c "Sangue, rãs, piolhos", três das sete pragas citadas na *Hagadá*.

d Meu doce benzinho.

De manhã ele estava de novo escrevendo cartas. A pequena escrivaninha junto à janela era preta, rivalizando com o negror da escada de incêndio, aquelas barras de ferro tingidas de asfalto, uma pesada cobertura cosmética preta, barras equidistantes, mas que se mostravam de acordo com as regras da perspectiva. Tinha cartas a escrever. Estava ocupado, muito ocupado, na perseguição de objetivos que só agora, e vagamente, ele começava a compreender. Sua primeira mensagem hoje, iniciada semiconscientemente, já que ele ainda estava acordando, era para o monsenhor Hilton, o padre que levara Madeleine para o seio da Igreja. Dando pequenos goles em seu café preto, Herzog, em seu robe estampado, estreitava os olhos e limpava a garganta, já consciente da raiva, da indignação difusa que sentia. O monsenhor devia saber o efeito que causava nas pessoas com quem ele se metia. *Sou o marido, ou ex-marido, de uma moça que o senhor converteu, Madeleine Pontritter, filha de um bem conhecido empresário teatral. Talvez o senhor se lembre, ela seguiu suas aulas de catecismo alguns anos atrás e foi batizada pelo senhor. Uma recém-graduada no Radcliffe, e muito bonita...* Será que Madeleine era mesmo uma beldade tão esplêndida, ou era a perda dela que o fazia exagerar — será que isso tornava seu sofrimento mais notável? Será que lhe servia de consolo o fato de uma mulher linda tê-lo despachado? Mas ela tinha feito isso por aquele Gersbach bruto, extravagante, espalhafatoso, bolinador de bundas. Nada se pode fazer quanto às preferências sexuais das mulheres. Isso é sabedoria antiga. Nem dos homens. Muito objetivamente, porém, ela era uma beleza. Daisy também, em seu tempo. Eu mesmo já fui bonito, mas estraguei minha aparência com a presunção... *A pele dela era saudável e rosada, cabelo liso escuro preso atrás num coque, com uma franja caindo na testa, um pescoço esbelto, olhos densamente azuis e um nariz bizantino que descia direto das*

sobrancelhas. As franjas escondiam uma testa de considerável poder intelectual, a determinação de um demônio, ou então completa desordem mental. *Tinha um grande senso de estilo. Tão logo ela começou a receber suas aulas, comprou cruzes, medalhinhas e rosários, além de roupas adequadas. Mas na época ela era apenas uma menina, recém-saída da faculdade. Ainda assim, acho que ela compreendia muitas coisas melhor do que eu. E quero que saiba, monsenhor, que não estou escrevendo com o propósito de expor Madeleine, ou de atacar o senhor. Simplesmente acredito que o senhor pode estar interessado em descobrir o que pode acontecer, ou acontece de fato, quando as pessoas querem se salvar do... suponho que a palavra seja niilismo.*

Mas, então, o que acontece? O que de fato aconteceu? Herzog tentava entender, fitando as paredes de tijolo para as quais tinha voltado fugindo de Vineyard. Eu tinha aquele quarto na Filadélfia — aquele emprego de um ano — e estava viajando a Nova York três ou quatro vezes por semana no trem da Pensilvânia, para visitar Marco. Daisy jurava que não haveria divórcio. E, por um tempo, eu vivi com Sono Oguki, mas ela não correspondia aos meus propósitos. Não era *séria* o bastante. Eu não estava conseguindo produzir muito. Aulas de rotina na Filadélfia. Estavam fartos de mim, e eu deles. Papai tomou conhecimento da minha vida dissoluta e ficou furioso. Daisy lhe escreveu contando tudo, mas não era da conta dele. O que aconteceu de verdade? Abri mão do abrigo de uma existência ordenada, dotada de propósitos, dentro da lei, porque ela me entediava e eu sentia que era meramente uma vida de acomodado. Sono queria que eu fosse morar com ela. Mas eu achava que isso me transformaria numa espécie de marido de índia. Então peguei meus papéis e livros, e minha máquina Remington de escritório com seu tampo preto, e meus discos, meu oboé e minha música, e levei tudo para a Filadélfia.

Sacolejar de trem para cima e para baixo, exaurir-se — era o melhor sacrifício que ele podia oferecer. Ia visitar seu garoto e encarava a raiva de sua ex-mulher. Daisy tentava ser impassível. Isso causou grandes danos à sua aparência. Encontrava Moses no alto da escada, de braços cruzados, transformada numa figura quadrada com olhos verdes e cabelo curto, esperando para dizer que ele tinha que trazer Marco de volta para casa em duas horas. Ele tinha horror a esses encontros. Claro que ela sempre sabia exatamente o que ele

andava fazendo, com quem ele estava saindo, e de quando em quando dizia: "Como vai o Japão?" ou "Como está o papa?". Não era engraçado. Ela possuía boas qualidades, mas o senso de humor não estava entre elas.

Moses se preparava para suas saídas com Marco. Caso contrário o tempo demoraria a passar. No trem ele memorizava fatos sobre a Guerra Civil — datas, nomes, batalhas — para que eles pudessem conversar enquanto Marco comia seu hambúrguer na Zoo Cafeteria, aonde eles sempre iam. "Agora chegou a hora de eu lhe contar sobre Beauregard", ele dizia. "Esta parte é muito emocionante." Mas Herzog só tentava concentrar o pensamento no general Beauregard ou na Ilha Número 10 ou em Andersonville. Estava na verdade pensando em como lidar com Sono Oguki, a quem ele estava trocando por Madeleine — sentia aquilo como uma deserção. A mulher estava esperando que ele telefonasse; ele sabia disso. E ele frequentemente sentia a tentação, quando Madeleine estava ocupada demais com a Igreja e se recusava a vê-lo, de dar uma passada e ter uma conversa, nada mais que isso, com Sono. A confusão era medonha, e ele desprezava a si mesmo por tê-la criado. Essa era toda a atividade que um homem podia encontrar para fazer?

Falta de autorrespeito! Ausência de ideias claras!

Ele podia ver que Marco simpatizava com seu confuso pai. Entrava no jogo com Moses, fazendo mais perguntas sobre a Guerra Civil porque era tudo o que ele tinha a oferecer. O menino não rejeitaria um presente dado com boas intenções. Havia amor naquilo, pensou Herzog, envolvido em seu algodão estampado, o café esfriando na xícara. Essas crianças e eu nos amamos. Mas o que eu posso lhes dar? Marco olhava para ele com olhos claros, com sua pálida cara de criança, a cara Herzog, sardento, com o cabelo cortado rente, por sua própria escolha, e um tanto esquisito. Tinha a boca de sua avó Herzog. "Bem, garoto, tenho que voltar para a Filadélfia agora", dizia Herzog. Sentia, ao contrário, que não havia nada de necessário nessa volta à Filadélfia. A Filadélfia era um erro completo. Que necessidade ele tinha de tomar aquele trem? Era necessário, por exemplo, ver Elizabeth e Trenton? Estavam esperando que ele olhasse para eles? Sua cama dobrável de solteiro estava esperando por ele? "Está quase na hora do trem, Marco." Sacava seu relógio de bolso, um presente dado por seu pai vinte anos antes. "Tome cuidado no metrô. E na vizinhança

também. Não entre no Morningside Park. Tem gangues circulando por lá."

Reprimiu o impulso de ligar para o número de Sono Oguki de uma cabine na calçada e em vez disso entrou no metrô, que o levou até a Penn Station. Com seu longo casaco marrom, apertado nos ombros e deformado pelos livros enfiados nos bolsos, caminhou pelo túnel subterrâneo de lojas — flores, facas, uísque, rosquinhas, linguiça grelhada, sucos de laranja gelados. Subiu laboriosamente até a iluminada galeria superior da estação, as grandes vidraças dividindo o sol empoeirado de outono — o sol abatido da região das confecções. O fundo espelhado da máquina de confeitos revelou o quanto ele estava pálido, adoentado — tufos de seu casaco e do cachecol de lã, seu chapéu e suas sobrancelhas, brilhando e se desfigurando na luz transbordante e expondo a esfera do seu rosto, o rosto de um homem que estava mantendo uma fachada. Herzog sorriu para aquele avatar anterior da sua vida, para Herzog a vítima, Herzog o aspirante a amante, Herzog o homem de quem o mundo dependia para certo trabalho intelectual, para mudar a história, para influenciar o desenvolvimento da civilização. Várias caixas de papel amarelado, embaixo de sua cama na Filadélfia, iriam produzir esse resultado extremamente significativo.

Assim, junto ao portão de ferro com sua placa carmesim, com inscrições em dourado, Herzog, segurando seu bilhete não perfurado, desceu para o trem. Os cordões dos seus sapatos lambiam o chão. Fantasmas de um antigo orgulho físico ainda o rondavam. No nível inferior os vagões, de um vermelho fuliginoso, estavam esperando. Ele estava indo ou vindo? Às vezes, por instantes, ele não sabia.

Os livros em seus bolsos eram a breve história da Guerra Civil, de Pratt, e vários volumes de Kierkegaard. Embora tivesse parado de fumar, Herzog ainda era atraído para o vagão de fumantes. Gostava da fumaça. Num assento encardido de veludo ele sacou um livro e leu *Pois morrer significa que tudo acabou, mas morrer a morte significa experimentar a morte*, tentando pensar o que isso poderia querer dizer. Se... Sim... Não... por outro lado, se a existência é náusea, então a fé é um alívio incerto. Ou então: seja arrasado pelo sofrimento e você sentirá o poder de Deus quando ele o reerguer. Bela leitura para um depressivo! Herzog, diante da sua escrivaninha, sorria. Deixava a cabeça cair

sobre as mãos, quase rindo em silêncio. Mas no trem ele estava laboriosamente compenetrado, totalmente sério. Todos os que vivem estão em desespero (?). E essa é a doença *para* a morte (?). Quando um homem se recusa a ser o que é (?).

Fechou o livro quando o trem chegou às montanhas de ferro-velho de New Jersey. Sua cabeça estava quente. Encontrou refresco pressionando contra o rosto o grande *button* de Stevenson de sua lapela. A fumaça no vagão era doce, curtida, opulenta. Aspirou-a profundamente para dentro dos pulmões — uma impureza excitante; respirou em êxtase o aroma pantanoso de velhos cachimbos. As rodas giravam a toda velocidade com um ruído estridente, mordendo os trilhos. O frio sol de outono flamejava sobre as fábricas de New Jersey. Formas vulcânicas de escória, juncos, entulho, refinarias, jatos de fogo fantasmagóricos, e logo os campos e bosques. Os baixos carvalhos cintilavam como metal. Os campos azulavam. Cada torre de rádio era como o olho de uma agulha com uma gota de sangue. Os tijolos embotados de Elizabeth ficaram para trás. No lusco-fusco, Trenton assomou como o coração de um forno de carvão. Herzog leu a placa municipal: TRENTON FAZ, O MUNDO LEVA!

Ao cair da noite, num frio resplendor elétrico, apareceu a Filadélfia.

Pobre sujeito, sua saúde não estava nada boa.

Herzog estava sorrindo ao pensar nos comprimidos que tinha tomado, e no leite que tinha bebido à noite. Junto à sua cama na Filadélfia havia sempre uma dúzia de garrafas. Ele tomava leite para acalmar o estômago.

Vivendo em meio a ideias e conceitos grandiosos, insuficientemente relevantes para as condições americanas atuais, cotidianas. Veja, monsenhor, se o senhor aparece na televisão vestindo as antigas batinas e sobrepelizes da Igreja romana, há suficientes irlandeses, poloneses e croatas assistindo em bares, prontos para compreendê-lo, erguendo seus elegantes braços para o céu e lançando olhares como um astro do cinema mudo — Richard Barthelmess ou Conway Tearle; a classe trabalhadora católica tem grande orgulho dele. *Mas eu, um douto especialista em história das ideias, estorvado pela confusão emocional... Repelindo o raciocínio de que o pensamento científico mergulhou na desordem todas as considerações baseadas no valor... Convencido de que a amplitude do espaço universal não destrói o valor humano, de que o reino dos fatos e o reino dos*

valores não estão separados para todo o sempre. E passou pela minha mente (judaica) que vamos cuidar disso! Minha vida comprovaria um ponto de vista totalmente diferente. Muito cansado da forma moderna de historicismo que vê nesta civilização a derrota das melhores esperanças da religião e do pensamento ocidentais, o que Heidegger chama da segunda Queda do Homem no cotidiano ou no banal. Nenhum filósofo sabe o que é o banal, não afundou nele o bastante. A questão da experiência humana comum é a principal questão destes séculos modernos, como Montaigne e Pascal, que divergiam quanto a outras coisas, viram claramente. — A força da virtude de um homem, ou de sua capacidade espiritual, medida por sua vida ordinária.

De um jeito ou de outro entrou na minha cabeça a ideia sem dúvida maluca de que minhas próprias ações tinham importância histórica, e isso (essa fantasia?) produzia a impressão de que as pessoas que me causavam mal estavam se intrometendo num experimento importante.

Herzog tragicamente bebericando leite na Filadélfia, um frágil aspirante a lunático, virando a garrafinha para aquietar o estômago e abafar sua mente inquieta, cortejando o sono. Estava pensando em Marco, Daisy, Sono Oguki, Madeleine, os Pontritter, e de quando em quando na diferença entre a tragédia antiga e a moderna segundo Hegel, na experiência interior do coração e no aprofundamento do caráter individual na era moderna. Seu próprio caráter individual às vezes se afastava tanto dos fatos como dos valores. Mas o caráter moderno é inconstante, dividido, vacilante, desprovido da certeza pétrea do homem arcaico, despojado também das ideias firmes dos teoremas claros e duros do século XVII.

Moses queria fazer o que pudesse para aprimorar a condição humana, e tomou por fim um comprimido para dormir, com o intuito de se preservar. Nos melhores interesses de todo mundo. Mas, quando encontrou os alunos na classe pela manhã, mal conseguia ler suas anotações de aula. Seus olhos estavam inchados e sua cabeça sonolenta, mas seu coração ansioso batia mais rápido do que nunca.

O pai de Madeleine, uma personalidade poderosa, inteligência de primeira classe, porém trazendo em si muitas das vaidades peculiares e grotescas da cena teatral de Nova York, disse-me que eu poderia fazer a ela um grande bem. Ele

disse: “Bem, já está mais do que na hora de ela deixar de sair por aí com bichas. Ela é como uma porção de garotas literatas da faculdade — todos os seus amigos são homossexuais. Tem mais bichas a seus pés que Joana d’Arc. É um bom sinal ela estar interessada em você”. Mas o velho também o achava um coitado. Esse fato psicológico não era escondido. Ele viera ver Pontritter em seu estúdio. Madeleine tinha dito: “Meu pai insiste em ter uma conversa com você. Eu gostaria que você desse uma passada lá”. Encontrou Pontritter dançando samba ou chá-chá-chá (Herzog não distinguia um do outro) com sua instrutora, uma filipina de meia-idade que no passado pertencera a uma conhecida dupla de tango (Ramon e Adelina). Adelina tinha ganhado peso no meio do corpo, mas suas longas pernas eram finas. Sua maquiagem não clareava muito seu rosto escuro. Pontritter, aquela imensa figura masculina com fios brancos isolados crescendo em seu bronzeado couro cabeludo (ele usava uma lâmpada de bronzeamento durante todo o inverno), estava dando pequenos passos de dança em suas alpargatas de lona e sola de corda. Sua calça de traseiro caído oscilava de um lado para o outro com o gingado de seus amplos quadris. Seus olhos azuis estavam sérios. A música seguia, jovial, trepidante, percussiva, em ritmos de banda de metais. Quando ela parou, Pontritter disse com certo interesse distante: “Você é Moses Herzog?”.

“Isso mesmo.”

“Apaixonado pela minha filha?”

“Sim.”

“Isso não está fazendo bem à sua saúde, pelo que estou vendo.”

“Não tenho passado muito bem, sr. Pontritter.”

“Todos me chamam de Fitz. Esta é Adelina. Adelina, Moses. Ele está transando com minha filha. Pensei que não viveria para ver este dia. Bem, meus cumprimentos... Espero que a Bela Adormecida desperte.”

“Olá, *guapo*”, disse Adelina. Não havia nada de pessoal nessa saudação. Os olhos de Adelina estavam concentrados em acender seu cigarro. Ela tomou um fósforo da mão de Pontritter. Herzog se lembrava de ter pensado como era puramente externo aquele jogo do fósforo, sob a claraboia do estúdio. Aquecimento artificial ou aquecimento nenhum.

Mais tarde naquele dia, ele teve uma conversa com Tennie Pontritter

também. Ao falar de sua filha, lágrimas rapidamente vieram aos olhos de Tennie. Tinha um semblante suave, de quem sofreu muito, ligeiramente lacrimoso até mesmo quando ela sorria, e mais pesaroso quando a gente a encontrava por acaso, como aconteceu na Broadway com Moses, que viu o rosto dela — tinha uma altura acima da média — vindo em sua direção, amplo, suave, bondoso, com rugas permanentes de sofrimento nos cantos da boca. Ela o convidou para sentar com ela na Verdi Square, o estragado canteiro de grama cercado com grade e sempre rodeado por uma multidão de homens e mulheres moribundos sentados, mendigos aleijados, lésbicas gingando agressivamente como caminhoneiros e frágeis homossexuais negros com cabelo tingido e brincos.

"Não tenho muita influência sobre minha filha", disse Tennie. "Claro que a amo afetuosamente. Mas não foi fácil. Tive que apoiar Fitz. Ele ficou na lista negra durante anos. Eu não podia ser desleal. Afinal de contas, ele é um grande artista..."

"Acredito...", murmurou Herzog. Ela havia esperado que ele aceitasse o fato.

"É um gigante", disse Tennie. Tinha aprendido a dizer tais coisas com total convicção. Só uma mulher judia de formação boa, respeitosa em relação à cultura — seu pai tinha sido alfaiate e membro do Arbaiter-Ring, um idichista —, seria capaz de sacrificar sua vida a um grande artista como ela tinha feito. "Numa sociedade de massas!", disse ela. Olhava para ele ainda com a mesma suavidade e enlevo fraternais. "Uma sociedade do dinheiro!" Ele se admirou disso. Madeleine tinha lhe contado, muito cáustica com relação aos pais, que o velho precisava de cinquenta mil por ano, e que ele os conseguia, o velho Svengali, com mulheres e puxa-sacos aspirantes a atores. "Então Mady acha que eu a deixei de lado. Ela não compreende — odeia o pai. Posso lhe dizer uma coisa, Moses, acho que as pessoas devem confiar em você instintivamente. Vejo que Mady confia, e ela *não é* uma garota do tipo que confia. Então acho que ela deve estar apaixonada por você."

"*Eu estou*, por ela", disse Moses, com emoção.

"Você deve amá-la — acho que ama... As coisas são tão complicadas."

"Por eu ser mais velho... casado? É isso que você quer dizer?"

"Você não vai machucá-la, vai? Não importa o que ela pense, eu sou sua

mãe. Tenho um coração de mãe, o que quer que ela diga." Começou a chorar de mansinho. "Oh, sr. Herzog... Estou sempre no meio dos dois. Sei que não fomos pais convencionais. Ela sente que eu simplesmente a joguei no meio do mundo. E não há nada que *eu* possa fazer. Cabe a você. Você terá que dar à menina a única coisa que pode ajudá-la." Tennie tirou seus esmerados óculos, agora já não fazendo esforço algum para disfarçar o choro. Seu rosto e seu nariz estavam vermelhos, e seus olhos, moldados para produzir o que pareceu a Moses um apelo desonesto, ficaram cegos e escuros de lágrimas. Havia uma dose de hipocrisia e cálculo no método de Tennie, mas por trás disso, mais uma vez, havia um sentimento verdadeiro pela filha e pelo marido; e por trás desse sentimento verdadeiro havia algo ainda mais significativo e sombrio. Herzog estava mais do que consciente das camadas sobre camadas de realidade — odiosidade, arrogância, falsidade e por fim — Deus nos ajude! — verdade, também. Compreendeu que estava sendo manipulado pela preocupada mãe de Madeleine. Trinta anos a esposa boêmia, os lugares-comuns daquela ideologia gasta, cinicamente explorada pelo velho Pontritter, Tennie permaneceu fiel, acorrentada com as joias "abstratas" de prata fosca que ela usava.

Mas isso nunca aconteceria com sua filha, se ela pudesse impedir. E Madeleine estava igualmente determinada a evitar que acontecesse. E foi a isso que Moses foi chamado, no banco da Verdi Square. Seu rosto estava barbeado, sua camisa, limpa, suas unhas, limpas, suas pernas, um tanto grossas nas coxas, estavam cruzadas, e ele ouvia Tennie muito pensativo — para um homem cuja mente tinha parado de funcionar. Ela estava cheia demais com seus projetos grandiosos para pensar com clareza no que quer que fosse. Claro que ele percebeu que Tennie estava preparando seu espírito, e que ele era o trouxa perfeito para o tipo de apelo que ela fazia. Tinha um fraco pelas boas ações, e ela explorou essa fraqueza, pedindo-lhe que salvasse a teimosa e iludida filha dela. Paciência, afeto, gentileza e virilidade conseguiriam isso. Mas Tennie o engabelou ainda mais sutilmente. Estava dizendo a Moses que ele poderia trazer estabilidade para a vida daquela garota neurótica e curá-la com sua constância. Em meio àquela multidão de velhos, aleijados e moribundos, o apelo de Tennie à ajuda de Moses mobilizou intensamente suas compaixões impuras. Repulsivamente. O coração dele se afligiu. "Adoro Madeleine,

Tennie", disse. "Não precisa se preocupar. Farei tudo o que for possível."

Uma pessoa ansiosa, precipitada, intensa e cômica.

Madeleine tinha um apartamento num prédio antigo, e Herzog ficava com ela quando estava na cidade. Dormiam juntos no sofá revestido de marroquim do estúdio. Moses apertava o corpo dela a noite toda, com fervor e exaltação. Ela não era tão ardorosa, mas na época era uma recém-convertida. Além disso, um dos amantes é sempre mais apaixonado que o outro. Ela às vezes tinha lágrimas de raiva e remorso nos olhos e se recriminava por sua própria condição pecaminosa. No entanto, ela queria também.

Às sete da manhã, parecendo se antecipar ao despertador por uma fração de segundo, ela se aprumava, e quando o alarme tocava ela já estava exclamando com raiva sufocada: "Droga!", e cambaleando em direção ao banheiro.

As instalações eram antiquadas naquele lugar. Aqueles tinham sido apartamentos de luxo nos anos 1890. As torneiras de boca larga deixavam escorrer um fio espalhafatoso de água fria. Ela tirava a parte de cima do pijama, ficando nua até a cintura, e se lavava com um pano, purificando-se com vigor furioso, o rosto de olhos azuis ficando vermelho, os seios, cor-de-rosa. Silencioso, descalço, vestindo sua capa impermeável como se fosse um robe, Herzog entrava e se sentava na beirada da banheira, assistindo.

Os ladrilhos eram cor de cereja desbotada, e a bancada da pia, os acessórios, eram de velho níquel trabalhado. A água jorrava da torneira e Moses observava Madeleine se transformar numa mulher mais velha. Ela tinha um emprego em Fordham, e na sua cabeça o primeiro requisito era ter uma aparência sóbria e madura, de alguém que pertencia à Igreja havia muito tempo. A curiosidade escancarada dele, o fato de dividir familiarmente o banheiro com ela, sua nudez sob o impermeável, seu pálido rosto matinal naquele cenário de luxo vitoriano arruinado — tudo isso a molestava. Ela não olhava para ele enquanto fazia seus preparativos. Sobre o sutiã e a anágua ela colocava um suéter de gola alta, e para proteger os ombros do suéter vestia uma capa plástica. Isso impedia a maquiagem de respingar na lã. Agora ela começava a aplicar seus cosméticos — os vidros, tubos e pós enchiam as prateleiras acima da penteadeira. O que quer que ela fizesse, era sem hesitação, com rapidez e eficiência, de modo abrupto, mas com a autoconfiança de um perito. Gravadores de metal, confeiteiros,

acrobatas no trapézio trabalhavam daquela maneira. Ele achava que ela era estouvada demais naquilo — ia rápido, à beira de provocar um desastre, mas isso nunca acontecia. Primeiro ela espalhava uma camada de creme nas bochechas, esfregando-o até seu nariz reto, seu queixo infantil e seu pescoço macio. Era uma coisa cinzenta, azulada, aperolada. Essa era a base. Ela a abanava com uma toalha. Por cima daquilo aplicava a maquiagem. Trabalhava com cotonetes, sob a linha onde começavam os cabelos, em torno dos olhos, nas bochechas e no pescoço. Apesar das curvas macias de carne feminina, havia já algo de distintamente ditatorial naquele pescoço estendido. Ela não deixava Herzog acariciar seu rosto de cima para baixo — era ruim para os músculos. Sentado, assistindo, na beirada da luxuosa banheira, ele vestia suas calças, enfiava a fralda da camisa para dentro. Ela não tomava conhecimento dele; estava tentando de alguma maneira livrar-se dele à medida que sua vida diurna começava.

Ela passava um pó claro com seu pompom, ainda na mesma velocidade agressiva, como se estivesse em desespero. Então ela se virava rapidamente para examinar o trabalho — perfil direito, perfil esquerdo — no espelho, levantando as mãos como para sustentar os seios, mas sem tocar neles de verdade. Estava satisfeita com o pó de arroz. Passava uma leve camada de vaselina nas pálpebras. Tingia os cílios com um minúsculo pincel. Moses participava de tudo isso em silêncio, intensamente. Ainda sem pausas ou hesitações, ela aplicava um toque de preto na ponta exterior de cada olho, e redesenhava a linha das sobrancelhas para deixá-la simétrica e severa. Então apanhava uma tesoura de alfaiate e aparava com ela suas franjas. Parecia não ter necessidade de medição alguma; sua imagem estava fixada em sua determinação. Cortava como se disparasse uma arma, e Herzog sentia um impulso de alarme, como num curto-circuito. A resolução dela o fascinava, e em tal fascínio ele descobria sua própria infantilidade. Ele, uma pessoa fisicamente apta, sentado na beirada da pomposa banheira velha, com o esmalte riscado por finos fios retorcidos como ruibarbo cozido, absorvido naquela transformação do rosto de Madeleine. Ela passava nos lábios uma coisa cerosa, então pintava-os com um vermelho pardo, acrescentando anos à sua idade. Aquela boca lustrosa quase completava a função. Ela umedecia um dedo na língua e dava os últimos retoques. Pronto.

Olhava com a gravidade de suas sobrancelhas retas para o espelho e parecia satisfeita. Sim, era exatamente aquilo. Vestia uma longa e pesada saia de tweed, que escondia suas pernas. Saltos altos inclinavam levemente seus tornozelos. E agora o chapéu. Era cinza, com uma copa baixa, de aba larga. Quando ela o pousava sobre sua cabeça lustrosa, virava uma mulher de quarenta anos — uma daquelas hipocondríacas brancas, histéricas que se ajoelhavam nos corredores das igrejas. A ampla aba sobre sua angustiada testa, sua intensidade infantil, seu temor, sua intenção religiosa — que pena dava aquilo tudo! Enquanto ele, o judeu abatido, pecador, de barba por fazer, colocando em risco a redenção dela... O coração dele doía. Mas ela mal olhava para ele. Tinha colocado o casaco com gola de esquilo e agora enfiava a mão por dentro para ajeitar o enchimento dos ombros. Aquele chapéu! Era feito, como aqueles artigos de vime, de uma única longa fita cinza trançada, de meia polegada de largura, como o chapéu usado pela senhora cristã que lia a Bíblia com ele na enfermaria do hospital em Montreal. "O vento sopra onde quer, e tu ouves o seu ruído..." Havia até mesmo um alfinete de chapéu. O serviço estava concluído. O rosto dela se fizera liso e de meia-idade. Só os globos oculares não tinham sido tocados, e lágrimas pareciam estar prestes a brotar deles. Ela parecia irritada — furiosa. Queria-o junto dela à noite. Era capaz até, meio com rancor, de tomar a mão dele e levá-la até seu seio quando eles estavam caindo no sono. Mas pela manhã ela gostaria que ele desaparecesse. E ele não estava acostumado com isso; estava acostumado a ser tratado com deferência. Mas estava lidando com uma nova geração de mulheres, era o que dizia a si mesmo. Para ela, ele era um sedutor (ele não podia crer!) paternal, grisalho, paciente. Mas os papéis tinham sido distribuídos. Ela ostentava seu rosto branco de convertida e Herzog não tinha como se recusar a contracenar com ela.

"Você devia comer alguma coisa de café da manhã", disse ele.

"Não. Iria me atrasar."

Os cremes haviam secado na pele dela. Pendurou uma grande cruz no peito. Fazia apenas três meses que era católica e, por causa de Herzog, já não podia se confessar, em todo caso não com o monsenhor.

A conversão foi um evento teatral para Madeleine. Teatro — a arte dos novos-ricos, oportunistas, pretensos aristocratas. O próprio monsenhor era um ator. Um

papel, mas um papel proveitoso. *Obviamente ela possuía sentimentos religiosos, mas o glamour e a ascensão social eram mais importantes. O senhor é famoso por converter celebridades, então ela foi procurá-lo.* Nada menos do que o melhor para nossa Mady. *A interpretação judaica da generosa dama ou do generoso cavalheiro cristão é um capítulo curioso na história do teatro social.* O grupo dos dignitários é continuamente formado pelos que vêm de baixo. De onde viria qualquer pessoa de destaque, senão das massas? Com a devoção e o fogo do ressentimento transcendente. *Não nego que isso fez muito por mim também. Refletiu-se favoravelmente em mim o fato de me ver envolvido num assunto como esse.*

"Você vai ficar doente indo trabalhar de estômago vazio. Tome café da manhã comigo e eu pago a sua corrida de táxi até Fordham."

Com decisão, mas desajeitadamente, ela saiu do banheiro, o passo estorvado pela feia saia comprida. Ela queria voar, mas com o chapelão, o tailleur, as medalhas religiosas, o grande crucifixo peitoral e o coração pesado, não era fácil sair do chão.

Ele a seguiu pela sala forrada de espelhos, passou pelas gravuras de retábulos flamengos em dourado, verde e vermelho. As maçanetas e fechaduras das portas estavam imobilizadas por camadas e camadas de tinta. Madeleine forcejou com o trinco, impaciente. Herzog, vindo por trás dela, abriu num repelão a porta branca da frente. Percorreram um corredor onde sacos de lixo tinham sido colocados sobre o carpete outrora luxuoso, e desceram pelo deteriorado elevador, saindo do ar viciado da cabine preta para a fachada de porfirito do mofado saguão, e dali para a rua abarrotada de gente.

"Você não vem? O que está fazendo?", perguntou Madeleine.

Talvez ele não estivesse totalmente acordado. Herzog se demorou por um momento perto da peixaria, atraído pelo cheiro. Um negro magro e musculoso estava jogando baldes de gelo vitrine adentro. Os peixes estavam amontoados, costas arqueadas como se estivessem nadando no gelo moído e fumegante, uns cor de bronze, outros de um escuro verde viscoso, outros cinza-dourados — as lagostas se aglomeravam junto ao vidro, os bigodes curvados. A manhã estava cálida, cinzenta, úmida, fresca, sob o aroma do rio. Parando por um momento nas portas de metal do elevador da calçada, Moses sentiu o padrão em relevo do

aço através das finas solas dos sapatos; como Braille. Mas não leu mensagem alguma. Os peixes estavam aprisionados, como se tivessem vida, no gelo moído, branco e espumante. A rua estava obscurecida, morna e cinzenta, íntima, pouco limpa, cheirando a rio poluído, ao odor enjoativo e sexualmente excitante da maré.

"Não posso esperar por você, Moses", disse Madeleine, peremptória, por cima do ombro.

Entraram num restaurante e sentaram à mesa de fórmica amarela.

"Por que você ficou ali parado?"

"Bem, minha mãe veio das províncias do Báltico. Ela adorava peixes."

Mas Madeleine não estava em condições de se interessar pela mãe Herzog, morta havia vinte anos, por mais amor filial que a alma daquele nostálgico cavalheiro pudesse estar sentindo. Moses, pensando, deliberava contra si mesmo. Era uma figura paternal para Madeleine — não podia esperar que ela levasse em consideração a *sua* mãe. Esta era um dos *mortos* mortos, sem efeito sobre a nova geração.

Sobre o tampo amarelo da mesa havia uma flor vermelha. As pintas nítidas do botão num solitário de metal, afundado até o pescoço. Curioso para saber se a flor era artificial, Herzog a tocou. Ao descobrir que era de verdade, tirou rapidamente os dedos. Madeleine estava assistindo.

"Você *sabe* que estou com pressa", disse ela.

Ela gostava de *muffins*. Ele os pediu. Ela chamou a garçonete. "Parta os meus. Por favor, não os fatie." Projetou o queixo em direção a Moses e disse: "Moses, tudo bem com a minha maquiagem — no pescoço?".

"Com a pele que você tem, não precisa de nada disso."

"Mas está desigual?"

"Não. Vou te ver mais tarde?"

"Não tenho certeza. Fui convidada para coquetéis em Fordham — para um dos missionários."

"Mas depois disso — posso pegar um trem tardio para a Filadélfia."

"Prometi a minha mãe... Ela está tendo problemas de novo com o velho."

"Pensei que estivesse tudo resolvido... o divórcio."

"Ela é uma verdadeira escrava", disse Madeleine. "Ela não consegue se livrar,

e ele tampouco vai querer. A vantagem é toda dele. Ela ainda vai àquela escola nojenta de atores a altas horas e cuida da contabilidade dele. Ele é a coisa mais grandiosa da vida dela — um novo Stanislávski. Ela se sacrificou, e se ele não for um grande gênio, de que valeu tudo isso? Portanto ele *é* um grande gênio..."

"Ouvi gente dizer que ele foi um diretor brilhante."

"Ele tem *uma coisa*", disse Madeleine. "Um tipo quase feminino de intuição. E ele droga as pessoas — é diabólico o modo como faz isso. Tennie diz que ele gasta uns cinquenta mil só consigo mesmo. Usa todo o seu gênio para torrar esse dinheiro."

"Soa para mim como se ela estivesse fazendo a contabilidade dele por você — tentando salvar o que pode para você."

"Ele não vai deixar nada a não ser processos na justiça e dívidas..." Ela cravou os dentes no *muffin* tostado — eram pequenos, de menina. Mas não comeu. Baixou o bolinho para o prato e seus olhos se ampliaram daquele seu jeito estranho.

"Qual o problema? Coma."

Ela empurrou o prato para longe, porém. "Pedi a você que não me ligasse em Fordham. Isso me aborrece. Tenho que manter separadas as duas coisas."

"Desculpe. Não vou ligar mais."

"Tenho estado fora de mim. Tenho vergonha de ir me confessar com o monsenhor."

"Não pode ser com outro padre?"

Ela pousou bruscamente sua xícara com um agudo estalido da porcelana barata do restaurante. Uma tênue marca de batom ficara na borda. "O último padre me passou um sermão infernal por sua causa. Perguntou há quanto tempo eu *tinha* estado na Igreja. Por que eu *tinha sido* batizada se iria agir assim em poucos meses!" Agora os grandes olhos da mulher de meia-idade que ela se tornara à custa de tanta maquiagem o acusavam. Cruzando seu rosto branco estavam as sobrancelhas bem traçadas que ela dera a si mesma. Ele julgou poder ver a linha verdadeira por baixo delas.

"Meu Deus! Sinto muito", disse Moses. Parecia contrito. "Não quero causar problemas." Isso com certeza não era verdade. Pelo contrário, ele estava determinado a causar problemas. Achava que a dificuldade era a coisa toda. Ela

queria que Moses e o monsenhor a disputassem. Isso aumentava a excitação sexual. Ele lutava pela apostasia dela na cama. E certamente o monsenhor convertia mulheres só com seus olhos ardentes.

"Sinto-me péssima — péssima", disse ela. "Logo será Quarta-feira de Cinzas, e eu não posso comungar enquanto não confessar."

"Que situação incômoda...." Moses de fato se compadecia dela, mas não iria se dispor a ceder.

"E quanto ao casamento? Como podemos nos casar?"

"As coisas podem ser contornadas — a Igreja é uma sábia instituição antiga."

"No escritório eles falam sobre Joe DiMaggio, de quando ele quis se casar com Marilyn Monroe. E do caso Tyrone Power — um de seus últimos casamentos foi celebrado por um cardeal. Outro dia saiu no Leonard Lyons uma coisa sobre divórcios católicos." Madeleine lia todos os colunistas de fofocas. Seus marcadores de livros no Santo Agostinho e em seu missal eram recortes do *Post* e do *Mirror*.

"A favor?", perguntou Moses, dobrando em dois e comprimindo seu bolinho — tinha manteiga demais dentro.

Os grandes olhos violeta de Madeleine pareciam inchados. Seu raciocínio se exauria com essas dificuldades, muitas vezes analisadas. "Tenho um encontro com um padre italiano na Sociedade para a Propagação da Fé. É um perito em direito canônico. Telefonei para ele ontem."

Ela estava na Igreja havia doze semanas, mas já sabia tudo.

"Seria mais fácil se Daisy me concedesse o divórcio", disse Herzog.

"Ela *tem* que lhe dar o divórcio." A voz de Madeleine se elevou abruptamente. Herzog se viu fitando o rosto que tinha sido preparado para os jesuítas, no outro lado da cidade. Mas alguma coisa tinha acontecido — algum fio tinha se retesado e se retorcido no busto dela, e seu corpo tinha enrijecido. As pontas de seus dedos embranqueceram quando ela pressionou o tampo da mesa e o encarou fixamente, os lábios se comprimindo e a cor da pele escurecendo por sob a palidez tuberculosa da sua maquiagem. "O que faz você achar que eu pretendo ter um caso perpétuo com você? Quero um pouco de ação."

"Mas, Mady, você sabe como me sinto..."

"Sente? Não me venha com aquela conversa mole sobre sentimentos. Não acredito nela. Acredito em Deus — pecado — morte —, portanto, não venha com lixo sentimental para cima de mim."

"Não... Agora me ouça." Botou seu chapéu diplomata, como se esperasse extrair dele alguma autoridade.

"Quero me casar", disse ela. "Essa outra coisa não vale nada! Minha mãe teve que levar uma vida boêmia. Ela trabalhava, enquanto Pontritter farreava. Ele me subornava com moedas quando eu o via com uma de suas sirigaitas. Você sabe como eu fui alfabetizada? Com *O Estado e a Revolução*, de Lênin. Essa gente é insana!"

Provavelmente sim, concordou mentalmente Herzog. Mas agora Madeleine quer árvores de Natal e coelhinhos da Páscoa e talvez morar numa daquelas ruas de casas paroquiais de tijolos na desolação aborrecida do distrito de Queens, gastando tempo com vestidos de primeira comunhão, com um sólido marido irlandês que varre as migalhas na fábrica de biscoitos.

"Talvez eu tenha me tornado uma fanática no que diz respeito a coisas convencionais", disse Madeleine. "Mas não vou mudar de ponto de vista. Você e eu temos de casar na Igreja, caso contrário eu vou embora. Nossos filhos serão batizados e criados no seio da Igreja." Moses esboçou um mudo movimento afirmativo de cabeça. Comparado com ela, sentia-se estático, sem iniciativa. A fragrância do pó no rosto dela mexia com ele (minha gratidão pela arte, foi sua reflexão imediata, por qualquer tipo de arte).

"Minha infância foi um pesadelo grotesco", ela prosseguiu. "Eu era intimidada, atacada, mol-mol-mol...", gaguejou.

"Molestada?"

Fez que sim com a cabeça. Ela tinha lhe contado isso antes. Ele não conseguia trazer à luz aquele segredo sexual dela.

"Era um homem adulto", disse ela. "Ele me pagou para manter silêncio."

"Quem era?"

Os olhos dela estavam sombriamente arregalados, e sua linda boca, desesperadamente vingativa, mas silenciosa.

"Acontece com muita, muita gente", disse ele. "Não se pode basear uma vida inteira nisso. Não significa tanto assim."

"O quê? Um ano inteiro de amnésia não significa muito? Meu décimo quarto ano de vida foi apagado."

Ela não podia aceitar aquele consolo liberal de Herzog. Talvez parecesse a ela uma espécie de indiferença. "Meus pais quase me destruíram. Tudo bem — não importa agora", disse. "Acredito em meu Salvador, Jesus Cristo. Não tenho medo da mo-morte agora, Moses. Pon dizia que todos morremos e apodrecemos na cova. Dizia isso a uma menina de seis ou sete anos. Devia ser punido por isso. Mas agora eu desejo seguir vivendo, e trazer filhos ao mundo, desde que eu tenha algo para dizer a eles quando me perguntarem sobre a morte e a cova. Mas não espere que eu vá aderir ao jeito frouxo de hoje em dia — sem regras. Não! Serão essas regras ou nada feito."

Moses a contemplava como se, submergindo, a visse através da distorção vítrea das águas profundas.

"Você está me ouvindo?"

"Oh, sim", disse ele. "Estou sim."

"Tenho que ir agora. O padre Francis nunca se atrasa um minuto sequer." Apanhou sua bolsa e saiu apressada, o rosto sacudido pela brusquidão dos seus passos. Calçava saltos bem altos.

Ao descer correndo para o metrô numa daquelas manhãs, ela prendeu um salto na barra da saia e caiu, machucando as costas. Voltou mancando para a rua e tomou um táxi para o escritório, mas o padre Francis encaminhou-a para o médico, que a encheu de bandagens e a mandou para casa. Lá ela encontrou Moses, ainda semivestido, tomando compenetrado uma xícara de café (estava pensando o tempo todo, mas nada claro resultava disso).

"Me ajude!", disse Madeleine.

"Que aconteceu?"

"Caí no metrô. Estou machucada." Sua voz era lancinante.

"É melhor você deitar", disse ele. Tirou-lhe o chapéu e cuidadosamente desabotoou seu casaco e seu suéter, tirou a saia e a anágua. A cor clara e rosada do corpo dela se expôs abaixo da linha da maquiagem, na base do pescoço. Ele tirou o crucifixo do seu peito.

"Pegue meu pijama." Ela estava tremendo. Os largos esparadrapos das bandagens tinham um forte cheiro de remédio. Ele a levou para a cama e

deitou a seu lado para aquecê-la e confortá-la, exatamente como ela queria que fizesse. Havia uma neve de março naquele dia encardido. Ele não voltou para a Filadélfia.

"Eu me puni pelos meus pecados", repetia Madeleine.

Achei que pudesse ser do seu interesse saber a verdadeira história de uma de suas convertidas, monsenhor. Bonecas eclesiásticas — anáguas de seda com fios dourados, gementes tubos de órgãos. O mundo real, para não falar do universo infinito, requeria um caráter mais firme, decididamente masculino.

Como o de quem?, pensou Herzog. O meu, por exemplo? E, em vez de concluir essa carta ao monsenhor, anotou, para uso próprio, os versos de uma das canções infantis favoritas de June.

Eu amo a bichana, seu pelo é tão quentinho
E se eu não a machuco, ela não me faz mal nenhum.
Vou sentar junto ao fogo e lhe dar uma comidinha,
E a bichana vai me amar porque eu sou boazinha.

É mais por aí, pensou. Sim. Você precisa apontar a imaginação também para si próprio, à queima-roupa.

Mas, depois de tudo dito e feito, Madeleine não casou na Igreja, tampouco batizou sua filha. O catolicismo passou do mesmo modo que a cítara e as cartas de tarô, o pão feito em casa e a civilização russa. E a vida no campo.

* * *

Com Madeleine, Herzog tinha feito sua segunda tentativa de viver no campo. Para um judeu da metrópole ele era curiosamente devotado à vida campestre. Tinha obrigado Daisy a suportar um gélido inverno no leste de Connecticut enquanto ele escrevia *Romantismo e cristianismo*, num chalé onde os encanamentos tinham que ser descongelados com velas e rajadas geladas atravessavam as paredes de madeira enquanto Herzog meditava sobre seu Rousseau ou se exercitava no oboé. O instrumento fora herdado por ele com a morte de Aleck Hirshbein, seu companheiro de quarto em Chicago, e Herzog, com seu estranho senso de lealdade (muito amor denso em Herzog; com ele, o

luto não passava rapidamente), resolveu aprender sozinho a tocar e, pensando bem, a música triste deve ter oprimido Daisy até mais do que os meses de frio e névoa. Talvez o temperamento de Marco tenha sido afetado pela experiência também; às vezes ele mostrava um traço de melancolia.

Mas com Madeleine seria completamente diferente. Ela deixou a Igreja e, depois de uma briga com Daisy, com os advogados desta e com os seus próprios advogados, sob a pressão de Tennie e Madeleine, Moses se divorciou e casou de novo. A ceia do casamento foi feita por Phoebe Gersbach. Herzog, diante da sua escrivaninha, contemplando grandes rolos de nuvens (um céu inabitualmente limpo para Nova York), rememorou o pudim Yorkshire e o bolo caseiro. Phoebe fazia bolos de banana incomparáveis, leves, úmidos, cobertos por uma camada de açúcar branco. Bonequinhos dos noivos. E Gersbach, turbulento, ruidoso, servia uísque, servia vinho, batucava na mesa, dançava, manquitolando, com a noiva. Vestia uma de suas folgadas camisas esporte favoritas, aberta no peito, deslizando suavemente pelos ombros. Decote de macho. Não havia outros convivas.

A casa em Ludeyville foi comprada quando Madeleine ficou grávida. Parecia o lugar ideal para solucionar os problemas com os quais Herzog tinha se envolvido em A *fenomenologia da mente* — a importância da "lei do coração" nas tradições ocidentais, as origens do sentimentalismo moral e assuntos correlatos, sobre os quais ele tinha ideias claramente diferentes. Ele iria — sorria secretamente agora, ao admitir isso — encerrar o assunto, puxando o tapete debaixo dos pés de todos os outros estudiosos, iria lhes mostrar o que dizia respeito a quê, aturdi-los, expor a superficialidade deles de uma vez por todas. Não era simples vaidade a motivação subjacente, mas um senso de responsabilidade. Isso era o que ele dizia de si mesmo. Era um tipo *bien pensant*. Levava a sério a crença de Heinrich Heine de que as palavras de Rousseau tinham se transformado na máquina sangrenta de Robespierre, de que Kant e Fichte eram mais mortíferos que exércitos inteiros. Tinha um pequeno subsídio de uma fundação, e sua herança de vinte mil dólares de Herzog pai foi para a casa no campo.

Ele se tornou o caseiro do lugar. Os vinte mil e ainda mais teriam ido pelo ralo se ele não tivesse posto mãos à obra — as economias de papai,

representando quarenta anos de sacrifício na América. Não entendo como foi possível, pensou Herzog. Eu estava delirando quando fiz o cheque. Nem sequer olhei.

Mas depois que a papelada foi assinada ele inspecionou a casa como se fosse a primeira vez. Estava sem pintura, sombria, com ornamentos vitorianos deteriorados. Nada no andar térreo a não ser um enorme buraco, como a cratera produzida por uma explosão de granada. O reboco estava desmanchando — uma coisa mofada, rala, nojenta, pendendo dos sarrafos. A instalação elétrica obsoleta era perigosa. Tijolos se desprendiam dos alicerces. As janelas tinham frestas.

Herzog aprendeu alvenaria, envidraçamento, encanamento. Passava noites estudando a *Enciclopédia do faça-você-mesmo*, e com paixão histérica ele pintou, consertou, vedou calhas, tapou buracos. Duas demãos de tinta não significavam nada na madeira velha e granulosa. No banheiro os pregos não tinham sido fixados direito e suas cabeças rompiam os ladrilhos do piso, que ficavam soltos como cartas de baralho. O aquecedor a gás era sufocante. O aquecedor elétrico queimava os fusíveis. A banheira era uma relíquia; repousava sobre quatro garras metálicas, parecia de brinquedo. Era preciso se agachar nela e se esfregar. Assim mesmo, Madeleine tinha voltado da Loja de Banho do Sloane com acessórios de luxo, descansos de sabonete de prata em forma de concha, barras de sabonete Ecusson, grossas toalhas turcas. Herzog trabalhava no limo rançoso da caixa-d'água da privada tentando fazer funcionar a descarga. À noite ele ouvia o gotejamento que esvaziava a caixa.

Um ano de trabalho salvou a casa do colapso.

No porão havia outro lavabo, com paredes espessas como as de um bunker. No verão era o lugar preferido dos grilos, e também de Herzog. Ali ele se demorava saboreando edições baratas de Dryden e Pope. Por uma fresta ele via a luz feroz do alto verão, o verde espinhoso e maligno das trepadeiras, e os tesos e delicados botões de rosas selvagens, o olmo em frente, definhando diante dele, o ninho de papa-figos, cinzento e em formato de coração. Lia: "Sou o cão de Sua Majestade em Kew". Mas Herzog teve um ligeiro ataque de artrite no pescoço. A cela de pedra ficou úmida demais. Ele removeu a tampa da caixa da descarga com um rangido e empurrou o encaixe de borracha para liberar a

água. As peças estavam enferrujadas, enrijecidas.

... o cão de Sua Alteza em Kew,
Diga-me, Sir, cão de quem é o senhor?[a]

Tentava reservar as manhãs para o trabalho mental. Escreveu para a Widener Library para tentar obter o *Abhandlungen der Königlich Sächsischen Gesellschaft der Wissenshaft*. Sua escrivaninha estava coberta de contas não pagas e cartas não respondidas. Para conseguir dinheiro, pegou trabalhos de encomenda. Editoras universitárias lhe mandavam manuscritos para que ele desse seu parecer. Repousavam em embrulhos ainda por abrir. O sol esquentou, o chão estava úmido e escuro, e Herzog contemplava com desespero a vida florescente e luxuriante das plantas. Tinha toda aquela papelada pela frente, e nenhuma ajuda. A casa estava esperando — imensa, vazia, urgente. QUOS VULT PERDERE DEMENTAT,[b] rabiscou na poeira. Os deuses estavam aprontando com ele, mas ainda não tinham conseguido enlouquecê-lo o bastante.

Ao comentar monografias, a própria mão de Moses se rebelava. Cinco minutos escrevendo uma carta lhe causavam câimbra nos dedos. Seu olhar se tornou embotado. Estava ficando sem desculpas para dar. *Lamento a demora. Um caso grave de intoxicação por planta venenosa me impediu de trabalhar.* Com os cotovelos sobre os papéis, Moses contemplava as paredes pintadas pela metade, os tetos descorados, as janelas imundas. Alguma coisa se abatera sobre ele. Costumava ser capaz de seguir em frente, mas agora trabalhava à base de uns dois por cento de eficiência, manuseava cada pedaço de papel cinco ou dez vezes e deixava tudo fora do lugar. Era demais para ele! Estava afundando.

Apanhou o oboé. Em seu escuro estúdio, com trepadeiras subindo na janela de tela, Herzog tocava Handel e Purcell — gigas, *bourrées*, contradanças, o rosto ofegante, os dedos passeando rapidamente pelos botões, a música saltando e rolando, distraída e triste. Embaixo, a máquina de lavar se sacudia, dois passos no sentido horário, um no anti-horário. A cozinha estava imunda o suficiente para criar ratos. Gemas de ovos secavam e endureciam nos pratos, o café ficava verde nas xícaras — torradas, cereais, larvas brotando em ossos, mosquinhas-das-

frutas, moscas domésticas, notas de dólar, selos postais e selos comerciais ensopados na bancada de fórmica.

Madeleine, para escapar da música dele, batia a porta de tela, batia a porta do carro. O motor rugia. O Studebaker tinha uma falha no silenciador do escapamento. Ela começava a descer a ladeira. A menos que você se lembrasse de fazer um desvio para a direita, o cano de escapamento raspava nas pedras. Herzog tocava mais baixo para esperar o ruído. Aquele escapamento ia cair um dia desses, mas ele parara de mencionar isso a ela. Tinha assuntos demais desse tipo. Eles a deixavam nervosa. Através da cortina natural de madressilva que curvava a tela para dentro ele ficava observando ela reaparecer na segunda curva da ladeira. A gravidez tinha engrossado os traços dela, mas ainda era uma linda mulher. Uma beleza assim faz dos homens procriadores, garanhões e serviçais. Quando ela dirigia, seu nariz se movia involuntariamente sob a franja que lhe estorvava a visão (tudo fazia parte do processo de dirigir). Seus dedos, alguns elegantes, alguns com as unhas roídas, agarravam-se com força ao volante de ágata. Ele afirmava que dirigir não era seguro para uma mulher grávida. Achava que ela precisava ao menos tirar uma carteira de motorista. Ela dizia que, se um guarda a parasse, ela passaria a conversa nele.

Depois que ela saía, ele enxugava o oboé, examinava as palhetas, fechava o estojo de pelúcia embolorado. Tinha um binóculo pendurado no pescoço. De quando em quando tentava observar uma ave. Geralmente ela voava antes que ele conseguisse focalizá-la. Abandonado, sentava diante da escrivaninha, uma tábua pousada sobre pernas de ferro batido. Filodendros brotavam da base de sua luminária, entrelaçando-se no ferro. Com um elástico ele disparava bolinhas de papel contra os moscardos nas janelas manchadas de tinta. Não era um pintor muito hábil. Tentou primeiro uma pistola pulverizadora, acoplando-a à parte de trás de um aspirador de pó, um soprador eficiente. Embuçado em trapos para proteger os pulmões, Moses borrifou tetos, mas a pistola salpicou as janelas e batentes e ele acabou voltando para o pincel. Arrastando a escada e os baldes e trapos e solventes, raspando com sua espátula, ele remendava e pintava, indo para a direita, para a esquerda, para cima, mais uma faixa, mais além, no canto, no friso do teto, sua mão tensa tentando fazer uma linha reta, sapecando tinta em grandes pinceladas ou numa agonia de delicadeza. Todo respingado e

escorrendo suor quando se esgotava o frenesi, ia para o jardim. Despido, desabava na rede.

Enquanto isso, Madeleine percorria as lojas de antiguidades com Phoebe Gersbach, ou trazia para casa carregamentos de víveres dos supermercados de Pittsfield. Moses vivia ralhando com ela por causa de dinheiro. Ao começar suas reprimendas, ele tentava manter a voz baixa. Era sempre alguma coisa banal que o tirava do sério: um cheque devolvido, um frango que tinha estragado na geladeira, uma camisa ainda nova rasgada para virar pano de chão. Gradualmente seus sentimentos iam ficando mais ferozes.

"Quando você vai parar de trazer essa quinquilharia para casa, Madeleine — essas cômodas escangalhadas, essas rocas velhas?"

"Temos que mobiliar o lugar. Não suporto estes cômodos vazios."

"Para onde vai toda a grana? Estou me matando de trabalhar." Ele se sentia preto de raiva por dentro.

"Eu pago as contas — o que você acha que eu faço com o dinheiro?"

"Você disse que tinha que aprender a lidar com dinheiro. Que ninguém jamais confiou em você. Bem, agora que confiam, os cheques estão voltando. A butique acabou de telefonar — Milly Crozier. Quinhentos contos em roupas de grávida. Quem vai nascer? Luís XIV?"

"Sim, eu sei, sua querida mãe vestia sacos de farinha."

"Você não precisa de um obstetra da Park Avenue. Phoebe Gersbach usou o hospital de Pittsfield. Como vou poder levar você daqui para Nova York? Leva três horas e meia."

"A gente vai dez dias antes."

"E o que eu faço com todo este trabalho?"

"Você pode levar o seu Hegel para a cidade. Você não abre um livro há meses, de todo modo. A coisa toda é uma bagunça neurótica. Essa barafunda de anotações. É grotesco o quanto você é desorganizado. Não é melhor do que qualquer outro tipo de viciado — enlouquecido pelas abstrações. Maldito seja Hegel, em todo caso, junto com esta casa velha e escrota. Ela precisa de quatro empregados, e você quer que eu faça todo o serviço."

Herzog se tornava chato de tanto repetir o que estava certo. Estava enlouquecendo também. Percebia isso. Parecia saber como tudo devia ser, até o

mínimo detalhe (sob a categoria "Mente concreta livre", uma percepção errônea de um universal pela consciência em desenvolvimento — a realidade se opondo à "lei do coração", a necessidade alheia esmagando horrivelmente a individualidade, *undsoweiter*).[c] Oh, Herzog admitia que estava errado. Mas tudo o que ele pedia, ao que lhe parecia, era um pouco de cooperação, para o bem de todos, com seus esforços em direção a uma vida com algum significado. Hegel era curiosamente significativo, mas também completamente estapafúrdio. Claro. Era bem este o ponto. Mais simples, e sem um palavrório metafísico tão elaborado, era o postulado XXXVII de Espinosa; o desejo do homem de que os outros exultem no bem no qual ele próprio exulta, não o desejo de fazer os outros viverem de acordo com seu modo de pensar — *ex ipsius ingenio*.

Herzog, meditando nessas ideias enquanto pintava sozinho suas paredes em Ludeyville, construindo Versalhes e também Jerusalém nos verdes e quentes verões dos Berkshires. Volta e meia ele tinha que descer da escada para atender o telefone. Os cheques de Madeleine voltando.

"Deus do céu!", ele gritou. "De novo não, Mady!"

Ela apareceu diante dele numa blusa verde-garrafa de grávida e meias até o joelho. Estava ficando muito corpulenta. O médico a alertara para não comer doces. Às escondidas, ela devorava avidamente enormes barras de chocolate Hershey, daquelas de trinta e cinco centavos.

"Você não sabe fazer contas? Não existe uma droga de motivo neste mundo para esses cheques voltarem." Moses a fuzilava com o olhar.

"Oh — lá vamos nós de novo com a mesma conversa mesquinha."

"Não é mesquinha. É muito séria..."

"Suponho que você vai começar a falar da minha educação — da minha família torpe e boêmia de malandros, todos eles vigaristas. E você me deu o seu bom nome. Conheço esse papo de cor e salteado."

"Eu me repito? Bem, você também, Madeleine, com esses cheques."

"Gastando o dinheiro de seu falecido pai. Querido papai! É aí que você começa a engasgar. Bem, ele era *seu* pai. Não lhe peço que compartilhe o *meu* pai horrível. Portanto, não tente me enfiar o seu goela abaixo."

"Precisamos botar um pouco de ordem neste ambiente."

Madeleine disse depressa, com firmeza e precisão: "Você nunca vai ter o ambiente que *você* quer. Ele está em algum lugar do século XII. Sempre se lamuriando pelo velho lar e pela mesa da cozinha com o oleado e o seu livro de latim em cima. Certo, vamos ouvir sua velha e triste história. Fale-me da coitada da sua mãe. E de seu pai. E de seu pensionista, o bêbado. E da velha sinagoga, e da bebida clandestina, e de sua tia Zipporah... Oh, que conversa fiada!"

"Como se você não tivesse um passado todo seu."

"Conversa fiada! Então agora vamos ouvir sobre como você me SALVOU. Vamos ouvir de novo. Que bebezinho assustado eu era. Como não era forte o bastante para enfrentar a vida. Mas você, com seu grande coração, me deu AMOR, e me salvou dos padres. Sim, me curou de cólicas menstruais ao cuidar tão bem de mim. Você me SALVOU. SACRIFICOU sua liberdade. Eu tirei você de Daisy e do seu filho, e da sua foda japonesa. Roubei seu precioso tempo, seu dinheiro, sua atenção." Seu selvagem olhar azul era tão intenso que seus olhos pareciam envesgados.

"Madeleine!"

"Oh — merda!"

"Pense só um minuto."

"Pensar? O que você sabe sobre pensar?"

"Talvez eu tenha me casado com você para melhorar a minha mente!", disse Herzog. "Estou aprendendo."

"Bem, vou lhe ensinar, não se preocupe!", disse a linda e grávida Madeleine, entre os dentes.

Herzog anotou, de uma de suas fontes favoritas: *A oposição é a verdadeira amizade. Sua casa, seu filho, sim, tudo o que um homem tem ele trocará pela sabedoria.*

O marido — uma alma linda —, a mulher excepcional, a filha angelical e os amigos perfeitos, todos viviam juntos nos Berkshires. O douto professor entregue a seus estudos... Oh, ele realmente estava pedindo aquilo. Porque insistia em ser o ingênuo cuja retidão fazia seu próprio coração se inquietar. *Zisse n'shamele*,

uma doce alminha, era como Tennie tinha chamado Moses. Aos quarenta, merecer uma reputação tão banal! Sua testa ficou molhada. Uma estupidez como aquela merecia uma punição mais dura: uma doença, uma sentença de prisão. De novo, estava apenas sendo "bem-afortunado" (Ramona, comida e vinho, convites para o litoral). Mesmo assim, excesso de autocensura tampouco lhe interessava de fato. Não era a coisa mais relevante. *Não* ser um tolo talvez não compensasse as alternativas difíceis. Fosse como fosse, quem era o não tolo? Era o amante de poder que dobrava o público à sua vontade, o intelectual da área científica que administrava um orçamento de milhões? Olhos claros, cabeça dura, inteligência política aguda — o realista organizacional? Não seria ótimo ser um desses? Mas Herzog trabalhava sob ordens diferentes — fazendo, acreditava, o trabalho do futuro. As revoluções do século XX, a libertação das massas por meio da produção, criaram a vida privada mas não deram nada para preenchê-la. Era nisso que aqueles como ele entravam. O progresso da civilização — na verdade, a sobrevivência da civilização — dependia dos êxitos de Moses E. Herzog. E, ao tratá-lo como tratava, Madeleine danificava um grande projeto. Aos olhos de Moses E. Herzog, era isso que era tão grotesco e deplorável na experiência de Moses E. Herzog.

Um tipo muito especial de lunático espera inculcar nos outros seus princípios. Sandor Himmelstein, Valentine Gersbach, Madeleine P. Herzog, o próprio Moses. *Instrutores de realidade. Querem ensinar a você as lições do Real — e puni-lo com elas.*

Moses, um colecionador de imagens, tinha guardado uma fotografia de Madeleine, aos doze anos, em traje de equitação. Estava ao lado do cavalo, prestes a montá-lo, uma sólida garota de cabelo comprido com pulsos grossos e desesperadas sombras escuras sob os olhos, sinais prematuros de sofrimento e anseio de vingança. De calça de montaria, botas e chapéu, tinha a altivez da menina que sabe que não demorará a chegar à idade de casar e ter o poder de ferir. Isso é política mental. A força para fazer o mal é o poder supremo. Ela sabia mais aos doze anos do que eu aos quarenta.

Agora, Daisy tinha sido uma pessoa de tipo muito diferente — mais serena, mais equilibrada, uma mulher judia convencional. Herzog tinha fotos dela também, em seu cofre embaixo da cama, mas não havia necessidade de

examinar as imagens; era capaz de evocar seu rosto à vontade: verdes olhos oblíquos, grandes, excêntricos, cabelo dourado mas sem brilho, pele clara. A atitude dela era tímida, mas também bastante resoluta. Sem dificuldade, Herzog a via tal como aparecera numa manhã de verão embaixo do El, na rua 51, em Chicago, uma estudante universitária com textos encardidos — Park e Burgess, Ogburn e Nimkoff. Seu vestido era simples, de algodão leve, riscadinho de verde e branco, reto no pescoço. Abaixo dessa pureza saída da lavanderia, ela trazia sapatinhos brancos, pernas sem meias, e o cabelo estava preso no alto por uma tiara. O bonde vermelho vinha dos cortiços a oeste. Ressoava, sacolejava, seu cabo soltando grossas faíscas verdes, pedaços de papel esvoaçando à sua passagem. Moses estava em pé atrás dela na plataforma que fedia a fenol quando ela deu seu bilhete de baldeação ao condutor. Do pescoço nu e dos ombros dela chegava a Moses a fragrância de maçãs no verão. Daisy era uma moça do interior, uma nativa de Ohio que crescera perto de Zanesville. Era infantilmente sistemática com relação às coisas. Às vezes Moses se divertia ao lembrar que ela preenchia uma ficha, em canhestra letra de fôrma, para cobrir cada situação. Sua desajeitada forma de organização tinha certo encanto. Quando eles se casaram, ela punha o dinheiro dele num envelope que era guardado num arquivo verde de metal comprado para controlar o orçamento. Lembretes diários, contas, ingressos para concertos eram pregados com percevejos no quadro de avisos. Calendários eram marcados com grande antecedência. Estabilidade, simetria, ordem, contenção eram a força de Daisy.

Querida Daisy, tenho umas coisas para lhe dizer. Por conta da minha inconstância e turbulência de espírito eu fiz vir à tona o que havia de pior em Daisy. *Eu* fazia com que as costuras de suas meias fossem tão retinhas, e os botões, dispostos tão simetricamente. *Eu* estava por trás daquelas rígidas cortinas e embaixo dos tapetes arrumadinhos. O peito de vitela grelhado de todos os domingos, com recheio de pão parecendo argila, se devia a *minhas* desordens, a meu enorme envolvimento — enorme, mas sem dúvida amorfo — na história do pensamento. Ela levou ao pé da letra a afirmação de Moses de que estava seriamente ocupado. Claro que o dever de uma esposa era dar apoio àquele enigmático e frequentemente desagradável Herzog. Ela fazia isso com ostensiva

neutralidade, relembrando suas objeções a cada vez — mas só uma vez, não mais. O resto era silêncio — um silêncio tão pesado como o que ele sentiu em Connecticut quando estava finalizando *Romantismo e cristianismo*.

O capítulo sobre "Românticos e entusiastas" quase o liquidou — faltou pouco para acabar com ambos. (A reação dos entusiastas contra o modo científico de suspensão da descrença, intolerável às necessidades expressivas de certos temperamentos.) Aqui Daisy partiu e o deixou sozinho em Connecticut. Teve que voltar para Ohio. Seu pai estava à morte. Moses leu a literatura sobre o Entusiasmo em seu chalé, junto ao fogãozinho com frisos de níquel. Enrolado num cobertor como um índio, ele escutava o rádio — e debatia consigo mesmo os prós e contras do Entusiasmo.

Foi um inverno de gelo duro como pedra. O lago parecia uma laje de sal-gema — gelo verde, branco, ressoante, rangendo asperamente sob os pés. A água gotejada da represa do moinho se congelou em pilares retorcidos. Os olmos, vultos gigantes em forma de harpa, faziam ruídos de estalo. Herzog, responsável pela civilização naquele gelado posto avançado, deitado na cama com um capacete de aviador quando o fogo se extinguia, juntava Bacon e Locke de um lado e o metodismo e William Blake do outro. Seu vizinho mais próximo era um sacerdote, o sr. Idwal. O automóvel de Idwal, um Ford modelo A, estava funcionando, quando o Whippet de Herzog já tinha congelado. Eles iam juntos de carro até o mercado. A sra. Idwal fazia pavês de chocolate e os deixava, num gesto de cortesia, sobre a mesa de Moses. Ele voltava de suas caminhadas solitárias sobre o lago, no bosque, e encontrava os pavês em grandes travessas de vidro nas quais ele aquecia seu rosto e seus dedos dormentes. Pela manhã, comendo pavê como desjejum, ele via Idwal, rosado e pequeno, com óculos de aro de aço, em seu quarto, brandindo seus pesos de ginástica, fazendo flexões de joelho com suas ceroulas compridas. A esposa dele ficava sentada na varanda, as mãos entrelaçadas, a teia das cortinas de renda desenhada em seu rosto pela luz do sol. Nas noites de domingo, Moses era convidado a tocar seu oboé, acompanhando a sra. Idwal, que tocava um harmônio, enquanto as famílias das fazendas cantavam hinos religiosos. E eram fazendeiros? Não, eram os pobres do interior — gente que vivia de serviços ocasionais. A pequena varanda era quente, o ar era abafado, os hinos eram tocados com judaica

melancolia por Moses e suas palhetas.

Suas relações com o reverendo Idwal e sua esposa eram excelentes até que o sacerdote começou a lhe dar depoimentos de rabinos ortodoxos que tinham abraçado a fé cristã. As fotos desses rabinos em chapéus de pele, barbudos, eram postas na mesa junto com os pavês. Os grandes olhos daqueles homens e sobretudo seus lábios que surgiam em meio a barbas abundantes começaram a parecer loucos a Moses, e ele achou que era hora de cair fora daquele chalé cercado de neve. Temia por sua própria sanidade mental, vivendo daquele jeito, especialmente depois da morte do pai de Daisy. Moses julgava vê-lo, encontrá-lo no bosque, e quando abria uma porta dava com seu sogro, vívido e característico, esperando junto a uma mesa ou sentado no banheiro.

Herzog cometeu um erro ao rejeitar os rabinos de Idwal. O sacerdote estava mais empenhado do que nunca em convertê-lo e aparecia toda tarde para discussões teológicas, até a volta de Daisy. Triste, de olhos sagazes, em geral calada, resistente. Mas uma esposa. E o filho! Começou o degelo — ideal para fazer homens de neve. Moses e Marco fizeram uma fileira deles à beira da estradinha. Olhinhos de antracito cintilavam até mesmo à luz das estrelas. Na primavera o negrume da noite se encheu de trinados agudos. O coração de Herzog começou a se enternecer pelo campo. Os crepúsculos cor de sangue do inverno e a solidão tinham ficado para trás. Não pareciam tão ruins agora que tinha sobrevivido a eles.

Sobrevivência!, anotou. *Até que descubramos o que é o quê. Até que o acaso venha exercer uma influência positiva*. (A responsabilidade pessoal pela história, um traço da cultura ocidental, estava enraizada nos Testamentos, no Velho e no Novo, na ideia do aperfeiçoamento contínuo da vida humana na Terra. Que outra coisa explicaria a intensidade ridícula de Herzog?) *Senhor, eu corri para lutar pela Tua causa sagrada, mas segui cambaleando, sem nunca alcançar o palco da batalha*.

Ele via para além disso também. Se não houvesse outro motivo, ele era rico demais em doenças para se satisfazer com tal descrição. Da altura média de Nova York, olhando para baixo, vendo as multidões da hora do almoço como

formigas sobre açúcar queimado, Herzog, enrolado no seu robe amarrotado e bebericando café requentado, se afastava do trabalho cotidiano em favor de conquistas mais grandiosas, mas agora, sem confiança em sua vocação, tentava de quando em quando voltar ao trabalho. *Caro dr. Mossbach, lamento que o senhor não esteja satisfeito com o tratamento que dediquei a T. E. Hulme e sua definição do romantismo como "religião derramada". Há algo a ser dito em favor da visão dele. Ele queria as coisas claras, enxutas, econômicas, puras, serenas e duras. Com isso acho que todos podemos nos identificar. Também eu repugno o "derramamento", como ele chama, e a proliferação dos sentimentos românticos. Vejo o quanto Rousseau era patife, e o quanto era degenerado (não me queixo por ele não ser aristocrático; isso não combina comigo). Mas não vejo o que podemos responder quando ele diz* "Je sens mon coeur et je connais les hommes". *Religião engarrafada, baseada em princípios conservadores — será que a intenção daquela declaração é expropriar o cerne de tais poderes — o senhor acha? Os seguidores de Hulme fizeram da esterilidade a sua verdade, confessando sua impotência. Essa era sua paixão.*

No decorrer de uma contenda, Herzog era um polemista mortal. Suas formulações bem-educadas vinham carregadas de muita virulência. Seus modos dóceis, sua conduta modesta — ele não enganava a si mesmo. A certeza de estar com a razão, uma torrente de força, agitava suas vísceras e fazia suas pernas arderem. Que estranhas, as voluptuosas vitórias da ira! Havia uma sátira apaixonada em Herzog. Ainda assim, ele sabia que a demolição do erro não era *a coisa*. Começou a sentir um novo horror de vencer, das vitórias da autonomia desenfreada. *O homem tem uma natureza, mas qual é ela? Aqueles que a descreveram com confiança, Hobbes, Freud etc., dizendo-nos o que somos "intrinsecamente", não são nossos maiores benfeitores. Isso vale também para Rousseau. Eu me identifico com o ataque de Hulme à introdução da Perfeição nas coisas humanas operada pelos românticos, mas também não gosto de sua tendência tacanhamente repressiva. A ciência moderna, que não se preocupa nem um pouco com a definição da natureza humana, conhecendo apenas o campo de ação da investigação, alcança seus mais profundos resultados no anonimato, reconhecendo apenas o funcionamento brilhante do intelecto. Tal verdade crua pode não servir como motivação de vida, mas talvez uma moratória nas definições*

da natureza humana seja o melhor agora.

Herzog abandonou o assunto com brusquidão característica.

Caro Nachman, escreveu. *Sei que foi você que eu vi na rua 8 segunda-feira passada. Fugindo de mim.* O rosto de Herzog se ensombreceu. *Era você. Meu amigo de quase quarenta anos atrás — parceiro de brincadeiras na Napoleon Street. Os bairros pobres de Montreal.* Com uma boina beatnik, na algazarra da rua de homossexuais de barba de leão usando pintura verde nos olhos, ali estava, de repente, o companheiro de infância de Herzog. Nariz pesado, cabelos brancos, óculos de lentes grossas, meio sujos. O poeta curvado bateu o olho em Moses e se afastou às pressas. Com suas pernas magras, sob uma pressão urgente, fugiu para o outro lado da rua. Levantou a gola e fitou a vitrine de uma loja de queijos. *Nachman! Você achou que eu fosse lhe pedir o dinheiro que me deve? Cancelei essa dívida há muito tempo. Significou muito pouco para mim, em Paris, depois da Guerra. Eu tinha dinheiro na época.*

Nachman tinha ido à Europa para escrever poesia. Estava vivendo no cortiço árabe na rue St. Jacques. Herzog estava instalado confortavelmente na rue Marbeuf. Amarrotado e sujo, Nachman, com o nariz vermelho de choro, o rosto enrugado parecendo o de um moribundo, apareceu na porta de Herzog uma manhã.

"Que aconteceu?"

"Moses, levaram minha mulher embora... minha pequena Laura."

"Espere um pouco — como é que é?" Herzog foi talvez um pouco frio então, incomodado por tais excessos.

"O pai dela. O velho do negócio de revestimento de piso. Desapareceu com ela. O velho Feiticeiro. Sem mim ela vai morrer. A menina não pode suportar a vida sem mim. E eu não posso viver sem ela. Tenho que voltar para Nova York."

"Entre. Entre. Não podemos conversar neste corredor sórdido."

Nachman entrou na pequena sala de visitas. Era um apartamento mobiliado no estilo dos anos vinte — acintosamente correto. Nachman pareceu hesitar sem saber se sentava ou não, com sua calça suja da sarjeta. "Fui a todas as companhias de navegação. Tem lugar no *Hollandia* que parte amanhã. Me empresta uma grana ou estou ferrado. Você é meu único amigo em Paris."

Honestamente, achei que você se daria melhor na América.

Nachman e Laura tinham perambulado para cima e para baixo na Europa, dormindo em valas no país de Rimbaud, lendo cartas de Van Gogh em voz alta um para o outro, poemas de Rilke. Laura não era muito boa da cabeça, também. Era magra, de rosto delicado, os cantos da boca pálida curvados para baixo. Ela pegou uma gripe na Bélgica.

"Vou lhe pagar cada centavo." Nachman esfregava as mãos. Seus dedos tinham ficado nodosos — reumáticos. Seu rosto era grosseiro — abatido pela doença, pelo sofrimento, pelo absurdo.

Achei que ficaria mais barato, numa perspectiva de longo prazo, mandar você de volta para Nova York. Em Paris eu estava amarrado a você. Veja, não faço de conta que fui altruísta. Talvez, pensou Herzog, a *minha* visão o tenha assustado. Será que eu mudei mais do que ele? Teria Nachmam ficado horrorizado ao ver Moses? *Mas nós brincamos juntos na rua. Aprendi o* aleph-beth *com seu pai, Reb Shika.*

A família de Nachman morava no cortiço amarelo em frente. Aos cinco anos de idade, Moses atravessava a Napoleon Street. Subia a escada de madeira com passos tortos, arqueados. Gatos se encolhiam nos cantos ou se esgueiravam ligeiros escada acima. Seus cocôs secos se esfarelavam na escuridão com um cheiro picante. Reb Shika tinha uma tez amarela, mongol, era um homenzinho bonito. Usava um boné preto de cetim, um bigode como o de Lênin. Seu peito estreito estava coberto por uma camiseta de inverno — artigos de lã Penman's. A Bíblia estava aberta no rústico tampo da mesa. Moses via claramente os caracteres hebraicos — DMAI OCHICHO — o sangue do teu irmão. Sim, era isso. Deus falando a Caim. O sangue do teu irmão grita da terra para mim.

Aos oito, Moses e Nachman dividiam um banco no porão da sinagoga. As páginas do Pentateuco cheiravam a mofo, as blusas dos meninos estavam úmidas. O rabino, de barba curta, o narigão mole violentamente salpicado de pintas pretas, ralhava com eles. "Você, Rozavitch, seu preguiçoso. O que está escrito aqui a respeito da mulher de Putifar, *V'tispesayu b'vigdi...*"

"E ela segurou..."

"Segurou o quê? *Beged.*"

"*Beged*. Um casaco."

"Uma peça de roupa, seu ladrãozinho. *Mamzer*! Tenho pena de seu pai. Que herdeiro ele foi arrumar! Que *kadish*! Antes mesmo que o corpo dele desça à sepultura você já vai estar comendo presunto e carne de porco. E você, Herzog, com esses olhos de paquiderme — *V'yaizov bigdo b'yodo*."

"E ele deixou nas mãos dela."

"Deixou o quê?"

"*Bigdo*, a peça de roupa."

"Tome cuidado, Herzog, Moses. Sua mãe pensa que você vai ser um grande *lamden* — um rabino. Mas eu conheço você, sei o preguiçoso que você é. O coração das mães é despedaçado por *mamzeirim* como você! Eh! E eu não te conheço, Herzog? Do avesso e do direito."

O único refúgio era o banheiro, onde as bolas desinfetantes de cânfora iam definhando na calha verde do urinol, e velhos desciam da sinagoga com olhos opacos e quase cegos, suspirando, murmurando farrapos de liturgia enquanto esperavam o líquido sair. Metal oxidado pela urina, verde escamoso. Num cubículo aberto, calças baixadas até os pés, Nachman, sentado, tocava a gaita. "It's a long, long way to Tipperary." "Love sends a little gift of roses." A aba do seu boné era curva. Dava para ouvir a saliva nos orifícios do instrumento à medida que ele sugava e soprava. Os velhos de chapéu-coco lavavam as mãos, penteavam as barbas com os dedos. Moses os observava.

Quase com certeza, Nachman fugiu do poder da memória de seu velho amigo. Herzog perseguia todo mundo com ela. Era como uma máquina terrível.

Na última vez que nos encontramos — quantos anos faz isso? — fui com você visitar Laura. Laura estava então num asilo de loucos. Herzog e Nachman tinham feito baldeação em seis ou sete esquinas. Ficava a mil paradas de ônibus de distância em Long Island. No hospital as mulheres de vestido verde de algodão perambulavam de chinelo pelos corredores, murmurando. Laura tinha bandagens nos pulsos. Era a sua terceira tentativa de suicídio, até onde Moses sabia. Estava sentada num canto, sustentando os seios com os braços, querendo falar só de literatura francesa. Seu rosto era o de alguém perdido em sonhos, embora os lábios se movessem depressa. Moses teve que concordar com aquilo de que não entendia coisa alguma — a forma das imagens de Valéry.

Então ele e Nachman saíram, em direção ao crepúsculo. Atravessaram o pátio de cimento depois de uma chuvarada de outono. Do prédio, uma multidão de fantasmas de uniforme verde assistia à partida dos visitantes. Laura, junto à grade, levantou seu pulso envolto em bandagem, sua mão pálida. Adeus. Sua boca comprida e fina dizia silenciosamente: Adeus, adeus. O cabelo liso caía dos lados do rosto — uma tensa figura infantil com intumescências femininas. Nachman estava dizendo roucamente: "Minha querida inocente. Minha noivinha. Eles se livraram dela, os repugnantes, os *machers* — nossos amos e senhores. Aprisionaram-na. Como se o fato de me amar provasse que estava louca. Mas serei forte o bastante para proteger nosso amor", disse um esquelético e enrugado Nachman. Suas faces estavam encovadas. Sob os olhos sua pele era amarela.

"Por que ela fica tentando se matar?", disse Moses.

"A perseguição da família dela. O que você acha? O mundo burguês de Westchester! Anúncios de casamento, enxoval de cama e mesa, conta-corrente, era isso o que o pai e a mãe esperavam dela. Mas é uma alma pura que só compreende coisas puras. É uma estranha aqui. A família só quer nos separar. Em Nova York éramos errantes também. Quando voltei — graças a você, e vou lhe pagar, vou trabalhar! — não tínhamos dinheiro para alugar um apartamento. Como eu podia arranjar um emprego? Quem iria cuidar dela? Então amigos nos deram abrigo. Comida. Um catre para dormir. Para fazer amor."

Herzog ficou muito curioso, mas disse apenas: "Oh?".

"Eu não conto para ninguém, só para você, meu velho amigo. Tínhamos que tomar cuidado. Em nossos êxtases tínhamos que alertar um ao outro para sermos mais moderados. Era como um ato sagrado — não devíamos deixar os deuses enciumados..." Nachman falava com uma voz palpitante, num sussurro. "Adeus, meu espírito abençoado — minha querida. Adeus." Atirava beijos para a janela com uma dolorosa doçura.

No caminho para o ônibus, prosseguiu discursando do seu jeito irreal, ardente e monótono. "Então, por trás de tudo está a América burguesa. Este é um mundo de fachada elegante e excrementos. Uma civilização arrogante e preguiçosa que venera sua própria grosseria. Você e eu fomos criados na velha

pobreza. Não sei o quanto você se tornou americano desde os velhos tempos no Canadá — você mora aqui há muito tempo. Mas eu nunca vou venerar os deuses gordos. Não eu. Não sou nenhum marxista, você sabe. Meu coração pende para William Blake e Rilke. Mas um homem como o pai de Laura! Você sabe o que estou dizendo! Las Vegas, Miami Beach. Eles queriam que Laura agarrasse um marido no Fountainblue, um marido com dinheiro. À beira do fim do mundo, ao lado da última sepultura da humanidade, eles ainda estarão contando suas cédulas. Rezando diante de seus balanços financeiros..." Nachman prosseguia com força persistente e entediante. Tinha perdido dentes, e seu maxilar estava menor, as faces cinzentas cobertas de pelos eriçados. Herzog ainda era capaz de vê-lo tal como tinha sido aos seis anos. Na verdade, não conseguia se livrar da visão dos dois Nachman, lado a lado. E era o menino, com seu rosto viçoso, a janelinha nos dentes da frente quando sorria, a blusa de botões e a calça curta, que era real, não aquela cadavérica aparição com seu discurso alucinado. "Talvez", ele estava dizendo, "as pessoas desejem o fim da vida. Elas a poluíram. Coragem, honra, franqueza, amizade, dedicação, tudo transformado em imundície. Conspurcado. Então nós odiamos o pão cotidiano que prolonga uma existência inútil. Houve um tempo em que homens nasciam, viviam e morriam. Mas você chama de homens esta gente de agora? Somos apenas criaturas. A própria Morte deve estar cansada de nós. Sou capaz de ver a Morte se apresentando diante de Deus e dizendo: 'Que devo fazer? Não há mais grandeza em ser a Morte. Libertai-me, Senhor, desta indignidade'."

"Não é tão ruim como você pinta, Nachman", Moses se lembrava de ter dito. "A maioria das pessoas não é poética, e você considera isso uma traição."

"Bem, meu amigo de infância, você aprendeu a aceitar uma condição de vida impura. Mas eu tive visões do juízo. Vejo principalmente uma obstinação de mutilados. Não amamos a nós mesmos, mas persistimos na teimosia. Cada homem é obstinadamente, obstinadamente, ele mesmo. Acima de tudo ele mesmo, até o fim dos tempos. Cada uma dessas criaturas tem alguma qualidade secreta, e por essa qualidade ela está disposta a fazer qualquer coisa. Ela vai virar o universo de cabeça para baixo, mas não vai ceder sua qualidade para ninguém mais. Antes deixar o mundo virar pó. É sobre isso que são meus

poemas. Você não dá grande valor aos meus Novos Salmos. Você está cego, meu velho amigo."

"Talvez."

"Mas é um bom homem, Moses. Enraizado em si mesmo. Mas um bom coração. Como sua mãe. Um espírito dócil. Você herdou isso dela. Eu tinha fome e ela me alimentava. Ela lavava minhas mãos e me sentava à mesa. Disso eu me lembro. Era a única que era boa com o meu tio Ravitch, o bêbado. Às vezes rezo por ela."

Yiskor elohim es nishmas Imi... a alma de minha mãe.

"Ela morreu faz muito tempo."

"E rezo por você, Moses."

O ônibus de pneus gigantes avançava sobre poças coloridas pelo crepúsculo, sobre folhas, sobre gravetos de ailantos. Seu itinerário era interminável, através da vastidão populosa, baixa, suburbana, de tijolos.

Mas quinze anos depois, na rua 8, Nachman fugiu. Parecia velho, desamparado, encurvado, ao correr para a loja de queijos. Onde está sua mulher? Ele deve ter fugido para se poupar de explicações. Seu maluco senso de decência lhe dizia para evitar um encontro como aquele. Ou teria esquecido tudo? Ou ficaria feliz se esquecesse? Mas eu, com a *minha* memória — todos os mortos e todos os loucos estão sob minha custódia, e eu sou a nêmesis dos que querem ser esquecidos. Eu amarro os outros a meus sentimentos, e os oprimo.

Ravitch era seu tio de verdade, ou apenas um landtsman*? Eu nunca soube ao certo.*

Ravitch era inquilino dos Herzog na Napoleon Street. Como um ator trágico do teatro iídiche, com um narigão de bêbado e um chapéu-coco pressionando as veias da testa, Ravitch, vestindo um avental, trabalhava no mercado de frutas próximo à Rachel Street em 1922. Lá, a zero grau de temperatura, ele varria uma mistura de neve e serragem. A vitrine estava coberta por grandes rendas de gelo, e apoiadas nela estavam as pilhas de maçãs vermelhas e laranjas de gomo escuro. E aquele era o melancólico Ravitch, vermelho por causa da bebida e do frio. O projeto da sua vida era mandar buscar sua família, uma esposa e dois filhos que ainda estavam na Rússia. Teria que achá-los primeiro, pois tinham desaparecido durante a Revolução. De quando em quando ele ficava sóbrio,

tomava banho e ia à Sociedade de Auxílio aos Imigrantes Hebreus para fazer uma investigação. Mas nunca aconteceu nada. Ele bebia seu salário — era um *shicker*. Ninguém o julgava mais duramente do que ele próprio. Quando saía do bar, ficava gesticulando na rua, orientando o tráfego, caindo em meio aos cavalos e caminhões na neve transformada em lama. Os policiais estavam cansados de atirá-lo na cela dos bêbados. Levavam-no para casa, para a porta dos Herzog, e o empurravam para dentro. Ravitch, tarde da noite, cantava na escada gelada com voz soluçante.

Alein, alein, alein, alein
Elend vie a shtein
Mit die tzen finger — alein

Jonah Herzog se levantava da cama e acendia a luz da cozinha, ouvindo. Vestia um pijama russo de linho com a parte da frente plissada, o que restara de seu guarda-roupa de cavalheiro de São Petersburgo. O aquecedor estava apagado e Moses, na mesma cama com Willie e Shura, se sentava, junto com os irmãos, sob as dobras e ondas da colcha, os três olhando para o pai. Este estava de pé sob a lâmpada, que tinha uma ponta aguda na extremidade, como um capacete alemão. O grande e retorcido filamento de tungstênio resplandecia. Aborrecido e penalizado, Herzog pai, com sua cabeça redonda e seu bigode castanho, olhava para cima. A ranhura reta entre seus olhos subia e descia. Ele balançava a cabeça e meditava.

Sozinho, sozinho, sozinho, sozinho
Solitário como uma pedra
Com meus dez dedos — sozinho

A mãe Herzog falava de seu quarto: "Yonah — ajude-o a entrar".

"Está bem", dizia Herzog pai, mas ficava esperando.

"Yonah... Tenha compaixão."

"Compaixão por nós, também", dizia Herzog pai. "Inferno! A gente dorme, fica livre da desgraça por um momento, e ele vem e acorda a gente. Um judeu bêbado! Não consegue fazer nem *isso* direito. Por que não pode ficar *freilich*

quando bebe, hein? Não, ele tem que chorar e partir o coração da gente. Maldito seja." Meio rindo, Herzog pai amaldiçoava o coração partido também. "Já chega ter que alugar um quarto para um *shicker* desgraçado."

*Al tastir ponecho mimeni*d
Estou duro, sem um vintém.
Não esconda de nós Tua face
Que ninguém pode negar.

Ravitch, desafinado e persistente, clamava na escada escura e gelada.

O'Brien
*Lo mir trinken a glesele vi-ine*e
Al tastir ponecho mimeni
Estou duro, sem um vintém
Que ninguém pode negar.

Herzog pai, calado e mordaz, ria de mansinho.

"Yonah — estou implorando. *Genug schon*."f

"Ah, dá um tempo para ele. Por que eu deveria *schlepp* as estranhas?"

"Ele vai acordar a rua toda."

"Vai se cobrir de vômito, borrar as calças."

Mas ele ia. Tinha pena de Ravitch, também, embora Ravitch fosse um dos símbolos da sua mudança de condição. Em São Petersburgo havia criados. Na Rússia, Herzog pai tinha sido um cavalheiro. Com papéis falsos da liga de comércio. Mas muitos cavalheiros viviam com base em papéis falsos.

As crianças ainda fitavam a cozinha deserta. O fogão preto encostado na parede, apagado; o aro duplo do gás conectado por um tubo de borracha ao relógio medidor. Uma esteira japonesa de bambu protegia a parede de manchas de comida.

Os meninos se divertiam ouvindo o pai tentar convencer o embriagado Ravitch a ficar de pé. Era o teatro da família. "*Nu*,g *landtsman*? Você consegue andar? Está um gelo aqui. Agora, ponha seus pés tortos no degrau — *schneller*, *schneller*." Ele ria só com a respiração. "Bem, acho que vou deixar sua calça *dreckische* aqui. Arre!" Os meninos se espremiam uns contra os outros, sorrindo.

Papai o amparava pela cozinha — Ravitch com suas ceroulas imundas, a cara vermelha, as mãos caídas, o chapéu-coco, a aflição bêbada de seus olhos cerrados.

Quanto ao meu falecido e infeliz pai, J. Herzog, não era um homem grande, era um dos Herzog franzinos, de feições delicadas, cabeça redonda, sagaz, nervoso, bonito. Em seus frequentes acessos de fúria, esbofeteava os filhos velozmente, com as duas mãos. Fazia tudo depressa, com destreza, com habilidosos ademanes do Leste Europeu: penteava o cabelo, abotoava a camisa, afiava no couro suas navalhas de cabo de osso, apontava o lápis sobre o dedão, erguia um pedaço de pão até o peito e o fatiava de encontro a seu próprio corpo, amarrava embrulhos com pequenos nós apertados, rabiscava como um artista as folhas de seu livro-caixa. Cada página cancelada estava coberta por um X cuidadosamente traçado. Os 1s e os 7s tinham barras e serpentinas. Eram como flâmulas ao vento do fracasso. Primeiro Herzog pai fracassou em São Petersburgo, onde dissipou dois dotes em um ano. Ele importava cebolas do Egito. Sob Pobedonostsev, a polícia o deteve por residência ilegal. Foi condenado e sentenciado. O relato do julgamento foi publicado num jornal russo impresso num grosso papel verde. Herzog pai às vezes o desdobrava e lia em voz alta para toda a família, traduzindo os detalhes do processo contra Ilyona Isakovitch Herzog. Nunca cumpriu sua sentença. Caiu fora. Porque era corajoso, impaciente, obstinado, rebelde. Foi para o Canadá, onde sua irmã Zipporah Yaffe estava morando.

Em 1913 ele comprou um pedaço de terra perto de Valleyfield, no Quebec, e fracassou como fazendeiro. Então foi para a cidade e fracassou como padeiro; fracassou no ramo dos tecidos; fracassou como agiota; fracassou como fabricante de sacos durante a Guerra, quando ninguém mais fracassava. Fracassou como comerciante de ferro-velho. Então se tornou agenciador de casamentos e fracassou — era demasiado irascível e bruto. E agora estava fracassando como fabricante clandestino de bebidas, fugindo da Comissão de Bebidas provincial. Ganhando sua vidinha.

Apressado e desafiante, com um claro rosto tenso, andando com uma mistura de desespero e alto estilo, deixando o peso cair um pouco desajeitadamente sobre um calcanhar ao pisar, o casaco, outrora revestido de pele de raposa, agora

seco e pelado, o couro vermelho todo rachado. Com o casaco se abrindo de par em par quando ele andava, ou marchava sua marcha judaica de um homem só, ele se sentia saturado pelo odor dos Caporals que fumava ao cobrir Montreal em seu trajeto — Papineau, Mile-End, Verdun, Lachine, Point St. Charles. Procurava oportunidades de negócios — falências, pontas de estoque, fusões de empresas, liquidações de salvados de incêndio, lucros fáceis — que o tirassem da ilegalidade. Era capaz de calcular porcentagens mentalmente em alta velocidade, mas carecia da imaginação fraudulenta de um negociante de sucesso. Assim, mantinha um pequeno alambique em Mile-End, onde cabras pastavam em terrenos baldios. Viajava de bonde. Vendia uma garrafa aqui e ali e esperava sua grande chance. Contrabandistas americanos compravam a mercadoria na fronteira, qualquer quantidade, com dinheiro vivo, se você conseguisse levá-la até lá. Enquanto isso ele fumava cigarros nos frios estribos dos bondes. A Receita estava tentando apanhá-lo. Investigadores estavam de olho nele. Nas estradas até a fronteira havia sequestradores. Na Napoleon Street ele tinha cinco bocas para alimentar. Willie e Moses eram enfermiços. Helen estudava piano. Shura era gordo, ávido, desobediente, um garoto ardiloso. O aluguel, as promissórias devidas, as contas de médico a pagar, e ele não tinha inglês, nem amigos, nem influência, nem profissão, nem ativos além do alambique — nenhuma ajuda em todo o mundo. Sua irmã Zipporah, em St. Anne, era rica, muito rica, o que só piorava as coisas.

O avô Herzog ainda estava vivo na época. Com o instinto de um Herzog pela grandeza, ele se refugiou no Palácio de Inverno em 1918 (os bolcheviques permitiram isso por um tempo). O velho escrevia longas cartas em hebraico. Tinha perdido seus preciosos livros na insurreição. O estudo era impossível agora. No Palácio de Inverno era preciso caminhar para cima e para baixo o dia todo para encontrar um *minian*. Evidentemente, havia a fome também. Mais tarde, ele previu que a Revolução fracassaria e tentou adquirir moeda czarista, para se tornar um milionário quando o poder dos Romanov fosse restaurado. Os Herzog receberam pacotes de rublos sem valor, e Willie e Moses brincavam com grandes somas. Bastava segurar as gloriosas notas contra a luz para ver Pedro o Grande e Catarina no papel multicolorido com marca-d'água. O avô Herzog andava pelos oitenta, mas ainda era forte. Sua mente era poderosa e sua

caligrafia hebraica era elegante. As cartas eram lidas em voz alta em Montreal por Herzog pai — relatos de frio, piolhos, fome, epidemias, mortes. O velho escreveu: "Será que nunca mais verei o rosto de meus filhos? E quem vai me enterrar?". Herzog pai encetava a frase seguinte duas ou três vezes, mas não conseguia retomar sua plena voz. Emitia só um sussurro. As lágrimas brotavam em seus olhos e ele subitamente punha a mão sobre a boca bigoduda e saía correndo da sala. A mãe Herzog, de olhos grandes, ficava com as crianças na cozinha primitiva onde o sol nunca entrava. Era como uma caverna, com o velho fogão preto, a pia de ferro, os guarda-louças verdes, o aro do gás.

A mãe Herzog tinha um jeito de encarar o presente desviando parcialmente o rosto. Ela o enfrentava com a face esquerda, mas às vezes parecia evitá-lo com a direita. Neste lado recolhido ela frequentemente trazia um olhar sonhador, melancólico, e parecia estar vendo o Velho Mundo — seu pai, o famoso *misnaguid*, sua trágica mãe, seus irmãos vivos e mortos, sua irmã, e sua roupa de cama e mesa e seus criados em São Petersburgo, a *datcha* na Finlândia (tudo graças às cebolas egípcias). Agora ela era cozinheira, lavadeira, costureira no cortiço da Napoleon Street. Seu cabelo tinha ficado grisalho, ela perdera os dentes, até suas unhas se enrugaram. Suas mãos tinham o cheiro da pia.

Herzog estava pensando, no entanto, em como ela encontrava forças para mimar seus filhos. Ela certamente mimava a mim. Uma vez, ao anoitecer, ela estava me puxando no trenó, sobre o gelo duro, a neve cintilando, talvez quatro da tarde de um dia curto de janeiro. Perto da mercearia encontramos uma velha *baba* envolta num xale que disse: "Por que você está puxando o menino, minha filha?". Mamãe, com olheiras escuras. Seu gelado rosto magro. Respirava com dificuldade. Vestia o surrado casaco de couro de foca, um gorro de lã vermelho e botas fininhas de botões. Cachos de peixes secos pendiam na mercearia, um cheiro rançoso de açúcar, queijo, sabão — uma terrível lufada de comida vinha da porta aberta. A sineta pendurada num fio de arame estava balançando, retinindo. "Filha, não sacrifique sua força às crianças", disse a anciã de xale no lusco-fusco da rua. Eu não iria descer do trenó. Fiz de conta que não entendi. Um dos trabalhos mais duros da vida, tornar lento um entendimento rápido. Acho que consegui, pensou Herzog.

O irmão de mamãe, Mikhail, morreu de tifo em Moscou. Apanhei a carta da

mão do carteiro e a levei para o andar de cima — o longo cordão para abrir o trinco corria cheio de voltas por baixo do corrimão. Era dia de lavar roupa. A caldeira de cobre embaçava o vidro. Ela estava enxaguando e torcendo roupa numa tina. Ao ler a notícia deu um grito e desmaiou. Seus lábios ficaram brancos. Seu braço afundou na água, com manga de camisa e tudo. Estávamos só os dois na casa. Fiquei apavorado ao vê-la estendida daquele jeito, as pernas abertas, o longo cabelo despenteado, as pálpebras marrons, a boca descorada, como de uma morta. Mas então ela se levantou e foi deitar no quarto. Chorou o dia todo. Mas pela manhã fez o mingau do mesmo jeito. Levantávamos cedo.

Meus velhos tempos. Mais remotos que o Egito. Nenhuma alvorada, os invernos brumosos. No escuro, a lâmpada era acesa. O forno estava frio. Papai sacudia as grelhas, levantando poeira de cinzas. As grelhas chiavam e estalavam. A pazinha tinia por baixo. Os Caporals provocavam em papai uma grave tosse. As chaminés sugavam todo o vento para dentro. Então vinha o leiteiro em seu trenó. A neve estava apodrecida, misturada com estrume, palha, ratos e cachorros mortos. O leiteiro em sua pele de carneiro dava um giro na campainha. Era de metal, como uma corda de relógio. Helen puxava o trinco e descia com um jarro para pegar o leite. E então Ravitch, de ressaca, vinha de seu quarto, com seu grosso suéter, suspensórios por sobre a lã para mantê-la mais ajustada ao corpo, o chapéu-coco na cabeça, cara vermelha, fisionomia culpada. Esperava que o convidassem para sentar.

A luz da manhã não conseguia se libertar das trevas e da geada. Por toda a rua, as janelas em seus nichos de tijolo estavam escuras, cheias de escuridão, e alunas marchavam aos pares, com suas saias pretas, em direção ao colégio de freiras. E carroças, trenós, carretas, os cavalos trêmulos, o ar mergulhado num verde de chumbo, o gelo emporcalhado de bosta, trilhos de cinzas. Moses e seus irmãos punham seus solidéus e rezavam juntos:

Ma tovu ohaleha Yaakov...
Que lindas são tuas tendas, oh, Israel...

Napoleon Street, decrépita, de brinquedo, louca e imunda, açoitada e fustigada pelas intempéries — e os filhos do fabricante clandestino de bebidas

recitando antigas orações. A isso o coração de Moses estava poderosamente ligado. Ali estava uma gama de sentimentos humanos mais ampla do que ele jamais fora capaz de encontrar novamente. As crianças da raça, por um milagre infalível, abriam os olhos num mundo estranho após o outro, era após era, e pronunciavam a mesma oração em cada um deles, amando zelosamente o que encontravam. O que havia de errado com Napoleon Street?, pensou Herzog. Tudo o que ele sempre quis estava lá. Sua mãe lavava a roupa e se lamuriava. Seu pai estava desesperado e apavorado, mas lutava com obstinação. Seu irmão Shura, com olhos fixos e maliciosos, tramava dominar o mundo, tornar-se um milionário. Seu irmão Willie lutava com acessos de asma. Tentando respirar ele se agarrava à mesa e se erguia sobre as pontas dos pés como um galo prestes a cantar. Sua irmã Helen tinha luvas brancas compridas que ela lavava em uma espuma grossa. Calçava-as para as aulas no conservatório, levando as partituras num cilindro de couro. Seu diploma emoldurado pendia da parede. *Mlle Hélène Herzog... avec distinction*. Sua meiga irmã empertigada que tocava piano.

Numa noite de verão ela se sentou para tocar e as notas claras chegavam à rua através da janela. O piano de cantos retos era coberto por uma toalha de belbutina verde-musgo, como se o tampo do piano fosse uma laje de pedra. Da toalha pendia uma franja de bolas parecidas com nozes. Moses estava em pé atrás de Helen, olhando para as páginas de Haydn e Mozart, querendo ganir como um cão. Oh, a música!, pensou Herzog. Lutava contra a influência insidiosa da nostalgia em Nova York — emoções debilitadoras, que corroíam o coração, manchas negras, doces por um momento, mas que deixavam um perigoso resíduo ácido. Helen tocava. Vestia uma blusinha de marinheiro e uma saia pregueada, e seus sapatos pontudos não desgrudavam dos pedais; uma garota prendada e vaidosa. Ela franzia o cenho ao tocar — a ruga de seu pai aparecia entre seus olhos. Tensa como se estivesse praticando uma ação perigosa. A música inundava a rua.

Tia Zipporah era crítica dessa história de música. Helen não era uma verdadeira instrumentista. Tocava para emocionar a família. Talvez para atrair um marido. Na verdade tia Zipporah se opunha à ambição de mamãe para seus filhos, porque ela desejava que eles fossem advogados, cavalheiros, rabinos ou

artistas. Todos os ramos da família tinham a loucura de casta do *yichus*. Nenhuma vida era tão despojada e subalterna a ponto de não ter distinções imaginárias, honras a conquistar, liberdade para progredir.

Zipporah queria frear mamãe, concluiu Moses, e ela punha a culpa pelo fracasso de papai na América naquelas luvas brancas e aulas de piano. Zipporah tinha um temperamento forte. Era mordaz, emburrada, em guerra com todo mundo. Seu rosto era fino e ansioso, seu nariz, bem formado mas estreito e severo. Tinha uma crítica e agressiva voz anasalada. Seus quadris eram amplos e ela caminhava com passos largos e pesados. Uma trança de cabelo espesso e brilhante descia pelas suas costas.

Já o tio Yaffe, marido de Zipporah, falava manso, possuía um humor discreto. Era um homem pequeno, mas forte. Tinha ombros largos e ostentava uma barba negra como a do rei George V. Crescia compacta e encrespada em seu rosto bronzeado. O osso do nariz era torto. Seus dentes eram largos, e um deles tinha uma coroa de ouro. Moses sentira o cheiro azedo do hálito de seu tio quando eles jogavam damas. Sobre o tabuleiro, a larga cabeça de tio Yaffe, com seu cabelo curto e encaracolado, um pouco calva, era levemente instável. Ele tinha um pequeno tremor nervoso. O tio Yaffe, vindo do passado, parecia desmascarar o sobrinho neste preciso instante e contemplá-lo com os olhos castanhos de um animal inteligente, sensível e satírico. Seu olhar cintilava de astúcia, e ele sorria com perversa satisfação dos erros do jovem Moses. Ralhando afetuosamente comigo.

No ferro-velho de Yaffe em St. Anne, os montes imundos de metal retorcido derramavam ferrugem nas poças de lama. Havia às vezes uma fila de catadores diante do portão. Meninos, forasteiros, velhas irlandesas, ucranianos e peles-vermelhas da reserva Caughnawaga vinham com carrinhos de mão e pequenas carroças, trazendo garrafas, trapos, peças de encanamento ou eletricidade, ferragens, papéis, pneus e ossos para vender. O velho, em seu casaco de lã marrom, se curvava, e suas mãos fortes e trêmulas faziam a triagem do que ele havia comprado. Sem endireitar as costas ele era capaz de arremessar pedaços de sucata ao lugar a que pertenciam — ferro aqui, zinco ali, cobre à esquerda, chumbo à direita, estanho junto ao galpão. Ele e seus filhos ganharam dinheiro durante a Guerra. Tia Zipporah comprou imóveis. Cobrava aluguéis. Moses

sabia que ela carregava um rolo de notas entre os seios. Tinha visto.

"Bem, *você* não perdeu nada ao vir para a América", papai disse a ela.

A primeira resposta dela foi encará-lo de modo penetrante e mordaz. Então disse: "Não é segredo como começamos. Com trabalho. Yaffe deu duro com a picareta e a pá na CPR[h] até juntarmos um pequeno capital. Mas você! Não, você nasceu com uma camisa de seda". Lançando um olhar para mamãe, continuou: "Você se acostumou a viver em grande estilo em São Petersburgo, com criados e cocheiros. Ainda vejo você descendo do trem de Halifax, toda enfatiotada em meio aos recém-chegados. *Gott meiner!* Plumas de avestruz, saias de tafetá! *Greenhorns mit strauss federn!*[i] Agora esqueça as plumas, as luvas. Agora...".

"Isso parece ter sido mil anos atrás", disse mamãe. "Esqueci tudo a respeito de criados. Eu sou a criada. *Die dienst bin ich*."[j]

"Todo mundo tem que trabalhar. Em vez de ficar lamentando a vida inteira a própria decadência. Por que seus filhos têm que frequentar o conservatório, a escola do barão Hirsch e todas essas frescuras? Eles que trabalhem, como os meus."

"Ela não quer que os filhos dela sejam comuns", disse papai.

"Meus filhos não são comuns. Eles conhecem uma página da *Guemará* também. E não se esqueça de que descendemos dos maiores rabinos hassídicos. Reb Zusya! Herschele Dubrovner! Lembre-se disso."

"Ninguém está dizendo...", disse mamãe.

Ruminar o passado desse jeito — amar os mortos! Moses alertou a si mesmo para não ceder tão desmedidamente a essa tentação, a essa peculiar fraqueza do seu temperamento. Era um depressivo. Depressivos não conseguem renunciar à infância — nem mesmo às dores da infância. Ele compreendia que isso era uma questão de limpeza e saúde. Mas de algum modo seu coração se abrira naquele capítulo da sua vida e ele não tinha a força necessária para fechá-lo. Assim, era de novo um dia de inverno em St. Anne, em 1923, na cozinha de tia Zipporah. Zipporah vestia um roupão vermelho de crepe da China. Bem visíveis por baixo do tecido havia uma volumosa calçola amarela presa acima dos joelhos e uma camiseta de homem. Ela estava sentada ao lado do forno, o rosto afogueado. Sua voz anasalada se elevava a todo momento até virar um

gritinho farpado de ironia, de falso desalento, de humor terrível.

Então ela lembrou que o irmão de mamãe, Mikhail, tinha morrido, e disse: "Bem, quanto ao seu irmão, o que aconteceu?".

"Não sabemos", disse papai. "Quem pode imaginar o apuro que eles estão passando lá em casa?" (Era sempre *in der heim*,[l] Herzog observou para si mesmo.) "Um bando invadiu a casa dele. Reviraram tudo, procurando por *valuta*.[m] Depois disso, ele pegou tifo, ou sabe Deus o quê."

A mão de mamãe cobria os olhos, como se ela os protegesse da luz. Ela não disse nada.

"Lembro que ele era um homem excelente", disse tio Yaffe. "Que tenha um *lichtigen Gan-Eden*."[n]

Tia Zipporah, que acreditava no poder das imprecações, disse: "Malditos sejam aqueles bolcheviques. Eles querem tornar o mundo todo *horav*. Que seus pés e mãos se atrofiem. Mas onde estão a esposa e os filhos de Mikhail?".

"Ninguém sabe. Foi um primo que mandou a carta, Shperling, que viu Mikhail no hospital. Mal o reconheceu."

Zipporah murmurou mais algumas coisas piedosas e em seguida, num tom mais normal, acrescentou: "Bem, ele era um sujeito ativo. Teve muito dinheiro, em seu tempo. Quem sabe a fortuna que ele trouxe ao voltar da África do Sul".

"Ele a dividiu conosco", disse mamãe. "Meu irmão tinha mão aberta."

"O dinheiro veio fácil", disse Zipporah. "Ele não teve que trabalhar duro para consegui-lo."

"Como você sabe?", perguntou Herzog pai. "Não perca o controle da sua língua, minha irmã."

Mas Zipporah já não podia ser contida. "Ele fez dinheiro às custas daqueles miseráveis Kaffirs pretos! Sabe-se lá como! Então vocês tinham uma *datcha* em Shevalovo. Yaffe estava fora, em serviço no Cáucaso. Eu tinha uma criança doente para cuidar. E você, Yona, estava saracoteando por São Petersburgo, dissipando dois dotes. Sim! Você perdeu os primeiros dez mil rublos em um mês. Ele lhe deu outros dez. Não posso dizer o que mais ele estava fazendo, com tártaros, ciganos, putas, comendo carne de cavalo, e cometendo só Deus sabe que abominações."

"Como você é malévola", disse Herzog pai, irritado.

"Não tenho nada contra Mikhail. Ele nunca me fez mal algum", disse Zipporah. "Mas ele era um irmão que compartilhava, e eu sou uma irmã que não compartilha."

"Ninguém disse isso", retrucou Herzog pai. "Mas, se a carapuça lhe serve, faça bom proveito."

Absorto, imóvel em sua cadeira, Herzog ouvia os mortos em suas discussões mortas.

"O que você queria?", disse Zipporah. "Com quatro filhos, se eu começasse a distribuir dinheiro, e fosse indulgente com os maus hábitos de vocês, isso não teria fim. Não é minha culpa se você é um indigente aqui."

"Sou um indigente na América, é verdade. Olhe para mim. Não tenho um tostão para proteger da desonra meu corpo nu. Não posso pagar por minha própria mortalha."

"A culpa é da sua própria natureza frouxa", disse Zipporah. "*Az du host a schwachen natur, wer is dir schuldig*?o Você não consegue se sustentar por conta própria. Encostou-se no irmão de Sarah, e agora quer se encostar em mim. Yaffe serviu no Cáucaso. *Finsternish!* Era tão frio que nem os cães uivavam. Sozinho, ele veio para a América e mandou me buscar. Mas você — você quer *alle sieben glicken*.p Você viaja em grande estilo, com plumas de avestruz. Você é um *edel-mensch*. Sujar as mãos? Não é para você."

"É verdade. Eu não juntei esterco com a pá *in der heim*. Isso aconteceu na terra de Colombo. Mas aconteceu. Aprendi a atrelar um cavalo. Às três horas da madrugada, vinte abaixo de zero no estábulo."

Zipporah descartou isso com um gesto. "E agora, com seu alambique? Você teve que fugir da polícia do czar. E agora da Receita? E você tem que ter um sócio, um *goniff*."

"Voplonsky é um homem honesto."

"Quem? Aquele *alemão*?" Voplonsky era um ferreiro polonês. Ela o chamava de alemão por causa de seus pontudos bigodes militares e do corte alemão de seu sobretudo, que chegava até o chão. "O que você tem em comum com um ferreiro? Você, um descendente de Herschel Dubrovner! E ele, um *schmid* polonês de costeletas vermelhas! Um rato! Um rato de costeletas vermelhas eriçadas e dentes tortos, fedendo a casco de cavalo queimado! Bah! Seu sócio.

Espere só para ver o que ele vai fazer com você."

"Não sou tão fácil de enganar."

"Não? Lazansky não tapeou você? Ele lhe deu uma lição no autêntico estilo turco. E ele não lhe deu uma sova também?"

Falava de Lazansky, da padaria, um caminhoneiro gigante vindo da Ucrânia. Homem enorme e ignorante, um *amhoretz*, que não sabia hebraico o bastante para abençoar seu pão, ele se sentava em sua estreita carroça verde de entregas, pesadão, rosnando "Anda" para o seu pangaré e estalando seu chicote. Sua voz grossa rolava como uma bola de boliche. O cavalo trotava ao longo da margem do canal Lachine. Na carroça estava escrito

LAZANSKY
PÂTISSERIES DE CHOIX

Herzog pai disse: "Sim, é verdade que ele me bateu".

Ele viera pedir dinheiro emprestado a Zipporah e Yaffe. Não queria ser arrastado para uma discussão. Ela certamente adivinhara o propósito da visita e estava tentando irritá-lo de modo a poder recusar seu pedido mais facilmente.

"Ai!", disse Zipporah. Mulher brilhantemente sagaz, seus muitos dons estavam empacados naquela pequena aldeia canadense. "Você acha que pode fazer fortuna com trapaceiros, ladrões e gângsteres. Você? Você é uma criatura dócil. Não sei por que não ficou na *ieschivá*. Você queria ser um rico cavalheiro. Conheço esses delinquentes e *razboiniks*.q Eles não têm pele, dentes e dedos como você, mas sim couro, presas, garras. Você nunca vai acertar o passo com esses caminhoneiros e açougueiros. Você é capaz de atirar num homem?"

Herzog pai ficou em silêncio.

"Se, que Deus não permita, você tivesse que atirar...", gritou Zipporah. "Seria capaz ao menos de golpear alguém na cabeça? Vamos! Pense nisso. Responda, *gazlan*. Seria capaz de bater na cabeça de alguém?"

Neste ponto a mãe Herzog deu a impressão de concordar.

"Não sou nenhum frouxo", disse Herzog pai, com seu rosto enérgico e seu bigode castanho. Mas evidentemente, pensou Herzog, toda a violência de papai

se consumia no drama de sua vida, nas contendas familiares e no sentimento.

"Eles vão tirar de você o que quiserem, aqueles *leite*", disse Zipporah. "Agora me diga, não está na hora de começar a usar a cabeça? Você tem uma... *Klug bist du*.[r] Leve uma vida legítima. Mande sua Helen e seu Shura trabalharem. Venda o piano. Corte despesas."

"Por que as crianças não deveriam estudar, se elas têm inteligência e talento?", perguntou a mãe Herzog.

"Se elas são inteligentes, tanto melhor para o meu irmão", disse Zipporah. "É duro demais para ele — se acabando por príncipes e princesas mimados."

Ela puxava papai para o seu lado, então. A ânsia dele por ajuda era profunda, sem fim.

"Não que eu não ame as crianças", disse Zipporah. "Venha aqui, pequeno Moses, sente no colo de sua velha *tante*. Que graça de pequeno *ínguele*." Moses sentado sobre as calçolas da tia — as mãos vermelhas dela apertavam sua barriga. Ela sorriu com áspero afeto e beijou seu pescoço. "Nasceu nas minhas mãos, este menino." Então ela olhou para o irmão Shura, em pé ao lado da mãe. Tinha pernas grossas, atarracadas, e seu rosto era sardento. "E você?", Zipporah perguntou para ele.

"Qual o problema?", disse Shura, apavorado e ofendido.

"Não é tão jovem que não possa trazer um dólar para casa."

Papai lançou um olhar a Shura.

"E eu não ajudo?", perguntou Shura. "Não entrego garrafas? Não colo rótulos?"

Papai tinha rótulos falsos. Dizia alegremente: "Bem, crianças, o que vai ser? White Horse? Johnnie Walker?". Então cada um de nós gritava o seu favorito. O pote de cola ficava em cima da mesa.

Em segredo, a mãe Herzog tocou a mão de Shura quando Zipporah botou os olhos nele. Moses viu. Esbaforido, Willie tinha fugido correndo para fora e, com os primos, construía um forte de neve, soltando gritos agudos e atirando bolotas. O sol baixava mais e mais. Faixas de vermelho do horizonte ondulavam sobre as cordilheiras de neve vítrea. Na sombra azul da cerca, as cabras pastavam. Pertenciam ao entregador de água vizinho. As galinhas estavam prestes a se recolher ao poleiro. Quando nos visitava em Montreal ela às vezes

nos levava um ovo fresco. Um ovo. Uma das crianças talvez estivesse doente. Um ovo fresco tinha um tremendo poder. Nervosa e severa, ela subia a escada na Napoleon Street com pés desajeitados e amplos quadris, uma mulher tempestuosa, filha dos fados. De modo rápido e nervoso ela beijava as pontas dos dedos e tocava a *mezuzá*. Ao entrar, inspecionava o cuidado de mamãe como dona de casa. "Estão todos bem?", perguntava. "Trouxe um ovo para as crianças." Abria sua grande sacola e tirava de dentro o presente, embrulhado num pedaço de jornal iídiche (*Der Kanader Adler*).

Uma visita de tia Zipporah era como uma inspeção militar. Depois, mamãe ria e muitas vezes acabava chorando. "Por que ela é minha inimiga? O que é que ela quer? Não tenho forças para lutar com ela." O antagonismo, tal como mamãe o percebia, era místico — uma questão de almas. A mente de mamãe era arcaica, cheia de velhas lendas, com anjos e demônios.

Claro que Zipporah, aquela realista, estava certa ao recusar dinheiro de Herzog pai. Ele queria levar uísque clandestino até a fronteira e tirar a sorte grande. Ele e Voplonsky emprestaram dinheiro de agiotas e carregaram de caixas um caminhão. Mas nunca chegaram a Rouses Point. Foram assaltados, espancados e largados numa vala. Herzog pai apanhou mais porque reagiu. Os assaltantes rasgaram sua roupa, arrancaram-lhe um dente de tanto bater e depois o pisotearam.

Ele e Voplonsky, o ferreiro, voltaram para Montreal a pé. Ele parou na oficina de Voplonsky para se lavar, mas não houve muito o que fazer com seu olho ensanguentado e inchado. Tinha uma falha entre os dentes. Seu casaco estava rasgado e sua camisa e sua roupa de baixo tinham manchas de sangue.

Foi nesse estado que ele entrou na cozinha mal iluminada na Napoleon Street. Estávamos todos lá. Era um março escuro, e de todo modo a luz raramente chegava até aquele cômodo. Era como uma caverna. Éramos como homens das cavernas. "Sarah!", disse ele. "Crianças!" Mostrou seu rosto machucado. Abriu os braços de tal modo que pudemos ver seus rasgões, e o branco da sua pele embaixo deles. Então ele puxou o forro dos bolsos para fora — vazios. Ao fazer isso ele começou a chorar, e as crianças em volta dele choraram todas também. Que alguém pudesse investir com mãos violentas contra ele — um pai, um ser sagrado, um rei — era mais do que eu podia

suportar. Sim, ele era um rei para nós. Meu coração ficou sufocado por aquele horror. Pensei que fosse morrer. A quem eu já amei na vida tanto quanto a eles?

Então Herzog pai contou sua história.

"Estavam esperando por nós. A estrada estava bloqueada. Nos arrancaram do caminhão. Levaram tudo."

"Por que você reagiu?", perguntou a mãe Herzog.

"Tudo o que tínhamos... tudo o que peguei emprestado!"

"Eles podiam ter matado vocês."

"Tinham lenços cobrindo o rosto. Achei que tinha reconhecido..."

Mamãe estava incrédula. "*Landtsleit*? Impossível. Nenhum judeu faria isso a outro judeu."

"Não?", gritou papai. "Por que não? Por que não fariam?"

"Judeus não! Nunca!", disse mamãe. "Nunca. Nunca! Eles não teriam coragem. Nunca!"

"Crianças — não chorem. E o pobre Voplonsky — mal conseguiu se arrastar até a cama."

"Yonah", disse mamãe, "você tem que desistir dessa coisa toda."

"Como vamos viver? Temos que viver."

Ele começou a contar a história da sua vida, da infância até então. Chorava à medida que contava. Tirado de casa aos quatro anos de idade para estudar. Devorado por piolhos. Passou fome na *ieschivá* quando menino. Passou a fazer a barba, tornou-se um europeu moderno. Trabalhou em Kremenchug para a tia na juventude. Teve uma felicidade ilusória em São Petersburgo por dez anos, usando documentos falsos. Então foi para a cadeia com prisioneiros comuns. Escapou para a América. Passou fome. Limpou estábulos. Mendigou. Viveu com medo. Um *baal-chov* — sempre um devedor. Perseguido pela polícia. Hospedando pensionistas bêbados. Sua esposa transformada em criada. E era isso o que ele trazia para casa para seus filhos. Era isso o que podia mostrar para eles — seus farrapos, seus machucados.

Herzog, envolto em seu roupão estampado barato, meditava com olhos turvados. Sob os pés descalços havia uma pequena faixa de tapete. Seus cotovelos repousavam sobre a frágil escrivaninha e sua cabeça pendia sobre o peito. Tinha escrito apenas algumas linhas para Nachman.

Suponho, ele estava pensando, que ouvíamos essa história dos Herzog umas dez vezes por ano. Às vezes era mamãe que a contava, às vezes ele. Assim, ficamos escolados em sofrimento. Ainda conheço esses gritos da alma. Eles repousam no peito, e na garganta. A boca quer se escancarar e deixá-los sair. Mas tudo isso são relíquias — sim, relíquias judaicas originadas na Bíblia, num sentido bíblico de experiência e destino pessoais. O que aconteceu durante a Guerra aboliu a pretensão de Herzog pai a um sofrimento excepcional. Estamos inseridos num padrão mais brutal agora, num novo padrão terminal, indiferente a indivíduos. Fazemos parte do programa de destruição no qual o espírito humano se lançou com energia, até mesmo com júbilo. Essas histórias pessoais, velhos relatos de velhos tempos, talvez não valha a pena lembrá-las. Eu me lembro. Eu preciso. Mas quem mais? A quem isso pode importar? Tantos milhões — multidões — sofrem tormentos terríveis. E, além disso, o sofrimento moral é negado, nos dias de hoje. As personalidades só são boas para alívio cômico. Mas ainda sou um escravo do sofrimento de papai. O modo como Herzog pai falava de si mesmo! Aquilo podia fazer as pessoas rirem. O *eu* dele tinha tanta dignidade.

"Você precisa desistir", disse mamãe. "Precisa!"

"O que eu iria fazer, então? Trabalhar para a associação funerária? Como um homem de setenta anos? Que só presta para velar os mortos? *Eu*? Lavar cadáveres? *Eu*? Ou será que eu deveria ir ao cemitério e oferecer meus serviços aos pranteadores por uns trocados? Declamar *El malai rachamim*.[5] *Eu*? Prefiro deixar que a terra se abra e me engula!"

"Venha, Yonah", disse mamãe com seu jeito zeloso e persuasivo. "Vou colocar uma compressa no seu olho. Venha, deite-se."

"Como eu poderia?"

"Você precisa."

"Como as crianças vão comer?"

"Agora venha — você precisa se deitar um pouco. Tire essa camisa."

Ela se sentou ao lado da cama, em silêncio. Ele se estendeu na sala cinzenta, na armação de ferro da cama, coberta com o gasto cobertor russo vermelho — sua testa bonita, seu nariz bem desenhado, o bigode castanho. Assim como fizera naquele corredor escuro, Moses contemplava agora aquelas duas figuras.

Nachman, começou de novo a escrever, mas parou. Como ele alcançaria Nachman com uma carta? Seria melhor anunciar no *Village Voice*. Mas, nesse caso, para quem ele enviaria as outras cartas que estava rascunhando?

Concluiu que a mulher de Nachman tinha morrido. Sim, devia ser isso. Aquela moça delgada, de pernas finas, com sobrancelhas escuras que se alçavam bem alto e desciam em curva nas extremidades dos olhos, e a boca larga com os cantos curvados para baixo — tinha cometido suicídio, e Nachman fugiu porque (quem poderia censurá-lo?) teria que contar isso a Moses. Coitadinha, coitadinha — ela também deve estar no cemitério.

a No original, "... His Highness' dog at Kew,/ Pray tell me, Sir, whose dog are you?". Trecho de "Epigram engraved on the collar of a dog which I gave to his royal highness", poema do inglês Alexander Pope (1688-1744).

b Deus tira a razão daqueles que quer arruinar.

c Assim por diante.

d Não esconda Teu rosto de mim.

e Vamos beber um copinho de vinho.

f Já basta.

g Como é?

h Provavelmente sigla de Canadian Pacific Railway (Ferrovia Canadense do Pacífico).

i Imigrante entre penas de avestruz.

j A criada sou eu.

l No lar.

m Dinheiro.

n Luminoso paraíso.

o Se você tem a natureza fraca, a quem se pode culpar?

p Todas as sete sortes.

q Criminosos.

r Você é esperto.

s Deus cheio de piedade.

O telefone tocou — cinco, oito, dez toques. Herzog consultou seu relógio de pulso. Espantou-se — quase seis horas. Para onde o dia tinha ido? O telefone seguia tocando, perfurando o ar até chegar a ele. Não queria atender. Mas havia dois filhos, afinal de contas — ele *era* um pai, e precisava atender. Estendeu a mão até o aparelho, portanto, e ouviu Ramona — a alegre voz de Ramona chamando-o para uma vida de prazer pelos fios vibrantes de Nova York. E não apenas simples prazer, mas prazer metafísico, transcendente — prazer que respondia o enigma da existência humana. Essa era Ramona — não uma mera sensualista, mas uma teórica, quase uma sacerdotisa, em seus trajes espanhóis adaptados às necessidades americanas, e suas flores, seus dentes verdadeiramente lindos, suas bochechas vermelhas, e seu denso, ondulado e excitante cabelo preto.

"Alô — Moses? Que número é aí?"

"Aqui é da Assistência Armênia."

"Oh, Moses! É você!"

"Sou o único homem que você conhece que é velho o bastante para se lembrar da Assistência Armênia."

"Na última vez você disse que era do Necrotério Municipal. Deve estar se sentindo mais animado agora. Aqui é a Ramona..."

"Claro." Quem mais tem a voz que se eleva tão leve de um píncaro a outro com encanto estrangeiro? "A dama espanhola."

"*La navaja en la liga*."

"Ora, Ramona, nunca me senti menos ameaçado por facas."

"Você está soando bem animado."

"Não falei com ninguém o dia todo."

"Eu queria lhe telefonar, mas tinha muito movimento na loja. Onde você

esteve ontem?"

"Ontem? Onde eu *estive* ontem... deixa eu pensar..."

"Pensei que tivesse tomado chá de sumiço."

"Eu? Como poderia?"

"Quer dizer que você não fugiu de mim?"

Fugir da perfumada, sensual e magnânima Ramona? Nem em um milhão de anos. Ramona tinha atravessado um inferno de devassidão e atingido a seriedade do prazer. Pois quando é que nós, seres civilizados, nos tornamos verdadeiramente sérios?, disse Kierkegaard. Quando conhecemos o inferno de cabo a rabo. Sem isso, o hedonismo e a frivolidade disseminarão o inferno por todos os nossos dias. Ramona, porém, não acredita em pecado algum que não seja o pecado contra o corpo, para ela o verdadeiro e único templo do espírito.

"Mas você saiu da cidade ontem", disse Ramona.

"Como você sabe — mandou um detetive me seguir?"

"A srta. Schwartz viu você na Grand Central com uma valise na mão."

"Quem? Aquela srta. Schwartz da sua loja?"

"Isso mesmo."

"Bem, o que você sabe..." Herzog não iria levar a discussão adiante.

Ramona disse: "Talvez alguma mulher adorável tenha assustado você no trem, então você voltou para sua Ramona".

"Oh...", disse Herzog.

O tema recorrente dela era seu poder de fazê-lo feliz. Pensando em Ramona com seus olhos inebriantes e seus seios robustos, suas pernas curtas mas macias, seu ar de Carmen, marotamente sedutor, sua habilidade na cama (derrotando rivais invisíveis), ele sentia que ela não exagerava. Os fatos sustentavam a pretensão dela.

"Bem, você estava fugindo?", perguntou ela.

"Por que estaria? Você é uma mulher maravilhosa, Ramona."

"Nesse caso você está sendo muito esquisito, Moses."

"Bem, suponho que eu seja um dos bichos mais estranhos."

"Mas eu sei que não devo ser orgulhosa e exigente. A vida me ensinou a ser humilde."

Moses fechou os olhos e ergueu as sobrancelhas. Lá vamos nós.

"Talvez você sinta uma superioridade natural por causa de toda a sua instrução."

"Instrução! Mas eu não sei coisa alguma..."

"Suas realizações. Você está no *Quem é quem*. Eu sou apenas uma comerciante — um tipo pequeno-burguês."

"Você não acredita nisso de verdade, Ramona."

"Então por que você banca o indiferente, e me faz correr atrás de você? Percebo que você quer flertar por aí. Depois de grandes decepções, eu também resolvi fazer isso, para fortalecer o ego."

"Um escrupuloso e tolo intelectual, quadrado..."

"Quem?"

"Eu mesmo, quero dizer."

Ela continuou. "Mas, quando a gente recupera a autoconfiança, percebe a simples força dos desejos simples."

Por favor, Ramona, Moses teve ímpeto de dizer — você é adorável, perfumada, sensual, boa de tocar — e tudo o mais. Mas esses sermões! Pelo amor de Deus, Ramona, cale a boca. Mas ela prosseguiu. Herzog ergueu os olhos para o teto. As aranhas mantinham um intenso cultivo no canto entre as cornijas, como as férteis margens do Reno. Em vez de uvas, insetos encapsulados pendiam em cachos.

Fui eu que atraí tudo isso contra mim mesmo ao contar a Ramona a história da minha vida — como ascendi de origens humildes para o completo desastre. Mas um homem que cometeu tantos erros não pode se dar ao luxo de ignorar as reprimendas dos amigos. Amigos como Sandor, aquele rato corcunda. Ou como Valentine, o megalomaníaco moral e profeta em Israel. A todos os desse tipo, convém a gente escutar. Uma repreensão é melhor do que nada. Pelo menos é companhia.

Ramona fez uma pausa, e Herzog disse: "É verdade — tenho muito a aprender".

Mas sou aplicado. Eu me empenho na coisa e mostro um contínuo aprimoramento. Espero estar em grande forma no meu leito de morte. Os bons morrem jovens, mas fui poupado para poder me aperfeiçoar de modo a terminar minha vida valendo ouro. Os mortos mais antigos ficarão orgulhosos

de mim... Vou entrar na Associação Cristã de Moços dos imortais. Só que, nesse exato momento, estarei perdendo a eternidade.

"Você está me ouvindo?", perguntou Ramona.

"Claro."

"O que eu acabei de dizer?"

"Que eu preciso confiar mais nos meus instintos."

"Eu disse que queria que você viesse jantar comigo."

"Oh."

"Se ao menos eu fosse uma megera! Aí você ia se agarrar a cada palavra."

"Mas eu ia convidar você... para vir a um restaurante italiano." Era desajeitado para inventar. Às vezes era cruelmente distraído.

"Já comprei os ingredientes", disse Ramona.

"Mas como, se aquela bisbilhoteira da srta. Schwartz com seus óculos azuis me viu fugindo na Grand Central...?"

"Se eu contava com você? Achei que você tivesse ido passar o dia em New Haven — na biblioteca de Yale ou algum lugar assim... Venha, por favor. Jante comigo. Vou ter que comer sozinha se você não vier."

"Por quê? Onde está sua tia?"

Ramona morava com a irmã mais velha de seu pai.

"Ela foi visitar os primos em Hartford."

"Ah, entendi." Pensou que a velha tia Tamara devia estar bem acostumada a fazer aquelas viagens de última hora.

"Minha tia entende essas coisas", disse Ramona. "Além do mais, ela gosta muito de você."

E ela acha que sou um ótimo partido. Além disso, é preciso fazer sacrifícios por uma sobrinha sem marido que tem uma vida amorosa conturbada. Pouco antes de conhecer Herzog, Ramona tinha rompido com um produtor-assistente de televisão chamado George Hoberly, que ficou muito abalado, num estado lastimável — à beira da histeria. Conforme Ramona explicou, a velha tia Tamara era uma grande partidária de Hoberly — aconselhou-o e consolou-o tão bem quanto possível para uma velha senhora. Ao mesmo tempo, ela estava quase tão excitada a respeito de Herzog quanto a própria Ramona. Meditando sobre a tia Tamara, Moses achava que agora era capaz de entender melhor a tia

Zelda. A paixão feminina pelo segredo e pelos jogos duplos. Pois devemos comer nossa fruta das mandíbulas da astuta serpente.

Ainda assim, Herzog percebia que Ramona tinha sentimentos familiares genuínos, e isso ele aprovava. Ela parecia estimar de verdade sua tia. Tamara era filha de um oficial czarista polonês de uma patente qualquer (que mal haveria em fazer dele um general?). Ramona disse a respeito dela: "Ela é muito *jeune fille russe*" — uma excelente descrição. Tia Tamara era dócil, jovial, sensível, impulsiva. Cada vez que falava de Papá e Mamá, de seus professores e do Conservatório, seu busto seco se inflava, e a clavícula ressaltava. Ela parecia ainda estar tentando decidir se seguia uma carreira de concertos contra a vontade de Papá. Herzog, ouvindo com cara séria, não conseguia definir se ela tinha dado um recital na Salle Gaveau ou se queria dar. As velhas senhoras da Europa Oriental com cabelo tingido e absurdos broches de camafeu conquistavam facilmente a sua simpatia.

"Bem, e então, você vem ou não vem?", perguntou Ramona. "Por que é tão difícil ter uma resposta direta sua?"

"Eu não devia sair — tenho muita coisa a fazer — cartas para escrever."

"Que cartas! Você é um homem tão misterioso. Que cartas importantes são essas? De negócios? Talvez você deva conversar comigo a respeito, se forem de negócios. Ou com um advogado, se não confia em mim. Mas você tem que comer, de todo modo. Ou será que você não come quando está sozinho?"

"Claro que como."

"Bom, e então?"

"Está bem", disse Herzog. "Espere-me cedo. Vou levar uma garrafa de vinho."

"Não, não! Não faça isso. Tenho um vinho na geladeira."

Ele desligou o telefone. Ela foi enfática quanto ao vinho. Talvez ele tivesse dado a impressão de ser um pouco pão-duro. Ou então tinha despertado nela um sentimento de proteção, um efeito que ele produzia com frequência. Perguntava-se às vezes se não pertencia a uma classe de pessoas secretamente convencidas de que tinham um acordo com o destino; em retribuição pela docilidade ou pela sincera boa vontade elas seriam protegidas das piores brutalidades da vida. A boca de Herzog formou um sorriso leve, mas retorcido,

enquanto ele avaliava se de fato tinha decidido internamente anos antes fazer um acordo — uma oferta psíquica — de brandura em troca de tratamento preferencial. Uma negociação desse tipo era feminina, ou, estendida a árvores e animais, infantil. Nenhum desses autojulgamentos representava terror algum para ele; nenhuma percentagem agora de conflito com o que ele era. Havia a coisa — o compósito, a mística realização das forças naturais e seu próprio espírito. Abriu seu robe estampado de Hong Kong e contemplou seu corpo nu. Não era nenhuma criança. E a casa em Ludeyville, um desastre em todos os outros aspectos, mantivera-o em forma. Lutar contra aquela velha ruína num esforço para recuperar sua herança tornou seus braços musculosos. Estendeu o contrato do narcisismo por mais um tempo. Deu-lhe forças para carregar uma mulher de bunda pesada para a cama. Oh, sim — ainda, em momentos fugazes, o jovem e reluzente garanhão —, tal como ele na verdade nunca foi. Havia adoradores mais fiéis de Eros do que Moses Elkanah Herzog.

Mas por que Ramona tinha sido tão firme quanto ao vinho? Talvez temesse que ele fosse aparecer com um sauternes da Califórnia. Ou então ela confiava no poder afrodisíaco de sua própria marca. Devia ser isso. Ou então ele repisara mais do que imaginava o tema do dinheiro. Uma última possibilidade era a de que ela queria cercá-lo de luxos.

Consultando o relógio de pulso, Herzog, com um ar de eficiência ou propósito, não chegou, porém, a registrar a hora em sua mente. O que ele na verdade observou, inclinando-se sobre a janela para obter um ângulo melhor sobre os telhados e muros, foi que o céu estava ficando vermelho. Espantava-lhe o fato de que um dia inteiro tinha sido gasto rabiscando umas poucas cartas. E que cartas ridículas, rancorosas! O despeito e o furor que havia nelas! Zelda! Sandor! Por que escrever para eles o que quer que fosse? E o monsenhor! Nas entrelinhas da carta de Herzog o monsenhor só iria ver um rosto louco, brigão, exatamente como Moses via o tijolo daqueles muros pelas frestas daqueles corrimões recobertos de asfalto preto. A repetição sem fim ameaça a sanidade mental.

Vamos supor que eu esteja absolutamente certo e que o monsenhor, por exemplo, esteja absolutamente errado. Se estou certo, o problema da coerência do mundo, e toda a responsabilidade por ele, torna-se meu. Como o mundo iria

se sair quando Moses E. Herzog impusesse o seu jeito? Não, por que eu deveria tomar isso para mim? A Igreja tem entendimento universal. Considero isso uma ilusão perniciosa, prussiana. Prontidão para responder todas as perguntas é o sinal infalível de estupidez. Será que Valentine Gersbach alguma vez admitiu ignorância em algum assunto? Ele era um Goethe completo. Completava as frases dos outros, reformulava seus pensamentos, explicava tudo.

... Quero que saiba, monsenhor, que não estou lhe escrevendo com o intuito de expor Madeleine, ou de atacar o senhor. Herzog rasgou a carta. Era mentira! Ele desprezava o monsenhor, queria assassinar Madeleine. Sim, era capaz de matá-la. E no entanto, mesmo repleto de uma terrível fúria, era capaz também de fazer a barba e se vestir, de ser o cidadão que sai para uma noite de prazer, enfeitado, perfumado, com o rosto amaciado para os beijos. Não se esquivava dessas fantasias criminosas. É a certeza da punição que me freia, pensava Herzog.

Hora de se lavar. Afastou-se da escrivaninha e da luz da tarde que se adensava e, deixando cair o robe, entrou no banheiro e abriu a torneira da pia. Bebeu, na obscuridade do cômodo frio e azulejado. Nova York tem a água mais fresca do mundo, para uma metrópole. Então começou a ensaboar o rosto. Podia antever um bom jantar. Ramona sabia cozinhar e sabia servir à mesa. Haveria velas, guardanapos de linho, flores. Talvez as flores estivessem vindo expressamente da loja agora, no trânsito do entardecer. No peitoril da janela da sala de jantar de Ramona pombos arrulhavam. Dava para ouvir asas batendo no poço de ventilação. Quanto ao cardápio, numa noite de verão como aquela, ela provavelmente prepararia uma *vichyssoise*, depois camarão Arnaud — estilo Nova Orleans. Aspargos brancos. Uma sobremesa fria. Sorvete de rum com uvas-passas? Queijo brie e biscoitos de água e sal? Estava julgando por jantares anteriores. Café. *Brandy*. E, durante todo o tempo, música egípcia na vitrola na sala ao lado — Mohammad al Bakkar tocando "Port Said" com cítaras, tambores e pandeiros. Naquela sala havia um tapete chinês, a luz da lâmpada verde profunda e quieta. Também ali ela mantinha flores viçosas. Se eu tivesse que trabalhar o dia todo numa floricultura, eu não ira querer ser perseguido pelo cheiro de flores à noite. Na mesa de centro havia livros de arte e revistas internacionais. Paris, Rio, Roma, todas estavam representadas. Invariavelmente,

também, os últimos presentes dos admiradores de Ramona estavam em exposição. Herzog sempre lia os cartões. Por que outra razão ela os deixaria ali? George Hoberly, para quem ela andara fazendo camarões Arnaud na última primavera, ainda lhe mandava luvas, livros, ingressos de espetáculos, binóculos de teatro. Dava para mapear suas perambulações de apaixonado de um lado para outro de Nova York só pelas etiquetas. Ramona dizia que ele não sabia o que estava fazendo. Herzog tinha pena dele.

O tapete verde-azulado, os balangandãs e arabescos mouros, o amplo e confortável sofá-cama, a luminária Tiffany com vidro imitando plumagem, as poltronas fundas junto às janelas, a vista da Broadway e do Columbus Circle. E depois do jantar, quando eles estivessem acomodados ali com café e *brandy*, Ramona iria perguntar se ele não gostaria de tirar os sapatos. Por que não? Um pé livre numa noite de verão alivia o coração. E pouco a pouco, a julgar pelos precedentes, ela iria perguntar por que ele estava tão absorto — estava pensando nos filhos? Então ele diria... estava fazendo a barba agora, mal olhando para o espelho, procurando com a ponta dos dedos fios de barba ainda por cortar... ele diria que já não estava mais tão preocupado com Marco. O garoto tinha um caráter firme. Fazia parte da cepa mais estável dos Herzog. Ramona lhe daria então conselhos sensatos a respeito da filhinha dele. Moses perguntaria como poderia abandoná-la com aqueles psicopatas. Ela duvidava que eles eram psicopatas? Queria olhar de novo a carta de Geraldine — a terrível carta que contava o que eles estavam fazendo? E então se seguiria mais uma discussão em torno de Madeleine, Zelda, Valentine Gersbach, Sandor Himmelstein, o monsenhor, dr. Edvig, Phoebe Gersbach. Contra sua própria vontade, como um dependente lutando para escapar do vício, ele contaria de novo como tinha sido logrado, tapeado, manipulado, despojado de suas economias, afundado em dívidas, traído em sua confiança por esposa, amigo, médico. Se Herzog alguma vez conheceu a odiosidade de uma existência *particular*, se soube alguma vez que o *todo* era necessário para redimir cada espírito em separado, foi naquele momento, naquela paixão terrível, que ele tentava, de modo impossível, compartilhar, contando sua história. Então, no meio da coisa, dava-se conta de que não tinha o direito de contar, de infligir aquilo, de que sua ânsia por confirmação, ajuda, justificação, era inútil. Pior que isso: era imunda. (Por

alguma razão a palavra francesa lhe convinha mais, e ele disse "*Immonde*!" e repetiu, em voz mais alta: "*C'est immonde*!".) No entanto, Ramona iria se solidarizar ternamente com ele. Não havia dúvida de que ela tinha genuína compaixão por ele, embora os feridos sejam, por razões primitivas, desprovidos de atrativos e até ridículos. Numa era espiritualmente confusa, porém, um homem que era capaz de sentir, como ele, poderia reivindicar certa distinção. Estava começando a ver que sua espécie particular de miopia, de falta de realismo e de aparente ingenuidade lhe conferia um status elevado. Para Ramona, isso o cercava evidentemente de glamour. E, contanto que ele permanecesse *macho*, ela o ouviria de olhos cintilantes, com mais e mais compreensão. Ela transformava as desgraças dele em estímulos sexuais e, justiça seja feita, dava à sua dor um direcionamento útil. Não dá para concordar com Hobbes quando este diz que onde não há um poder intimidador os homens não têm prazer (*voluptas*) na companhia dos outros, e sim (*molestia*) uma grande quantidade de sofrimento. Há sempre um poder intimidador, a saber, o terror de cada um. Pôr de lado essas considerações teóricas, no entanto, depois que ele parava de falar, tendo bebido quatro ou cinco copos de Armagnac da garrafa veneziana, bem acima das desordens porto-riquenhas da rua, seria tarefa para Ramona. Você me trata bem, eu trato você bem.

Continuou fazendo a barba, como um cego, pelo tato e pelo som, o som da lâmina e dos pelos.

Ramona tinha grande experiência em entreter cavalheiros. O camarão, o vinho, as flores, luzes, perfumes, os rituais de desnudamento, a música egípcia plangente e clangorosa denunciavam prática, e ele lamentava que ela tivesse tido que viver daquele jeito, mas aquilo também o lisonjeava. Ramona se admirava de que alguma mulher pusesse defeito em Moses. Ele lhe contou que tinha sido frequentemente um fracasso completo com Madeleine. Talvez fosse a liberação de seu sentimento agressivo contra Mady que melhorava sua performance. Diante dessa ideia Ramona fechava a cara.

"Não sei — vai ver que sou *eu* — já pensou nisso?", dizia ela. "Pobre Moses — a menos que esteja se dando muito mal com uma mulher, você não pode acreditar que está falando sério."

Moses enxaguou o rosto com agradável loção de hamamélis, as mãos cheias

até a borda, e soprou o rosto com os cantos da boca. Sintonizou música de dança polonesa no radinho transistor no armário sobre a pia e polvilhou os pés. Então cedeu por um momento ao impulso de dançar e saltar sobre os ladrilhos manchados, alguns dos quais tinham se soltado e tiveram que ser chutados para baixo da banheira. Uma das suas esquisitices quando estava sozinho era sair cantando e dançando, fazer coisas extravagantes que fugiam de sua costumeira seriedade. Dançou o número até entrar o comercial polonês — "Ochyne-pynch-ochyne, Pynch Avenue, Limpa-fossas". Imitou o locutor do anúncio na penumbra amarelo-marfim do banheiro azulejado — o *water closet*, como ele anacronicamente o chamava. Estava pronto para dançar mais uma polca quando descobriu, com a respiração apressada, que o suor estava escorrendo por seus flancos, e que mais uma dança tornaria necessário um banho. Não dispunha de tempo nem de paciência para isso. Não podia suportar a ideia de se enxugar — uma daquelas mortificantes tarefas cotidianas que ele sempre odiara.

Vestiu cueca e meias limpas. De meia, passou o pé pelo couro dos sapatos, dando-lhes um brilho meio embotado. Ramona não aprovava o seu gosto em matéria de sapatos. Diante da vitrine da loja Bally na Madison Avenue ela apontou um par de botinas espanholas e disse: "É disso que você precisa — daquelas coisas pretas meio perversas". Sorrindo, ela ergueu o olhar, de modo que ele se confrontou com o brilho de seus olhos. Tinha maravilhosos dentes brancos, levemente arqueados. Seus lábios se abriam e fechavam sobre aqueles dentes significativos; tinha um narizinho curvo, francês, pequeno e delicado; olhos cor de avelã; espesso e vívido cabelo preto. O peso de seu rosto estava principalmente na parte inferior. Um ligeiro defeito, na visão de Herzog. Nada sério.

"Você quer que eu me vista como um dançarino de flamenco?", perguntou Herzog.

"Você devia usar um pouco de imaginação com relação às roupas — encorajar certos aspectos do seu caráter."

Dava a impressão — Herzog deu um sorriso largo — de que ele era um exemplo de capital humano mal investido. Para surpresa dela, talvez, ele concordou. Quase alegremente, ele concordou. Força, inteligência,

sentimento, oportunidade — isso tudo tinha sido desperdiçado nele. O que ele não era capaz de ver, porém, é que as tais botinas espanholas — que, aliás, apelavam e muito ao seu gosto pueril — melhorariam seu caráter. E nós temos que melhorar. Temos!

Vestiu a calça. Não a calça italiana: ela ficaria desconfortável depois do jantar. O passo seguinte foi uma das novas camisas de popelina. Ele tirou todos os alfinetes. Então vestiu o paletó de madras. Curvou-se para conferir o que dava para ver do porto através da pequena abertura da janela do banheiro. Nada em particular. Só uma sensação de água confinando a ilha sobrecarregada de construções. Era um movimento de orientação que ele estava fazendo, como o olhar de relance ao relógio que não lhe dizia as horas. E em seguida veio sua pessoa específica, uma aparição no espelho quadrado. Como ele estava? Oh, ótimo — você está realmente alinhado, Moses! Arrasador! O primitivo amor-próprio da criatura humana, aquele doce instinto do eu, tão profundo, tão antigo que talvez tenha uma origem celular. Ao respirar, estava consciente desse instinto, silencioso mas de longo alcance, impregnado em seu sistema, um apetite agradável em seus mais remotos nervos. *Caro professor Haldane...* Não, não era esse o homem de Herzog naquele momento. *Caro padre Teilhard de Chardin, tentei compreender sua noção do aspecto interior dos elementos. De que os órgãos dos sentidos, mesmo os rudimentares, não poderiam ter evoluído de moléculas descritas como inertes pelos mecanicistas. Desse modo a própria matéria deveria talvez ser estudada como consciência em evolução... a molécula de carbono está relacionada ao pensamento?*

Seu rosto barbeado, murmurando no espelho — grandes sombras sob os olhos. Tudo bem, pensou; se a luz não for muito forte, você ainda é um homem de ótima aparência. Por algum tempo ainda será capaz de conquistar mulheres. Todas menos aquela vaca, Madeleine, cujo rosto parece lindo ou então de bruxa. Vá, então — Ramona vai alimentá-lo, dar-lhe vinho, tirar seus sapatos, mimar você, amansar sua braveza, beijá-lo, mordiscar seus lábios com os dentes. Então vai descobrir a cama, apagar as luzes e chegar ao que interessa...

Ele estava meio elegante, meio desleixado. Sempre tinha sido esse o seu estilo. Se caprichava no nó da gravata, deixava os cadarços dos sapatos arrastando no chão. Seu irmão Shura, imaculado em suas roupas feitas sob

medida, manicurado e barbeado na Palmer House, dizia que ele fazia isso de propósito. No passado talvez tivesse sido uma provocação juvenil, mas agora era uma parte estabelecida da comédia cotidiana de Moses E. Herzog. Ramona vivia dizendo: "Você não é um americano verdadeiro, puritano. Você tem talento para a sensualidade. Sua boca o denuncia". Herzog não conseguia deixar de levar os dedos ao lábio quando este era mencionado. Mas em seguida descartava a coisa toda com uma risada. O que continuava a aborrecê-lo é que ela não o reconhecia como americano. Isso doía! Que outra coisa ele era? No serviço militar seus companheiros também o consideravam um estrangeiro. O pessoal de Chicago o questionava com desconfiança. "O que é que tem no State and Lake?[a] Em que altura da zona oeste fica a Austin Avenue?" Muitos deles pareciam vir dos subúrbios. Moses conhecia a cidade muito melhor que eles, mas mesmo isso se voltava contra ele. "Ah, você simplesmente decorou tudo. É um espião. Está aí a prova. É um daqueles judeus espertos. Fale a verdade, Mose, vão lançar você de paraquedas, certo?" Não, ele se tornou um operador de comunicações, dispensado por causa da asma. Sufocado pelo nevoeiro, no Golfo do México, em manobras, perdendo contato devido a sua rouquidão. Só que a frota toda o ouviu gemer: "Estamos perdidos! Fodidos!".

Mas em Chicago, em 1934, ele foi orador no Colégio McKinley, com um texto extraído de Emerson. Não perdeu a voz na ocasião, dizendo aos mecânicos italianos, marceneiros boêmios, alfaiates judeus: *O principal empreendimento do mundo, em esplendor... é a construção de um homem. A vida privada de um homem deverá ser uma monarquia mais ilustre... do que qualquer reino da História. Admitamos que nossa vida, tal como a levamos, é comum e vil... Homens belos e perfeitos não somos agora... A comunidade em que vivemos mal suportará ouvir que todo homem deveria se abrir ao êxtase ou a uma iluminação divina*. Se ele tinha se perdido do barco e da tripulação em algum lugar perto de Biloxi, isso não significava que não levasse a sério a beleza e a perfeição. Achava que suas credenciais americanas estavam em ordem. Rindo, mas atormentado também, recordou que um policial de segundo escalão do Alabama tinha lhe perguntado uma vez: "Onde cê aprendeu ingrêis? Na Iscola Berlitis?".

Não, o que Ramona queria dizer, como um elogio, era que ele não tinha

levado a vida de um americano comum. Não, suas peculiaridades o haviam governado desde o início. E ele via grande valor ou distinção social nisso? Bem, tinha que suportar essas peculiaridades, portanto não havia razão para que não fizesse uso delas, pelo menos um pouco.

Mas, por falar em americanos comuns, que tipo de mãe Ramona daria? Seria capaz de levar uma filhinha à parada de Ação de Graças da Macy's? Moses tentou imaginar Ramona, uma sacerdotisa de Isis, num tailleur de tweed, assistindo ao desfile de carros alegóricos.

Caro McSiggins. Li sua monografia, "As ideias éticas da comunidade de negócios americana". Um grande dia para McSiggins. *Interessante. Senti falta de uma investigação mais acurada da hipocrisia, pública e privada, no sistema contábil americano. Nada que impeça o indivíduo americano de reivindicar todos os méritos que quiser. Pouco a pouco, na filosofia populista, a bondade se tornou uma mercadoria gratuita como o ar, ou quase gratuita, como uma viagem de metrô. O melhor de todas as coisas para todo mundo — sirva-se à vontade. Ninguém se importa muito. A aparência honesta, recomendada por Ben Franklin como um recurso comercial, tem um fundamento calvinista, de predestinação. Você não lança dúvidas sobre a eleição de outro homem. Isso poderia prejudicar o crédito financeiro dele. À medida que a crença na danação desaparece, deixa atrás de si sólidas formações de Aparências Confiáveis.*

Caro general Eisenhower. Na vida privada talvez o senhor tenha tempo livre e disposição para refletir sobre assuntos para os quais, como chefe do Executivo, obviamente não tem tempo. A pressão da Guerra Fria... que agora tanta gente concorda que foi uma fase de histeria política, e as viagens e os discursos do sr. Dulles rapidamente mudando, nesta época de perspectivas cambiantes, de uma aparência anterior de diplomacia a uma de esbanjamento americano. Por acaso eu estava na sala de imprensa nas Nações Unidas no dia em que o senhor falou sobre o risco de um erro precipitar a guerra nuclear. Naquele dia fiz um depósito por um lampadário, na verdade uma velha geringonça a gás, na Segunda Avenida. Mais dez dólares enterrados em Ludeyville. *Eu estava presente também quando o premiê Kruschev bateu o sapato na mesa. Em meio a tais crises, em tal atmosfera, obviamente não havia tempo para as questões mais gerais do tipo que tem me preocupado.* Na verdade, as questões nas quais meti minha vida. Mas o

que é que você quer que ele faça a respeito? *No entanto, pelo livro do sr. Hughes, e pela carta que o senhor lhe mandou expressando preocupação com "valores espirituais", concluo que eu talvez não esteja desperdiçando o seu tempo ao chamar sua atenção para o relatório de seu próprio Comitê de Metas Nacionais, publicado no final do seu governo. Eu me pergunto se as pessoas que o senhor escolheu para a tarefa eram as mais indicadas — advogados de corporações, grandes executivos, o grupo agora chamado de Políticos Industriais. O sr. Hughes notou o quanto o senhor estava blindado contra opiniões incômodas, isolado, por assim dizer. Talvez o senhor esteja se perguntando quem é este seu correspondente, se é um liberal, um intelectual sabichão, um demagogo, ou algum tipo de maluco. Então digamos que ele seja uma pessoa zelosa que acredita na utilidade civil. Pessoas inteligentes sem influência sentem certo autodesprezo, refletindo o desprezo daqueles que detêm um poder político ou social de verdade, ou pensam deter.* Dá para deixar tudo bem claro, em poucas palavras? É sabido que ele odeia documentos longos, complicados. *Uma coletânea de declarações leais e prestativas para nos inspirar na luta contra o inimigo comunista não é o que estávamos precisando. A velha máxima de Pascal (1623-62) de que o homem é um caniço, mas um caniço pensante, poderia ser tomada com uma ênfase diferente pelo cidadão moderno de uma democracia. Ele pensa, mas se sente como um caniço se curvando aos ventos gerados centralmente.* Ike certamente não daria atenção alguma a isso. Herzog tentou outra abordagem. *Tolstói (1828-1910) disse: "Os reis são escravos da história". Quanto mais alto uma pessoa está na escala do poder, mais suas ações são determinadas. Para Tolstói, a liberdade é inteiramente pessoal. É livre o homem cuja condição é simples, autêntica — real. Ser livre é estar liberado das limitações históricas. Por outro lado, G. W. F. Hegel (1770-1831) via a essência da vida humana como derivada da história. A história, a memória — é isso o que nos torna humanos, isso e a nossa consciência da morte: "a morte veio por um homem".*[b] *Pois a consciência da morte nos faz desejar estender nossa vida à custa de outros. E esta é a fonte da luta pelo poder.* Mas está tudo errado!, pensou Herzog, não sem humor em seu desespero. Estou importunando toda essa gente — Nehru, Churchill e agora Ike, a quem aparentemente estou querendo dar um curso de Grandes Livros.[c] Não obstante, havia muito sentimento genuíno nisso também.

Nenhuma ordem civil, nenhum desenvolvimento superior da humanidade. O objetivo, no entanto, é a liberdade. E o que um homem deve ao Estado? Foi com reflexões desse tipo, lendo o relatório do seu Comitê de Metas Nacionais, que eu, ao que parece, fui atiçado ferozmente por um desejo de me comunicar, ou pelo curioso projeto de uma tentativa de comunicação. Ou me curvei a uma paixão disfarçada, oferecendo essas ideias sobre Morte e História ao comandante do Quartel-General Supremo das Forças Expedicionárias Aliadas, como flores artificiais nascidas no solo da febre e da violência não realizada. Suponha, afinal, que sejamos simplesmente uma espécie de bichos, peculiar a esta bolota mineral que gira na órbita do sol, então por que tanta arrogância, por que critérios tão grandiosos? *que eu pensei na variação na famosa lei de Gresham: A vida pública afugenta a vida privada. Quanto mais política se torna nossa sociedade (no sentido mais amplo de "política" — as obsessões, as compulsões da coletividade), mais a individualidade parece perdida. Parece, digo eu, porque ela tem milhões de recursos secretos. Dito mais simplesmente: o esforço nacional está agora direcionado para a manufatura de produtos de modo algum essenciais para a vida humana, mas vitais para a sobrevivência política do país. Por estarmos agora todos sugados para dentro desses fenômenos do Produto Interno Bruto, somos forçados a aceitar o caráter sagrado de certos absurdos ou falsidades cujos altos sacerdotes até outro dia não passavam de mascates e figuras burlescas — vendedores de panaceias. Por outro lado há mais "vida privada" do que um século atrás, quando a jornada de trabalho durava catorze horas. A questão toda é da mais alta importância, uma vez que tem a ver com a invasão da esfera privada (incluindo a sexual) por técnicas de exploração e dominação.*

Seu trágico sucessor teria se interessado, mas não Ike. Nem Lyndon. Os governos deles não poderiam funcionar sem intelectuais — físicos, estatísticos —, mas estes são cooptados pelos caciques da indústria e figurões bilionários. Kennedy não iria mudar essa situação, tampouco. Apenas parecia ter tomado consciência, privadamente, de que ela existia.

Uma nova ideia se apossou de Moses. Ele ofereceria um esboço dela a Pulver, Harris Pulver, que tinha sido seu tutor em 1939 e agora era o editor da *Atlantic Civilization*. Sim, o minúsculo, nervoso Pulver, com seus tímidos e devotados olhos azuis, seus dentes estragados, o perfil da múmia de Gizé tal

como retratada na *História Antiga* de Robinson, a pele retesada e com escuras manchas febris. Herzog amava aquele homem a seu modo, desmedido, transbordante. *Ouça, Pulver*, escreveu, *uma ideia maravilhosa para um ensaio muito necessário sobre a "condição inspirada"! Você acredita em transcendência para baixo tanto quanto em transcendência para o alto? (A origem dos termos está em Jean Wahl.) Devemos admitir a impossibilidade de transcendência? Tudo isso envolve análise histórica. Eu argumentaria que moldamos uma nova história utópica, um idílio, comparando o presente a um passado imaginário, porque odiamos o mundo tal como é. Esse ódio do presente não foi bem compreendido. Talvez a primeira demanda da consciência emergente nesta civilização de massas seja expressiva. O espírito, liberto do mutismo servil, vomita cobras e lagartos com uma ânsia represada por longas eras. Talvez os peixes, a salamandra, o horrendo e galopante mamífero ancestral encontrem sua voz e juntem sua longa experiência a esse grito. Retomando a ideia, Pulver, de que a evolução é a natureza se tornando autoconsciente — no homem, a autoconsciência tem sido acompanhada no atual estágio por um senso de perda de poderes naturais mais gerais, de um preço pago pelo instinto, em liberdade e impulsos sacrificados (trabalho alienado etc.). O drama deste estágio do desenvolvimento humano parece ser o drama da doença, da autovingança. Uma era de comédia especial. O que vemos não é simplesmente o nivelamento que Tocqueville vaticinou, mas o estágio plebeu da autoconsciência evolutiva. Talvez a vingança operada em uníssono, pela espécie, contra nossos impulsos narcisistas (mas também contra a demanda por liberdade) seja inevitável. Neste novo reino das multidões, a autoconsciência tende a nos revelar a nós mesmos como monstros. Este é sem dúvida um fenômeno político, uma ação tomada contra o impulso pessoal ou contra a demanda pessoal por espaço e alcance adequados. O indivíduo é obrigado, ou pressionado, a definir "poder" tal como ele é definido em política, e a avaliar as consequências pessoais disso para ele próprio. Desse modo ele é provocado a se vingar de si mesmo, uma vingança de escárnio, desprezo, negação da transcendência. Esta última, a negação, é baseada em antigas concepções da vida humana ou em imagens do homem impossíveis de manter hoje em dia. Mas o problema, tal como o vejo, não é de definição, mas de total reconsideração das qualidades humanas. Ou talvez até de descoberta de qualidades. Estou certo de*

que há qualidades humanas ainda a serem descobertas. Tal descoberta ou recuperação só é obstruída por definições que mantêm a humanidade no nível do orgulho (ou masoquismo), reivindicando demais e então sofrendo de auto-ódio como consequência.

Mas você deve estar se perguntando o que aconteceu com "a condição inspirada". Considera-se que esta pode ser atingida somente pela via negativa e é assim que ela é buscada na filosofia e na literatura, bem como na experiência sexual, ou com a ajuda de narcóticos, ou no crime "filosófico", "gratuito" e em linhas similares de horror. (Ao que parece, nunca ocorre a esses "criminosos" que agir com decência em relação a outro ser humano talvez pudesse também ser "gratuito".) Observadores inteligentes têm indicado que o respeito "espiritual" antigamente reservado a qualidades como justiça, coragem, temperança, misericórdia agora pode ser conquistado, em negativo, pelo grotesco. Muitas vezes penso que esse desenvolvimento está possivelmente relacionado ao fato de que boa parte do "valor" foi absorvida pela própria tecnologia. É "bom" levar eletricidade a uma região primitiva. A civilização e até mesmo a moralidade estão implícitas na transformação tecnológica. Não é bom dar pão aos famintos, dar roupa a quem não tem o que vestir? Não obedecemos a Jesus quando enviamos maquinarias ao Peru ou a Sumatra? O bem é facilmente realizado por máquinas de produção e transporte. A virtude pode competir com isso? As novas técnicas são em si mesmas bien pensants *e representam não apenas racionalidade, mas também benevolência. Assim, uma multidão, um rebanho de* bien pensants *tem sido levado ao niilismo, o qual, como hoje é bem sabido, tem raízes cristãs e morais e, como seu mais louco delírio, oferece uma análise racional "construtiva". (Ver Polyani, Herzog, et al.)*

Indivíduos românticos (uma multidão deles a esta altura) acusam esta civilização de massas de obstruir sua conquista de beleza, nobreza, integridade, intensidade. Não quero escarnecer do termo romântico. O romantismo conservou a "condição inspirada", preservou os ensinamentos poéticos, filosóficos e religiosos, os ensinamentos e registros de transcendência e as ideias mais generosas da humanidade, durante a maior e mais rápida das transformações, a mais acelerada fase da transformação científica e tecnológica moderna.

Por fim, Pulver, viver numa condição inspirada, conhecer a verdade, ser livre,

amar o outro, consumar a existência, conformar-se com a morte em plena clareza de consciência — sem o quê, fugindo e fingindo não ver para se esquivar da morte, o espírito espera com ansiedade ser imortal justamente porque não vive —, isso tudo já não é mais um projeto sublime para poucos escolhidos. Assim como as máquinas passaram a incorporar a noção de bem, a tecnologia de destruição também adquiriu um caráter metafísico. As questões práticas tornaram-se assim igualmente as questões supremas. A aniquilação não é mais uma metáfora. O Bem e o Mal são reais. A condição inspirada não é, portanto, um tópico visionário. Não está reservada a deuses, reis, poetas, sacerdotes, santuários, mas pertence à humanidade e à existência como um todo. E portanto...

Portanto, os pensamentos de Herzog, como aquelas máquinas nos galpões que ele ouvira ontem dentro do táxi, retido no trânsito na região das confecções, golpeavam e ribombavam com incessante — infinita! — fome, potência elétrica, costurando tecidos com inesgotável energia. Tendo se sentado de novo com seu paletó listrado, estava apertando entre os joelhos as pernas de sua escrivaninha, os dentes travados, o chapéu de palha cobrindo a testa. Escreveu: *A razão existe! A razão...* ouviu então o estrondo denso e surdo de tijolos desmoronando, o despedaçamento de madeira e vidro. *E a crença baseada na razão. Sem o que a desordem do mundo nunca será controlada pela mera organização. O relatório de Eisenhower sobre Metas Nacionais, se eu tivesse tido alguma coisa a ver com ele, teria levado em conta antes de tudo a existência privada e interior dos americanos... Deixei claro que meu artigo seria uma resenha desse relatório?* Pensou intensamente, profundamente, e escreveu: *Cabe a cada um mudar sua vida. Mudar!*

Consequentemente eu queria que você visse como eu, Moses E. Herzog, estou mudando. Peço seu testemunho para o milagre deste coração alterado — o modo como, ouvindo os sons da demolição do cortiço na quadra ao lado e contemplando a poeira branca de reboco no ar sereno da metamórfica Nova York, ele se comunica com os poderosos deste mundo, ou pronuncia palavras de entendimento e profecia, tendo providenciado ao mesmo tempo uma noite confortável e prazerosa — comida, música, vinho, conversação e intercurso sexual. Transcendência ou não transcendência. Muito trabalho e pouca diversão não é um bom remédio. Ike pescava trutas e jogava golfe; minhas

necessidades são outras. (Mais na veia da malícia espantada de Herzog.) O erótico deve ser admitido em seu lugar de direito, finalmente, numa sociedade emancipada que entende a conexão entre repressão sexual e doença, guerra, propriedade, dinheiro, totalitarismo. Ora, trepar é de fato socialmente construtivo e útil, um ato de cidadania. Então cá estou eu na obscuridade crescente do crepúsculo, com o paletó listrado nas costas, suando de novo depois de ter me lavado, barbeado, empoado, mordendo nervosamente meu lábio inferior, como que antecipando o que Ramona vai fazer com ele. Sem forças para rejeitar a piada hedonista que uma mastodôntica civilização industrial faz com os desejos espirituais, as ânsias ardentes de um Herzog, com seu sofrimento moral, sua busca do bom e do verdadeiro. Ao mesmo tempo, seu coração está doendo *desprezivelmente*. Teria vontade de chacoalhar esse coração, ou tirá-lo do peito. Despejá-lo. Moses odiava a humilhante comédia do sofrimento. Mas pode o pensamento acordar a gente do sonho da existência? Não se ele se tornar um segundo reino de confusão, um outro sonho mais complicado, o sonho do intelecto, a ilusão das *explicações* totais.

Tinha recebido uma vez uma significativa advertência da mãe de Daisy, Polina, quando se apaixonou durante algum tempo por sua amiga japonesa Sono, e Polina, a velha *suffragette* judia russa — por cinquenta anos uma mulher moderna em Zanesville, Ohio (de 1905 a 1935 o pai de Daisy dirigiu lá um caminhão de soda-pop) —, veio para cima dele. Na verdade, nem Polina nem Daisy sabiam coisa alguma sobre Sono Oguki na época. (Quantos romances!, pensou Herzog. Um depois do outro. Será que eles foram minha verdadeira carreira?) Mas... lá veio Polina, de cabelos grisalhos e quadris largos, com seu cesto de costura, uma pessoa elegante e determinada. Chegou com uma caixa de aveia Quaker cheia de strudel de maçã para Herzog — ele ainda sentia uma pontada ao pensar na perda do strudel dela; era mesmo o máximo. Mas estava ciente de que sua voracidade pelo doce era infantil, que havia questões adultas a ser decididas. Polina tinha a rigidez e a severidade características das mulheres emancipadas de sua geração. Outrora uma beldade, agora tinha aparência muito seca, com óculos de ouro octogonais e os esparsos pelos brancos de uma velha nos cantos da boca.

Falavam em iídiche. "O que você vai se tornar?", disse Polina, "*ein ausvurf*

— *ausgelassen*?". Proscrito — dissoluto? A velha dama era tolstoiana, puritana. Comia carne, no entanto, e era uma tirana. Era parcimoniosa, árida, asseada, respeitável e dominadora. Mas não havia nada tão picante, doce, macio e perfumado quanto seu strudel feito com açúcar mascavo e maçãs verdes. Era extraordinário o quanto de sensualidade ela punha naquelas fornadas. E ela nunca deu a receita a Daisy. "Bem, o que me diz disso?", disse Polina. "Primeiro uma mulher, depois outra, e mais outra. Onde isso vai parar? Você não pode abandonar uma esposa e um filho por essas mulheres — putas."

Eu nunca devia ter tido aquelas "explicações" com ela, pensou Moses. Era por acaso um ponto de honra me explicar a todo mundo? Mas como eu poderia explicar? Eu mesmo não entendia, não tinha a menor ideia.

Ele se agitou. Era bom se pôr a caminho. Estava ficando tarde. Era esperado no subúrbio. Mas ainda não estava pronto para sair. Apanhou uma nova folha de papel e escreveu *Querida Sono*.

Ela voltara para o Japão havia muito tempo. Quando foi isso? Revirou seus olhos para cima ao tentar calcular a extensão de tempo, e viu as nuvens brancas deslizando sobre Wall Street e o porto. *Eu não a censuro por ter voltado para casa*. Ela era uma pessoa de posses. Tinha uma casa no campo também. Herzog vira as fotos coloridas — uma paisagem rural oriental com coelhos, galinhas, porquinhos, uma fonte particular de água quente onde ela se banhava. Tinha uma foto do cego da aldeia que vinha lhe fazer massagem. Ela adorava massagens, acreditava nelas. Massageara Moses com frequência, e ele a massageara.

Você tinha razão quanto a Madeleine, Sono. Eu não devia ter casado com ela, devia ter casado com você.

Mas Sono nunca aprendera direito a falar inglês. Por dois anos, ela e Moses tinham conversado em francês — *petit nègre*. Ele escreveu: *Ma chère, Ma vie est devenue un cauchemar affreux. Si tu savais!* No Colégio McKinley, com uma solteirona medonha, a srta. Miloradovitch, ele aprendera seu francês. O curso mais útil que eu fiz.

Sono tinha visto Madeleine só uma vez, mas uma vez bastou. Ela me alertou

quando me sentei na sua poltrona Morris quebrada: “Moso, méfie toi. Prend garde, Moso”.

Ela possuía um coração meigo, e Herzog sabia que, se lhe escrevesse sobre a tristeza da sua vida, ela certamente choraria. Lágrimas instantâneas. Elas surgiam sem os habituais prelúdios ocidentais. Seus olhos negros se erguiam da superfície de suas faces do mesmo modo como seus seios se erguiam da superfície de seu corpo. Não, ele não lhe escreveria notícias tristes de nenhuma espécie, decidiu. Em vez disso, permitiu-se imaginá-la tal como talvez estivesse agora (era de manhã no Japão), banhando-se em sua fonte vaporosa, a boquinha aberta, cantando. Ela se banhava com frequência, e cantava durante o banho, os olhos voltados para o alto, os lábios graciosos e trêmulos. As canções eram doces e estranhas, delicadas, agudas, às vezes com sons parecidos com miados.

Durante o período conturbado em que ele estava se divorciando de Daisy e ia visitar Sono em seu apartamento no West Side, ela imediatamente enchia a pequena banheira e adicionava sais de banho da Macy’s. Desabotoava a camisa de Moses, tirava suas roupas, e quando o tinha instalado (“Cuidado agora, está quente”) na água revolta, espumante e perfumada, ela deixava cair sua anágua e entrava atrás dele, cantando aquela sua música vertical.

Chin-chin
Je te lave le dos
Mon Mo-so.

Quando menina, tinha ido morar em Paris, e a guerra a surpreendera lá. Estava de cama, com pneumonia, quando as tropas americanas entraram, e seguia doente quando foi repatriada via Estrada de Ferro Transiberiana. Não gostava mais do Japão, dizia; o Ocidente a desabilitara para a vida em Tóquio, e seu pai rico permitiu que ela fosse estudar design em Nova York.

Ela contou a Herzog que não sabia ao certo se acreditava em Deus, mas disse que se ele acreditasse ela tentaria também ter fé. Se, ao contrário, ele fosse comunista, ela estava preparada para ser também. Porque “les japonaises sont très fidèles. Elles ne sont pas comme les américaines. Bah!”. Ainda assim, as mulheres americanas também a divertiam. Ela muitas vezes recebia as senhoras

batistas que eram suas fiadoras no Departamento de Imigração. Preparava camarão ou peixe cru para elas ou as convidava para a cerimônia do chá. Moses às vezes esperava sentado na varanda do predinho em frente quando as senhoras demoravam para ir embora. Sono, com grande alegria — ela era ávida por intrigas (os abismos da intimidade feminina!) —, vinha até a janela e lhe dava um sinal, fingindo regar as plantas. Ela cultivava pequenas plantas — ginkgos, cáctus — em recipientes de iogurte.

No West Side, ela ocupava um apartamento de três quartos com pé-direito alto; nos fundos crescia um ailanto, e uma das janelas da frente continha um aparelho de ar-condicionado gigante; devia pesar uma tonelada. Pechinchas da rua 14 enchiam o apartamento — um sofá Chesterfield com excesso de estofamento, biombos de bronze, luminárias, cortinados de nylon, grande número de flores de cera, artigos de ferro fundido e arame retorcido e vidro. Ali Sono andava descalça de um lado para o outro, apoiando-se fortemente nos calcanhares. Seu corpo adorável estava sempre coberto inadequadamente por *négligés* até os joelhos, comprados em liquidações nas bancas perto da Sétima Avenida. Cada compra a envolvia em uma batalha com as outras caçadoras de liquidações. Erguendo excitada seu pescoço macio, ela contava a Herzog com gritinhos agudos o que tinha acontecido. "Chéri! J'avais déjà choisi mon tablier. Cette femme s'est foncée sur moi. Woo! Elle était noire! Moooan dieu! Et grande! Derrière immense. Immense poitrine. Et sans soutien-gorge. Tout à fait comme Niagara Fall. En chair noire." Sono inflou as bochechas e encurvou os braços como se estivesse sufocando de gordura, jogando a barriga para a frente, em seguida ostentando os quadris. "Je disais: 'Não, não, senhora. Cheguei primeiro'. Elle avait les bras comme ça — enflés. Et quelle gorge! Il y avait du monde au balcon. 'Não!', je disais. 'Não, não, senhora'." Com orgulho Sono mostrava as narinas dilatadas, tornava seus olhos agressivos e perigosos. Pousava uma das mãos nos quadris. Herzog, na poltrona Morris quebrada trazida da Assistência Católica, dizia: "Isso mesmo, Sono. Quem manda eles se meterem com a Samurai da rua 14?".

Na cama, ele costumava tocar as pálpebras de Sono de leve, enquanto ela sorria ali deitada. Aquelas pálpebras estranhas, complexas, macias e pálidas mantinham a marca do toque por um bom tempo. A *bem da verdade*, *nunca foi*

tão bom para mim, escreveu. *Mas eu carecia da força de caráter necessária para suportar tamanha alegria*. Isso não era uma piada. Quando um homem sente seu peito como uma gaiola da qual saíram voando todos os pássaros negros, ele está livre, está leve. E anseia pela volta de seus abutres. Sente falta de suas batalhas habituais, de seus trabalhos sem nome, vazios, de sua raiva, de suas aflições e de seus pecados. Naquele recanto de fausto oriental, empreendendo uma busca honrada — *honrada*, veja bem — pelo prazer vivificante, resolvendo para Moses E. Herzog o enigma do corpo (curando-se do distúrbio fatal do mundanismo que rejeita a felicidade mundana, esta praga ocidental, essa lepra mental), ele parecia ter encontrado o seu objeto. Mas com frequência ele se sentava taciturno, deprimido, na poltrona Morris. Maldita tristeza! Mas ela gostava até disso. Ela me via com os olhos do amor, e dizia: "Ah! T'es mélancolique — c'est très beau!". Vai ver que a culpa e a tristeza me faziam parecer oriental. Um olho taciturno, zangado, um lábio superior comprido — o que as pessoas costumavam chamar de cara de bobo chinês. Era *beau* para ela. E não admira que ela achasse que eu podia ser um comunista. O mundo devia amar os amantes; mas não os teóricos. Nunca os teóricos! Mostre-lhes a porta da rua. Senhoras, expulsem esses bastardos lúgubres! *Forra* daqui, melancolia odiosa! Fique *parra* sempre no *desertô cimerriô*.

Os três cômodos de pé-direito alto do apartamento de Sono tinham cortinas transparentes baratas fazendo as vezes de divisórias, como nos filmes do Extremo Oriente. Havia vários interiores. O mais íntimo era a cama, com lençóis verde-hortelã, ou clorofila desbotada, desarrumados, tudo em desordem. Depois do banho, o corpo de Herzog ficava vermelho. Depois de enxugá-lo e empoá-lo, ela o vestia com um quimono. Ele era seu satisfeito, mas ainda levemente relutante, boneco caucasiano. O tecido duro apertava embaixo dos braços quando ele se sentava nas almofadas. Ela lhe trazia chá em suas melhores xícaras. Ele a ouvia falar. Ela contava sobre os últimos escândalos da imprensa de Tóquio. Uma mulher mutilou seu amante infiel e foi encontrada com as partes amputadas dele em seu *obi*. Um maquinista de locomotiva cochilou num cruzamento e matou cento e cinquenta e quatro pessoas. A concubina do pai de Sono agora dirigia um Volkswagen. Ela estacionava no portão da casa, pois não tinha permissão para entrar no jardim. E Herzog

pensava... será que isso é mesmo possível? Todas as tradições, paixões, renúncias, virtudes, joias e obras-primas da disciplina hebraica e todo o resto — retórica, em boa parte, mas contendo fatos reais — me trouxeram a estes lençóis verdes desarrumados, a este colchão cheio de ondulações? Como se alguém se importasse com o que ele estava fazendo ali. Como se aquilo afetasse de algum modo o destino do mundo. Era problema dele. "Tenho o direito", sussurrava Herzog, embora seu rosto não se mexesse nem mudasse de expressão. Muito bem. Os judeus foram estranhos ao mundo por um longo período de tempo, e agora o mundo está sendo estranho a eles em retribuição. Sono trazia uma garrafa e incrementava o chá dele com conhaque ou Chivas Regal. Depois de tomar, ela própria, alguns goles, dava um resmungo brincalhão. Herzog não conseguia deixar de rir. Sono exibia então seus rolos de gravuras. Gordos mercadores cortejavam garotas magras que desviavam os olhos enquanto eles se declaravam. Moses e Sono se sentavam de pernas cruzadas na cama. Ela apontava uma coisa e outra, piscando muito e exclamando e pressionando seu rosto redondo contra o dele.

Sempre havia alguma coisa fritando ou fervendo na cozinha dela, um cubículo escuro cheirando a peixe, óleo de soja, aletria de algas, velhas folhas de chá. O encanamento estava sempre com problemas. Ela queria que Herzog conversasse com o zelador negro, que ria dela quando ela solicitava um serviço. Sono tinha dois gatos; a tigela deles nunca estava limpa. Quando Herzog estava no metrô, indo visitá-la, já começava a sentir os cheiros do apartamento. A escuridão deles atravessava seu coração. Desejava Sono com violência, e com igual violência não queria ir. Mesmo agora ele sentia a febre, revivia os cheiros, experimentava a dificuldade. Tremia quando tocava a campainha dela. A corrente retinia, ela abria a grande porta e lançava os braços em torno do seu pescoço. Seu rosto estava elaboradamente maquiado, e ela cheirava a almíscar. Os gatos tentavam fugir. Ela os capturava, e então gritava — sempre o mesmo grito:

"Moso! Je viens de rentrer!"

Ela estava sem fôlego. Tinha corrido para encontrá-lo e entrar em casa alguns segundos antes dele. Por quê? Por que ela sempre tinha que fazer as coisas em cima da hora? Talvez para mostrar que tinha uma vida independente e ativa;

que não ficava sentada esperando. A grande porta arqueada no alto deixava-o entrar. Sono a trancava de novo com corrente e cadeado (precauções de uma mulher que morava sozinha; mas ela disse que o zelador tentava entrar sem bater). Herzog, com o coração aos pulos, mas o rosto sereno, olhava em volta com dignidade de cara-pálida para as tapeçarias (marrom-avermelhado, carmesim, verde) e a lareira abarrotada de embalagens das últimas compras dela, a mesa de projetos onde ela fazia sua lição de casa e onde os gatos se empoleiravam. Ele sorria para a ansiosa Sono e sentava na poltrona Morris. "Mauvais temps, eh chéri?", dizia ela, e começava imediatamente a animá-lo. Tirava seus sapatos miseráveis, contando a ele onde tinha estado. Umas senhoras adoráveis da Ciência Cristã a tinham convidado para um concerto no Cloisters. Ela assistira a uma sessão dupla no cine Thalia — Danielle Darrieux, Simone Signoret, Jean Gabin e Harry Bow-wow. A Sociedade Nipo-Americana a convidou ao edifício das Nações Unidas, onde ela apresentou flores para o Nizam de Hyderabad. Por intermédio de uma missão comercial japonesa ela conheceu também o sr. Nasser e o sr. Sukarno e o secretário de Estado e o presidente. Esta noite ela precisava ir a um clube noturno com o ministro do Exterior da Venezuela. Moses tinha aprendido a não duvidar dela. Ela sempre mostrava uma foto de clube noturno na qual ela aparecia sentada, linda e sorridente, com um vestido decotado nas costas. Ela possuía um autógrafo de Mendès-France num cardápio. Nunca pediria a Herzog para levá-la ao Copacabana. Isso era um sinal do seu respeito pela profunda seriedade dele. "T'es philosophe. O mon philosophe, mon professeur d'amour. T'es très important. Je le sais." Ela o considerava acima de reis e presidentes.

Enquanto colocava a chaleira no fogo para o chá de Herzog, ela nunca deixava de descrever da cozinha os acontecimentos do seu dia, com a voz no último volume. Ela viu um cachorro de três patas que fez um caminhão dar uma guinada e abalroar um carrinho de mão. Um motorista de táxi quis dar a ela seu papagaio, mas os gatos iriam matá-lo. Ela não podia aceitar tamanha responsabilidade. Uma velha que pedia esmolas — *vieille mendiante* — a convenceu a comprar um exemplar do *Times* para ela. Era tudo o que a velha criatura queria, aquele *Times* matinal. Um policial disse que daria a Sono uma multa por atravessar a rua sem cuidado. Um homem tinha se exibido

obscenamente atrás de um pilar do metrô. "Oooooh, c'était honteux — quelle chose!" Fez um gesto de medir com as mãos. "Mais de um palmo, Moso. Très laide."

"Ça t'a plu", Moses disse sorrindo.

"Oh, não! Moso, não! Elle était vilain." Ela estava, no entanto, deliciosamente excitada. Moses a contemplava com doçura, com desconfiança também, talvez, recostando-se elegantemente na poltrona reclinável quebrada. A febre que ele sentira quando estava vindo agora começava a baixar. Até mesmo os cheiros nunca eram tão ruins como ele previa. Os gatos estavam menos ciumentos dele. Aproximavam-se para ganhar carícias. Ele se acostumou a seus miados siameses, mais apaixonados e famintos que os dos gatos americanos.

Então ela dizia: "Et cette blouse — combien j'ai payé? Dis-moi".

"Você pagou — deixa eu ver — pagou três dólares por ela."

"Não, não", gritava ela, "sessenta centavos. Saldos!"

"Impossível. Ora, essa coisa vale cinco contos. Você deve ser a melhor compradora de Nova York."

Satisfeita, ela lhe dava uma piscadela radiante e tirava suas meias, esfregando seus pés. Trazia-lhe chá e despejava nele uma dose dupla de Chivas Regal. Para ele, ela reservava o que havia de melhor. "Veux-tu ovos mexidô, chéri-koko? As-tu faim?" Uma chuva fria estava matando Nova York com suas agulhas de gelo. *Quando passo em frente à Northwest Orient Airlines, sempre tenho ímpetos de perguntar o preço de uma passagem para Tóquio*. Ela punha molho de soja nos ovos. Herzog comia e bebia. Toda a comida era salgada demais. Ele engolia uma grande quantidade de chá. "Vamos tomar banho", dizia Sono, e começava a desabotoar a camisa dele. "Tu veux?"

Chás e banhos — o vapor da água fervente soltou o papel de parede do reboco verde que havia por baixo. O grande rádio, através do tecido dourado da caixa acústica, tocava a música de Brahms. Os gatos brincavam com cascas de camarão embaixo das cadeiras.

"Oui — je veux bien", dizia ele.

Ela ia abrir a torneira. Ele a ouvia cantar enquanto jogava na banheira sais de lilás e sabonete em pó.

Eu me pergunto quem a está esfregando agora.

Sono não pedia grandes sacrifícios. Não queria que eu trabalhasse para ela, que eu mobiliasse sua casa, sustentasse seus filhos, que fosse assíduo nas refeições ou que abrisse contas em lojas caras; pedia apenas que eu estivesse com ela de quando em quando. Mas algumas pessoas vivem em guerra com as melhores coisas da vida e as desvirtuam em fantasias e sonhos. O francês iídiche que falávamos era divertido, mas inocente. Ela não me dizia as meias verdades e as mentiras sujas que eu ouvia em minha própria língua, e minhas frases declarativas simples não podiam lhe causar muito dano. Outros homens tinham abandonado o Ocidente à procura justamente disso. E isso me era entregue na cidade de Nova York.

O banho não deixava de ter seus dissabores ocasionais. Às vezes Sono examinava o corpo de Herzog em busca de sinais de que ele era infiel. Fazer amor, ela estava convencida, deixava os homens mais magros. "Ah!", dizia ela. "Tu as maigri. Tu fais amour?" Ele negava, mas ela sacudia a cabeça, sem deixar de sorrir, embora seu rosto ficasse endurecido e amargo. Ela se recusava a acreditar nele. Mas por fim o perdoava. Com o bom humor de volta, ela o colocava na banheira, entrando nela atrás dele. Cantando, ou rosnando de brincadeira ordens num japonês militar. Mas a paz tinha voltado. Banhavam-se. Ela esticava os pés para que ele os ensaboasse. Mergulhava na água um prato de plástico e o despejava sobre a cabeça dele. Esvaziando por fim a banheira, ela abria o chuveiro para eliminar a espuma que tinha ficado, e eles ficavam em pé juntos sob a ducha, sorrindo. "Tu seras bien propre, chéri-koko."

Sim, ela me deixava muito limpo. Com deleite e com pesar, Herzog rememorava tudo aquilo.

Eles se enxugavam com toalhas turcas da rua 14. Ela o vestia com o quimono, beijando seu tórax. Ele beijava as palmas das mãos dela. Os olhos dela eram ternos, perspicazes, mostravam vez por outra uma luz viçosa; ela sabia onde investir sua sensualidade e como incrementá-la. Sentava-o na cama, e ali lhe servia o chá. Seu concubino. Sentavam-se de pernas cruzadas, bebericando das xicrinhas, olhando os rolos de gravuras. A porta estava trancada com cadeado, o telefone fora do gancho. Trêmulo, o rosto de Sono se aproximava, e ela tocava a bochecha dele com seus lábios de carpa. Ajudavam um ao outro a despir os

trajes orientais. “Doucement, chéri. Oh, lentement. Oh!” Revirando os olhos de tal modo que ele só via as partes brancas.

Ela tentou me explicar uma vez que a Terra e os planetas tinham sido sugados do Sol por uma estrela em trânsito. Como se um cachorro passasse por um arbusto e liberasse mundos. E naqueles mundos a vida aparecia, e no interior dessa vida seres como nós — almas. E criaturas ainda mais estranhas que nós, disse ela. Gostei de ouvir isso, mas não a entendi muito bem. Eu sabia que estava retardando sua volta ao Japão. Por minha causa, ela desobedeceu ao pai. Sua mãe morreu, e Sono não mencionou isso durante semanas. E uma vez ela disse: “Je ne crains pas la mort. Mais tu me fais souffrir, Moso”. Eu tinha ficado um mês sem visitá-la. Ela tinha tido pneumonia de novo. Ninguém tinha vindo vê-la. Ela estava fraca e pálida, e chorou e disse: “Je souffre trop”. Mas não o deixou consolá-la; tinha ouvido dizer que ele estava se encontrando com Madeleine Pontritter.

Ela disse, no entanto: “Elle est méchante, Moso. Je suis pas jalouse. Je ferai amour avec un autre. Tu m’as laissée. Mais elle a les yeux très froids”.

Ele escreveu: *Sono, você tinha razão. Pensei que talvez você gostasse de saber. Os olhos dela são muito frios.* Ainda assim, são os olhos dela, e o que ela pode fazer quanto a isso? Não seria prático, para ela, odiar a si mesma. Por sorte, Deus manda um substituto, um marido.

Ah, no meio de tais constatações, um homem precisa de algum consolo. Herzog mais uma vez se aprumou para sua visita a Ramona. Diante da porta, com a longa haste de metal da trava de segurança na mão, sua memória procurava por certo título de canção. Seria “Just one more kiss”? Não, essa não. Nem “The curse of an aching heart”. “Kiss me again.” Isso mesmo. Achou muito engraçado, e o riso o tornou desajeitado para armar a complicada tranca que protegia seus bens mundanos. Existiam três bilhões de seres humanos, cada um deles com *algumas* posses, cada um é um microcosmo, cada um infinitamente precioso, cada um com um tesouro peculiar. Há um jardim distante onde florescem objetos curiosos, e ali, num adorável lusco-fusco esverdeado, o coração de Moses E. Herzog pende como um pêssego.

Preciso dessa excursão como de um buraco na cabeça, pensou enquanto girava a chave. Mesmo assim, estava indo, não estava? Estava pondo a chave no bolso. E agora chamando o elevador. Ficou escutando os sons do mecanismo, os cabos vibrando. Desceu sozinho, cantarolando de boca fechada "Kiss me" e tentando captar, como se fosse um fio elusivo e frágil, a razão pela qual essas velhas canções estavam percorrendo sua cabeça. Não a razão óbvia. (Estava com o coração partido, ia em busca de ser beijado.) A razão recôndita (se é que valia a pena encontrá-la). Estava contente de sair ao ar livre, de respirar. Enxugou o suor da faixa interna do chapéu de palha com o lenço — estava quente no elevador. E quem usava um chapéu como aquele, um blazer como aquele? Ora, Lou Holtz, claro, o velho comediante de vaudeville. Ele cantava: "Apanhei um limão no jardim do amor, onde dizem que só crescem *pêssegos*". O rosto de Herzog se iluminou de novo com um sorriso. O velho Teatro Oriental de Chicago. Três horas de entretenimento por um quarto de dólar.

Na esquina ele parou para observar o trabalho da equipe de demolição. A grande bola de metal balançava no ar e atingia as paredes, atravessava facilmente os tijolos e entrava nos cômodos, pêndulo indolente xeretando cozinhas e salas. Tudo o que ela tocava estremecia e rebentava, desmoronando. Erguia-se uma tranquila nuvem branca de pó de reboco. A tarde estava terminando, e na área em expansão da demolição havia fogo, alimentado pelos escombros. Moses ouvia o ar, aspirado lentamente para moderar as chamas, sentia o calor. Os trabalhadores, alimentando a fogueira com madeira, arremessavam pedaços de batente como se fossem lanças. Pintura e verniz fumegavam como incenso. O velho assoalho queimava docemente — o funeral de objetos exauridos. Andaimes cercados de portas róseas, brancas e verdes estremeciam enquanto os caminhões de seis rodas levavam embora os tijolos caídos. O sol, agora partindo para New Jersey e para o oeste, estava rodeado por uma bruma ofuscante de gases atmosféricos. Herzog observou que as pessoas estavam salpicadas de manchas vermelhas, e ele próprio ficou respingado nos braços e no peito. Atravessou a Sétima Avenida e entrou no metrô.

Afastando-se do fogo e da poeira, ele desceu depressa a escada para o subsolo, ouvindo o som de um trem, tateando as moedas no bolso, procurando um bilhete de metrô. Aspirou os odores de pedra, de urina, acremente tonificantes,

os cheiros de lubrificantes e de ferrugem, sentiu a presença de uma corrente de urgência, velocidade ou infinito desejo, possivelmente relacionada ao impulso dentro de si mesmo, a sua própria vitalidade nervosa transbordante. (Paixão? Histeria, quem sabe? Ramona talvez o aliviasse por meios sexuais.) Respirou fundo, aspirando interminavelmente o ar úmido e mofado, sentindo pontadas nos ombros à medida que o peito se expandia, mas sem parar. Então deixou o ar sair devagar, muito devagar, para baixo, para baixo, contra a barriga. Fez de novo e de novo, e se sentiu melhor com isso. Enfiou o dinheiro da tarifa na fenda e viu dentro da caixa uma série de bilhetes iluminados de dentro para fora e ampliados pelo vidro. Incontáveis milhões de passageiros tinham polido a madeira da catraca com seus quadris. Disso emergia um sentimento de comunhão — a fraternidade em uma de suas formas mais baratas. Isso era sério, pensou Herzog ao passar pela catraca. Quanto mais os indivíduos são destruídos (por processos como os que conheço), pior é o seu anseio pela coletividade. Pior porque eles voltam para a massa agitados, tornados veementes por seu fracasso. Não como irmãos, mas como degenerados. Pondo em prática um consumo feroz do amor feijão com arroz. Desse modo ocorre uma segunda distorção da imagem divina, já tão borrada, oscilante, sacudida. A verdadeira questão! Ficou em pé, olhando para os trilhos. A questão mais verdadeira!

A hora do rush tinha terminado. Vagões quase vazios eram cenários de descanso e paz, controladores liam jornais. Esperando por seu expresso para o centro, Herzog fez uma excursão pela plataforma, contemplando os cartazes mutilados — dentes pintados de preto, costeletas rabiscadas, genitais cômicos em forma de foguetes, cópulas ridículas, slogans e palavras de ordem. *Muçulmanos, o inimigo é branco. Ao diabo com Goldwater, judeus! Chicanos comem* MERDA. *Telefone, se eu gostar da sua voz vou cair matando.* E, por um cínico esperto, *Se baterem em você, ofereça a outra face*. Imundície, loucura irascível, as orações e o humor da multidão. Pequenos trabalhos da Morte. Transdescendência — era o novo termo da moda para isso. Herzog examinou cuidadosamente todos aqueles escritos, fazendo sua própria enquete de opinião pública. Presumia que os artistas desconhecidos fossem adolescentes. Desafiando a autoridade. Imaturidade, uma nova categoria política. Problemas relacionados com a crescente emancipação mental de pessoas sem qualificação

e inimpregáveis. Melhor os Beatles. Ainda para preencher o tempo, Herzog parou para olhar a balança. O espelho era cercado com arame — não podia ser quebrado a não ser por um maníaco engenhoso. Os bancos eram parafusados no chão; as máquinas de venda de doces, trancadas com cadeado.

Um bilhete para Willie, o Ator, o famoso ladrão de bancos agora cumprindo prisão perpétua. *Caro sr. Sutton, o estudo das fechaduras*. Dispositivos mecânicos e o gênio ianque... Começou de novo, *Só comparável a Houdini*, Willie nunca portou uma arma. No Queens, uma vez, usou uma pistola de brinquedo. Disfarçado de mensageiro da Western Union, entrou no banco e o dominou com sua pistola de espoleta. O desafio era irresistível. Não o dinheiro, propriamente, mas o problema de consegui-lo, e o problema associado de fugir. De ombros estreitos, de faces chupadas e garboso bigode cerrado, empapuçados olhos azuis no alto, Willie ficava pensando nos bancos. Estirado em sua cama no Brooklyn, sugando um cigarro, de chapéu e um par de sapatos de bico fino, tinha visões de telhados que levavam a telhados, de linhas de eletricidade, conexões de canos de esgoto, caixas-fortes. Todos os cofres se abriam ao seu toque. O gênio não dava sossego ao mundo. Ele tinha enterrado seu butim em Flushing Meadows, em latas. Poderia ter se aposentado. Mas saiu para dar uma volta, viu um banco, uma oportunidade criativa. Dessa vez foi pego e foi para a cadeia. Mas planejou uma grande fuga, fez um elaborado levantamento mental e traçou um plano magistral, rastejou por encanamentos, cavou sob as paredes. Quase conseguiu. As estrelas já estavam à vista. Mas os guardas estavam à sua espera quando ele finalmente subiu à superfície. Levaram-no de volta — aquela pessoa insignificante, o artista da fuga; um dos maiores, *e não muito atrás de Houdini, também. Motivo: A força e a completude de todos os sistemas humanos devem ser continuamente testadas, defraudadas, mesmo que se arrisque a liberdade, a vida*. Agora ele é um condenado à prisão perpétua. Dizem que ele tem uma coleção de Grandes Livros, que se corresponde com o bispo Sheen...

Caro dr. Shrodinger, Em O que é a vida? *o senhor diz que em toda a natureza só o homem hesita em causar dor. Já que a destruição é o método primordial pelo qual a evolução produz novos tipos, a relutância em causar dor pode expressar um desejo humano de obstruir a lei natural. O cristianismo e sua religião genitora, alguns curtos milênios, com reviravoltas assustadoras...* O trem tinha parado, a

porta já estava se fechando quando Herzog se levantou num salto e espremeu-se para dentro do vagão. Segurou-se numa alça. O expresso voou cidade adentro. Esvaziou-se e voltou a se encher na Times Square, mas ele não sentou. Dava muito trabalho se deslocar até a saída depois. Agora, onde estávamos? *Nos seus comentários sobre a entropia... Como o organismo se mantém contra a morte — em suas palavras, contra o equilíbrio termodinâmico... Sendo uma organização instável de matéria, o corpo ameaça escapar de nós. Ele parte. Ele é real. Ele! Não nós! Não eu! Esse organismo, enquanto tem o poder de manter sua própria forma e sugar o que precisa de seu ambiente, atraindo uma corrente negativa de entropia, o ser de outras coisas que ele usa, devolvendo ao mundo o resíduo em forma mais simples. Excrementos. Dejetos nitrogenados. Amônia. Mas a relutância em causar dor se casa com a necessidade de devorar... o resultado é um peculiar subterfúgio humano, que consiste em admitir e negar os males ao mesmo tempo. Para ter uma vida humana, e também uma vida inumana. Na verdade, para ter tudo, para combinar todos os elementos com imenso engenho e voracidade. Mastigar, engolir. Ao mesmo tempo se compadecer da sua comida. Ter sentimento. Ao mesmo tempo se comportar brutalmente. Foi sugerido (e por que não!) que a relutância em causar dor é na verdade uma forma extrema, uma forma deliciosa de sensualidade, e que aumentamos os requintes da dor por meio da injeção de um* páthos *moral. Operando deste modo dos dois lados da rua. Não obstante, há realidades morais,* Herzog garantiu ao mundo todo enquanto segurava sua alça no vagão que corria, *tão certo quanto há realidades moleculares e atômicas. No entanto, é necessário contemplar abertamente as piores possibilidades. Na verdade, não temos escolha quanto a isso...*

Aquela era sua estação, e ele subiu correndo as escadas. As catracas giratórias matraqueavam suas múltiplas barras e engrenagens atrás dele. Passou correndo pela bilheteria, onde havia um homem sentado sob uma luz da cor de chá forte, e subiu aos pulos dois lanços de escada. Na boca da saída ele parou para tomar fôlego. Acima dele o vidro floreado, cinzento e protegido por arame, e a Broadway densa e azul no lusco-fusco, quase tropical; aos pés das ruas Oitenta e poucos, ladeira abaixo, estendia-se o Hudson, espesso como mercúrio. Na extremidade das torres de rádio em New Jersey, luzes vermelhas como pequenos corações pulsavam ou tremeluziam. Na rua, nos bancos, gente velha:

nos rostos, nas cabeças, as marcas fortes do declínio: as pernas volumosas das mulheres e os olhos embotados dos homens, bocas encovadas e narinas pretas como tinta. Era a hora habitual dos morcegos com seus andrajosos voos rasantes (Ludeyville), ou dos pedaços de papel (Nova York) que faziam Herzog lembrar dos morcegos. Um balão solto estava escapulindo como um espermatozoide, negro e veloz na poeira laranja do oeste. Herzog atravessou a rua, fazendo um desvio para evitar a fumaça de linguiça e frango grelhados. A multidão flanava pela larga calçada. Moses tinha um vivo interesse pelo público da cidade, por seu espírito teatral, suas figuras performáticas — os travestis pintados com grande originalidade, as mulheres de peruca, as lésbicas parecendo tão masculinas que era preciso esperá-las passar e vê-las pelas costas para determinar seu verdadeiro sexo, tinturas de cabelo de todos os matizes. Sinais em quase todos os rostos que passavam de uma interpretação ou comentário mais profundo do destino — olhos que ostentavam declarações metafísicas. E até mesmo mulheres devotas que trilhavam o caminho do antigo dever, ainda, comprando carne kosher.

Herzog tinha visto muitas vezes George Hoberly, o amigo de Ramona antes dele, seguindo-o com os olhos, parado diante de uma ou outra daquelas portas. Era magro, alto, mais jovem que Herzog, vestido corretamente em roupas Ivy League da Madison Avenue, óculos escuros em seu rosto magro e triste. Ramona, acentuando o "nada", dizia não sentir nada por ele além de pena. As duas tentativas de suicídio dele provavelmente a fizeram se dar conta do quanto era indiferente a seu respeito. Moses tinha aprendido com Madeleine que, quando uma mulher terminava com um homem, terminava com ele completamente. Mas nesta noite ocorria a ele que, uma vez que Ramona dava muita atenção aos estilos dos homens e frequentemente tentava guiar suas escolhas, Hoberly talvez estivesse vestindo as roupas que ela escolhera para ele. Ele é inutilmente atraente, nas insígnias de sua antiga felicidade e amor, como o rato treinado na experiência de frustração. Até mesmo ser chamada pela polícia e ter que correr até Bellevue no meio da noite para estar a seu lado entedia Ramona agora. O mercado inteiro dos sentimentos-e-sensações fechou — o choque e o escândalo atingiram um preço fora do alcance do homem médio. Você tem que fazer mais do que aspirar um pouco de gás, ou cortar os

pulsos. Maconha? Zero! Surubas? Nada! Devassidão? Uma palavra de museu de tempos pré-libidinosos! Estava chegando rapidamente o dia — Herzog em seu estado editorial — em que só uma prova de que você está desesperado o habilitará a votar, em vez da declaração de renda, da taxa eleitoral, do teste de alfabetização. Você tem que estar desamparado. Antigos vícios, agora referências de saúde. Tudo mudando. Confissão pública de cada ferida profunda que antigamente era suportada como se nada estivesse errado. Um bom tema: a história da compostura nas sociedades calvinistas. Quando cada homem, sentindo a terrível condenação, tinha que se comportar como um dos eleitos. Tais terrores históricos — toda agonia do espírito — devem ser todos finalmente trazidos à luz. Herzog começou a ficar quase ansioso para ver Hoberly, para dar outra olhada em seu rosto devastado pelo sofrimento, pela insônia, pelas noites de comprimidos, bebidas, orações — seus óculos escuros, seu chapéu quase sem aba. Amor não correspondido. Hoje em dia chamado de dependência histérica. Havia ocasiões em que Ramona falava de Hoberly com grande compaixão. Dizia que tinha chorado com uma de suas cartas ou presentes. Ele continuava lhe mandando bolsas e perfumes, e longos trechos do seu diário. Tinha lhe mandado até uma grande soma em dinheiro. O dinheiro ela passou para tia Tamara. A velha senhora abriu uma conta de poupança para ele. Ao menos renderia um pouco. Hoberly era apegado à velha. Moses também gostava dela.

Tocou a campainha de Ramona e a porta do saguão se abriu imediatamente com um zumbido. Era assim que ela mostrava consideração. Mais uma atenção delicada. A chegada do seu amante nunca era tratada como rotina. O elevador deixou as pessoas saírem — um sujeito com uma fronte compacta, um olho fechado, fumando um charuto de cheiro forte; uma mulher com dois chihuahuas, esmalte vermelho nas unhas combinando com a trela dos cachorros. E talvez, no redemoinho dos vapores da rua, através de duas portas de vidro, seu rival o estivesse observando. Moses subiu. No décimo quinto andar Ramona deixara a porta entreaberta, com o pega-ladrão. Não queria ser surpreendida pelo homem errado. Quando viu Moses, tirou a correntinha e tomou sua mão, puxando-o para o seu lado. Ofereceu-lhe a face, que pareceu a Herzog rechonchuda e muito quente. Seu perfume saltou sobre ele. Ela vestia

uma blusa branca de cetim, cortada de modo a sugerir a ondulação de um xale e deixando à mostra uma parte do busto. Seu rosto estava afogueado; ela não precisava adicionar a cor do blush. "Estou contente em ver você, Ramona. Muito contente", disse ele. Abraçou-a, descobrindo em si mesmo uma súbita avidez, um apetite pelo contato. Beijou-a.

"E você — está contente em me ver?"

"Sim! Sim!"

Ela sorriu e fechou a porta, trancando-a de novo com o cadeado. Levou Herzog pela mão ao longo do corredor sem tapete onde seus saltos faziam um estrépito militar. Isso o excitava. "Agora", disse ela, "vamos examinar a elegância de Moses." Pararam diante do espelho ornado de ouro. "Você tem um belo chapéu de palha. E que casaco! O casaco de listras coloridas."

"Você aprova?"

"Com certeza. É um lindo casaco. Você parece indiano com ele, com sua cor escura."

"Posso entrar no grupo de Bhave."

"O que é isso?"

"Distribuição de grandes propriedades entre os pobres. Eu vou ceder Ludeyville."

"É melhor você me consultar antes de dar início a outro programa de doações. Vamos tomar um drinque? Talvez você queira lavar o rosto enquanto preparo as bebidas."

"Fiz a barba antes de sair de casa."

"Você parece estar com calor, como se tivesse corrido, e tem fuligem no rosto."

Ele devia ter se encostado num pilar do metrô. Ou talvez fosse uma farrusca da fogueira de entulho. "Sim, entendi."

"Vou pegar uma toalha para você, querido", disse Ramona.

No banheiro, Herzog jogou a gravata para as costas, por sobre o ombro, para evitar que ela caísse na pia. Era um pequeno cômodo suntuoso, com luz indireta (uma gentileza para com rostos fatigados). A longa torneira brilhava, a água saía com força. Cheirou o sabonete. *Muguet*. Sentiu a água muito fria nas unhas. Lembrou-se do velho ritual judeu de ablução, e da palavra na *Hagadá*,

Rachatz! "Tu te lavarás." Era obrigatório também se lavar depois de voltar do cemitério (*Beth Olam* — a Morada da Multidão). Mas por que pensar em cemitérios e funerais agora? A menos que... a velha piada sobre o ator shakespeariano no bordel. Quando ele tirou a calça, a puta na cama deu um assobio. Ele disse: "Senhora, viemos aqui para enterrar César, não para louvá-lo". Como as piadas ginasianas grudam na gente!

Abriu a boca sob a torneira aberta e deixou a água escorrer também pelos olhos fechados, ofegando com satisfação. Largos discos de brilho iridescente nadavam sob suas pálpebras. Escreveu a Espinosa: *Você disse que pensamentos não conectados de modo causal causam sofrimento. Penso que seja bem esse o caso. Livre associação, quando o intelecto se mantém passivo, é uma forma de servidão. Ou antes, toda forma de servidão é então possível. Pode lhe interessar saber que no século xx se acredita que a livre associação revela os segredos mais profundos da psique*. Tinha consciência de que estava escrevendo para os mortos. Para trazer as sombras de grandes filósofos aos dias de hoje. Mas por que não deveria escrever aos mortos? Convivia com eles tanto quanto com os vivos — talvez até mais; além disso, suas cartas aos vivos eram cada vez mais mentais, e de todo modo, para o Inconsciente, o que era a morte? Os sonhos não a reconheciam. *Acreditar que a razão possa progredir continuamente da desordem à harmonia e que a conquista do caos não precise começar do zero a cada dia*. Como eu queria isso! Como eu queria que fosse assim! Como Moses rezava por isso!

Quanto à relação de Herzog com os mortos, era mesmo muito ruim. Ele de fato acreditava em deixar os mortos enterrarem seus próprios mortos. E que a vida só era vida quando compreendida claramente como um morrer. Abriu o grande armário de remédios. Costumavam construir em grande escala na velha Nova York. Fascinado, examinou os frascos de Ramona — tonificante de pele, loção estrogênica, antiperspirante Bonnie Belle. Então uma coisa carmesim com a prescrição — duas vezes ao dia para desconforto estomacal. Cheirou-a e achou que devia conter beladona — calmante para o estômago, midriática para os olhos. Feito da mortal doce-amarga. Havia também pílulas para cólica menstrual. Por algum motivo, não achava que Ramona fosse do tipo. Madeleine sim, costumava berrar. Tinha que levá-la de táxi ao St. Vincent, onde ela

chorava pedindo uma injeção de Demerol. Aquelas coisas com aspecto de fórceps ele achava que deviam ser para curvar os cílios. Pareciam as pinças de comer escargot de um restaurante francês. Cheirou a meia-luva de limpeza. Especialmente para os cotovelos e calcanhares, pensou, para esfregar as calosidades. Pressionou a alavanca da descarga com o pé; a água desceu com força silenciosa; as privadas dos pobres sempre faziam barulho. Aplicou um pouco de brilhantina nas pontas secas do cabelo. Sua camisa estava molhada de suor, é claro, mas ela estava usando perfume suficiente para os dois. E, à parte isso, como ele estava? Tudo somado, nada mal. A beleza termina em ruína, inevitavelmente. O continuum espaço-tempo reivindica seus elementos, levando a gente embora pedaço por pedaço, e então vem de novo o vazio. Mas é melhor o vazio do que o tormento e o cansaço de um caráter incorrigível, fazendo sempre as mesmas gracinhas, repetindo as mesmas desgraças. Mas aqueles instantes de desgraça e dor podiam parecer eternos, de tal modo que, se um homem pudesse captar a eternidade desses momentos dolorosos e lhes dar um conteúdo diferente, faria uma revolução. Que tal isso?

Deixando a toalha bem firme em volta da mão, como um barbeiro, Herzog enxugou as gotas de umidade no alto da testa. Em seguida achou que devia se pesar. Antes usou a privada, para ficar um pouco mais leve, depois tirou os sapatos sem se curvar e subiu à balança com um suspiro de velho. Entre os dedões dos pés o ponteiro ultrapassou a marca dos setenta e sete quilos. Estava recuperando o peso que tinha perdido na Europa. Forçou os pés para dentro dos sapatos de novo, pisando forte com os calcanhares, e voltou para a sala de estar de Ramona — sua sala de estar e de dormir. Ela o esperava com dois copos de Campari. O gosto era agridoce e o aroma um tanto gasoso — por conta da soda. Mas o mundo inteiro estava bebendo aquilo, e Herzog também bebeu. Ramona tinha esfriado os copos na geladeira.

"*Salud.*"

"*Sdrutch!*", disse ele.

"Sua gravata está pendurada nas costas."

"Está?" Puxou-a de volta para a frente. "Sou desligado. Uma vez enfiei as costas do paletó por dentro das calças, saindo do banheiro dos homens, e entrei na classe para dar aula."

Ramona pareceu espantada por ele contar uma história como aquela sobre si mesmo. "Isso não foi terrível?"

"Bom não foi. Mas deve ter sido libertador para os alunos. O professor é mortal. Além do mais, a humilhação não o destruiu. Isso deve ter sido mais valioso que o curso em si. Na verdade, uma das mocinhas me disse depois que eu era muito humano — um alívio e tanto para todos nós..."

"O que é engraçado é que você responde por completo qualquer pergunta. Você é um homem engraçado." Simpaticamente afetuosa; seus grandes dentes perfeitos, seus ternos olhos escuros, realçados por linhas pretas, sorriam para ele. "Mas é o jeito como você tenta parecer rude ou indiferente — como um sujeito de Chicago — que é ainda mais divertido."

"Por que divertido?"

"É uma pose. Bazófia. Não é você de verdade." Ela encheu de novo o copo dele e se levantou para ir à cozinha. "Tenho que dar uma olhada no arroz. Vou botar uma música egípcia para manter seu bom humor." Um largo cinto de couro envernizado realçava sua cintura. Ela se curvou sobre a vitrola.

"O cheiro da comida está delicioso."

Mohammad al Bakkar e sua banda começaram com tambores e pandeiros, e em seguida vieram um fragor de cordas e o som áspero de instrumentos de sopro. Uma débil voz gutural começou a cantar: "Mi Port Said...". Herzog, sozinho na sala, contemplou os livros, os programas de teatro, as revistas, as fotografias. Uma moldura Tiffany enquadrava uma foto de Ramona menina — aos sete anos de idade, uma criança esperta recostada numa fileira de bichos de pelúcia, o dedo pressionando a têmpora. Ele se lembrava da pose. Estivera na moda na geração anterior. Pequenos Einsteins. Crianças de sabedoria prodigiosa. Orelhas perfuradas, um medalhão, uma mecha pega-rapaz e o tipo de sensualidade precoce de garotinhas que ele recordava muito bem.

O relógio de tia Tamara começou a soar as horas. Ele entrou na saleta de visitas para observar o rosto de porcelana do relógio, com suas longas linhas douradas, como bigodes de gato, e ficou ouvindo as rápidas notas vivazes. Embaixo ficava a chave de dar corda. Para ter um relógio como aquele era necessário seguir hábitos regulares — ter uma residência fixa. Erguendo a persiana da janela daquela saleta europeia com suas cenas emolduradas de

Veneza e suas simpáticas futilidades de porcelana holandesa, viam-se o Empire State Building, o Hudson, o anoitecer verde e prata, metade de Nova York acendendo suas luzes. Pensativo, ele baixou de novo a persiana. Aquilo — aquele refúgio — poderia ser seu de graça, era só pedir. Então por que ele não pedia? Porque o refúgio de hoje pode ser o calabouço de amanhã. A julgar pelo que dizia Ramona, era tudo muito simples. Ela dizia compreender suas necessidades melhor do que ele próprio, e era bem possível que tivesse razão. Ramona nunca hesitava em se expressar por inteiro, e havia em alguns de seus discursos algo de desenfreado, operístico. Ópera. Heráldica. Dizia que seus sentimentos por ele tinham profundidade e maturidade e que sentia um enorme desejo de ajudá-lo. Dizia a Herzog que ele era um homem melhor do que julgava ser — um homem profundo, lindo (ele não podia evitar um movimento de recuo ao ouvir isso), mas triste, incapaz de tomar aquilo que seu coração desejava de verdade, um homem tentado por Deus, ansiando pela graça, mas fugindo aos trancos de sua salvação, que estava bem perto muitas vezes. Aquele Herzog, aquele homem de muitos dons, por algum motivo suportara uma mulher frígida, medíocre e castradora em sua cama, dera a ela seu nome e fizera dela um instrumento da criação, e Madeleine o tratara com desprezo e crueldade como que para puni-lo por rebaixar e baratear a si próprio, pelo equívoco de amá-la e de trair a promessa de sua alma. O que ele realmente devia fazer, prosseguia ela, no mesmo estilo operístico — sem vergonha de ser tão eloquente; ele admirava isso —, era pagar suas dívidas pelos grandes dons que havia recebido, sua inteligência, seu charme, sua instrução, e ficar livre para perseguir o sentido da vida, não pela via da desintegração, onde ele nunca o encontraria, mas, com humildade e no entanto também com altivez, continuando seus estudos eruditos. Ela, Ramona, queria acrescentar riquezas à vida dele e dar-lhe o que ele buscava nos lugares errados. Isso ela podia fazer pela arte do amor, dizia — a arte do amor que era uma das conquistas sublimes do espírito. Era em amor que ela pensava quando falava em riquezas. O que ele precisava aprender com ela — enquanto havia tempo; enquanto ele ainda era viril, com suas forças substancialmente intactas — era como renovar o espírito por meio da carne (um receptáculo precioso em que repousava o espírito). Ramona — bendita seja! — era tão exuberante nesses sermões como em sua

aparência. Oh, que doce oradora ela era! Mas onde estávamos? Ah, sim, ele devia continuar seus estudos, tendo como meta o sentido da vida. Ele, Herzog, apossar-se do sentido da vida! Ele ria por trás das mãos abertas que cobriam seu rosto.

Mas (ficando sério) ele sabia que suscitava esses discursos por suas atitudes. Por que a pequena Sono gemia "Oh, mon philosophe — mon professeur d'amour"? Porque Herzog se comportava como um filósofo que se importava apenas com as coisas mais elevadas — a razão criativa, como pagar o mal com o bem, e toda a sabedoria dos livros antigos. Porque ele pensava na crença e se preocupava com ela. (Sem ela a vida humana é simplesmente a matéria bruta da transformação tecnológica, da moda, do comércio, da indústria, da política, das finanças, da experimentação, do automatismo etc. etc. Todo o inventário de desgraças que a gente se alegra que termine em morte.) Sim, ele parecia e se comportava como o filósofo de Sono.

E afinal de contas por que ele estava ali? Estava ali porque Ramona também o levava a sério. Ela achava que podia restituir a ordem e a sanidade à vida dele, e, se o fizesse, seria lógico que ele se casasse com ela. Ou, no estilo dela, ele iria desejar unir-se a ela. E seria uma união que de fato unificaria. Camas, mesas, salas, dinheiro, lavanderia e automóvel, cultura e sexo, tudo entrelaçado na mesma rede. Tudo finalmente faria sentido, era o que ela queria dizer. A felicidade era uma ideia absurda e até danosa, a menos que fosse realmente abrangente; mas, naquele caso excepcional e afortunado no qual cada um tinha experimentado as piores espécies de morbidez e escapado por milagre, por um instinto de sobrevivência e prazer que era decididamente religioso — simplesmente não havia outro jeito de falar de sua vida, dizia Ramona, a não ser em termos do cristianismo de Madalena —, a felicidade abrangente era possível. Nesse caso, era um dever; recusar-se a responder às acusações contra a felicidade (de que era uma ilusão monstruosa e egoísta, um disparate) era covardia, uma rendição à maldade, uma capitulação ao instinto de morte. Ali estava um homem, Herzog, que sabia o que era ressurgir dos mortos. E ela, Ramona, ela conhecia a amargura da morte e da nulidade também. Sim, ela também! Mas com ele ela vivia uma verdadeira Páscoa. Sabia o que era a Ressurreição. Ele podia olhar com desdém intelectual para o gozo sensual, mas

com ela, quando estavam sem roupa, ele sabia o que era aquilo. Sublimação alguma poderia substituir aquela felicidade erótica, aquele conhecimento.

Sem sentir sequer a tentação de sorrir, Moses escutava com seriedade, baixando a cabeça. Muito daquilo era o blá-blá-blá em voga na universidade ou nos livros baratos, e outra parte era propaganda do casamento, mas, feitos tais débitos, ela era genuína. Ele simpatizava com ela, e a respeitava. Era tudo bastante verdadeiro. Ela possuía algo genuíno no coração.

Quando ele zombava privadamente do retorno do dionisíaco, era de si mesmo que fazia piada. Herzog! Um príncipe da Renascença erótica, em seus trajes de *macho*! E as crianças? O que elas achariam de uma nova madrasta? E Ramona, será que ela levaria Junie para ver o Papai Noel?

"Ah, é aqui que você está", disse Ramona. "Tia Tamara ficaria lisonjeada se soubesse que você se interessa pelo seu museu czarista."

"Esses interiores de antigamente", disse Herzog.

"Não é comovente?"

"Drogavam a gente com *schmaltz*."

"A velha tem muita afeição por você."

"Gosto dela também."

"Ela diz que você ilumina a casa."

"Que *eu*...?" Ele sorriu.

"Por que não? Você tem uma cara gentil e confiável. Não suporta ouvir isso, não é? Por que não?"

"Faço a velha sair quando eu venho", disse ele.

"Você está errado. Ela adora essas excursões. Põe um chapéu e se arruma toda. É uma experiência e tanto para ela ir até a estação de trens. De todo modo..." O tom de Ramona mudou. "Ela precisa se livrar de George Hoberly. Ele se tornou o problema dela agora." Por um breve instante ela ficou abatida.

"... Sinto muito", disse Herzog. "Tem sido muito ruim ultimamente?"

"Coitado... eu tenho pena dele. Mas venha, Moses, o jantar está pronto e quero que você abra o vinho." Na sala de jantar ela lhe estendeu a garrafa — Pouilly Fuissé, bem gelado — e o saca-rolhas francês. Com mãos competentes e forte determinação, o pescoço ficando vermelho com o esforço, ele abriu a garrafa. Ramona tinha acendido as velas. A mesa estava decorada com longos

gladíolos vermelhos dispostos numa travessa comprida. No parapeito da janela os pombos se agitavam e arrulhavam. Voejaram e foram dormir. "Deixe-me servi-lo de arroz", disse Ramona. Pegou o prato, fina porcelana branca com borda azul-cobalto (a contínua difusão do luxo por todas as camadas da sociedade desde o século XV, observada pelo famoso Sombart, *inter alia*). Mas Herzog tinha fome, e o jantar estava delicioso. (Ele se tornaria austero dali em diante.) Lágrimas de curiosa e misturada origem vieram a seus olhos enquanto saboreava o camarão com molho rémoulade. "Tremendamente bom — meu Deus, como é bom!", disse ele.

"Você não comeu o dia todo?", perguntou Ramona.

"Não via uma comida como esta fazia um bom tempo. Prosciutto e melão persa. E o que é isso? Salada de agrião. Meu bom Jesus!"

Ela estava satisfeita. "Bem, então coma", disse.

Depois do camarão Arnaud e da salada, ela ofereceu queijo e biscoitos de água e sal, sorvete de rum, ameixas da Georgia e uvas verdes. Por fim, *brandy* e café. Na sala ao lado, Mohammad al Bakkar seguia cantando suas canções sinuosas, nasais, insinuantes, ao som de cabides de arame raspados para trás e para a frente, e tambores, pandeiros, bandolins e gaitas de foles.

"O que você tem feito?", perguntou Ramona.

"Eu? Oh, todo tipo de coisa..."

"Para onde você foi naquele trem? Estava fugindo de mim?"

"De você, não. Mas suponho que estava mesmo fugindo."

"Você ainda tem um pouco de medo de mim, não é?"

"Eu não diria isso... Confuso. Tentando ser cuidadoso."

"Você está habituado a mulheres difíceis. A brigar. Talvez goste quando elas o atormentam."

"Todo tesouro é guardado por dragões. É assim que se sabe que ele é valioso... Você se importa se eu desabotoar meu colarinho? Parece que ele está pressionando uma artéria."

"Mas você voltou rapidinho. Quem sabe foi por minha causa."

Moses sentiu a forte tentação de mentir para ela, de dizer "Sim, Ramona, foi por você". A autenticidade estrita e literal era um jogo trivial e podia até mesmo ser uma desagradável afecção neurótica. Ramona merecia a completa aprovação

de Moses — uma mulher na faixa dos trinta, bem-sucedida nos negócios, independente, e ainda assim oferecendo jantares como aquele a cavalheiros amigos. Mas, em tempos como estes, como uma mulher deveria buscar a satisfação de seu coração? Na emancipada Nova York, homem e mulher, aparatosamente fantasiados, como dois selvagens pertencentes a tribos hostis, confrontam um ao outro. O homem quer iludir e depois se livrar; a estratégia da mulher é desarmá-lo e detê-lo. E esta é Ramona, uma mulher que sabe cuidar de si mesma. Imagine como as coisas se passam com uma coisinha jovem, erguendo ao céu seus olhos realçados com rímel e suplicando: "Oh, Senhor, não deixe que nenhum homem mau toque minhas carnes macias".

Além do mais, Herzog percebia que comer o camarão de Ramona e beber seu vinho, e depois sentar na sua saleta ouvindo a lascívia difusa de Mohammad al Bakkar e seus virtuoses de Port Said, mergulhado em pensamentos como aqueles, não era exatamente recomendável. *E monsenhor Hilton, o que é o celibato sacerdotal? Uma disciplina mais terrível é sair por aí visitando mulheres, é ver o que o mundo moderno fez da condição carnal. Como é pequena a relevância de certas ideias antigas...*

Mas pelo menos uma coisa ficou clara. Buscar a plena satisfação em outros, em relacionamentos interpessoais, era um jogo feminino. E o homem que passa de uma mulher a outra, embora seu coração arda de idealismo, de ânsia por amor puro, entrou no reino feminino. Depois da queda de Napoleão, o jovem ambicioso dirigiu seu impulso de poder para o *boudoir*. E ali a mulher assumiu o comando. Assim como fizera Madeleine, assim como Wanda poderia muito bem ter feito. E quanto a Ramona? E Herzog, outrora um jovem tolo, agora se tornando um velho tolo, ao aceitar o projeto de uma *vida privada* (aprovada pelas autoridades vigentes), converteu-se em algo parecido com um concubino. Sono deixou isso inteiramente claro, à sua maneira oriental. Ele chegara a brincar com ela a respeito, tentando explicar quão inúteis lhe pareciam suas visitas a ela, no fim das contas. "*Je bêche, je sème, mais je ne récolte point.*" Ele brincava — mas não, não era nenhum concubino, de modo algum. Era um homem difícil, agressivo. Quanto a Sono, estava tentando instruí-lo, mostrar-lhe como um homem devia tratar uma mulher. O orgulho do pavão, a lascívia do bode e a ira do leão são a glória e a sabedoria de Deus.

"Aonde quer que você estivesse indo com sua valise, seus instintos fundamentalmente saudáveis o trouxeram de volta. Eles são mais sábios que você", disse Ramona.

"Talvez...", disse Herzog. "Estou atravessando uma mudança de perspectiva."

"Graças aos céus você ainda não destruiu seu patrimônio hereditário."

"Não tenho sido realmente independente. Acho que estive trabalhando para outros, para certo número de mulheres."

"Se você for capaz de vencer seu puritanismo hebreu..."

"Desenvolvendo a psicologia de um escravo fugitivo."

"A culpa é toda sua. Você procura mulheres dominadoras. Estou tentando lhe dizer que em mim você encontrou um tipo diferente."

"Eu sei que encontrei", disse ele. "E penso as melhores coisas de você."

"Será? Não acho que você compreenda." Aqui ela mostrou certo ressentimento. "Há mais ou menos um mês você me disse que eu comandava um circo sexual. Como se eu fosse algum tipo de acrobata."

"Ora, Ramona, aquilo não era para levar a sério."

"A ideia implícita era de que eu tinha conhecido homens demais."

"Homens demais? Não, Ramona. Não vejo a coisa desse modo. No mínimo, faz muito bem para a minha autoestima o fato de aguentar o meu pique."

"Ora, a própria ideia de aguentar o pique de alguém trai você. Ouvir você dizer isso me enfurece."

"Eu sei. Você quer me pôr num plano mais elevado e trazer à tona o elemento órfico que há em mim. Mas tenho tentado ser uma pessoa bem medíocre, verdade seja dita. Tenho feito meu trabalho, prosseguido em meus propósitos, cumprido com meus deveres e esperado pela velha compensação. A paga que eu estava destinado a receber, naturalmente, era um soco na cabeça. Eu achava que tinha chegado a um entendimento secreto com a vida que me poupasse do pior. Uma ideia perfeitamente burguesa. Por baixo do pano, estava simplesmente flertando um pouco com o transcendente."

"Não há nada de trivial em casar com uma mulher como Madeleine ou ter um amigo como Valentine Gersbach."

Ele tentava controlar a indignação crescente que o tomava. Ramona estava mostrando consideração, dando-lhe uma chance de desabafar e destilar a raiva.

Não era para isso que ele tinha vindo. E de todo modo ele estava ficando cansado de sua própria obsessão. Além do mais, ela já tinha os problemas dela. E o poeta disse que a indignação era uma espécie de alegria, mas será que tinha razão? Há um tempo para falar e um tempo para ficar em silêncio. O único lado verdadeiramente interessante da questão era o propósito íntimo do ferimento, o fato de ele ser tão penetrante, feito exatamente à medida do freguês. É fascinante como o ódio pode ser tão pessoal a ponto de se tornar quase amoroso. O punhal e a ferida ansiando um pelo outro. Muita coisa, claro, depende da vulnerabilidade do atingido. Alguns gritam a plenos pulmões, outros engolem o golpe em silêncio. Em torno dos últimos seria possível escrever a história íntima da humanidade. Como papai se sentiu quando descobriu que Voplonsky estava mancomunado com os assaltantes? Ele nunca disse.

Herzog se perguntava se seria capaz de refrear tudo aquilo, aquela noite. Esperava que sim. Mas Ramona volta e meia o incitava a baixar a guarda. Ela não apenas servira um jantar, mas o convidara a abrir o bico.

"Não penso neles exatamente como um par medíocre", disse ela.

"Às vezes vejo a nós três como uma trupe de cômicos", disse Herzog, "comigo no papel do coadjuvante, do ator-escada. As pessoas dizem que Gersbach me imita — meu andar, minhas expressões. É um segundo Herzog."

"Seja como for, ele convenceu Madeleine de que era superior ao original", disse Ramona, e baixou os olhos. Eles se moveram e em seguida repousaram por trás das pálpebras. À luz das velas, ele observou essa momentânea inquietação em seu rosto. Talvez ela julgasse ter falado sem muito tato.

"A ambição maior de Madeleine, acho eu, é se apaixonar. Esta é a parte mais profunda da piada referente a ela. E há também seu estilo grandioso. Seus tiques. Para ser justo com aquela vaca, ela é linda. Adora ser o centro das atenções. Num daqueles seus casacos de pele com que se pavoneia, com sua pele bronzeada e seus olhos azuis. E, quando ela tem uma plateia e começa a espalhar seu fascínio, há uma espécie de truque que ela faz com a palma da mão, e seu nariz se contorce como um pequeno leme, e pouco a pouco uma sobrancelha também começa a se erguer mais e mais."

"Do jeito que você fala, ela parece adorável", disse Ramona.

"Vivemos juntos em alto nível, todos nós. Com exceção de Phoebe. Ela simplesmente ia atrás."

"Como ela é?"

"Tem umas feições atraentes, mas parece muito austera. Tem um jeito de enfermeira-chefe."

"Ela não gostava de você?"

"... O marido dela era um aleijado. Ele sabe como tirar o máximo proveito disso, emocionalmente, com o seu chororô melodramático. Ela o comprou barato porque ele vinha com defeito de fábrica. Se estivesse novo e perfeito, tamanho luxo nunca estaria a seu alcance. Ele sabia e ela sabia e nós sabíamos. Porque esta é uma época de percepção. As leis da psicologia agora são conhecidas de todas as pessoas instruídas. Seja como for, ele era apenas um locutor de rádio perneta, mas ela o tinha só para si. Então Madeleine e eu chegamos, e uma vida glamourosa teve início em Ludeyville."

"Ela deve ter ficado aborrecida quando ele começou a imitar você."

"Sim. Mas, se era para eu ser tapeado, o melhor era fazer o serviço no meu próprio estilo. Justiça poética. Piedade filosófica descreve o estilo."

"Quando você começou a perceber?"

"Quando Mady começou a se ausentar de Ludeyville. Algumas vezes ela ficou hibernando em Boston. Dizia simplesmente que tinha de ficar sozinha e pensar nas coisas. Então ela levava a menina — praticamente um bebê. E eu pedia a Valentine que fosse tentar chamá-la à razão."

"E foi aí que ele começou a te passar aqueles sermões?"

Herzog tentou afastar com um sorriso o jorro de rancor cuja fonte tinha sido tocada. Talvez ele não fosse capaz de controlá-lo. "Todos eles faziam sermões. Todo mundo. As pessoas legislam continuamente por meio da fala. Tenho as cartas que Madeleine mandou de Boston. Tenho cartas de Gersbach também. Todo tipo de documentos. Tenho até um pacote de cartas escritas por Madeleine para sua mãe. Vieram pelo correio."

"Mas o que dizia Madeleine?"

"Ela é uma escritora e tanto. Escreve como Lady Hester Stanhope. Antes de tudo, ela disse que eu me parecia com o pai dela em muitos aspectos. Que quando estávamos juntos num lugar *eu* parecia tragar todo o ar, sem deixar nem

um pouco para ela respirar. Eu era dominador, infantil, exigente, sardônico e um intimidador psicossomático."

"Psicossomático?"

"Eu tinha dores de barriga com o intuito de dominá-la, e conseguia as coisas ficando doente. Todos eles diziam isso, todos os três. Madeleine tinha outro sermão sobre a única base para um casamento. Um casamento era um relacionamento afetuoso resultante de um transbordamento de sentimento, e por aí afora. Tinha até um sermão sobre o jeito certo de praticar o ato conjugal."

"Incrível."

"Ela devia estar descrevendo o que tinha aprendido com Gersbach."

"Você não precisa entrar em detalhes", disse Ramona. "Tenho certeza de que ela queria causar o máximo possível de dor."

"Enquanto isso, eu tinha que terminar o meu estudo e me tornar o Lovejoy da minha geração — é esse o tipo de conversa besta do pessoal acadêmico, Ramona, eu mesmo não via a coisa desse jeito. Quanto mais Madeleine e Gersbach me passavam sermões, mais eu achava que meu único propósito era levar uma vida pacata, comum. Ela dizia que essa quietude era mais um dos meus estratagemas. Me acusava de adotar uma mansidão forçada e dizia que eu estava tentando controlá-la por meio de uma nova tática."

"Que engraçado! Como ela queria que você agisse?"

"Achava que eu tinha casado com ela com o objetivo de ser 'salvo', e que agora queria matá-la porque ela não estava se saindo como devia. Dizia que me amava, mas não podia fazer o que eu exigia, porque era absurdo, e então ela iria a Boston mais uma vez para pensar em tudo e encontrar um jeito de salvar aquele casamento."

"Estou vendo."

"Mais ou menos uma semana depois, Gersbach foi até a casa para recolher algumas coisas dela. Ela lhe telefonara de Boston. Precisava de suas roupas. E de dinheiro. Ele e eu fizemos uma longa caminhada pelo bosque. Era início de outono — dia ensolarado, cor de poeira, maravilhoso... melancólico. Eu o amparava nos trechos mais acidentados. Ele avançava gingando, com sua perna de pau..."

"Você me contou: como um gondoleiro. E o que ele disse?"

"Disse que não sabia que porra ia fazer para sobreviver àquele terrível confronto entre as duas pessoas que ele mais amava no mundo. Repetia isso — as duas pessoas que significavam mais para ele do que esposa e filho. Aquilo o estava dilacerando. Sua fé nas coisas estava sendo esmagada."

Ramona riu, e Herzog fez o mesmo.

"E aí?"

"Aí?", disse Herzog. Recordou o tremor no poderoso rosto vermelho-vivo de Gersbach, que de início parecia brutal, o rosto de um açougueiro, até que a gente compreendia a profundidade e sutileza de seus sentimentos. "Aí voltamos para a casa e Gersbach pôs na mala as coisas de Madeleine. E o artigo principal que tinha ido buscar — o diafragma dela."

"Você não está falando sério!"

"Claro que estou."

"Mas você parece admitir..."

"O que eu admito é que a minha idiotice os inspirou e conduziu a patamares cada vez mais altos de perversidade."

"Você não perguntou a ela o que isso significava?"

"Perguntei. Ela disse que eu tinha perdido o direito a uma resposta. Era o mesmo de sempre comigo — mesquinharia. Então lhe perguntei se Valentine tinha se tornado seu amante."

"E que tipo de resposta ela lhe deu?" A curiosidade de Ramona tinha sido atiçada.

"Que eu não entendia o que Gersbach tinha me dado — o tipo de amor, o tipo de sentimento. Eu disse: 'Mas ele pegou a coisa na caixa de remédios'. E ela: 'Sim, e ele passa a noite com June e comigo quando vem a Boston, mas é o irmão que eu nunca tive, e nada mais'. Hesitei em aceitar isso, então ela acrescentou: 'Não seja bobo, Moses. Você sabe como ele é bruto. Não é nem de longe o meu tipo. Nossa intimidade é de uma espécie totalmente diferente. Ora, quando ele usa a privada no nosso pequeno apartamento em Boston, o ambiente se empesteia com o seu fedor. Conheço o cheiro da merda dele. Você acha que eu seria capaz de me entregar a um homem cuja merda fede daquele jeito!'. Essa foi a resposta que ela deu."

"Que horror, Moses! Foi isso que ela disse? Que mulher estranha. É uma

criatura muito, muito estranha."

"Bem, isso mostra o quanto sabemos um do outro, Ramona. Madeleine não foi só uma esposa, mas todo um aprendizado. Uma pessoa boa, constante, esperançosa, racional, diligente, digna e infantil como Herzog, que pensa que a vida humana é um tema como qualquer outro, tem que receber uma lição. E certamente alguém que leve a sério a dignidade, a antiquada dignidade individual, está sujeito a levar um esculacho. Talvez a dignidade tenha sido importada da França. Luís XIV. Teatro. Comando. Autoridade. Raiva. Clemência. *Majesté*. A ambição plebeia, burguesa, era herdar isso. Tudo isso agora pertence ao museu."

"Mas eu achava que a própria Madeleine sempre ostentava tanta dignidade."

"Nem sempre. Ela podia se voltar contra suas próprias pretensões. E não se esqueça, Valentine é uma personalidade notável também. A consciência moderna tem essa grande necessidade de explodir suas próprias veleidades. Ela prega a verdade da criatura. Joga merda em todas as pretensões e ficções. Um homem como Gersbach pode ser alegre. Inocente. Sádico. Dançando por aí. Instintivo. Sem coração. Abraçando seus amigos. Fraco de espírito. Rindo das piadas. Profundo, também. Exclamando: 'Eu te *amo*!' ou 'É nisso que eu *acredito*'. E, mesmo tocado por essas 'crenças', ele rouba você sem pestanejar. Cria realidades que ninguém consegue entender. É mais fácil um radioastrônomo compreender o que está acontecendo no espaço a dez milhões de anos-luz daqui do que captar o que Gersbach está maquinando em seu cérebro."

"Você se exalta demais com isso", disse Ramona. "Meu conselho é que esqueça os dois. Há quanto tempo vem acontecendo essa estupidez?"

"Anos. Vários anos, de todo modo. Madeleine e eu nos juntamos de novo, pouco tempo depois disso. E então ela e Valentine passaram a dirigir minha vida para mim. Eu não sabia nada a respeito. Todas as decisões eram tomadas por eles — onde eu morava, onde trabalhava, quanto pagava de aluguel. Até meus problemas mentais eram definidos por eles. Me davam lição de casa. E, quando decidiram que eu devia ir embora, planejaram todos os detalhes — divisão de bens, pensão alimentícia, sustento da filha. Estou certo de que Valentine julgava estar agindo em favor de meus interesses. Ele deve ter

refreado Madeleine. Ele sabe que é um homem bom. Ele compreende, e a pessoa quando compreende sofre mais. Tem responsabilidades mais elevadas, responsabilidades que trazem sofrimento. Eu não era capaz de cuidar da minha esposa, coitado. Ele cuidou dela. Eu não estava apto a criar minha própria filha. Ele teve que fazer isso por mim, por amizade, por compaixão, por pura grandeza de espírito. Ele até concorda que Madeleine é uma psicopata."

"Você não pode estar falando sério!"

"Estou sim. 'A pobre megera maluca', dizia ele. 'Tenho pena daquela doida!'"

"Então ele também é misterioso. Que par mais estranho!", disse ela.

"Claro que ele é", disse Herzog.

"Moses", disse Ramona. "Vamos parar de falar sobre isso, por favor. Sinto que tem alguma coisa errada aí... Errada para nós. Agora venha..."

"Você ainda não ouviu tudo. Tem a carta de Geraldine, contando como eles maltratam a menina."

"Eu sei. Eu li. Moses, já chega."

"Mas... Sim, você tem razão", disse Herzog. "Certo, vou parar agora mesmo. Ajudo você a tirar a mesa."

"Não precisa."

"Então eu lavo a louça."

"Não, você não vai lavar louça coisa nenhuma. É meu convidado. Vou deixar os pratos na pia para lavar amanhã."

Ele pensou: prefiro aceitar como motivo não aquilo que entendo inteiramente, mas o que entendo apenas em parte. A clareza absoluta de explicação me soa falsa. No entanto, tenho que cuidar de June.

"Não, não, Ramona, tem alguma coisa que me acalma no ato de lavar louça. De quando em quando, pelo menos." Tapou o ralo da pia, jogou sabão em pó, abriu a torneira, pendurou o casaco no puxador de um guarda-louça, arregaçou as mangas. Recusou o avental que Ramona ofereceu. "Tenho mãos experientes. Não vou espirrar água."

Já que até os dedos de Ramona eram sensuais, Herzog quis ver como ela realizaria tarefas triviais. Mas o pano de prato nas mãos dela, enquanto ela enxugava os copos e talheres, parecia perfeitamente natural. Então ela não

estava só fazendo de conta que era uma pessoa caseira. Herzog chegava a se perguntar às vezes se não seria a tia Tamara que preparava camarão com molho rémoulade antes de escapulir. A resposta era não. Ramona sabia fazer sua própria comida.

"Você devia estar pensando em seu futuro", disse Ramona. "Que está planejando fazer no ano que vem?"

"Posso arranjar um trabalho qualquer."

"Onde?"

"Não consigo decidir se fico perto de meu filho Marco, no leste, ou volto para Chicago, para ficar de olho em June."

"Ouça, Moses, ser prático não é nenhuma vergonha. Por acaso é um ponto de honra ou coisa parecida deixar de pensar com clareza? Você quer vencer pelo sacrifício? Não funciona, como você já deveria saber a esta altura. Chicago seria um erro. Você só iria sofrer."

"Talvez, e sofrer é outro mau hábito."

"Está fazendo piada?"

"De jeito nenhum", disse ele.

"É difícil imaginar uma situação mais masoquista. A esta altura todo mundo em Chicago conhece a sua história. Você estaria no meio do redemoinho. Brigando, discutindo, se machucando. É muito humilhante para um homem como você. Você não se respeita o bastante. Quer se despedaçar? É isso o que você se dispõe a fazer pela pequena June?"

"Não, não. Que bem isso poderia causar? Mas não posso entregar a menina de mão beijada para aqueles dois. Você leu o que Geraldine disse." Ele conhecia de cor aquela carta. Seria capaz de recitá-la inteira.

"Ainda assim, você não pode tirar a criança das mãos da mãe."

"Ela é sangue do meu sangue. Tem os meus genes. É uma Herzog. Eles, ao contrário, são tipos de natureza mental diferente."

Ficou tenso de novo. Ramona tentou desviá-lo daquele assunto.

"Você não disse que seu amigo Gersbach se tornou uma figura de destaque em Chicago?"

"Sim, sim. Começou na rádio educativa e agora está por toda parte. Em comitês, nos jornais. Dá palestras na Hadassah,[d] declama seus próprios poemas.

Nos templos. Está entrando no Standard Club. Está na televisão! Fantástico! Era um sujeito tão provinciano que achava que só havia uma estação de trem em Chicago. E agora se revelou um comunicador formidável — percorre a cidade em seu Lincoln Continental, vestindo um casaco de tweed cor salmão-vômito."

"Você está começando a passar mal só de pensar nisso", disse Ramona. "Seus olhos estão ficando febris."

"Gersbach alugou um auditório, te contei?"

"Não."

"Vendeu ingressos para uma leitura de seus poemas. Meu amigo Asphalter me contou. Cinco dólares para as primeiras fileiras, três para as fileiras do fundo. Ao ler um poema sobre o avô que era varredor de ruas, caiu no choro. Ninguém podia sair. O auditório estava trancado."

Ramona não pôde deixar de rir.

"Ha-ha!" Herzog destapou o ralo, deixando escorrer a água, torceu o paninho, espalhou saponáceo em pó na pia. Esfregou e enxaguou a pia. Ramona lhe trouxe uma rodela de limão para remover o cheiro de peixe. Ele a espremeu sobre as mãos. "Gersbach!"

"Voltando ao assunto", disse Ramona, séria, "você tem que retomar seu trabalho acadêmico."

"Não sei. Sinto que estou empacado nele. Mas o que mais me resta fazer?"

"Você só diz isso porque está agitado. Vai pensar de modo diferente quando se acalmar."

"Quem sabe."

Ela o conduziu até o quarto. "Quer que eu toque mais daquela música egípcia? Tem um efeito positivo." Foi até o toca-discos. "E por que você não tira os sapatos, Moses? Eu sei que você gosta de se livrar deles neste calor."

"De fato, alivia meus pés. Acho que vou tirar. Já estão desamarrados."

A Lua estava alta sobre o Hudson. Distorcida pelo vidro da janela, distorcida pelo ar de verão, dando a impressão de estar dobrada por sua própria força branca, flutuava também nas correntes do rio. Os estreitos telhados abaixo eram pálidas, longas figuras de contenção sob a lua. Ramona virou o disco e agora uma mulher estava cantando acompanhada da banda de al Bakkar: "*Viens, viens*

dans mes bras — je te donne du chocolat".

Sentada ao lado dele na otomana, Ramona tomou sua mão. "Mas eles tentaram fazer você acreditar", disse ela, "numa coisa que simplesmente não é verdade."

Era isso que ele estava ansiando ouvir dela. "O que quer dizer com isso?"

"Sei uma coisa sobre os homens. Tão logo te vi, percebi quanto de você ainda estava sem uso. Eroticamente. Intocado, até."

"Fui um terrível fiasco algumas vezes. Um fiasco total."

"Há homens que deviam ser protegidos... pela lei, se preciso."

"Como os peixes e animais em extinção?"

"Não estou brincando", disse ela. Ele viu de modo claro e simples o quanto ela era bondosa. Compadecia-se dele. Sabia que ele estava sofrendo, sabia o que era aquela dor, e oferecia o consolo que evidentemente ele tinha vindo buscar. "Tentaram fazer você se sentir velho e acabado. Mas me deixe explicar um fato. Um velho tem cheiro de velho. Uma mulher percebe. Quando um velho toma uma mulher nos braços, ela é capaz de sentir uma coisa amanhecida, mofada, como roupas que precisam ser arejadas. Se a mulher deixou as coisas chegarem a esse ponto, e não quer humilhá-lo quando descobre que ele de fato é bem velho (as pessoas se disfarçam e é difícil adivinhar), ela provavelmente vai seguir adiante. E isso é tão horrível! Mas, Moses, você é quimicamente jovem." Colocou seus braços nus em torno do pescoço dele. "Sua pele tem um cheiro delicioso... O que é que Madeleine sabe? Ela não passa de uma beleza empacotada."

Pensou na proeza que tinha feito da sua vida para que agora — envelhecido, vaidoso, terrivelmente narcísico, sofrendo sem a devida dignidade — fosse buscar consolo com alguém que na verdade não dispunha de muito para lhe ceder. Ele a tinha visto quando estava cansada, aborrecida e fraca, quando as sombras cobriam seus olhos, quando o corte do vestido estava errado e ela estava com as mãos frias, lábios frios abertos mostrando os dentes, quando ela estava estendida no sofá, uma mulher de baixa estatura, rechonchuda, mas no fim das contas uma mulher cansada e baixinha cujo hálito tinha o aroma cinzento da fadiga. A história então se contava toda por conta própria — batalhas e decepções; um elaborado sistema de teoria e eloquência no fundo do qual

repousavam os simples fatos da carência, da carência de uma mulher. Ela sente que sou a favor da família. Pois sou um tipo família, e ela me quer para a sua família. Sua ideia de comportamento familiar exercia um apelo sobre mim. Ela estava esfregando os lábios dele de um lado para o outro com os seus. Puxava-o (de modo um pouquinho agressivo) para longe do ódio e do embate fanático. Com a cabeça jogada para trás, ela respirava depressa, com excitação, perícia, intenção. Começou a morder os lábios de Moses, e ele recuou, mas de pura surpresa. Ela voltou a abocanhar seu lábio, sugando mais e mais, e o resultado foi um salto na excitação sexual de Herzog. Estava desabotoando a camisa dele, a mão pousada diretamente sobre a pele. Estendeu a outra mão para as próprias costas, girando o corpo na otomana para abrir o fecho da blusa. Abraçaram-se. Ele começou a acariciar o cabelo dela. Da boca de Ramona vinham o perfume do batom e o cheiro da carne. Mas de repente interromperam os beijos. O telefone estava tocando.

"Oh, Senhor!", disse Ramona. "Senhor, Senhor!"

"Você vai atender?"

"Não, é George Hoberly. Deve ter visto você chegar e quer estragar nossa diversão. Não podemos permitir que ele..."

"Não sou a favor disso", disse Herzog.

Ela virou o telefone de cabeça para baixo e o silenciou movendo um comutador na sua base. "Ele me levou às lágrimas ontem, de novo."

"Ele queria te dar um carro esporte. Foi a última coisa que eu soube."

"Agora está insistindo para eu levá-lo à Europa. Isto é, quer que eu mostre a Europa para ele."

"Não sabia que ele tinha tanto dinheiro."

"Ele não tem. Teria que tomar emprestado. Custaria dez mil dólares, ficando nos hotéis chiques."

"Eu me pergunto o que ele está querendo."

"O que você quer dizer com isso?" Ramona sentiu algo suspeito no tom de Herzog.

"Nada... nada. Só que ele pensa que você tem o dinheiro necessário para uma viagem como essa."

"Dinheiro não tem nada a ver com isso. Simplesmente não há mais nada no

relacionamento."

"O que é que havia, para começo de conversa?"

"Achei que havia alguma coisa..." Seus olhos cor de avelã o encararam de modo indefinido; reprovavam-no; ou, talvez mais tristes, perguntavam o que ele pretendia ao dizer aquelas coisas estranhas. "Você quer criar um caso em torno disso?"

"O que ele está fazendo na rua?"

"Não é culpa minha."

"Jogou todas as fichas em você e perdeu, então agora acha que está sob uma maldição e quer se matar. Estaria melhor em casa, no sofá dele, tomando uma lata de cerveja, assistindo a Perry Mason."

"Você é duro demais", disse Ramona. "Talvez pense que estou abrindo mão dele por você e isso o deixa inquieto. Você acha que o está expulsando e que por isso terá de substituí-lo."

Herzog ficou em silêncio por um momento, refletindo, e recostou-se na cadeira. "Quem sabe", disse. "Mas acho que é porque, enquanto aqui em Nova York eu sou o homem do lado de dentro, em Chicago o homem no olho da rua sou eu."

"Mas você não é nem um pouco como George Hoberly", disse Ramona com aquela modulação musical que ele gostava tanto de ouvir. Sua voz, quando subia de dentro do peito e mudava de tom na garganta, dava muito prazer a Moses. Outro homem talvez não reagisse à sensualidade deliberada daquela voz, mas ele reagia. "Fiquei com pena de George. Por essa razão nunca poderia haver outra coisa senão um relacionamento temporário. Mas você — você não é o tipo de homem do qual uma mulher sente pena. Você pode ser o que for, mas não é frágil. Você tem força..."

Herzog assentiu com a cabeça. Uma vez mais, estava ouvindo um sermão. E não se importou muito. Que ele precisava se reaprumar era bastante óbvio. E quem tinha mais direito de dizer isso do que uma mulher que lhe dava refúgio, camarão, vinho, música, flores, solidariedade, que lhe dava espaço, por assim dizer, em sua alma, e por fim o abraço de seu corpo? Devemos ajudar um ao outro. Neste mundo irracional, onde a misericórdia, a compaixão, o sentimento (ainda que *um pouco* matizados pelo interesse pessoal), todos coisas raras —

conquistadas a duras penas em muitas batalhas humanas travadas por raras minorias, vitórias que nunca deveriam ser dadas como certas, pois raramente eram seguras —, eram frequentemente desmistificados, renegados, repudiados por geração após geração de céticos. A própria razão, a lógica, instava a gente a se ajoelhar e dar graças pelo menor sinal de verdadeira amabilidade. A música seguia tocando. Rodeada por flores de verão e artigos de beleza, até mesmo de luxo, sob a suave luz verde da luminária, Ramona lhe falava com intensidade — e ele contemplava afetuosamente seu rosto caloroso e bronzeado. Mais além, a quente Nova York; uma noite iluminada que não precisava da força da Lua. O tapete oriental e seu desenho harmonioso insuflavam a esperança de que grandes confusões poderiam ser resolvidas. Segurou o braço fresco e macio de Ramona em seus dedos. Sua camisa estava aberta no peito. Ele sorria, movendo levemente a cabeça enquanto a ouvia falar. Muito do que ela dizia era perfeitamente certo. Era uma mulher inteligente e, mais que isso, uma mulher querida. Tinha um bom coração. E estava usando calcinha preta de rendas. Ele sabia.

"Você tem uma grande capacidade de viver", ela estava dizendo. "E é um homem muito amoroso. Mas deve tentar se livrar dos ressentimentos. Eles vão consumir você."

"Acho que isso é verdade."

"Eu sei que você acha que eu teorizo muito. Mas eu mesma levei mais de um tombo — um casamento terrível e toda uma série de relacionamentos ruins. Olhe, você tem a força para se recuperar, e é um pecado não usá-la. Use-a agora."

"Entendo o que quer dizer."

"Talvez seja biológico", disse Ramona. "Você tem um organismo vigoroso. Sabe de uma coisa? A mulher da padaria me disse ontem que eu estava com a aparência tão mudada — minha pele, meus olhos, disse ela. 'Senhorita Donsell, você deve estar amando'. E me dei conta de que era por causa de você."

"Você parece mesmo mudada", disse Moses.

"Mais bonita?"

"Adorável", disse ele.

A cor dela ficou ainda mais viva. Tomou a mão dele e enfiou por dentro da

sua blusa, olhando firmemente para ele, os olhos ficando fluidos. Bendita garota! Que prazer ela lhe dava. Todos os modos dela o satisfaziam — os seus modos franco-russo-argentino-judeus. "Vamos tirar seus sapatos também", disse ele.

Ramona apagou todas as luzes com exceção da luminária verde junto à cama. Sussurrou: "Volto já".

"Você pode desligar esse egípcio choroso, por favor? Alguém devia enxugar a língua dele com pano de prato."

Ela desligou o toca-discos com um toque e disse: "Só uns minutinhos", fechando suavemente a porta.

"Uns minutinhos", uma figura de linguagem. Ela era demorada em seus preparativos. Ele se acostumara a esperar, percebia o sentido daquilo, não ficava mais impaciente. A reaparição dela era sempre dramática e fazia a espera valer a pena. Concretamente, porém, ele compreendia que ela estava tentando lhe ensinar alguma coisa e ele estava tentando (tão forte era nele o hábito da obediência aos ensinamentos) aprender com ela. Mas como ele descreveria aquela lição? A descrição poderia talvez começar com seu turbulento alvoroço interno, ou mesmo com o fato de que ele estava tremendo. E por quê? Porque ele deixava o mundo inteiro pesar sobre ele. Um exemplo? Bem, por exemplo, o que significa ser um homem. Numa metrópole. Num século. Em transição. Numa massa. Transformado pela ciência. Sob o poder organizado. Sujeito a tremendos controles. Numa condição forjada pela mecanização. Depois do último fracasso das esperanças radicais. Numa sociedade que não era uma comunidade e que desvalorizava a pessoa. Devido ao poder multiplicado dos números que tornavam o eu irrelevante. Que gastava bilhões militares contra inimigos estrangeiros mas não pagaria pela ordem doméstica. Que permitia selvageria e barbárie em suas próprias grandes cidades. Ao mesmo tempo, a pressão de milhões de humanos que descobriram o que os esforços e pensamentos combinados podem fazer. Como megatoneladas de água moldam organismos no fundo do oceano. Como as marés lustram as rochas. Como os ventos cavam penhascos. O maravilhoso supermaquinismo abrindo uma nova vida para a humanidade inumerável. Você negaria a esses seres o direito à existência? Você lhes pediria para labutar e passar fome enquanto você usufrui

deliciosos valores antiquados? Você — você mesmo é um filho dessa massa e um irmão de todos os demais. Ou então é um ingrato, diletante, idiota. É assim, Herzog, pensou Herzog, já que você pede um exemplo, é assim que as coisas se dão. Para completar, um coração ferido, e gasolina bruta despejada nos nervos. E, a isso tudo, o que Ramona responde? Ela diz: recupere sua saúde. *Mens sana in corpore sano*. Tensão constitucional, qualquer que seja sua origem, precisava de extravasamento sexual. Qualquer que fosse a idade, a história, a condição, o conhecimento, a cultura, o desenvolvimento do homem, ele tinha uma ereção. Uma boa moeda em toda parte. Reconhecida pelo Banco da Inglaterra. Por que suas lembranças deveriam feri-lo agora? Naturezas fortes, disse F. Nietzsche, podiam esquecer o que não eram capazes de dominar. Claro que ele também disse que o sêmen reabsorvido era o grande combustível da criatividade. Devemos agradecer quando os sifilíticos pregam a castidade.

Oh, por uma mudança de coração, uma mudança de coração — uma verdadeira mudança de coração!

Quanto a isso não havia como tapear a si próprio. Ramona queria que ele fosse até as últimas consequências (*pecca fortiter!*). Por que ele era tão puritano ao fazer amor? Ele dizia que, depois de suas decepções recentes, já estava contente só em completar o ato, no simples estilo missionário. Ela dizia que isso o tornava uma raridade em Nova York. Uma mulher tinha seus problemas aqui. Homens que pareciam decentes tinham com frequência inclinações especiais. Ela queria lhe dar prazer da maneira que ele escolhesse. Ele dizia que ela nunca transformaria um velho arenque num golfinho. Era estranho que Ramona pudesse às vezes se comportar como aquelas sirigaitas de revista de mulher pelada. Ela apresentava as razões mais elevadas para isso. Mulher instruída, citava para ele Catulo e os grandes poetas do amor de todos os tempos. E os clássicos da psicologia. E por fim o Corpo Místico. E então lá estava ela agora no cômodo vizinho, alegremente se preparando, se despindo, se perfumando. Queria dar prazer. Ele tinha apenas que sentir prazer e fazê-la saber disso, e então ela ficaria mais simples. Como ela ficaria contente em mudar! Como a aliviaria se ele dissesse: "Ramona, para que tudo isso?". Mas, neste caso, eu teria que casar com ela?

A ideia de casamento o deixava nervoso, mas ele pensava no assunto. A

índole dela era boa, ela era prática, capaz, e não o machucaria. Uma mulher que esbanjava o dinheiro do marido, todas as linhas da psiquiatria concordavam, estava decidida a castrá-lo. No lado prático — e ele achava muito excitante ter pensamentos práticos — ele não conseguia suportar a desordem e a solidão da vida de solteiro. Gostava de camisas limpas, lenços passados, sapatos com a sola em ordem, todas as coisas que Madeleine desprezava. Tia Tamara queria que Ramona tivesse um marido. Deviam ter restado algumas palavras iídiches na memória da velha garota — *shiddach*, *tachliss*. Ele poderia ser um patriarca, como todo Herzog estava destinado a ser. O chefe de família, pai, transmissor de vida, intermediário entre o passado e o futuro, instrumento da misteriosa criação, estava fora de moda. Os pais, obsoletos? Só para mulheres masculinizadas — infelizes e lastimáveis literatas. (Como era estimulante pensar de modo perspicaz!) Ele sabia que Ramona era uma entusiasta das bolsas de estudo, dos livros e verbetes de enciclopédia dele, do seu título de doutor na Universidade de Chicago, e gostaria de ser a Frau Professor Herzog. Divertido, ele antevia como eles chegariam a festas a rigor no Hotel Pierre, Ramona com luvas compridas apresentando Moses com sua voz alçada e encantadora: "Este é meu marido, professor Herzog". E ele próprio, Moses, um homem diferente, irradiando bem-estar, transbordando de dignidade, afável com todos e com cada um. Ajeitando com um toque a parte de trás dos cabelos. Que par precioso eles formariam, ela com seus tiques e ele com os seus! Que espetáculo de vaudeville! Ramona se vingaria de pessoas que no passado a tinham feito sofrer. E ele? Ele também se desforraria de seus inimigos. *Yemach sh'mo!* Que seus nomes sejam apagados! Eles prepararam uma rede para os meus pés. Cavaram um fosso à minha frente. Quebrai, oh, Senhor, os dentes de suas bocas!

Com o rosto concentrado, especialmente os olhos escuros, ele tirou a calça, abriu mais a camisa. Perguntou-se o que Ramona diria se ele se propusesse a entrar no comércio de flores. Por que não? Mais contato com a vida, conhecendo os fregueses. As privações do isolamento acadêmico tinham sido excessivas para um homem do seu temperamento. Tinha lido recentemente que pessoas solitárias de Nova York, fechadas em seus quartos, vinham adquirindo o hábito de chamar a polícia, em busca de alívio. "Mandem uma radiopatrulha, pelo amor de Deus! Mandem alguém! Ponham-me na cela da

delegacia com alguém! Salvem-me. Toquem-me. Venham. Alguém — venha, por favor!"

Herzog não podia afirmar com certeza que não concluiria seu estudo. O capítulo sobre "Moralismo romântico" tinha ido muito bem, mas o que se intitulava "Rousseau, Kant e Hegel" o paralisara. E se ele virasse de fato florista? Era um comércio de preços escandalosamente extorsivos, mas isso não tinha que ser problema seu. Já via a si mesmo de calça listrada, sapatos de camurça. Teria que se habituar aos odores de terra e de flores. Trinta e poucos anos antes, quando estava quase morrendo de pneumonia e peritonite, sua respiração foi envenenada pelo doce aroma de rosas vermelhas. Tinham sido enviadas, e provavelmente roubadas, por seu irmão Shura, que trabalhava então para o florista da Peel Street. Herzog achava que agora talvez estivesse apto para suportar as rosas. Aquela coisa perniciosa, beleza perfumada, harmonia vermelha. Era preciso ter força para aguentar coisas assim, caso contrário, por sua intensidade, elas podiam trespassar a pessoa por dentro e fazê-la sangrar até morrer.

Nesse momento Ramona apareceu. Abriu a porta com um gesto e ficou ali parada, deixando que ele a visse no enquadramento iluminado do azulejo do banheiro. Estava perfumada e nua até os quadris. Nos quadris ela vestia a calcinha de rendas pretas, aquela peça única bem baixa no ventre. Postou-se ali, de sapatos de salto agulha, de sete centímetros de altura. Apenas isso, mais perfume e batom. E o cabelo preto.

"Eu agrado a você, Moses?"

"Oh, Ramona! Claro! Que pergunta! Estou encantado!"

Olhando de cima para baixo, ela riu em voz baixa. "Oh, sim. Estou vendo que lhe agrado." Jogou o cabelo para trás ao se curvar um pouco para examinar o efeito de sua nudez sobre ele — como ele reagia à visão de seus seios e seus quadris femininos. Bem abertos, seus olhos eram intensamente negros. Segurou-o pelo pulso, onde as veias dele eram largas, e conduziu-o em direção à cama. Ele começou a beijá-la. E pensou: Nunca faz sentido. É um mistério.

"Por que você não tira a camisa? Não vai mesmo precisar dela, Moses."

Ambos riram, ela da camisa dele, ele dos trajes dela. Ela era o máximo! Não admira que as roupas fossem tão importantes para Ramona: eram o engaste

daquela joia suntuosa, sua nudez. O riso dele, à medida que ia se tornando silencioso, interno, era ainda mais profundo. A calcinha de rendas pretas podia ser uma completa bobagem, mas alcançava o efeito desejado. Os métodos dela podiam ser crus, mas seus cálculos eram exatos. Ele estava rindo, mas a coisa o tinha pegado. Sua inteligência sentia cócegas, mas seu corpo ardia.

"Me toque, Moses. Quer que eu o toque também?"

"Oh, por favor, sim."

"Não está feliz por não ter fugido de mim?"

"Sim, sim."

"O que está achando disto?"

"Gostoso. Muito, muito gostoso."

"Se você aprendesse a confiar em seus instintos... A luminária também? Você prefere no escuro?"

"Não, não se preocupe com a luminária agora, Ramona."

"Moses, meu querido Moses. Diga que me pertence. Vamos!"

"Pertenço a você, Ramona!"

"Só a mim."

"Só!"

"Graças a Deus que existe uma pessoa como você. Beije meus seios. Moses querido. Oh! Graças a Deus."

Os dois dormiram profundamente, Ramona sem se mexer. Herzog foi acordado uma vez, por um avião a jato — uma coisa que gritava com grande potência numa altura terrível. Não totalmente desperto, saiu da cama e sentou pesadamente na cadeira listrada, disposto imediatamente a escrever outra mensagem — talvez para George Hoberly. Mas quando o ruído do avião passou o pensamento também se foi. Seus olhos foram tomados pela noite quieta, quente, imóvel — a cidade, suas luzes.

O rosto de Ramona, relaxado pelo ato sexual e pelo sono, tinha uma tonalidade esplêndida. Com uma das mãos ela segurava a borda franjada do cobertor de verão e sua cabeça repousava no travesseiro alto com uma postura compenetrada — me fez lembrar aquela foto da menina pensativa na sala ao

lado. Uma perna estava livre das cobertas — a parte interna da coxa com sua opulência de pele macia e leves ondulações — com perfume de sexo. O peito do pé tinha uma adorável curva carnuda. Seu nariz era curvo também. E por fim havia os dedos dos pés gorduchos, espremidos, em escala descendente. Herzog, sorrindo à visão dela, voltou para a cama meio trôpego de sonolência. Acariciou sua densa cabeleira e caiu no sono.

a Famoso restaurante de Chicago, localizado no Wit Hotel, no centro da cidade.

b "Assim como a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos." (Coríntios I,15-21.)

c Provavelmente o narrador se refere a *Great Books of the Western World*, coleção de livros publicada originalmente em 1952 nos Estados Unidos pela Encyclopaedia Britannica.

d Organização sionista de mulheres, fundada em 1912 por voluntárias judias norte-americanas lideradas por Henrietta Szold. Conta hoje com cerca de 270 mil membros em todo o mundo, em sua maioria mulheres.

Levou Ramona à floricultura depois do café da manhã. Ela usava um vestido vermelho justo, e eles foram se beijando e abraçando no táxi. Moses estava agitado e ria bastante, dizendo a si mesmo mais de uma vez: "Como ela é adorável! E eu estou com ela". Na Lexington Avenue, desceu com ela e a abraçou na calçada (desde quando homens de meia-idade se comportam de modo tão apaixonado em lugares públicos?). O blush de Ramona era supérfluo. Seu rosto resplandecia, estava em brasa, e ela pressionava seus seios contra ele ao beijá-lo; o taxista e a srta. Schwartz, assistente de Ramona, viam a cena.

Era esse, talvez, o jeito de viver?, ele se perguntava. Será que já tivera problemas suficientes, já pagara toda a sua dívida para com o sofrimento e conquistara o direito de ignorar o que os outros pudessem pensar? Apertou-a com mais força, sentiu que ela se avolumava, irrompia, o coração enchendo o corpo, o corpo enchendo o vestido justo vermelho. Ela lhe deu mais um beijo perfumado. Na calçada em frente à vitrine da floricultura havia margaridas, lilases, pequenas rosas, vasinhos com mudas de tomate e pimenta, tudo regado havia pouco tempo. Lá estava o vaso verde com sua base de latão perfurado. Gotas d'água assumiam formas borradas no cimento. A despeito dos ônibus que engrossavam o ar com gases fétidos, ele podia sentir o aroma fresco da terra molhada, e ouvia as mulheres passando, o rápido matraquear de seus saltos na calçada áspera. Assim, entre a indulgência bem-humorada do taxista e a mal contida censura dos olhos da srta. Schwartz por trás das folhas, ele seguiu beijando o rosto maquiado e perfumado de Ramona. No meio da vala aberta da Lexington Avenue, os ônibus lançando veneno, mas as flores sobrevivendo, rosas de um vermelho escuro, pálidos lilases, a limpidez do branco, a magnificência do vermelho, e tudo coberto pelas nuvens douradas de Nova York. Ali, na rua, até onde permitiam o caráter e a disposição, ele teve um

gostinho da vida que poderia ter levado se tivesse sido simplesmente uma criatura amorosa.

Mas, tão logo ficou sozinho no táxi ruidoso, tornou-se de novo o inescapável Moses Elkanah Herzog. Oh, que figura eu sou — que *figura*! O motorista passou o sinal vermelho na Park Avenue, e Herzog ponderava sobre como eram as coisas: Eu caio sobre os espinhos da vida, eu sangro. E daí? Eu caio sobre os espinhos da vida, eu sangro. E o que vem depois? Eu faço sexo, eu tiro breves férias, mas logo em seguida caio de novo sobre os mesmos espinhos com satisfação na dor, ou com sofrimento na alegria — quem é que sabe que mistura é essa! O que de bom, de perenemente bom, existe em mim? Será que não há nada entre o nascimento e a morte exceto o que posso extrair dessa perversidade — apenas um equilíbrio favorável de emoções desordenadas? Nenhuma liberdade? Apenas impulsos? E tudo o que eu tenho de bom no coração — não significa nada? É só uma piada? Uma falsa esperança que faz um homem sentir a ilusão de ter algum valor? E assim ele segue adiante em suas batalhas. Mas essa bondade não é falsa. Sei que não é. Juro.

Estava de novo altamente excitado. Suas mãos tremiam quando ele abriu a porta do apartamento. Sentia que precisava fazer alguma coisa, alguma coisa prática e útil, e precisava fazê-la imediatamente. Sua noite com Ramona lhe dera um novo vigor, e esse mesmo vigor reavivara seus temores e, junto com eles, o medo de ter um colapso, o medo de que aquelas fortes emoções pudessem desestruturá-lo por completo.

Tirou os sapatos, o paletó, desabotoou o colarinho, abriu as janelas da sala da frente. Correntes de ar morno com o odor levemente contaminado do porto agitavam suas cortinas rotas e a veneziana. Esse fluxo de ar o acalmou um pouco. Não, a bondade em seu coração evidentemente não contava muito, pois ali estava ele, aos quarenta e sete anos de idade, voltando para casa depois de uma noite fora, com um lábio machucado por mordidas e beijos, os problemas não resolvidos, como sempre, e o que mais ele podia dizer em sua defesa no tribunal? Tivera duas esposas; tinha dois filhos; no passado havia sido um pesquisador acadêmico, e no armário sua velha valise estava inchada como um crocodilo escamoso, com seu manuscrito incompleto. Enquanto ele postergava, outros surgiram com as mesmas ideias. Dois anos antes, um professor de

Berkeley chamado Mermelstein o passara para trás, desconcertando, subjugando e assombrando todo mundo na área, como Herzog tinha pretendido fazer. Mermelstein era um homem inteligente, um excelente estudioso. No minímo ele deve ser alguém livre de drama pessoal e por isso capaz de dar ao mundo um exemplo de ordem, merecendo assim um lugar na comunidade humana. Mas ele, Herzog, cometera algum tipo de pecado contra seu próprio coração, enquanto buscava uma grande síntese.

O que este país precisa é de uma boa síntese de cinco centavos.

Que catálogo de erros! Tomemos por exemplo suas batalhas sexuais. Completamente equivocado. Herzog, ao tratar de fazer um pouco de café, enrubesceu enquanto media a água na caneca graduada. É o indivíduo histérico que deixa sua vida ser polarizada por simples antíteses extremas como força/fraqueza, potência/impotência, saúde/doença. Ele se sente desafiado, mas incapaz de lutar com a injustiça social, fraco demais, então luta com mulheres, com filhos, com sua "infelicidade". Tomemos um caso como o do pobre George Hoberly — Hoberly, aquele chorão detestável! Herzog lavou a marca de café da sua xícara. Por que Hoberly ia correndo às lojas caras de Nova York comprar presentes íntimos, como tributos a Ramona? Porque se via esmagado pelo fracasso. Veja como um homem submete toda a sua vida a alguma labuta extrema, muitas vezes mutilante, chegando a se matar no terreno que ele próprio escolheu. Agora que esse terreno não pode ser político, é sexual. Talvez Hoberly sentisse que não a satisfizera na cama. Mas isso não parecia provável, tampouco. Problemas com o membro, até mesmo um caso de *ejaculatio praecox*, não eram coisas que afastariam uma mulher como Ramona. Era até possível que tais humilhações a desafiassem ou intrigassem, suscitando sua generosidade. Não, Ramona era humana. Ela simplesmente não queria que aquele personagem desesperado jogasse *todos* os seus fardos sobre ela. É possível que um homem como Hoberly, ao desmoronar, pretenda dar testemunho do fracasso da existência individual. Ele prova que esta *não pode dar certo*. Exacerba o amor até o absurdo para desacreditá-lo para sempre. E desse modo se prepara para servir ainda mais devotadamente ao Leviatã da organização. Mas outra possibilidade era a de que um homem explodindo de carências não reconhecidas, de imperativos, de desejos de atividade e fraternidade, de ânsia

desesperada pela realidade, por Deus, não via a hora de se atirar de cabeça sobre qualquer coisa parecida com uma esperança. E Ramona de fato parecia uma esperança; ela *escolheu* isso. Herzog sabia como era, já que ele próprio algumas vezes dera esperança às pessoas. Emitindo uma mensagem secreta: "*Conte comigo*". Era provavelmente uma questão meramente de instinto, de saúde ou vitalidade. Era sua vitalidade que levava um homem de uma mentira a outra, ou o induzia a oferecer esperança a outros. (A destrutividade criava suas próprias mentiras, mas essa era outra questão.) O que eu pareço fazer, pensou Herzog, é me inflamar com meu drama, com o ridículo, o fracasso, a denúncia, a distorção, me inflamar voluptuosamente, esteticamente, até atingir um clímax sexual. E esse clímax parece uma resolução e uma resposta a vários problemas "mais elevados". Até onde posso confiar em Ramona no papel de profetisa, é isso. Ela leu Marcuse, N. O. Brown, todos aqueles neofreudianos. Quer que eu acredite que o corpo é um fato espiritual, o instrumento do pecado da alma. Ramona é uma mulher adorável, e muito tocante, mas essa teorização é uma tentação perigosa. Só pode levar a mais equívocos majestosos.

Ficou olhando o café bater no tampo rachado da cafeteira (comparável aos pensamentos no seu crânio). Quando o líquido pareceu escuro o bastante, ele encheu sua xícara e aspirou o aroma. Decidiu escrever a Daisy dizendo que visitaria Marco no Dia da Família, sem demonstrar fraqueza. Chega de pretextar doenças! Decidiu também que devia ter uma conversa com o advogado Simkin. Imediatamente.

Conhecendo os hábitos de Simkin, devia ter-lhe telefonado mais cedo. O corpulento e rosado solteirão maquiavélico morava com a mãe, uma irmã viúva e vários sobrinhos e sobrinhas em Central Park West. O apartamento em si era luxuoso, mas ele dormia num catre do Exército no menor dos quartos. Seu criado-mudo era uma pilha de volumes jurídicos e ali ele trabalhava e lia, noite adentro. As paredes eram cobertas de cima a baixo por pinturas abstrato-expressionistas sem moldura. Às seis Simkin levantava de seu catre e dirigia seu Thunderbird até um restaurante pequeno do East Side — descobria os lugares mais autênticos, chineses, gregos, birmaneses, os porões mais escuros de Nova

York; Herzog tinha comido com ele muitas vezes. Depois de um café da manhã de pão de cebola e salmão canadense, Simkin gostava de se estender no sofá preto de vinil em seu escritório e cobrir-se com um xale tricotado por sua mãe, escutando Palestrina, Monteverdi, enquanto elaborava suas estratégias legais e comerciais. Por volta das oito ele barbeava suas amplas faces com barbeador elétrico e às nove, tendo deixado instruções para seus funcionários, saía para visitar galerias e assistir a leilões.

Herzog discou e Simkin atendeu. Imediatamente — era um ritual — Simkin começou a se queixar. Era junho, o mês dos casamentos, dois advogados juniores da firma estavam ausentes — em lua de mel. Que idiotas! "Bem, professor", disse ele, "faz tempo que não o vejo. Que ventos o trazem?"

"Primeiro, Harvey, tenho que perguntar se você pode me assessorar. Afinal, você é amigo da família de Madeleine."

"Digamos, mais propriamente, que tenho um relacionamento com eles. Por você eu tenho solidariedade. Nenhum Pontritter precisa da minha simpatia, menos ainda Madeleine, aquela megera."

"Indique outro advogado se quiser ficar fora disso."

"Os advogados podem ser caros. Você não está nadando em dinheiro, suponho."

É evidente, pensou Herzog, que Harvey está curioso. Ele gostaria de saber o máximo possível sobre minha situação. Estarei sendo sensato? Ramona quer que eu consulte o advogado dela. Mas isso talvez me comprometesse de novo com outra coisa. Além do mais, seu advogado iria querer protegê-la de mim. "Quando você está livre, Harvey?", perguntou Herzog.

"Ouça — encontrei dois quadros de um iugoslavo primitivo — Pachich. Ele acaba de chegar do Brasil."

"Podemos nos encontrar para almoçar?"

"Hoje não. Ultimamente o Anjo da Morte tomou conta..." Herzog reconheceu o tom peculiar de comédia judaica que Simkin adorava, suas elaboradas exibições de horror, seu desalento cósmico de mentirinha. "Ganhando e gastando eu exauri minhas forças...", prosseguiu Simkin.

"Basta meia hora."

"Vamos jantar no Macario. Aposto que você nunca ouviu falar... Achei que

não. Você é mesmo um caipira." Gritou asperamente para a secretária: "Traga-me aquela coluna que Earl Wilson escreveu sobre o Macario. Está me ouvindo, Tilly?".

"Você está ocupado o dia todo?"

"Tenho que ir ao tribunal. Aqueles idiotas estão nas Bermudas com suas noivas enquanto eu luto sozinho com o *moloch-ha-movos*. Sabe quanto a gente paga por um prato de *spaghetti al burro* no Macario? Adivinhe."

Tenho que entrar no jogo, refletiu Herzog. Esfregou as sobrancelhas com o polegar e o indicador. "Três dólares e meio?"

"Essa é sua ideia de caro? Cinco dólares e cinquenta!"

"Meu Deus, o que é que eles colocam no prato?"

"Salpicado com poeira de ouro, em vez de queijo ralado. Não, agora falando sério, tenho que cuidar de um caso hoje. Eu, pessoalmente. E eu detesto tribunais."

"Deixa que eu pego você de táxi e o levo para a cidade. Chego aí num instante."

"Mas estou esperando pelo cliente aqui. Vamos fazer assim: se eu tiver um tempinho mais tarde... Você está me parecendo muito nervoso. Meu primo Wachsel está no gabinete do promotor. Vou deixar um recado com ele... Bem, já que meu cliente ainda não está aqui, por que você não me conta do que se trata."

"É sobre minha filha."

"Você quer entrar com processo pela guarda dela?"

"Não necessariamente. Estou preocupado com ela. Não sei como a menina está."

"Além disso, você quer se vingar, imagino."

"Eu mando regularmente o dinheiro da pensão e sempre pergunto por June, mas nunca recebo sequer uma palavra de resposta. Himmelstein, o advogado de Chicago, disse que eu não teria a menor chance num processo pela guarda. Mas não sei como está sendo a criação da menina. O que eu sei é que eles a trancam no carro quando ela os atrapalha. Até que ponto será que eles chegam?"

"Você acha que Madeleine é uma mãe inepta?"

"Claro que acho, mas hesito em me colocar entre a menina e a mãe."

"Ela está morando com esse sujeito, seu amigão? Lembra quando você fugiu para a Polônia no ano passado e fez seu testamento? Você nomeou o cara seu testamenteiro e tutor."

"Eu fiz isso? Sim... agora estou me lembrando. Acho que fiz mesmo."

Ouviu o advogado tossir, e sabia que era uma tosse fingida; Simkin estava era rindo. Não dava para condená-lo por isso. O próprio Herzog se divertia um pouco com sua confiança sentimental nos "melhores amigos", e não conseguia deixar de pensar no prazer adicional que essa sua credulidade proporcionava a Gersbach. Obviamente, pensou Moses, eu não estava apto a cuidar dos meus próprios interesses, e provei minha incompetência todos os dias. Um tremendo babaca!

"Fiquei um tanto surpreso quando você o nomeou", disse Simkin.

"Por quê? Você sabia alguma coisa?"

"Não, mas havia alguma coisa na aparência dele, nas suas roupas, na sua voz alta e no seu falso iídiche. E que exibicionista! Eu não gostava do jeito como ele te abraçava. Até te beijava, se me lembro bem..."

"É a personalidade russa exuberante dele."

"Oh, não estou dizendo que ele seja veado, propriamente", disse Simkin. "Bem, Madeleine está morando com esse esplêndido tutor? Você podia ao menos investigar. Por que não contrata um investigador particular?"

"Um detetive! Claro!"

"A ideia te seduz?"

"Claro! Por que não pensei nisso antes?"

"Você tem o dinheiro necessário? Estou falando em dinheiro *de verdade*!"

"Volto ao trabalho em poucos meses."

"Mesmo assim, quanto você pode ganhar?" Simkin sempre falava da renda de Moses com um toque de tristeza. Pobres intelectuais, tão maltratados. Parecia se perguntar por que Herzog não se queixava disso. Mas Herzog ainda aceitava os padrões da época da Depressão.

"Posso pedir emprestado."

"Investigação particular custa um dinheirão. Vou te explicar." Fez uma pausa. "As grandes corporações criaram uma nova aristocracia sob a estrutura

tributária atual. Carros, aviões, suítes de hotel — benefícios adicionais. Também restaurantes, teatros, boas escolas particulares etc. atingiram preços fora do alcance dos cidadãos de salários modestos. Até mesmo o preço das prostitutas. A despesa médica dedutível de imposto enriqueceu psiquiatras, de modo que até sofrer custa mais agora. Quanto às várias artimanhas envolvendo seguros, imóveis etc., também posso lhe contar algumas coisas. Tudo ficou mais sutil. As grandes corporações têm sua própria CIA. Espiões científicos que roubam segredos de outras corporações. De uma maneira ou de outra, os detetives ganham grandes somas do ramo empresarial, então quando sujeitos de baixa renda como você entram em cena têm que lidar com os piores elementos dessa máfia. Muitos meros chantagistas se autodenominam detetives particulares. Agora, posso te dar um conselho útil. Você quer?"

"Sim — sim, quero. Mas..." Herzog hesitou.

"Mas qual é o meu interesse por trás disso?" Simkin, como pretendia Herzog, formulou a pergunta por ele. "Suponho que você seja a única pessoa em Nova York que não sabe como Madeleine me atacou — e com que calúnias! E eu era como um tio para ela. Morando em galpões, no meio daquela gente de teatro, a menina era como um bichinho assustado. Tive compaixão por Mady. Eu lhe dava bonecas, eu a levava ao circo. Quando atingiu a idade suficiente para entrar na Radcliffe, paguei seu uniforme. Mas quando ela foi convertida por aquele monsenhor janota eu tentei conversar com ela; e ela me chamou de hipócrita e trapaceiro. Disse que eu era um alpinista social, usando os contatos de seu pai, e que não passava de um judeu ignorante. Ignorante! Ganhei a medalha de latim no colégio em 1917. Muito bem. Mas então ela machucou uma priminha minha, uma moça epilética, doente, imatura, inocente e frágil como um camundongo que não tinha condições de cuidar de si mesma — e não vou entrar nos detalhes horríveis."

"O que foi que ela fez?"

"Essa é outra longa história."

"Então você não defende mais Madeleine. Não ouvi o que ela disse contra você."

"Talvez você não se lembre. Ela me causou umas feridas bem fundas, acredite. Não importa. Sou um velho e ganancioso cavador de dinheiro — não

sou nenhum candidato a santo, mas... Bem, é a loucura do mundo. Talvez você nem sempre perceba, professor, estando absorvido no verdadeiro, bom e belo, como Herr Goethe."

"Certo, Harvey. Sei que não sou um realista. Não tive forças para fazer todos os julgamentos que um homem precisa fazer para se tornar realista. Que conselho você ia me dar?"

"Eis uma coisa para se pensar, já que meu fétido cliente ainda não chegou. Se você quer realmente mover um processo..."

"Himmelstein disse que um júri bateria os olhos nos meus cabelos grisalhos e daria um veredito contra mim. Talvez eu deva pintar os cabelos."

"Arranje um advogado distinto de uma das grandes firmas. Não ponha um bando de judeus gritando no tribunal. Dê dignidade ao seu caso. Então você intima todos os personagens principais, Madeleine, Gersbach, a sra. Gersbach, e os coloca no banco das testemunhas sob juramento. Adverte-os contra o falso testemunho. Se as perguntas forem feitas do jeito certo, e estou disposto a treinar o seu advogado distinto e planejar o julgamento todo, você não vai precisar tocar num fio de cabelo."

Com a manga da camisa Herzog enxugou o suor que brotava da sua testa. De repente, sentiu-se muito quente. O calor, que irritava sua pele, também liberava o cheiro do corpo de Ramona que ele tinha absorvido. Saía misturado com seus próprios odores.

"Você está me acompanhando?"

"Sim, estou ouvindo, continue", disse Herzog.

"Eles vão ter que dizer a verdade, e eles próprios vão virar o caso ao seu favor. Podemos perguntar a Gersbach quando começou a história dele com Madeleine, e como ele convenceu você a levá-lo para o Meio-Oeste. Foi você que o levou, não foi?"

"Eu consegui o emprego para ele. Aluguei a casa para eles. Fiz com que o triturador de lixo fosse instalado junto à fossa. Medi as janelas para que Phoebe pudesse decidir se levava ou não suas cortinas de Massachusetts."

Simkin emitiu uma de suas exclamações típicas de espanto. "Bom, com que mulher ele está vivendo?"

"Isso eu realmente não sei. Eu gostaria de questioná-lo pessoalmente. Será

que eu posso conduzir o interrogatório no tribunal?"

"Isso não é factível. Mas o advogado pode fazer suas perguntas por você. Você pode crucificar aquele aleijado. E Madeleine — ela levou as coisas ao modo dela até agora. Nunca passou pela cabeça dela que você possa ter algum direito. Ela vai cair de cara no chão!"

"Muitas vezes eu penso: se ela morresse eu teria minha filha de volta. Há ocasiões em que eu sei que poderia olhar para o cadáver de Madeleine sem sentir pena alguma."

"Eles tentaram matar *você*", disse Simkin. "No sentido figurado, é o que eles queriam." Herzog sentiu que suas palavras sobre a morte de Madeleine tinham excitado Simkin, deixando-o ávido por ouvir mais. Ele quer que eu diga que me sinto realmente capaz de matar os dois. Bem, isso é verdade. Experimentei isso mentalmente, com uma pistola, uma faca, e não senti nenhum horror, nenhuma culpa. Nada. E antes eu não conseguia sequer imaginar um crime assim. Então talvez eu fosse capaz de matá-los. Mas não vou dizer uma coisa dessas a Harvey.

Simkin continuou: "No tribunal, você precisa provar que eles têm uma relação adúltera à qual a criança está exposta. A intimidade sexual, em si, não conta. Um tribunal de Illinois deu a guarda de uma criança a uma garota de programa, a mãe, porque, quaisquer que fossem as sacanagens que ela praticasse, ela as reservava para os quartos de hotel. Os tribunais não têm a pretensão de interromper toda a revolução sexual de nossa época. Mas, se a foda é em casa e a criança fica exposta a ela, a postura judicial é outra. Por danos à jovem psique".

Enquanto escutava, lançando um olhar duro para fora da janela, Herzog tentava dominar os espasmos de seu estômago e as sensações retorcidas e emaranhadas de seu coração. O telefone parecia captar o som de seu sangue, ritmado, diluído e veloz, lavando seu crânio por dentro. Talvez fosse apenas um reflexo nervoso de seus tímpanos. As membranas pareciam estremecer.

"Entenda", disse Simkin, "que o caso vai chegar a todos os jornais de Chicago."

"Não tenho nada a perder. Estou praticamente esquecido em Chicago. O escândalo atingiria a Gersbach, não a mim."

"Como assim?"

"Ele se promove em toda parte e cultiva todos os figurões de Chicago — clérigos, jornalistas, professores, gente da televisão, juízes federais, senhoras da Hadassah. Meu Deus, ele não dá trégua. Organiza novas combinações na televisão. Como Paul Tillich, Malcolm X e Hedda Hopper num mesmo programa."

"Pensei que o sujeito fosse poeta e locutor de rádio. Agora está parecendo um empresário de TV."

"É um poeta da comunicação de massa."

"Ele te pegou mesmo de jeito, hein? Meu Deus, é algo que já está na sua corrente sanguínea."

"Bem, como você se sentiria se acordasse um dia e visse que todas as suas melhores iniciativas não passaram de sonambulismo?"

"Mas não entendo qual é o jogo desse Gersbach."

"Vou lhe dizer. Ele é um animador de circo, um popularizador, um elo entre as elites e as massas. Ele pega celebridades e as traz para diante do público. E faz pessoas de todos os tipos sentirem que ele é exatamente aquilo que elas estavam buscando. Sutileza para os sutis. Afeto para os afetuosos. Para os crus, crueza. Para os vigaristas, hipocrisia. Atrocidade para os atrozes. Qualquer coisa que seu coração deseje. Plasma emocional que pode circular em qualquer sistema."

Simkin ficou encantado com esse desabafo, Herzog notou. Percebeu até que o advogado estava lhe dando corda, atiçando sua raiva. Mas isso não o deteve. "Tentei vê-lo como um tipo. Seria ele um Ivan, o Terrível? Um aspirante a Rasputin? Ou o Cagliostro dos pobres? Ou um político, orador, demagogo, rapsodo? Ou uma espécie de xamã siberiano? Estes muitas vezes são travestis ou andróginos..."

"Está querendo dizer que aqueles filósofos que você estuda há tantos anos são todos inutilizados por um reles Valentine Gersbach?", disse Simkin. "Todos esses anos de Espinosa, de Hegel?"

"Você está me gozando, Simkin."

"Desculpe. Não foi uma boa piada."

"Não me importo. Parece verdade. É como ter aulas de natação na mesa da

cozinha. Bem, não posso responder pelos filósofos. Talvez uma filosofia do poder, Thomas Hobbes, possa analisá-lo. Mas quando penso em Valentine eu não penso em filosofia, e sim nos livros que eu devorava quando menino, sobre as revoluções francesa e russa. E em filmes mudos, como *Madame Sans Gêne*, com Gloria Swanson. Ou Emil Jannings no papel de um general czarista. Seja como for, vejo as turbas invadindo palácios e igrejas, saqueando Versalhes, lambuzando-se em sobremesas cremosas ou despejando vinho no pau e vestindo veludo púrpura, arrebatando coroas, mitras, crucifixos..."

Herzog sabia muito bem, quando falava assim, que estava de novo à mercê daquela força excêntrica e perigosa que o vinha espreitando. Ela estava em ação agora, e ele sentia que estava se dobrando. A qualquer momento poderia ouvir um estalido. Tinha que parar com aquilo. Ouvia Simkin rir de mansinho consigo mesmo, provavelmente com uma das mãozinhas pousada como freio sobre o peito gordo, e rugas de alegre zombaria em torno dos olhos sobrancelhudos e orelhas peludas. "A emancipação resultando em loucura. Liberdade ilimitada para escolher e encarnar uma variedade de papéis com um bocado de energia bruta."

"Nunca vi um homem despejar vinho no pau em filme nenhum — onde foi que você viu isso?", disse Simkin. "No Museu de Arte Moderna? Além do mais, na sua cabeça, você não se identifica com Versalhes ou o Kremlin ou o antigo regime, ou qualquer coisa do tipo, não é mesmo?"

"Não, não, claro que não. É só uma metáfora, e provavelmente não muito boa. Só quis dizer que Gersbach não deixa escapar nada, ele testa todos os limites. Por exemplo, se ele me rouba a mulher, será que tem também de sofrer por mim minha aflição? Só porque até isso ele pode fazer melhor? E se ele é uma figura assim de amor trágico, praticamente um semideus a seus próprios olhos, será que tem de ser também o melhor dos pais e dos chefes de família? Sua esposa diz que ele é o marido ideal. Sua única queixa era de que ele tinha tesão demais. Dizia que ele trepava com ela todas as noites. Ela não conseguia acompanhar seu ritmo."

"Com quem ela se queixava?"

"Ora, com sua melhor amiga, Madeleine, evidentemente. Com quem mais? E a verdade é que Valentine é um homem família, junto com tudo o mais. Só

ele sabia como eu me sentia quanto à minha filha e me escrevia semanalmente relatórios sobre ela, fielmente, com genuína generosidade. Até eu descobrir que era ele que me causava a dor pela qual estava me consolando."

"E o que é que você fez então?"

"Procurei-o por toda Chicago. Por fim, mandei-lhe um telegrama do aeroporto quando estava partindo. Queria dizer que o mataria assim que o visse. Mas a Western Union não aceita mensagens desse tipo. Então telegrafei cinco palavras: *Dirt Enters At The Heart*.[a] As iniciais formavam 'morte'."

"Com certeza ele ficou desnorteado com a ameaça."

Herzog não sorriu. "Não sei. Ele é supersticioso. Mas, como eu disse, é um homem família. Conserta os utensílios em casa. Quando a menina precisa de um agasalho de neve, ele sai para comprar. Vai à adega Hillman's e traz pãezinhos e arenque em conserva na sacola. Além disso, é um esportista — campeão de boxe na faculdade em Oneonta, apesar da perna de pau, diz ele. Com viciados em cartas ele joga besigue, com rabinos o negócio é Martin Buber, com a Sociedade Madrigal de Hyde Park ele canta madrigais."

"Bem", disse Simkin, "ele não passa de um psicopata interesseiro, presunçoso e exibicionista. Um caso clínico, talvez, mas um tipo judaico reconhecível. Um daqueles ruidosos picaretas com uma voz trovejante. Que tipo de carro esse poeta e *promoter* dirige?"

"Um Lincoln Continental."

"Heh, heh."

"Mas tão logo bate a porta de seu Continental ele começa a falar como Karl Marx. Eu o ouvi no Auditorium, diante de uma plateia de duas mil pessoas. Era um simpósio sobre o fim da segregação, e ele abriu fogo contra a sociedade opulenta. É assim que funciona. Se você tem um bom emprego, de uns quinze mil por ano, e plano de saúde, e um fundo de aposentadoria, e talvez algumas ações, por que não virar um radical também? Pessoas letradas se apropriam de todas as melhores coisas que podem encontrar nos livros, e se vestem com elas do mesmo jeito que certos caranguejos supostamente se embelezam com algas marinhas. Então lá estava a plateia, uma confortável plateia de gente convencional de negócios que sabe cuidar bem de seus respectivos interesses, mas parece confusa sobre todo o resto e então vem ouvir um orador que se

expressa de modo confiante, com ênfase e ardor, comando e força. Com uma cabeça que parece uma fornalha flamejante, uma voz que ressoa como uma pista de boliche e uma perna de pau que percute o palco. Para mim ele é uma curiosidade, como um mongoloide cantando a *Aída*. Mas para *eles*..."

"Deus do céu, você está em ponto de bala", disse Simkin. "Por que começou de repente a falar de ópera? Do jeito como você o descreve, fica perfeitamente claro para mim que o sujeito é um ator, e eu sei muito bem que Madeleine é uma atriz. Isso eu sempre percebi. Mas vá com calma. Esse exagero é ruim para você. Assim você se consome vivo."

Moses ficou em silêncio, fechando os olhos por um momento. Então disse: "Bem, talvez você tenha razão...".

"Espere um pouco, Moses, acho que meu cliente chegou."

"Oh, tudo bem, não vou prender você. Você me passa o telefone do seu primo e eu te encontro mais tarde na cidade."

"Isso não pode demorar."

"Não mesmo. Tenho que tomar uma decisão hoje."

"Bem, vou tentar encontrar um tempinho. Agora se acalme."

"Só preciso de quinze minutos", disse Herzog. "Vou preparar antes todas as minhas perguntas."

Ao anotar o número do telefone de Wachsel, Moses pensou que talvez a melhor coisa que poderia fazer era parar de pedir conselhos e ajuda às pessoas. Isso, por si só, talvez modificasse todo o quadro. Passou a limpo na agenda o telefone de Wachsel. Ouvia ao fundo Simkin gritando rudemente com seu cliente. Alguma coisa sobre um tamanduá...?

Desabotoou a camisa e deixou-a cair atrás de si no chão do banheiro. Então abriu a torneira da pia. A porcelana ligeiramente oval estava lisa e linda à luz cinzenta. Ele tocou a brancura quase homogênea com as pontas dos dedos e aspirou os odores da água e o fedor sutil que subia da garganta do encanamento. Inesperadas invasões de beleza. É isso que é a vida. Meteu a cabeça sob o jorro da torneira e suspirou de susto e depois de prazer. *Caro M. de Jouvenel, se as metas da filosofia política são, como diz o senhor, civilizar o poder, sensibilizar o bruto, melhorar sua conduta e dirigir sua energia para tarefas construtivas, eu gostaria de dizer*, e não estava mais falando com Jouvenel, *que a visão de James*

Hoffa no seu programa de televisão uma noite dessas me fez perceber a força terrível que pode ser a sinceridade raivosa. Senti pena dos pobres professores em sua mesa redonda, os quais ele devorou sem dó. Vou lhe contar o que eu teria dito a Hoffa. "O que faz você pensar que o realismo tem que ser brutal?" As mãos de Herzog estavam nas torneiras; a esquerda agora fechou a água quente, a direita aumentou o fluxo da fria. A água escorria agora sobre seu couro cabeludo e seu pescoço. Ele estremecia com a extrema violência de pensamento e emoção.

Por fim, levantou a cabeça gotejante e a envolveu numa toalha, esfregando e sacudindo a cabeça num esforço para recuperar algum grau de calma. Enquanto fazia isso, ocorreu-lhe que essa ida ao banheiro para se recompor era um de seus hábitos. Ele parecia sentir que ali era mais efetivo, mais senhor de si. Na verdade, lembrou, por algumas semanas em Ludeyville ele pedira a Madeleine para fazer amor com ele no chão do banheiro. Ela consentiu, mas ele era capaz de perceber que, ao deitar nos velhos ladrilhos, ela estava furiosa. Muita coisa boa poderia vir daquilo. É assim que o todo-poderoso intelecto humano se entretém quando não tem nenhuma ocupação de verdade. E agora ele imaginava a chuva de novembro caindo sobre sua casa pintada pela metade em Ludeyville. Os sumagres deixavam cair o papel chinês vermelho de suas folhas, e nos bosques tremulantes os caçadores atiravam contra os veados — bangue, bangue, bangue —, voltando para casa com animais mortos no carro. A fumaça das espingardas demorava a subir da beira do mato. Moses sabia que, no fundo do coração, sua mulher recostada e inerte o estava amaldiçoando. Ele tentava tornar cômica a sua própria lascívia, mostrar como tudo aquilo era absurdo, de longe a forma mais ordinária de luta humana, a própria essência da escravidão.

Então, de repente, Moses recordou algo bem diferente que tinha ocorrido na casa de Gersbach nos arredores de Barrington mais ou menos um mês mais tarde. Gersbach estava acendendo as velas do Chanucá para seu filhinho, Ephraim, deturpando a bênção hebraica, e em seguida dançando com o menino. Ephraim estava vestido com seu desajeitado pijaminha, e Valentine, vigoroso e manco, não se deixava intimidar pela mutilação — era esse o seu grande encanto; mau humor por ser aleijado? Nem pensar! Ele estava dançando, sapateando, batendo palmas. Sua vistosa cabeleira, sempre aparada

de modo tosco no pescoço, movia-se para cima e para baixo, e ele olhava para o menino com uma ternura fanática, os olhos escuros e ardentes. Toda vez que aquela expressão se apossava dele a cor avermelhada de seu rosto parecia ser tragada inteiramente para os olhos castanhos e isso tornava suas faces quase porosas. Eu já poderia ter imaginado, pelo olhar de Mady, aquela lufada de hálito que saía dela quando ela ria espontaneamente. Aquele olhar era profundo. Estranho. Um olhar como uma liga de aço partida ao meio. Ela ama aquele ator.

Cada um de nós é simplesmente grotesco!, declarou Herzog de modo impulsivo, mas não sem dor, e sua mente saiu imediatamente em busca de estabilidade formal, tentando se agarrar (enquanto passava espuma no rosto e enfiava a lâmina no aparelho de barbear) nas ideias do último livro do professor Hocking, *se a justiça nesta Terra pode ou não ser geral, social, ou se precisa se originar no interior de cada coração. A monstruosidade subjetiva deve ser subjugada, corrigida pela comunidade, pelas atividades úteis. E, como o senhor indica, o sofrimento privado pode se distinguir do masoquismo. Mas disso nós sabemos. Sabemos, sabemos, sabemos! O sofrimento criativo, como o senhor pensa... no cerne da crença cristã.* Mas o que é isso agora? Herzog cobrou de si mesmo mais clareza. O que está de fato na minha cabeça? Provavelmente o seguinte: devo arrastar aqueles dois à barra do tribunal, sob juramento, torturá-los, apontar um lança-chamas contra seus pés? Por quê? Eles têm direito um ao outro; parecem até feitos um para o outro. Ora, deixe-os em paz. Mas e quanto à justiça? — Justiça! Veja só quem quer justiça! A maior parte da humanidade tem vivido e morrido sem ela — totalmente sem ela. Ao longo das eras bilhões de pessoas suaram, foram tapeadas, escravizadas, sangraram até a morte e foram enterradas sem ter mais justiça do que bestas de carga. Mas Moses E. Herzog, berrando a plenos pulmões de dor e de raiva, tem que ter justiça. É sua compensação por tudo o que teve de reprimir, seu direito como litigante lesado. *Eu amo a gatinha, seu pelo é quentinho, e eu vou sentar junto ao fogo e lhe dar comidinha, e a gatinha vai me amar porque sou boazinha*. Então agora sua fúria era tão grande e profunda, tão homicida, sangrenta, arrebatadora, que seus braços e dedos tremiam de desejo de estrangulá-los. Era muito para sua juvenil pureza de coração. A organização social, com todo o seu desjeito e sua

perversidade, realizou muito mais e encarna mais o bem do que eu, pois pelo menos às vezes ela proporciona justiça. Sou um caos, e falo sobre justiça. Tenho uma dívida para com as forças que me deram uma vida humana. E onde está ela? Onde está essa vida humana que é minha única desculpa para sobreviver? O que eu tenho para mostrar a mim mesmo? Só isto! Seu rosto estava à sua frente no espelho manchado. Com uma barba de espuma. Viu seus olhos perplexos, furiosos, e soltou um grito audível. *Meu Deus! Quem é essa criatura, esse ser? Ele se considera humano. Mas o que é ele? Humano não é. Mas tem a ânsia de se tornar humano. E como um sonho atormentado, um vapor persistente. Um desejo. E de onde vem isso tudo? E o que é? E o que pode ser! Não desejo imortal. Não, inteiramente mortal, mas humano.*

Enquanto vestia a camisa, fazia planos para visitar seu filho no Dia da Família. O ônibus para Catskill saía do terminal do West Side às sete da manhã e fazia a viagem pela via expressa em menos de três horas. Ele se lembrava de ter se acotovelado dois anos antes na empoeirada quadra de esportes com crianças e outros pais, das tábuas rústicas dos barracões, das cabras e hamsters cansados, dos arbustos raquíticos e do espaguete servido em pratos de papelão. Por volta da uma hora ele já estaria completamente derrubado, e as horas à espera do ônibus seriam difíceis e tristes, mas ele precisa fazer todo o possível por Marco. Quanto a Daisy, isso lhe pouparia uma viagem. Ela também vinha tendo problemas, sua velha mãe tinha ficado senil. Herzog sabia disso por muitas fontes, e o abalava de modo estranho saber que sua ex-sogra, bonita, autocrática, sufragista e "mulher moderna" de primeira hora, com seu pincenê e sua abundante cabeleira prateada, tinha perdido o autocontrole. Ela metera na cabeça que Moses tinha se divorciado de Daisy porque ela era uma prostituta de rua, com cartão amarelo e tudo — em seus delírios Polina voltava a ser russa. Cinquenta anos em Zanesville, Ohio, desapareciam quando ela suplicava a Daisy que parasse de "sair com homens". A pobre Daisy tinha que ouvir isso toda manhã depois de mandar o filho para a escola e se aprontar para sair para o trabalho. Mulher constante, confiável, responsável a ponto de ser severa, Daisy trabalhava como estatística para o Instituto Gallup. Pelo bem de

Marco ela tentava deixar a casa animada, mas não tinha talento algum para isso, e os periquitos, plantas e peixinhos dourados e as alegres reproduções de Braque e Klee do Museu de Arte Moderna pareciam intensificar a tristeza do lugar. Analogamente, em seu esmero pessoal, nas costuras impecáveis de suas meias de seda, no seu rosto empoado e nas sobrancelhas realinhadas com lápis para dar uma expressão mais vivaz, Daisy nunca sobrepujava seu desalento. Depois de limpar a gaiola dos pássaros, alimentar todas as suas pequenas criaturas e regar as plantas, ela ainda tinha que encarar sua mãe senil no vestíbulo. E Polina ordenava que ela deixasse aquela vida de desonra. Começava dizendo: "Daisy, eu lhe suplico". E no final implorava de joelhos, abaixando-se com dificuldade, já que era uma mulher de amplos quadris, as tranças brancas pendendo, a cabeça prateada comprida e delgada — muita delicadeza feminina ainda no formato daquela cabeça — e o pincenê balançando no cordão de prata. "Você não pode seguir desse jeito, minha menina."

Daisy tentava erguê-la do chão. "Tudo bem, mama. Vou mudar. Eu prometo."

"Os homens estão esperando por você, na rua."

"Não, não, mama."

"Sim, homens. Esse é um mal social. Você vai pegar uma doença. Vai ter uma morte horrível. Tem que parar. Moses voltará se você parar."

"Tudo bem. Por favor, levante-se, mama. Eu vou parar."

"Existem outros modos de ganhar a vida. Por favor, Daisy, eu lhe suplico."

"Agora chega, mama. Venha, sente-se aqui."

Trêmula e desajeitada, com quadris difíceis de manobrar e joelhos débeis, a velha Polina se levantou do chão e Daisy a guiou até sua poltrona. "Vou mandar todos eles embora. Venha, mama. Vou ligar a televisão. Quer ver o programa de culinária? Dione Lucas ou o Breakfast Club?" O sol entrava pelas venezianas. As imagens crepitantes e trêmulas na tela pareciam amareladas. E a distinta e prateada Polina, aquela mulher de princípios elevados, de coração de ferro, tricotava o dia todo em frente à TV. Os vizinhos faziam rápidas visitas. A prima Asya vinha do Bronx de quando em quando. Às quintas-feiras havia a mulher da faxina. Mas Polina, com oitenta e poucos anos, teve por fim que ser instalada num asilo de velhos em algum lugar em Long Island. Então é esse o

fim das personalidades mais fortes!

Oh, Daisy, sinto muito por isso. Tenho pena...

Uma tristeza após a outra, pensou Herzog. Com as faces barbeadas ardendo, esfregou-as com óleo de avelãs, enxugando os dedos na fralda da camisa. Apanhou chapéu, casaco e gravata e desceu correndo a escada sombria para a rua — o elevador era lento demais. No ponto de táxi encontrou um motorista porto-riquenho que alisava seu lustroso cabelo preto com um pente de bolso.

Moses deu o nó na gravata sentado no banco de trás. O taxista se virou para olhar. Examinou-o.

"Para onde, amigo?"

"Para o centro."

"Sabe, acho que tenho uma coincidência para lhe contar." Eles seguiram para o leste, na direção da Broadway. O motorista o observava pelo retrovisor enquanto dirigia. Herzog também se curvou para a frente e decifrou o nome ao lado do taxímetro: Teodoro Valdepenas. "De manhã cedo", disse Valdepenas, "vi um sujeito na Lexington Avenue, trajado como o senhor, com exatamente o mesmo modelo de casaco. O chapéu também."

"Viu o rosto dele?"

"Não... o rosto eu não vi." O táxi entrou ruidosamente na Broadway e acelerou em direção a Wall Street.

"A que altura da Lexington?"

"Da rua Sessenta, Sessenta e poucos."

"E o que o sujeito estava fazendo?"

"Beijando uma dona de vestido vermelho. Foi por isso que não vi o rosto. E quando eu digo *beijar*, quero dizer *beijar* mesmo! Era o senhor?"

"Devo ter sido eu."

"O que acha disso?" Valdepenas bateu com a mão espalmada no volante. "Rapaz! Entre milhões de pessoas, eu apanho um sujeito no La Guardia, subo o elevado Triborough, pego a East River Drive e o deixo na esquina da Lexington com a rua 72. Vejo o senhor beijando uma dona e acabo apanhando o senhor como passageiro duas horas depois."

"É como pescar o peixe que engoliu o anel da rainha", disse Herzog.

Valdepenas se virou levemente para olhar para Herzog por sobre o ombro.

“Era uma dona realmente bonita. Mulherão! Formidável! Sua esposa?”

“Não. Não sou casado. Ela não é casada.”

“Bem, moço, o senhor está certo. Quando eu ficar velho vou fazer exatamente como o senhor. Por que parar? E acredite, eu já fico longe das garotinhas. Com uma dona de menos de vinte e cinco é perda de tempo. Não quero nada com uma desse tipo. Mas uma mulher de trinta e cinco está começando a ficar séria. É esse o tipo que dá o melhor de si... Aonde mesmo o senhor está indo?”

“Ao Palácio da Justiça.”

“O senhor é advogado? Policial?”

“Como eu poderia ser um detetive com um casaco como este?”

“Hombre, hoje em dia tem detetive até vestido de mulher. O que me importa? Escute só. Mês passado fiquei puto com uma garota. Ela simplesmente deitou e ficou mascando chiclete e lendo uma revista. Como se dissesse: ‘Faz alguma coisa comigo!’. Eu disse: ‘Olha só, Teddy está aqui. Para que esse chiclete? Essas revistas?’. E ela: ‘Tá bom, vamos acabar logo com isso’. O que me diz dessa atitude? Eu disse: ‘É só no meu táxi que eu tenho pressa. Você devia levar um murro nos dentes por falar desse jeito’. Vou lhe contar uma coisa. Não foi uma boa trepada. Uma fedelha de dezoito anos não sabe nem limpar a bunda!”

Herzog riu, em grande parte de espanto.

“Não estou certo?”, disse Valdepenas. “O senhor já não é nenhum garoto.”

“Não, não sou.”

“Uma mulher de mais de quarenta sabe dar valor...” Estavam na esquina da Broadway com a Houston. Um bêbado, de barba por fazer, maxilares fortes e arrogantes, esperava com um trapo imundo para esfregar os para-brisas dos carros que paravam no semáforo, esticando a mão para pedir moedas. “Olhe só como esse vagabundo age”, disse Valdepenas. “Ele lambuza o vidro. Os bundões dão dinheiro para ele. Eles tremem nas bases. Têm medo de não dar dinheiro. Já vi esses vagabundos da Bowery cuspir nos carros. É melhor eles não encostarem no meu táxi. Tenho uma chave de roda bem aqui embaixo do assento. Arrebento a cabeça do filho da puta!”

Na oblíqua Broadway pousava a pesada sombra do verão. Escrivaninhas e

cadeiras giratórias de segunda mão e velhos arquivos verdes estavam expostos na calçada — verde-aquário, verde-pepinos em conserva. E agora a Nova York financeira englobava tudo, pesada e sem sol. Logo abaixo ficava a Trinity Church. Herzog se lembrou de quando prometeu mostrar a Marco a tumba de Alexander Hamilton. Tinha descrito a ele o duelo com Burr, o cadáver sangrento de Hamilton trazido de volta no fundo de um barco numa manhã de verão. Marco ouvia, pálido e firme, seu sardento rosto Herzog revelando pouca coisa. Marco nunca parecia se maravilhar com a imensa (a espantosa!) coleção de fatos na cabeça de seu pai. No aquário Herzog fornecia a classificação das escamas de peixe — "a ctenoide, a placoide...". Ele sabia onde o celacanto podia ser pego, a anatomia do estômago de uma lagosta. Oferecia tudo isso a seu filho — temos que parar com isso, decidiu Herzog —, conduta culpada, um pai exageradamente emotivo, um mau exemplo. Eu forço demais a barra com ele.

Valdepenas ainda estava falando quando Moses lhe pagou. Ele respondia animadamente, mas por inércia. Tinha parado de prestar atenção. Lubricidade verbal, momentaneamente divertida. "Continue dando no couro, doutor."

"A gente se vê, Valdepenas."

Virou-se para encarar o vasto edifício cinza do tribunal. A poeira rodopiava na larga escadaria, a pedra estava gasta. Na subida, Herzog encontrou um buquê de violetas, caído das mãos de uma mulher. Talvez uma noiva. Restava pouco perfume nelas, mas ele se lembrou de Massachusetts — Ludeyville. Era a época em que as peônias estavam abertas, e os arbustos de filadelfo tinham um aroma forte. Madeleine borrifava desodorante de filadelfo no toalete. Aquelas violetas tinham para ele o cheiro de lágrimas de mulher. Sepultou-as numa lata de lixo, com a esperança de que não tivessem caído de mãos desapontadas. Atravessou a porta giratória e entrou no saguão, tateando o bolso da camisa à procura do papelzinho dobrado com o número de telefone de Wachsel. Ainda era muito cedo para ligar. Simkin e seu cliente não tinham tido tempo suficiente para chegar ao centro.

Com o tempo a seu dispor, Herzog perambulou pelos enormes corredores escuros do segundo andar, onde portas acolchoadas de vaivém com janelinhas ovais davam para salas de tribunal. Espiou dentro de uma delas; os amplos

bancos de mogno pareciam oferecer um bom descanso. Entrou, tirando respeitosamente o chapéu e acenando com a cabeça para o magistrado, que não lhe deu atenção. Vasto e careca, rosto enorme, voz profunda, punho pousado sobre documentos — o sr. Juiz. A sala, com seu teto decorado, era imensa, as paredes cor de camurça mas sóbrias. Quando um dos guardas abria a porta atrás do banco do juiz, viam-se as barras das celas de detenção. Herzog cruzou as pernas (com certo estilo: sua elegância nunca o abandonava, nem mesmo quando ele se coçava), e, de olhos escuros e atentos, inclinou levemente o rosto preparando-se para escutar, uma tendência herdada da sua mãe.

De início, muito pouca coisa parecia estar acontecendo. Um pequeno grupo de advogados e clientes comentava os assuntos quase casualmente, combinava detalhes. Erguendo a voz, o magistrado interrompeu.

"Mas espere um minuto. Você está dizendo...?"

"Ele está dizendo..."

"Deixe-me ouvir o homem falar por si. Você está dizendo...?"

"Não, senhor. Eu não."

O magistrado perguntou: "Então o que você pretende? Advogado, o que isso quer dizer?".

"A alegação do meu cliente ainda é a mesma — inocente."

"Eu não..."

"Seu juiz, ele...", disse uma voz de negro, sem insistência.

"... arrastou este homem, bêbado, da St. Nicholas Avenue para o porão do supracitado em — qual é o endereço exato? Com intenção de roubar." Esta era a voz de baixo, dominadora, do magistrado; tinha um acento francamente nova-iorquino.

Do fundo da sala, Herzog agora era capaz de compreender quem era o réu naquele caso. Era o negro de calça marrom imunda. Suas pernas pareciam estar tremendo de esforço nervoso. Talvez estivesse a ponto de disputar uma corrida; até se agachava ligeiramente, com sua grande calça marrom-chocolate, como se estivesse na linha de largada. O querelante tinha uma bandagem na cabeça.

"Quanto dinheiro você tinha nos bolsos?"

"Sessenta e oito centavos, meritíssimo", disse o homem com a bandagem.

"E ele o forçou a entrar no porão?"

O réu disse: “Não siô”.

“Não perguntei para você. Fique de boca fechada.” O magistrado estava irritado.

O homem ferido girou então a cabeça. Herzog viu um rosto negro, seco, idoso, de olhos avermelhados. “Não siô. Ele disse que ia me dar um trago.”

“Você o conhecia?”

“Não siô, mas ele ia me dar um trago.”

“E você foi com esse estranho até o porão em — qual o endereço? Meirinho, onde estão aqueles papéis?” Moses agora se dava conta de como o magistrado divertia a si próprio e aos ociosos que estavam no tribunal com uma exibição de cólera. Caso contrário seria uma rotina tediosa. “O que aconteceu no porão?” Examinou os documentos que o meirinho tinha lhe passado.

“Ele me acertou.”

“Sem aviso prévio? Onde ele estava, atrás de você?”

“Não vi nada. O sangue começou a escorrer. Nos meus olhos. Não dava pra ver nada.”

Aquelas pernas tensas ansiavam por liberdade. Estavam prontas para a fuga.

“E ele tomou os sessenta e oito centavos?”

“Eu agarrei ele e comecei a gritar. Então ele me deu outra pancada.”

“Com que objeto você atingiu este homem?”

“Meritíssimo, meu cliente nega que o tenha atingido”, disse o advogado. “São conhecidos. Estavam bebendo juntos.”

O rosto negro, emoldurado pelas bandagens, de lábios grossos, mirrado, olhos vermelhos, encarou o advogado. “Eu não conheço ele.”

“Um desses golpes poderia ter matado este sujeito.”

“Agressão com intenção de roubo”, ouviu Herzog. O magistrado acrescentou: “Presumo que o querelante estivesse bêbado, para começar”.

Isto é — seu sangue estava bem diluído com uísque quando caiu na poeira de carvão. Sangue misturado com uísque estava destinado a ser derramado de um jeito assim. O criminoso começou a sair, com a mesma tensão feroz dentro da calça enorme e ridícula. O guarda, com almofadas de gordura policial nas faces, contemplava-o quase com amabilidade ao levá-lo para a cela. Com seu rosto suíno, abriu a porta e o fez seguir caminhando com um tapinha no

ombro.

Um novo grupo se postou diante do magistrado, e um policial à paisana deu seu testemunho. "Às sete e trinta e oito da noite num urinol no sanitário masculino do andar inferior da Grand Central Station... este homem (disse o nome), em pé no espaço adjacente, esticou o braço e pôs a mão no meu órgão sexual dizendo ao mesmo tempo..." O investigador era um especialista em banheiros masculinos, pensou Herzog, e ficava ali ao léu, servindo de isca. Pela rapidez e precisão do depoimento dava para saber que aquilo era rotina. "Consequentemente eu o detive por violação..." Antes que o policial à paisana tivesse terminado a lista de artigos da lei violados, o magistrado já estava dizendo: "Culpado ou inocente?".

O transgressor era um estrangeiro jovem e alto; um alemão. Seu passaporte foi mostrado. Vestia um longo casaco de couro com o cinto bem apertado, e sua pequena cabeça era coberta de cachos; suas sobrancelhas eram vermelhas. Soube-se por fim que era um médico-residente de um hospital do Brooklyn. Aqui o juiz surpreendeu Herzog, que o tomara por um trivial magistrado grosseiro, rabugento e ignorante que fazia uma cena para os desocupados na plateia (incluindo Herzog). Mas, com as duas mãos repuxando a gola de sua toga preta, demonstrando por esse gesto, pensou Herzog, que queria interromper o advogado do acusado, disse: "Melhor alertar seu cliente de que, se ele se disser culpado, nunca mais poderá exercer a medicina nos EUA".

Aquela massa de carne que emergia da abertura da toga preta do magistrado, quase sem olhos, ou com olhos de baleia, era, no fim das contas, uma cabeça humana. A voz oca, ignorante, era uma voz humana. Você não destrói a carreira de um homem só porque ele cedeu a um impulso naquela caverna fedorenta embaixo da Grand Central, na cloaca da metrópole, onde nenhuma mente pode ter certeza de sua estabilidade, onde policiais (talvez eles mesmos sujeitos a tais impulsos) provocam pobres almas e as fazem cair na armadilha. Valdepenas lhe recordara de que os tiras agora se vestiam de mulher para atrair assaltantes, ou estupradores, e, se eles eram capazes de se travestir em nome da lei, o que mais não poderiam conceber? A profunda criatividade da imaginação policial... Ele se opunha a esse desenvolvimento perverso da aplicação da lei. Práticas sexuais de qualquer tipo, desde que não perturbassem a paz, desde que

não atingissem menores de idade, eram um assunto privado. Exceto em relação às crianças. Com as crianças, nunca. Quanto a isso era preciso ser rigoroso.

Enquanto isso ele observava com atenção. O caso do médico-residente foi adiado, e agora os participantes de uma tentativa de roubo estavam diante do juiz. O prisioneiro era um rapaz, embora seu rosto fosse delineado de modo curioso, com alguns traços femininos, outros masculinos. Vestia uma camisa verde manchada. Seu cabelo tingido era longo, duro, sujo. Tinha olhos pálidos e redondos e sorria com vazia — não, pior que vazia — animação. Sua voz, quando respondia às perguntas, era aguda, fria, quebradiça em sua afetação.

"Nome?"

"Qual nome, meritíssimo?"

"O seu próprio nome."

"Meu nome de rapaz ou meu nome de garota?"

"Oh, estou entendendo..." O magistrado, assim alertado, passou os olhos pelo salão, arrebanhando sua plateia com o olhar. *Ouçam esta*. Moses se inclinou para a frente. "Bem, qual dos dois você é, um rapaz ou uma garota?"

A voz fria disse: "Depende do que as pessoas querem de mim. Algumas querem um rapaz, outras uma garota".

"Querem o quê?"

"Querem sexo, meritíssimo."

"Bem, qual é o seu nome de rapaz?"

"Aleck, meritíssimo. Ou então eu sou Alice."

"Onde você trabalha?"

"Ao longo da Terceira Avenida, nos bares. Eu simplesmente sento lá."

"É assim que você ganha a vida?"

"Meritíssimo, sou um prostituto."

Desocupados, advogados, policiais, todos com sorrisos marotos, e o próprio magistrado se deleitando profundamente com a cena — só uma mulher corpulenta, em pé, de braços grossos e nus, não participava daquilo. "Não seria melhor para o seu ofício se você tomasse banho?", perguntou o magistrado. Oh, esses atores!, pensou Moses. Atores, todos eles!

"Com a sujeira a coisa fica melhor, juiz." A gélida voz de soprano saiu inesperadamente abrupta e cortante. O magistrado mostrava intensa satisfação.

Juntou as amplas mãos e perguntou: “Bem, qual é a acusação?”.

“Tentativa de assalto de uma loja de miudezas na rua 14 com um revólver de brinquedo. Ele disse à pessoa que estava no caixa para passar o dinheiro e a pessoa o golpeou e desarmou.”

“De brinquedo! Onde está o caixa?”

Era a mulher corpulenta de braços grossos. A cabeça era cheia de cachos grisalhos. Os ombros também eram grossos. A seriedade extrema dava um aspecto enfurecido a seu rosto de nariz achatado.

“Sou eu, meritíssimo. Marie Poont.”

“Marie? Você é uma mulher valente, Marie, e ágil de raciocínio. Conte para nós o que aconteceu.”

“Ele só mostrou o volume no bolso, como se fosse uma arma, e me deu uma sacola para encher de dinheiro.” Uma mente simples e forte, Herzog detectou; o verbete adequado seria “mesomorfo”; a alma imortal enclausurada naquela caixa-forte somática. “Eu sabia que era um truque.”

“O que você fez?”

“Eu tenho um bastão de beisebol, meritíssimo. São vendidos na loja. Dei-lhe uma pancada no braço.”

“Muito bem! Foi isso o que aconteceu, Aleck?”

“Sim, senhor”, respondeu ele em sua voz clara, gelada. Herzog tentava adivinhar o segredo daquela animação alerta. Que visão das coisas esse Aleck estava demonstrando? Parecia estar dando ao mundo comédia por comédia, piada por piada. Com seu cabelo tingido, como a lã de uma ovelha castigada pelo inverno, e seus olhos redondos, com traços de rímel ainda neles, a provocante calça apertada, e algo de ovino até mesmo em sua alegria vingativa, ele era um ator notável. Com sua fantasia ruim ele desafiava uma realidade ruim, afirmando subliminarmente ao magistrado: “A sua autoridade e a minha degeneração são uma coisa só”. Sim, devia ser algo do tipo, Herzog decidiu. Sandor Himmelstein declarava com raiva que toda alma vivente era uma puta. Claro que o magistrado não tinha aberto as pernas literalmente; mas devia ter feito todo o necessário no interior da estrutura de poder para ser nomeado. Ademais, nada nele desmentia tais acusações. Seu rosto era desencantado, sem necessidade de hipocrisia. Aleck era quem reivindicava glamour e até mesmo

certo crédito "espiritual". Alguém devia ter dito a ele que a felação era o caminho para a verdade e a honra. Então aquele Aleck tingido e machucado *também* tinha uma ideia. Era mais puro, mais altivo do que qualquer quadradão, e não mentia. Não era só Sandor que tinha tais ideias — ideias estranhas, mínimas, acerca de verdade e de honra. Realismo. Sordidez na posição suprema.

Havia um registro de envolvimento com drogas. Era de esperar. Ele precisava de dinheiro para comprar o bagulho, era isso?

"Era isso, meritíssimo", disse Aleck. "Quase não tentei porque esta dona aqui parecia muito machona. Eu sabia que talvez ela fosse dura. Mas resolvi arriscar mesmo assim."

A menos que lhe perguntassem alguma coisa, Marie Poont não dizia nada. Sua cabeça pendia para a frente.

O magistrado disse: "Aleck, se continuar assim você vai parar no cemitério dos indigentes... Não lhe dou mais do que quatro ou cinco anos".

Na cova! Olhos vazios de verdade, e aquela doçura cansada apodrecendo pela boca. E então, Aleck, o que diz disso? Vai pensar? Vai ser sério? Mas aonde Aleck chegaria sendo sério? O que ele poderia esperar disso? Agora ele estava voltando para a cela e exclamou: "Até, todo mundo. Até mais". Meloso e demorado: "Até-é". Uma voz gelada. Empurraram-no para fora.

O magistrado sacudiu a cabeça. Aquelas bichas, que bando! Apanhou um lenço no bolso da toga preta e enxugou o pescoço, erguendo o queixo e recebendo o dourado de muitas luzes no rosto. Estava sorrindo. Marie Poont ainda esperava, e ele disse: "Obrigado, senhorita. Agora pode ir embora".

Herzog se deu conta de que tinha estado sentado, pernas cruzadas elegantemente, a aba oval do chapéu pressionada contra a coxa, o paletó listrado ainda abotoado e repuxado por sua postura ávida, deu-se conta, em suma, de que tinha assistido a tudo o que acontecia com sua expressão de equilíbrio inteligente, de charme e simpatia — como a velha canção, pensou, a canção que diz: "Há moscas em cima de mim, há moscas em cima de você, mas não em cima de Jesus". Um homem com um aspecto tão refinado e humano estaria fora da jurisdição da polícia, imune a formas baixas de sofrimento e punição. Herzog deslocou seu peso sobre o banco, esforçando-se

para enfiar a mão no bolso. Será que tinha dez centavos para telefonar? Tinha que ligar para Wachsel. Mas não conseguia alcançar suas moedas (estava ficando gordo?) e teve de se levantar. Tão logo ficou de pé, percebeu que havia algum problema com ele. Sentia-se como se alguma coisa terrível, inflamatória, pungente, tivesse sido instilada na sua corrente sanguínea, aguilhoando e queimando suas veias, seu rosto, seu coração. Sabia que estava ficando branco, embora o sangue pulsasse violentamente em sua cabeça. Viu que o magistrado o estava encarando, como se Herzog lhe devesse a cortesia de um aceno de cabeça ao deixar seu tribunal... Mas ele lhe virou as costas e precipitou-se para o corredor, abrindo com um repelão as portas de vaivém. Abriu o colarinho, lutando com a apertada casa de botão da camisa nova. O suor escorria por seu rosto. Começou a respirar mais normalmente ao se postar de pé junto à ampla janela alta. Havia uma grade de metal na sua base. Através dela passava uma corrente de ar mais fresco, e a poeira circulava silenciosamente sob as lâminas da persiana verde e preta. Alguns dos amigos mais queridos de Herzog, sem falar no seu tio Arye — e seu próprio pai, pensando bem —, tinham morrido de problemas cardíacos, e houve ocasiões em que Herzog pensou que poderia estar tendo um ataque também. Mas não, ele era de fato muito forte e saudável, e não... O que estava dizendo? Terminou a frase, porém: não tão sortudo. Precisava viver. Completar sua tarefa, qualquer que fosse ela.

A ardência no peito diminuiu. Era como se tivesse engolido um bocado de veneno. Mas agora ele tinha a vaga suspeita de que o veneno vinha de dentro. Na verdade, sabia que vinha. O que o produzia? Deveria supor que alguma coisa que antes era boa dentro dele tinha estragado, ficado ruim? Ou já era ruim desde a origem? Sua própria maldade? Ver gente nas mãos da lei o perturbava. Achava horríveis a testa vermelha do médico-residente, as pernas trêmulas do negro. Mas suspeitava de sua própria reação também. Havia gente, Simkin, por exemplo, ou Himmelstein, ou o dr. Edvig, que acreditava que em certo sentido Herzog era bastante simples, que seus sentimentos eram pueris. Que ele tinha sido poupado da destruição de certos sentimentos como o ganso de estimação é poupado de ir para o forno. Sim, um ganso de estimação! Simkin parecia vê-lo como via a tal garota doente e inocente, a prima epilética a quem Madeleine supostamente maltratou. Jovens judeus, criados sob princípios morais como as

damas vitorianas eram criadas para o piano e o bordado, pensou Herzog. E eu vim aqui hoje para dar uma olhada em algo diferente. Esse, evidentemente, é o meu intuito.

Li errado de propósito o meu contrato. Eu nunca fui o proprietário, mas estava apenas emprestado a mim mesmo. Evidentemente continuo a acreditar em Deus. Embora nunca admita. Mas que outra coisa explicaria minha conduta e minha vida? Assim eu posso também reconhecer como são as coisas, mesmo porque de outro modo eu não poderia nem ser descrito. Meu comportamento dá a entender que existe uma barreira contra a qual eu venho fazendo pressão desde o início, a vida toda, com a convicção de que é necessário e de que alguma coisa deve vir daí. Talvez de que eu consiga atravessá-la. Devo ter tido sempre uma ideia desse tipo. Será fé? Ou será simplesmente infantilidade, a esperança de ser amado por fazer a tarefa que mandaram? Isso é, se procurarmos uma explicação psicológica, infantil e classicamente depressiva. Mas Herzog não acreditava que a explicação mais rude e avara, segundo a lei da parcimônia, fosse necessariamente a mais verdadeira. Impulsos ávidos, amor, intensidade, vertigem passional, essas coisas deixam um homem enjoado e doente. Por quanto tempo poderei suportar essa percussão interna? A fachada deste corpo vai desmoronar. Minha vida inteira batendo contra seus limites, e a força de desejos frustrados voltando como um veneno pungente. O mal, o mal, o mal...! Amor exacerbado, característico, extático se convertendo no mal.

Estava sofrendo. Era natural que estivesse. Se pelo menos ele tivesse pedido a tantas pessoas que mentissem para ele, muitas, muitas, a começar, naturalmente, pela sua mãe. As mães mentem para os filhos porque eles de certo modo pedem isso. Mas talvez sua mãe tenha ficado chocada, também, com a imensa melancolia, a melancolia dela própria, que via em Moses. O olhar da família, os olhos, aqueles olhos-faróis. E, embora recordasse com amor o rosto triste da mãe, ele não poderia dizer, de coração, que desejava ver perpetuada aquela tristeza. Sim, ela refletia a experiência profunda de uma raça, sua atitude em face da felicidade e da mortalidade. Aquela sombria caixa

humana, aquela casca escura, aquelas linhas endurecidas de submissão ao destino de ser humano, aquele rosto esplêndido mostrava as reações dos nervos mais sutis de sua mãe à grandiosidade da vida, rica em dor, em morte. Ela era linda, está certo. Mas ele tinha esperança de que as coisas mudassem. Quando soubermos lidar melhor com a morte, ostentaremos uma expressão diferente, nós, seres humanos. Nossas feições vão mudar. *Quando* soubermos lidar!

Ela nem sempre tinha mentido para poupar os sentimentos dele. Ele recordou que num final de tarde ela o levou para a janela da sala da frente porque ele fizera uma pergunta sobre a Bíblia: como Adão tinha sido criado do pó da terra. Eu tinha seis ou sete anos. E ela ia me dar a prova. Seu vestido era marrom e cinza — cor de sabiá. Seu cabelo era espesso e preto, com fios brancos já despontando. Havia uma coisa que ela queria me mostrar junto à janela. A luz vinha da neve na rua, no mais o dia estava escuro. Cada uma das janelas tinha bordas coloridas — amarela, âmbar, vermelha — e falhas e riscos nos vidros foscos. Nas calçadas ficavam os grossos postes marrons daquela época, com isoladores de vidro verde, e pardais marrons empoleirados nas barras transversais que sustentavam os fios congelados e arqueados. Sarah Herzog abriu a mão e disse: "Agora olhe com atenção e verá do que Adão foi feito". Esfregou um dedo na palma da mão, esfregou até uma coisa escura aparecer na pele de riscos profundos, uma partícula do que certamente para ele tinha a aparência de terra. "Está vendo? É verdade." Homem adulto, no presente, junto à grande janela sem cor, que lembrava uma vela de barco imóvel, do lado de fora da sala do tribunal, Herzog fez como ela havia feito. Esfregou a mão, sorrindo; e funcionou; uma partícula da mesma coisa escura começou a se formar na sua palma. Agora ele se levantou para espiar pela grade de ferro preto trabalhado. Talvez ela tenha me oferecido essa prova, em parte, com um espírito de comédia. Com o humor que a gente só consegue ter quando contempla a morte de modo franco, quando pondera o que um ser humano de fato é.

A semana da morte dela, também no inverno. Aconteceu em Chicago, e Herzog tinha dezesseis anos, era praticamente um rapaz. Foi no West Side. Ela estava morrendo. Herzog, evidentemente, não queria participar daquilo. Já era um livre-pensador. Darwin, Haeckel e Spencer eram seus velhos conhecidos.

Ele e Zelig Koninski (onde terá ido parar aquele jovem dourado?) desdenhavam da biblioteca do bairro. Compravam livros grossos de todos os tipos na estante dos volumes de trinta e nove centavos na Walgreen — *O mundo como vontade e representação* e *O declínio do Ocidente*. E tanta coisa! Herzog franziu o cenho no esforço de lembrar. Papai tinha o emprego noturno, dormia durante o dia. Era preciso andar pela casa nas pontas dos pés. Se a gente o acordava, ele ficava furioso. Seus aventais, fedendo a óleo de linhaça, ficavam pendurados na porta do banheiro. Às três da tarde, seminu, ele saía do quarto para tomar seu chá, calado, o rosto cheio de uma áspera raiva. Mas aos poucos ele se tornou de novo um empreendedor, fazendo negócios diversos na Cherry Street, em frente ao bordel dos negros, entre os trens de carga. Tinha uma escrivaninha de tampo de correr. Raspou o bigode. E então mamãe começou a morrer. E eu ficava na cozinha nas noites de inverno, estudando *O declínio do Ocidente*. A mesa redonda era coberta por um oleado.

Foi um janeiro medonho, ruas cobertas de gelo duro como aço. A lua banhava a neve vitrificada dos quintais onde barracões de trastes projetavam suas sombras. Embaixo da cozinha ficava a sala da fornalha. O zelador alimentava o fogo, vestido com seu avental de saco de juta, sua barba de negro salpicada de carvão. A pá raspava no cimento e em seguida batia com um clangor na boca da fornalha. Ele fechava a porta da fornalha com um golpe da sua pá. E carregava as cinzas para fora em velhas cestas de pêssegos. Sempre que eu podia, abraçava as moças da lavanderia na sala dos tanques, no subsolo. Mas eu estava mergulhado em Spengler agora, bracejando e me afogando nas visões oceânicas daquele sinistro alemão. No princípio houve a Antiguidade, pela qual todos os homens suspiram — a maravilhosa Grécia! Depois a era mágica, e a faustiana. Aprendi que eu, um judeu, nasci mago e que nós, magos, já tivemos a nossa grande era, terminada para sempre. Não importava o quanto eu me esforçasse, nunca alcançaria a ideia do mundo cristão e faustiano, para sempre estranha para mim. Disraeli *achava* que podia compreender e comandar os britânicos, mas estava totalmente equivocado. É melhor eu me resignar ao destino. Um judeu, uma relíquia, assim como os lagartos são relíquias da grande era dos répteis, talvez eu pudesse prosperar por uma via falsa tapeando os góis, o rebanho laborioso de uma civilização fraudada e esgotada.

Seja como for, estávamos numa era de exaustão espiritual — todos os velhos sonhos já tinham sido sonhados. Eu me enfurecia; ardia como aquela fornalha; lendo cada vez mais, doente de fúria.

Quando levantei os olhos das linhas apertadas e de seu insidioso pedantismo, o coração contaminado pela ambição e pela bactéria da vingança, mamãe estava entrando na cozinha. Vendo luz embaixo da porta, ela tinha atravessado a casa toda, de seu quarto de doente. O cabelo tivera de ser cortado durante sua enfermidade, e isso tornava seus olhos difíceis de reconhecer. Ou não, vai ver que o cabelo curto tornava meramente mais simples a mensagem deles: *Meu filho, isto é a morte*.

Optei por não ler esse texto.

"Eu vi a luz", disse ela. "O que está fazendo acordado a esta hora?" Mas os moribundos, por conta própria, desistiram das horas. Ela apenas tinha pena de mim, seu órfão, compreendia que eu era um gesticulador, um ambicioso, um tolo; achava que eu iria precisar da minha visão e da minha força em certo dia do juízo.

Poucos dias depois, quando já tinha perdido o poder da fala, ela ainda tentava consolar Moses. Era como quando, em Montreal, ele sabia que ela estava sem fôlego de tanto arrastá-lo de trenó, mas mesmo assim não se levantava para seguir a pé. Quando ela estava morrendo, ele entrou no quarto dela com os livros de escola e começou a lhe dizer alguma coisa. Mas ela ergueu as mãos e lhe mostrou as unhas. Estavam azuis. Ele arregalou os olhos e ela começou lentamente a mover a cabeça para cima e para baixo, como se dissesse: "É isso mesmo, Moses, agora estou morrendo". Ele se sentou ao lado da cama. Imediatamente ela começou a acariciar sua mão, da melhor maneira que podia, pois seus dedos tinham perdido a flexibilidade. Sob as unhas eles lhe pareciam estar assumindo já a tonalidade azulada da marga das sepulturas. Ela já começava a se transformar em terra! Ele não ousava olhar, mas ouvia o arrastar dos trenós das crianças na rua, e o rilhar das rodas das carrocinhas de ambulantes no gelo irregular, o grito áspero do vendedor de maçãs e o ruído dos pratos de sua balança de aço. O vapor assobiava no respiradouro. A cortina estava fechada.

No corredor fora da sala do tribunal, ele enfiou as duas mãos nos bolsos da

calça e endireitou os ombros. Rangia os dentes. Um garoto livresco, inexperiente. E então, pensou, houve o funeral. Como Willie chorou na capela! Era seu irmão Willie, afinal, que tinha o coração mais mole. Mas... Moses sacudiu a cabeça para se livrar de tais pensamentos. Quanto mais pensava, pior era sua visão do passado.

Esperou sua vez para usar a cabine telefônica. O aparelho, quando se apossou dele, estava úmido de tantas bocas e orelhas que o tinham usado. Herzog discou o número que Simkin lhe dera. Wachsel disse que não, não tinha recebido recado nenhum de Simkin, mas o sr. Herzog seria bem-vindo. Era só aparecer e esperar. "Não, obrigado, vou telefonar de novo", disse Herzog. Não tinha habilidade alguma para esperar em escritórios. Nunca fora capaz de esperar o que quer que fosse. "O senhor por acaso sabe se ele está em algum lugar do edifício?"

"Sei que ele está aqui, com certeza", disse Wechsel. "Se não me engano é um caso da área criminal. E isso seria..." Listou de memória uma série de números de salas.

Herzog escolheu alguns deles. Disse: "Vou dar uma olhada e volto a lhe telefonar em meia hora, se o senhor não se incomodar".

"Não, não me incomodo. Estamos abertos para o público o dia todo! Por que o senhor não tenta o oitavo andar? O pequeno Napoleão — com aquela voz você será capaz de ouvi-lo através das paredes."

Na primeira sala de tribunal em que Herzog entrou depois de ouvir essa sugestão estava acontecendo um julgamento. Ele era uma das poucas pessoas nos bancos polidos de madeira. Depois de poucos minutos já tinha esquecido Simkin por completo.

Um jovem casal, uma mulher e o homem com quem ela morava num hotel decadente no centro da cidade, estava sendo julgado pelo assassinato do filho dela, uma criança de três anos. O filho era de outro homem, que a abandonara, segundo contou o advogado em sua apresentação. Herzog observou como eram grisalhos e idosos todos aqueles advogados, pessoas de outra geração e de um círculo diferente da vida — pessoas tolerantes, satisfeitas. Os réus podiam ser

identificados por sua aparência e por suas roupas. O homem vestia uma jaqueta de zíper puída e manchada e ela, uma ruiva, com um largo rosto rosado, usava um vestido estampado marrom de ficar em casa. Os dois estavam impassíveis, aparentemente não afetados pelo depoimento, ele com suas costeletas baixas e seu bigode louro, ela com maçãs do rosto grosseiras e sardentas e longos olhos ocultos.

Ela vinha de Trenton e era manca de nascença. Seu pai trabalhava como mecânico numa oficina. Ela havia estudado até a quarta série, tinha noventa e quatro de Q.I. Um irmão mais velho era o protegido; ela foi negligenciada. Sem atrativos, taciturna, desajeitada, usando uma bota ortopédica, virou delinquente em idade precoce. Seu histórico estava diante da corte, prosseguiu o advogado, equilibrado, suave e afável. Uma garota raivosa e incontrolável, desde a primeira série. Havia testemunhos dos professores. Havia também registros médicos e psiquiátricos, e um relatório neurológico para o qual o advogado queria chamar especialmente a atenção da corte. Ele mostrava que sua cliente tinha sido diagnosticada, mediante um encefalograma, como portadora de uma lesão cerebral capaz de alterar radicalmente seu comportamento. Sabia-se que ela sofria violentos ataques epileptoides de raiva; sua tolerância às emoções regidas pelo lobo lesionado era sabidamente muito baixa. Por ser uma pobre criatura aleijada, ela tinha sido frequentemente molestada e depois abusada sexualmente por rapazes adolescentes. De fato, seu histórico no juizado de menores era bem volumoso. Sua mãe a detestava, tinha se recusado a comparecer ao julgamento e teria declarado: "Ela não é minha filha coisa nenhuma. Lavamos nossas mãos quanto a ela". A ré tinha sido engravidada aos dezenove anos por um homem casado que morou com ela por vários meses, depois voltou para sua esposa e família. Ela se recusou a dar o filho para adoção, morou algum tempo com ele em Trenton e depois se mudou para Flushing, onde trabalhou como cozinheira e faxineira numa casa de família. Numa de suas folgas de fim de semana ela conheceu o outro réu, na época empregado como porteiro num restaurante popular na Columbus Avenue, e decidiu morar com ele no Montcalme Hotel, na rua 103 — Herzog tinha passado muitas vezes por ali. Dava para sentir da rua o cheiro de miséria; o fedor negro transbordava pelas janelas abertas — roupa de cama, lixo, desinfetante, veneno contra

baratas. A boca de Herzog estava seca e ele se inclinou para a frente no banco, esforçando-se para ouvir.

O perito médico estava no banco das testemunhas. Ele tinha visto a criança morta? Sim. Tinha um relatório a fazer? Sim. Deu a data e as circunstâncias do exame. Homem robusto, careca, solene, com lábios carnudos e circunspectos, segurava as anotações com as duas mãos, como um cantor — era a testemunha experiente, profissional. A criança, declarou, tinha uma conformação normal, mas parecia ter sofrido desnutrição. Havia sinais de raquitismo incipiente, os dentes já estavam cariados, mas isso às vezes era sintoma de que a mãe tivera toxemia durante a gravidez. Havia algum sinal incomum no corpo da criança? Sim, com toda evidência o menino tinha sido espancado. Uma vez, ou repetidamente? Em sua opinião, espancado com frequência. O couro cabeludo estava esfolado. Havia contusões profundas, não muito comuns, nas costas e nas pernas. As canelas estavam manchadas. Onde os machucados eram mais graves? Na barriga, e especialmente na região dos genitais, onde o menino parece ter sido golpeado com alguma coisa capaz de romper a pele, talvez uma fivela de metal ou o salto de um sapato de mulher. "E o que o senhor descobriu internamente?", prosseguiu o promotor. Havia duas costelas quebradas, uma delas uma fratura antiga. A mais recente tinha causado danos ao pulmão. O fígado do menino tinha sofrido uma ruptura. A hemorragia decorrente disso pode ter sido a causa imediata da morte. Havia também um ferimento no cérebro. "Na sua opinião, então, a criança morreu de modo violento?" "Essa é minha opinião. A lesão no fígado teria sido suficiente."

Tudo isso parecia a Herzog estar sendo tratado num tom excepcionalmente baixo e contido. Todos — os advogados, o júri, a mãe, seu amigo bruto, o juiz — se comportavam com muita moderação, extremamente controlados e de fala mansa. Uma calma assim — seria inversamente proporcional ao assassinato?, ele pensou. Juiz, júri, advogados e réus, todos pareciam completamente desprovidos de emoção. E ele próprio, ali sentado com seu novo casaco de madras e seu chapéu de palha? Apertava com força o chapéu e se sentia profundamente enjoado. A borda áspera da palha deixava marcas em seus dedos.

Uma testemunha prestou juramento, um homem de aspecto sólido de uns

trinta e cinco anos, num elegante terno Oxford cinza de verão, com um corte típico da Madison Avenue. Seu rosto era redondo, cheio, queixudo, mas sua cabeça tinha pouca altura acima das orelhas e era ainda mais achatada pelo cabelo escovinha. Fazia gestos vistosos, puxando as pernas da calça ao se sentar, desabotoando os punhos da camisa e inclinando-se para responder às perguntas com uma polidez medida, séria, masculina. Seus olhos eram escuros. Dava para ver a risca do seu cabelo quando ele franzia as sobrancelhas, ponderando as respostas. Identificou-se como vendedor no ramo das janelas reforçadas contra tempestades. Herzog sabia o que ele queria dizer — caixilhos de alumínio com trilhos triplos: tinha lido os anúncios. A testemunha morava em Flushing. Perguntaram-lhe se conhecia a acusada. Ela foi solicitada a se levantar, e o fez. Era uma figurinha baixa e manca, de cabelos ruivos escuros, encrespados, os longos olhos afundados, pele sardenta, lábios grossos e pardos. Sim, ele a conhecia, ela tinha morado na sua casa oito meses antes, não exatamente empregada por ele, não, na verdade era uma prima distante de sua esposa, que teve pena dela e lhe deu um quarto — ele construíra um pequeno apartamento no sótão, com um banheiro separado e ar-condicionado. Ela foi solicitada a ajudar no serviço doméstico, naturalmente, mas também se ausentava e deixava o filho, uma vez por vários dias. Ele sabia que ela maltratava o filho? O menino nunca estava limpo. A gente nem queria pegá-lo no colo. Ele tinha herpes e a esposa da testemunha acabou aplicando-lhe uma pomada, já que a mãe não o fazia. A criança era quieta, boazinha, agarrada à mãe, um menininho assustado, e cheirava mal. A testemunha podia descrever melhor a atitude da mãe? Bem, na estrada, eles estavam indo de carro visitar a avó e pararam num restaurante Howard Johnson. Todos fizeram seus pedidos. Ela pediu um sanduíche de carne grelhada e, quando este chegou, começou a comê-lo e não deu nada para a criança. Então ele próprio (indignado) deu ao menino uma parte da sua carne com molho.

Não consigo entender!, pensou Herzog, enquanto aquele homem bom, movendo lentamente a queixada, deixava o banco das testemunhas. Não consigo... mas essa é a dificuldade com gente que passa a vida estudando ciências humanas e por isso imagina que, uma vez que foi descrita nos livros, a crueldade terminou. Claro que ele sabia que não era bem assim —

compreendia que os seres humanos não viveriam de modo a ser compreendidos pelos Herzog. Por que deveriam?

Mas não teve tempo de pensar nisso. A testemunha seguinte já prestara juramento, era o recepcionista do Montcalme; um solteirão na faixa dos cinquenta; lábios frouxos, grandes rugas, faces estragadas, cabelo que parecia pintado, voz profunda e melancólica, com um ritmo descendente em cada frase. As frases iam baixando, baixando, até que as últimas palavras se perdiam num rumor de sílabas. Um ex-alcoólatra, julgou Herzog pelo aspecto de sua pele, e havia também certa afetação afeminada na sua fala. Disse que tinha ficado de olho naquele "casal desafortunado". Eles alugaram um quartinho barato. A mulher sacava dinheiro da Assistência Social. O homem não tinha ocupação. A polícia vinha de quando em quando perguntar por ele. E o menino, será que ele podia contar à corte alguma coisa sobre o menino? O principal é que a criança chorava um bocado. Os hóspedes reclamavam, e quando ele foi investigar descobriu que o menino era trancado num armário. Como castigo, era o que a ré havia dito a ele. Mas nos últimos tempos o menino estava chorando menos. No dia da sua morte, porém, houve um bocado de barulho. Ele ouviu alguma coisa cair, e gritos agudos vindos do terceiro andar. Tanto a mãe como o filho estavam berrando. Alguém estava segurando o elevador, então ele subiu correndo pela escada. Bateu na porta, mas ela estava gritando alto demais para ouvir. Então ele abriu e entrou. Será que podia contar à corte o que viu? Ele viu a mulher com o menino nos braços. Achou que ela o estivesse abraçando, mas, para seu espanto, ela o arremessou com os dois braços. O menino se chocou contra a parede. Era isso que provocava o barulho que ele estava ouvindo lá de baixo. Havia mais alguém presente? Sim, o outro réu estava deitado na cama, fumando. E a criança agora berrava? Não, a essa altura ela estava estendida no chão, em silêncio. O recepcionista falou alguma coisa então? Respondeu que estava aterrorizado pela expressão da mulher, por seu rosto inchado. Ela estava vermelha, escarlate, e começou a berrar com toda a força, e a bater o pé no chão, o pé com o salto ortopédico, ele notou, e ele teve medo que ela avançasse com as unhas contra os seus olhos. Então ele foi chamar a polícia. Em pouco tempo o outro réu desceu ao térreo. Explicou que o filho dela era uma criança-problema. Ela não conseguia ensiná-lo a usar o

banheiro. O jeito como ele se sujava a deixava maluca. Sem falar do choro a noite inteira! Eles estavam conversando quando o carro de polícia chegou. E encontrou a criança morta? Sim, ela estava morta quando eles chegaram.

"A defesa quer fazer perguntas?", disse o juiz. O advogado de defesa dispensou a inquirição com um movimento dos longos dedos brancos, e o juiz disse: "A testemunha está dispensada. Isso é tudo".

Então a testemunha se levantou e Herzog se levantou também. Tinha que se mexer, tinha que sair dali. De novo estava se perguntando se iria passar mal. Ou era o terror da criança que se apossara dele? Fosse como fosse, sentia-se sufocado, como se as válvulas do seu coração não estivessem se fechando e o sangue voltasse para os pulmões. Caminhava com passo rápido e pesado. Virando para trás quando já estava saindo da sala, viu apenas a cabeça grisalha do juiz, cujos lábios se moviam em silêncio enquanto ele lia um de seus documentos.

Quando alcançou o corredor, disse para si mesmo: "Oh, meu Deus!" e, ao tentar falar, descobriu em sua boca um fluido acre que tinha de ser engolido. Ao se afastar da porta esbarrou numa mulher com uma bengala. De sobrancelhas e cabelos bem negros apesar de já estar na meia-idade, ela apontou para baixo com a bengala em vez de falar. Ele viu que ela usava uma tala com travas metálicas no pé e que as unhas estavam pintadas. Então, depois de engolir o gosto horrível, disse: "Desculpe". Sentia uma nauseante dor de cabeça, penetrante e hedionda. Era como se tivesse chegado perto demais do fogo e queimado os pulmões. Ela não disse nada, mas não parecia disposta a deixá-lo seguir. Seus olhos, salientes, severos, ainda o encaravam, identificando-o completa e redondamente como um idiota. De novo — em silêncio — *Tu, idiota!* No paletó de listras vermelhas, o chapéu apertado debaixo do braço, cabelos despenteados, olhos inchados, ele esperou que ela se afastasse. Quando finalmente ela se foi, de bengala, tala e travas pelo corredor manchado, ele se concentrou. Com toda a sua força — de coração e mente — tentou extrair alguma coisa para a criança morta. Mas o quê? Como? Esforçou-se com intensidade, mas "toda a sua força" era pouca para ele conseguir alguma coisa para o menino enterrado. Herzog não experimentava nada senão seus próprios *sentimentos humanos*, nos quais não encontrava nada de útil. E se ele se

comovesse a ponto de chorar? Ou de rezar? Juntou as mãos. E o que ele sentia? Ora, ele sentia a si mesmo — suas próprias mãos trêmulas, e os olhos que ardiam. E o que havia na América moderna, pós... pós-cristã pelo que se pudesse rezar? Justiça — justiça e misericórdia? E rezar para afastar a monstruosidade da vida, o sonho perverso que ela era? Abriu a boca para aliviar a pressão que sentia. Sentia-se torcido, retorcido, torcido de novo.

A criança gritava, agarrava-se à mãe, mas com os dois braços a garota a jogava contra a parede. Nas pernas dela havia pelos ruivos. E seu amante, também, com sua queixada e costeletas extravagantes, assistindo da cama. Deitar para copular, levantar para matar. Uns matam e depois choram. Outros, nem isso.

a "A sujeira entra no coração." No original em inglês as iniciais da palavra formam o vocábulo *death* (morte).

Nova York não poderia detê-lo agora. Tinha que ir a Chicago para ver sua filha, enfrentar Madeleine e Gersbach. A decisão não foi buscada; ela simplesmente chegou. Ele foi para casa e trocou as roupas novas com que vinha se divertindo por um velho terno leve de linho riscado de azul e branco. Por sorte, ele não tinha desfeito a mala ao voltar de Vineyard. Verificou rapidamente a valise e deixou o apartamento. Como era do seu feitio, estava determinado a agir sem saber claramente o que fazer, e mesmo reconhecendo que não tinha poder sobre seus impulsos. Esperava que, no avião, na atmosfera mais clara, chegasse a compreender por que estava voando.

O superjato levou-o até Chicago em noventa minutos, rumo ao oeste, voando contra a rotação do planeta e dando a Herzog uma extensão da tarde e da luz do sol. Embaixo, as nuvens pareciam de espuma. E o sol, como a mancha que nos vacinava contra o conjunto do espaço em desintegração. Ele olhava para a vastidão azul e para o brilho vivo das turbinas sob a asa. Quando o avião arremeteu, ele mordeu o lábio. Não que tivesse medo de voar, mas ocorreu-lhe que, se a aeronave se espatifasse, ou simplesmente explodisse (como ocorrera recentemente em Maryland, quando figuras humanas foram vistas sendo despejadas como ervilhas), Gersbach se tornaria o guardião de June. A menos que Simkin rasgasse o testamento. *Caro Simkin, astuto Simkin, rasgue aquele testamento!* Haveria também duas apólices de seguro, uma comprada por Herzog pai para seu filho Moshe. Mas olhe só o que virou aquela criança, o jovem Herzog, enrugado, aturdido, com o coração doendo. Estou dizendo a verdade a mim mesmo. O céu é testemunha. A aeromoça ofereceu-lhe uma bebida, que ele recusou com um aceno de cabeça. Sentia-se sem condições de olhar para o rosto bonito e saudável da moça.

Quando o jato pousou, Herzog atrasou seu relógio. Atravessou depressa o

portão 38 e desceu o longo corredor até a empresa de aluguel de carros. Para se identificar, tinha um cartão American Express, sua carteira de motorista de Massachusetts, suas credenciais universitárias. Ele mesmo teria ficado desconfiado diante de endereços tão diversos, para não falar do terno de linho manchado e amassado do freguês, Moses Elkanah Herzog; mas a funcionária que recolheu seu formulário, uma mulherzinha gentil, de seios grandes, cabelos encaracolados e nariz largo (mesmo no estado em que estava Herzog se sentiu tocado a ponto de lhe sorrir levemente), só perguntou se ele queria um conversível ou um sedã. Escolheu o sedã, verde-azulado, e saiu dirigindo, tentando encontrar o caminho sob o fulgor esverdeado das luzes e a luz empoeirada do sol em meio a placas não familiares. Entrou no trevo para tomar a via expressa e então se juntou ao tráfego veloz — naquela área, cem quilômetros por hora. Não conhecia aquelas novas partes de Chicago. Canhestra, fedida e meiga Chicago, atolada no fundo de seu lago antigo; e este obscuro oeste alaranjado, e o ronco de fábricas e trens, despejando gases e fuligem no verão nascente. O tráfego que vinha da cidade estava pesado, não no lado da estrada em que estava Herzog, e ele se mantinha na pista da direita à procura de nomes de rua familiares. Depois da Harlem Avenue ele estava na cidade propriamente dita e conhecia o caminho. Deixando a via expressa em Montrose, virou para o leste e rodou até a casa de seu falecido pai, um predinho de dois andares de tijolos, um de uma fileira que seguia o mesmo projeto — o telhado íngreme, a escada de cimento embutida do lado direito, jardineiras tomando toda a largura das janelas frontais, o montículo gramado entre a calçada e os alicerces; ao longo da calçada, olmos e aqueles maltrapilhos choupos de casca enegrecida, suja e enrugada, e folhas que ficavam muito ásperas no meio do verão. Havia também certas flores, típicas de Chicago, coisas brutas, ceráceas, que pareciam pedaços vermelhos e roxos de crayon, uma espécie curiosa de objetos naturais com aparência artificial. Aquelas plantas tolas comoviam Herzog por serem tão sem graça, tão cafonas. Ele se lembrou da devoção de seu pai pelo jardim, quando o velho Herzog se tornou dono de propriedade perto do fim da vida — como ao anoitecer ele molhava suas flores com a mangueira e como parecia enlevado, os lábios em repouso satisfeito e seu nariz reto saboreando o cheiro da terra molhada. À direita e à

esquerda, quando Herzog emergiu do sedã alugado, os regadores giravam e dançavam, espalhando gotas cintilantes, desfraldando véus iridescentes. E esta era a casa em que Herzog pai tinha morrido poucos anos antes, numa noite de verão, se erguendo de repente na cama e dizendo: "*Ich shtarb!*".[a] E então morreu, e aquele seu sangue vívido virou pó em todos os canais contraídos de seu corpo. E então o corpo também — oh, Deus! — definha; e abandona os ossos, e mesmo os ossos por fim se desintegram em pó no lugar estreito em que foram depositados. E assim humanizado, este planeta, em sua galáxia de estrelas e mundos, vai do vazio ao vazio, infinitesimal, sofrendo com sua relevância apartada. *Apartada?* Herzog, com seu gesto bem judeu de encolher os ombros, sussurrou: "*Nu, maile...*".[b] Que seja como tiver de ser.

Em todo caso, ali estava a casa de seu falecido pai, na qual vivia a viúva, a muito velha madrasta de Moses, completamente sozinha naquele pequeno museu dos Herzog. O bangalô pertencia à família. Ninguém o queria agora. Shura era um multimilionário, deixava isso bastante óbvio. Willie tinha ido longe no negócio de materiais de construção do pai — possuía uma frota daqueles caminhões com tremendas carrocerias cilíndricas que misturavam cimento a caminho do canteiro de obras onde ele era despejado (Moses não entendia muito bem) para a construção de arranha-céus. Helen, ainda que seu marido não estivesse no mesmo patamar de Willie, estava pelo menos bem de vida. Ela já quase não falava mais de dinheiro. E ele próprio? Tinha uns seiscentos dólares no banco. Ademais, para seus propósitos, tinha o que precisava. A pobreza não era o seu quinhão; desemprego, cortiços, pervertidos, ladrões, vítimas no tribunal, o horror do Montcalme Hotel e de seus quartinhos sórdidos, cheirando a ruína e a insetos mortos — isso não era para ele. Ainda tinha condições de tomar o superjato para Chicago quando lhe dava vontade, podia alugar o Falcon verde-azulado, dirigir até a velha casa. Assim ele se dava conta com peculiar clareza da sua posição na escala das prerrogativas — de riqueza, de insolência, de inverdade, se você preferir. E não apenas da sua posição: quando os amantes discutiam, eles tinham um Lincoln Continental para trancar lá dentro uma criança chorona.

Rosto pálido, boca contrita, subiu as escadas à sombra do crepúsculo que se avizinhava, e apertou o botão. Este tinha em seu centro uma lua crescente que

se acendia à noite.

A campainha tocou do lado de dentro, aqueles tubos de cromo acima da porta, xilofone de metal, que tocava "Merrily we roll along" toda, menos as últimas duas notas. Esperou um bom tempo. A velha senhora, Taube, tinha sido sempre lenta, mesmo quando estava na faixa dos cinquenta, meticulosa, ponderada, bem ao contrário dos ágeis Herzog — todos eles tinham herdado a absurda rapidez elegante do pai, algo da assertividade daquela marcha de um homem só com que o velho Herzog tinha desfilado desafiadoramente mundo afora. Moses tinha simpatia por Taube; talvez fosse um problema sentir outra coisa com relação a ela. O olhar instável de seus redondos olhos saltados era causado possivelmente por uma resolução radical de ser lerda, um programa permanente de retardamento e estagnação. A passo de tartaruga, ela cumpria detalhadamente cada meta a que se propunha. Comia, ou bebia, com lentidão. Não trazia a xícara até a boca, mas levava os lábios até ela. E falava bem devagar, para dar amplitude a sua astúcia. Cozinhava com dedos que não seguravam com muita firmeza, mas era uma excelente cozinheira. Vencia nas cartas, numa lerdeza irritante, mas vencia. Perguntava cada coisa duas ou três vezes, e repetia as respostas para si mesma. Com a mesma lentidão ela punha fitas no cabelo, escovava os dentes, ou picava figos, tâmaras e folhas de sene para ajudar na digestão. Com a idade, seu lábio foi ficando caído e seu pescoço engrossou no encontro com os ombros de tal modo que ela tinha que inclinar um pouco a cabeça para a frente. Oh, ela agora estava velha mesmo, com oitenta e tantos anos e nada bem de saúde. Tinha artrite; um dos olhos estava com catarata. Mas, ao contrário de Polina, estava com a mente lúcida. Sem dúvida os problemas que ela tivera com Herzog pai, que ficou mais turbulento, colérico e rabugento com a idade, tinham fortalecido seu cérebro.

A casa estava às escuras, e qualquer um que não fosse Moses teria ido embora, concluindo que não havia ninguém. Ele, porém, esperou, sabendo que ela acabaria abrindo a porta. Em sua juventude ele a vira demorar cinco minutos para abrir uma garrafa de soda — uma hora para espalhar a farinha sobre a mesa ao fazer massa. Seu strudel era como uma obra de joalheria, recheada com pedras vermelhas e verdes de frutas em conserva. Por fim ele a ouviu à porta. Elos da corrente de metal apareceram na estreita abertura. Ele

viu os olhos escuros de Taube, agora mais lúgubres e salientes. A porta de vidro de inverno ainda a separava de Moses. Ele sabia que ela também estava trancada. Os velhos ficavam encolhidos e desconfiados em seus próprios lares. Além disso, Moses sabia que a luz estava às suas costas; podia não ser reconhecido. E ele não era mais o mesmo Moses, de todo modo. Mas, apesar de examiná-lo como a um estranho, ela já o reconhecera. Seu intelecto, ao contrário do resto, não era lento.

"Quem é?"

"Sou eu, Moses..."

"Não conheço você. Estou sozinha. Moses?"

"Tante Taube — Moses Herzog. Moshe."

"Ah — Moshe."

Dedos lentos e inábeis soltaram a corrente. A porta se fechou para soltar o pega-ladrão, em seguida se abriu e — Deus misericordioso! — que rosto ele viu, sulcado pelo sofrimento e pela idade, percorrido por linhas descendentes ao redor da boca! Quando ele entrou ela ergueu mãos débeis para abraçá-lo. "Moshe... Entre, vou acender uma luz. Feche a porta, Moshe."

Ele encontrou o interruptor e acendeu a lâmpada muito fraca do corredor de entrada. Ela espalhou uma luz rosada; o vidro antiquado do lustre o fez lembrar do *ner tamid*, a vela votiva na sinagoga. Ele fechou a porta, deixando do lado de fora a fragrância dos gramados molhados. A casa estava abafada e com o cheiro levemente ácido de lustra-móveis. O lustre de que se lembrava estava lá, na penumbra da saleta de visitas — bem como os armários e mesas de tampo embutido, o sofá brocado com seu brilhante plástico protetor, o tapete oriental, os cortinados perfeitos e rígidos nas janelas com venezianas fixas nas laterais. Uma lâmpada seguia acesa às suas costas. Descobriu sobre o fonógrafo um retrato sorridente de Marco quando garotinho, de joelhos à mostra, num banco, rosto viçoso e encantador cabelo escuro penteado para a frente. E ao lado estava ele próprio, numa foto tirada quando obteve o seu mestrado, bonito mas um tanto queixudo. Seu rosto mais jovem expressava as demandas de uma ingênua presunção. Era já um homem adulto, mas só na idade, e aos olhos de seu pai era teimosamente não europeu, isto é, inocente por escolha própria. Moses se recusava a reconhecer o mal. Mas não podia se recusar a vivenciá-lo. Em

decorrência disso, coube a outros praticá-lo contra ele, sendo em seguida acusados (por ele) de maldade. Entre os retratos restantes havia um de Herzog pai em sua última encarnação — a de cidadão americano —, belo, de rosto bem barbeado, sem nada da sua postura inquieta de desafio masculino, de sua impetuosidade de antigamente, de seu protesto apaixonado. Ainda assim, ver o rosto de Herzog pai em sua própria casa comoveu Moses. Tante Taube se aproximava com passos lentos. Não havia ali nenhuma foto dela. Moses sabia que ela fora uma moça estonteante, apesar de seu lábio habsburgo; e, mesmo quando ela já estava nos seus cinquenta anos e ele a conheceu como viúva Kaplitzky, ostentava belas sobrancelhas espessas e uma pesada trança num tom castanho de animal; uma figura suave, ainda que um tanto frouxa, mantida rígida por seu "gorselette". Ela não queria ser lembrada de sua beleza ou do seu antigo vigor.

"Deixe-me ver você", disse ela, parando diante dele. Seus olhos estavam inchados, mas firmes o bastante. Ele a encarou, tentando evitar que o horror se estampasse em seu rosto. Deduziu que ela havia demorado tanto porque estava colocando a dentadura. Esta era nova, malfeita — uma linha reta de dentes, sem curvatura. Como uma tábua, ele pensou. Os dedos dela estavam desfigurados, com pele solta que cobria parte das unhas. Mas estas estavam pintadas. E que mudanças ela via nele? "Ach, Moshe, você está mudado."

Limitou sua resposta a um aceno afirmativo de cabeça. "E a senhora, como está?"

"Como você vê. A morta-viva."

"Mora sozinha?"

"Eu tinha uma mulher — Bella Ockinoff, da peixaria. Você a conheceu. Mas ela não era muito limpa."

"Venha, tante, sente-se."

"Oh, Moshe", disse ela. "Não posso sentar, não posso ficar em pé, não posso deitar. Melhor ir logo para junto do papai. O papai está melhor que eu."

"Está tão ruim assim?" Herzog deve ter traído uma emoção maior do que imaginava, pois agora se deparava com os olhos dela examinando-o atentamente, como se ela não acreditasse que o sentimento dele tivesse a ver com ela e tentasse descobrir sua verdadeira origem. Ou seria a catarata que lhe

dava aquela expressão? Ele a conduziu até uma poltrona, segurando seu braço, e sentou-se no sofá coberto de plástico. Sob a tapeçaria. Pierrot. Clair de Lune. Luar veneziano. Toda aquela incrível banalidade que tanto o oprimira em seus tempos de estudante. Agora aquilo não o abalava especialmente. Era outro homem, com outros propósitos. A velha senhora, ele percebia, estava tentando descobrir por que ele estava ali. Sentia que ele estava muito agitado, que tinha perdido sua vagueza habitual, o ar orgulhoso de abstração de que M. E. Herzog, ph.D., outrora se revestira. *Aqueles dias se foram para sempre.*

"Trabalhando muito, Moshe?"

"Sim."

"Ganhando a vida?"

"Oh, sim."

A velha senhora baixou por um momento a cabeça. Ele viu o couro cabeludo, o ralo cabelo grisalho. Exíguo. O organismo tinha feito tudo o que podia.

Ele compreendeu claramente que ela estava comunicando seu direito de viver naquela propriedade Herzog, ainda que, ao permanecer viva, o estivesse privando daquela parte remanescente do patrimônio.

"Tudo bem, não estou reclamando de nada, tante Taube", disse ele.

"O quê?"

"Leve sua vida normalmente, não se preocupe com a propriedade."

"Você não está se vestindo bem, Moshe. Qual é o problema, está passando uma fase difícil?"

"Não. Vesti um terno velho para viajar de avião."

"Tem assuntos para resolver em Chicago?"

"Sim, tante."

"As crianças estão bem? Marco?"

"Está no acampamento."

"Daisy ainda não se casou de novo?"

"Não."

"Você tem que lhe pagar pensão?"

"Não é muita coisa."

"Não fui uma madrasta ruim, fui? Seja sincero."

"A senhora foi uma boa madrasta. Muito boa."

"Fiz o que pude", disse ela, e nessa sua meiguice ele teve um vislumbre de seus velhos disfarces — o poderoso e elaborado papel que ela tinha desempenhado com Herzog pai como a paciente viúva Kaplitzky, que tinha sido esposa de Kaplitzky, o proeminente atacadista, sem filhos, a sua única adorada, com um medalhão cravejado de rubis, viajando em vagões-suíte — no Portland Rose, no 20th Century — ou de primeira classe no navio *Berengaria*. Na qualidade de segunda sra. Herzog ela não teve uma vida fácil. Tinha bons motivos para sentir saudade de Kaplitzky. "*Gottseliger* Kaplitzky",[c] como ela sempre se referia a ele. E uma vez ela dissera a Moses: "*Gottseliger* Kaplitzky não queria que eu tivesse filhos. O médico achava que podia ser ruim para o meu coração. E toda vez... Kaplitzky, *alehoshalom*, cuidava de tudo. Eu nem olhava".

Ao relembrar isso, Herzog soltou uma risada muito breve. Ramona iria gostar daquele "Eu nem olhava". Ela sempre olhava, curvava-se para a frente, segurando uma mecha solta de cabelo, faces afogueadas, divertindo-se muito com a falta de jeito dele. Como na noite anterior, deitando, abrindo os braços para ele... Devia telegrafar para ela. Ela não compreenderia o desaparecimento dele. E então o sangue começou a pressionar sua cabeça. Lembrou-se da razão por que estava ali.

Sentou-se perto do lugar exato em que Herzog pai, no ano anterior a sua morte, tinha ameaçado lhe dar um tiro. O motivo daquela fúria era dinheiro. Herzog estava falido, e pediu ao pai para servir de fiador de um empréstimo. O velho o interrogou minuciosamente, sobre seu trabalho, suas despesas, seu filho. Não tinha paciência com Moses. Naquela época eu estava morando na Filadélfia, sozinho, fazendo minha escolha (não era uma escolha!) entre Sono e Madeleine. Talvez ele até tivesse ouvido falar que eu estava a ponto de me converter ao catolicismo. Alguém tinha espalhado esse boato; talvez tenha sido Daisy. Eu estava então em Chicago porque papai tinha me chamado. Ele queria me falar sobre as mudanças em seu testamento. Dia e noite ele pensava em como dividiria seu patrimônio, e consequentemente pensava em cada um de nós, naquilo que merecíamos e no modo como faríamos uso de nossa parte. Nas horas mais impróprias, ele me telefonava e dizia que eu tinha de ir vê-lo

imediatamente. Eu viajava a noite inteira de trem. E ele me levava para um canto e dizia: "Quero que você ouça, de uma vez por todas. Seu irmão Willie é um homem honesto. Quando eu morrer, ele fará tudo conforme o combinado". "Acredito, papai."

Mas ele perdia as estribeiras todas as vezes, e, quando quis me dar um tiro, foi porque não suportava mais me ver, não suportava meu olhar, o olhar de presunção, de padecimento orgulhoso. O olhar da elite. Não o censuro por isso, pensou Moses enquanto Taube descrevia de modo lento e minucioso seus males. Papai não podia suportar uma expressão assim no rosto de seu filho caçula. Eu perdia tempo. Dissipava-me em estúpidos esquemas, *libertando* meu espírito. O coração dele doía de ressentimento por minha causa. E papai não era como certos velhos que vão ficando embotados ao se aproximar da própria morte. Não, seu desespero era pungente e contínuo. E Herzog sentiu de novo uma pontada de dor por seu pai.

Ficou escutando o relato de Taube sobre seu tratamento com cortisona. Os grandes, luminosos e mansos olhos dela, os olhos que tinham domesticado Herzog pai, não estavam olhando para Moses agora. Fitavam um ponto além dele e o deixavam livre para relembrar aqueles últimos dias de Herzog pai. Caminhávamos juntos até Montrose para comprar cigarros. Era junho, quente como agora, céu limpo. Papai não dizia coisa com coisa. Disse que devia ter se divorciado da viúva Kaplitzky dez anos antes, que tivera esperança de desfrutar os últimos anos de sua vida — seu iídiche ficava mais espinhoso e esquisito nessas conversas —, mas tinha trazido seu ferro para uma forja fria. *A kalte kuzhnya, Moshe. Kein fire.*[d] O divórcio era impossível porque ele devia muito dinheiro para ela. "Mas você tem dinheiro hoje em dia, não tem?", perguntou Herzog, de modo abrupto. Seu pai estacou, olhando-o fixamente no rosto. Herzog se espantou ao ver, à luz plena do verão, quanto a desintegração já havia avançado. Mas os elementos remanescentes, incrivelmente vívidos, mantinham todo o seu antigo poder sobre Moses — o nariz reto, o sulco entre os olhos, os matizes castanhos e verdes naqueles olhos. "Eu preciso do meu dinheiro. Quem vai me sustentar — você? Posso subornar o Anjo da Morte por um bom tempo ainda." Então ele dobrou um pouco os joelhos — Moses leu aquele velho sinal; tinha a habilidade de uma vida inteira de interpretação dos gestos

do pai: aqueles joelhos dobrados significavam que algo de grande sutileza estava para ser revelado. "Não sei quando serei dado à luz", sussurrou Herzog pai. Usou o velho termo iídiche para o parto de uma mulher — *kimpet*. Moses não sabia o que dizer, e sua voz saiu como pouco mais do que um sussurro: "Não se atormente, papai". O horror daquele segundo nascimento, nas mãos da morte, fazia seus olhos brilharem e os lábios se comprimirem em silêncio. Então Herzog pai disse: "Tenho que me sentar, Moshe. O sol está muito forte para mim". De fato, ele de repente pareceu muito afogueado, e Moses o amparou, ajudou-o a sentar-se na mureta de cimento de um gramado. O olhar do velho agora era de orgulho masculino ferido. "Até eu estou sofrendo com o calor de hoje", disse Moses. Postou-se entre o pai e o sol.

"Talvez eu vá no mês que vem a St. Joe, para os banhos", Taube estava dizendo. "Ao Whitcomb. É um lugar agradável."

"Sozinha?"

"Ethel e Mordecai querem ir."

"Oh...?" Ele assentiu com a cabeça, para que ela continuasse. "Como está Mordecai?"

"Como poderia estar, na idade dele?" Moses ficou atento até ela começar a falar e então voltou a pensar no pai. Tinham almoçado na varanda dos fundos naquele dia, e foi então que começou a discussão. Moses tivera talvez a impressão de que estava ali como um filho pródigo, admitindo as piores coisas e pedindo a misericórdia do velho, e assim Herzog pai não viu mais do que um apelo estúpido no rosto do filho — incompreensível. "Idiota!", foi o que o velho gritou. "Bezerrão!" Então percebeu a demanda furiosa subjacente à expressão de paciência de Moses. "Fora daqui! Não vou lhe deixar nada! Vai tudo para Willie e Helen! Você...? Que morra num albergue de mendigos." Moses se levantou e Herzog pai berrou: "Fora. E não apareça no meu funeral".

"Tudo bem, talvez eu não apareça."

Tarde demais, tante Taube o alertara para ficar em silêncio, com um erguer de sobrancelhas — ela ainda tinha sobrancelhas na época. Herzog pai levantou cambaleando da mesa, o rosto transtornado, e foi correndo pegar sua pistola.

"Vá, vá! Volte mais tarde. Eu chamo você", Taube tinha sussurrado a Moses, e ele, confuso, relutante, ardendo, ferido porque sua desgraça não era

reconhecida na casa de seu pai (seu egotismo monstruoso seguia fazendo suas demandas peculiares), levantou relutantemente da mesa. "Rápido, rápido!", Taube tentava levá-lo para a porta da frente, mas o velho Herzog os alcançou com a pistola.

Ele gritou: "Vou matar você!". E Herzog ficou chocado não tanto com a ameaça, na qual não acreditava, quanto com o retorno da força de seu pai. Em sua fúria ele a recuperara brevemente, embora aquilo pudesse custar-lhe a vida. O pescoço tenso, o ranger dos dentes, a cor assustadora da pele, até mesmo o russo garbo militar com que ele ergueu a arma — isso tudo era melhor, pensou Herzog, que sua prostração durante uma caminhada até a loja. Herzog pai não tinha sido feito para inspirar pena.

"Vá, vá", disse tante Taube. A esta altura Moses estava chorando.

"Talvez você morra primeiro", gritou Herzog pai.

"Papai!"

Ouvindo só em parte a lenta descrição que tante Taube fazia da aposentadoria iminente do primo Mordecai, Herzog rememorou amargamente o tom daquele grito. *Papai — Papai*. Seu trapalhão! O velho, a seu modo quase demente, estava tentando representar a hombridade que você devia ter tido. Ora, vir àquela casa com aquele sorrisinho cristianizado do filho sofredor. Se pelo menos fosse um autêntico convertido, como Mady. Ele devia ter puxado o gatilho. Aquelas expressões do filho eram uma agonia para ele. Merecia ser poupado, na sua idade avançada.

Então lá estava Moses com olhos inchados de choro, na rua, esperando por seu táxi, enquanto Herzog pai ia e vinha diante daquelas janelas, encarando-o em estado de agonia — sim, você conseguiu produzir isso nele. Andando de um lado para o outro com seu jeito impaciente, deixando o peso cair sobre um calcanhar. A pistola jogada no chão. Quem pode dizer se Moses abreviou a vida do velho com a dor que lhe causou. Talvez o estímulo da raiva a tenha até prolongado. Ele não podia morrer e deixar aquele Moses feito pela metade.

Reconciliaram-se no ano seguinte. E então, mais do mesmo. E então... morte.

"Quer que eu faça uma xícara de chá?", perguntou tante Taube.

"Sim, por favor, eu gostaria, se a senhora estiver disposta. E quero também

dar uma olhada na escrivaninha do papai."

"Escrivaninha do papai? Está trancada. Você queria olhar lá dentro? Tudo pertence a vocês, os filhos dele. Você vai poder levar a escrivaninha quando eu morrer."

"Não, não!", disse ele, "não preciso da escrivaninha em si, mas estava passando, vindo do aeroporto, e pensei em parar para ver como a senhora estava. E agora que estou aqui gostaria de dar uma espiada na escrivaninha. Sei que a senhora não se importa."

"Quer alguma coisa, Moshe? Na última vez você levou a caixa de prata de sua mãe."

Ele a tinha dado a Madeleine.

"O relógio de bolso de papai ainda está lá?"

"Acho que Willie o levou."

Ele franziu o cenho, concentrado. "E quanto aos rublos?", perguntou. "Gostaria de dá-los a Marco."

"Rublos?"

"Meu avô Isaac comprou rublos czaristas durante a Revolução, e eles sempre ficaram na escrivaninha."

"Na escrivaninha? Tenho certeza de que nunca os vi."

"Eu gostaria de dar uma olhada, enquanto a senhora prepara uma xícara de chá, tante Taube. Dê-me a chave."

"A chave...?" Ao questioná-lo, antes, ela havia falado mais depressa, mas agora recaía na lentidão, erguendo uma muralha de retardamento diante dele.

"Onde a senhora a guarda?"

"Onde? Onde eu a guardo? Na penteadeira do papai? Ou em outro lugar? Deixe-me lembrar. É assim que eu estou agora, é difícil lembrar as coisas..."

"Eu sei onde está", disse ele, levantando-se de repente.

"Você sabe? Então, onde é que está?"

"Na caixa de música, onde a senhora sempre costumava guardá-la."

"Na caixa...? Seu pai tirou-a de lá. Trancou meus cheques da previdência social quando chegaram. Disse que todo o dinheiro devia ficar com *ele*..."

Moses sabia que seu palpite estava certo. "Não se preocupe, eu a encontrarei", disse ele. "Enquanto isso, a senhora prepara o chá. Estou com

muita sede. Foi um dia quente e longo."

Ajudou-a a se levantar, segurando seu braço flácido. Estava fazendo as coisas a seu modo — uma espécie pobre de vitória repleta de consequências perigosas. Seguindo adiante sem ela, entrou no quarto. A cama de seu pai tinha sido retirada. A dela estava ali sozinha, com sua colcha horrenda — de um material que o fez pensar numa língua encapada. Aspirou o velho aroma, o ar escuro e pesado, e levantou a tampa da caixa de música. Naquela casa ele precisava apenas consultar a memória para encontrar o que queria. O mecanismo emitia suas pequenas notas musicais à medida que o cilindro interior girava, e as notas eram do *Figaro*. Moses era capaz de preencher a melodia com a letra:

Nel momento
Della mia cerimonia
Io rideva di me
Senza saperlo.

Seus dedos reconheceram a chave.

A velha Taube, no escuro do lado de fora do quarto, disse: "Encontrou?".

Ele respondeu: "Está aqui", falando numa voz baixa e suave, para não piorar as coisas. A casa era dela, afinal de contas. Invadi-la era uma descortesia. Ele não se sentia envergonhado com aquilo, apenas reconhecia com toda a objetividade que não estava certo. Mas tinha que ser feito.

"A senhora quer que eu ponha a chaleira no fogo?"

"Não, uma xícara de chá eu ainda sou capaz de fazer."

Ele ouviu os passos lentos no corredor. Ela estava indo para a cozinha. Herzog se dirigiu rapidamente para a pequena sala de estar. As cortinas estavam fechadas. Acendeu a luz do abajur ao lado da escrivaninha. Ao procurar o interruptor, rasgou a seda antiga do abajur, soltando uma poeira fina. O nome daquela cor era rosa antigo — teve certeza disso. Abriu a escrivaninha de cerejeira, fazendo correr seu tampo móvel. Então retrocedeu e fechou a porta, não sem antes assegurar-se de que Taube tinha chegado à cozinha. Reconheceu cada artigo que havia nas gavetas: couro, papel, ouro. Ligeiro e tenso, veias latejando na cabeça, tendões vibrando nas mãos, ele apalpou até encontrar o que estava procurando: a pistola de Herzog pai. Uma velha pistola de cano

laqueado. Papai a trouxera para tê-la à mão na Cherry Street, nos pátios da ferrovia. Moses abriu o tambor da arma. Havia duas balas. Era isso, então. Ele rapidamente fechou a arma e a enfiou no bolso. Ali ela fazia um volume muito visível. Tirou a carteira do bolso e a substituiu pela arma. Enfiou a carteira no bolso de trás da calça.

Então começou a procurar os tais rublos. Encontrou-os num compartimento pequeno, junto com velhos passaportes, envolvidos em fitas grudadas com cera, como gotas de sangue coagulado. *La bourgeoise Sarah Herzog avec ses enfants, Alexandre huit ans, Hélène neuf ans et Gillaume trois ans*, firmado pelo conde Adlerberg *Gouverneur de St. Petersbourg*. Os rublos estavam numa grande carteira de notas — um de seus brinquedos quarenta anos antes. Pedro, o Grande, numa vistosa armadura, e uma esplêndida imperadora Catarina. A luz do abajur revelava as marcas-d'água. Relembrando como ele e Willie costumavam brincar de cassino com aquele dinheiro, Herzog soltou uma de suas risadas curtas e em seguida fez com aquelas grandes cédulas um ninho para a pistola em seu bolso. Achou que ela ficava menos evidente assim.

"Conseguiu o que queria?", Taube lhe perguntou na cozinha.

"Sim." Depositou a chave sobre a mesa de metal esmaltado.

Sabia que não era apropriado pensar que a aparência dela era de ovelha. Esse hábito figurativo da sua mente prejudicava seu juízo, e era bem possível que ainda acabasse por desgraçá-lo. Talvez o dia estivesse próximo; talvez naquela mesma noite sua alma seria cobrada como pagamento. A arma pesava em seu peito. Mas os lábios protuberantes, os grandes olhos e a boca enrugada *pareciam* de ovelha, e o alertavam de que estava se arriscando demais à destruição. Taube, uma veterana da sobrevivência, digna de nota, tinha estacado em seu caminho rumo à cova, detendo a própria morte por força de sua lentidão. Tudo havia se deteriorado, menos sua astúcia e sua incrível paciência; e em Moses ela via Herzog pai de novo, nervoso e impaciente, impulsivo, sofredor. Os olhos dele piscaram nervosos quando ele se inclinou em direção a ela na cozinha. Ela murmurou: "Está com tantos problemas assim? Não os torne piores, Moshe".

"Problema nenhum, tante. Tenho uns assuntos para resolver... Acho que não vou poder esperar pelo chá, no fim das contas."

"Vou pegar a xícara de seu pai para você."

Moses bebeu água de torneira na xícara de chá de seu pai.

"Até logo, tante Taube, fique bem." Beijou-a na testa.

"Lembra que ajudei você?", perguntou ela. "Não esqueça. Cuide-se, Moshe."

Ele saiu pela porta dos fundos; tornava a partida mais simples. Madressilvas cresciam junto à calha de chuvas, como nos tempos de seu pai, e perfumavam a noite — era quase intenso demais. Um coração podia ficar totalmente petrificado?

Pisou no acelerador quando o sinal abriu, tentando decidir qual era a rota mais rápida até a Harper Avenue. A nova via expressa Ryan era muito veloz, mas o faria desembocar no intenso trânsito negro da rua 51 Oeste, onde as pessoas passeavam a pé ou faziam o corso de carro. Havia o Garfield Boulevard, muito melhor; porém, ele não estava certo de conseguir encontrar o caminho em meio ao Washington Park depois do anoitecer. Decidiu seguir a Eden até a Congress Street e a Congress até a Outer Drive. Sim, assim seria mais rápido. O que iria fazer quando chegasse à Harper Avenue ele ainda não tinha decidido. Madeleine ameaçara mandar prendê-lo se ele aparecesse perto da casa. A polícia tinha seu retrato, mas isso era pura besteira, besteira e paranoia, a imposição de poderes imaginários que o tinham impressionado no passado. Mas agora havia entre ele e Madeleine uma questão real, uma criança, uma realidade — June. Da covardia, da fraqueza e do embuste, de um pai incompetente e de uma vaca ardilosa, viera algo de genuíno! A sua filhinha! Enquanto subia a rampa da via expressa, gritou para si mesmo que ninguém faria mal a *ela*. Acelerou, avançando em sua faixa com o resto do tráfego. O fio da vida estava retesado nele. Vibrava loucamente. Mais do que a ruptura desse fio, o que ele temia era deixar de fazer o que devia fazer. O pequeno Falcon avançava com ímpeto. Achava que sua velocidade era tremenda, até que um enorme caminhão o ultrapassou pela direita e ele se deu conta de que não era hora de se arriscar a tomar uma multa por excesso de velocidade — não com uma pistola no bolso — e tirou o pé do acelerador. Espiando à direita e à esquerda, percebeu que a nova via expressa tinha sido traçada rasgando velhas ruas, ruas que ele conhecia. Viu de uma nova perspectiva os enormes tanques

de gás, coroados de luzes, e os fundos de uma igreja polonesa com um Cristo em brocados exibido numa janela iluminada, como numa vitrine. A longa curva para o leste passava sobre os pátios de manobra da ferrovia, inflamados na poeira do crepúsculo, os trilhos se estendendo rumo ao oeste; em seguida, o túnel sob a mastodôntica agência do correio; mais além, as espeluncas da State Street. Da última ladeira da Congress Street as distorções do anoitecer faziam o lago se elevar como um muro cruzado por faixas cor de ametista, azul-escuro, prata áspera, e uma cor de ardósia no horizonte, barcos balançando junto ao quebra-mar, e helicópteros e pequenos aviões com suas luzes oscilantes no alto do céu. O odor familiar da água fresca, suave mas também bruto, atingiu-o quando ele rumava a toda para o sul. Não parecia ilógico que ele pudesse reivindicar o privilégio da insanidade, da violência, tendo sofrido o diabo: xingamentos e fuxicos, falsas incriminações, dor e até o exílio em Ludeyville. Aquela propriedade era para ter sido o seu hospício. E por fim seu mausoléu. Mas eles tinham feito algo mais a Herzog — algo inesperado. Não é todo mundo que tem a oportunidade de matar com a consciência limpa. Eles tinham aberto o caminho para o assassinato justificável. Mereciam morrer. Tinha o direito de matá-los. Eles até saberiam por que estavam morrendo; nenhuma explicação era necessária. Quando ele se postasse diante deles, teriam que se sujeitar. Gersbach se limitaria a deixar pender a cabeça, com lágrimas vertidas por ele próprio. Como Nero — *Qualis artifex pereo*. Madeleine daria um grito agudo e lançaria imprecações. De puro ódio, o elemento mais poderoso em sua vida, mais forte do que qualquer outro poder ou motivo. Em espírito era ela a assassina dele, e portanto ele estava liberado, poderia atirar ou esganar sem remorso. Nos braços e nos dedos, no fundo do coração, ele sentia o doce impulso do estrangulamento — horrível e doce, o êxtase orgástico de infligir a morte. Estava suando violentamente, a camisa molhada e fria embaixo dos braços. Veio à sua boca um gosto de cobre, um veneno metabólico, um gosto trivial, mas mortífero.

Quando chegou à Harper Avenue ele estacionou virando a esquina e entrou no beco que passava atrás da casa. Cascalho esparramado no concreto; estilhaços de vidro e cinzas endurecidas tornavam ruidosos os seus passos. Avançou com cautela. As cercas dos fundos eram velhas ali. Escapava terra dos

quintais por baixo das tábuas, e arbustos e trepadeiras assomavam por cima delas. Mais uma vez ele via madressilvas em flor. Até mesmo rosas trepadeiras, de um vermelho escuro no lusco-fusco. Teve que cobrir o rosto ao passar pela garagem por causa dos ramos espinhentos de roseira brava que pendiam do telhado sobre a trilha. Quando ele entrou furtivamente no quintal, ficou imóvel até conseguir enxergar o caminho. Não podia tropeçar num brinquedo ou numa ferramenta. Um fluido tinha inundado seus olhos — muito claro, distorcendo só um pouco a visão. Enxugou-o com as pontas dos dedos e com a lapela do casaco. As estrelas tinham surgido, pontos violeta emoldurados pelas linhas dos telhados, das folhas, dos varais. O quintal agora era visível. Viu as roupas no varal — calcinhas de Madeleine, blusinhas e vestidos de sua filha, meias minúsculas. À luz que vinha da janela da cozinha ele divisou um cercadinho de areia no gramado, um novo cercadinho vermelho com borda larga, onde se podia sentar. Chegando mais perto, espiou dentro da cozinha. Madeleine estava lá! Prendeu a respiração ao observá-la. Estava vestindo calças folgadas e uma blusa cingida por um largo cinto vermelho de couro e metal que ele lhe dera. Seu cabelo liso pendia, solto, enquanto ela se movimentava entre a mesa e a pia, lavando a louça depois do jantar, esfregando os pratos com seu estilo característico de eficiência abrupta. Ele observou atentamente seu claro perfil enquanto ela estava em pé diante da pia, a carne sob o queixo quando ela se concentrou na espuma da pia, controlando a temperatura da água. Podia ver a cor de suas bochechas e quase o azul de seus olhos. Observando, alimentava sua raiva, para mantê-la firme, com força total. Ela não devia ouvir os ruídos dele no quintal porque as janelas contra tempestade não tinham sido removidas — pelo menos não aquelas que ele havia instalado no último outono nos fundos da casa.

Avançou para o corredor externo. Por sorte os vizinhos não estavam em casa e ele não teve que se preocupar com as luzes deles. Tinha dado sua olhada em Madeleine. Era sua filha que ele queria ver agora. A sala de jantar estava desocupada — vazio de depois do jantar, garrafas de Coca-Cola, guardanapos de papel. Em seguida vinha a janela do banheiro, mais alta que as outras. Ele lembrava, no entanto, que tinha subido num bloco de cimento para tentar retirar a tela de proteção do banheiro, mas descobrira a tempo que não havia

janela contra tempestade para substituí-la. De modo que a tela ainda estava ali. E o bloco de cimento? Estava exatamente onde o tinha deixado, em meio aos lírios-do-vale do lado esquerdo do corredor. Arrastou-o para o lugar certo, o rangido abafado pelo barulho da água na banheira, e ficou em pé sobre ele, com o flanco apoiado na parede. Tentou amortecer o som da respiração abrindo a boca. Na água agitada em que boiavam brinquedos brilhou o corpinho de sua filha. Sua menina! Madeleine tinha deixado o cabelo preto dela crescer, e agora ele estava preso para o banho com um elástico de borracha. Ele se derreteu de ternura por ela, cobrindo a boca com a mão para abafar qualquer som que a emoção o fizesse emitir. Ela ergueu o rosto para falar com alguém que ele não podia ver. Acima do rumor da água ele a ouviu dizer alguma coisa, mas não conseguiu distinguir as palavras. O rosto dela era o rosto dos Herzog, os grandes olhos escuros eram os olhos *dele*, o nariz era o nariz de seu pai, de tante Zipporah, de seu irmão Willie, a boca era dele próprio. Mesmo a pitada de melancolia na beleza dela — aquilo vinha da mãe dele. Vinha de Sarah Herzog, pensativa, desviando levemente o rosto ao refletir sobre a vida à sua volta. Comovido, ficou observando a menina, respirando de boca aberta, o rosto meio coberto pela mão. Besouros voadores passavam por ele. Seus corpos pesados se chocavam contra a tela, mas não atraíam a atenção dela.

Então um braço se esticou para fechar a torneira — um braço de homem. Era Gersbach. Ele ia dar banho na filha de Herzog! Gersbach! Agora a cintura dele era visível. Ele entrou no campo de visão de Moses dando passos rígidos ao lado da antiquada banheira redonda, se curvando, se endireitando e se abaixando de novo — sua claudicação veneziana, até que, com grande dificuldade, começou a se ajoelhar e Herzog, torcendo o pescoço, viu seu peito e sua cabeça. Colado à parede, com o queixo sobre o ombro, Herzog viu Gersbach arregaçar as mangas de sua camisa esporte estampada, puxar para trás a cabeleira espessa e brilhante, pegar o sabonete, e ouviu-o dizer, não sem doçura, "Certo, agora chega de micagens", pois Junie estava rindo, se retorcendo, fazendo ondas, espirrando água, mostrando seus dentinhos brancos, franzindo o nariz, provocando. "Agora fique quietinha", disse Gersbach. Limpou as orelhas dela com um paninho, o que a fez dar gritinhos, limpou seu rosto, as narinas, enxugou sua boca. Ele falava com autoridade, mas foi

carinhosamente e com sorrisos de falsa braveza e risadas ocasionais que ele deu banho nela — ensaboou, enxaguou, enchendo de água seus barquinhos de brinquedo para enxaguar suas costas, enquanto ela emitia gritinhos e se contorcia. O homem a banhou com ternura. Sua expressão era falsa, talvez. Mas ele não tinha nenhuma expressão *verdadeira*, pensou Herzog. Seu rosto era só peso, carne sexuada. Olhando para os botões abertos de sua camisa, Herzog via a carne gorda e macia, coberta de pelos, do peito de Gersbach. Seu queixo era compacto, como um machado de pedra, uma arma brutal. E havia também seus olhos sentimentais, o grosso topete e aquela voz calorosa com sua peculiar impostura e vulgaridade. Os traços odiados estavam todos ali. Mas veja como ele era com June, despejando água nela com a concha da mão de modo brincalhão e afetuoso. Ele a deixava usar a touca de banho da mãe, com as pétalas de borracha se espalhando pela cabeça da menina. Então Gersbach ordenou que ela ficasse em pé e ela se inclinou um pouco para permitir que ele lavasse sua pequena fenda. O pai dela arregalou os olhos. Uma pontada o atravessou, mas a coisa foi feita com rapidez. Ela se sentou de novo. Gersbach despejou água limpa sobre ela, levantou-se com dificuldade e abriu a toalha de banho. Com firmeza e dedicação, enxugou-a e em seguida, com um grande pompom, aplicou pó na sua pele. A menina dava pulinhos de prazer. "Chega dessa bagunça", disse Gersbach. "Ponha já o pijaminha."

Ela correu para fora de seu campo de visão. Herzog ainda viu uma vaga nuvem de pó flutuar sobre a cabeça inclinada de Gersbach. O cabelo ruivo dele subia e descia. Estava esfregando a banheira. Moses bem que podia matá-lo agora. A mão esquerda tocou a arma, aninhada no bolo de rublos. Podia atirar em Gersbach enquanto ele despejava metodicamente o sabão em pó no retângulo amarelo da esponja. Havia duas balas no tambor... Mas elas permaneceriam lá. Herzog tinha clara consciência disso. Com muita suavidade ele desceu de seu poleiro e atravessou de novo o quintal sem fazer ruído. Viu sua menina na cozinha, erguendo os olhos para Mady, pedindo alguma coisa, e esgueirou-se pelo portão para o beco. Disparar sua pistola não passou de um pensamento.

A alma humana é um anfíbio, e eu toquei os dois lados dela. Anfíbio é pouco! Ela vive em mais elementos do que sou capaz de conceber; e presumo que

naquelas estrelas remotas está se fazendo a matéria que vai criar seres ainda mais estranhos. Eu pareço pensar que, pelo fato de June se parecer com um Herzog, ela está mais perto de mim do que deles. Mas como ela pode estar próxima de mim se eu não tenho participação nenhuma na vida dela? Aqueles dois grotescos atores de fita romântica têm tudo para eles. E eu aparentemente acredito que, se a menina não tiver uma vida semelhante à minha, se não for educada segundo os padrões Herzog de "coração" e tudo mais, ela não conseguirá se tornar um ser humano. Isso é totalmente irracional, e no entanto uma parte de mim o toma como verdade autoevidente. Mas o que, de fato, ela pode aprender com eles? Com Gersbach, que parece tão meloso, repulsivo, venenoso, não um indivíduo, mas um fragmento, uma peça arrancada da multidão. Atirar nele! — uma ideia absurda. Tão logo Herzog viu a pessoa concreta dando um banho concreto, a realidade da coisa, a ternura daquele bufão com uma menininha, sua planejada violência se converteu em *teatro*, em uma coisa burlesca. Não estava preparado para fazer tal papel de idiota completo. Só o ódio a si próprio poderia levá-lo a se arruinar só porque seu coração estava "partido". Como ele podia ter sido partido por uma dupla como aquela? Demorando-se um pouco no beco, congratulou-se por sua sorte. Sua respiração voltou ao normal; e como era bom respirar! Fazia a viagem ter valido a pena.

Pense só!, anotou num caderninho, sob a luz interna do Falcon. *Os demógrafos estimam que pelo menos metade de todos os seres humanos já nascidos está viva agora, neste século. Que momento para a alma humana! Características tiradas do reservatório genético reconstituíram, de acordo com as probabilidades estatísticas, tudo o que há de melhor e de pior na vida humana. Está tudo à nossa volta. Buda e Lao-Tsé devem estar caminhando sobre a Terra em algum lugar. E Tibério e Nero. Tudo o que há de horrível, tudo o que há de sublime, e coisas ainda não imaginadas. E você, visionário de meio período, alegre e trágico mamífero. Você e seus filhos, e os filhos dos seus filhos... Em épocas ancestrais, o gênio do homem se expressava amplamente em metáforas. Mas agora se expressa em fatos... Francis Bacon. Instrumentos.* Então, com inexprimível deleite, acrescentou: *Tante Zipporah disse a papai que ele nunca poderia usar uma arma contra quem quer que fosse, nunca poderia se igualar a*

caminhoneiros, açougueiros, vândalos, arruaceiros, razboiniks. "Um pequeno cavalheiro dourado." Ele seria capaz de golpear alguém na cabeça? De dar um tiro?

Moses era capaz de jurar com segurança que Herzog pai nunca — nem uma única vez na vida — puxara o gatilho daquela arma. Só ameaçara. Como fez comigo. Taube me defendeu então. Ela me "salvou". Querida tia Taube! Uma forja fria! Pobre Herzog pai!

Mas não estava disposto a dar o dia por terminado. Precisava ter uma conversa com Phoebe Gersbach. Era essencial. E decidiu não telefonar para não dar a ela a oportunidade de se preparar, ou mesmo de se recusar a vê-lo. Rodou diretamente para a Woodlawn Avenue — uma parte lúgubre, mas característica, do Hyde Park, *sua* Chicago: compacta, deselegante, amorfa, com cheiro de lama e decomposição, de bosta de cachorro; fachadas fuliginosas, lajes de um estrutural *nada*, pórticos triplos ornamentados sem o menor sentido com enormes floreiras de cimento que não continham nada além de tocos de cigarro e outras imundícies; jardins de inverno encimados por empenas azulejadas, cinzentas escadas de serviço, concreto rachado onde brotava o mato; grossas cercas protegendo ervas daninhas. E em meio àqueles apartamentos espaçosos, confortáveis, deselegantes, onde morava gente liberal e benevolente (aquela era a região da universidade), Herzog se sentia de fato em casa. Era talvez tão típico do meio-oeste e tão disperso quanto aquelas ruas. (Não se tratava tanto de determinismo, pensou, mas de falta de elementos determinantes — de ausência de uma força modeladora.) Mas era tudo típico, e nada estava faltando, nem mesmo o som de patins raspando desagradavelmente a calçada embaixo das novas folhas de verão. Duas menininhas malvestidas, sob a transparência verde das luzes da rua, patinando de minissaia e fita no cabelo.

Ao chegar ao portão dos Gersbach, uma perturbação nervosa o atravessou, mas ele a controlou e avançou pelo caminho até tocar a campainha. Phoebe apareceu rapidamente. Ela perguntou: "Quem é?" e, ao ver Herzog através do vidro, ficou em silêncio. Estaria com medo?

"É um velho amigo", disse Herzog. Transcorreu um momento, durante o

qual Phoebe, apesar da firmeza de sua boca, hesitou, com seus olhos de longos cílios sob a franja. "Me deixa entrar?", perguntou Moses. Seu tom tornava impensável uma recusa. "Não vou tomar muito do seu tempo", disse ele ao entrar. "Mas temos uns assuntos para discutir."

"Você pode vir até a cozinha?"

"Claro..." Ela não queria ser surpreendida conversando com ele na sala da frente, ou ser ouvida pelo pequeno Ephraim, que estava em seu quarto. Na cozinha ela fechou a porta e convidou Herzog a sentar. A cadeira para a qual ela estava olhando ficava do lado da geladeira. Ali ele não poderia ser visto da janela da cozinha. Com um vago sorriso ele se sentou. Pela extrema compostura do rosto esbelto de Phoebe, ele se deu conta de como seu coração devia estar agitado, batendo talvez até mais violentamente do que o dele próprio. Pessoa ordenada, autocontrolada ao extremo, asseada — a própria enfermeira-chefe —, ela tentava manter uma aparência de quem trata de negócios. Estava usando o colar de âmbar que ele lhe trouxera da Polônia. Herzog abotoou o paletó de modo a garantir que a coronha de sua pistola não aparecesse. A visão de uma arma certamente a deixaria morta de medo.

"Bem, como você está, Phoebe?"

"Vamos indo."

"Confortavelmente instalada? Gostando de Chicago? O pequeno Ephraim continua na escola de aplicação?"

"Sim."

"E o Templo? Soube que Val gravou um programa com o rabino Itzkowitz — como se chamou mesmo? 'Judaísmo hassídico, Martin Buber, *Eu e tu*.' Ainda a onda Buber! Ele é muito chegado a esses rabinos. Vai ver que quer fazer troca de esposas com um rabino. Vai levar a coisa do 'Eu e Tu' para 'Eu e você, garota'! Mas suponho que você não permitiria isso. Você não concordaria com qualquer coisa."

Phoebe não deu resposta e continuou em pé.

"Talvez você ache que eu vou embora mais depressa se você não se sentar. Venha, Phoebe, sente-se. Prometo que não vim aqui fazer uma cena. Só tenho um propósito aqui, além de querer ver uma velha amiga..."

"Na verdade não somos velhos amigos."

"Não pelos anos do calendário. Mas éramos tão próximos em Ludeyville. Isso é verdade. Você tem que pensar na duração — na duração bergsoniana. Conhecemos um ao outro na duração. Algumas pessoas são *condenadas* a certos relacionamentos. Talvez cada relacionamento seja ou uma alegria ou uma condenação."

"Você mereceu sua condenação, se é assim que você quer ver a coisa. Tínhamos uma vida tranquila até você baixar com Madeleine em Ludeyville e forçar a barra comigo." Phoebe, com seu rosto fino e acalorado, de pálpebras imóveis, sentou-se na beirada da cadeira que Herzog arrastara para ela.

"Ótimo. Diga o que pensa, Phoebe. É isso que eu quero. Sente-se direito. Não tenha medo. Não estou procurando encrenca. Temos um problema em comum."

Phoebe negou isso. Balançou vigorosamente a cabeça, com um olhar obstinado. "Sou uma mulher simples. Valentine vem do interior do estado de Nova York."

"É só um jeca. Sim. Não sabe nada sobre os vícios extravagantes da metrópole. Não sabia nem discar um número de telefone. Teve que ser guiado passo a passo na degradação por mim — Moses E. Herzog."

Empertigada e hesitante, ela virou o corpo de lado com seu jeito abrupto. Então chegou a uma decisão e virou-se de novo para ele com a mesma brusquidão. Era uma mulher bonita, mas rígida, muito rígida, seca, sem autoconfiança. "Você nunca entendeu coisa alguma sobre ele. Ele se encantou por você. Te adorava. Tentou se tornar um intelectual porque queria te ajudar — viu que você tinha feito uma coisa terrível ao abrir mão de sua respeitável posição na universidade e o quanto você foi inconsequente ao fugir para o campo com Madeleine. Ele achava que ela estava te arruinando e tentou colocá-lo nos trilhos de novo. Leu todos aqueles livros para que você tivesse alguém com quem conversar lá no mato, Moses. Porque você precisava de ajuda, de reconhecimento, de adulação, apoio, afeto. Nunca era suficiente. Você o exauriu. Ele quase morreu tentando te reerguer."

"É mesmo...? Que mais? Continue", disse Herzog.

"Ainda não é o bastante. O que você quer dele agora? Por que você está aqui? Quer mais emoção? Ainda está ávido por emoções?"

Herzog já não sorria. "Uma parte do que você diz é verdade, Phoebe. Eu com certeza estava chafurdando em Ludeyville. Mas você me deixa atônito quando diz que vocês levavam uma vida perfeitamente comum lá em Barrington. Até que Mady e eu chegássemos com os livros e o glamour teatral, com a vida mental de alto nível, espalhando ideias grandiosas e explodindo eras históricas inteiras. Você se assustou conosco porque nós — especialmente Mady — infundimos confiança nele. Enquanto ele era apenas um locutor de rádio manco e de segunda categoria, ele podia blefar que era um sujeito importante, mas você o mantinha onde queria que ele ficasse. Porque ele é um falastrão e um excêntrico, uma espécie de aberração, mas é *seu*. Então ele ficou mais ousado. Deu amplitude para o seu exibicionismo. Você tem razão, sou um idiota. Você até estava certa em não gostar de mim, no mínimo porque eu não via o que estava acontecendo e, com isso, jogava outro fardo para cima de você. Mas por que não disse nada? Você viu a coisa toda acontecer. Durou anos, e você não disse nada. Eu não teria sido tão indiferente se visse a mesma coisa acontecer a *você*."

Phoebe hesitou em responder e ficou ainda mais pálida. Por fim, disse: "Não é minha culpa se você se recusa a compreender o sistema pelo qual outras pessoas regem suas vidas. Suas ideias o impedem. Talvez uma pessoa fraca como eu não tenha escolha. Eu não podia fazer coisa alguma por você. Especialmente no ano passado. Eu estava frequentando um psiquiatra, e ele me aconselhou a manter distância. Manter distância de vocês, sobretudo de você e de todos os seus problemas. Ele disse que eu não era forte o bastante, e você sabe que é verdade — não sou forte o bastante".

Herzog refletiu sobre isso — Phoebe era fraca, isso certamente era verdade. Decidiu ir direto ao ponto. "Por que você não se divorcia de Valentine?", perguntou.

"Não vejo por que deveria." Sua voz recobrou força imediatamente.

"Ele abandonou você, não abandonou?"

"Val? Não sei por que você está dizendo isso! Eu não estou abandonada."

"Onde ele está agora? Esta noite? Neste minuto?"

"No centro da cidade. A trabalho."

"Ah, que é isso, não venha com essa para cima de mim, Phoebe. Ele está

vivendo com Madeleine. Vai negar isso?"

"Claro que vou. Não posso imaginar de onde você tirou uma ideia tão absurda."

Moses apoiou um braço na geladeira ao se remexer na cadeira e pegar um lenço — na verdade um pedaço da toalha de papel de seu apartamento de Nova York. Enxugou o rosto.

"Se você entrar com processo de divórcio", explicou, "como tem pleno direito de fazer, pode acusar Madeleine de adultério. Eu ajudo a levantar o dinheiro. Assumo todas as despesas. Quero Junie. Você não percebe? Juntos podemos apanhá-los. Você deixou Madeleine te levar para lá e para cá. Como se fosse um carneirinho."

"É o velho demônio que está falando pela sua boca de novo, Moses."

Carneirinho foi um erro; ele a estava deixando mais obstinada. Mas, de todo modo, ela ia seguir sua própria linha. Nunca participaria de um plano dele.

"Você não quer que eu tenha a guarda de June?"

"Para mim tanto faz."

"Você tem sua própria guerra com Madeleine, suponho", disse ele. "Brigando pelo homem. Uma luta felina — luta do sexo feminino. Mas ela vai derrotar você. Porque ela é uma psicopata. Eu sei que você tem uma reserva de forças. Mas ela é uma doida, e os doidos vencem. Além disso, Valentine não quer que você fique com ele."

"Eu não entendo mesmo o que você está dizendo."

"Ele vai perder seu valor aos olhos de Madeleine tão logo você saia da briga. Depois da vitória, ela terá que descartá-lo."

"Valentine vem para casa todas as noites. Nunca fica fora até tarde. Deve estar para chegar... Quando eu me atraso, por pouco que seja, em algum lugar, puxa, ele fica transtornado de preocupação. Telefona para a cidade inteira."

"Talvez seja só esperança", disse Moses. "Esperança disfarçada de preocupação. Você não sabe como a coisa funciona? Se você morrer num acidente, ele vai chorar, fazer as malas e morar com Madeleine de uma vez."

"É o seu demônio falando de novo. Meu filho vai continuar com o pai *dele*. Você ainda quer Madeleine, não quer?"

"Eu? Jamais! Toda aquela histeria acabou. Não, estou contente por ter-me

livrado dela. Já nem a detesto tanto mais. Que faça bom proveito de tudo o que pilhou de mim. Deve ter entesourado meu dinheiro o tempo todo. Tudo bem! Fique com ele, de mão beijada. Abençoada seja a vaca! Boa sorte e adeus. Eu a abençoo. Desejo-lhe uma vida ativa, útil, agradável, dramática. Incluindo o *amor*. As melhores pessoas se apaixonam, e ela é uma das melhores, portanto ama esse sujeito. Ambos *amam*. Ela não é boa o suficiente para criar a menina, porém..."

Os olhos castanhos de Phoebe estavam vigilantes como se ele fosse um javali, e o cabelo dela, uma cerca de proteção. No entanto, Moses sentia pena dela. Eles a intimidavam — Gersbach; Madeleine, por intermédio de Gersbach. Mas a própria Phoebe pretendia vencer aquela disputa. Devia ser inconcebível para ela que alguém estabelecesse metas tão modestas, tão mínimas — mesa, mercado, lavanderia, filho —, e mesmo assim perdesse a batalha. A vida não podia ser assim tão indecente. Podia? Outra hipótese: a falta de sexo era sua força; ela exercia a autoridade do superego. Outra ainda: ela reconhecia a profundidade criativa da degeneração moderna, todos os vícios libidinosos dos adeptos do sexo livre, e desse modo aceitava sua situação de pobre mulher de classe média, neurótica, seca, infeliz, retrógrada. Para ela, Gersbach não era um homem comum, e por causa da riqueza da personalidade dele, de seu impulso espiritual-erótico, ou sabe Deus de que tara metafísica, ele demandava duas esposas ou mais. Talvez aquelas duas mulheres compartilhassem aquele pedaço de carne com topete cor de laranja por motivos muito diferentes. Por uma cópula de três pernas. Pela paz doméstica.

"Phoebe", disse ele. "Vamos admitir que você seja fraca — mas fraca até que ponto? Desculpe... acho isso bem engraçado. Você tem que negar *tudo* e manter uma aparência perfeita. Não pode admitir nem um tiquinho?"

"Que bem isso traria a você?", ela perguntou de modo brusco. "E, além do mais, o que você está preparado a fazer por mim?"

"Eu? Eu ajudaria...", começou. Mas se conteve. Era verdade, ele não tinha muito a oferecer. Era de fato inútil para ela. Com Gersbach ela ainda podia ser uma esposa. Ele voltava para casa. Ela cozinhava, passava a roupa, fazia compras, assinava cheques. Sem ele, ela não poderia existir, cozinhar, arrumar as camas. O transe seria rompido. E depois?

"Por que você vem a mim, se o que quer é a guarda da sua filha? Ou faça alguma coisa por conta própria ou esqueça. Agora me deixe em paz, Moses."

Isso também era perfeitamente justo. Em silêncio, ele a encarou. A tendência inata de sua mente, agindo ultimamente sem inibições, encontrava significado em minúsculas marcas descoradas no rosto dela. Como se a morte a tivesse provado com os dentes e achado que ainda não estava madura.

"Bem, obrigado pela conversa, Phoebe. Vou indo." Pôs-se de pé. Havia uma gentileza mais doce na expressão de Herzog, não muito comum. Com certa falta de jeito, tomou a mão de Phoebe, e ela não foi ágil o suficiente para evitar os lábios dele. Ele a puxou para perto e lhe deu um beijo na cabeça. "Você tem razão. Foi uma visita desnecessária." Ela retirou a mão.

"Adeus, Moses." Falava sem olhar para ele. Ele não obteria dela mais do que ela poderia ceder. "... Você foi tratado como lixo. É verdade. Mas está tudo terminado. Você devia sair disso. Simplesmente sair disso tudo agora."

A porta se fechou.

Migalhas de decência — tudo o que nós, indigentes, podemos ceder uns aos outros. Não admira que a vida "pessoal" seja uma humilhação, e que ser um indivíduo seja desprezível. O processo histórico, cobrindo de roupas o nosso lombo, de sapatos os nossos pés, pondo carne na nossa boca, faz infinitamente mais por nós, pelo método indiferente, do que qualquer um possa fazer por intenção, escreveu Herzog dentro do Falcon alugado. *E, uma vez que esses bens são dádivas do planejamento e do trabalho anônimos, a questão passa a ser: o que a bondade intencional pode conseguir (quando os bons são amadores)? Especialmente se, no interesse da saúde, nossa benevolência e nosso amor demandam exercício, a criatura sendo emotiva, apaixonada, expressiva, um animal relacional. Uma criatura de peculiaridades profundas, uma teia de sentimentos e ideias emaranhados que agora se aproxima de um nível de organização e automatismo no qual podemos ter a esperança de ficar livres da dependência humana. As pessoas já estão praticando sua condição futura. Meu tipo emocional é arcaico. Pertence ao estágio agrícola ou pastoril...*

Herzog não sabia dizer qual poderia ser a consequência de tal arrazoado.

Estava apenas enormemente excitado — num estado transbordante — e o que pretendia era sobretudo restaurar a ordem retornando ao hábito de meditar. O sangue tinha inundado sua psique, e por enquanto ele estava livre ou louco. Mas então se deu conta de que não precisava empreender um elaborado trabalho intelectual abstrato — trabalho ao qual sempre se lançara como se fosse a luta pela sobrevivência. Mas não pensar não é necessariamente fatal. Será que eu acreditava mesmo que morreria se parasse de pensar? Temer uma coisa dessas — isso sim é uma loucura.

Foi passar a noite com Lucas Asphalter, depois de telefonar de uma cabine telefônica de rua para se convidar. "Vou atrapalhar alguma coisa? Você está com alguém aí? Não? Quero que me faça um favor especial. Não posso telefonar a Madeleine e pedir para ver a menina. Ela desliga assim que reconhece minha voz. Você pode ligar e arranjar as coisas para eu pegar a June amanhã?"

"Ora, claro", disse Asphalter. "Vou fazer isso agora mesmo e já terei a resposta quando você chegar aqui. Você veio de repente, num impulso? Sem planejar?"

"Obrigado, Luke. Ligue agora, por favor."

Saiu da cabine refletindo que tinha mesmo que descansar, tentar dormir um pouco. Ao mesmo tempo, de algum modo hesitava em deitar e fechar os olhos; no dia seguinte talvez não fosse capaz de recuperar aquele seu estado de percepção simples, livre, intensa. Por isso dirigiu devagar, parando na Walgreen's, onde comprou uma garrafa de Cutty Sark para Luke e coisinhas para June — um periscópio de brinquedo com o qual ela poderia olhar de cima do sofá, de um canto e outro da casa, uma bola de praia inflável. Encontrou tempo até para mandar um telegrama para Ramona do posto da Western Union na esquina da Blackstone com a 53. *Negócios Chicago dois dias* foi sua mensagem. *Muito amor*. Podia confiar que ela encontraria consolo enquanto ele estivesse ausente, não cairia no desespero do "abandono" como ele faria em seu lugar — com aquela desordem pueril dele, aquele terror da morte que tinha dobrado e moldado sua vida fazendo-a assumir aquelas formas estranhas. Tendo

descoberto que todo mundo precisa ser indulgente com ineptos homens-meninos, corações puros envoltos na aniagem da inocência, e aceitando de bom grado a consequente cota necessária de mentira, ele se munira com seus bens emocionais — verdade, amizade, devoção às crianças (a veneração do americano comum pelos petizes) e amor feijão com arroz. É isso o que sabemos agora. Mas isso — até mesmo isso — também não é a história toda. É só o começo de uma aproximação à verdadeira consciência. A premissa necessária é a de que um homem é de algum modo mais do que suas "características", todas as emoções, batalhas, gostos e construções que ele gosta de chamar de "Minha Vida". Temos fundamento para esperar que uma vida seja algo mais do que uma tal nuvem de partículas, mera facticidade. Esmiúce tudo o que é compreensível e concluirá que só o incompreensível pode proporcionar alguma luz. Para ele, essa já não era, de modo algum, mais uma "ideia geral". Era muito mais substancial do que qualquer coisa que ele tinha diante dos olhos no posto telegráfico intensamente iluminado. Tudo lhe parecia excepcionalmente claro. De onde vinha tanta clareza? De alguma coisa no extremo fim da linha. Seria essa coisa a Morte? Mas a morte não era o incompreensível aceito pelo seu coração. Não, longe disso.

Deteve-se a contemplar a fina mãozinha que percorria seu caminho no mostrador do relógio, a mobília amarela de uma outra era — não admira que as grandes corporações fizessem tanto dinheiro; altas tarifas, equipamento velho, inexistência de competição, agora que a Postal Telegraph tinha sido eliminada. Com certeza eles tiravam mais proveito daquelas mesas amarelas do que Herzog pai tirava do mesmo tipo de mobília na Cherry Street. Seu negócio ficava bem em frente ao bordel. Quando a cafetina não pagava a propina dos policiais eles jogavam as camas das putas na rua pelas janelas do segundo andar. Aos gritos, as mulheres lançavam pragas de negros enquanto eram enfiadas à força no camburão. Herzog pai, o comerciante, meditando sobre aquele mundo estranho de vício e brutalidade, de policiais e mulheres obesas e bárbaras, movia-se entre móveis daquele tipo — equipamento de segunda mão adquirido em liquidações de depósitos. Nisso estava fundada minha fortuna ancestral.

Em frente à casa de Asphalter ele trancou o Falcon, deixando os presentes de Junie no porta-malas. Tinha certeza de que ela iria adorar o periscópio. Havia

muita coisa a ser vista naquela casa da Harper Avenue. Que a menina descobrisse a vida. Quanto mais franqueza, melhor, talvez.

Foi recebido na escada por Asphalter.

"Estava esperando você."

"Alguma coisa errada?", perguntou Herzog.

"Não, não, não se preocupe. Vou apanhar Junie amanhã ao meio-dia. Ela vai a um parquinho, meio período."

"Maravilha", disse Herzog. "Sem problemas?"

"Com Madeleine? Problema nenhum. Ela não quer te ver. Tirando isso, você pode ver sua garotinha à vontade."

"Ela não quer é que eu venha com uma ordem judicial. Legalmente, está numa posição dúbia, com aquele vigarista dentro de casa. Bem, deixe-me dar uma olhada em você." Entraram no apartamento, onde a luz era melhor. "Você deixou crescer uma barbicha, Luke."

Nervoso e tímido, Asphalter passou a mão pelo queixo, desviando o olhar. "Estou perdendo a vergonha."

"Uma compensação pela triste e súbita calvície?", perguntou Herzog.

"Lutando contra uma depressão", disse Asphalter. "Achei que uma mudança de imagem poderia ajudar... Não repare no meu muquifo."

Asphalter sempre vivera naquela bagunça de estudante universitário. Herzog olhou em volta. "Se um dia eu voltar a ter dinheiro eu lhe compro umas estantes, Luke. Já está mais do que na hora de você se livrar desses caixotes velhos. Essa literatura científica é coisa pesada. Mas veja só, você colocou lençóis limpos no sofá do escritório para mim. Muito gentil de sua parte, Luke."

"Amigo é para essas coisas."

"Obrigado", disse Herzog. Para sua surpresa, encontrou dificuldade para falar. Uma onda súbita de emoção, saída do nada, travou sua garganta. Seus olhos se inundaram. O amor feijão com arroz, anunciou a si mesmo. Aqui está ele. Para voltar ao seu estado normal, tinha que chamar as coisas por seu verdadeiro nome, restaurar o autocontrole. A autorreprimenda o revigorou. "Luke, você recebeu minha carta?"

"Carta? Você me mandou uma carta? Eu te mandei uma."

"Nunca recebi. Era sobre o quê?"

"Sobre um emprego. Lembra de Elias Tuberman?"

"O sociólogo que casou com aquela professora de ginástica?"

"Deixe de piada. É o editor geral da Enciclopédia Stone, e tem um milhão para gastar na revisão. Estou a cargo da biologia. Ele está procurando você para cuidar da parte de história."

"Eu?"

"Disse que leu de novo seu livro sobre romantismo e cristianismo. Não achou grande coisa dele nos anos cinquenta, quando saiu, mas porque devia estar cego. É um monumento, diz ele."

Herzog ficou sério. Começou a imaginar várias respostas, mas abandonou uma por uma. "Não sei se ainda sou um erudito. Quando deixei Daisy, aparentemente rompi com isso também."

"E Madeleine mais que depressa pegou a erudição para ela."

"Sim. Eles me dilapidaram. Valentine tomou meus modos elegantes e Mady vai ser a professora universitária. Ela não vai fazer o exame oral?"

"Logo mais."

Lembrando-se de repente da morte do macaco de Asphalter, Herzog disse: "O que houve com você, Luke? Não pegou tuberculose do seu bichinho, pegou?".

"Não, não. Faço regularmente o teste de tuberculose. Não."

"Você devia estar maluco quando aplicou respiração boca a boca em Rocco. Isso é deixar a excentricidade ir longe demais."

"Eles contaram isso também?"

"Claro. De que outro modo eu ficaria sabendo? Como foi que a coisa chegou aos jornais?"

"Um daqueles escrotinhos da Fisiologia ganha uns trocados para espionar para o *American*."

"Você não sabia que o macaco estava tuberculoso?"

"Sabia que ele estava doente, mas não fazia ideia. E eu com certeza não esperava ser tão duramente atingido pela morte dele." Herzog não estava preparado para a solenidade da expressão de Asphalter. Sua nova barba tinha várias cores, mas seus olhos estavam ainda mais pretos do que o cabelo que ele tinha perdido. "Aquilo me fez entrar em parafuso. Até então eu achava que ser

camarada do Rocco era uma piada. Não tinha me dado conta do quanto ele significava para mim. Mas a verdade é que cheguei à conclusão de que nenhuma outra morte no mundo poderia ter me afetado tanto. Tive que perguntar a mim mesmo se a morte de meu irmão teria me dado pelo menos metade daquele abalo. Acho que não. Somos todos loucos de uma maneira ou de outra, acho. Mas..."

"Você se importa se eu sorrir?", desculpou-se Herzog. "Não posso evitar."

"E o que mais você pode fazer?"

"Há coisas piores que um homem pode fazer além de amar seu macaco", disse Herzog. "*Le coeur a ses raisons*. Veja o caso de Gersbach. Era meu amigo querido. E Madeleine o *ama*. Você tem vergonha do quê? É uma daquelas dolorosas comédias emocionais. Você já leu a história de Collier sobre o homem que casou com uma chimpanzé? *Sua esposa chimpanzé*. Uma história excelente."

"Caí numa depressão terrível", disse Asphalter. "Agora estou melhor; mas durante uns dois meses não consegui trabalhar, e me dei por feliz por não ter esposa ou filhos de quem precisasse esconder minhas crises de choro."

"Tudo por causa do macaco?"

"Parei de ir ao laboratório. Passei a me automedicar com tranquilizantes, mas aquilo não podia continuar. Eu tive que encarar o problema, por fim."

"E então você procurou o doutor Edvig?" Herzog estava rindo.

"Edvig? Não, não. Outro psicoterapeuta. Ele me acalmava. Mas era só duas horas por semana. O resto do tempo, eu ficava tremendo. Então peguei alguns livros na biblioteca... Você leu o livro daquela húngara, Tina Zokóly, sobre o que fazer nesse tipo de crise?"

"Não. O que é que ela diz?"

"Ela prescreve uns exercícios."

Moses ficou interessado. "Que exercícios?"

"O principal é a gente encarar a própria morte."

"Como é que se faz isso?"

Asphalter tentou manter um tom normal, coloquial, descritivo. Obviamente era uma coisa sobre a qual tinha dificuldade de falar. Irresistível, porém.

"Você faz de conta que já morreu", começou Asphalter.

"Que o pior já aconteceu... É isso?" Herzog virou a cabeça como se quisesse ouvir melhor, com mais intensidade. Suas mãos estavam pousadas no colo, os ombros caídos de fadiga, os pés virados para dentro. O bolorento cômodo repleto de livros, com uma luminária afixada num dos caixotes, e a folhagem tremulante da rua traziam a Herzog certa calma. *Coisas verdadeiras em forma grotesca*, ele estava pensando. Sabia como era. Sentia pena de Asphalter.

"O desastre já aconteceu. A agonia terminou", disse Asphalter. "Você está morto, e tem que ficar estendido como morto. Como é dentro do caixão? Seda acolchoada."

"Ah é? Então você concebe a coisa toda. Não deve ser nada fácil. Entendo..." Herzog suspirou.

"É preciso ter prática. Você tem que sentir e não sentir, estar e não estar. Estar presente e ausente ao mesmo tempo. Uma por uma, as pessoas importantes da sua vida aproximam-se para olhar. Pai. Mãe. Todo mundo que você amou ou odiou."

"E aí?" Herzog, totalmente absorto, olhava-o de modo mais oblíquo do que nunca.

"E aí você pergunta a si mesmo: 'O que tem para dizer a eles agora? O que sente por eles?'. Nesse momento não há nada a dizer que não seja o que você de fato pensou. E você não diz a eles porque está morto, mas diz para você mesmo. Realidade, não ilusões. Verdade, não mentiras. Acabou."

"Encarar a morte. Isso é Heidegger. O que se tira daí?"

"Ao erguer os olhos a partir do meu caixão, de início eu posso manter minha atenção concentrada na minha morte, e nas minhas relações com os vivos, e então outras coisas emergem — a cada vez."

"Você começa a ficar cansado?"

"Não, não. A cada vez, vejo as mesmas coisas." Lucas deu uma risada nervosa e dolorida. "A gente já se conhecia quando meu pai tinha o albergue na West Madison Street?"

"Sim, eu costumava ver você na escola."

"Quando a Depressão apertou, nós mesmos tivemos que mudar para o velho hotel. Meu pai fez um apartamento no último andar. O Haymarket Theatre ficava a poucas casas de distância, lembra?"

"O teatro de variedades? Oh, sim, Luke. Eu costumava matar aula para ver os pastelões."

"Bem, antes de qualquer coisa, o que eu começo a ver é o incêndio que irrompeu naquele prédio. Ficamos presos no sótão. Meu irmão e eu envolvemos as crianças menores em cobertores e ficamos junto às janelas. Então veio a escada Magirus e nos resgatou. Eu estava com minha irmãzinha no colo. Os bombeiros nos tiraram lá de cima, um por um. A última foi minha tia Rae. Ela pesava quase cem quilos. Seu vestido subiu quando o bombeiro a carregou. Ele ficou com o rosto muito vermelho por causa do peso e do esforço. Um grande rosto irlandês. E eu em pé, lá embaixo, observando a bunda dela se aproximar lentamente — aquele tremendo traseiro, e as nádegas enormes, tão pálidas e desprotegidas."

"E é isso o que você vê quando se faz de morto? A bunda gorda de uma tia velha salva da morte."

"Não ria", disse Asphalter, ele próprio rindo de modo amargo. "Essa é uma das coisas que eu vejo. Outra coisa são as garotas do teatro de variedades vizinho. Entre um número e outro, elas não tinham nada para fazer. Ficava passando um filme de Tom Mix. Elas ficavam entediadas em seus camarins. Então saíam para a rua e jogavam beisebol. Adoravam isso. Eram garotas rechonchudas e vigorosas, precisavam de exercício. Eu sentava no meio-fio e ficava assistindo."

"E elas ficavam vestidas com as roupas do show?"

"Todas maquiadas e empoadas. O cabelo todo produzido. Com as tetas balançando quando elas arremessavam, rebatiam e corriam até as bases. Jogavam uma versão café com leite, mais para o *softball*. Moses, eu te juro..." Asphalter apertou as faces barbadas com as mãos, e sua voz vacilou. Seus fluidos olhos negros estavam desnorteados, sorrindo dolorosamente. Então ele puxou sua cadeira para trás, saindo da área de luz. Talvez estivesse prestes a chorar. Espero que não, pensou Herzog. Seu coração estava com o amigo.

"Não se sinta tão mal, Luke. Agora me ouça. Talvez eu possa lhe dizer alguma coisa a esse respeito. Pelo menos posso lhe contar como vejo a coisa. Um homem pode dizer: 'De agora em diante vou falar a verdade'. Mas a verdade o escuta e foge para se esconder antes mesmo que ele tenha acabado de

falar. Há uma coisa engraçada na condição humana, e a inteligência civilizada zomba de suas próprias ideias. Essa Tina Zokóly deve estar brincando também."

"Não acho, não."

"Então é o velho *memento mori*, a caveira do monge sobre a mesa, só que modernizado. E que bem isso traz? Isso leva de volta àqueles existencialistas alemães que dizem para você que o temor faz muito bem, que ele salva você da distração e lhe dá a sua liberdade e torna você autêntico. Deus já não existe. Mas a Morte sim. Essa é a linha deles. E nós vivemos num mundo hedonista no qual a felicidade se estabelece sobre um modelo mecânico. Tudo o que você tem a fazer é abrir a braguilha e agarrar a felicidade. E então esses outros teóricos introduzem a tensão da culpa e do temor como um corretivo. Mas a vida humana é muito mais sutil do que qualquer um desses modelos, até mesmo do que esses engenhosos modelos alemães. Precisamos estudar *teorias* de medo e angústia? Essa Tina Zokóly é uma mulher absurda. Ela lhe diz para encenar a própria morte, e a sua inteligência responde a ela com astúcia. Mas você está levando as coisas longe demais. É o autoescárnio levado às raias da angústia. Cada vez mais amargo. Macacos e traseiros e dançarinas de variedades jogando beisebol de rua."

"Eu tinha esperança de que pudéssemos ter uma conversa sobre isso", disse Asphalter.

"Não se castigue demais, Luke, imaginando essas tramas fantásticas contra seus sentimentos. Sei que você é uma boa alma, com sofrimentos reais. E você acredita no mundo. E o mundo lhe diz para buscar a verdade em combinações grotescas. Ele também o alerta para evitar a consolação, se você valoriza sua honra intelectual. De acordo com essa teoria, a verdade é punição, e você deve aguentá-la como homem. Ela diz que a verdade vai atormentar a sua alma porque sua inclinação, como pobre coisa humana, é mentir e viver de mentiras. Então, se você tiver alguma outra coisa na sua alma esperando para ser revelada, você não saberá dela por essas pessoas. Será que você precisa mesmo se imaginar dentro de um caixão e praticar esses exercícios de morte? Para começo de conversa, tão logo o pensamento começa a se aprofundar, ele esbarra na morte. Os filósofos modernos gostariam de recuperar o antiquado temor da morte. A nova atitude que faz da vida uma ninharia que não merece a angústia

de ninguém ameaça o cerne da civilização. Mas não é uma questão de temor, ou de qualquer outra palavra dessas... Ainda assim, o que podem fazer os pensadores e humanistas além de buscar a todo custo palavras adequadas? Eu, por exemplo. Andei escrevendo cartas destrambelhadas a torto e a direito. Mais palavras. Vou atrás da realidade usando a linguagem. Talvez eu queira transformar tudo em linguagem, forçar Madeleine e Gersbach a ter uma *Consciência*. Eis uma palavra boa para você. Talvez eu tenha que preservar as tensões sem as quais os seres humanos não podem mais ser chamados de humanos. Se eles não sofrem, estão fora do meu alcance. E enchi o mundo de cartas para evitar que eles me escapassem. Eu os quero na forma humana, e por isso evoco todo um ambiente e os insiro no meio. Eu empenho a minha alma nessas construções. Mas são construções."

"Sim, mas você lida com seres humanos. O que eu tenho para mostrar? Rocco?"

"Mas vamos nos ater ao que interessa. Eu acredito de fato que a fraternidade é o que torna um homem humano. Se devo a Deus uma vida humana, é aqui que eu fracasso. 'O homem não vive só em si mesmo, mas no rosto do seu irmão... Cada um contemplará o Pai Eterno e o amor e a alegria abundarão.'[e] Quando os apóstolos do temor lhe dizem que os outros só servem para distraí-lo da liberdade metafísica, está na hora de você deixá-los falando sozinhos. A questão verdadeira e essencial é a da nossa serventia para outros seres humanos e da serventia deles para nós. Sem essa serventia você nunca teme a morte, você a cultiva. E a consciência, quando não compreende claramente para que viver, para que morrer, só pode agredir e ridicularizar a si própria. Como você faz com a ajuda de Rocco e de Tina Zokóly, como eu faço ao escrever cartas impertinentes... Estou meio tonto. Onde está aquela garrafa de Cutty Sark? Preciso de um trago."

"Você precisa dormir. Parece prestes a capotar."

"Não, de modo algum. Estou bem", disse Herzog.

"Seja como for, tenho algumas coisas a fazer. Vá dormir. Ainda não corrigi todas as minhas provas."

"Acho que vou me recolher então", disse Moses. "A cama parece boa."

"Vou deixar você dormir até tarde. Vai ter tempo de sobra", disse Asphalter.

“Boa noite, Moses.” Apertaram as mãos.

a Estou morrendo!

b Que vantagem!

c O bom e morto Kaplitzky.

d Uma mulher frígida, Moshe. Sem fogo.

e Trecho do livro profético inacabado *Vala, or The Four Zoas* (1797), de William Blake.

Finalmente abraçou a filha, e ela apertou as bochechas do pai com suas mãozinhas e o beijou. Louco para senti-la, para aspirar sua fragrância infantil, olhá-la no rosto, nos olhos negros, tocar seu cabelo, a pele sob o vestido, apertou os ossinhos da menina, murmurando: "Junie, meu docinho. Senti tanto sua falta". Era dolorosa a sua felicidade. E ela, com toda a sua inocência e infantilidade, e com o instinto puro e amoroso das menininhas, beijou-o nos lábios, beijou aquele pai aflito, combalido, portador de germes.

Asphalter ficou de lado, sorrindo, mas se sentindo meio sem graça, com suor escorrendo na cabeça calva, sua nova barba multicor parecendo pegar fogo. Estavam na longa escadaria cinza do Museu de Ciência, em Jackson Park. Crianças trazidas de ônibus estavam entrando, rebanhos em preto e branco, pastoreadas por professores e pais. As portas de vidro emolduradas de bronze brilhavam ao abrir e fechar e aqueles corpinhos, cheirando a leite e a xixi, bem-aventuradas cabeças de todas as cores e formas, a promessa do mundo por vir (aos olhos do benevolente Herzog), o bem e o mal futuros, corriam para dentro e para fora.

"Minha doce Junie. Papai sentiu saudades."

"Papi!"

"Sabe, Luke", disse Herzog num rompante, o rosto ao mesmo tempo feliz e retorcido. "Sandor Himmelstein me disse que esta menina iria me esquecer. Ele estava pensando em sua própria prole Himmelstein — aqueles porquinhos-da-índia, aqueles hamsters."

"Os Herzog são feitos de um barro melhor?" Asphalter disse isso na forma interrogativa. Mas era um tom afável, sua intenção era cortês. "... Encontro vocês neste mesmo lugar às quatro da tarde", disse ele.

"Só três horas e meia? Essa mulher não dá uma trégua! Mas tudo bem, não

vou brigar. Não quero conflito nenhum. Amanhã vai ser outro dia."

Uma de suas unidades de extensão mental se avolumou e passou, a certa distância (doía-lhe o coração deixar aquela filha nas mãos da mãe. Para virar outra estúpida lasciva? Ou uma beldade melancólica como Sarah Herzog, destinada a parir filhos ignorantes da alma e do Deus dela? Ou será que a humanidade encontraria um novo caminho, tornando obsoleto — ele se alegraria com isso! — o tipo dele? Em Nova York, depois de dar uma palestra, tinha sido abordado abruptamente por um jovem executivo que lhe disse: "Professor, a arte é para judeus!". Vendo aquela figura delgada, loura e violenta à sua frente, Herzog se limitara a mover a cabeça afirmativamente e dizer: "Costumava ser a usura"), partindo com outra daquelas pontadas de dor. É o novo realismo, pensou. "Luke? Obrigado. Estarei aqui às quatro. Agora não vá passar o dia remoendo ideias."

Moses entrou com sua filha no museu para lhe mostrar as galinhas chocando seus ovos. "Marco te mandou um cartão-postal, amor?"

"Sim. Do acampamento."

"Você sabe quem é Marco?"

"Meu irmão maior."

Então Madeleine não estava tentando apartá-la dos Herzog, qualquer que fosse a loucura que a dominava.

"Você já desceu na mina de carvão, aqui no museu?"

"Fiquei com medo."

"Quer ver as galinhas?"

"Já vi."

"Não quer ver de novo?"

"Ah, sim. Eu gosto delas. O tio Val me trouxe na semana passada."

"Eu conheço o tio Val?"

"Oh, papai! Seu bobão." Ela abraçou o pescoço dele, dando uma risadinha.

"Quem é ele?"

"É meu padrasto, papai. Você *sabe* disso."

"É isso o que a mamãe te diz?"

"Ele é meu padrasto."

"Foi ele que trancou você dentro do carro?"

"Sim."

"E o que você fez?"

"Eu chorei. Mas não por muito tempo."

"E você gosta do tio Val?"

"Oh, sim, ele é engraçado. Faz caretas. Você sabe fazer caretas gozadas?"

"Algumas", disse ele. "Tenho dignidade demais para fazer caretas gozadas."

"Você é melhor contando histórias."

"Espero que sim, querida."

"Sobre o menino com as estrelas."

Então ela se lembrava das melhores invenções dele. Herzog moveu a cabeça afirmativamente, admirando-se dela, orgulhoso, grato. "O menino com todas as sardas?"

"Eram como o céu."

"Cada sarda era igualzinha a uma estrela, e ele as tinha todas. O Grande Dipper, o Pequeno Dipper, Orion, as Ursas, os Gêmeos, Betelgeuse, a Via Láctea. Seu rosto continha cada uma das estrelas, na posição certa."

"Só que tinha uma estrela que ninguém conhecia."

"Aí levaram o menino para os astrônomos".

"Eu vi astrônomos na televisão."

"E os astrônomos disseram: 'Ora, ora, uma coincidência interessante. Uma aberração'."

"Conta mais, conta mais."

"Por fim ele foi ver Hiram Shpitalnik, que era um homem muito muito muito velho, pequenino, com uma barba comprida que ia até os pés. Ele morava numa caixa de chapéu. E ele disse: 'Você precisa ser examinado pelo *meu* avô'."

"Ele morava numa casca de noz."

"Isso mesmo. E todos os amigos dele eram abelhas. A abelha, muito ocupada, não tem tempo para lamúrias. O bisavô Shpitalnik saiu da casca de noz com um telescópio e examinou o rosto de Rupert."

"O nome do menino era Rupert."

"O velho Shpitalnik pediu para as abelhas erguerem o menino até a posição correta e ele examinou e concluiu que era mesmo uma estrela de verdade, uma

nova descoberta... Pronto, chegamos. Aqui estão as galinhas." Segurou a menina acima da cerca, à sua esquerda, assim ela não encostaria no seu revólver, embrulhado nos rublos do bisavô dela. Eles ainda estavam no bolso interno direito do paletó.

"São amarelas", disse ela.

"Eles deixam sempre bem claro e quente aqui. Está vendo aquele ovo se agitar? O pintinho está tentando sair. Logo o bico dele vai furar a casca. Fique olhando."

"Papai, você não faz mais a barba lá na nossa casa. Por quê?"

Ele tinha que reforçar sua resistência ao sofrimento. Era necessária alguma dureza. Caso contrário, era como o selvagem descrevendo o piano: "Você dá umas pancadas nele e ele chora". E aquela arte judaica das lágrimas tinha de ser suprimida. Com palavras medidas ele respondeu: "Meu aparelho de barba está em outro lugar. O que Madeleine diz?".

"Ela diz que você não quer mais morar com a gente."

Ocultou da menina a sua raiva. "Ela diz isso? Bem, eu sempre quero estar com você. Só que não posso."

"Por quê?"

"Porque sou um homem, e os homens têm que trabalhar, estar no mundo."

"O tio Val trabalha. Ele escreve poemas e os lê para mamãe."

O rosto fechado de Herzog se iluminou. "Esplêndido." Ela era obrigada a ouvir o lixo do sujeito. Arte ruim de mãos dadas com a imoralidade. "Fico feliz em saber disso."

"Ele fica estranho quando declama."

"E ele chora?"

"Oh, chora sim."

Sentimento e brutalidade — nunca um sem a outra, como fósseis e petróleo. Essa notícia não tem preço. Ouvi-la é pura felicidade.

June tinha baixado a cabeça, e apertava os pulsos contra os olhos.

"Que está acontecendo, querida?"

"Mamãe disse que não era para eu falar sobre o tio Val."

"Por quê?"

"Ela disse que você ficaria muito muito bravo."

“Mas não fiquei. Estou me acabando de rir. Tudo bem. Não vamos falar sobre ele. Prometo. Nem uma palavra.”

Pai experiente, ele esperou prudentemente que chegassem ao Falcon para dizer: “Tenho presentes para você no porta-malas”.

“Oh, papai — o que você trouxe pra mim?”

Diante do desajeitado, cinzento e escancarado Museu de Ciência, ela parecia tão fresca, tão nova (com seus dentinhos de leite, suas sardas esparsas, seus grandes olhos expectantes, seu pescoço frágil). E ele pensou em como ela herdaria aquele mundo de grandes instrumentos, princípios da física e ciência aplicada. Ela possuía cérebro para isso. Ele já estava inebriado de orgulho, vendo na menina uma nova Madame Curie. Ela adorou o periscópio. Espiaram um ao outro dos dois lados do carro, escondendo-se atrás de troncos de árvores e nos arcos do banheiro público. Depois de atravessar a passarela sobre a Outer Drive, caminharam à beira do lago. Ele deixou que ela tirasse os sapatos e chapinhasse na água, enxugando depois os pés na fralda da camisa dele, limpando cuidadosamente os restos de areia entre os dedos. Ele comprou para ela uma caixa de biscoitos, que ela mordiscou no gramado. Os dentes-de-leão tinham florescido e eram pura seda em liberdade; a relva estava flexível, nem úmida como em maio nem seca como em agosto, quando o sol a esturricava. O ceifador mecânico rodava em círculos, barbeando os aclives, lançando ao ar uma nuvem de pedacinhos de grama. Iluminada a partir do sul a água era de um azul maravilhoso, fresco, denso, radiantemente diurno; o céu descansava sobre o horizonte levemente em chamas, claro, exceto na direção de Gary, onde as escuras e finas chaminés das fundições de aço sopravam nuvens de fumaça avermelhada e cor de enxofre. A esta altura os gramados de Ludeyville, que não eram aparados fazia dois anos, deviam ter virado simplesmente um matagal, e caçadores e amantes clandestinos deviam estar invadindo de novo, muito provavelmente, arrombando janelas, acendendo fogueiras.

“Quero ir ao aquário, papai”, disse June. “Mamãe disse que você devia me levar lá.”

“Oh, ela disse isso? Bem, então vamos.”

O sol tinha deixado o Falcon muito quente. Ele abriu as janelas para refrescá-lo. Tinha uma quantidade extraordinária de chaves, a esta altura, e

precisava organizá-las melhor nos bolsos. Havia as chaves da sua casa em Nova York, a chave que Ramona lhe havia dado, a chave de sua sala na universidade e a chave do apartamento de Asphalter, bem como várias chaves de Ludeyville. "Você precisa sentar no banco de trás, meu amor. Pule para dentro agora e puxe o vestido para baixo porque o plástico está muito quente." O ar que vinha do oeste era mais seco do que o que vinha do leste. Os sentidos aguçados de Herzog detectavam a diferença. Naqueles dias de quase delírio e de pensamento açambarcador e desordenado, correntes mais profundas de sentimento tinham intensificado suas percepções, ou faziam com que instilasse algo dele próprio em seu entorno. Como se ele pintasse o espaço à sua volta com a umidade e a cor extraídas de sua boca, de seu sangue, fígado, entranhas, genitais. Dessa maneira misturada, portanto, estava consciente de Chicago, território familiar para ele por mais de trinta anos. E, a partir dos elementos da cidade, mediante essa arte peculiar dos seus próprios órgãos, ele criava uma nova versão dela. Onde os muros grossos e os blocos irregulares de calçamento nos cortiços dos negros exalavam seus maus cheiros. Mais para o oeste, as indústrias; o moroso Canal Sul, denso de esgoto e cintilante de lodo dourado; os currais, abandonados; os altos matadouros vermelhos em sua solitária deterioração; e em seguida a insipidez levemente rumorejante de bangalôs e parques raquíticos; e os vastos shopping centers; e os cemitérios depois deles — Waldheim, com seus túmulos dos Herzog passados e presentes; a Reserva Florestal para reuniões de equitação, piqueniques croatas, passeios de namorados, assassinatos horrendos; aeroportos; pedreiras; e, por fim, milharais. E, com tudo isso, infinitas formas de atividade. Realidade. Moses tinha que ver a realidade. Talvez ele tivesse mantido certo distanciamento dela, de modo a conseguir vê-la melhor, sem perder os sentidos ao sofrer seu forte abraço. A lucidez era seu trabalho; a consciência expandida era seu ramo, seu ofício. Vigilância. Se ele tomasse um tempo para levar sua filhinha para ver os peixes, encontraria um jeito de reembolsá-lo no fundo de vigilância. Aquele dia era exatamente como — ele juntou forças e encarou a conclusão — exatamente como o dia do funeral de Herzog pai. Também era, então, época de florescimento — rosas, magnólias. Moses, na noite anterior, chorara, depois dormira, o ar estava perversamente perfumado; tivera sonhos prolíficos,

dolorosos, maus e voluptuosos, interrompidos pelo raro êxtase da polução noturna — curioso como a morte faz a liberdade rodopiar diante dos instintos subjugados: os deploráveis filhos de Adão cujos corpos e mentes devem responder a estranhos sinais. Grande parte da minha vida foi gasta no esforço de viver segundo ideias mais coerentes. Eu sei até quais são elas.

"Papai, você tem que virar aqui. É aqui que o tio Val sempre vira."

"Certo." Ele observou pelo retrovisor que o deslize a deixara incomodada. Tinha mencionado Gersbach de novo. "Ei, gatinha", disse ele. "Se você me disser qualquer coisa sobre o tio Val, nunca vou contar a ninguém. Nunca vou lhe perguntar coisa alguma sobre ele. Agora não se preocupe com isso. É tudo uma bobagem."

Ele não tinha mais do que a idade de June quando mamãe Herzog o instruiu a não dizer nada sobre aquele alambique em Verdun. Lembrava-se bem da geringonça. Aqueles barris eram lindos. E o cheiro forte daquele mingau. Se ele não estava enganado, Herzog pai esvaziava sacas de pão de centeio amanhecido no tonel. Em todo caso, segredos não eram uma coisa tão ruim.

"Não há nada de errado em ter alguns segredos", disse ele.

"Eu sei um monte deles." Ela ficou em pé bem atrás dele no banco traseiro e acariciou sua cabeça. "O tio Val é muito bacana."

"Ora, claro que é."

"Mas eu não gosto dele. Ele não cheira bem."

"Haha! Bem, vamos dar a ele um vidro de perfume para que fique bem cheiroso."

Segurou a mão dela quando subiam a escadaria do aquário, sentindo que era o pai em cuja força e em cujo juízo sensato ela podia confiar. O pátio central do edifício, embranquecido pela luz natural, estava muito quente. O tanque de água agitada, as plantas exuberantes e o suave cheiro de peixe no ar tropical forçaram Moses a se controlar e ativar sua energia.

"O que você quer ver primeiro?"

"As tartarugas grandes."

Percorreram as obscuras vielas douradas e verdes.

"Este peixinho veloz é chamado de humuhumuuu-elee-elee, do Havaí. Esta fera escorregadia é a arraia e tem dentes e veneno na cauda. E estas são as

lampreias, parentes dos peixes-bruxa, elas grudam suas bocas sugadoras em outros peixes e chupam até matá-los. Ali você vê o peixe arco-íris. Não tem tartaruga nesta ala, mas olhe só aquelas coisas grandonas lá no fundo. Tubarões?"

"Eu vi os golfinhos em Brookfield", disse June. "Eles usam chapéus de marinheiro, tocam um sino. Sabem dançar e jogar basquete."

Herzog a tomou nos braços e a carregou. Aquelas saídas com os filhos, talvez por serem permeadas por tantas emoções, eram sempre fatigantes. Muitas vezes, depois de um passeio com Marco, Moses tinha que colocar uma compressa fria sobre os olhos e ficar deitado. Parecia seu destino o de ser o pai visitante, uma aparição que ia e vinha na vida dos filhos. Mas aquela peculiar sensibilidade aos encontros e despedidas tinha que ser controlada. Aquela trêmula aflição — tentou pensar no termo que Freud teria para aquilo: retorno parcial de material traumático reprimido, que remonta em última instância ao instinto de morte? — não devia ser transmitida aos filhos. Aquele trêmulo e vitalício êxtase de morte, ah não. Aquela mesma emoção, como bem sabia o Herzog estudante, era tida como o útero das cidades, tanto no céu como na terra, a humanidade sendo incapaz de se separar de seus entes queridos ou de seus mortos neste mundo ou no outro. Mas para Moses E. Herzog, enquanto segurava sua filha nos braços, contemplando através do verde aquoso os peixes-bruxa e os lisos tubarões com seus ventres dentados, aquela emoção não passava de tirania. Pela primeira vez ele via com outros olhos o modo como Alexander V. Herzog tinha conduzido o funeral de Herzog pai. Nenhuma solenidade na capela. Os amigos de Shura, majestosos, bronzeados de jogar golfe, banqueiros e presidentes de corporações, formando uma imponente parede de carne tão compacta nos ombros, mãos e faces quanto era rala nos cabelos. Então houve o cortejo. A prefeitura tinha mandado batedores de motocicleta em reconhecimento à importância cívica de Shura Herzog. Os policiais iam na frente com sirenes estridentes, afastando para os lados automóveis e caminhões para que o carro funerário pudesse avançar cruzando sinais fechados. Ninguém jamais chegou tão rápido a Waldheim. Moses disse a Shura: "Quando vivo, papai sempre teve os policiais atrás dele. Agora...". Helen, Willie, todos os quatro filhos na limusine, riram baixinho desse comentário. Então, enquanto o caixão era

baixado à cova e Moses e os outros choravam, Shura disse a ele: "Não se comporte como um maldito imigrante". Eu o constrangia diante dos amigos do golfe, dos presidentes de corporações. Talvez eu não estivesse totalmente certo. Lá ele era o bom americano. Ainda carrego comigo a poluição europeia, estou infectado pelo Velho Mundo com sentimentos como Amor, Emoção Filial. Velhos sonhos estuporados.

"*Lá* está a tartaruga!", gritou June. A criatura se ergueu das profundezas do tanque em sua córnea armadura, a preguiçosa cabeça pontuda, os olhos com eternidades de indiferença, as nadadeiras bracejando lentamente, tomando impulso no vidro, as grandes escamas de um amarelo róseo ou, nas costas, em lindas riscas, curvas lâminas negras imitando a tensão da superfície da água. Deixava atrás de si um rastro verde de parasitas.

Para fazer uma comparação eles voltaram às tartarugas do rio Mississippi no tanque central; seus flancos eram rajados de vermelho; elas dormitavam em seus troncos e remavam suavemente em companhia de peixes-gato num fundo de tanque sombreado por samambaias, salpicado de moedas.

A menina agora estava satisfeita, e seu pai também. "Acho que devemos ir atrás de um sanduíche para você. É hora do almoço", disse ele.

Saíram do estacionamento com bastante cuidado, pensou Herzog depois. Ele era um motorista prudente. Mas ao enfiar seu Falcon no fluxo principal de tráfego ele bem que poderia ter pensado na longa curva ao norte onde os carros aumentavam a velocidade. Um pequeno furgão Volkswagen estava na sua cola. Ele pisou no freio, com a intenção de diminuir a velocidade e deixar o outro carro ultrapassá-lo. Mas os freios eram novos demais e responderam vivamente. O Falcon brecou seco e o furgão bateu na sua traseira, jogando-o contra um poste de iluminação. June gritou e se agarrou aos ombros do pai, enquanto este era lançado para a frente, contra a roda da direção. A menina!, ele pensou; mas não era com a menina que ele devia se preocupar. Percebeu por seu grito que ela não estava machucada, mas apenas assustada. Ele se abandonou sobre o volante, sentindo-se fraco, radicalmente fraco; seus olhos escureceram; sentiu que estava sendo tomado pela náusea e pelo torpor. Ouvia os gritos de June, mas não conseguia se virar para ela. Comunicou a si próprio que estava perdendo os sentidos, e desmaiou.

Estenderam-no no gramado. Ouviu uma locomotiva muito próxima — da Illinois Central. Ela parecia estar mais longe, sacolejando pelo matagal do outro lado da estrada. Sua visão, de início, estava perturbada por grandes manchas, mas estas foram diminuindo até se tornar pontinhos iridescentes. Suas calças estavam arregaçadas. Sentiu frio nas pernas.

"Onde está June? Onde está minha filha?" Levantou-se e a viu entre dois policiais negros, olhando para ele. Eles estavam com sua carteira, os rublos czaristas e, claro, a pistola. Lá estava ela. Ele fechou de novo os olhos. Sentiu a náusea voltar ao pensar na encrenca em que tinha se metido. "Tudo certo com ela?"

"Ela está bem."

"Venha cá, Junie." Ele se curvou e ela se entregou ao seu abraço. Ao abraçá-la e beijar seu rostinho assustado, sentiu uma dor aguda nas costelas. "Papai deitou para descansar um minuto. Não foi nada." Mas ela o tinha visto estendido na grama. Logo depois do novo prédio passando o Museu. Estirado inerte, decerto parecendo morto, enquanto os guardas revistavam seus bolsos. Sentiu seu rosto exangue, vazio, rígido, suas sensações intensamente reduzidas, e isso o apavorou. Pela ferroada que sentia na raiz dos cabelos, achou que eles deviam estar ficando brancos na hora. Os policiais estavam lhe dando alguns minutos para se recompor. A luz azul do carro de polícia piscava e girava. O motorista do furgão estava olhando para ele, furioso. Um pouco adiante, os melros ciscavam, o círculo de luzes indo e voltando sobre seus dorsos negros. Por cima do ombro Herzog estava consciente da presença do Museu de História Natural. Se ao menos ele fosse uma múmia naquele porão!, pensou.

Os tiras o haviam apanhado. Seus olhares silenciosos lhe davam essa informação. Como ele estava abraçando Junie, eles esperavam; talvez não fossem muito duros com ele de imediato. Ainda buscando ganhar tempo, ele agia como se estivesse mais atordoado do que realmente estava. Os tiras podiam ser muito malvados, ele já os vira em ação. Mas isso tinha sido nos velhos tempos. Talvez as coisas tivessem mudado. Havia um novo chefe de polícia. Ele tinha sentado perto de Orlando Wilson numa conferência sobre drogas no ano anterior. Tinha apertado sua mão. Claro que não valia a pena mencionar isso; de todo modo, nada iria irritar mais aqueles dois grandes tiras negros do que

qualquer insinuação de costas quentes. Para eles, ele fazia parte do butim do dia, e com aqueles rublos e aquela arma ele não podia ter esperança de que simplesmente o deixariam ir embora. E lá estava o Falcon verde-azulado amassado contra o poste de luz. O tráfego passando veloz, a estrada com seus carros fulgurantes.

"Você é Moses?", perguntou o mais velho dos dois negros. Lá estava — era aquele tom de familiaridade mortal que a gente só ouve quando a imunidade foi perdida.

"Sim, sou Moses."

"É sua filha?"

"Sim — minha menininha."

"Melhor você passar um lenço na cabeça. Tem um cortezinho, Moses."

"É mesmo?" Isso explicava a ferroada na raiz dos cabelos. Incapaz de localizar seu lenço — o pedaço de toalha —, desfez o nó da gravata e a dobrou, apertando sua ponta mais larga contra o couro cabeludo. "Não é nada", disse. A menina tinha escondido a cabeça no ombro do pai. "Sente aqui do lado do papai, meu anjo. A cabeça do papai está doendo um pouco." Ela obedeceu. A docilidade dela, seu sentimento por ele, o que parecia a ele a percepção terna e sábia da menina, sua empatia, tudo isso o comovia, estrangulava suas entranhas. Pousou uma larga mão protetora e zelosa nas costas dela. Inclinando-se para a frente, pressionava a gravata contra o couro cabeludo.

"Você tem licença para portar esta arma, Moses?" O tira comprimiu os grossos lábios enquanto esperava pela resposta, cofiando de baixo para cima as cerdas do seu bigode com a unha. O outro policial falava com o motorista do furgão, que estava enraivecido e turbulento. De rosto afilado, o nariz pontudo e vermelho, ele encarava Moses, dizendo: "Vocês vão cassar a carteira de motorista desse cara, não vão?". Moses pensou: estou em apuros por causa da pistola, e esse sujeito quer tirar partido disso. Alertado por essa indignação, Herzog conteve seus próprios sentimentos.

"Perguntei uma vez, vou perguntar de novo. Moses, você tem porte de arma?"

"Não, senhor, não tenho."

"Tem duas balas aqui. Arma carregada, Moses."

“Seu guarda, era a arma do meu pai. Ele morreu, e eu a estava levando de volta para Massachusetts.” Suas respostas eram tão breves e pacientes quanto possível. Ele sabia que teria que repetir a história várias vezes.

“E esse dinheiro aqui?”

“Não tem valor, seu guarda. Dinheiro russo que já não vale mais. Dinheiro de mentirinha. Outro souvenir.”

Não desprovido de simpatia, o rosto do policial também expressava um fatigado ceticismo. Tinha as pálpebras pesadas, e em sua boca silenciosa e de lábios grossos havia uma espécie de sorriso. Os lábios de Sono tinham ficado parecidos com esses quando ela o questionou sobre as outras mulheres em sua vida. Bem, a quantidade de esquisitices, álibis, invenções e fantasias que a polícia tem de aturar todos os dias... Herzog, fazendo suas avaliações do modo mais inteligente que podia, embora a responsabilidade e o temor estivessem pesando muito dentro dele, achou que não seria fácil para o tira enquadrá-lo numa classificação. Havia rótulos para ele, naturalmente, mas um tira bitolado como aquele não estaria familiarizado com eles. Agora mesmo havia possivelmente um matiz de orgulho nessa reflexão, tão tenaz era a tolice humana. “Senhor, que os anjos louvem vosso nome. O homem é uma coisa tola, uma coisa tola. A loucura e o pecado são todo o seu jogo...”[a] A cabeça de Herzog doía e ele não conseguiu lembrar mais nenhum verso. Tirou a gravata da cabeça. Não fazia sentido deixá-la grudar ali; não deixaria o sangue coagular e formar casca. June tinha pousado a cabeça no seu colo. Ele cobriu os olhos dela para protegê-los do sol.

“Temos que fazer o diagrama do acidente.” O tira, com sua calça brilhante, agachou-se ao lado de Herzog. De seus quadris gordos, protuberantes, seu próprio revólver pendia até quase o chão. O cabo marrom com riscas metálicas e a cartucheira eram bem diferentes do grande e canhestro revólver da Cherry Street de Herzog pai. “Não estou achando aqui os documentos deste Falcon.”

O carrinho estava arrebentado na frente e atrás, o capô escancarado como uma concha de mexilhão. O motor em si talvez não estivesse muito danificado; nenhum fluido tinha vazado. “É alugado. Peguei-o no aeroporto O’Hare. Os documentos estão no porta-luvas”, disse Herzog.

“Temos que reconstituir os fatos aqui.” O policial abriu uma pasta e

começou a riscar o papel grosso de um formulário impresso com seu lápis amarelo. "Você saiu daquele estacionamento — a que velocidade?"

"Devagar, quase parando. A quinze, vinte por hora — botando o bico na estrada com muito cuidado."

"Você não viu esse sujeito vindo?"

"Não. A curva o escondia, suponho. Não sei. Mas ele estava quase grudado no meu para-choque quando entrei na pista." Curvou-se para diante, tentando mudar de posição e aliviar a dor no flanco. Já tinha combinado consigo mesmo ignorá-la. Acariciou a bochecha de June. "Pelo menos ela não se machucou", disse.

"Eu a retirei do carro pela janela traseira. A porta estava emperrada. Dei uma olhada geral. Ela está bem." O negro de bigode franziu o cenho, como que para deixar claro que não devia explicação alguma a Herzog — um homem com uma arma carregada. Pois a principal acusação contra ele não seria o acidente, mas sim a posse daquela velha pistola desajeitada, com dois cartuchos.

"Eu teria estourado os miolos se acontecesse alguma coisa com ela."

O policial agachado, a julgar por seu silêncio, não estava nem um pouco preocupado com o que Moses teria feito. Falar sobre um uso possível do revólver, ainda que contra si próprio, não foi muito inteligente. Mas ele ainda estava um tanto desnorteado e zonzo, derrubado no chão, segundo sua própria imagem, depois do estranho voo em espiral dos últimos dias; e o choque, para não dizer desespero, daquela súbita queda. Sua cabeça ainda flutuava. Decidiu que aquela loucura tinha que acabar ou as coisas poderiam ficar ainda piores. Correndo a Chicago para proteger sua filha, ele quase a matara. Vindo combater a influência de Gersbach, e colocar-se à disposição de June — como homem e pai etc. —, o que é que tinha feito além de trombar num poste? E então a menina o viu sendo arrastado para fora do carro, desmaiando, com um corte na cabeça, o revólver e os rublos caindo para fora do bolso. Não, fraqueza, ou mal-estar, coisas com que ele tinha se desculpado a vida toda (alternando-as com a arrogância), aquele seu método de manter o equilíbrio — o giroscópio Herzog — não tinha mais serventia. Ele parecia ter chegado ao fim *daquilo*.

O motorista do furgão Volkswagen, de avental verde, estava dando sua versão do acidente. Moses tentou decifrar as letras bordadas em amarelo no seu bolso.

Seria da companhia de gás? Não dava para saber. Estava botando toda a culpa nele, claro. Era muito inventivo e criativo. A história ganhava floreios a cada momento. Oh, o esplendor da autojustificação, pensou Herzog. O brilho que ela faz surgir nesses mortais, até mesmo nos mais desqualificados. As ondulações na careca daquele sujeito seguiam um padrão diferente dos sulcos na testa. Era possível imaginar a antiga linha dos cabelos por conta disso. Certo número de fios ralos persistia.

"Ele simplesmente me cortou a frente. Não deu sinal, nem nada. Por que não faz o teste de bebida alcoólica nele? Isso é coisa de bêbado dirigindo."

"Bom, agora conte para nós, Harold", disse o negro mais velho. "Qual era a sua velocidade?"

"Ora, Deus do céu! Eu estava abaixo do limite."

"Uma porção desses motoristas de firma gostam de ferrar com os carros particulares", disse Herzog.

"Primeiro, me cortou a frente, depois meteu o pé no freio."

"Você bateu nele com força. Isso significa que estava na cola dele."

"Isso mesmo. O que me parece..." O policial mais velho apontou duas, três, cinco vezes com a ponta de borracha de seu lápis antes de falar outra palavra; fazia as pessoas observarem a estrada (aqui Herzog parecia ver a corrida dos porcos de Gerasa,[b] multicoloridos e brilhantes, antes de chegarem à beira do precipício). "O que me parece é que você estava muito na cola dele, Harold. Ele não tinha como passar para a outra faixa, então achou melhor diminuir a marcha para te dar uma chance de ultrapassá-lo. Pisou com força demais no freio e você trombou nele. Vejo pelas notificações grampeadas na sua carteira que você já cometeu duas infrações de velocidade."

"É verdade, e é por isso que tenho sido ultracuidadoso."

Deus não permita que essa raiva queime sua careca, Harold. Com essa cor vermelha tão inconveniente, e cheia de sulcos, como o palato de um cachorro.

"O que me parece é que, se você não estivesse tão colado nele, não teria batido com tanta violência. Teria tentado desviar, ultrapassando-o pela esquerda. Vou ter que lhe dar uma multa, Harold."

Então se virou para Moses e disse: "Vou ter que levar você. Será fichado por contravenção".

"Por causa dessa garrucha velha?"

"Carregada..."

"Ora, isso não é nada. Não tenho passagem nenhuma pela polícia — nunca fui fichado."

Esperaram que ele ficasse de pé. O motorista de nariz pontudo do furgão franziu as sobrancelhas para ele e, sob seu olhar raivoso e vermelho, Herzog se levantou e pegou a filha no colo. Quando ele a ergueu, ela perdeu a fivela. O cabelo dela se soltou e caiu livremente dos lados do rosto, bem comprido. Ele não tinha condições de se curvar de novo para procurar a fivela de casco de tartaruga. A porta do carro da polícia, estacionado numa ladeira, se escancarou para ele. Agora podia sentir por conta própria o que era ser preso. Ninguém tinha sido roubado, ninguém tinha morrido. No entanto ele sentia baixar sobre si a sombra pesada, fatal. "E isso é bem você, Herzog", disse a si mesmo. Não tinha como escapar da autoacusação. Quanto àquela grande pistola niquelada, o que quer que tivesse imaginado fazer com ela no dia anterior, ele deveria tê-la deixado na mala de viagem embaixo do sofá de Asphalter. Ao vestir o paletó naquela manhã e sentir o incômodo peso no peito, deveria ter deixado naquele exato momento de ser quixotesco. Pois ele não era um Quixote, era? Um Quixote imita grandes modelos. Que modelos ele imitava? Um Quixote era um cristão, e Moses E. Herzog não era nenhum cristão. Aqueles eram os EUA pós-quixotescos, pós-copernicianos, onde uma mente lançada livremente no espaço podia descobrir relações insuspeitadas por um homem do século XVII preso em seu universo mais limitado. Nisso consistia sua vantagem de homem do século xx. Apenas (eles caminhavam sobre a grama em direção à luz azul giratória) em nove décimos de sua existência ele era exatamente o que outros tinham sido antes dele. Pegou o revólver (seu propósito era tão intenso quanto difuso) porque era filho de seu pai. Tinha quase certeza de que Jonah Herzog, temeroso da polícia, de fiscais de renda ou de assaltantes, não podia fugir desses inimigos. Exacerbava seus terrores e os desafiava a destruí-lo. (Medo: era capaz de suportá-lo? Choque: sobreviveria a ele?) Os antigos Herzog, com seus salmos, seus xales e suas barbas, nunca teriam tocado num revólver. A violência era para o gói. Mas esses homens tinham passado, desaparecido, eram homens arcaicos. Jonah, por uma ninharia, tinha comprado uma arma, e Moses,

naquela manhã, tinha pensado: "Oh, diabos, por que não?", e, abotoando o paletó, desceu até o carro.

"Que vamos fazer com este Falcon?", perguntou ao policial. Estacou. Mas o fizeram seguir em frente, dizendo: "Não se preocupe com isso. Deixe por nossa conta".

Viu o guincho chegando com seu guindaste. Também ele tinha a luz azul girando sobre a capota.

"Ouçam", disse. "Tenho que levar essa menina para casa."

"Ela vai para casa. Não haverá problema algum."

"Mas tenho o compromisso de devolvê-la às quatro horas."

"Você tem quase duas horas."

"Mas isso não vai levar mais de uma hora? Claro que eu gostaria que me deixassem cuidar dela primeiro."

"Vamos andando, Moses..." Bondoso, mas austero, o patrulheiro mais velho o fez continuar andando.

"Ela ainda não almoçou."

"Você está em pior forma do que ela."

"Ora, sem essa."

Encolheu os ombros e amassou a gravata manchada de sangue, deixando-a cair no acostamento. O corte não era grave; tinha parado de sangrar. Conduziu June pela mão e, quando estava sentado no banco traseiro de plástico azul, quente como fogo, pousou-a no colo. É esta por acaso, Herzog, a realidade que você vem procurando, no seu devido estilo Herzog? Misturado com todo mundo no pelotão — a vida comum? Não é capaz de determinar por conta própria qual realidade é real? Qualquer filósofo pode lhe dizer que ela se baseia, como todo juízo racional, em prova empírica. Só que este jeito particular de fazê-lo era perverso. Mas era apenas humano. Você queima a casa para assar o porco. Foi assim que a humanidade sempre assou porcos.

Explicou a June: "Vamos dar um passeio, querida". Ela concordou com a cabeça e ficou em silêncio. Seu rosto estava sem lágrimas, nublado, e isto era muito pior. Machucava. Partia seu coração. Como se Madeleine e Gersbach não bastassem, *ele* tinha que vir correndo com seu amor afoito e sua excitação, abraços, beijos, periscópios, emoções ansiosas. Ela ainda tinha que vê-lo

sangrando na cabeça. Ele sentiu uma pontada lancinante nos olhos e fechou-os com o polegar e o indicador. As portas bateram. O motor emitiu um ronco áspero e depois amaciou, e o ar seco do verão começou a entrar no carro, trazendo cheiro de gás de escapamento. Aquilo agravou sua náusea como um gole forçado de bebida. Quando o carro deixou a margem do lago ele abriu os olhos para a feiura amarela da rua 22. Reconheceu o aspecto familiar da danação do verão. Chicago! Aspirou o cheiro forte de substâncias químicas e tintas vindo da fábrica Donnelly.

Ela vira os policiais vasculharem seus bolsos. Na idade dela ele observava tudo de modo vívido. E tudo era lindo ou assustador. Ficara marcado para sempre com coisas que sangravam ou fediam. Perguntava-se se ela se lembraria com a mesma intensidade. Com a mesma intensidade com que ele recordava a matança de galinhas, aqueles grasnidos histéricos quando os frangos eram arrancados dos galinheiros de tela, o cocô, a serragem, o calor, o fedor almiscarado de ave, e as galinhas estrebuchando quando suas gargantas eram cortadas para que sangrassem até morrer, de cabeça para baixo em cavaletes de latão, as garras se agitando, raspando, raspando o amparo de metal. Sim, aquilo tinha sido na Roy Street, ao lado da lavanderia chinesa onde os letreiros de pano vermelho flutuavam, com símbolos desenhados em preto. E ficava perto do beco — o coração de Herzog bateu mais forte; sentiu-se febril — onde ele foi surpreendido por um homem numa sórdida noite de verão. O homem o pegou por trás e tapou sua boca com a mão. Sibilou alguma coisa para ele enquanto lhe baixava as calças. Seus dentes eram podres e seu rosto tinha um restolho de barba. E entre as coxas do menino aquela horrível coisa vermelha sem pele passava para a frente e para trás, uma e outra vez, até que explodiu numa gosma. Os cães nos quintais das casas pulavam contra as cercas, latiam e rosnavam, engasgando com a própria saliva — os cães guinchando, enquanto Moses tinha a garganta presa pelo braço do homem. Sabia que podia ser morto. O homem podia estrangulá-lo. Como ele sabia? Era só palpite. Então simplesmente ficou lá parado. O homem abotoou seu casaco do Exército e disse: “Vou lhe dar um níquel. Mas tenho que trocar este dólar”. Mostrou-lhe a nota e disse-lhe para esperar onde estava. Moses viu-o desaparecer na lama do beco, magro e encurvado sob o casaco comprido, andando rapidamente, com

pés ruins; pés ruins, pés malvados, recordava Moses; quase correndo. Os cães pararam de latir e ele esperou, com medo de se mexer. Por fim, vestiu as calças molhadas e foi para casa. Sentou-se na sacada por um momento e em seguida apresentou-se para o jantar como se nada tivesse acontecido. Nada! Lavou as mãos na pia com Willie e foi para a mesa. Tomou sua sopa.

E mais tarde, quando ele estava no hospital e veio a boa senhora cristã, aquela com sapatos de abotoar e o alfinete de chapéu que parecia a haste de um bonde, de voz suave e aspecto austero, ela lhe pediu para ler para ela passagens do Novo Testamento, e ele abriu o livro e leu: "Deixai vir a mim as criancinhas". Então ela mudou para outra página, que dizia: "Dai e recebereis. Uma medida boa... vos será lançada no seio".

Bem, existe um famoso conselho, esplêndido conselho mesmo sendo alemão, que diz para esquecer o que não se pode suportar. Os fortes podem esquecer, banir a história. Muito bem! Ainda que seja autolisonja falar em força — aqueles filósofos estéticos, eles têm uma postura, mas o poder varre as posturas para o lixo. Ainda assim, é verdade que você não pode ir em frente convertendo um pesadelo em outro, Nietzsche estava muito certo quanto a isso. Os de espírito brando precisam endurecer. Será que este mundo não passa de uma estéril pelota de coque? Não, não, mas o que às vezes parece ser é um sistema de prevenção, uma negação do que todo ser humano sabe. Amo meus filhos, mas sou o mundo para eles, e lhes trago pesadelos. Tive esta filha com minha inimiga. E a amo. A visão dela, o aroma do seu cabelo, neste minuto, me faz estremecer de amor. Não é um mistério o modo como amo a filha da minha inimiga? Mas um homem não precisa de felicidade para *si próprio*. Não, ele pode tolerar qualquer dose de tormento — recordações, seus demônios familiares, desespero. E essa é a história não escrita do homem, sua realização oculta, negativa, seu poder de suportar a ausência de gratificação, desde que haja alguma coisa grande, alguma coisa em que seu ser, e todos os seres, possam ser abarcados. Ele não precisa de significado enquanto essa intensidade estiver em vigor. Porque então ela é autoevidente; ela *é* o significado.

Mas tudo isso tem que parar. Com a palavra *isso* ele queria dizer coisas como aquela viagem no carro de polícia. Sua ideia filial (praticamente chinesa) de carregar um revólver feio e inútil. Odiar, e estar em condições de fazer algo

com esse ódio. Ódio é autorrespeito. Se você quer manter a cabeça erguida em meio às pessoas...

Estavam na South State Street; ali os distribuidores de cinema costumavam expor seus cartazes espalhafatosos: Tom Mix mergulhando de um penhasco; agora era apenas uma rua lisa e vazia onde se vendem copos e louças para bares. Mas qual é a filosofia desta geração? Não a de que Deus está morto, esse tema já passou há muito tempo. Talvez se devesse declarar que a Morte é Deus. Esta geração pensa — e este é o seu pensamento supremo — que nada de confiável, vulnerável, frágil, pode durar ou ter algum poder de verdade. A morte espera por essas coisas como um chão de cimento espera por uma lâmpada que cai e se espatifa. A frágil concha de vidro perde seu minúsculo vácuo com um estouro, e acabou. E é assim que ensinamos metafísica uns aos outros. "Você acha que a história é a história de corações amorosos? Que tolice! Veja esses milhões de mortos. Você pode se compadecer deles, sofrer por eles? Pode nada! É gente demais. Nós os transformamos em cinzas, usamos escavadoras para enterrá-los. A história é história da crueldade, não do amor, como pensam os homens delicados. Já experimentamos cada faculdade humana para ver qual delas é forte e admirável e mostramos que nenhuma o é. Só existe o caráter prático. Se o velho Deus existe, deve ser um assassino. Mas o único deus verdadeiro é a Morte. É assim que as coisas são — sem ilusões covardes." Herzog ouvia isso como se estivesse sendo falado lentamente dentro de sua cabeça. Sua mão estava úmida e ele soltou o braço de June. Talvez o desmaio tivesse sido provocado não pelo acidente, mas pela premonição de tais pensamentos. A náusea vinha apenas de apreensão, de excitação, da intensidade intolerável daquelas ideias.

O carro parou. Como se tivesse viajado à delegacia policial num barco oscilante sobre as águas, ele cambaleou ao sair para a calçada. Proudhon diz: "Deus é *o* mal". Mas, quando vasculhamos as entranhas da revolução mundial à procura de *la foi nouvelle*, o que achamos? A vitória da morte, não da racionalidade, não da fé racional. Nossa própria imaginação homicida se revela como a grande força, essa nossa imaginação humana que começa acusando Deus de homicídio. No fundo do desastre todo repousa o sentimento de mágoa do ser humano, e com este eu não quero ter mais nada a ver. É mais fácil deixar

totalmente de existir do que acusar Deus. Muito mais simples. Mais limpo. Mas chega disso!

Entregaram-lhe sua filha e os escoltaram até o elevador, que parecia ter espaço bastante para um batalhão. Dois homens que tinham sido detidos — dois outros prisioneiros — subiram com ele. Era na esquina da Onze com a State Street. Lembrava-se dali. Lugar desagradável. Homens armados entravam e saíam. Cumprindo ordens, seguiu pelo corredor atrás do corpulento policial negro de mãos enormes e quadris largos. Outros caminhavam atrás dele. Iria precisar de um advogado e pensou, naturalmente, em Sandor Himmelstein. Riu ao pensar no que Sandor diria. O próprio Sandor usava métodos policiais, psicologia astuta, a mesma usada na KGB e no mundo todo. Primeiro ele era brutal, depois, ao conseguir os resultados desejados, relaxava e podia se dar ao luxo de ser gentil. Suas palavras eram memoráveis. Tinha vociferado que abandonaria o caso e deixaria os rábulas cuidarem de Moses, imobilizando-o de cima a baixo, fechando sua boca, amarrando suas tripas, colocando um medidor no seu nariz e cobrando-o pelo ar respirado. Sim, sim, palavras inesquecíveis, as palavras de um professor de Realidade. De fato inesquecíveis. "Então você vai ficar feliz em pensar que está morto. Vai entrar no seu caixão com a alegria de quem entra num carro esporte." E também: "Vou fazer da minha esposa uma viúva rica, e não tão velha que não possa sair trepando por aí". Isso ele repetia sempre. Herzog se divertia agora. Afogueado, encardido, com a camisa manchada de sangue, ele pensava naquilo e sorria. Eu não devia censurar o velho Sandor por ser tão durão. Essa é a brutal visão pessoal dele da perspectiva popular, do *American way of life*. E a minha visão, qual tem sido? Eu amo a gatinha, seu pelo é quentinho, se eu não a machucar ela não me fará mal, o que representa o lado infantil da mesma crença, da qual os homens despertam violentamente para se converter em realistas rosnadores. Fique esperto, otário! Ou a versão de tante Taube do realismo inocente: "G*ottseliger* Kaplitzky tomava conta de tudo. Eu nunca sequer olhava". Mas tante Taube era tão sagaz quanto amável. Entre um oblívio e outro, as coisas que fazemos e as coisas que dizemos... Mas agora ele e June tinham sido levados a uma sala grande, mas fechada, e ele estava sendo fichado por outro policial negro, um sargento. Era bem entrado em anos, levemente enrugado. Suas rugas eram salientes, não

eram sulcos. Sua cor era um amarelo escuro, ouro negro. Trocou umas palavras com o policial que fez a detenção e então olhou para a arma, tirou dela as duas balas, sussurrou mais perguntas ao tira de calça brilhante, que se curvou para cochichar secretamente.

"Muito bem, você", o sargento disse então a Moses. Colocou seus óculos Ben Franklin, duas lâminas de vidro em finas molduras de ouro. Ergueu a caneta.

"Nome?"

"Herzog — Moses."

"A inicial do meio?"

"E. Elkanah."

"Endereço?"

"Não moro em Chicago."

O sargento, com muita paciência, perguntou de novo: "Endereço?".

"Ludeyville, Massachusetts, e cidade de Nova York. Bem, tudo bem, Ludeyville, Massachusetts. Sem nome de rua."

"Esta menina é sua filha?"

"Sim, senhor. Minha filhinha June."

"Onde ela mora?"

"Aqui na cidade, com sua mãe, na Harper Avenue."

"Você é divorciado?"

"Sim, senhor. Vim para ver a menina."

"Não quer colocá-la no chão?"

"Não, seu guarda — quer dizer, sargento", corrigiu-se, sorrindo com simpatia.

"Você está sendo fichado, Moses. Não estava bêbado, estava? Tomou alguma bebida hoje?"

"Tomei ontem, antes de dormir. Hoje nada. Quer que eu passe pelo teste de álcool?"

"Não vai ser necessário. Não há acusação de infração de lei do trânsito. Você está sendo fichado por causa desta arma."

Herzog puxou para baixo a barra do vestido da filha.

"É só um souvenir. Como o dinheiro."

"Que diabo de grana é essa?"

"É dinheiro russo, da Primeira Guerra Mundial."

"Esvazie seus bolsos, Moses. Ponha tudo em cima da mesa para que eu possa examinar."

Sem protestar, depositou seu dinheiro, seus caderninhos de notas, canetas, o pedaço de lenço, o pente de bolso e as chaves.

"Parece que você tem uma mixórdia de chaves, Moses."

"Sim, senhor, mas posso identificar todas elas."

"Tudo bem. Não há nenhuma lei contra chaves, exceto se você for um assaltante."

"A única chave de Chicago é essa com uma marca vermelha. É a chave do apartamento de meu amigo Asphalter. Ele estará me esperando às quatro horas no Rosenwald Museum. Tenho que levar a menina para ele."

"Bem, ainda não são quatro horas e você ainda não vai a lugar nenhum."

"Eu gostaria de telefonar para avisá-lo. Caso contrário, ele vai ficar esperando lá."

"Agora diga, Moses, por que você não leva a menina direto de volta para a mãe dela?"

"Veja... a gente não está se falando. Tivemos uma porção de rusgas."

"Está me parecendo que talvez você esteja com medo dela."

Herzog ficou momentaneamente ressentido. O comentário foi calculado para provocá-lo. Mas ele não podia se dar ao luxo de ficar com raiva agora. "Não, senhor. Não exatamente."

"Então talvez ela esteja com medo de você."

"Foi assim que combinamos, com um amigo como intermediário. Não a vejo desde o outono passado."

"Certo, vamos chamar seu camarada e a mãe da menina também."

Herzog exclamou: "Oh, ela não!".

"Não?" O sargento lhe deu um sorriso estranho e descansou por um momento em sua cadeira como se tivesse conseguido tirar dele o que queria. "Claro, vamos trazê-la aqui e ver o que ela tem a dizer. Se ela tiver uma queixa contra você, bem, isso é muito pior do que mero porte ilegal de armas de fogo. Você estará sob uma acusação bem ruim, nesse caso."

"Não existe queixa nenhuma, sargento. Pode conferir nos registros sem fazê-

la vir até aqui. Sou eu que sustento esta menina, e nunca atraso ou deixo de pagar um cheque. Isso é tudo o que a sra. Herzog pode lhe dizer."

"De quem você comprou este revólver?"

Lá estava ela de novo, a insolência natural dos tiras. Estava sendo provocado. Mas se manteve firme.

"Não comprei. Pertencia a meu pai. Ele e os rublos russos."

"Você é simplesmente sentimental?"

"Isso mesmo. Sou um f.d.p. sentimental. Pode chamar assim."

"É sentimental quanto a isto, também?" Tocou com o dedo cada uma das balas, uma, duas. "Muito bem, vamos fazer aqueles telefonemas. Ei, Jim, escreva os nomes e os números."

Estava falando com o cabo que trouxera Herzog e que tinha permanecido em pé, com seu rosto gordo, cofiando as cerdas de seu bigode com a unha, comprimindo os lábios.

"Pode também pegar minha caderneta de endereços, aquela vermelha ali. Depois a traga de volta, por favor. O nome do meu amigo é Asphalter."

"E o outro nome é Herzog", disse o sargento. "Na Harper Avenue, certo?"

Moses fez que sim com a cabeça. Ficou olhando os dedos grosseiros virarem as páginas de sua caderneta de couro parisiense com seus rabiscos e borrões. "Vão me deixar numa situação ruim se avisarem a mãe da menina", disse, fazendo uma última tentativa de dissuadir o sargento. "Por que não basta que meu amigo Asphalter venha até aqui?"

"Vá em frente, Jim."

O negro marcou os lugares com lápis vermelho e se afastou. Moses fez um esforço especial para manter uma expressão neutra — nem de desafio, nem de súplica, nada que tivesse o mais leve matiz pessoal. Lembrou que em outros tempos tinha acreditado no apelo de um olhar direto, que pusesse de lado as diferenças de posição social e circunstância, um ser humano abrindo silenciosamente seu coração a outro ser humano. O reconhecimento de uma essência por outra essência. Sorriu interiormente dessa ideia. Doces sonhos! Se ele tentasse olhar nos olhos do sargento, este atiraria nele o livro de registro. Então Madeleine estava vindo. Bem, que viesse. Talvez fosse isso o que ele queria afinal de contas, uma chance de confrontá-la. Com seu nariz reto,

pálido, ficou olhando intensamente para o chão. June mudou de posição nos seus braços, avivando a dor em suas costelas. "Papai sente muito, querida", disse ele. "Da próxima vez vamos ver os golfinhos. Talvez os tubarões tenham dado azar para a gente."

"Você pode sentar, se quiser", disse o sargento. "Parece estar com as pernas um pouco bambas, Moses."

"Eu gostaria de telefonar ao meu irmão para ele mandar seu advogado. A não ser que eu não precise de um advogado. Se eu tiver que pagar uma fiança..."

"Você terá que pagar, mas ainda não sei dizer quanto. Tem um monte de fiadoras de fiança por aqui." Fez um gesto amplo com as costas da mão, e Moses se virou e viu atrás de si todo tipo de gente enfileirada ao longo das paredes. Na verdade, havia dois homens, agora ele notava, fazendo hora ali perto, fiadores ao que indicava sua aparência elegante. Reconheceu vagamente que eles o examinavam, avaliando seu potencial de risco. Já tinham visto sua passagem de avião, suas chaves, canetas, rublos, sua carteira. Seu próprio carro, amassado na estrada, teria servido como pequeno penhor para uma fiança. Mas um carro alugado? Um homem de outro estado, de paletó sujo, sem gravata? Ele não parecia valer algumas centenas de dólares. Se a fiança não for mais do que isso, pensou, posso levantar o dinheiro sem incomodar Will ou Shura. Alguns sujeitos sempre causam uma boa impressão. Nunca tive essa habilidade. Devido aos meus sentimentos. Coração passional, crédito de alto risco. Se me pedissem uma autoavaliação, eu não diria outra coisa.

Voltou-lhe à memória o modo como costumava ser banido para o lado esquerdo do campo quando escolhiam os times no campinho, e quando a bola vinha e ele a deixava escapar por estar devaneando sobre alguma coisa, todo mundo gritava: "*Ei! Zé Mané. Dedos de manteiga! Juntas enferrujadas! Está olhando as borboletas? Esqueleto de minhoca!*". Embora, em silêncio, ele participasse da gozação.

Suas mãos estavam entrelaçadas sobre o coração da filha, que batia ligeiro.

"Agora diga, Moses, por que você estava com uma arma carregada? Para atirar em alguém?"

"Claro que não. E, por favor, sargento, não quero que a menina ouça essas coisas."

"A culpa por tudo isso é sua, não minha. Talvez você só pretendesse assustar alguém. Está aborrecido com alguma pessoa?"

"Não, sargento, eu ia usá-la como peso de papel. Esqueci de tirar as balas, mas isso é porque não sei muita coisa sobre armas e a ideia não me ocorreu. O senhor me deixa dar um telefonema?"

"Mais tarde. Ainda não está na hora. Sente-se enquanto eu cuido de outros assuntos. Fique sentado e espere a mãe da menina chegar."

"Posso comprar uma garrafinha de leite para ela?"

"Dê um quarto de dólar aqui para o Jim, ele providencia para você."

"Com um canudinho, né, June? Você gosta de tomar com canudinho." Ela fez que sim com a cabeça e Herzog disse: "Por favor, traga um canudinho junto, se não for incômodo".

"Papai?"

"Sim, June."

"Você não me contou sobre o mais-mais."

Por um instante, ele não se lembrou. "Ah", disse por fim, "você se refere àquele clube de Nova York onde as pessoas são as mais mais em tudo."

"Isso. Essa história."

Ela se sentou entre os joelhos dele na cadeira. Ele tentou abrir o máximo de espaço para ela. "Existe essa associação da qual as pessoas fazem parte. São o máximo em vários ramos. Há o careca mais cabeludo, e o cabeludo mais careca."

"A magrela mais gorda."

"E a gordona mais magrela. O anão mais alto e o gigante mais baixinho. Tem de tudo ali. O forçudo mais fracote e o fracote mais forçudo. O esperto mais estúpido e o estúpido mais esperto. E tem também coisas como acrobatas aleijados e beldades horrendas."

"E o que eles fazem, papai?"

"Sábado à noite eles têm um jantar dançante. Fazem um concurso."

"Para distinguir uns dos outros."

"Isso mesmo, querida. E quem consegue distinguir o careca mais cabeludo do cabeludo mais careca ganha um prêmio."

Bendita menina, ela gostava do nonsense do pai, e ele precisava diverti-la. Ela

apoiou a cabeça em seu ombro e sorriu, sonolenta, com seus dentinhos.

A sala estava quente e abafada. Herzog, virando um pouco de lado, começou a se inteirar do caso dos dois homens que tinham subido com ele no elevador. Uma dupla de policiais à paisana prestando depoimento — eram da polícia de costumes, ele logo viu. Tinham trazido uma mulher também. Ele não a tinha notado antes. Uma prostituta? Sim, obviamente, apesar de todo o seu ar respeitável de classe média. A despeito de seus próprios problemas, Herzog se viu espiando e ouvindo com atenção. O policial à paisana estava dizendo: "Eles estavam discutindo no quarto desta mulher".

"Tome seu leitinho, querida", disse Herzog. "Está gelado? Tome devagar e com calma, meu amor."

"Você ouviu a briga deles do corredor?", perguntou o sargento. "De que se trata?"

"Este sujeito estava vociferando por causa de um par de brincos."

"Que brincos? Esses que ela está usando? Onde você os conseguiu?"

"Eu comprei eles. Dele. Uma mera compra."

"Que você não pagou."

"Você ia ser pago."

"Ele estava pegando os brincos de volta, estou entendendo", disse o sargento.

"Ao que parece", disse o policial à paisana, discorrendo com uma expressão pesada e anódina, "ele trouxe consigo esse outro sujeito e depois que ela fez o seu serviço ele tentou ficar com os dez dólares da transa porque ela devia o pagamento dos brincos. E ela não quis abrir mão do dinheiro."

"Sargento!", interrompeu o segundo homem. "Não sei de nada! Não sou desta cidade."

Era da cidade de Nínive, com aquelas sobrancelhas escuras e retorcidas. Moses acompanhava com interesse, sussurrando de vez em quando para a menina para distrair a atenção dela. A mulher lhe parecia estranhamente familiar, apesar da maquiagem borrada, da sombra verde-esmeralda nos olhos, do cabelo tingido, do nariz orgulhosamente empinado. Queria muito lhe fazer uma pergunta. Por acaso ela havia frequentado o colégio McKinley? Cantava no Glee Club? Eu também! Não lembra? Herzog. Herzog, que fez o discurso da classe, que falava sobre Emerson.

“Papai, o leite não está vindo.”

“É porque você mordeu o canudinho. Vamos desamassá-lo.”

“Temos que sair daqui, sargento”, disse o comerciante de joias. “Tem gente nos esperando.”

As esposas!, pensou Herzog. As esposas estão esperando!

“Vocês são parentes?”

O comerciante de joias disse: “Ele é meu cunhado, veio de Louisville para uma visita”.

As esposas, uma delas também irmã, estavam esperando. E também ele, Herzog, estava esperando, atordoado de ansiedade. Seria possível que aquela fosse mesmo a Carlotta, do Glee Club, que cantava o solo com voz de contralto em “Mais uma vez com alegria” (de Wagner)? Impossível não era. Olhe para ela agora. Por que alguém iria querer dar uma trepada com uma dona como ela? Ora essa! Ele sabia muito bem por quê. Veja só as grossas veias nas suas pernas, e aqueles peitos, espremidos um contra o outro. Davam a impressão de ter sido lavados, mas não passados. E aquela expressão meio de arenque defumado, e sua boca gorda. Mas ele sabia por quê. Porque ela possuía seus truques obscenos, eis por quê. Sabedoria libidinosa.

Nesse momento chegou Madeleine. Entrou dizendo: “Onde está minha menina...!”. Então viu June no colo de Herzog e atravessou a sala depressa. “Venha comigo, doçura!” Apanhou a garrafinha de leite e colocou-a de lado, em seguida tomou a menina nos braços. Herzog sentiu o sangue latejando nos tímpanos e uma grande pressão na nuca. Era inevitável que Madeleine o visse, mas o olhar dela estava desprovido de qualquer intimidade. Virou-lhe friamente as costas, com as sobrancelhas trêmulas. “A menina está bem?”, perguntou.

O sargento acenou para os policiais de costumes abrirem caminho. “Ela está ótima. Se tivesse o menor arranhão, nós a teríamos levado ao hospital Michael Reese.” Madeleine examinou os braços de June, as pernas, apalpou-a com mãos nervosas. O sargento acenou com a cabeça para Moses. Ele se adiantou, de tal modo que ele e Mady encararam um ao outro por cima da escrivaninha.

Ela vestia um leve conjuntinho azul de linho e seu cabelo caía solto nas

costas. A palavra para descrever sua postura era *imperiosa*. Seus saltos tinham produzido um ruído de comando perfeitamente audível em meio ao burburinho da sala. Herzog olhou demoradamente seu perfil bizantino, rígido, de olhos azuis, os lábios estreitos, o queixo que pressionava a carne abaixo dele. A cor de sua pele era profunda, sinal de que a consciência estava aguçada. Ele julgou poder detectar certo adensamento no rosto dela — uma incipiente aspereza. Assim desejava. Seria justo que um pouco da grosseria de Gersbach a tivesse contagiado. Por que não contagiaria? Ele notou que ela estava visivelmente mais larga no traseiro. Ficou imaginando o agarramento e a esfregação que seriam a causa daquilo. Uma ocupação de homem babão — mas não era essa a palavra certa... Amoroso.

"Este homem é o pai da menina, senhora?"

Madeleine ainda se recusava a lhe conceder um olhar de reconhecimento. "Sim", disse ela, "me divorciei dele. Não faz muito tempo."

"Ele mora em Massachusetts?"

"Não sei onde ele mora. Não é problema meu."

Herzog ficou pasmo. Não conseguia deixar de admirar a perfeição do autocontrole dela. Ela nunca hesitava. Quando tirou o leite das mãos de Junie, sabia precisamente onde jogar a garrafa, embora tivesse acabado de entrar na sala. A esta altura ela com certeza já fizera um inventário de todos os objetos sobre a escrivaninha, incluindo os rublos e a arma, claro. Nunca a tinha visto, mas podia identificar as chaves de Ludeyville pelo fecho magnético redondo do chaveiro, e já teria se dado conta de que a pistola pertencia a ele. Ele conhecia tão bem o jeito dela, suas poses, o estilo aristocrático, o tique do seu nariz, a louca altivez de seus olhos claros. Enquanto o sargento a interrogava, Moses, à sua maneira meio confusa mas intensa, incapaz de evitar associações de ideias, se perguntava se ela ainda exalava aqueles odores de secreções femininas — a sujeira íntima que a caracterizava. Aquela sua fragrância doce e acre, seus ígneos olhos azuis, seus olhares penetrantes e sua boquinha pronta para qualquer maldade nunca mais teriam o mesmo poder sobre ele. Mesmo assim, só de olhar para ela já sentia dor de cabeça. O latejar do sangue no crânio dele estava rápido e ritmado, como êmbolos de um motor batendo em sua película de óleo escuro. Ele a via com grande nitidez — a maciez de seus seios expostos

pelo vestido de decote reto, a maciez de suas pernas, o moreno indígena da pele. Seu rosto, especialmente a testa, estava liso demais, glabro demais para o gosto dele. Todo o peso da severidade dela estava ali. Tinha o que os franceses chamavam de *le front bombé*; em outras palavras, uma testa pedomórfica. Em última instância era indecifrável o que se passava por trás dela. Está vendo, Moses? Não conhecemos uns aos outros. Mesmo o tal Gersbach, chame-o como chamar, charlatão, psicopata, com seus olhos lascivos e falsos, suas bochechas canhestras, cheias de dobras. Ele também era incognoscível. E eu também, a mesma coisa. Mas uma ação dura e impiedosa contra um homem é a afirmação, pelos malfeitores, de que esse homem é plenamente cognoscível. Eles me derrubam, logo reivindicam conhecimento cabal de Herzog. Eles me *conhecem*! E sustento com Espinosa (espero que ele não se importe) que exigir o que é impossível a qualquer ser humano, exercer poder onde ele não pode ser exercido, é tirania. Desculpem-me, portanto, senhor e senhora, mas rejeito as definições que fazem de mim. Ah, essa Madeleine é uma pessoa estranha, tão orgulhosa, mas ao mesmo tempo não muito asseada — tão bonita, mas deformada pela ira —, uma mente que mistura diamante puro e bijuteria barata. E Gersbach, que me puxava o saco. Pela simbiose da coisa. Simbiose e entulho. E ela, doce como caramelo de feira, e venenosa como doces ácidos químicos. Mas não faço um julgamento final. Isso é para eles, não para mim. Vim para causar estrago, admito. Mas o primeiro sangue derramado foi meu, e então agora estou fora. Não contem comigo. Exceto no que diz respeito a June. Quanto ao resto, eu me retiro de cena logo que for possível. Adeus a todos.

"Bem, ele lhe causa problemas?" Herzog, que estava escutando sem prestar atenção, ouviu quando o sargento fez essa pergunta.

Ele disse educadamente a Madeleine: "Cuidado com o que vai dizer, por favor. Não vamos criar encrenca desnecessariamente".

Ela ignorou o comentário. "Ele me importuna, sim."

"Faz alguma ameaça?"

Herzog esperou, tenso, pela resposta dela. Ela devia estar pensando no dinheiro da pensão — no aluguel. Era esperta, uma mulher extremamente astuta, uma raposa. Mas havia também a violência do seu ódio, e esse ódio tinha uma margem de insanidade.

"Não, não diretamente a mim. Não o via desde outubro passado."

"A quem, então?" O sargento a pressionou.

Madeleine evidentemente faria o que pudesse para enfraquecer a posição dele. Estava consciente de que suas relações com Gersbach davam motivo a um processo pela guarda da menina e por conta disso ela tiraria o máximo proveito da fraqueza momentânea dele — de sua idiotice. "O psiquiatra dele", disse, "achou adequado me alertar."

"Achou adequado! Adequado a quê?", disse Herzog.

Ela continuou falando só para o sargento. "Ele disse que estava preocupado. Doutor Edvig é o nome, se o senhor quiser conversar com ele. Achou necessário me aconselhar..."

"Edvig é um bocó — um idiota", disse Herzog.

A pele de Madeleine estava muito corada, seu pescoço resplandecia, carmesim — como quartzo rosa, e esse curioso matiz inundou seus olhos. Ele sabia o que aquele momento significava para ela — felicidade! Ah, sim, disse para si mesmo, o Mão de Manteiga deixou cair outra bola. O outro time está marcando pontos — correndo todas as bases. Ela tirava proveito do erro brilhantemente.

"A senhora reconhece esta arma?" O sargento a segurava em sua palma amarela, girando-a com dedos delicados como se fosse um peixe — uma perca.

A radiância do olhar dela ao pousar na arma era mais profunda do que qualquer expressão sexual que ele já vira no seu rosto. "É dele, não é?", disse ela. "As balas também?" Ele reconheceu a rígida, clara expressão de júbilo nos olhos dela. Seus lábios estavam comprimidos.

"Estava com ele. A senhora conhece a arma?"

"Não, mas não me surpreende."

Moses agora estava observando June. Seu rostinho estava nublado de novo; ela parecia estar contrariada.

"A senhora alguma vez registrou queixa contra Moses, aqui presente?"

"Não", disse Mady. "Não cheguei a fazer isso." Inspirou profundamente. Estava prestes a mergulhar em alguma coisa.

"Sargento", disse Herzog. "Eu lhe disse que não havia queixa alguma. Pergunte a ela se alguma vez deixei de pagar um cheque da pensão."

Madeleine disse: “Mas eu dei a fotografia dele para a polícia do Hyde Park”.

Ele avisou que ela estava indo longe demais. “Madeleine!”, exclamou.

“Calado, Moses”, disse o sargento. “Por que isso, senhora?”

“Para o caso de ele rondar a casa. Para alertá-los.”

Herzog balançou a cabeça, em parte para si mesmo. Tinha cometido naquele dia um erro que pertencia a um período anterior. Não era mais um erro típico. Mas era obrigado a pagar uma conta antiga. Quando você vai ficar em dia com você mesmo?, se perguntou. Quando?

“E ele alguma vez rondou?”

“Nunca foi visto, mas sei muito bem que rondou. É ciumento e encrenqueiro. Tem um temperamento terrível.”

“Mas a senhora nunca registrou uma queixa?”

“Não. Mas espero estar protegida contra qualquer tipo de violência.”

Sua voz foi ficando mais alta e aguda à medida que ela falava. Herzog notou que o sargento a olhava com outros olhos, como se começasse por fim a perceber sua esquisitice arrogante. Ele apanhou seus óculos de Ben Franklin com lentes laminadas. “Não vai haver violência alguma, senhora.”

Sim, pensou Moses, ele está começando a entender a coisa. “Nunca pretendi usar essa arma, a não ser como peso para papel”, disse.

Madeleine falou então a Herzog pela primeira vez, apontando com um dedo rígido as duas balas e olhando-o nos olhos. “Uma dessas era para mim, não era?”

“Você acha isso? Eu me pergunto de onde você tira tais ideias. E para quem seria a outra?” Estava perfeitamente calmo ao dizer isso, seu tom era equilibrado. Estava fazendo tudo o que podia para trazer à tona a Madeleine escondida, a Madeleine que ele conhecia. Enquanto ela o encarava fixamente, sua pele empalideceu e seu nariz começou a se mover levemente. Ela parecia se dar conta de que precisava controlar seu tique e a violência do seu olhar. Mas, em graus visíveis, o rosto dela se tornou muito branco, seus olhos ficaram menores, pétreos. Ele se julgava capaz de interpretá-los. Expressavam um desejo absoluto de que ele morresse. Era infinitamente mais do que mero ódio. Era um voto pela sua não existência, ele pensou. Perguntava-se se o sargento era capaz de perceber isso. “Bem, para quem você acha que seria o segundo tiro imaginário?”

Ela não disse mais nada, só continuou a encará-lo do mesmo modo.

"Isso é tudo por enquanto, senhora. Pode pegar a sua filha e ir embora."

"Até logo, June", disse Moses. "Agora você vai para casa. Papai vai ver você em breve. Dá um beijo aqui, no rosto." Sentiu os lábios da menina. Por cima do ombro da mãe, June se esticou e tocou nele. "Deus te abençoe." Acrescentou, quando Madeleine já saía andando: "Vou voltar".

"Vou acabar de fichar você agora, Moses."

"Vou ter que depositar fiança? De quanto?"

"Trezentos. Dólares americanos, não esses troços aí."

"Gostaria de poder dar um telefonema."

Enquanto o sargento lhe indicava que pegasse uma de suas próprias moedas, Moses ainda teve tempo de observar a poderosa cara de polícia que ele tinha. Devia ter sangue indígena — Cherokee, talvez, ou Osage; um ou dois antepassados irlandeses. Sua pele de ouro desbotado com pesadas linhas descendentes, o nariz austero e os lábios proeminentes davam-lhe impassibilidade, e os minúsculos cachos grisalhos, bem separados uns dos outros no seu couro cabeludo, davam-lhe dignidade. Seus dedos ásperos apontaram para a cabine telefônica.

Ao discar o número de seu irmão, Herzog se sentia cansado, exaurido, mas nem um pouco deprimido. Por alguma razão, acreditava que tinha se saído bem. Estava seguindo o padrão de sempre: mais confusão; e Will teria que pagar sua fiança. Ainda assim, não estava nem um pouco agoniado, na verdade se sentia livre. Talvez estivesse cansado demais para ficar abatido. Talvez fosse isso, afinal de contas. O desgaste metabólico causado pela fadiga (gostava dessas explicações fisiológicas; esta provinha do ensaio de Freud sobre luto e melancolia) deixava-o temporariamente despreocupado, até mesmo alegre.

"Alô."

"Will Herzog está?"

Um reconheceu a voz do outro.

"Mose!", disse Will.

Herzog não podia fazer nada a respeito dos sentimentos que lhe vinham ao ouvir Will. Eles ganhavam vida de repente ao ouvir o velho tom, o velho nome. Ele amava Will, Helen, até mesmo Shura, embora os milhões o tivessem

tornado remoto. No confinamento da cabine de metal o suor brotou instantaneamente no seu pescoço.

"Por onde tem andado, Mose? A velha ligou na noite passada. Não consegui dormir depois disso. Onde você está?"

"Elya", disse Herzog, usando o nome de família do irmão, "não se preocupe. Não fiz nada grave, mas estou na esquina da Onze com a State."

"Na Central de Polícia?"

"Foi só um pequeno acidente de trânsito. Ninguém se machucou. Mas estão me retendo aqui enquanto não pagar trezentos dólares de fiança, e não tenho esse dinheiro comigo."

"Pelo amor de Deus, Mose. Ninguém via você desde o verão passado. Ficamos doentes de preocupação. Vou já para aí."

Esperou na cela com dois outros homens. Um estava bêbado e dormia de cueca. O outro era um rapaz negro, sem idade suficiente para se barbear. Vestia um caro terno castanho e sapatos marrons de couro de jacaré. Herzog disse olá, mas o rapaz preferiu não responder. Estava concentrado em sua própria desgraça, e desviou os olhos. Moses teve pena dele. Apoiou-se nas grades, esperando. O lado errado das grades — sentia-o com o rosto. E havia a latrina, o beliche de metal nu, as moscas no teto. Aquele, Herzog se dava conta, não era o círculo dos *seus* pecados. Estava apenas de passagem. Era nas ruas lá fora, na sociedade americana, que ele cumpria sua pena. Sentou-se calmamente no beliche. Claro, pensou, deixaria Chicago imediatamente, e só voltaria quando estivesse em condições de fazer bem a June, um bem genuíno. Bastava daquela espionagem nas janelas, febril, penosa e teatral; bastava de colisão, desmaio, encontros violentos, acareações. A zoada de encrenca vinda das celas e do corredor, o mau cheiro da central de polícia, a desgraça dos rostos, a mão que gira a chave, sem melhor fortuna que a mão daquele sujeito que dorme estuporado com sua cueca manchada de mijo — o homem que tem olhos, narinas, ouvidos ouve, cheira, vê. O homem que tem intelecto, coração, reflete.

Sentado tão confortavelmente quanto lhe permitiam as dores nas costelas, Herzog chegou a rabiscar para si mesmo algumas anotações. Não eram muito coerentes ou mesmo lógicas, mas vinham a ele de modo perfeitamente natural. Era assim que Moses E. Herzog trabalhava, e ele escrevia sobre os joelhos com

alegre ímpeto: *Mecanismo canhestro e inexato de paz civil. Paleotécnico, como diria o homem. Se um crime primordial comum é a origem da ordem social, como Freud, Róheim e outros acreditam, com a horda primitiva atacando e assassinando o pai primordial, comendo seu corpo e ganhando a liberdade mediante o assassinato, unidos por um sangue iníquo, então há alguma razão para que a prisão tenha estes tons sombrios, arcaicos. Ah sim, a energia selvagem da horda primitiva, soldados, estupradores etc. Mas tudo isso não passa de metáfora. Não sinto verdadeiramente que posso atribuir minhas trapalhadas a essa espessa nuvem inconsciente. A essa primitiva vertigem de sangue.*

O sonho do coração do homem, por mais que possamos desconfiar dele, é de que a vida possa se completar segundo um padrão significativo. De algum modo incompreensível. Antes da morte. Consumada não de modo irracional, mas incompreensível. Poupada por esses desajeitados guardiães policiais, a gente tem uma última chance de conhecer a justiça. A verdade.

Caro Edvig, anotou rapidamente. *Você fez valer a pena o dinheiro que lhe dei quando explicou que as neuroses podem ser medidas pela incapacidade de tolerar situações ambíguas. Acabo de ler um veredicto nos olhos de Madeleine: "Para os covardes, a não existência!". O distúrbio dela é excesso de limpidez. Deixe-me modestamente argumentar que agora estou muito melhor com relação às ambiguidades. Acho que posso dizer, no entanto, que tenho sido poupado da principal ambiguidade que afeta os intelectuais, a saber, que indivíduos civilizados odeiam e se ressentem da civilização que torna possíveis suas vidas. O que eles amam é uma situação humana imaginária, inventada por seus próprios intelectos e que eles acreditam ser a única realidade autêntica e humana. Que estranho! Mas a parte mais bem tratada, mais favorecida e inteligente de qualquer sociedade é frequentemente a mais ingrata. A ingratidão, no entanto, é a sua função social. Quer mais ambiguidade do que isso?... Querida Ramona, devo muito a você. Estou plenamente consciente disso. Embora eu não possa voltar imediatamente a Nova York, pretendo manter contato. Santo Deus! Misericórdia! Meu Deus!* Rachaim olenu... melekh maimis...[c] *Oh, vós, Rei da Morte e da Vida...!*

* * *

Seu irmão comentou, quando saíam da central de polícia: "Você não parece tão aborrecido".

"Não, Will."

Acima da calçada e da cálida melancolia do entardecer o céu exibia os longos rastros dourados dos jatos, e as luzes desordenadas das boates baratas, ao norte da rua 12, já começavam a piscar, uma pálida massa na qual a rua parecia mergulhar.

"Como está se sentindo?"

"Estou ótimo", disse Herzog. "Qual é a minha aparência?"

Seu irmão disse com discrição: "Você podia descansar um pouco. Por que não dá uma passada no meu médico e deixa ele te examinar?".

"Não acho necessário. Esse cortezinho na minha cabeça parou de sangrar quase imediatamente."

"Mas você anda apalpando as costelas. Não seja teimoso, Mose."

Will era um homem reservado, sólido, perspicaz, calado, mais baixo que o irmão, mas com cabelo mais espesso e mais escuro. Numa família de gente passionalmente expressiva, como Herzog pai e tia Zipporah, Will desenvolvera um estilo mais comedido, observador, reticente.

"E a família, como vai, Will? As crianças?"

"Tudo ótimo... O que você andou fazendo, Moses?"

"Não se deixe levar pelas aparências. Há menos motivo para preocupação do que parece. Estou mesmo muito bem. Lembra de quando nos perdemos no lago Wandawega? Patinhando no lodo, machucando os pés naqueles juncos? Aquilo sim foi perigoso. Mas isto aqui não é nada."

"O que estava fazendo com aquela arma?"

"Você sabe que sou tão incapaz de atirar em alguém quanto o papai era. Você ficou com o relógio de bolso dele, não ficou? Lembrei daqueles velhos rublos que estavam na gaveta dele e acabei pegando o revólver também. Não devia. Ou pelo menos devia ter tirado as balas. Foi só um daqueles impulsos idiotas. Vamos esquecer isso."

"Tudo bem", disse Will. "Não quero constranger você. Não é essa a questão."

"Eu sei qual é a questão", disse Herzog. "Você está preocupado." Teve de

baixar a voz para controlá-la. “Eu também te amo, Will.”

“Sim, eu sei.”

“Mas não tenho agido com muito juízo. Do seu ponto de vista... Bem, de qualquer ponto de vista razoável. Levei Madeleine ao seu escritório para que você a visse antes de eu casar com ela. Pude perceber que você não aprovou. Eu mesmo não a aprovava. E ela não me aprovava tampouco.”

“Por que casou com ela?”

“Deus amarra todos os tipos de pontas soltas. Sei lá por quê! Ele não poderia se importar menos com meu bem-estar, ou com meu ego, essa coisa de estima. Tudo o que se pode dizer é: ‘Há um fio vermelho entrançado com um verde, ou azul, e me pergunto por quê’. E então botei todo o meu dinheiro na casa em Ludeyville. Isso foi simplesmente uma doidice.”

“Talvez não”, disse Will. “É um bem imóvel, afinal de contas. Você tentou vender?” Will tinha uma grande fé em bens imóveis.

“Para quem? De que jeito?”

“Coloque na mão de um corretor. Talvez eu apareça e dê uma olhada.”

“Eu ficaria grato”, disse Herzog. “Não acho que algum comprador, em sã consciência, vai querer alguma coisa com aquilo.”

“Mas me deixe ligar para o doutor Ramsberg, Mose, para que ele examine você. Depois venha à minha casa e jante com a gente. Seria um prazer para a família.”

“Quando você iria a Ludeyville?”

“Tenho que ir a Boston na semana que vem. Depois Muriel e eu iríamos para o Cabo.”

“Você pode passar por Ludeyville. É perto do Turnpike. Eu consideraria isso um imenso favor. Eu preciso vender aquela casa.”

“Vá jantar na minha casa e a gente conversa sobre isso.”

“Não, Will. Não estou em condições. Olhe para mim. Estou fedido, sujo, vou aborrecer todo mundo. Como uma torpe ovelha desgarrada.” Riu. “Não, fica para outra vez, quando eu estiver me sentindo um pouco mais normal. Estou parecendo alguém que acabou de chegar a este país. Um refugiado. Como quando chegamos do Canadá na velha estação de Baltimore e Ohio. Na Michigan Central. Meu Deus, estávamos encardidos de fuligem.”

William não compartilhava a paixão do irmão pelas reminiscências. Era um engenheiro e tecnólogo, um empreiteiro e construtor; uma pessoa equilibrada, sensata, ele ficava penalizado ao ver Moses em tal estado. Seu rosto enrugado estava afogueado, inquieto; apanhou um lenço no bolso interno de seu terno bem cortado e o passou na testa, nas faces, embaixo dos grandes olhos Herzog.

"Sinto muito, Elya", disse Moses, mais calmamente.

"Bem..."

"Deixe eu me aprumar um pouco. Sei que você está preocupado comigo. Mas é só isso. Sinto por tê-lo inquietado. Estou bem de verdade."

"Está mesmo?" Will olhou para ele com tristeza.

"Sim, estou numa desvantagem terrível aqui — sujo, atordoado, recém-libertado por uma fiança. É simplesmente ridículo. Tudo vai estar diferente na semana que vem, no leste. Vou encontrá-lo em Boston, se você quiser. Quando eu estiver em melhores condições. Não há nada que você possa fazer agora a não ser me tratar como um idiota — ou uma criança. E isso não está certo."

"Não estou fazendo nenhum julgamento. Você não precisa vir para casa comigo, se isso te constrange. Embora faça parte da família... Mas lá está meu carro, do outro lado da rua." Apontou para seu Cadillac azul-escuro. "Venha comigo até o médico só para eu ter certeza de que você não ficou ferido no acidente. Depois você faz o que achar melhor."

"Tudo bem. É justo. Não há nada de errado comigo. Tenho certeza."

Não se surpreendeu muito, porém, ao saber que tinha uma costela quebrada. "Não houve perfuração do pulmão", disse o médico. "Umas seis semanas enfaixado. E você vai precisar de dois ou três pontos na cabeça. Isso é tudo. Nada de carregar peso, nem de puxar coisas, serrar ou qualquer outro exercício violento. Will me contou que você é um cavalheiro do campo. Que tem uma fazenda nos Berkshires. Um latifúndio?"

O médico de cabelos grisalhos penteados para trás e olhinhos sagazes olhava para ele com lábios comprimidos, numa expressão de deleite.

"Está em péssimo estado. A milhas de uma sinagoga", disse Herzog.

"Haha, seu irmão gosta de fazer graça", disse o dr. Ramsberg. Will sorriu levemente. Em pé, de braços cruzados, apoiava-se sobre um dos calcanhares, um pouco como Herzog pai, e tinha uma pitada da elegância do velho, mas não

suas excentricidades. Não tinha tempo para essas coisas, pensou Herzog, porque dirigia um grande negócio. Não tinha interesse naquilo. Outras coisas o absorviam. É um bom homem, um homem muito bom. Mas percebo uma estranha divisão de funções, segundo a qual eu sou especialista em... autoconsciência espiritual, ou emocionalismo; ideias, ou nonsense. Talvez isso não tenha nenhuma utilidade de fato, exceto para manter vivos sentimentos primordiais de certo tipo. Ele mistura concreto para abastecer os arranha-céus em construção por toda a cidade. Tem que ser político, manobrar, dar jeitinhos, subornar, driblar os impostos. Tudo aquilo em que papai era inepto mas sonhava que tinha nascido para fazer. Will é um homem pacato de trabalho e rotina, tem seu dinheiro, posição, influência, e fica contente em se livrar de seu lado privado ou "pessoal". Ele me vê espalhando fogo no mundo, e sem dúvida se compadece de mim por conta do meu temperamento. Sob a velha dispensação, como o cambaleante, cândido, rústico Moses, coração sem malícia, necessitado de proteção, um fenômeno mórbido, um moderno resíduo do sobrenatural — sob aquela antiga ordem eu precisaria de proteção. E esta seria oferecida alegremente por ele — pela pessoa que "conhece o mundo como ele é". Enquanto um homem como eu só tem a mostrar o afastamento arbitrário e orgulhoso de sua subjetividade diante do progresso coletivo e histórico da humanidade. E isso é característico de rapazes e garotas emotivos das classes mais baixas que adotam o modo estético, o modo da sensibilidade abundante. Buscando sustentar sua própria versão da existência sob o peso esmagador da *massa*. O que Marx descrevia como "peso material". Convertendo essa coisa, "minha vida pessoal", num circo, num combate de gladiadores. Ou em formas mais domesticadas de entretenimento. Para fazer piada da sua "vergonha", de sua efêmera obscuridade, e mostrar por que você merece seu sofrimento. As modernas luzes brancas da salinha estavam rodando. O próprio Herzog sentiu que estava girando com elas enquanto o médico comprimia seu tórax com as bandagens cheirando a remédio. Agora, livrar-se de todas essas falsidades...

"Penso que meu irmão precisa de um pouco de repouso para ficar bom", disse Will. "O que o senhor acha, doutor?"

"É verdade, parece que ele está bem esgotado."

"Vou passar uma semana em Ludeyville", disse Moses.

"O que eu quero dizer é repouso total — repouso na cama."

"Sim, eu sei que pareço estar em más condições. Mas não são assim tão más."

"Mesmo assim", disse o irmão de Herzog, "você me deixa preocupado."

Um amável bruto — um homem sutil, mimado, afetuoso. Quem pode achar uma utilidade para ele? Ele anseia por uma utilidade. Onde ele é necessário? Mostrem-lhe o meio de fazer seu sacrifício à verdade, à ordem, à paz. Oh, que criatura misteriosa, esse Herzog, enfaixado e torto, vestindo com a ajuda do irmão a camisa amarrotada.

a Trecho do poema *The Temple* (1633), do poeta religioso inglês George Herbert (1593-1633).

b Referência a episódio bíblico em que Jesus faz os demônios que dominavam um homem encarnarem numa vara de porcos que em seguida se precipita num abismo e se afoga no mar (Mateus, 8, 30-2; Marcos, 5, 11-3; Lucas, 8, 32-3).

c Piedade sobre nós... senhor da morte.

Chegou na tarde seguinte à sua casa rural, depois de tomar um avião para Albany, e de lá um ônibus para Pittsfield, e por fim um táxi para Ludeyville. Asphalter lhe dera um pouco de Tuinal na noite anterior. Ele dormiu profundamente e estava se sentindo ótimo, apesar do tronco enfaixado.

A casa ficava a duas milhas de distância da cidadezinha, nas montanhas. Nos Berkshires fazia um tempo lindo, radiante, de verão, com o ar transparente, os córregos velozes, as matas densas, o verde novo em folha. Quanto aos pássaros, os acres de Herzog pareciam ter se tornado um santuário. Cambaxirras faziam ninho nas volutas ornamentais da varanda. O olmo gigante não estava totalmente morto, e os papa-figos ainda moravam nele. Herzog mandou o motorista parar na estrada musgosa, coberta de seixos. Não tinha como saber ao certo se a casa estava acessível. Mas nenhuma árvore caída bloqueava o caminho e, embora boa parte do cascalho tivesse erodido com as tempestades e degelos, o táxi poderia passar sem problemas. Moses, porém, não se importava em fazer a pé a curta escalada. Seu tórax estava encouraçado em bandagens e suas pernas estavam leves. Tinha comprado uns mantimentos em Ludeyville. Havia um suprimento de enlatados no porão, se é que os caçadores e gatunos não os tinham comido. Dois anos antes ele providenciara tomates, feijões e amoras em conserva, e antes de partir para Chicago escondera seu vinho e seu uísque. A eletricidade estava desligada, claro, mas talvez a velha bomba manual pudesse ser acionada. Quanto à água, sempre podia contar com a cisterna. Podia cozinhar na lareira; havia velhos espetos e garfos. E eis que (seu coração vibrou) surgiu a casa em meio ao mato, cipós, árvores e flores. A maluquice de Herzog! Monumento a sua sincera e amorosa idiotice, aos males não reconhecidos de seu caráter, símbolo de sua luta judaica para fincar pé solidamente na América Branca Anglo-Saxônica Protestante ("A terra era nossa

antes de sermos da terra", como o velho sentencioso declamou no dia da Posse).[a] Eu também tenho feito minha cota de ascensão social, pensou, com altivez de sobra, desafiando os Wasps que, pelo governo ter cedido muito deste continente às estradas de ferro, pararam de fabricar seu próprio sabão por volta de 1880, fizeram excursões à Europa e começaram a se queixar dos irlandeses, dos cucarachas e dos judeus. Que batalha tive de travar! — canhestro, mas impetuoso. Mas chega disso tudo! *Hineni*, aqui estou eu! Que lindo está isto aqui hoje. Parou no terreno cheio de mato, fechou os olhos sob o sol, vendo lampejos carmesim, e aspirou o odor da flor de catalpa misturado com terra, madressilva, cebolas selvagens, ervas. Cervos ou amantes tinham se deitado naquela relva perto do olmo, pois ela estava amassada. Deu a volta na casa para ver se havia muito estrago. Nenhuma janela estava quebrada. Todas as venezianas, trancadas por dentro, estavam inalteradas. Só alguns dos cartazes que ele afixara alertando que aquela propriedade estava sob proteção da polícia tinham sido arrancados. O jardim era uma massa espessa de galhos espinhentos, rosas e amoras silvestres, tudo misturado. Parecia um caso perdido — nem adiantava lamentar. Nunca teria a energia para se lançar àquelas tarefas de novo: martelar, pintar, remendar, consertar, desbastar, pulverizar. Estava ali só para dar uma olhada nas coisas.

A casa estava mofada como ele esperava. Abriu algumas janelas e venezianas na cozinha. Espanou os restos de folhas e agulhas de pinho, teias de aranha, casulos e cadáveres de insetos. O que era imediatamente necessário era um fogo. Tinha trazido fósforos. Uma das vantagens da idade madura era que o sujeito ficava esperto com relação a coisas assim. Previdente. Claro que ele tinha uma bicicleta — podia pedalar até a aldeia para comprar o que tivesse esquecido. Tinha sido esperto o bastante para virar a bicicleta de rodas para cima, para poupar os pneus. Não havia muito ar dentro deles, mas seriam capazes de levá-lo até o posto Esso. Trouxe para dentro algumas toras de pinho e gravetos, e acendeu primeiramente uma pequena chama, para se assegurar de que a chaminé estava desobstruída. Pássaros ou esquilos poderiam ter se aninhado ali. Mas então se lembrou de que tinha subido ao telhado para cobrir a chaminé com uma tela de arame — parte do seu frenesi de labuta eficiente. Ajuntou mais lenha. A velha casca da madeira se descolou, revelando a intensa

atividade de insetos sob a superfície — larvas, formigas e aranhas de pernas compridas fugiram às pressas. Deu-lhes a oportunidade de escapar. Os galhos negros, secos, começaram a queimar com chamas amarelas. Amontoou mais gravetos e toras, susteve-os com o cão da lareira e continuou o exame da casa.

A comida enlatada não tinha sido tocada. Havia produtos supérfluos comprados por Madeleine (sempre o melhor de cada coisa), sopa de tartaruga S. S. Pierce, pudim indiano, trufas, azeitonas e víveres com aspecto estragado comprados pelo próprio Moses nas promoções do Exército — feijões, pão em conserva e coisas do tipo. Fez seu inventário com uma espécie de curiosidade sonhadora a respeito de seu antigo plano de autossuficiência solitária — a máquina de lavar, a secadora, o aquecedor, formas imaculadamente brancas e reluzentes nas quais ele tinha enterrado os dólares de seu falecido pai, feiamente verdes, obtidos com esforço, monotonamente contados, divididos com aflição entre os herdeiros. Bem, bem, pensou Herzog, ele não devia ter me mandado para a escola para aprender sobre imperadores mortos. "Meu nome é Ozymandias, rei dos reis:/ Contemplai minhas obras, ó Poderosos, e desesperai!"[b] Mas autossuficiência e solidão, suavidade, era tudo tão tentador, e tinha soado tão inocente, combinava tão bem com o sorridente Herzog. É só depois que a gente descobre o quanto de malignidade existe nesses paraísos escondidos. *Consciência não empregada*, escreveu na despensa. *Cresci numa época de desemprego generalizado, e nunca acreditei que pudesse haver trabalho para mim. Por fim, trabalhos apareceram, mas de algum modo minha consciência permaneceu desempregada. E no fim das contas*, continuou, junto ao fogo, *o intelecto humano é uma das grandes forças do universo. Ele não pode permanecer sem uso impunemente. Talvez a gente possa quase concluir que o tédio de tantos arranjos humanos (a vida familiar de classe média, por exemplo) tem o objetivo histórico de libertar o intelecto das gerações mais novas, orientando-as para a ciência. Mas uma terrível solidão ao longo da vida é simplesmente o plâncton de que se alimenta o Leviatã... Há que reconsiderar. A alma requer intensidade. Ao mesmo tempo a virtude entedia a humanidade. Ler Confúcio de novo. Com vastas populações, o mundo precisa se preparar para virar chinês.*

A solidão atual de Herzog não parecia ter importância, sendo tão conscientemente prazerosa. Espiou pela fresta do banheiro onde costumava se

esconder com sua edição barata de Dryden e Pope, lendo "Sou o cão de Sua Alteza em Kew" ou "Os grandes intelectos decerto estão próximos da loucura".[c] Ali, na mesma posição de anos anteriores, estava a rosa que costumava consolá-lo — tão perfeita, tão vermelha (quase "genital" na sua imaginação) como sempre. Há boas coisas que se repetem. Ficou um bom tempo a contemplá-la pela fresta entre a alvenaria e a madeira. Os mesmos gafanhotos amantes da umidade (ortópteros gigantes) ainda viviam naquele cubículo de alvenaria e madeira compensada. Um fósforo aceso os revelou. Entre os canos.

Era estranha a excursão que ele fazia por sua propriedade. Em sua sala encontrou as ruínas de seu projeto acadêmico espalhadas sobre a escrivaninha e as estantes. As janelas estavam tão descoradas que pareciam manchadas com iodo, e as madressilvas do lado de fora tinham quase derrubado as telas contra insetos. No sofá encontrou a prova de que o lugar era mesmo visitado por amantes. Cegos demais de paixão para procurar no escuro os quartos de dormir. Mas eles vão ficar com a espinha torta usando essa velharia feita de crina comprada por Madeleine. Por algum motivo dava um prazer particular a Herzog saber que sua sala era o lugar escolhido pelos jovens da aldeia — ali, entre calhamaços de anotações eruditas. Encontrou cabelos femininos nos braços curvos do sofá, e tentou imaginar corpos, rostos, odores. Graças a Ramona, não tinha necessidade de se sentir muito invejoso, mas um pouco de inveja dos jovens também era bastante natural. No chão estava uma de suas grandes fichas com uma nota na qual ele tinha escrito *Para fazer justiça a Condorcet*... Não teve ânimo para ler o resto e virou-a de rosto para baixo em cima da mesa. Pelo menos por ora, Condorcet teria que encontrar outro defensor. Na sala de jantar estavam os preciosos pratos que Tennie queria, porcelana chinesa com borda carmesim, muito bonita. Ele não precisaria daquilo. Os livros, sob uma coberta de musselina, estavam intocados. Levantou o pano e passou os olhos por eles sem um interesse especial. Visitando o pequeno banheiro, divertiu-se ao ver os luxuosos acessórios que Madeleine comprara na Sloane's, suportes de sabonete de prata em forma de concha e rutilantes porta-toalhas pesados demais para o gesso da parede, mesmo depois de chumbados com buchas e parafusos. Estavam pendentes agora. O boxe do chuveiro, para conveniência de Gersbach — os Gersbach não tinham chuveiro

em Barrington —, era cuidadosamente equipado com um corrimão. "Se vamos instalar um, vamos fazer de modo que Valentine possa usá-lo", dissera Mady. Ah, bem — Moses encolheu os ombros. Um cheiro estranho vindo da privada atraiu em seguida sua atenção e, levantando a tampa de madeira, ele encontrou as pequenas caveiras com bico e outros restos mortais de passarinhos que tinham feito ninho ali depois que a água foi drenada. Tinham sido sepultados pela tampa, que caiu sozinha. Contemplou aquilo com desgosto, o coração doendo um pouco por causa do acidente. Devia haver uma janela quebrada no sótão, concluiu, e outros pássaros aninhados na casa. De fato, encontrou corujas em seu quarto de dormir, empoleiradas no cortinado vermelho, que elas tinham manchado com seus excrementos. Deu-lhes todas as chances de escapar e, depois que elas tinham partido, vasculhou à procura do ninho. Encontrou as jovens corujinhas na grande luminária que pendia sobre a cama onde ele e Madeleine tinham conhecido tanta desgraça e ódio. (Algum deleite também.) Sobre o colchão tinham caído muitos resíduos do ninho — palha, fios de lã, pelos, pedaços de carne (caudas de camundongos) e excrementos. Sem querer perturbar aquelas criaturinhas de cara achatada, Herzog tirou o colchão de sua cama de casal e levou-o até o quarto de June. Abriu mais janelas, e o sol e o ar do campo entraram de repente. Ficou surpreso ao sentir tanto contentamento... contentamento? A quem queria enganar? Aquilo era júbilo! Talvez pela primeira vez sentia o que era estar livre de Madeleine. Júbilo! Sua servidão tinha terminado e seu coração estava livre de seu terrível peso e incrustação. A ausência dela, nada mais do que isso, era simplesmente doçura e leveza de espírito. Para ela, na esquina das ruas Onze e State, a felicidade tinha sido vê-lo em apuros, e para ele, em Ludeyville, era um delicioso júbilo vê-la removida de sua carne, como algo que tivesse perfurado suas costas, sua virilha, tornado aleijados seus braços e seu pescoço. *Meu caro sábio e imbecil Edvig. Pode ser que a remissão da dor não seja uma parte pequena da felicidade humana. Em seus níveis mais primordiais e estúpidos, onde de quando em quando uma válvula fechada volta a se abrir...* Aquelas estranhas luzes, os olhos castanhos de Herzog, tão frequentemente turvados pela película protetora da melancolia, o subproduto de seu cérebro laborioso, brilhavam novamente.

Custou-lhe algum esforço depositar o colchão no chão do quarto de June.

Teve que afastar alguns dos seus brinquedos rejeitados e móveis em miniatura, um grande tigre de pelúcia de olhos azuis, a cadeirinha-penico, uma roupa vermelha de neve, em perfeito estado. Reconheceu também o biquíni, os shorts e os halteres da avó, e, entre outras esquisitices, um paninho de banho que Phoebe tinha bordado com as iniciais dele, um presente de aniversário, uma possível insinuação de que suas orelhas não eram muito limpas. Sorrindo, empurrou-o para o lado com o pé. Um besouro escapou de baixo dele. Herzog, deitando sob a janela aberta com o sol no rosto, descansou no colchão. Acima dele as grandes árvores, os abetos no jardim da frente, mostravam sua beleza recortada e exalavam o aroma de agulhas aquecidas e resina.

Foi ali, enquanto o sol não deixava de bater no quarto, que ele começou seriamente, com tranquila plenitude de espírito, a considerar uma nova série de cartas.

Cara Ramona. Só "cara"? Ora, Moses, trate de se abrir um pouco. *Querida Ramona. Que mulher excelente você é.* Aqui ele fez uma pausa para refletir se devia dizer que estava em Ludeyville. Em seu Mercedes ela poderia vir de Nova York em três horas, e era provavelmente o que faria. Deus abençoe suas pernas curtas mas perfeitas, seus seios sólidos e de bela cor, seus vistosos dentes curvos e sobrancelhas e cachos de cigana. *La devoradora de hombres*. Decidiu, porém, datar sua carta de Chicago e pedir a Lucas que a reendereçasse. O que ele queria agora era paz — paz e clareza. *Espero não ter aborrecido você ao me esquivar. Mas sei que você não é uma daquelas mulheres convencionais que demoram um mês para se acalmar depois de um encontro desmarcado. Tive que ver minha filha e meu filho. Ele está em Camp Ayumah, perto de Catskill. Está se configurando um verão atribulado. Vários desenvolvimentos interessantes. Hesito em fazer desde já muitas afirmações, mas pelo menos posso admitir o que nunca parei de afirmar de todo modo, ou de sentir. A luz da verdade nunca está longe, e nenhum ser humano é tão desprezível ou corrupto que não possa alcançá-la.* Não vejo por que eu não deveria dizer isso. *Mas para aceitar a inutilidade, o desterro para a vida pessoal, a confusão...* Por que você não testa isso, Herzog, nas corujas no quarto ao lado, aquelas corujinhas nuas salpicadas de azul? *Uma vez que a questão última, que é também a primeira, a questão da morte, nos oferece as interessantes alternativas de nos desintegrar por nossa própria vontade*

como prova de nossa "liberdade", ou então reconhecer que devemos uma vida humana a esse espasmo de existência, independentemente do vazio. (Afinal de contas, não temos nenhum conhecimento positivo desse vazio.)

Devo dizer tudo isso a Ramona? Algumas mulheres acham que falar sério é o mesmo que cortejar. Ela vai querer um filho. Vai querer procriar com um homem que fala com ela desse jeito. *Trabalho. Trabalho. Trabalho verdadeiro, relevante...* Fez uma pausa. Mas Ramona era uma trabalhadora determinada. De acordo com seu ponto de vista. E ela adorava seu trabalho. Ele sorriu enternecido em seu colchão iluminado pelo sol.

Querido Marco. Vim à velha casa para dar uma olhada nas coisas e relaxar um pouco. O lugar está em muito boas condições, consideradas as circunstâncias. Talvez você gostasse de passar um tempo comigo aqui, só nós dois — sem frescura nenhuma — depois do acampamento. Vamos falar sobre isso no Dia da Família. Estou ansioso por isso, não vejo a hora. Sua irmãzinha, que eu vi em Chicago ontem, está esperta e bonita como sempre. Ela recebeu seu cartão-postal.

Lembra das conversas que tivemos sobre a expedição de Scott à Antártida, e que o pobre Scott foi derrotado na corrida ao polo por Amundsen? Você pareceu interessado. Essa é uma coisa que sempre me pega. Houve um homem do grupo de Scott que se afastou e se perdeu para dar aos outros a chance de sobreviver. Estava doente, com os pés feridos, não podia seguir por mais tempo. E você lembra como eles acharam por acaso um montículo de sangue congelado, o sangue de um de seus pôneis sacrificados, e como eles ficaram contentes em descongelar e beber aquele sangue? O sucesso de Amundsen se deveu ao uso de cães em vez de pôneis. Os mais fracos eram abatidos para alimentar os mais fortes. Caso contrário a expedição teria fracassado. E eu tenho pensado muito numa coisa. Por mais famintos que estivessem, os cães farejavam o corpo de seus semelhantes e recuavam. A pele tinha que ser retirada antes que eles pudessem comer a carne que restava.

Talvez você e eu possamos fazer uma viagem ao Canadá no Natal só para sentir o gostinho do frio de verdade. Sou canadense também, você sabe. Podíamos visitar Ste. Agathe, nas montanhas de Laurentian. Espere-me no dia 16, bem cedo.

Caro Luke — Faça a gentileza de colocar estes anexos no correio. Espero que

sua depressão tenha sido superada. Acho que suas visões da tia sendo resgatada pelo bombeiro e das vedetes jogando beisebol café com leite são sinais de resiliência psicológica. Prevejo seu restabelecimento. Quanto a mim... Quanto a você, pensou Herzog, não vai lhe contar como se sente agora, todo esse transbordamento! Isso não o deixaria mais feliz. Guarde para si mesmo se estiver se sentindo exaltado. Seja como for, ele pode pensar que você simplesmente está fora do seu juízo.

Se estou louco, tudo bem para mim.

Meu caro professor Mermelstein. Quero cumprimentá-lo por um esplêndido livro. Em alguns tópicos o senhor se antecipou a mim, sabe, e isso me deixou furioso — eu o odiei durante um dia inteiro por ter tornado inútil boa parte do meu trabalho (Wallace e Darwin?). No entanto, sei muito bem quanto de esforço e paciência foi investido na sua obra — tanta pesquisa, erudição, síntese — e sou todo admiração. Quando o senhor estiver disposto a publicar uma edição revisada — ou quem sabe um novo livro — seria para mim um grande prazer discutir algumas dessas questões. Há partes do meu planejado livro às quais nunca mais voltarei. O senhor pode fazer o que quiser com esse material. No meu livro anterior (ao qual o senhor teve a gentileza de fazer referência) dediquei uma seção a paraíso e inferno no romantismo apocalíptico. Talvez não o tenha feito a seu gosto, mas o senhor não deveria tê-la descartado sumariamente. Deveria dar uma olhada na monografia daquele bruto gordo e elegante, Egbert Shapiro, De Lutero a Lênin, uma história da psicologia revolucionária. As bochechas gordas conferiam a ele uma grande semelhança com Gibbon. *É uma obra valiosa. Fiquei muito impressionado por um capítulo chamado Milenarismo e Paranoia. Não se deve ignorar que os modernos sistemas de poder de fato guardam semelhança com essa psicose. Um livro horrível e maluco a esse respeito foi escrito por um homem chamado Banowitch. Perfeitamente inumano, e cheio de ignóbeis hipóteses paranoicas, como a de que as massas são fundamentalmente canibalísticas, de que as pessoas em pé aterrorizam secretamente as sentadas, de que dentes sorridentes são as armas da fome, de que o tirano fica doido à visão de (possivelmente comestíveis?) cadáveres à sua volta. Parece bem verdade que a produção de cadáveres tem sido o feito mais dramático dos ditadores modernos e seus seguidores (Hitler, Stalin etc.).* Só para ver — Herzog estava testando — se

Mermelstein não tinha em si algum vestígio do velho stalinismo. *Mas esse sujeito, Shapiro, é um tanto excêntrico, e eu o cito como um caso extremo. Ah, como todos nós amamos casos extremos e apocalípticos, incêndios, afogamentos, estrangulamentos e tudo mais. Quanto mais crescem nossas moderadas classes médias, basicamente éticas e seguras, mais se carece de uma excitação radical. A confiabilidade ou a exatidão comedida parece não ter apelo algum. E é disso justamente que precisamos agora!* ("Quando um cachorro está se afogando, você lhe dá um copo d'água", papai costumava dizer, com amargura.) *Em todo caso, se o senhor tivesse lido aquele meu capítulo sobre apocalipse e romantismo, talvez passasse a considerar com mais rigor aquele russo que tanto admira — Isvólski? O homem que vê as almas de mônadas como as legiões dos condenados, simplesmente atomizadas e pulverizadas, uma tempestade de areia no Inferno; e que alerta que Lúcifer deve tomar conta da humanidade coletivizada, desprovida de caráter espiritual e de verdadeira personalidade. Não nego que isso faça algum sentido, aqui e ali, embora me preocupe com a possibilidade de tais ideias, por causa da pitada de verdade sugestiva contida nelas, nos fazerem aterrissar nas mesmas velhas e sufocantes igrejas e sinagogas. Fiquei um pouco aborrecido com os empréstimos e referências que considerei do tipo "rouba e sai correndo", ou com o uso de crenças sérias de outros escritores como meras metáforas. Por exemplo, gostei da parte intitulada "Interpretações do sofrimento" e também de uma chamada "Para uma teoria do enfado". Esta última era um excelente trabalho de pesquisa. Mas achei bem frívolo o tratamento que o senhor deu a Kierkegaard. Arrisco dizer que Kierkegaard julgava que a verdade perdeu sua força para nós, e malefícios e dores horríveis devem nos ensiná-la de novo; os eternos castigos do Inferno terão que reconquistar sua vigência antes que a humanidade se torne séria novamente. Não vejo isso. Vamos deixar de lado o fato de que me causam engulhos tais convicções na boca de pessoas confortáveis e a salvo, brincando de crise, alienação, apocalipse e desespero. Devemos tirar de nossa cabeça que este é um tempo condenado, de que estamos à espera do fim, e coisas do tipo, mero lixo de revistas da moda. As coisas já são feias o bastante sem esses jogos arrepiantes. Pessoas se aterrorizando umas às outras — uma espécie pobre de exercício moral. Mas, para chegar ao ponto crucial, a defesa e o louvor do sofrimento nos levam na direção errada, e aqueles de nós que permanecem leais à civilização não devem*

segui-la. A gente tem de ter o poder de se servir da dor, de se arrepender, de se iluminar, a gente tem de ter a oportunidade e até mesmo o tempo para isso. Para os religiosos, o amor ao sofrimento é uma forma de gratidão à experiência ou uma oportunidade de experimentar o mal e convertê-lo no bem. Eles acreditam que o ciclo espiritual pode e vai se completar durante a existência de um homem e que ele de algum modo fará uso de seu sofrimento, nem que seja apenas nos últimos momentos da vida, quando a misericórdia de Deus o recompensará com uma visão da verdade e ele morrerá transfigurado. Mas esse é um exercício especial. No mais das vezes o sofrimento arrebenta as pessoas, esmaga-as, e não ilumina coisa alguma. O senhor vê como os seres humanos são horrendamente destruídos pela dor, quando têm o tormento adicional de perder sua humanidade primeiro, de tal modo que sua morte é uma derrota total, e então o senhor escreve sobre "formas modernas de orfismo" e sobre "pessoas que não têm medo de sofrer" e lança no ar outras expressões de salão como essas. Por que não dizer, em vez disso, que as pessoas de imaginação poderosa, dadas a sonhar profundamente e a erigir ficções maravilhosas e autossuficientes, voltam-se para o sofrimento às vezes para espicaçar sua bem-aventurança, como alguém que se belisca para se sentir acordado? Sei que o meu sofrimento, se é que posso falar dele, tem sido frequentemente assim, uma forma mais expandida de vida, uma luta pela vigília plena e um antídoto à ilusão, e portanto não posso receber nenhum crédito moral por ele. Estou disposto, sem mais exercícios de sofrimento, a abrir meu coração. E para isso não se faz necessária nenhuma doutrina ou teologia do sofrimento. Amamos em demasia os apocalipses, e a ética da crise, e o floreado extremismo, com sua linguagem excitante. Desculpe, mas não. Para mim já chega de monstruosidade. Atingimos um estágio na história da humanidade em que podemos perguntar a propósito de certas pessoas: "O que é essa Coisa?". Não quero mais nada disso para mim — não, não! Sou simplesmente um ser humano, mais ou menos. Estou até disposto a deixar o mais ou menos em suas mãos. O senhor pode decidir a meu respeito. Tem uma queda pelas metáforas. Seu trabalho, de resto admirável, está desfigurado por elas. Tenho certeza de que o senhor pode conceber uma bela metáfora para mim. Mas não esqueça de dizer que jamais explanarei o sofrimento para quem quer que seja, tampouco invocarei o Inferno para nos tornar sérios e honestos. Penso até que a percepção que o

homem tem da dor pode ter se tornado refinada demais. Mas isso é outro assunto, que requer um tratamento mais demorado.

Muito bem, Mermelstein. Vá, e não peques mais. E Herzog, talvez um pouco embaraçado por essa estranha diatribe, se ergueu do colchão (o sol estava indo embora) e desceu de novo para o andar de baixo. Comeu várias fatias de pão e feijão cozido — um sanduíche frio de feijão — e depois levou para fora sua rede de deitar e duas espreguiçadeiras.

Assim começou sua semana final de cartas. Vagou por seus vinte acres de morros e bosques, compondo suas mensagens, nenhuma das quais ele chegou a enviar. Não estava preparado para pedalar até o posto do correio e responder a perguntas na aldeia sobre a sra. Herzog e a pequena June. Como ele bem sabia, os fatos grotescos de todo o escândalo Herzog tinham circulado pelas conversas sociais e se tornado a comida e a bebida do imaginário de Ludeyville. Ele nunca se contivera ao telefone; estava agitado demais para isso. E Madeleine era aristocrática demais para se importar se a caipirada estava ouvindo. De todo modo, era ela que o estava dispensando. Para ela não havia nenhum descrédito.

Cara Madeleine — Você é formidável, ora se é! Bendita seja! Que criatura! Para passar batom, depois de jantar num restaurante, ela mirava seu reflexo na lâmina de uma faca. Ele relembrou isso com deleite. *E você, Gersbach, seja bem-vindo a Madeleine. Desfrute-a — refestele-se nela. Você não vai me alcançar por meio dela, porém. Eu sei que você busca a mim na carne dela. Mas já não estou lá.*

Caros senhores, o tamanho e o número dos ratos na Cidade do Panamá, quando passei por lá, causaram-me verdadeiro espanto. Vi um deles tomando sol à beira de uma piscina. E outro ficou me encarando do lambri de um restaurante enquanto eu comia uma salada de frutas. Além disso, num fio de eletricidade que passava entre os galhos de uma bananeira, vi toda uma turma de ratos andar de um lado para outro, fazendo sua colheita. Correram pelo fio mais de vinte vezes sem que ocorresse uma única colisão. Minha sugestão é que vocês coloquem produtos químicos de controle de natalidade nas iscas. Venenos nunca funcionarão (por razões malthusianas; reduza um pouquinho a população e ela só crescerá com mais vigor). Mas vários anos de contracepção podem eliminar seu problema com os ratos.

Caro Herr Nietzsche — Meu caro senhor, posso lhe fazer uma pergunta pedestre? O senhor fala do poder do espírito dionisíaco de suportar a visão do Terrível, do Questionável, de permitir-se o luxo da Destruição, de testemunhar a Decomposição, a Hediondez, o Mal. Tudo isso o espírito dionisíaco pode fazer porque dispõe do mesmo poder de recuperação da própria Natureza. Algumas dessas expressões, devo dizer, têm um timbre muito alemão. Uma expressão como "o luxo da Destruição" é positivamente wagneriana, e sei o quanto o senhor passou a desprezar toda aquela repugnante pompa e estupidez wagneriana. Agora que já vimos destruição suficiente para testar amplamente o poder do espírito dionisíaco, onde estão os heróis que se recuperaram dela? A Natureza (em si) e eu estamos a sós, nos Berkshires, e esta é minha chance de compreender. Estou deitado numa rede, queixo sobre o peito, mãos entrelaçadas, mente fervilhando de pensamentos, agitado, sim, mas também alegre, e sei que o senhor valoriza a alegria — a verdadeira alegria, não o aparente temperamento sanguíneo dos epicuristas, nem a animação estratégica dos de coração partido. Sei também que o senhor acha que a profunda dor é enobrecedora, a dor que queima devagar, como madeira verde, e nisso estou com o senhor, um pouco. Mas para essa educação mais elevada a sobrevivência é necessária. É preciso sobreviver à dor. Herzog! Você precisa parar com essa mania de cutucar e atormentar os grandes homens. *Não, falando sério, Herr Nietzsche, tenho uma grande admiração pelo senhor. Simpatia mesmo. O senhor quer nos tornar capazes de viver com o vazio. De não mentir para nós mesmos com essa conversa de boa índole, de confiança, de medíocres ponderações humanas, mas sim indagar como nunca antes, sem trégua, com determinação férrea, acerca do mal, através do mal, além do mal, sem aceitar nenhum consolo abjeto. As perguntas mais absolutas, mais lancinantes. Rejeitando a humanidade tal como ela é, essa plebe ordinária, pragmática, desonesta, malcheirosa, estúpida e opaca, não só a plebe operária, mas, pior ainda, a plebe "instruída" com seus livros, concertos e palestras, seu liberalismo e seus "amores" e "paixões" românticos, teatrais — toda ela merece morrer, e vai morrer. Certo. Ainda assim, seus extremistas devem sobreviver. Sem sobrevivência, nada de* Amor Fati. *Seus imoralistas também comem carne. Andam de ônibus. Só que são os passageiros que mais enjoam no ônibus. A humanidade vive principalmente de ideias pervertidas. Pervertidas, suas ideias não são melhores do*

que as do cristianismo que o senhor condena. Qualquer filósofo que queira manter seu contato com a humanidade deveria perverter seu sistema de antemão para ver como será seu aspecto verdadeiro algumas décadas depois de ser adotado. Mando-lhe saudações destes confins de luz mundana cheia de mato, e desejo-lhe felicidade, onde quer que o senhor esteja. Seu, sob o véu de Maya, M.E.H.

Caro dr. Morgenfruh. Defunto já há algum tempo a esta altura. *Aqui é Herzog, Moses E.* Descubra você mesmo. *Jogávamos bilhar em Madison, Wisconsin.* Conte-lhe mais. *Até que Willie Hope chegou para fazer uma exibição e nos deixou envergonhados.* O grande artista do bilhar impôs absoluta obediência àquelas três bolas; como se sussurrasse para elas, como se as acariciasse com seu taco, dando-lhes um beijo de despedida. E o velho Morgenfruh, com sua cabeça careca, seu nariz fino, jocoso e curvo, seu charme estrangeiro, aplaudindo, prendendo todo o seu fôlego para exclamar: "Bravo". Morgenfruh tocava piano e se comovia até chorar. Helen tocava Schumann melhor, mas tinha menos em jogo. Ela franzia o cenho para a música, como que para mostrar que esta era perigosa, mas que ela podia domá-la. Já Morgenfruh gemia, sentado diante do teclado com seu casaco de peles. Em seguida cantava junto, e por fim chorava — arrebatado. Era um esplêndido velho, só parcialmente fraudulento, e o que mais se pode querer de alguém? *Caro dr. Morgenfruh, As últimas informações sobre a Garganta de Olduvai, na África Oriental, dão margem à suposição de que o homem não descende de um pacífico primata arborícola, mas de um tipo carnívoro e terrestre, uma fera que caçava em bandos e esmagava o crânio da presa com um porrete ou um fêmur. Isso soa mal, Morgenfruh, para os otimistas, para a leniente visão esperançosa da natureza humana. O trabalho de Sir Solly Zuckerman sobre os macacos do Zoológico de Londres, do qual o senhor falou tantas vezes, ficou ultrapassado. Símios em seu próprio habitat são menos impulsionados pelo sexo do que os que estão em cativeiro. Deve ser porque o confinamento e o tédio alimentam a lascívia. E pode ser também que o instinto territorial seja mais forte do que o sexual. Que a luz o acompanhe, Morgenfruh. Seguirei lhe escrevendo de tempos em tempos.*

Apesar das horas que passava ao ar livre, ele achava que ainda estava pálido. Talvez fosse porque o espelho da porta do banheiro que ele encarava pela

manhã refletia a massa verde das árvores. Não, sua aparência não era boa. A excitação devia estar drenando suas forças, pensou. E havia também o persistente cheiro de remédio das bandagens em seu peito para lembrá-lo de que ainda não estava totalmente bom. Depois do segundo ou terceiro dia ele parou de dormir no andar de cima. Não queria expulsar as corujas de casa e deixar uma ninhada morrer na velha luminária de metal. Já tinha sido desagradável o suficiente achar aqueles minúsculos esqueletos na privada. Mudou-se para o térreo, levando consigo alguns artigos úteis, uma velha capa impermeável e um chapéu de chuva, suas botas encomendadas na Gokey's em St. Paul — magníficas botas flexíveis e bonitas à prova de cobras; tinha esquecido delas. Na despensa fez outras descobertas interessantes, fotografias dos "dias felizes", caixas de roupas, cartas de Madeleine, maços de cheques cancelados, convites de casamento elaboradamente gravados em relevo e um livro de receitas pertencente a Phoebe Gersbach. As fotos eram todas dele. Madeleine as tinha deixado para trás, levando todas as outras. Interessante, a atitude dela. Em meio aos vestidos abandonados estavam suas caras roupas de grávida. Os cheques eram de altas somas, e muitos deles tinham sido trocados por dinheiro vivo. Será que ela poupava dinheiro em segredo? Ele não duvidaria. Os convites de casamento o fizeram rir; o sr. e a sra. Pontritter davam sua filha em casamento ao sr. Moses E. Herzog, ph.D.

Num dos armários ele encontrou uma dúzia de livros russos sob um endurecido plástico de proteção contra respingos de tinta. Chestov, Rozanov — ele gostava bastante do Rozanov, que felizmente estava em inglês. Leu umas poucas páginas de *Solitaria*. Então examinou a situação do material de pintura: velhos pincéis, latinhas de tíner, baldes com tinta seca e endurecida. Havia várias latas de tinta esmalte, e Herzog pensou: E se eu pintasse o pianinho? Poderia mandá-lo a Chicago, para Junie. A menina é altamente musical. Quanto a Madeleine, ela teria de recebê-lo, aquela vaca, quando chegasse a entrega, já paga. Não teria como mandá-lo de volta. O esmalte verde lhe pareceu perfeito, e ele não perdeu tempo. Escolheu os pincéis mais aproveitáveis e se lançou ao trabalho, cheio de entusiasmo, na saleta de visitas. *Caro Rozanov*. Pintou o tampo do teclado do piano com afinco; o verde era leve, lindo, como maçãs de verão. *Uma estupenda verdade que você diz, não*

ouvida de nenhum dos profetas, é que a vida privada está acima de tudo. Mais universal do que a religião. A verdade é mais elevada do que o sol. A alma é paixão. "Sou o fogo que consome." É uma alegria ser sufocado pelo pensamento. Um homem de bem pode suportar ouvir outro homem falar sobre si próprio. Não se pode confiar nas pessoas que se aborrecem com uma conversa assim. Deus me cobriu todo de ouro. Gosto disso: Deus me cobriu todo de ouro. Muito tocante, esse homem, embora extremamente áspero às vezes, e cheio de preconceitos violentos. O esmalte assentou bem, mas provavelmente precisaria de uma segunda demão, e talvez ele não tivesse tinta suficiente para isso. Largou o pincel e deu ao tampo do piano tempo para secar, enquanto refletia sobre como iria tirar o instrumento dali. Não podia esperar que um dos gigantescos caminhões de mudança interestaduais escalasse aquele morro. Teria que contratar Tuttle para vir da aldeia com sua picape. O custo chegaria a algo em torno de cem dólares, mas ele precisava fazer todo o possível pela menina, e não tinha problemas sérios de dinheiro. Will tinha lhe oferecido o quanto ele precisasse para atravessar o verão. *Um resultado curioso do aumento da consciência histórica é que as pessoas acham que a explicação é uma necessidade para a sobrevivência. Elas têm que explicar sua condição. E se a vida não explicada não merece ser vivida, a vida explicada é intolerável também. "Sintetize ou morra!" É essa a nova lei? Mas quando você vê as estranhas noções, alucinações e projeções saídas da mente humana você começa a acreditar de novo na Providência. Para sobreviver a tais idiotices... Seja como for, o intelectual tem sido um dissidente. E que tipo de síntese se pode esperar de um dissidente?* Felizmente para mim, não tive os meios para me afastar demais de nossa vida comum. Fico contente com isso. Pretendo comungar com outros seres humanos tanto quanto possível e não destruir no mesmo caminho os anos que me restam. Herzog sentiu uma ânsia profunda, vertiginosa, de *começar*.

Tinha que tirar água da cisterna; a bomba estava muito enferrujada; ele forcejou com a alavanca, mas só conseguiu se cansar. A cisterna estava cheia. Ergueu a tampa de ferro com um pé de cabra e mergulhou um balde na água. Fez um som bom, e não havia água mais translúcida do que aquela, mas tinha que ser fervida. Havia sempre um ou dois esquilos mortos no fundo, ou um rato, embora ela parecesse pura o bastante quando retirada, verde água pura.

Foi sentar-se sob as árvores. *Suas* árvores. Estava satisfeito, ali sentado em sua propriedade americana, vinte mil dólares de solidão e privacidade rurais. Não se sentia um proprietário. Quanto aos vinte contos, o lugar na verdade não valia três ou quatro. Ninguém queria aquelas casas antiquadas nas franjas dos Berkshires, fora da região badalada onde havia festivais de música e de dança moderna, caçadas a cavalo e outras modalidades de esnobismo. Não daria nem para esquiar naquelas encostas. Ninguém vinha ali. Ele só tinha vizinhos gentis e amalucados, barnabés dormitando até a morte em suas cadeiras de balanço nas varandas, vendo televisão, o século XIX morrendo silenciosamente naquele remoto buraco verde. Bem, aquilo era coisa sua, seu lar; aqueles eram *seus* vidoeiros, catalpas, castanheiros-da-índia. Seus apodrecidos sonhos de paz. O patrimônio de seus filhos — um baixio perdido de Massachusetts para Marco, o pianinho para June pintado de mimoso verde por seu solícito pai. Aquilo também, como a maioria das outras coisas, ele iria provavelmente fazer mal e porcamente. Mas pelo menos ele não iria morrer ali, como chegara a temer em outros tempos. Em verões antigos, ao aparar a grama, ele às vezes se recostava no cortador mecânico, exausto de calor, e pensava: Se eu morrer de repente, de um ataque cardíaco? Onde vão me enterrar? Talvez eu deva escolher meu próprio local. Embaixo do abeto? Perto demais da casa. Agora lhe ocorria que Madeleine o teria cremado. *E essas explicações são insuportáveis, mas precisam ser feitas. No século* XVII *a busca apaixonada pela verdade absoluta se interrompeu para que a humanidade pudesse transformar o mundo. Algo de prático foi feito com o pensamento. O mental se converteu também no real. A pausa na perseguição dos absolutos tornou a vida prazerosa. Só uma pequena categoria de intelectuais fanáticos, profissionais, ainda seguiu em busca desses absolutos. Mas nossas revoluções, incluindo o terror nuclear, devolvem-nos a dimensão metafísica. Toda atividade prática atingiu sua culminância: tudo pode ir embora agora, civilização, história, sentido, natureza. Tudo! Agora, voltando à questão do sr. Kierkegaard...*

Para o dr. Waldemar Zozo: O senhor foi o psiquiatra da Marinha que me examinou em Norfolk, Virginia, por volta de 1942, e me disse que eu era invulgarmente imaturo. Eu já sabia disso, mas a confirmação profissional me causou uma angústia profunda. Em matéria de angústia eu não era imaturo.

Podia ostentar anos de experiência. Levei aquilo muito a sério na época. De todo modo, em seguida fui dispensado por causa da asma, não da infantilidade. Eu me apaixonei pelo Atlântico. Oh, o grande mar reticulado, com montanhas no seu fundo! *Mas o nevoeiro marítimo paralisava minha voz e para um oficial de comunicações isso era o fim. No entanto, em seu cubículo, sentado ali nu, pálido, escutando os marinheiros fazendo manobras lá fora, ouvindo o que o senhor me dizia sobre meu temperamento, sentindo o calor do sul, não era conveniente que eu contorcesse minhas mãos. Mantive-as pousadas sobre as coxas.*

Primeiro por ódio, mas depois porque me tornei objetivamente interessado, acompanhei sua carreira pelos jornais. Seu artigo "Inquietação existencial no inconsciente" me entreteve não faz muito tempo. Era de fato um trabalho de primeira classe. Espero que não se importe que eu lhe fale desta maneira. Estou realmente num estado de espírito de rara liberdade. "Em caminhos jamais pisados", como escreveu maravilhosamente Walt Whitman. "Liberto da vida que exibe a si mesma..." Oh, isso é uma praga, a vida que exibe a si mesma, uma verdadeira praga! Chega um tempo em que cada ridículo filho de Adão deseja se elevar acima dos outros, com todos os seus tiques e idiossincrasias, toda a glória de sua autoadorada feiura, seus dentes arreganhados, seu nariz agressivo, sua razão retorcida e louca, dizendo aos restantes — num transbordamento de narcisismo que ele interpreta como benevolência — "Estou aqui para testemunhar. Vim para ser o seu modelo". Pobre assombração cambaleante!... Liberto, de todo modo, como diz Whitman, da vida que exibe a si mesma e "instruído por línguas aromáticas"... Mas há outro fato interessante. Reconheci o senhor na última primavera no Museu de Arte Primitiva na rua 54. Como doíam os meus pés! Tive que pedir a Ramona para sentarmos um pouco. *Eu disse para a moça que estava comigo: "Aquele não é o dr. Waldemar Zozo?". Ela casualmente também o conhecia e me deixou a par de tudo: O senhor estava muito rico, era colecionador de antiguidades africanas, sua filha era uma cantora folk, e muitas coisas mais. Percebi imediatamente que ainda o detestava. E eu que pensava que o tinha perdoado. Não é interessante? Vendo o senhor, com sua camisa de gola olímpica, seu paletó social, seu bigode eduardiano, seus lábios úmidos, o cabelo da nuca puxado para cobrir os pontos calvos, sua pança estéril, seu traseiro ridículo* (quimicamente velho!), *reconheci com alegria o quanto eu o abominava. Aquilo*

saltou vividamente do meu coração depois de vinte e dois anos!

Sua mente deu um de seus estranhos saltos. Abriu uma página em branco de seu encardido caderno de notas e, na sombra entrecortada de uma cerejeira selvagem, infestada por lagartas, começou a fazer anotações para um poema. Iria tentar uma Ilíada dos Insetos para Junie. Ela não sabia ler, mas talvez Madeleine deixasse Luke Asphalter levá-la ao Jackson Park e ler os capítulos para ela à medida que os fosse recebendo. Luke sabia muito de história natural. Aquilo faria bem para ele também. Moses, pálido com aquele nonsense que o comovia tanto, fitou o solo com seus olhos castanhos, em pé, de ombros caídos, segurando o caderno atrás de si enquanto meditava sobre o assunto. Podia converter os troianos em formigas. Os argivos poderiam ser libélulas. Luke talvez achasse alguns para ela na beira da lagoa, onde ficavam aquelas estúpidas cariátides. As libélulas, portanto, com longos cabelos de veludo, ornados com gotas brilhantes de oxigênio. Helena, uma linda vespa. O velho Príamo, uma cigarra, sugando seiva das raízes e rebocando os túneis com sua barriga em forma de espátula. E Aquiles, um besouro cabra-loura com ferrões afiados e força terrível, mas condenado a uma vida breve mesmo sendo um semideus. À beira da água ele bradava para sua mãe

Assim falou Aquiles
E Tétis ouviu-o no lodo,
Sentada ao lado de seu pai ancestral
Em ruínas gloriosas, suficientes para todos.

Mas o projeto foi logo abandonado. Não era uma boa ideia, não mesmo. Para começar, ele não era estável o bastante, nunca conseguiria manter sua mente concentrada naquilo. Seu estado era estranho demais, aquela mistura de clarividência e melancolia, *esprit de l'escalier*, inspirações nobres, poesia e nonsense, ideias, hiperestesia — perambulando daquele jeito, ouvindo música vigorosa mas indefinida dentro de si, vendo coisas, fímbrias roxas contornando os objetos mais nítidos. Sua mente era como aquela cisterna, pura água cristalina trancada sob a tampa de ferro, mas não totalmente boa para beber. Não, ele se ocupava melhor pintando o piano para a filha. Vá! Deixe as garras ardentes da imaginação tomarem o pincel verde. Vá! Mas a primeira demão

ainda não estava seca, e ele saiu a esmo pelos bosques, comendo um pedaço de pão do pacote que trazia no bolso do impermeável. Estava ciente de que seu irmão agora podia aparecer a qualquer momento. Will tinha ficado perturbado com sua aparência. Era inequívoco. E é bom eu ficar alerta, pensou Herzog, as pessoas são de fato internadas, e parecem até desejar isso. Eu quis ser cuidado. Eu tinha uma sincera esperança de que Emmerich me julgasse doente. Mas não tenho intenção alguma de fazer isso — sou responsável, responsável diante da razão. Isto é só uma excitação temporária. Responsável diante dos filhos. Caminhou em silêncio pelos bosques, em meio às muitas folhas, vivas e caídas, verdes e marrons, passando entre troncos apodrecidos, musgo, discos de fungo; encontrou uma trilha de caçadores, e também um rastro de veados. Sentia-se muito bem ali, e mais calmo. O silêncio o sustentava, e o tempo luminoso, o sentimento de que era facilmente contido por tudo à sua volta *No interior do vazio de Deus*, anotou, *e surdo à multiplicidade final dos fatos*, bem como *cego às distâncias supremas. A dois bilhões de anos-luz. Supernovas.*

Radiância diária, pisada aqui
No interior do vazio de Deus

Rabiscou várias linhas para Deus.

Como minha mente tem batalhado em busca de um sentido coerente. Não tenho sido muito bom nisso. Mas tenho desejado cumprir sua vontade insondável, tomando-a, e a você, sem símbolos. Tudo da mais intensa significação. Especialmente se despojado de mim.

Voltando mais uma vez para considerações práticas, ele precisava ser muito cuidadoso com Will e lhe falar apenas nos termos mais concretos sobre assuntos concretos, como aquela propriedade, e ter a aparência mais corriqueira possível. Se você fizer cara de sábio, alertou a si mesmo, vai se ver em apuros, e é para já. Ninguém suporta mais uma expressão assim, nem mesmo seu irmão. Portanto, cuidado com essa cara! Certas expressões irritam as pessoas, especialmente a expressão de sabedoria, que pode levar você direto para o hospício. Seria bem feito!

Deitou-se perto das alfarrobeiras. Estavam cobertas de florzinhas leves e

deliciosas — ele lamentava não ter usufruído aquilo antes. Reconheceu isso com as mãos atrás da nuca e as pernas estendidas de qualquer maneira; estava deitado do mesmo jeito que estivera menos de uma semana antes em seu encardido sofazinho em Nova York. Mas tinha sido só há uma semana? Cinco dias? Inacreditável! Como se sentia diferente! Confiante, até mesmo feliz em sua excitação, estável. O cálice amargo voltaria depois, em algum momento. Aquele descanso e bem-estar eram apenas uma diferença momentânea no estranho forro de seda furta-cor entre a vida e o vazio. *A vida que você me deu tem sido curiosa*, ele teve vontade de dizer a sua mãe, *e talvez a morte que devo herdar se mostre ainda mais profundamente curiosa. Eu às vezes desejei que ela se apressasse, ansiei que viesse logo. Mas ainda estou do mesmo lado da eternidade em que sempre estive. E é bom que seja assim, pois ainda tenho certas coisas a fazer. E sem alarde, espero. Algumas de minhas mais antigas metas parecem ter-se esvaído.* Mas tenho outras. *A vida nesta Terra não pode ser meramente um mar de rosas.* E forças terríveis em mim, incluindo a força de admiração ou louvor, poderes, incluindo o poder de amar, muito danosos, convertendo-me quase num idiota porque me falta a capacidade de lidar com eles. *Talvez eu não seja no fim das contas um imbecil irremediável, como todo mundo suspeitava, incluindo você e eu mesmo.* Enquanto isso, descartar certos tormentos persistentes. Renunciar à hiperatividade deste rosto hiperativo. Expô-lo em vez disso à radiância do sol. *Quero enviar a você, e a outras pessoas, os votos mais amorosos que tenho em meu coração. Esse é o único modo que tenho para buscar o incompreensível. Só posso rezar para me aproximar dela. Portanto... Paz!*

Nos dois dias seguintes — ou foram três? — Herzog não fez mais do que enviar mensagens desse tipo e escrever canções, salmos e declarações, colocando em palavras coisas que tinha pensado com frequência mas que, em nome da forma, ou de algo do tipo, sempre sufocara. E de vez em quando se via pintando de novo o pianinho, ou comendo pão com feijão na cozinha, ou dormindo na rede, e ficava sempre um pouco surpreso ao descobrir como tinha estado ocupado. Olhou para o calendário uma manhã e tentou adivinhar a data, contando em silêncio, ou antes tateando em noites e dias. Sua barba lhe dava

mais informação que seu cérebro. Seus pelos duros pareciam de quatro dias, e ele achou melhor estar barbeado quando Will chegasse.

Acendeu o fogo e esquentou uma panela de água, fez espuma no rosto com sabão marrom de lavar roupa. Barbeado, viu-se extremamente pálido. Seu rosto tinha se tornado muito mais fino também. Tinha acabado de pousar a navalha quando ouviu o ruído macio de um motor no sopé da ladeira de cascalho. Correu ao jardim para receber seu irmão.

Will estava sozinho em seu Cadillac. O carrão subiu lentamente a ladeira, raspando sua barriga nas pedras e vergando os talos de capim e junco. Will era um motorista hábil. Podia ser baixinho, mas não havia nele nada de tímido e, quanto à linda pintura cor de ameixa de seu Cadillac, ele não era do tipo que se importasse muito com alguns arranhões. Encerrada a subida, o carro parou sob o olmo e ficou ali descansando. Duas nuvens de vapor saíram da traseira, e William saiu, o rosto franzido por causa do sol. Contemplou a casa, enquanto Moses se aproximava ansiosamente. O que Will estaria pensando?, Moses se perguntava. Ele devia estar horrorizado. Como poderia ser de outro modo?

"Will! Como você está?" Abraçou o irmão.

"Como vai, Moses. Está tudo bem?" Will podia ser comedido como quisesse, mas nunca conseguiria esconder do irmão suas emoções.

"Acabei de fazer a barba. Sempre fico pálido depois de me barbear, mas estou me sentindo bem. De verdade, estou sim."

"Você perdeu peso. Talvez uns quatro quilos, desde que saiu de Chicago. É muito", disse Will. "Como está a costela?"

"Não me incomoda nem um pouco."

"E a cabeça?"

"Está ótima. Tenho descansado. E a Muriel? Pensei que ela também viesse."

"Ela viajou de avião. Vou encontrá-la em Boston."

Will tinha aprendido a agir de modo contido. Como Herzog que era, tinha um grande ímpeto a dominar. Moses era capaz de se lembrar de um tempo em que também Willie tinha sido ostensivo, passional, explosivo, dado a surtos de raiva, arremessando objetos no chão. Espere um pouco — o que foi mesmo que ele atirou daquela vez? Uma escova! Foi isso! A velha e larga escova russa de sapatos. Will jogou-a com tanta força no chão que o dorso de madeira

envernizada se descolou, mostrando as costuras por baixo, as velhas cerdas enceradas. Mas isso tinha sido muito tempo atrás. Trinta e cinco anos, no mínimo. E para onde tinha ido a ira de Willie Herzog, meu querido irmão? Para certa compostura e um humor discreto, em parte decoro, em parte (possivelmente) escravidão. As explosões tinham virado implosões, e onde antes havia luz sobreveio a escuridão, pouco a pouco. Não importava. A visão de Will despertava o amor de Moses por ele. Will parecia cansado e amarrotado; tinha estado na estrada por muito tempo, precisava de algo para comer, e de descanso. Tinha feito essa longa viagem porque estava preocupado com ele, Moses. E como tinha sido atencioso ao não trazer Muriel.

"Como foi a viagem, Will? Está com fome? Quer que eu abra uma lata de atum?"

"Você é que parece não ter comido. Eu comi uma coisinha na estrada."

"Bom, entre, sente-se um pouco." Levou-o até as espreguiçadeiras. "Era uma delícia aqui quando eu cuidava do terreno."

"Então esta é a casa? Não, não quero sentar, obrigado. Prefiro dar uma volta. Vamos ver a casa."

"Sim, esta é a famosa casa, a casa da felicidade", disse Moses, mas acrescentou: "Para falar a verdade eu *fui* feliz aqui. Não posso ser ingrato".

"Parece bem construída."

"Do ponto de vista de um construtor, é formidável. Imagine o quanto custaria hoje em dia. Os alicerces poderiam sustentar o Empire State Building. E vou lhe mostrar as vigas de castanheiro. Madeira encaixada na madeira. Nada de metal."

"Deve ser difícil de aquecer."

"Nem tanto. Tem aquecimento elétrico."

"Quisera eu lhe vender a eletricidade. Ficaria rico... Mas é um lugar lindo, tenho que admitir. Essas árvores são o máximo. Quantos acres você tem?"

"Quarenta. Mas cercados de fazendas abandonadas. Nenhum vizinho num raio de duas milhas."

"Oh... Isso é bom?"

"Muita privacidade, quero dizer."

"Quanto você paga de imposto?"

"Por volta de cento e oitenta e seis. Nunca passa de cento e noventa."

"E a hipoteca?"

"Tem um capital principal pequeno. Remuneração e juros são de cento e cinquenta por ano."

"Muito bom", disse Will, aprovando. "Mas agora me diga, quanto dinheiro você investiu neste lugar, Mose?"

"Nunca calculei o total. Uns vinte mil, acho. Mais da metade disso em melhorias."

Will balançou a cabeça afirmativamente. De braços cruzados, olhava para cima, examinando a estrutura com o rosto meio inclinado — também ele tinha essa peculiaridade hereditária. Só que seus olhos seguiam firmemente astutos, nada sonhadores. Moses, porém, não tinha dificuldade em perceber o que Will estava pensando.

Expressou para si mesmo em iídiche: *In drerd aufn deck. O limiar de lugar algum. A porta do inferno.*

"Em si, é uma propriedade que dá gosto olhar. Pode vir a ser um investimento bastante razoável nesse sentido. Claro que a localização de fato é um tanto peculiar. Ludeyville não está no mapa."

"Não, não está no mapa da Esso", admitiu Moses. "O estado de Massachusetts sabe onde ela fica, naturalmente."

Os dois irmãos sorriram ligeiramente, sem olhar um para o outro.

"Vamos dar uma olhada no interior", disse Will.

Moses o conduziu numa excursão pela casa, começando pela cozinha. "Está precisando ser arejada."

"Está um pouco mofada. Mas é bonita. O reboco está em ótimas condições."

"Faz falta um gato para dar um jeito nos camundongos do campo. Eles invernam aqui. Gosto deles, mas roem tudo. Até capas de livros. Parece que adoram cola. E cera. Parafina. Velas. Qualquer coisa desse tipo."

Will mostrava uma grande cortesia. Não o confrontava com princípios, como Shura teria feito. Havia certa decência afetuosa em Will. Helen tinha isso também. Shura teria dito: "Que imbecil você foi de enterrar tanta grana neste celeiro velho". Bem, era esse o jeito de Shura. Não obstante, Moses amava todos eles.

"E o abastecimento de água?", disse Will.

"Movido pela gravidade. A água vem da nascente. Temos dois velhos poços também. Um deles foi arruinado pelo querosene. Alguém deixou um tanque cheio de querosene vazar e empapar o solo. Mas não importa. O abastecimento de água é excelente. A fossa é bem construída. Tem capacidade para vinte pessoas. Não precisamos de laranjeiras."

"Que quer dizer com isso?"

"É que em Versalhes Luís XIV plantava laranjeiras porque o excremento da corte tornava o ar irrespirável."

"Que beleza ter instrução", disse Will.

"Ser pedante, você quer dizer", disse Herzog. Falava com uma grande dose de cautela, esforçando-se especialmente para dar uma impressão da mais completa normalidade. Que Will o estava examinando — Will, que tinha se tornado o mais discreto e observador dos Herzog — era algo evidente. Moses julgava poder suportar muito bem seu escrutínio. Suas faces chupadas, recém-barbeadas, depunham contra ele, assim como toda a casa (os esqueletos na privada, as corujas na luminária, o piano pintado pela metade, os restos de comida, a atmosfera de lugar abandonado pela esposa); sua "inspirada" visita a Chicago também era ruim. Muito ruim. Devia ser perceptível, igualmente, que ele estava num estado alterado, olhos dilatados de excitação, a própria velocidade de sua pulsação visível em suas grandes íris. *Por que tenho que ser um sujeito de coração assim tão descompassado... Mas o fato é que sou. Sou, e não dá para consertar um cachorro velho. Minha pessoa é assim e assado, e vai continuar assim e assado. E por que lutar contra? Meu equilíbrio vem da instabilidade. Não da organização, nem da coragem, como ocorre com outras pessoas. É duro, mas é assim. Nesses termos eu também — até eu! — apreendo certas coisas. Talvez seja só assim que eu consigo apreendê-las. Tenho de tocar o instrumento de que disponho.*

"Você andou pintando este piano, pelo que vejo."

"Para June", disse Herzog. "Um presente. Uma surpresa."

"O quê?", Will riu. "Está pensando em mandá-lo daqui? Ora, vai lhe custar uns duzentos dólares de frete. E ele teria que ser consertado, afinado. É um piano assim tão bom?"

"Madeleine o comprou num leilão por vinte e cinco dólares."

"Acredite em mim, Moses, você pode comprar um ótimo piano usado lá mesmo em Chicago, numa liquidação de depósito. Uma porção de instrumentos velhos como esse dando sopa."

"Ah é...? Só que eu gosto desta cor." Aquele verde-maçã, verde-papagaio, a cor especial de Ludeyville. Os olhos de Moses estavam fixos em seu trabalho com uma persistência inspirada. Estava quase num ponto de aberta impulsividade, e alguma esquisitice podia vir à tona a qualquer momento. Não podia deixar que isso acontecesse. Sob nenhuma circunstância ele devia pronunciar sequer uma palavra que pudesse ser interpretada como irracional. As coisas já tinham um aspecto ruim o bastante. Desviou os olhos do piano para a clara sombra do jardim e tentou ficar tão claro quanto *aquilo*. Cedeu à opinião do irmão. "Certo. Na próxima viagem, compro um piano para ela."

"O que você tem aqui é uma excelente casa de verão", disse Will. "Um pouco solitária, mas agradável. Se você fizer uma limpeza nela."

"Aqui pode ser adorável. Sabe, talvez pudéssemos fazer do lugar um refúgio de verão Herzog. Para a família. Cada um põe um pouco de dinheiro. Para cortar o mato. Fazer uma piscina."

"Oh, claro. Helen odeia viajar, você sabe. E Shura é o homem certo para vir aqui, onde não há corridas de cavalo, nem jogos de cartas, nem outros magnatas, nem mulheres."

"Há corridas de trotadores na Feira de Barrington... Não, acho que também não é uma ideia muito boa. Bem, talvez possamos transformá-la numa clínica de repouso. Ou mudá-la para outro local."

"Não vale a pena. Vi mansões demolidas para dar lugar a bairros pobres, ou para a construção de vias expressas. Não vale a pena desmanchar esta. Você não pode colocá-la para alugar?"

Herzog sorriu em silêncio, encarando Will com humor penetrante.

"Tudo bem, Moses, a única outra sugestão é que você ponha a propriedade à venda. Ficando com ela, não vai recuperar seu dinheiro."

"Eu poderia trabalhar e ficar rico. Fazer uma fortuna, só para manter esta casa."

"Sim", disse Will. "Você poderia." Falava com doçura ao irmão.

“Situação bizarra em que me meti, não é mesmo, Will?”, disse Moses. “Para mim. Para nós — os Herzog, quero dizer. Parece um ponto estranho a se chegar depois de todos os outros pontos. Neste adorável buraco verde... Você está preocupado comigo, estou percebendo.”

Will, perturbado, mas contido, um dos rostos humanos mais profundamente familiares e mais longamente amados, olhou para ele de um jeito que não podia ser mais claro. “É evidente que estou preocupado. Helen também.”

“Bem, você não devia se afligir comigo. Estou num estado peculiar, mas não necessariamente ruim. Eu abriria meu coração para você, Will, se pudesse achar a maçaneta. Não há razão para se inquietar comigo. Por Deus, Will, estou quase chorando! Como isso foi acontecer? Não, não vou chorar. É só amor. Ou alguma coisa que subjuga como o amor. Provavelmente é amor. Não estou em condições de resistir a ele. Não quero que você pense nada de errado.”

“Mose — por que eu pensaria?” Will falava em voz baixa. “Tenho um sentimento profundo por você também. Sinto mais ou menos como você. Não é por ser um empreiteiro que não vou entender o que você quer dizer. Não vim aqui para te fazer algum mal, você sabe. Está certo, Mose, pegue uma cadeira. Você parece cansado.”

Moses sentou no velho sofá, que soltou uma nuvem de poeira.

“Eu gostaria de te ver menos agitado. Você precisa se alimentar, dormir. Provavelmente receber cuidados médicos. Alguns dias no hospital, para relaxar.”

“Will, estou agitado, não doente. Não quero ser tratado como se estivesse ruim da cabeça. Sou grato a você por ter vindo.” Em silêncio, teimosamente, ficou ali sentado, persistindo, engolindo sua violenta e sufocante vontade de chorar. Sua voz estava débil.

“Tente se acalmar”, disse Will.

“Eu...” Herzog reencontrou sua voz e disse distintamente: “Eu quero ser franco com você quanto a uma coisa. Não estou me rendendo a você por fraqueza, ou porque não possa fazer as coisas do meu jeito. Não me importo em relaxar por alguns dias num hospital. Se você e Helen decidiram que é isso que devo fazer, não tenho objeção. Lençóis limpos, banho e comida quentinha. Sono. Tudo isso é muito bom. Mas só alguns dias. Tenho que visitar Marco no

acampamento no dia 16. É Dia da Família e ele está me esperando".

"Muito bem", disse Will. "Nada mais justo."

"Não faz muito tempo, em Nova York, tive fantasias a respeito de ser mandado para o hospital."

"Você está apenas sendo sensato", disse seu irmão. "O que você precisa é de repouso assistido. Eu também já pensei nisso, para mim mesmo. De vez em quando, todos nós passamos por isso. Agora" — olhou para o relógio de pulso — "pedi a meu médico que ligasse para um hospital local. Em Pittsfield."

Tão logo Will parou de falar, Moses sentou mais para a frente no sofá. Não conseguia achar as palavras. Só fez que não com a cabeça. Diante disso, o rosto de Will também mudou. Parecia estar pensando que tinha pronunciado a palavra hospital de modo abrupto demais, que devia ter sido mais gradual, mais cauteloso.

"Não", disse Moses, ainda balançando a cabeça. "Não. Definitivamente."

Agora Will estava em silêncio, ainda com o ar compungido de um homem que cometeu um erro tático. Moses podia facilmente imaginar o que Will tinha contado a Helen, depois de ter pagado sua fiança, e a conversa preocupada que ambos tinham tido a seu respeito. ("Que fazemos? Pobre Mose — talvez tenha enlouquecido de vez. Vamos pelo menos procurar uma opinião profissional sobre ele.") Helen era chegada numa opinião profissional. A veneração com que ela dizia "opinião profissional" sempre divertira Moses. E então eles tinham procurado o médico de Will para perguntar se ele poderia, discretamente, arranjar alguma coisa na área dos Berkshires. "Mas pensei que já tivéssemos chegado a um acordo", disse Will.

"Não, Will. Nada de hospital. Sei que você e Helen estão fazendo o que um irmão e uma irmã devem fazer. E me sinto tentado a me deixar levar. Para um homem como eu, é uma ideia sedutora. 'Repouso assistido.'"

"E por que não? Se eu tivesse constatado alguma melhora em você, talvez não levantasse essa possibilidade", disse Will. "Mas veja o seu estado."

"Eu sei", disse Moses. "Mas justamente quando eu começo a ser um pouco racional você quer me mandar para um psiquiatra. *Era* um psiquiatra que você e Helen tinham em mente, não era?"

Will ficou em silêncio, aconselhando-se consigo mesmo. Então suspirou e

disse: “Que mal poderia haver nisso?”.

“É mais absurdo eu ter tido essas esposas, esses filhos, mudar para um lugar como este do que o papai ter sido um fabricante clandestino de bebida? A gente nunca achou que ele fosse louco.” Moses começou a sorrir. “... Lembra, Will — ele tinha aqueles rótulos falsos: White Horse, Johnnie Walker, Haig and Haig, e a gente sentava à mesa com o pote de cola, e ele exibia os rótulos dizendo: ‘Bem, meninos, o que vamos fazer hoje?’, e a gente começava a gritar e guinchar: ‘White Horse’, ‘Teacher’s’. E o forno a carvão estava quente. Soltava brasas que eram como dentes vermelhos sobre as cinzas. Ele tinha aquelas lindas garrafas verde-escuras. Já não fazem mais vidros como aqueles, daquele jeito. A minha favorita era White Horse.”

Will riu baixinho.

“Ir para o hospital seria ótimo”, disse Herzog. “Mas seria exatamente a coisa errada a fazer. Está na hora de eu parar de ruminar esta minha maldição — Eu penso, passo as coisas em revista. Sei exatamente o que devo evitar. Então, de repente, me vejo na cama justo com essa coisa, fazendo amor com ela. Como com Madeleine. Ela parece ter suprido uma necessidade especial.”

“Como assim, Moses?” Will se sentou ao lado dele no sofá.

“Uma necessidade muito especial. Não sei qual. Ela trouxe ideologia para dentro da minha vida. Algo a ver com catástrofe. Afinal, esta é uma era ideológica. Talvez ela não convertesse em pai alguém de quem ela gostasse.”

Will sorriu da maneira de Moses expor a coisa. “Mas agora o que você pretende fazer aqui?”

“Posso muito bem continuar aqui. Não é longe do acampamento de Marco. Sim, é isso. Se Daisy deixar, eu o trago para cá no mês que vem. É isso que vou fazer. Se você me levar, junto com a minha bicicleta, até Ludeyville, conseguirei religar a luz elétrica e o telefone. Tuttle vem e limpa o mato do terreno. E talvez a sra. Tuttle faça uma faxina para mim. É isso que vou fazer.” Ficou de pé. “Vou fazer a água voltar a correr, comprarei comida consistente. Vamos, Will, me dê uma carona até a casa do Tuttle.”

“Quem é esse Tuttle?”

“Ele faz de tudo. É o espírito supremo de Ludeyville. Um sujeito alto. É tímido, não olha para você, mas é mais por astúcia do que qualquer outra coisa.

É o demônio destes bosques. Pode fazer as luzes se acenderem aqui em uma hora. Sabe tudo. Cobra caro, mas com um jeito modesto."

Tuttle estava em pé ao lado de suas altas, tortas e antiquadas bombas de gasolina quando Will estacionou o carro. Magro, enrugado, os pelos nos antebraços encordoados descoloridos num branco farinhento, ele usava um boné de pintor e entre seus dentes falsos (para ajudá-lo a cortar o vício de fumar, conforme explicara uma vez a Herzog) mantinha um palito de plástico. "Sabia que estava na casa, sr. Herzog", disse. "Bem-vindo de volta."

"Como ficou sabendo?"

"Vi a fumaça da sua chaminé, esse foi o primeiro sinal."

"Ah é? E qual foi o segundo?"

"Ora, uma dona andou tentando telefonar para o senhor."

"Quem?", perguntou Will.

"Uma pessoa de Barrington. Ela deixou o número."

"Só o número?", perguntou Herzog. "Não disse o nome?"

"Senhorita Harmona, ou Armona."

"Ramona", disse Herzog. "Ela está em Barrington?"

"Estava esperando alguém?" Will virou-se para ele no assento do carro.

"Não, só você."

Will insistiu em saber mais. "Quem é ela?"

Um tanto a contragosto, e com um olhar evasivo, Moses respondeu: "Uma dona — uma mulher". Em seguida, deixando a reticência de lado — afinal, por que deveria se sentir perturbado com aquilo? —, acrescentou: "Uma mulher, uma florista, uma amiga de Nova York".

"Você vai ligar de volta para ela?"

"Vou, claro." Notou o rosto branco e atento da sra. Tuttle no armazém às escuras. "Estive pensando", disse a Tuttle. "... Quero abrir a casa. Tenho que religar a eletricidade. Talvez a sra. Tuttle possa me ajudar a fazer uma limpeza na casa."

"Oh, acho que ela pode sim."

A sra. Tuttle estava de tênis, e a barra da camisola aparecia por baixo do

vestido. Suas unhas polidas estavam manchadas pelo fumo. Tinha engordado bastante durante a ausência de Herzog, e ele notou a distorção de seu rosto bonito, o peso de seus descuidados cabelos pretos e a estranha expressão distante de seus olhos cinzentos, como se a gordura do corpo tivesse um efeito opiáceo sobre ela. Sabia que ela tinha acompanhado suas conversas com Madeleine na linha telefônica compartilhada. Provavelmente ela escutara todas aquelas coisas vergonhosas e terríveis que tinham sido ditas, ouvira as arengas e soluços. Agora ele a estava convidando para trabalhar na sua casa, varrer o chão, fazer sua cama. Ela apanhou um cigarro com filtro, acendeu-o como um homem, encarou Herzog através da fumaça com entorpecidos olhos cinzentos e disse: "Ora, acho que vou, sim. É meu dia de folga no *motér*. Estou trabalhando como camareira no novo *motér* da estrada".

"Moses!", disse Ramona ao telefone. "Você recebeu minha mensagem. Que bacana que você está na sua casa. Todo mundo em Barrington diz que quem quer fazer alguma coisa em Ludeyville chama o Tuttle."

"Olá, Ramona. Meu telegrama de Chicago não chegou até você?"

"Chegou, Moses. Muito atencioso da sua parte. Mas não pensei que você fosse passar muito tempo fora, e tive uma intuição sobre sua casa no campo. De todo modo, eu tinha que visitar velhos amigos em Barrington, então peguei o carro e vim para cá."

"Sério?", disse Herzog. "Que dia da semana é hoje?"

Ramona riu. "Isso é típico. Não admira que as mulheres percam a cabeça por você. É sábado. Estou com Myra e Eduardo Misseli."

"Oh, o violinista. Só o conheço de dizer bom-dia no supermercado."

"É um homem encantador. Sabia que ele está estudando a arte da fabricação de violinos? Estive no estúdio dele a manhã toda. E achei que devia dar uma olhada na propriedade Herzog."

"Meu irmão Will está comigo."

"Oh, ótimo", disse Ramona, com sua voz alçada. "Ele está hospedado com você?"

"Não. Está só de passagem."

"Eu adoraria conhecê-lo. Os Misseli vão dar uma festinha para mim. Depois do jantar."

Will permaneceu em pé ao lado da cabine, escutando. Sério, preocupado, apelando discretamente com os olhos a Moses para que não cometesse mais nenhum erro. Não posso prometer isso, pensou Moses. Só posso lhe dizer que não cogito me colocar nas mãos de Ramona ou de qualquer outra mulher a esta altura. O olhar de Will tinha um aspecto familiar, uma luz marrom tão clara quanto qualquer palavra.

"Não, obrigado", disse Herzog. "Nada de festas. Não estou com disposição para elas. Mas olhe, Ramona..."

"Será que eu vou até aí?", disse Ramona. "É bobagem ficar falando assim ao telefone. Você está a só oito minutos de distância."

"Bem, talvez", disse Herzog. "Agora me ocorreu que tenho que descer para Barrington de todo modo, para fazer compras e mandar religar meu telefone."

"Ah, você está planejando ficar um tempo em Ludeyville?"

"Sim, Marco vai se juntar a mim. Só um momento, Ramona." Herzog pôs a mão sobre o bocal e disse a Will: "Você pode me levar até Barrington?". Will evidentemente disse que sim.

Ramona estava esperando, sorrindo, alguns minutos depois. Estava em pé junto a seu Mercedes preto, de shorts e sandálias. Vestia uma blusa mexicana com botões de moedas. Seu cabelo resplandecia, e ela parecia afogueada. A ansiedade do momento ameaçava seu autocontrole. "Ramona", disse Moses, "este é Will."

"Oh, sr. Herzog, que prazer conhecer o irmão de Moses."

Will, embora com o pé atrás com relação a ela, foi cortês. Tinha uma postura social límpida e discreta. Herzog ficou-lhe grato pela charmosa reserva de sua cortesia para com Ramona. O olhar de Will era amistoso. Ele sorria, mas não demais. Obviamente achou Ramona atraente ao extremo. "Ele devia estar esperando uma bagaceira", pensou Herzog.

"Ora, Moses", disse Ramona, "você se cortou fazendo a barba. E feio. Toda a mandíbula está arranhada."

"Ah é?" Ele tocou o próprio rosto com uma vaga preocupação.

"O senhor se parece tanto com seu irmão, sr. Herzog. A mesma cabeça bonita, e esses suaves olhos castanhos. O senhor não vai ficar?"

"Estou indo para Boston."

"E eu simplesmente tinha que sair de Nova York. Os Berkshires não são uma maravilha? Tanto verde!"

Amor bandido, os tabloides costumavam estampar sobre cabeças morenas como aquela. Nos anos vinte. De fato, Ramona parecia uma daquelas figuras de sexo e crime. Mas havia nela também alguma coisa intensamente tocante. Ela se esforçava, ela lutava. Precisava de uma extraordinária coragem para manter aquela postura. Neste mundo, ser uma mulher que tomava as rédeas nas mãos! E aquela coragem dela era instável. Às vezes vacilava. Ela fez de conta que procurava algo na bolsa porque seu rosto vibrava. O perfume dos seus ombros chegava a suas narinas. E, como quase sempre, ele ouviu a profunda, cósmica e idiota reação masculina — *quack*. O grasnido procriador, libidinoso, nas profundezas. *Quack. Quack.*

"Você não vem para a festa, então?, disse Ramona. "E quando é que vou ver sua casa?"

"Bem, eu vou fazer uma faxina nela", disse Herzog.

"Então será que... Por que não jantamos juntos?", perguntou ela. "O senhor também, sr. Herzog. Moses pode lhe dizer como é bom meu camarão com molho rémoulade."

"É mais do que bom. Nunca comi um melhor. Mas Will tem que seguir viagem, e você está de férias, Ramona, não vamos querer que você cozinhe para três pessoas. Por que você não vai jantar na minha casa?"

"Oh", disse Ramona, com uma nova onda de júbilo. "Você está me convidando?"

"Bem, por que não? Compro um par de filés de peixe-espada."

Will olhou para ele com seu sorriso incerto.

"Maravilha. Eu levo uma garrafa de vinho", disse Ramona.

"Não vai fazer nada disso. Venha às seis. A gente come às sete e você ainda tem tempo de sobra para voltar para sua festinha."

Numa voz cantada (seria um efeito deliberado? Moses não sabia ao certo), Ramona disse a Will: "Então até logo, sr. Herzog. Espero que nos encontremos de novo". Virando-se para entrar no seu Mercedes, pousou por um momento a mão no ombro de Moses. "Acho que vai ser um bom jantar..."

Ela queria que Will ficasse ciente da intimidade entre os dois, e Moses não

viu motivo para lhe negar isso. Roçou seu rosto no dela.

"Vamos nos despedir aqui também?", disse Moses enquanto o carro dela se afastava. "Posso tomar um táxi de volta para casa. Não quero atrasar você."

"Não, não. Eu te levo de volta a Ludeyville."

"Vou entrar ali para comprar meu peixe-espada. E uns limões também. Manteiga. Café."

Estavam na última ladeira antes de chegar a Ludeyville quando Will disse: "Estou deixando você em boas mãos, Mose?".

"Você quer saber se pode ir embora tranquilo? Acho que sim, com confiança. Ramona não é tão ruim."

"Ruim? O que você quer dizer? Ela é estonteante. Mas Madeleine também era."

"Não estou sendo deixado nas mãos de ninguém."

Com um olhar de leve ironia, triste e afetuoso, Will disse: "Amém. Mas e quanto à ideologia, ela tem alguma?".

"Pode me deixar aqui, em frente ao Tuttle. Eles me levam na picape, com bicicleta e tudo. Sim, acho que ela tem uma ideologia. A respeito de sexo. É bem fanática quanto a isso. Mas não me importo."

"Vou descer do carro e me informar direito sobre o caminho", disse Will.

Tuttle, quando eles passaram andando lentamente por ele, disse a Moses: "Acho que em poucos minutos sua casa já terá energia elétrica".

"Obrigado... Ei, Will, pegue um pouco destas folhas de cipreste para mastigar. Tem um gosto bem agradável."

"Não decida nada por enquanto. Você não pode se dar ao luxo de cometer novos erros."

"Eu a convidei para jantar. Só isso. Ela volta depois para a festa na casa de Misseli — e eu não vou com ela. Amanhã é domingo. Ela tem um negócio em Nova York, não pode ficar. Não vou fugir com ela. Ou ela comigo, como você teme."

"Você tem uma estranha influência sobre as pessoas", disse Will. "Bem, até mais, Mose. Talvez Muriel e eu passemos por aqui no caminho de volta para o oeste."

"Você vai me encontrar solteiro."

"Se você não se perturbasse, isso não teria importância. Poderia se casar mais cinco vezes. Mas com esse seu jeito intenso de fazer tudo... e seu talento para fazer escolhas fatais..."

"Will, pode ir tranquilo. Estou lhe dizendo... Prometo. Nada desse tipo vai acontecer. Sem chance. Até mais, e obrigado. Quanto à casa..."

"Vou pensar a respeito. Você está precisando de dinheiro?"

"Não."

"Tem certeza? Está me dizendo a verdade? Lembre que está falando com seu irmão."

"Eu sei com quem estou falando." Tomou Will pelos ombros e beijou-o no rosto. "Até logo, Will. Pegue a primeira à direita quando estiver saindo da cidade. Vai logo ver a placa indicando a rodovia."

Depois que Will se foi, Moses esperou pela sra. Tuttle no banco sob o cipreste, lançando seu primeiro olhar demorado sobre o vilarejo. *Em toda parte da Terra, o modelo da criação natural parece ser o oceano. As montanhas certamente têm esse aspecto, lustroso, abissal, e aquela altiva tonalidade azul. E mesmo esses gramados desconexos. O que impede a submersão dessas casas de tijolos vermelhos nesses vagalhões é sua rancidez interior. Sinto o cheiro dela saindo em lufadas pelas telas contra insetos. O odor das almas é um esteio para as paredes. Caso contrário a ondulação dos morros as faria desmoronar.*

"O senhor tem uma propriedade deslumbrante aqui, sr. Herzog", disse a sra. Tuttle enquanto eles subiam o morro no velho carro dela. "Deve ter custado uma nota fazer as melhorias. É uma pena que não a use mais."

"Preciso que a cozinha fique limpa e arrumada para que eu possa fazer um jantar. Vou buscar as vassouras, baldes e tudo mais."

Estava tateando na despensa às escuras quando as luzes se acenderam. Tuttle é um prodígio, pensou. Fiz o pedido por volta das duas. Agora devem ser quatro e meia, cinco horas.

A sra. Tuttle, cigarro na boca, prendeu o cabelo para cima numa bandana. Abaixo da barra do seu vestido o nylon cor de pêssego da sua camisola quase tocava o chão. No porão de pedra Herzog encontrou a alavanca da bomba de água. Ouviu imediatamente a água subindo pelo cano, desaguando com pressão na caixa vazia. Conectou na tomada o forno elétrico. Ligou a geladeira; levaria

um tempo para gelar. Então lhe ocorreu refrescar o vinho na bica d'água. Depois disso, pegou a foice para capinar o jardim, para que Ramona pudesse ter uma visão melhor da casa. Mas depois de cortar umas poucas carreiras de mato suas costelas começaram a doer. Não se sentia bem o bastante para aquele tipo de trabalho. Estirou-se na espreguiçadeira no gramado, voltado para o sul. Tão logo o sol perdeu sua força os tordos começaram, e enquanto eles cantavam sua música doce e impetuosa, ameaçando os invasores, os melros começavam a se reunir em bandos para a noite, e pouco antes do crepúsculo eles irromperiam das árvores em ondas, onda após onda, voando três ou quatro milhas de um único estirão até seus ninhos à beira da água.

O fato de Ramona vir o perturbava ligeiramente, era verdade. Mas eles iriam jantar. Ela o ajudaria com a louça e ele a levaria até o carro dela.

Não vou fazer mais nada para representar as peculiaridades da vida. Isso já é feito bem o bastante sem a minha especial colaboração.

Agora, de um lado, as montanhas perdiam o sol e começavam a vestir um azul mais intenso; do outro lado, elas ainda resplandeciam em branco e verde. Os pássaros estavam estridentes.

De todo modo, posso fazer de conta que tenho escolha? Olho para mim mesmo e vejo tórax, coxas, pés — uma cabeça. Essa estranha organização, eu sei que vai morrer. E por dentro — alguma coisa, alguma coisa, felicidade... "Tu me comoves." Isso não deixa escolha. Algo produz intensidade, um sentimento sagrado, como as laranjas produzem a cor de laranja, como a grama produz o verde, como os pássaros produzem calor. Alguns corações emitem mais amor, outros menos, presumivelmente. Isso significa alguma coisa? Há aqueles que dizem que esse produto dos corações é o conhecimento. "Je sens mon coeur et je connais les hommes." Mas esta mente agora se apartou também de seu francês. *Eu não poderia dizer isso, com certeza. Meu rosto cego demais, minha mente limitada demais, meus instintos pobres demais. Mas essa intensidade, será que ela não significa nada? É só uma alegria idiota que faz este animal, o mais peculiar de todos, exclamar alguma coisa? E ele considera essa reação um sinal, uma prova, da eternidade? E ele a tem em seu peito? Mas não tenho raciocínio a desenvolver quanto a isso. "Tu me comoves." "Mas o que você quer, Herzog?" "Mas é só isso — não uma coisa solitária. Estou perfeitamente satisfeito em*

existir, em existir como se deseja que eu exista, e pelo tempo em que eu possa permanecer no mundo como inquilino."

Então pensou em acender velas no jantar, porque Ramona gostava delas. Devia haver uma vela ou duas na caixa de luz. Mas agora era hora de tirar aquelas garrafas da bica. Os rótulos tinham se soltado com a água, mas o vidro estava bem frio. Sentiu prazer ao sentir o frio vívido da água corrente.

Voltando do bosque, colheu algumas flores para decorar a mesa. Perguntou-se se haveria um saca-rolhas na gaveta. Será que Madeleine o tinha levado para Chicago? Bem, talvez Ramona tivesse um saca-rolhas no seu Mercedes. Pensamento pouco razoável. Um prego poderia ser usado, se fosse o caso. Ou se podia quebrar o gargalo da garrafa como eles faziam nos filmes antigos. Enquanto isso, ele encheu o chapéu com ramos da roseira trepadeira que se agarrava à calha de chuva. Os espinhos ainda estavam verdes demais para machucar muito. Perto da cisterna havia lírios amarelos. Colheu alguns deles também, mas eles murcharam instantaneamente. E, no jardim mais escuro dos fundos, procurou peônias; talvez algumas tivessem sobrevivido. Mas de repente lhe ocorreu que talvez estivesse cometendo um erro e parou, escutando a varrição da sra. Tuttle, o ritmo das cerdas. Colher flores? Estava sendo atencioso, sendo amável. Como aquilo seria interpretado? (Sorriu ligeiramente.) Ele precisava apenas conhecer sua própria mente, e para isso as flores não tinham uso; não, elas não poderiam se voltar contra ele. Portanto não as jogou fora. Virou seu rosto escurecido para a casa de novo. Deu a volta e entrou pela frente, perguntando-se que outra evidência de sua sanidade, além de se recusar a ir para o hospital, ele poderia dar. Talvez parasse de escrever cartas. Sim, era para isso que se encaminhava, de fato. A consciência de que tinha terminado com aquelas cartas. Fosse o que fosse o que o acometera nos últimos meses, o feitiço parecia estar passando, indo embora de verdade. Depositou o chapéu, com as rosas e os lírios, sobre o piano pintado pela metade e foi para seu estúdio, carregando as garrafas de vinho com uma das mãos, como um par de pinos de boliche. Pisando em papéis e anotações, deitou em seu sofá Recamier. Ao se esticar, respirou profundamente e ficou ali deitado, olhando para a trama da tela contra insetos, afrouxada pela pressão das trepadeiras, e ouvindo a esfregação contínua da vassoura da sra. Tuttle. Queria

dizer a ela que umedecesse o chão. Ela estava levantando poeira demais. Em poucos minutos poderia dizer a ela: “Passe um pano molhado no chão, sra. Tuttle. Tem água na pia”. Mas não já. Naquele momento ele não tinha mensagens para ninguém. Nada. Nem uma palavra.

a “The land was ours before we were the land’s”, trecho do poema “The gift outright”, de Robert Frost (1874-1963), declamado pelo próprio poeta na cerimônia de posse do presidente John F. Kennedy, em janeiro de 1961.

b “My name is Ozymandias, king of kings:/ Look on my works, ye Mighty, and despair!”, trecho do soneto “Ozymandias”, publicado em 1818 pelo poeta inglês Percy Bysshe Shelley.

c “I am His Highness’ dog at Kew”; “Great wits to madness sure are near allied”, trechos de poemas de Alexander Pope e John Dryden, respectivamente.

Glossário

ALEHOSHALOM: Que a paz esteja com ele.

AMHORETZ: Ignorante.

BAAL-CHOV: Devedor.

BERIMMTER: Pessoa distinta.

BRUDER: Irmão.

CHANUCÁ: Festa que celebra a retomada pelos Macabeus do Templo em Jerusalém, que fora invadido pelas tropas do monarca greco-sírio Antíoco Epífanes. As festividades duram oito dias, e a cada noite se acende mais uma vela: é a recordação do milagre que teria feito o óleo da chama sagrada do Templo durar oito dias, quando se esperava que durasse apenas um.

CHAVER: Amigo, camarada.

CHAZAN: Cantor litúrgico no judaísmo.

DRECK: Fezes.

DRECKISCHE: Emporcalhado.

EDEL-MENSCH: Cavalheiro, homem refinado.

FIFEL: Apito.

FINSTERNISH: Escuridão.

FREILICH: Alegre.

GAZLAN: Trapaceiro.

GUEMARÁ: Reunião exaustiva de comentários e interpretações sobre a *Mishná*, fruto do trabalho realizado entre os séculos III e VI pelos amoraítas na Palestina e na Babilônia.

GONIFF: Ladrão, pessoa desonesta.

HAGADÁ: Livro lido durante a primeira noite de Pessach, a páscoa judaica. Conta a história do Êxodo e fornece a sequência de rituais observados nessa noite.

HORAV: Destruído.

IESCHIVÁ: Seminário rabínico, dedicado a estudos talmúdicos e estudos avançados da Torá.

ÍNGUELE: Garoto.

KADISH: Oração pelos mortos que os judeus fazem em memória dos pais e dos parentes próximos.

KLIPPA: Espírito do mal.

KVETCH: Pessoa que sempre reclama.

LAMDEN: Grande estudioso da literatura rabínica.

LANDTSLEIT: Compatriota.

LANDTSMAN: Parente ou aparentado.

LEITE: Tipos.

MAMZER: Bastardo.

MENSCH: Pessoa íntegra e honrada.

MEZUZÁ: Rolo de pergaminho com passagens da Torá que deve ser colocado nas portas das sinagogas, lares e estabelecimentos judaicos.

MINIAN: Número de pessoas exigido pela lei judaica para a celebração de um culto religioso. Segundo a tradição, são necessários no mínimo dez judeus do sexo masculino com mais de treze anos de idade.

MISNAGUID: Alguém que segue a religião judaica, mas é contrário ao Chassidismo, corrente mística surgida no século XVIII.

MOLOCH-HA-MOVOS: Anjo da morte.

SCHLEPP: Mexer, movimentar.

SCHMALTZ: Gordura animal utilizada na culinária.

SCHMID: Ferreiro.

SCHMUCK: Imbecil.

SCHNELLER: Mais rápido.

SHICKER: Bêbado.

SHIDDACH: Promover um encontro entre um homem e uma mulher visando ao casamento.

SHMEGEGGY: Idiota.

SHNOOK: Palerma.

SHTICK: Graça, palhaçada, manha.

SHUL: Sinagoga.

TACHLISS: Direto.

YICHES: Prestígio familiar.

YICHUS: Distinção pelo nascimento, árvore genealógica, berço.

Copyright © 1961, 1963, 1964 by Espólio de Saul Bellow
Copyright renovado © 1989, 1991, 1992 by Espólio de Saul Bellow
Copyright da introdução © 2001 by Philip Roth

Todos os direitos reservados

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Herzog

Capa
Elisa v. Randow

Foto de capa
© Lambert/ Archive Photos/ Getty Images

Preparação
Ana Cecília Água de Mello

Revisão
Valquíria Della Pozza
Luciane Helena Gomide

ISBN 978-85-438-0076-9

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Capa

Rosto

Introdução

Herzog

Glossário

Créditos